

PATRÍSTICA

**SANTO HILÁRIO
DE POITIERS**

Tratado sobre
a Santíssima Trindade



SANTO HILÁRIO DE POITIERS

TRATADO SOBRE A
SANTÍSSIMA TRINDADE



Índice

[APRESENTAÇÃO](#)

[INTRODUÇÃO](#)

[TRATADO SOBRE A SANTÍSSIMA TRINDADE](#)

[LIVRO PRIMEIRO](#)

[LIVRO SEGUNDO](#)

[LIVRO TERCEIRO](#)

[LIVRO QUARTO](#)

[LIVRO QUINTO](#)

[LIVRO SEXTO](#)

[LIVRO SÉTIMO](#)

[LIVRO OITAVO](#)

[LIVRO NONO](#)

[LIVRO DÉCIMO](#)

[LIVRO ONZE](#)

[LIVRO DOZE](#)

APRESENTAÇÃO

Surgiu, pelos anos 40, na Europa, especialmente na França, um movimento de interesse voltado para os antigos escritores cristãos, conhecidos tradicionalmente como “Padres da Igreja”, ou “santos Padres”, e suas obras. Esse movimento, liderado por Henri de Lubac e Jean Daniélou, deu origem à coleção “Sources Chrétiennes”, hoje com mais de 400 títulos, alguns dos quais com várias edições. Com o Concílio Vaticano II, ativou-se em toda a Igreja o desejo e a necessidade de renovação da liturgia, da exegese, da espiritualidade e da teologia a partir das fontes primitivas. Surgiu a necessidade de “voltar às fontes” do cristianismo.

No Brasil, em termos de publicação das obras destes autores antigos, pouco se fez. A Paulus Editora procura, agora, preencher esse vazio existente em língua portuguesa. Nunca é tarde ou fora de época para rever as fontes da fé cristã, os fundamentos da doutrina da Igreja, especialmente no sentido de buscar nelas a inspiração atuante, transformadora do presente. Não se propõe uma volta ao passado através da leitura e estudo dos textos primitivos como remédio ao saudosismo. Ao contrário, procura-se oferecer aquilo que constitui as “fontes” do cristianismo para que o leitor as examine, as avalie e colha o essencial, o espírito que as produziu. Cabe ao leitor, portanto, a tarefa do discernimento. Paulus Editora quer, assim, oferecer ao público de língua portuguesa, leigos, clérigos, religiosos, aos estudiosos do cristianismo primevo, uma série de títulos, não exaustiva, cuidadosamente traduzida e preparada, dessa vasta literatura cristã do período patrístico.

Para não sobrecarregar o texto e retardar a leitura, procurou-se evitar anotações excessivas, as longas introduções estabelecendo paralelismos de versões diferentes, com referências aos empréstimos da literatura pagã, filosófica, religiosa, jurídica, às infundas controvérsias sobre determinados textos e sua autenticidade. Procurou-se fazer com que o resultado desta pesquisa original se traduzisse numa edição despojada, porém, séria.

Cada autor e cada obra terão uma introdução breve com os dados biográficos essenciais do autor e um comentário sucinto dos aspectos literários e do conteúdo da obra suficientes para uma boa compreensão do texto. O que interessa é colocar o leitor diretamente em contato com o texto. O leitor deverá ter em mente as enormes diferenças de gêneros literários, de estilos em que estas obras foram redigidas: cartas, sermões, comentários bíblicos, paráfrases, exortações, disputas com os heréticos, tratados teológicos vazados em esquemas e categorias filosóficas de tendências diversas, hinos litúrgicos. Tudo isso inclui, necessariamente, uma disparidade de tratamento e de esforço de compreensão a um mesmo tema. As constantes, e por vezes longas, citações bíblicas ou simples transcrições de textos escriturísticos devem-se ao fato de que os Padres escreviam suas reflexões sempre com a Bíblia numa das mãos.

Julgamos necessário um esclarecimento a respeito dos termos patrologia, patrística e padres ou pais da Igreja. O termo patrologia designa, propriamente, o estudo sobre a vida, as obras e a doutrina dos pais da Igreja. Ela se interessa mais pela história antiga, incluindo também obras de escritores leigos. Por patrística se entende o estudo da doutrina, das origens dessa doutrina, suas dependências e empréstimos do meio cultural, filosófico, e da evolução do pensamento teológico dos pais da Igreja. Foi no século XVII que se criou a expressão “teologia patrística” para indicar a doutrina dos padres da Igreja distinguindo-a da “teologia bíblica”, da “teologia escolástica”, da “teologia simbólica” e da “teologia especulativa”. Finalmente, “Padre ou Pai da Igreja” se refere a escritor leigo,

sacerdote ou bispo, da antigüidade cristã, considerado pela tradição posterior como testemunho particularmente autorizado da fé. Na tentativa de eliminar as ambigüidades em torno desta expressão, os estudiosos convencionaram em receber como “Pai da Igreja” quem tivesse estas qualificações: ortodoxia de doutrina, santidade de vida, aprovação eclesiástica e antigüidade. Mas os próprios conceitos de ortodoxia, santidade e antigüidade são ambíguos. Não se espere encontrar neles doutrinas acabadas, buriladas, irrefutáveis. Tudo estava ainda em ebulição, fermentando. O conceito de ortodoxia é, portanto, bastante largo. O mesmo vale para o conceito de santidade. Para o conceito de antigüidade, podemos admitir, sem prejuízo para a compreensão, a opinião de muitos especialistas que estabelece, para o Ocidente, Igreja latina, o período que, a partir da geração apostólica, se estende até Isidoro de Sevilha (560-636). Para o Oriente, Igreja grega, a antigüidade se estende um pouco mais, até a morte de S. João Damasceno (675-749).

Os “Pais da Igreja” são, portanto, aqueles que, ao longo dos sete primeiros séculos, foram forjando, construindo e defendendo a fé, a liturgia, a disciplina, os costumes, e os dogmas cristãos, decidindo, assim, os rumos da Igreja. Seus textos se tornaram fontes de discussões, de inspirações, de referências obrigatórias ao longo de toda tradição posterior. O valor dessas obras que agora Paulus Editora oferece ao público pode ser avaliado neste texto: “Além de sua importância no ambiente eclesiástico, os Padres da Igreja ocupam lugar proeminente na literatura e, particularmente, na literatura greco-romana. São eles os últimos representantes da Antigüidade, cuja arte literária, não raras vezes, brilha nitidamente em suas obras, tendo influenciado todas as literaturas posteriores. Formados pelos melhores mestres da Antigüidade clássica, põem suas palavras e seus escritos a serviço do pensamento cristão. Se excetuarmos algumas obras retóricas de caráter apologético, oratório ou apuradamente epistolar, os Padres, por certo, não queriam ser, em primeira linha, literatos, e sim, arautos da doutrina e moral cristãs. A arte adquirida, não obstante, vem a ser para eles meio para alcançar este fim. (...) Há de se lhes aproximar o leitor com o coração aberto, cheio de boa vontade e bem disposto à verdade cristã. As obras dos Padres se lhe reverterão, assim, em fonte de luz, alegria e edificação espiritual” (B. Altaner e A. Stuiber, *Patrologia*, S. Paulo, Paulus, 1988, pp. 21-22).

A Editora

INTRODUÇÃO

A obra de Santo Hilário de Poitiers é pouco estudada e pouco conhecida em nosso meio, o que constitui, sem dúvida, uma grave lacuna. Sua importância no conjunto da Teologia Patrística e de toda a Teologia é inquestionável, embora nem sempre tenha sido reconhecida. Isto pode ser atribuído em parte às dificuldades que oferece um estilo elíptico, freqüentemente obscuro, que, no dizer de Hamman, chega a deixar desesperados os seus tradutores, pois o autor força a sintaxe, abusa da elipse, economiza o mais possível as palavras no interior das sentenças, prejudicando em certos momentos a compreensão de seus textos.

O fato de não ser este um autor de fácil leitura não nos desanimou em nosso empreendimento. Atrevemo-nos a publicar esta edição em língua portuguesa esperando que, apesar de suas limitações, ela possa servir como um estímulo para os estudiosos da Teologia. Pensamos principalmente naqueles que se sentem atraídos pela doutrina dos Padres e, possuindo já algum conhecimento de Patrologia, procuram complementá-lo.

Para ajudar a entender esta obra talvez seria útil lembrar que, sempre que nos defrontamos com os escritos dos Santos Padres, temos de levar em consideração a enorme distância que medeia entre nós, modernos, e os escritores dos primórdios do cristianismo, quanto à mentalidade, condicionamento histórico, vivências. Daquela época até hoje a Teologia percorreu um longo caminho, semeado de percalços, sobretudo no que se refere à formulação do dogma da Trindade. A busca da verdade levou-a a defrontar-se com o erro, pois, como bem lembra Congar, *uma expressão convincente do mistério trinitário não foi obtida sem longas tentativas, sem que mesmo os espíritos mais argutos e mais cristãos incorressem em impasses, erros ou semiverdades.*

É fácil perceber que, neste particular, Hilário não foge à regra geral, com alguns agravantes, até, e seus escritos não raro desencorajaram ou afugentaram leitores mais apressados. Na raiz desta rejeição encontra-se principalmente o problema de um estilo caracterizado por repetições constantes, numerosas explicações, nem sempre necessárias, digressões cansativas para muitos, além de parecerem pouco pertinentes certos argumentos e mal escolhidos certos exemplos. A obscuridade, devida ao recurso à elipse, quando talvez fosse necessário ser mais explícito, também dificulta a sua leitura, e o modo de raciocinar de alguém distante muitos séculos de nós e influenciado pelas filosofias e pela mentalidade da sua época pode tornar pouco convidativa a abordagem de sua obra. Não bastassem os problemas devidos ao seu estilo e mentalidade, vemo-nos diante de mais um obstáculo: sua agressividade contra os hereges, expressa com palavras extremamente duras, que podem escandalizar. Não podemos negar, sem mais, tais objeções de seus leitores, mas é preciso considerar as circunstâncias em que Hilário escreveu e o contexto em que foi elaborada a Teologia no século IV. Trata-se de um período conturbado, quando a Igreja, ameaçada pela heresia ariana, via-se ainda obrigada a enfrentar outras doutrinas heterodoxas e a defender-se também diante do poder temporal.

No exercício de sua missão de bispo Santo Hilário viu-se envolvido nas controvérsias que abalaram o século IV, quando se achava em jogo a verdade mais central da nossa fé, defendida apaixonadamente por ele, contra toda sorte de doutrinas heréticas. Isto influiu na redação de seus livros, levando-o a exagerar nos termos usados ao dirigir-se aos seguidores dos movimentos contrários à ortodoxia. Sua

obra reflete a luta travada pela Igreja contra as falsas interpretações das verdades da fé e também traz à mente a perseguição sofrida pelo autor na defesa ardorosa da sua crença, num contexto histórico marcado pela intolerância, quando o poder imperial se exercia sem misericórdia contra os defensores da doutrina católica que, além da tortura moral, sofriam com as violências físicas e a condenação ao exílio.

Refletir sobre esses fatos pode tornar mais fácil para quem vive em outra época, compreender o motivo da veemência de suas apóstrofes contra os adversários e entender, se não desculpar, certas expressões e certos destemperos de linguagem, dificilmente aceitáveis em nosso tempo.

A leitura do seu *Tratado sobre a Trindade* permite perceber claramente o imenso esforço que representa para o Santo Padre lutar com as palavras em busca da expressão adequada, da fórmula apropriada, do vocábulo correto, na tentativa de expressar as suas convicções mais profundas e exprimir aquilo que a Igreja crê sem contar ainda com o vocabulário preciso que só ao longo dos anos foi sendo aperfeiçoado por quem, como ele, se dedicou à formulação da verdade. Foi um processo de criação que constituiu um trabalho gigantesco da Igreja em sua totalidade, do qual hoje nós nos beneficiamos sem pensar o quanto custou a nossos pais na fé enunciar, com as palavras adequadas, ainda que sempre insuficientes, os mistérios revelados. Faltam-lhe expressões que ainda não tinham sido buriladas, aceitas, canonizadas; não possui ainda aquela precisão de vocabulário que seria, no futuro, o fruto de um trabalho conjunto dos grandes teólogos e grandes santos, seus sucessores, e para o qual ele também ofereceu uma importantíssima contribuição.

Se nesta introdução fizemos questão de apontar, logo de início, as dificuldades que oferece o *Tratado*, não foi com o intuito de desencorajar os eventuais leitores. Desejamos, sim, que elas se transformem em estímulo e desafio para que possam extrair da leitura o maior proveito possível. Pois, quem se dedicar com empenho ao estudo deste autor, distante de nós no tempo e diferente pela mentalidade, certamente descobrirá a alegria de beber numa fonte viva e pura, tão próxima ainda dos inícios. Deverá concordar com os estudiosos da teologia do Bispo de Poitiers e reconhecer que, tendo superado os obstáculos, acabamos por encontrar um tesouro escondido e sentimo-nos seduzidos pelo espírito, pelas idéias e pela originalidade de Hilário, apaixonando-nos por uma obra inicialmente difícil, mas plena de conteúdo e sabor. Que todos os que se aproximarem do *Tratado da Trindade* com a paciência necessária possam enriquecer-se com a leitura de um livro válido, sem dúvida, também para os dias de hoje, e sintam-se recompensados pelo seu esforço. É o que desejamos.

Santo Hilário e sua época

Santo Hilário, Bispo de Poitiers, Padre da Igreja, valoroso defensor da fé cristã contra as heresias no século IV, nasceu na Gália, ao que parece por volta de 320. A cronologia é um tanto incerta, mas sabe-se que por ocasião do concílio de Béziers (356) já era bispo da cidade de Poitiers. Acredita-se que tenha sido eleito bispo em 350, aproximadamente. Dispomos de poucas informações sobre sua vida. O mais provável é que se tenha convertido ao cristianismo já adulto, abraçando a fé com grande fervor. É o que dão a entender certas páginas de tom autobiográfico no início do tratado da Trindade. Foi casado, e, ao que parece, teve uma filha, Abra, a quem dirigiu uma epístola, *Ad filiam Abram*, sobre cuja autenticidade pairam dúvidas.

O início do seu episcopado foi relativamente tranqüilo. Neste período de sua vida, dedicado à pregação e aos encargos do ministério, escreveu o seu comentário ao Evangelho segundo Mateus. O arianismo que ameaçava a Igreja do Oriente ainda não causava perturbação na Gália; porém, durante o sínodo de Milão, em 355, quando o Imperador obrigou os bispos a confirmar a condenação de Santo

Atanásio e enviou para o exílio os que se opuseram a sua vontade, Hilário viu-se envolvido na controvérsia ariana, rompendo, juntamente com os demais bispos da Gália, com os partidários do imperador. No sínodo de Béziers (356), seus argumentos em favor da doutrina católica não foram ouvidos, e os bispos inimigos pediram sua condenação, sendo ele, então, exilado na Frígia pelo Imperador. O exílio, motivado pelo zelo na defesa da fé, veio a ser benéfico, pois seu pensamento se enriqueceu em contato com a teologia do Oriente, mais desenvolvida que a ocidental. Data desta época o início do seu livro *Adversum Valentem et Ursacium*. Também redigiu o *Tratado sobre a Trindade*, que antes foi chamado *Da fé contra os arianos*, e o livro *De Synodis*. Enquanto permaneceu no exílio procurou desenvolver um trabalho em prol da unidade. Os bispos orientais, em grande parte, não aceitavam a definição de Nicéia porque julgavam ser próximo do sabelianismo o termo *homousios*. Hilário tentou realizar uma obra de reconciliação procurando nas fórmulas de fé proclamadas por eles o que pudesse haver de válido. Tentou um acordo com os partidários do termo *homoiousios*, atribuído ao Filho, pois poderia ter um sentido ortodoxo. Também no concílio de Selêucia defendeu o uso daquele termo, pois acreditava que este uso não implicava adesão à heresia sabeliana. Sua obra *Contra Constantium* fala dos debates que ali tiveram lugar. Após este concílio Hilário liderou a resistência contra a fórmula de transição proposta aos Padres, segundo a qual o Filho era apenas semelhante ao Pai. Também nesta época teve conhecimento de que os bispos da Gália tinham chegado a um entendimento com os adversários da fé, o que o levou a escrever o segundo livro, *Adversum Valentem et Ursacium*. Procurou ter contato com o Imperador em Constantinopla para defender diante dele suas posições, porém, não foi bem-sucedido. Em protesto contra o símbolo de fé promulgado pelo concílio de Rímini, que propunha uma profissão de fé inaceitável, escreveu o *Contra Constantium*. Em 360 ou 361 voltou ao Ocidente, onde trabalhou para restabelecer a ortodoxia. Em 361 obteve a condenação, no sínodo de Paris, dos bispos arianos de Arles e Périgueux. Manteve no cargo os outros bispos arianos que reconheceram o erro, mesmo tendo desagradado com isso os defensores mais severos da ortodoxia. Em 364, por ocasião do advento do novo Imperador, Valentiniano, reuniu-se com outros bispos, tentando afastar o bispo ariano de Milão, Auxêncio, mas foi obrigado a voltar a Poitiers. Escreveu então sua obra *Contra Auxencium*. Na Gália retomou seu trabalho de escritor e pastor. Redigiu obras exegéticas, o *Tractatus super Psalmos*, o *Tractatus Mysteriorum* e a terceira parte do livro *Contra Valentem et Ursacium*. Compôs também hinos litúrgicos. Morreu em 367, talvez em 13 de janeiro, ou então em 368; a data permanece incerta.

O Tratado sobre a Trindade e as heresias trinitárias

Uma introdução como esta não pretende, evidentemente, esgotar o conteúdo tão rico e cheio de nuances do *Tratado sobre a Santíssima Trindade*, de Santo Hilário. Procura apenas ser uma breve iniciação, apontando os aspectos doutrinários mais importantes, visando principalmente à situação dos cristãos que, vivendo num ambiente de pluralismo religioso, sentem-se chamados a “dar as razões da sua esperança”, não só aos outros, mas até a si mesmos. Apesar de toda a distância que nos separa dele, temos muito em comum com Santo Hilário. Também nós, hoje, encontramos-nos em meio às mais diversas expressões da religiosidade e às mais diferentes tentativas humanas para abordar o mistério divino. Neste tempo, atravessado por diversas correntes de pensamento, quando as religiões se multiplicam e novas crenças brotam a cada dia, nós, cristãos, somos chamados a dar testemunho, a procurar fortalecer nossa fé e a aprofundar nosso conhecimento. Por isso, acreditamos que o que ensina Hilário, dirigindo-se aos seus contemporâneos, deverá ser útil também para nós.

Procuramos destacar entre tantos temas desenvolvidos pelo Bispo de Poitiers de maneira prolixa, numa redação nem sempre fácil de acompanhar, aquilo que é mais central na sua obra, como um

roteiro que auxilie a leitura e meditação dos leitores.

Sabemos que o século em que viveu este Santo Padre foi marcado pelas grandes controvérsias trinitárias. Sua obra situa-se, portanto, no contexto da luta da ortodoxia contra a heresia ariana, que quase chegou a comprometer a Igreja inteira. O tratado *De Trinitate* reflete o momento em que o arianismo ameaçava a fé cristã em suas próprias raízes. Esta ameaça, Hilário a sentiu como poucos. Trata-se de um tempo particularmente importante para a formação da teologia, quando a afirmação da verdade era vital para uma Igreja que via sua fé questionada tanto pelo arianismo como pelo ressurgimento das tendências sabelianas, pela gnose, sempre presente, e pelos diversos movimentos que se opunham violentamente à ortodoxia. Hilário esteve no centro do conflito combatendo em duas frentes: de um lado, contra o arianismo, quase triunfante; de outro contra o modalismo, que persistia, reaparecendo sob novas formas; sem deixar de pôr-se em guarda contra outras heresias que, segundo ele mesmo, venciam-se umas às outras com seus argumentos falaciosos, mas eram todas vencidas pela fé da Igreja.

O *Tratado da Trindade* procura, primeiramente, repelir o arianismo, proclamando, contra os seguidores de Ário, a divindade do Filho. Ário (280-336) foi presbítero em Alexandria. Sua doutrina, que negava ser Cristo Deus verdadeiro, foi condenada pelo concílio de Nicéia de 325, que definiu a consubstancialidade do Pai e do Filho. Mesmo depois da condenação, os arianos continuavam a pregar a subordinação do Filho ao Pai, dizendo ser o Pai o único princípio ingênito sem origem, eterno e imutável. O Verbo seria criatura, essencialmente diferente de Deus Pai, recebendo a sua divindade por participação, por ter sido criado, não por geração. O Filho seria, para eles, mutável, fraco, sem as prerrogativas divinas pertencentes apenas a Deus Pai. Sendo uma criatura, embora mais excelente que todas as criaturas, não podia merecer a adoração, reservada somente ao Pai eterno.

Opondo-se ao subordinacionismo ariano, Santo Hilário via-se, por outro lado, obrigado a refutar também os argumentos dos partidários de Sabélio, que, a pretexto de defender a unidade divina, negavam a distinção de pessoas. Respondendo aos sabelianos, Hilário demonstra que a fé cristã não somente não professa dois deuses, como também não nega a subsistência pessoal do Verbo. Segundo Sabélio, que pretendia defender a divina monarquia, o próprio Deus Pai se encarnara na Virgem Maria, não havendo Trindade, mas apenas modos diferentes de manifestação de Deus, para nós. Semelhantes às idéias sabelianas são as defendidas por Práxeas, Noeto de Smirna e todos os mentores e seguidores de movimentos de caráter modalista e monarquiano. O motivo que levou Hilário a escrever também contra os partidários de Sabélio foi a necessidade de refutar as acusações dos arianos de que o *homoousios* proclamado em Nicéia era uma forma de sabelianismo, por não estabelecer, segundo eles, a distinção de pessoas entre o Pai e o Filho. Não se pode esquecer também que o gnosticismo continuava a exercer sua influência na mente dos fiéis. Por isso Hilário incluiu as doutrinas gnósticas na discussão contra os hereges, que procuravam justificar-se com base nelas. O autor refere-se às doutrinas gnósticas dos maniqueus, seguidores das idéias de Mani, ou Maniqueu, que ensinava haver dois princípios, o Bem e o Mal, e pregava a oposição radical entre o espírito bom e a matéria má. Segundo o maniqueísmo, o homem, prisioneiro da matéria, só poderia libertar-se pela gnose. A verdadeira gnose traria a libertação do espírito, que está aprisionado no corpo material, sensível e essencialmente mau. Jesus seria o profeta que leva ao verdadeiro conhecimento, mas a revelação definitiva seria dada por Mani, que se identificava a si mesmo com o Paráclito. Importante figura do movimento gnóstico, citado pelo autor, foi Valentino, que pregava a doutrina dos trinta *eons*, afirmando a transcendência absoluta do Deus invisível que produz as diversas emanações, sendo o Logos aquele que traz a gnose pela qual os “espirituais” se salvam, e ao qual já se referiam Santo

Ireneu e Tertuliano. Em seu livro, Santo Hilário também faz referência a Hieracas, que não aceitava a ressurreição da carne, e a Ebion, fundador da seita dos ebionitas, que negavam a divindade de Jesus. Para os membros desta seita, que parece ter tido origem no primeiro século, mas reapareceu no século IV, o Filho não é eterno. Foi gerado por uma ordem de Deus (*ex Verbum*) e não tem subsistência pessoal antes da encarnação. Fotino, discípulo de Marcelo de Ancira, é um partidário desta heresia.

Valendo-se dos textos tanto do Antigo como do Novo Testamento, o autor repele os argumentos dos adversários e contradiz as idéias errôneas sobre o verdadeiro Deus. Não se detém, porém, apenas nessa atitude negativa, de oposição, pois deseja sobretudo instruir os fiéis, mostrando a verdade revelada nas Escrituras, e converter os hereges, levando-os a renunciar a seus erros e aderir à verdade.

É importante acentuar que, em todas as doutrinas heterodoxas enumeradas acima, encontra-se a negação, expressa de diversas formas, da divindade de Cristo: seja pela afirmação de Ário, de que somente o Pai seria realmente Deus, subordinando-se a Ele o Filho como um deus de segunda classe, a quem se negava a plena divindade; seja pela defesa da doutrina monarquiana de um Deus único (como o entendia Sabélio), que apenas se revestia de aparências distintas “para nós”, permanecendo em si mesmo um (como uma única pessoa); seja pela afirmação de que o Filho (como também o Espírito) consistia em uma força ou energia emanada do Deus único; ou pela tese de que o Filho o era apenas por adoção.

Para a Igreja sempre foi essencial defender-se destas tentativas da razão humana para entender a Deus. Elas ofereciam modelos de certo modo inteligíveis, mas, na realidade, atraíam a verdade do Mistério divino. O que Hilário e todos os Santos Padres proclamam é o fato da nossa salvação, operada pela Trindade Santa, salvação esta entendida tradicionalmente como deificação. É o que se acha em jogo na luta travada por Hilário e pelos outros Padres contra as heresias, tanto trinitárias como cristológicas.

Idéias centrais do Tratado sobre a Trindade

Santo Hilário propõe-se a demonstrar a importância do conhecimento de Deus, distorcido pelos opositores, sabelianos ou subordinacionistas. Afirmando a divindade do Filho e sua plena humanidade e a unidade do sujeito, com base na noção-chave de geração, evita os dois extremos que constituem a perene tentação daqueles que, usando o instrumental da razão humana, necessário, mas sempre insuficiente, pretendem aproximar-se do Mistério inefável. Mostra que o Filho é gerado pelo Pai e é Deus como o Pai é Deus. Não é, porém, a mesma Pessoa. Não se trata de um outro deus, não se trata de aparência, de modo de falar, ou alguma forma de subordinação do Filho, mas sim da mesma natureza. O Verbo é Filho, não é criatura; é Deus, consubstancial ao Pai.

A intenção de Hilário, como dos outros Padres, na defesa da ortodoxia da doutrina trinitária contra as heresias, é basicamente soteriológica. Trata-se, em última análise, da nossa salvação, operada por Deus que se revela como Trindade. Porque, se Cristo não é Deus, consubstancial ao Pai, então nós não somos salvos, já que a salvação só pode ser obra divina. Sendo Deus de Deus, o Filho assumiu nossa humanidade para dar-lhe sua vida divina, para fazê-la participar da sua glória e imortalidade. Com São Paulo, Hilário mostra como Cristo, sendo Deus, despojou-se da sua glória, deixando a “forma de Deus” para assumir a “forma de servo”, sem deixar de ser Deus. Tendo cumprido todo o mistério da sua aniquilação, pela sua ressurreição retornou à glória que tinha junto do Pai “antes que o mundo existisse”, e levou consigo a humanidade assumida. Pela ressurreição, a natureza humana de Cristo é plenamente glorificada e, como pelo mistério da encarnação o Verbo assumiu nossa natureza, toda a humanidade está, desde então, destinada a participar da sua glória; pois, pela encarnação, o Filho,

além de assumir a humanidade própria à qual se uniu hipostaticamente, também assumiu, embora de maneira diversa, a humanidade inteira, e, pela assunção da nossa natureza, todos nós fomos incorporados a Ele: *“Humani enim generis causa Dei Filius natus ex Virgine est (...) ut homo factus ex Virgine naturam in se carnis acciperet, perque huius admixtionis societatem santificatum in eo universi generis humani corpus existet ut quemadmodum omnes in se per id quod corporeum se esse voluit conderentur, ita rursum in omnes ipse per id quod eius est invisibile referretur”* (II, 24).

A nossa “carne” (ao homem todo) foi concedida a participação na divindade do Verbo, que se dignou assumir a “carne”: *“Verbum caro factum est ut per Deum Verbum carnem factum caro proficeret in Deum Verbum”* (I, 14). Por esse “*admirabile commercium*”, a nós é dado receber a glória, tendo nossa carne frágil revestida da incorruptibilidade gloriosa.

O Verbo se fez carne para restaurar no homem a imagem do verdadeiro Deus, a qual fora perdida pelo pecado. Participando do Verbo, imagem do Pai, a cuja imagem foram feitos, os homens podem conhecer a Deus, e esse conhecimento traz a bem-aventurança. Isso se realiza pelo Verbo feito carne, que habitou entre nós, e que renova o homem segundo sua imagem.

Participação na divindade, conhecimento de Deus, salvação: é o que traz ao homem o Verbo, revelação de Deus. A verdadeira fé declara que o Filho é Deus, que deve ser reconhecido na humildade da carne e pelas obras realizadas, que dão testemunho da sua divindade. Se a vida eterna consiste em conhecer a Deus, estarão afastados dela aqueles que não reconhecem o Filho como Deus.

O Bispo de Poitiers dedica seu livro quase exclusivamente ao mistério do Pai e do Filho, sendo pouco numerosas no Tratado as referências à Terceira Pessoa da Santíssima Trindade. Isto acontece porque o autor ainda não dispunha de elementos que lhe permitissem elaborar uma teologia do Espírito Santo mais desenvolvida. Afirma, no entanto, ser Ele “Dom” e ser “de Deus”, e isto indica que possui a mesma natureza divina. Ele é o Espírito que vem a nós como Dom, é o Espírito de Deus, é o Espírito do Pai e do Filho.

Em suma, a obra de Santo Hilário situa-se na grande corrente da Tradição, que defende o pressuposto fundamental da experiência cristã da salvação como ação divina e divinizante, proclamando com todo o vigor a verdade da divindade de Jesus Cristo, verdadeiro Deus, que se fez um de nós para nos salvar, concedendo-nos participar de sua divindade.

Divisão do Tratado

O Tratado está dividido em 12 livros, subdivididos em capítulos. O livro I começa com alguns traços biográficos, falando de sua busca de Deus e conversão. Refere-se às heresias e apresenta um plano geral do trabalho. No livro II encontra-se um resumo da doutrina da Trindade. O livro III trata do mistério da distinção e unidade do Pai e do Filho. No livro IV o autor apresenta a carta de Ário a Alexandre de Alexandria e demonstra a divindade de Filho a partir de citações tiradas do Antigo Testamento. O livro V também cita o Antigo Testamento para demonstrar a divindade do Filho, que não é um outro Deus ao lado do Pai. O livro VI refere-se novamente à carta de Ário e argumenta a partir do Novo Testamento. O livro VII demonstra, também a partir do testemunho da Escritura, que o Pai e o Filho são um só Deus porque têm a mesma natureza. O livro VIII trata da unidade do Pai e do Filho. O Espírito Santo é demonstração e manifestação desta unidade. O livro IX refuta os argumentos arianos sobre a inferioridade do Filho. É preciso distinguir em Cristo as duas naturezas e os diversos estágios, antes da encarnação, na sua vida terrena e depois da ressurreição. O livro X apresenta uma interpretação original do problema do sofrimento de Cristo e da morte de Jesus por nós. O livro XI fala da diferença entre a humanidade e a divindade de Cristo e da glorificação da humanidade de

Cristo e nossa glorificação juntamente com Ele. O livro XII fala do nascimento eterno do Verbo e termina com a Oração que resume a sua fé na Trindade, Pai, Filho e Espírito Santo, e com a súplica para que Deus conserve a sua fé.

Poucas traduções das obras deste Santo Padre apareceram entre nós, por isso julgamos útil apresentar este trabalho, que, com todas as suas insuficiências, traduz o desejo de tornar mais conhecido um autor de tamanha importância, o primeiro dos Padres do Ocidente a formular um *De Trinitate* com tal amplitude. Esperamos que esta tradução possa beneficiar de alguma forma os estudantes pouco familiarizados com o autor, pois esta é uma obra que faz refletir.

O texto em que se baseou a tradução foi o da edição da Patrologia Latina de Migne, volume 10. Foram usados também os textos do Lecionário do Ofício das Leituras em Português, *Liturgia das Horas*, Paulinas, as traduções de D. Cirilo Folch Gomes, OSB (*Antologia dos Santos Padres...*), de A. Hamman (*Os Padres da Igreja*, São Paulo, Paulus, 1977) e, principalmente, da edição bilíngüe preparada por L. Ladaria (BAC, 1986).

Maria Thais Robbe

TRATADO SOBRE A SANTÍSSIMA TRINDADE

LIVRO PRIMEIRO

1. Procurando investigar o sentido propriamente religioso da vida humana que, ou provém da natureza, ou é descoberto pelas investigações laboriosas dos sábios, para obter o que é concedido ao conhecimento por dom divino, encontrei muitas coisas que, segundo a opinião corrente, parecem tornar a vida mais útil e desejável. Constatei, principalmente, que o ócio e a opulência são tidos pelos mortais como os melhores e mais importantes de todos os bens. Um sem a outra seria, antes, causa de mal do que de bem, pois o ócio na pobreza pode ser considerado quase como um exílio da vida, e a inquietação na opulência traz tanto mais calamidades quanto, com maior preocupação, carece daquilo que, mais do que tudo, é desejável e ambicionado. Embora a opulência traga consigo os maiores e melhores encantos da vida, não parece estar muito longe dos deleites dos animais. Estes, de fato, vagando pelos bosques repletos de alimentos, sossegados e sem trabalho, encontram a saciedade nos campos. Se o melhor e o mais importante nesta vida fosse descansar e ter fartura, seria preciso que tal gênero de vida fosse comum a nós e a todos os animais privados da razão. Para estes, a própria natureza, com imensa prodigalidade, além de segurança, livre de cuidados, fornece com facilidade o necessário.

2. Tenho para mim que a maior parte dos mortais considera absurdo e animal este modo de viver e o rejeita. Censuram-nos os outros porque, levados pela própria natureza, julgam indigno do homem imaginar que tenha nascido, como os irracionais, apenas para o ventre e a inércia, não tendo sido trazidos a esta vida para a realização de grandes feitos ou ótimas artes. A vida, pelo contrário, deve ter sido concedida em vista de algum proveito eterno, porque não se poderia atribuir ao dom de Deus uma existência atribulada por angústias, afligida por tantas moléstias e pela ignorância de si mesma e de seu interior, desde a meninice até se consumir nos achaques da velhice. Por isso preferem exercer as obras e virtudes da paciência, da continência e da benignidade, entendendo que viver bem consiste em bem agir e bem compreender. Não pensam ter sido dada a vida pelo Deus imortal apenas para terminar na morte, pois compreendem não provir do bom Doador a grande alegria de viver somente para o tristíssimo medo de morrer.

3. Não considero inepto nem inútil o modo de pensar dos que procuram conservar a consciência livre de toda culpa e, com prudência, dar um sentido a todas as dificuldades da vida humana, ou deliberadamente pretendem evitá-las, ou pacientemente suportá-las. Contudo, não me parecem bastante idôneos para ensinar como viver bem e com felicidade, pois apenas estabelecem os preceitos comuns das doutrinas condizentes com o espírito humano. Não compreender estes ensinamentos é coisa de animal, não exercer o que se compreendeu parece uma loucura que ultrapassa a ferocidade do animal. Apresse-se, pois, a alma, não apenas em agir assim, porque se não o fizesse estaria cheia de culpa e de sofrimento, mas em conhecer a Deus, Pai de tão grande dom, a quem se deve entregar totalmente, por reconhecer que servi-lo é nobilitante, nele colocando toda a esperança, nele descansando entre as calamidades das preocupações presentes, como em porto seguríssimo e familiar. Por isso, meu espírito ardia de intenso desejo, não só de compreendê-lo, mas também de conhecê-lo.

4. Muitos afirmavam a existência de numerosas famílias de pretensos deuses e, julgando haver na natureza divina o sexo masculino e o feminino, sustentavam haver nascimentos e sucessões de deuses. Pregavam a existência de deuses, uns maiores, outros menores, diferentes quanto ao poder. Alguns afirmavam não haver absolutamente um Deus e veneravam apenas a natureza constituída por movimentos e encontros fortuitos. A maioria deles, em conformidade com a opinião popular, dizia que Deus existe, sendo, no entanto, descuidado e negligente quanto às coisas humanas. Outros ainda adoravam os corpos e formas visíveis das criaturas, nos elementos terrenos e celestes. Por fim, colocavam seus deuses em imagens de homens, animais, feras, aves ou serpentes e encerravam em metais, pedras ou troncos de árvores o Senhor do universo e Pai da imensidão. Não mereciam que se cresse serem mestres da verdade aqueles que, seguindo ridículas e irreligiosas idéias, dissentiam, eles próprios, entre si, por suas vãs opiniões. No meio de tudo isso, meu espírito solícito, esforçando-se por seguir o caminho útil e necessário para o conhecimento de seu Senhor, não considerava digno de Deus o descaso pelas coisas criadas por Ele e julgava também não competir à natureza forte e incorrupta o sexo dos deuses e as sucessões de progenitores e nascidos. Também tinha por certo que, ao Divino Eterno, competia ser somente Um e sem diferença, porque, sendo Ele mesmo o fundamento de seu próprio ser, não poderia deixar fora dele nada que fosse melhor do que aquilo que lhe é próprio. A onipotência e a eternidade não poderiam estar senão em um mesmo ser, pois não teria sentido existir, na onipotência, o mais forte e o mais fraco e, na eternidade, o antes e o depois, visto que em Deus não se deve venerar nada que não seja eterno e poderoso.

5. Revolvendo no espírito estas e muitas outras coisas, deparei com aqueles livros escritos por Moisés e os Profetas, que transmitiam a religião dos hebreus. Neles, o próprio Deus criador, dando testemunho de si mesmo, assim se expressa: *Eu sou o que sou.*[...] *Isto dirás aos filhos de Israel: Enviou-me a vós aquele que é* (Ex 3,14). Fiquei cheio de admiração por tão perfeita definição de Deus que, de modo inteiramente apto, dava à inteligência humana o conhecimento da natureza divina e incompreensível, pois entende-se que nada é mais próprio a Deus do que *ser*. *O que é*, não se diz de alguém a quem falta algo, nem de quem teve começo, mas daquele que, com o poder da incorrupta beatitude, é perpétuo e não pode nem poderia, em algum tempo, não ser. O Ser divino não está sujeito à extinção nem ao começo e, como nada falta à eternidade de Deus, somente dele se deve afirmar a incorrupta eternidade.

6. Com esta definição de sua infinidade, concorda aquela palavra: *Eu sou o que sou*. Para nós, porém, é ainda necessário entender a obra de sua magnificência e poder. Sendo-lhe próprio o ser, pois permanece sempre e não começa de modo algum, escuta-se a palavra digna do Deus eterno e incorrupto: *O que tem o céu nas palmas e a terra no côncavo da mão* (Is 40,12), e também: *O céu é meu trono, e a terra, escabelo de meus pés. Que casa me edificareis, ou qual o lugar de meu repouso? Não foi a minha mão que fez isto?* (Is 66,1-2). O céu inteiro está na palma de Deus e toda a terra está contida no côncavo da sua mão. Quanto à palavra de Deus, por mais que se aprofunde sua compreensão, seu sentido íntimo contém sempre mais do que aquilo que o ouvido percebe. Pois o céu, fechado nas palmas, é também o trono de Deus, e a terra, contida no côncavo da mão, é igualmente o escabelo de seus pés. Trono e escabelo não se podem entender como uma extensão da forma do corpo, segundo o modo de assentar-se, já que aquilo que é para si trono e escabelo é também aquilo que a infinidade poderosa encerra segurando na palma da mão. Deve-se reconhecer, nestas comparações tiradas das criaturas, que Deus está dentro e fora de todas as coisas, que transcende e está no mais íntimo de tudo e mostra o seu poder sobre a natureza exterior, contendo-a na mão. O trono e o escabelo, postos como base, manifestam que as coisas exteriores estão submetidas Àquele que está no

interior, pois Deus está dentro das coisas exteriores e encerra as interiores a partir do exterior. Ele mesmo contém tudo o que está dentro e fora e, como é infinito, não está longe de nada, e nada deixa de estar dentro daquele que é infinito. Demorando-se nestas afirmações tão religiosas, com muito empenho, meu espírito se deleitava. Julgava que nenhum pensamento era digno de Deus, por estar Ele além da compreensão das coisas. Quanto mais a mente finita se dilata para além dos limites do pensamento, mais a infinidade da desmedida eternidade excede a infinidade do que procura atingi-la. Aquilo que piedosamente chegamos a entender, o Profeta confirmava claramente ao dizer: *Aonde irei longe do teu espírito ou fugirei de tua face? Se subo aos céus, lá estás; se desço aos infernos, ali te encontro. Se tomasse minhas asas, antes da luz, e fosse habitar nos confins dos mares, também ali tua mão me conduziria e tua destra me seguraria* (Sl 138,7-10). Nada existe sem Deus e não há lugar algum em que Deus não esteja. Nos céus está, no inferno está, além dos mares está. Está dentro do que é interior, transcende o que é exterior. Tal como contém, assim é contido. Não está em coisa alguma sem que esteja em todas.

7. A alma se alegrava com a percepção desta excelente e inexplicável inteligência, porque adorava em seu Pai e Criador a infinidade de imensa eternidade. Porém, com um empenho mais exigente, procurava ao menos contemplar a beleza de seu infinito e eterno Senhor, como se a incircunscrita imensidade da bela inteligência pudesse ser mostrada de modo que sua beleza fosse conhecida. Quando a mente religiosa se via cercada pelo erro devido a sua fraqueza, encontrou nas vozes proféticas esta belíssima sentença: *Pela magnitude das obras e beleza das criaturas pode-se chegar a contemplar, por analogia, seu Criador* (Sb 13,5; LXX). O Criador daquilo que é grande está nas coisas maiores e o Autor das coisas belíssimas está nas mais belas. Quando a obra excede o próprio pensamento, necessariamente deve o autor superar em muito esse pensamento. Certamente belo é o céu, o éter, a terra, os mares; e o conjunto de tudo existe com sua formosura, a ponto de escolherem os gregos para nomeá-lo a palavra, apropriada, *kosmos*, que significa *mun*do. Nossa mente, por um instinto natural, capta a beleza das coisas de tal modo que, como acontece com certas aves e animais, não pode expressar com palavras o que entende, pois a palavra fica aquém do pensamento, enquanto, por outro lado, toda palavra provém da mente e esta fala a si mesma com compreensão. Não se deve, então, pensar que o Senhor de toda beleza seja necessariamente muitíssimo mais belo do que toda a beleza? E se a beleza da eterna glória escapa a toda compreensão, será que ela não permite a nossa inteligência uma intuição a seu respeito? Por conseguinte, Deus deve ser confessado como belíssimo, pois, se não existe para a inteligência uma expressão adequada, contudo Ele não se acha fora da possibilidade de compreensão.

8. O espírito imbuído pelo desejo despertado por estas piedosas sentenças e doutrinas descansava, como em inacessível altura, na beleza desta idéia, compreendendo que não lhe fora dada, pela sua natureza, outra coisa com que pudesse prestar ao seu Criador maior homenagem que esta: reconhecer que seu ser é tão grande que nele se pode crer, mas não se pode entendê-lo, pois a fé aceita a explicação necessária à religião, mas a infinidade do poder eterno a ultrapassa.

9. Em meio a todas estas coisas, permanecia latente o sentimento natural, alimentado pela esperança, de que a santa idéia sobre Deus e os bons costumes mereceria uma incorrupta felicidade como recompensa pela luta vitoriosa. Não traria fruto pensar bem sobre Deus se a morte fosse destruir todo o sentido e se o ocaso da natureza falível o extinguisse. A própria razão nos persuadia de que não seria digno de Deus fazer participar do conselho e da prudência, nesta vida, o homem, sujeito a falhar e destinado a morrer para sempre, de tal sorte que aquele que não existia apenas seria trazido a este mundo para deixar de existir. Pelo contrário, deve-se entender que a única razão de ser de nossa

criação está em que o que não era começasse a ser, e não em que o que começou a ser deixasse de existir.

10. O espírito se fatigava, temendo em parte por si mesmo, em parte pelo medo do corpo. Conservava firmemente, pela piedosa profissão da fé, seu modo de pensar a respeito de Deus, mas preocupava-se por si e pelo declínio de seu habitáculo, pois, cheio de ansiedade e incerteza, julgava que o corpo haveria de perecer juntamente com ele. Contudo, depois do conhecimento da Lei e dos Profetas, veio a conhecer também as palavras da doutrina evangélica e apostólica: *No princípio era o Verbo, e o Verbo estava junto de Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio junto de Deus. Tudo foi feito por Ele e, sem Ele, nada foi feito. O que foi feito, nele é a vida, e a vida era a luz dos homens, e a luz brilha nas trevas, e as trevas não a compreenderam. Houve um homem enviado por Deus, cujo nome era João. Este veio para dar testemunho da luz. Era a luz verdadeira, que ilumina todo o homem que vem a este mundo. Estava no mundo e o mundo foi feito por Ele, e o mundo não o conheceu. Veio para o que era seu, e os seus não o receberam. A todos quantos o receberam deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus, àqueles que crêem em seu nome; que não nasceram do sangue, nem da vontade do homem, nem da vontade da carne, mas de Deus. E o Verbo se fez carne e habitou entre nós; e vimos sua glória, glória como do Unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade* (Jo 1,1-4). A mente ultrapassa a razão natural e entende mais sobre Deus do que imaginava. Reconhece ser seu Criador o Deus de Deus e ouve que o Deus Verbo, no princípio, estava junto de Deus. Compreende que a luz do mundo, estando no mundo, pelo mundo não foi reconhecida. O que veio ao que era seu, pelos seus não foi recebido. Mas, sabe também que aqueles que o receberam, como recompensa de sua fé, se tornaram filhos de Deus. E apreende que não nasceram da união da carne nem foram concebidos pelo sangue nem pela vontade dos corpos, mas nasceram de Deus. Em seguida conhece o Verbo feito carne, que habitou entre nós, e reconhece que foi vista a sua glória que, sendo a do Unigênito do Pai, é perfeita com a graça e a verdade.

11. Aqui, a mente trêmula e ansiosa já encontra mais esperança do que pensava. Em primeiro lugar, é imbuída do conhecimento de Deus Pai. Aquilo que anteriormente, pelo senso natural, afirmava sobre a eternidade, infinidade e beleza de seu Criador, agora aceita como ser próprio também do Deus Unigênito. Não estende a fé a vários deuses, por ouvir que Deus vem de Deus. Não admite a diversidade de natureza que separaria Deus de Deus, porque reconhece ser *cheio de graça e de verdade* o Deus de Deus. Não pensa ser posterior o Deus de Deus, porque reconhece que *no princípio estava junto de Deus*. Reconhece que é muitíssimo extraordinária a fé neste conhecimento salutar, mas sabe que traz consigo um imenso prêmio, porque, se os seus não o receberam, os que o receberam foram elevados à filiação de Deus, não pelo nascimento da carne, mas pela fé. Ser filhos de Deus não vem da necessidade, mas do poder, pois o dom de Deus, proposto a todos, não é dado aos que nasceram simplesmente pela natureza, mas é alcançado como prêmio da aceitação. Embora cada um tenha o poder de se tornar filho de Deus, a fraqueza de uma fé vacilante pode constituir um impedimento para isto. Devido a esta dificuldade é levado a esperar com relutância, desejando mais, porém acreditando menos. Por isso o Deus Verbo se fez carne, para que, pelo Deus Verbo feito carne, a carne fosse elevada, até ser Deus Verbo. Para que se conhecesse que o Verbo feito carne não era outro senão o Deus Verbo e que não deixava de ter a carne de nosso corpo, habitou entre nós, e o que habitou entre nós não é outro, senão o mesmo Deus. Ao se fazer carne de nossa carne, por condescendência, assumiu nossa carne, e não ficou privado do que é seu, porque, como Unigênito de Deus, é cheio de graça e de verdade, perfeito no que é seu, e verdadeiro no que é nosso.

12. Com alegria a mente acolheu esta doutrina do divino mistério. Elevando-se até Deus por meio da

carne, foi chamada ao nascimento pela fé e à posse da celeste e nova geração concedida pelo poder. Reconheceu o cuidado que tem por ela o seu Pai e Criador, tendo por certo que não será reduzida a nada por Aquele, no qual tudo subsiste, vindo do nada. Tudo isso ultrapassa os limites da inteligência humana, incapaz de entender os desígnios celestes apenas com o senso comum, que julga haver na natureza das coisas somente aquilo que compreende ou pode provar por si mesmo. Mas as virtudes de Deus, segundo a magnificência do poder eterno, não são avaliadas pela inteligência, mas pela infinidade da fé. Pelo fato de não entender, não deixava de crer que no princípio Deus estivesse junto de Deus e que o Verbo feito carne tivesse habitado entre nós, e lembrava-se de que poderia entender se acreditasse.

13. Para que algum erro nascido da prudência humana não impeça que se creia com total confiança nestes mistérios da nossa fé, temos ainda o Apóstolo que ensina com palavras divinas: *Tomai cuidado para que ninguém vos escravize por vãs e enganosas especulações da “filosofia”, segundo a tradição dos homens, segundo os elementos do mundo, e não segundo Cristo, porque nele habita a plenitude da divindade corporalmente e nele fostes levados à plenitude. Ele é a Cabeça de todo Principado e de toda a Autoridade. Nele fostes circuncidados, por uma circuncisão não feita por mão de homem, mas pelo despojamento de vossa natureza carnal, pela circuncisão de Cristo, sepultados com Ele no batismo, no qual também ressuscitastes pela fé no poder de Deus, que o ressuscitou dos mortos. E vós estáveis mortos pelas vossas faltas e pela incircuncisão da carne, Ele vos vivificou juntamente com Ele; perdoou todos os nossos delitos, apagou o quirógrafo que existia contra nós nas ordens legais, e o suprimiu, pregando-o na cruz, despojando nesta os Principados e as Autoridades, expondo-os em espetáculo diante do mundo, deles triunfando em público com a confiança em si mesmo* (Cl 2,8-15). A firmeza da fé rejeita as capciosas e inúteis questões da filosofia e não se sujeita às falácias das humanas inépcias. Não se oferece a verdade como espólio à falsidade. A fé não considera Deus segundo o senso comum da inteligência, nem julga, de acordo com os elementos do mundo, a Cristo, em quem a plenitude da divindade habita corporalmente, pois, já que nele está a infinidade do eterno poder, este poder eterno da infinidade supera toda a compreensão da mente terrena. Atraindo-nos para a natureza de sua infinidade, não nos ligou à observância dos preceitos, nem nos instruiu pela sombra da Lei para o rito do corte da carne (isto é, a circuncisão), mas quis que o espírito circunciso dos vícios pela purificação dos pecados nos libertasse de toda exigência natural do corpo. Por sua morte seremos, no batismo, sepultados juntamente com Ele, para voltarmos à vida da eternidade. Visto que a regeneração para a vida eterna é a morte para esta vida e que, morrendo para os vícios, renascemos para a imortalidade, Ele, imortal, morreu por nós, para que ressuscitássemos juntamente com Ele para a imortalidade. Assumiu a carne do pecado a fim de conceder-nos, pela assunção de nossa carne, o perdão das culpas, enquanto se tornou participante do que foi assumido, com exceção do pecado. Apagou, pela morte, a sentença de morte e, pela nova criação do gênero humano, destruiu em si mesmo o decreto de condenação. Permitiu ser pregado na cruz para que, destruída a maldição da cruz, nela pregasse toda a condenação terrena. Por último, padeceu como Homem para desonrar as Potestades. Morrendo como Deus, segundo as Escrituras, deveria triunfar com confiança de vencedor, pois sendo imortal e não podendo ser vencido pela morte, quis morrer para conceder a imortalidade aos que morrem. Estas coisas vão além da compreensão humana, são feitas por Deus e não caem sob o julgamento natural de nossa mente, porque a obra da infinita eternidade exige um julgamento infinito para julgá-la. Que Deus se faça Homem, que o imortal possa morrer, que o eterno seja sepultado, não pode ser entendido pela inteligência, mas constitui exceção, vinda do poder. Não pertence aos sentidos, mas ao poder divino, que Deus venha do homem, o imortal do morto, o eterno do sepultado. Pela sua morte ressuscitamos para Deus juntamente com Cristo e, como em Cristo está a plenitude da

divindade, devemos reconhecer que o Pai nos ressuscita juntamente com o que morreu e confessar que Cristo Jesus é Deus na plenitude da divindade.

14. Minha mente repousava feliz, numa segurança tranqüila, por causa da sua esperança. Já não temia a iminência da morte, por considerá-la como o caminho para a vida eterna. Não julgava molesta ou dura a vida do corpo, mas acreditava ser ela o que são as letras na meninice, o remédio para os doentes, a natação para os naufragos, a disciplina para os adolescentes, a obediência para os militares. Compreendia que a tolerância das coisas presentes traz como prêmio a bem-aventurada imortalidade. Pregava aos outros aquilo que acreditava ser verdadeiro para si mesma e, pelo ministério do sacerdócio recebido, estendia seu múnus a serviço da salvação do povo.

15. Entrementes, surgiram invenções imprudentes de homens desesperados de si mesmos, maus, sem piedade para com todos, que medem o poder da natureza de Deus pela fraqueza da sua própria natureza. Não pretendiam elevar-se até o infinito, a ponto de opinar sobre a imensidão do que é infinito, mas queriam encerrar o Ilimitado dentro dos limites de sua inteligência e ser, para si mesmos, os árbitros da religião, quando, ao contrário, a obediência é necessária para a religião. Esquecidos do que lhes compete, negligentes das coisas divinas, põem-se a corrigir os preceitos.

16. Passamos em silêncio as estultíssimas razões dos outros hereges, sobre as quais, no entanto, se houver ocasião no discurso, diremos algo. Alguns corrompem de tal forma o mistério da fé evangélica que, sob a única pia profissão de um só Deus, renegam o nascimento do Deus Unigênito, dizendo tratar-se antes de uma extensão até o homem do que de uma descida. Negam que Aquele que foi Filho do Homem, tendo no tempo assumido a carne, tenha sido sempre e seja agora o mesmo Filho de Deus. Dizem que não há nele o nascimento de Deus, mas que é o mesmo que procede de si mesmo. Pretendem que o Pai se tenha estendido a si mesmo, como Filho, até a Virgem, de modo que a sucessão que leva de Deus, tal como é em si mesmo, até a carne, permita guardar a inviolável fé no único Deus. Outros ainda (porque não há salvação alguma a não ser em Cristo, Deus Verbo, que no princípio estava junto de Deus), negando a natividade, professam somente a criação, já que professar o nascimento significa aceitar que Cristo é verdadeiro Deus, enquanto afirmar a criação faz supor que não seja Deus. Simulam com isso uma fé verdadeira, ao afirmar um só Deus em sua essência, enquanto não excluem a Cristo do mistério. Substituem, porém, o verdadeiro nascimento pela palavra e pela fé na criação e assim o separam do único Deus verdadeiro, já que uma criatura subordinada não pode pretender para si a perfeição da divindade que não lhe foi concedida pelo verdadeiro nascimento.

17. O espírito se inflama ao responder à sua loucura, recordando como foi salutar para si mesmo não apenas crer em um só Deus, mas crer também que Deus é *Pai* e, não apenas esperar em Cristo, mas no Cristo que é Deus, que não é criatura, mas é Deus criador, nascido de Deus. Apressamo-nos, a partir dos precônios proféticos e evangélicos, em confundir o delírio e a ignorância daqueles que, pretextando a pregação de um só Deus, a única e verdadeiramente útil pregação religiosa, ou negam que Cristo seja Deus Filho, ou se opõem a que seja verdadeiro Deus, de tal modo que a criação de uma criatura poderosa faça parte do mistério da fé no único Deus, porque, para eles, confessar a natividade de Deus seria afastar-se da fé no único Deus. Quanto a nós, instruídos por Deus a não pregarmos dois deuses nem um solitário, apoiamos a razão desta afirmação nos precônios evangélicos e proféticos, sobre Deus Pai e Deus Filho. Para nossa fé, um e outro são um só, mas não são uma só pessoa. Professamos que um e outro não são o mesmo e também que, entre o verdadeiro e o falso, não há algum outro. O nascimento não permite que Deus nascido de Deus seja o mesmo que este nem permite que seja algo diferente.

18. Vós, que fostes chamados a estudar estes assuntos pelo fervor da fé e desejo da verdade que o

mundo e os sábios deste mundo não conhecem, será preciso que vos lembreis de que as fracas e tolas opiniões devem ser rejeitadas e as mentes estreitas e imperfeitas devem abrir-se em religiosa expectativa. Os espíritos regenerados precisam de novas maneiras de compreender, para que cada um seja iluminado por sua consciência de acordo com o dom de origem celeste. Em primeiro lugar, ao refletir sobre a essência de Deus, deixe-se guiar, pela fé, como adverte o santo Jeremias (cf. Jr 23,22; LXX). Ao ouvir e falar sobre a substância de Deus, regule sua mente por aquilo que é digno de Deus e não procure entender, a não ser na medida, sua infinidade. Consciente de ter sido feito participante da natureza divina, como diz o santo Apóstolo Pedro, em sua Segunda Epístola (cf. 2Pd 1,4), não medirá a natureza de Deus pelas leis da natureza, mas considerará as divinas afirmações de acordo com a magnificência da palavra de Deus sobre si mesmo. O melhor leitor é o que espera compreender a partir das palavras e não o que lhes impõe um sentido; é o que reflete sobre elas, mais do que as força; é o que não atribui aos ditos o que imagina conterem, é o que não presume, antes da leitura, a sua compreensão. Portanto, ao tratar das coisas de Deus, concedamos a Deus o conhecimento de si mesmo, submetendo-nos com piedosa veneração a suas palavras, pois só é idônea testemunha de si mesmo quem só por si mesmo é conhecido.

19. Se, ao tratarmos da natureza de Deus e do nascimento, apresentamos exemplos e comparações, ninguém os considere como absolutamente perfeitos, pois, quando se trata de Deus, a comparação com o que é terreno é nula, não tem valor. Todavia a fraqueza de nossa inteligência busca nas coisas inferiores alguma figura, procurando como que indícios das coisas superiores, para que, com o auxílio do que é corriqueiro e familiar, a partir das provas de nossa experiência, sejamos conduzidos à idéia do que não costumamos experimentar. Toda comparação é mais útil ao homem do que adaptada a Deus, porque é sobretudo um sinal para a inteligência sem que possa satisfazê-la. Não se pense que aquilo que se deduz sobre a natureza da carne e a do espírito possa equiparar-se, e que as coisas invisíveis possam ser comparadas às palpáveis. Afirmamos, no entanto, serem necessárias as comparações, por causa da fraqueza humana, para nos vermos livres da acusação de serem estes exemplos insatisfatórios. Vamos então continuar falando de Deus com as palavras de Deus, impregnando, porém, nossa mente com a imagem do que conhecemos.

20. Em primeiro lugar, dispusemos o plano de toda a obra, para que a ordem bem escolhida mostre ao leitor a progressão e conexão dos livros. Nada de desordenado ou confuso quisemos apresentar, para que o acúmulo sem ordem da obra não desse azo a alguma reclamação indignada. Porque não há subida por uma escarpa que dispense os poucos degraus que levam os passos até o cume, preparando o início da caminhada, suavizamos este árduo caminho da encosta, tornando-a branda para a inteligência, não mais por degraus, mas por um plano insensivelmente inclinado, de modo que, sem sentir a subida, se chegue ao alto.

21. Depois do primeiro livro, o seguinte ensina o mistério da divina geração, a fim de que aqueles que serão batizados no Pai, no Filho e no Espírito Santo não ignorem o sentido destes nomes, nem confundam com palavras a sua inteligência, mas concebam no espírito a cada um e como é e como se chama, e conheçam claramente que sua realidade não é de um nome, assim como o nome não deixa de expressar a verdade.

22. Depois deste discurso breve e simples, no qual se demonstra o que é a Trindade, o terceiro livro já vai um pouco mais longe e adapta o mais possível, por meio de muitos exemplos, à inteligência da fé, aquilo que ultrapassa a compreensão da mente humana e que Deus revelou a respeito de si mesmo quando disse: *Eu estou no Pai, e o Pai, em mim* (Jo 10,38). O que o homem, fraco por natureza, por si mesmo não entende, a fé consegue pelo conhecimento esclarecido, porque não se deve deixar de crer

no que Deus ensina sobre si mesmo nem se deve pensar que a compreensão do seu poder esteja fora do alcance da fé.

23. O quarto livro tem como ponto de partida as doutrinas dos hereges e rejeita os vícios que desdouram a fé da Igreja. Apresenta a exposição da infidelidade declarada por muitos até bem pouco tempo, e mostra com que finura e ardil aqueles ímpios defendiam haver, pela Lei, um só Deus e demonstra, por meio de todos os testemunhos da Lei e dos Profetas, que confessar um só Deus, sem o Deus Cristo, é irreligião, e pregar o Deus Unigênito, Cristo, sem confessar a existência de um só Deus, é falta de fé.

24. O quinto livro contém, em ordem, as respostas à profissão de fé estabelecida pelos hereges. Pois enganam-se ao pregar um único Deus segundo a Lei e também se iludem ao declarar ser um só o Deus verdadeiro pela mesma Lei, de modo que, pela aceitação do único Deus verdadeiro, negam a natividade do Senhor Cristo, porque só onde há nascimento há conhecimento da verdade. Seguimos, em nosso ensinamento, a mesma ordem que eles usaram para negar a verdade. Não pregamos dois deuses, nem um só Deus como solitário, mas o Pai, verdadeiro Deus, tanto pela Lei como pelos Profetas, e não corrompemos a fé no único Deus nem negamos a natividade. Segundo eles, o Senhor Jesus Cristo é *criado*, não *gerado*, por isso o nome de *Deus* lhe foi imputado, mas não lhe pertence propriamente. A realidade da divindade é demonstrada de tal modo pelas autoridades proféticas que nós, pregando ser Deus verdadeiro o Senhor Jesus Cristo, mostramos que a verdade de sua divindade, que Ele possui por geração, é compatível com a verdade de um só Deus.

25. O sexto livro põe às claras toda a fraudulência das afirmações heréticas. Para que se desse crédito a suas odiosas afirmações, os hereges roubaram as pias pregações da Igreja, para disfarçar suas ímpias doutrinas sob o manto da fé. Condenando as idéias e os vícios dos hereges, a saber, de Valentino e de Sabélio, de Maniqueu e de Hieracas, abrandando suas palavras irreligiosas e moderando os significados ambíguos a pretexto da condenação da impiedade, extinguíam a doutrina da piedade. Nós, examinando cada uma das suas palavras e declarações, libertamos as santas pregações da Igreja e não permitimos haver algo de comum com as condenadas heresias. Condenando o que deve ser condenado, seguimos apenas o que deve ser venerado. Ensinamos que o Senhor Jesus Cristo é Filho de Deus (o que por eles é principalmente negado), como o Pai atesta sobre Ele, como a respeito de si mesmo o declara, como os apóstolos pregam, como os religiosos crêem, como os demônios gritam, como os judeus confessam ao negarem, como os povos ignorantes compreendem, para que não haja lugar para hesitação e nada fique ignorado.

26. O livro sétimo dá continuidade à discussão, propondo as normas da perfeita fé. Em primeiro lugar, com uma sadia e incorrupta demonstração da fé inviolável, toma parte na contenda entre Sabélio, Ebion e todos os que não pregavam Jesus como verdadeiro Deus. Sabélio negava que subsistisse antes dos séculos Aquele que os outros confessavam ser criatura. Sabélio ignorava o Filho subsistente, mas não duvidava de que o Deus verdadeiro agisse, estando no corpo de Cristo. Outros negavam a natividade e afirmavam ser Ele criatura, por não entenderem que suas obras eram obras do Deus verdadeiro. Nossa fé é o objeto de sua contenda. Pois, enquanto nega o Filho (e por isso erra), Sabélio vence, porque foi o Deus verdadeiro (como bem prova) que agiu. A Igreja vence aqueles que negam que Cristo seja verdadeiro Deus. Os outros, ao demonstrarem que Cristo subsiste antes dos séculos e que sempre atua, triunfam conosco, condenando Sabélio, que conhece o verdadeiro Deus, mas desconhece o Filho de Deus. Ebion é vencido por ambos, pois um (Ário) afirma ser Ele subsistente antes dos séculos, e o outro (Sabélio) convence quanto ao verdadeiro Deus que age. Uns e outros, todos vencem-se e são vencidos, porque a Igreja, não só contra Sabélio e contra os que pregam ser Ele

criatura, mas ainda contra Ebion, atesta ser Deus verdadeiro de Deus verdadeiro o Senhor Jesus Cristo, nascido antes dos séculos e depois gerado como Homem.

27. Ninguém duvida convir plenamente à doutrina sagrada que anunciemos primeiro o Filho de Deus, com base na Lei e nos Profetas, depois, também o Deus Verdadeiro em relação com o mistério da unidade (do Pai e do Filho). Em seguida, confirmando a Lei e os Profetas pelos Evangelhos, ensinaremos por meio destes que Cristo é Filho de Deus e que é Deus verdadeiro. Muitíssimo justo foi, portanto, depois do nome do Filho, demonstrar sua verdade. Aliás, de acordo com o senso comum, dizer: *Filho* já indica a sua realidade. Mas, para que não subsista ocasião de engano e de ilusão para os adversários da verdadeira divindade do Deus Unigênito, apoiamos esta mesma fé (pela qual se crê ser Ele o próprio Filho de Deus) na natureza da verdadeira divindade. Ensinamos ser Deus Aquele que não se nega ser Filho de Deus, provando por estes meios: nome, natividade, natureza, poder, confissão, que não é diferente do nome que lhe é dado, que o nome não deixa de fazer referência ao nascimento, que, pelo nascimento, não perde sua natureza, que a natureza não perde seu poder e que o poder não deixa de ser reconhecido na confissão consciente da verdade do seu ser. Baseamo-nos nos argumentos tirados dos Evangelhos, segundo seus diversos gêneros, para mostrar que sua confissão não ocultou seu poder, seu poder não ocultou a natureza, a natureza é a que lhe corresponde pelo nascimento, e o nascimento não deixa de ser o que corresponde ao nome de Filho. Deste modo, não há lugar para a ímpia calúnia, já que Nosso Senhor Jesus Cristo, quando ensinou a verdade de sua natureza, demonstrou a divindade do Deus verdadeiro que procede do Deus verdadeiro, pelo nome, nascimento, natureza e poder.

28. O livro oitavo, bem como os dois anteriores, muito proveitosos para a fé dos que crêem no Filho de Deus, que é o Deus verdadeiro, agora se detém na demonstração de um só Deus, sem negar a natividade do Filho de Deus nem introduzir, por este nascimento, a divindade de dois deuses. Em primeiro lugar, ensina com que meios os hereges se esforçam por não levar a sério a verdade de Deus Pai e de Deus Filho, que não podem negar. Desfaz os ineptos e ridículos pretextos segundo os quais afirmam que a união do Pai e do Filho se dá pela vontade e unanimidade, mais que pela natureza, porque foi dito: *A multidão dos fiéis era um só coração e uma só alma* (At 4,82) e *Aquele que planta e aquele que rega são um* (1Cor 3,8), e ainda: *Não rogo somente por eles, mas, por aqueles que, pela sua palavra, crerão em mim, a fim de que todos sejam um, como tu, Pai, estás em mim, e eu em ti, para que eles estejam em nós* (Jo 17,20-21). Nós, porém, examinando estas mesmas palavras segundo sua própria força (isto é, segundo a autoridade delas), mostramos conterem em si a fé na divina natividade. Estudando atentamente todas as afirmações do Senhor, ensinamos, segundo os precônios apostólicos e as palavras do Espírito Santo, o íntegro e perfeito mistério da majestade do Pai e do Unigênito. Pois o Filho compreendido no Pai e o Pai conhecido no Filho demonstram o nascimento do Deus Unigênito e a verdade de sua perfeita divindade.

29. Nas questões mais necessárias relativas à salvação, é pouco apresentar somente argumentos próprios à satisfação da fé, porque muitas vezes as afirmações não completamente entendidas de nossa exposição enganam e mudam de sentido. No entanto, os argumentos apresentados pelos nossos adversários são tão ridículos que, por si mesmos, confirmam a nossa fé. Por isso, todo o nono livro se ocupa em repelir os argumentos usados pelos ímpios, que intentam tirar a força da natividade do Deus Unigênito, esquecidos do mistério da Economia oculto há séculos, e não se lembram de pregar, conforme a fé evangélica, o Deus e Homem. Negam que Nosso Senhor Jesus Cristo seja Deus e, como Deus Filho, igual a Deus Pai. Negam que tenha nascido de Deus, subsistindo em virtude da geração eterna, na verdade do Espírito (isto é, da divindade). Costumam apoiar-se nestas palavras do Senhor:

Por que me chamas bom? Ninguém é bom a não ser o único Deus (Lc 18,19). Dizem que, respondendo ao ser chamado de bom, que, a não ser o único Deus, ninguém é bom, demonstra que está fora da bondade de Deus, que é o bom, e também que não está na verdade de Deus, que é um. A estas palavras também acrescentam mais argumentos para a impiedade: *É esta a vida eterna, que te conheçam a ti, único e verdadeiro Deus, e a quem enviaste, Jesus Cristo (Jo 17,3).* Argumentam que, se declara ser o Pai o único Deus verdadeiro, não é nem verdadeiro, nem Deus, porque a unicidade do único Deus verdadeiro não pode estender-se para além daquele que possui tal propriedade. Não se entenda ter dito isto de maneira ambígua, dizem eles, visto que Ele mesmo declarou: *O Filho por si mesmo nada pode fazer, mas só aquilo que vê o Pai fazer (Jo 5,19).* Não poder fazer nada sem um exemplo revela a fraqueza da natureza, e de modo algum se pode igualar à onipotência a submissão de alguém que depende da ação de outrem. A própria razão mostra que existe uma grande diferença entre poder todas as coisas e não poder. Esta diferença existe a ponto de ter Ele mesmo declarado: *O Pai é maior do que eu (Jo 14,28).* Querem que cesse toda ocasião de contradizer esta confissão, dada a sua clareza, pois seria impiedade atribuir a natureza e a honra devidas a Deus a quem as recusa. Além disso, dizem estar tão longe dele a natureza do verdadeiro Deus que chega a atestar: *Quanto ao dia e à hora ninguém conhece, nem os anjos nos céus, nem o Filho, mas somente o Pai (Mc 13,32).* Que o Filho não saiba o que somente o Pai sabe mostra estar longe do que sabe Aquele que não sabe, porque na natureza submetida à ignorância não podem existir a força e o poder, que estão proibidos a quem é dominado pela ignorância.

30. Mostramos que estas coisas foram entendidas de modo ímpio, com um sentido corrupto e depravado. Apresentamos todas as causas de suas afirmações, segundo o gênero das questões, os tempos e a economia da salvação, antepondo as causas às palavras, ao invés de atribuirmos as causas às palavras. Há diferença entre: *o Pai é maior do que eu (Jo 14,20)* e *Eu e o Pai somos um (Jo 10,30)*, como não é o mesmo dizer: *Ninguém é bom, a não ser o único Deus (Lc 18,19)*, e: *Quem me vê, vê também o Pai (Jo 14,9).* Sem dúvida, há grande diversidade entre estas afirmações contrárias: *Pai, tudo o que é teu é meu, e o que é meu é teu (Jo 17,10)*, e: *Para que te conheçam, a ti, único e verdadeiro Deus (Jo 17,3)*, ou entre: *Eu estou no Pai, e o Pai em mim (Jo 14,11)*, e: *Quanto ao dia e a hora ninguém conhece, nem os anjos nos céus, nem o Filho, mas somente o Pai (Mc 13,31).* É preciso entender, em cada uma destas afirmações, o que se refere à economia e o que se refere ao poder da natureza consciente de si mesma. Como o autor de todos os ditos é o mesmo, ficando demonstrado o valor de cada gênero de declaração (das diferentes naturezas que existem em Cristo), não se pode dizer que seja desconhecimento da verdadeira divindade aquilo que é pregado a respeito do mistério da fé evangélica, no que se refere à manifestação da causa, do tempo, da natividade e do nome.

31. O livro décimo tem o mesmo teor que a fé. Tendo eles roubado algumas declarações sobre os sofrimentos do Senhor, tomando-as, de modo estulto, como injúria à natureza divina de Jesus Cristo Senhor e a seu poder, foi preciso provar terem sido entendidas por eles com toda a impiedade e lembrar que o Senhor as pronunciou a fim de dar testemunho da verdadeira e perfeita majestade nele existente. Para ocultar sua impiedade sob uma aparente religiosidade servem-se de maneira enganosa destas palavras: *Minha alma está triste até a morte (Mt 26,38).* Querem mostrar, assim, como está longe da bem-aventurança e incorruptibilidade de Deus Aquele cuja alma é dominada pelo medo da tristeza iminente e que chega a suplicar, aterrorizado pela necessidade da Paixão: *Pai, se for possível, que se afaste de mim este cálice (Mt 26,39).* Pareceria, sem dúvida, temer o sofrimento, por ter orado para se ver livre dele, porque a ansiedade diante da dor foi a causa do pedido e a violência do sofrimento venceu de tal modo sua fraqueza, que chegou a dizer quando padecia na cruz: *Meu Deus,*

meu Deus, por que me abandonaste? (Mt 27,46) e, queixando-se de sua desolação, comovido pela amargura, privado do auxílio paterno, entregou o espírito dizendo: *Pai, em tuas mãos entrego meu espírito* (Lc 23,46). Ao exalar o espírito, perturbado pelo temor, entregou-o a Deus Pai para guardá-lo, porque o desespero de não ter segurança exigiu a entrega.

32. Estes estultíssimos e ímpios homens, sem compreenderem que nada nas ações era contrário às palavras, apegando-se somente a elas, puseram de lado as causas pelas quais foram ditas. É muito diferente: *Minha alma está triste até a morte* (Mt 26,38), de: *Logo vereis o Filho do Homem assentado à direita do poder de Deus* (Mt 26, 64), e não é o mesmo: *Pai, se possível, passe de mim este cálice*, que: *O cálice que meu Pai me deu, não o beberei?* (Jo 18,11). Grande diferença existe entre: *Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?* (Mt 27,43), e: *Em verdade eu te digo, hoje estarás comigo no paraíso* (Lc 23,43); muito divergem: *Pai, em tuas mãos entrego meu espírito* (Lc 23,46), e: *Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem* (Lc 23, 34). Recaíram na impiedade, incapazes de entender as palavras divinas. Já que não combinam temor e liberdade, prontidão e escusa, queixa e advertência, desconfiança e intercessão, sem se lembrarem do que foi dito sobre a natureza divina, mantiveram como provas de sua impiedade os fatos e as palavras da economia. Por isso, tendo demonstrado tudo o que pertence ao mistério, tanto da alma quanto do corpo do Senhor Jesus Cristo, não deixamos nada sem ser explorado, nada foi passado em silêncio. Combinando a explicação de todas as palavras segundo seu gênero, demonstramos que a confiança não temeu e a vontade não hesitou e que Ele não procurou segurança nem orou para recomendar-se a si mesmo, mas desejou o perdão para os outros. Confirmamos, pela pregação absoluta do mistério evangélico, a fé em todas as suas palavras.

33. A estes homens sem esperança, nem mesmo a própria glória da ressurreição pôde manter dentro dos limites da fé, pelo conhecimento da verdadeira religião e compreensão da verdade. Da confissão da divina condescendência tiraram armas para sua impiedade. A revelação do mistério serviu-lhes para desprezar a Deus. Por ter dito: *Subo para meu Pai e vosso Pai, meu Deus e vosso Deus* (Jo 20,17), excluem-no da natureza do Deus verdadeiro já que também é comum, a nós e a Ele, que o Pai seja Pai, e que Deus seja Deus. Afirmam estar, como nós, submetido a Deus criador e ser Filho por adoção. Baseiam-se nas palavras do Apóstolo: *Ao dizer que tudo lhe está submetido, excetua-se sem dúvida Aquele que lhe sujeitou todas as coisas. E, quando tudo lhe estiver submetido, então ainda o próprio Filho estará submetido Àquele que lhe submeteu todas as coisas, a fim de que Deus seja tudo em todos* (1Cor 1,15.27-28), para não querer admitir que haja nele a natureza divina, porque a submissão implica fraqueza do que é dominado e significa poder do que domina. Destas questões, que devem ser estudadas com grande reverência, ocupa-se o livro undécimo, que demonstra, pelas próprias palavras apostólicas, que a submissão não prova a fraqueza da divindade, mas, justamente, mostra a verdade de Deus, nascido de Deus. Que o Pai seja Pai para Ele e para nós, e Deus para Ele e para nós, muito nos enriquece e dele nada retira, pois, tendo nascido Homem e possuindo todas as limitações de nossa carne, subiu para Deus, a fim de que nossa humanidade fosse elevada até Deus, nosso Pai, e fosse glorificada em Deus.

34. Conforme observamos, todo gênero de estudos sempre começa pelos exercícios elementares. Depois de longo tempo, os que foram formados por muita dedicação ao seu ofício tornam-se capazes de passar para a experiência daquilo em que se exercitaram. Após militar nos exercícios bélicos, passa-se para o exército; os que foram formados para tomar parte nos debates forenses pelo estudo das leis, finalmente são enviados aos debates dos tribunais; quando o nauta intrépido já se exercitou em lagos pequenos e conhece bem a nave, é então que enfrenta os grandes e desconhecidos mares com

suas procelas. O mesmo acontece com esta máxima e gravíssima compreensão de toda a fé. Foi o que procuramos fazer. Antes, por breves indícios sobre o nascimento, o nome, a divindade, a verdade, educamos a fé incipiente e, progredindo lentamente, chegamos a extirpar todos os pretextos dos hereges. Quisemos aumentar assim o desejo de aprender dos que nos lêem. Só então os levamos a participar das grandes e gloriosas competições, porque, na medida em que falha a mente humana em querer abarcar, só com a opinião do senso comum, a idéia do eterno nascimento, na mesma medida deverá ser despertado o interesse pelas questões divinas, para que seja possível perceber o que ultrapassa nossa compreensão natural. Procuramos principalmente refutar a opinião que, alimentada pela estupidez da sabedoria secular, julga-se no direito de dizer a respeito do Senhor Jesus: *Houve tempo em que não existia, e: Não era antes de nascer, e: Foi feito do não existente*, porque o nascimento pareceria fazer ser o que não era e nascer o que ainda não existia. Os hereges também submetem o Deus Unigênito à idéia de tempo, como se a fé e o nascimento indicassem que não existiu em algum tempo. Dizem ter nascido do que não existia, porque o nascimento concede o ser ao que não era. Nós, porém, de acordo com os testemunhos apostólicos e evangélicos, pregamos existir sempre o Pai e sempre o Filho, mostrando que o Deus de todas as coisas não existiu depois de nenhuma, mas é antes de tudo. Sem cair na temeridade irreligiosa da idéia de que tenha nascido do não existente e de que não tenha sido antes de ter nascido, pregamos que nasceu, tendo existido sempre, e proclamamos que sempre existiu tendo nascido. Nele não se trata de uma exceção de inascibilidade, mas da eternidade do nascimento, porque o nascimento supõe o Pai, mas a divindade não deixa de ser eterna.

35. Por ignorarem os ditos proféticos e não compreenderem as doutrinas celestes, para afirmarem ser Deus criado, em vez de nascido, apóiam-se no sentido atribuído erroneamente a esta sentença: *O Senhor me criou para o início de seus caminhos e para suas obras* (Pr 8,22). Dizem, por isso, que pertence à natureza comum da criação, embora seja mais excelente o gênero de sua criação. Nele, portanto, não há a glória do nascimento divino, mas a força da criatura poderosa. Nós, porém, sem apresentar nada de novo, nada que seja deduzido a partir de argumentos exteriores, daremos, pelo testemunho da própria Sabedoria, a verdadeira interpretação desta palavra. Não se pode eliminar o nascimento divino e eterno, a partir da afirmação de ter sido a Sabedoria criada para o início dos caminhos de Deus e suas obras. Não é a mesma coisa ser ela criada *para*, e ter nascido *antes* de todas as coisas, pois onde se fala de natividade, só se declara a natividade; onde, porém, há a palavra *criação*, aí a causa da mesma criação é anterior. Se a Sabedoria nasceu antes de tudo, embora também tenha sido criada para algumas coisas, não é a mesma coisa existir antes de tudo e ter começado a existir depois de algumas coisas.

36. Depois de eliminar a palavra *criação* da fé que temos no Deus Unigênito, pareceu justo ensinar também o que se deve confessar a respeito do Espírito Santo para que, já há muito confirmados pelo estudo diligente dos livros anteriores, nada falte à perfeição de toda a fé, e para que, afastadas também as pregações errôneas e irreligiosas sobre o Espírito Santo, o mistério da Trindade que regenera esteja contido, ileso e puro, na salutar definição da autoridade apostólica e evangélica, e não mais se ouse, com base na simples inteligência humana, enumerar entre as criaturas o Espírito de Deus que receberemos como penhor da imortalidade para chegar ao consórcio da divina e incorrupta natureza.

37. Estou consciente de ter como a tarefa mais importante de minha vida o dever de tudo fazer para que toda minha palavra e idéia te manifeste, a ti, Deus Pai onipotente. Não pode existir maior prêmio para a faculdade de falar, a mim concedida por ti, do que servir-te proclamando e ensinando quem tu és. Que ao mundo ignorante ou ao herege que te nega, eu demonstre que tu és Pai, isto é, Pai do Deus Unigênito. É este o meu único desejo. Quanto ao mais, devo pedir que me concedas teu auxílio e

misericórdia e que, abertas e infladas as velas de nossa fé em ti e de nossa confissão, nos impulsiones, pelo sopro de teu Espírito, nesta pregação iniciada. Não é infiel o autor da promessa: *Pedi e vos será dado; procurai e achareis; batei e abrir-se-vos-á* (Lc 11,9). Nós, indigentes, pediremos aquilo de que precisamos e, ao perscrutar as palavras de teus Profetas e Apóstolos, empregaremos um esforço obstinado, batendo às portas de todas as interpretações difíceis. A ti pertence conceder o que foi pedido, estar presente ao que busca, abrir a quem bate. Pois estamos entorpecidos pela preguiça própria a nossa natureza que nos imobiliza. A fraqueza de nossa inteligência nos aprisiona numa ignorância que não permite conhecer teus mistérios. Mas o zelo pelo conhecimento de tua doutrina nos estimula a alcançar a verdade divina, e a obediência da fé nos conduz para além daquilo que é próprio de nossa natureza.

38. Esperamos, portanto, que este trabalho que iniciamos receba de ti sua força e possa progredir com teu auxílio. Chama-nos a participar do Espírito dos Profetas e dos Apóstolos, para que compreendamos suas palavras no sentido que eles lhes deram e não em sentido diferente, e respeitemos o sentido real de cada uma delas. Devemos falar daquilo que foi pregado por eles como mistério: de ti, Deus eterno, Pai do eterno Deus Unigênito, de ti que és o único não nascido e do único Senhor Jesus Cristo, que de ti procede pelo nascimento eterno, que não pode ser considerado como um outro Deus e deve ser reconhecido como gerado de ti, único Deus, e a quem devemos confessar como verdadeiro Deus nascido de ti, verdadeiro Pai. Concede-nos compreender o significado das palavras, dá-nos luz para a inteligência, dignidade nas palavras e fé na verdade. Permite que possamos anunciar aquilo que acreditamos e, tendo-te conhecido por intermédio dos Profetas e Apóstolos como o único Deus Pai e o único Senhor Jesus Cristo, negando as afirmações dos hereges, te celebremos como Deus, mas não sozinho, e anunciemos a Ele, mas não como falso Deus.

LIVRO SEGUNDO

1. Para os fiéis, bastaria a palavra de Deus que chegou a nossos ouvidos pelo testemunho do Evangelista, com a força de sua verdade, quando o Senhor disse: *Ide, ensinai a todas as nações, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ensinando-as a observar tudo o que vos mandei; e eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos* (Mt 28,19-20). Pois, o que não está contido neste testemunho a respeito do mistério da salvação humana? Ou, o que falta nele ou é obscuro? Tudo é pleno, vindo do que é Pleno, perfeito, do que é Perfeito. O significado das palavras, a eficácia do ato, a ordem do conteúdo e a compreensão da natureza aqui se encontram. Ordenou batizar *em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo*, isto é, na confissão do Autor, do Unigênito e do Dom. O autor de tudo é um só. Pois há um só Deus, o Pai, de quem tudo procede, e um só Senhor nosso, Unigênito, Jesus Cristo, por quem tudo existe, e um só Espírito, dom em tudo (cf. 1Cor 8,6; Ef 4,4). Todas as coisas estão ordenadas por suas virtudes e méritos: um poder, do qual tudo procede; um único Filho, por quem tudo foi feito; um só dom da perfeita esperança. Em tão grande perfeição absolutamente nada falta, pois nela há, no Pai, no Filho e no Espírito Santo, o infinito no eterno, a beleza na imagem, a intimidade no dom.

2. Somos obrigados, pelos erros dos hereges e blasfemadores, a tratar de coisas ilícitas, escalar cumes perigosos, falar do que é inefável e ousar o que é proibido. Quando somente com a fé deveríamos cumprir seus preceitos, isto é, adorar o Pai e, com Ele, venerar o Filho e enriquecer-nos com o Espírito Santo, somos forçados, com a fraqueza de nossa palavra, a estender-nos até as coisas inenarráveis e, pelo erro alheio, juntar-nos ao erro, de modo que aquilo que seria necessário guardar com respeito nas mentes, agora seja exposto, não sem perigo, por meio de palavras humanas.

3. Muitos receberam a simplicidade das palavras celestes em conformidade com a própria vontade, não de acordo com o que pedia sua força expressiva. Pois a heresia nasce da interpretação errônea, não da Escritura. O erro está no sentido imposto, não na palavra. Acaso pode a verdade ser corrompida? Quando se ouve a palavra *Pai*, a natureza do Filho não está contida no nome? Não será o Espírito Santo Aquele que recebe este nome? O Pai não pode deixar de ser Pai porque é Pai. O Filho não deixa de ser Filho, porque é Filho, e o Espírito Santo é Aquele que é recebido. Porém, homens de mente perversa tudo confundem e complicam. Com sua perversidade mudam a natureza para fazer com que o Pai não seja Pai, fazendo com que o Filho não seja Filho, quando afirmam que o Filho não é Filho por natureza, pois não se é filho quando a natureza não é a mesma no que gera e no que nasce. Não é filho o que tem uma natureza diferente da do pai. E como o Pai seria Pai se não tivesse gerado o Filho de sua mesma substância e natureza?

4. Não podem de modo algum mudar a realidade das coisas, porém introduzem novas doutrinas e invenções humanas. Sabélio diz que o Pai se estende ao Filho e que diferem antes pelo nome que pela realidade. Afirma que o Filho é o mesmo Pai. Ebion atribui somente a Maria a origem do Filho. Para ele, Deus procede do homem, e não o homem de Deus. A Virgem não recebeu em seu seio Aquele que subsistia antes dos séculos, porque era Deus e no princípio estava junto de Deus, mas gerou a carne pelo verbo, pois afirma que a palavra *verbo* não significa a natureza de Deus Unigênito que já existia, mas sim o som da palavra proferida. Outros pregadores deste tempo dizem que procede do nada e do tempo a forma, a sabedoria e a força de Deus, para indicar que o Pai não sofreu diminuição pelo fato de existir o Filho, tornando-se igual ao Filho. Vêm em defesa de Deus, afirmando que Filho é criatura, como todas as coisas que foram criadas do nada, para que o Pai conserve sua perfeição porque nada foi gerado dele. Não causa admiração, portanto, que tenham uma idéia diferente sobre o Espírito Santo

aqueles que, com tamanha audácia, afirmam que quem o concede que foi criado é mutável e pode desaparecer. Assim destroem a verdade deste perfeito mistério, inventando uma diversidade de substância onde existe a comunhão, negando o Pai quando negam que o Filho seja Filho, negando o Espírito Santo quando ignoram que o possuímos, e ignorando o seu Autor. Assim fazem perder-se os ignorantes quando afirmam a racionalidade de sua doutrina e iludem os ouvintes privando os nomes da realidade da sua natureza, já que não podem tirar os nomes da realidade. Omito outros nomes perigosos para os homens: os marcionitas, os valentinianos, os maniqueus e outras pestes que às vezes ocupam a mente dos ignorantes e os contagiam com o seu convívio. Causam uma única epidemia, quando os pregadores infundem a doença na mente dos ouvintes pela sua palavra.

5. A infidelidade dos hereges nos faz duvidar e correr perigo. Por isso, devemos dizer mais do que ordena o preceito celeste sobre coisas tão importantes e misteriosas. O Senhor mandou batizar os povos *Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo* (Mt 28,19). A fórmula de fé é clara. Para os hereges, porém, o sentido é incerto. Portanto, não se deve acrescentar nada ao que foi prescrito, mas sim opor um limite a sua audácia. Como a malignidade, instigada pela fraude diabólica, quer ocultar a verdade, fingindo respeitar os nomes que correspondem à natureza, devemos dar a conhecer a realidade dos nomes. Tendo indicado, de acordo com o que se acha na Escritura, a dignidade e função do Pai, do Filho e do Espírito Santo, procuraremos fazer com que os nomes não sejam privados das propriedades da natureza, e que estas sejam contidas na significação natural destes nomes. Não sei o que pretendem os que pensam de modo diferente sobre estas coisas corrompendo a verdade, obscurecendo a luz, dividindo o indivisível, partindo o indestrutível, separando o inseparável. Para eles é tão fácil censurar o que é perfeito, dar uma lei ao poder divino, circunscrever o infinito! Quanto a mim, sofro intensamente ao ter de responder-lhes. Meu espírito se perturba, minha inteligência se entorpece. Confessarei com minhas palavras não tanto minha incapacidade, quanto o dever de silenciar. Vejo-me obrigado a falar, pois é preciso resistir à audácia, evitar a difusão do erro, precaver-se contra a ignorância. O que se exige é incomensurável, aquilo que se ousa fazer é incompreensível: falar de Deus para além dos limites estabelecidos pelo próprio Deus. Ele deu os nomes que correspondem à natureza: Pai, Filho, Espírito Santo. O que se procura além disso ultrapassa o sentido das palavras, transcende a capacidade do pensamento e a compreensão da inteligência, não pode ser dito, alcançado, captado. A própria natureza das coisas torna impossível que as palavras tenham um significado. A luz impenetrável cega a mente do que contempla, o que não é contido por nenhum limite excede a capacidade da inteligência. Nós, porém, pedindo perdão Àquele que é todas estas coisas, levados pela necessidade, ousaremos, procuraremos e falaremos. Só uma coisa prometemos, em questão de tamanha importância: acreditar no que as palavras significam.

6. O Pai é Aquele a partir de quem tudo o que é subsiste. Ele é, em Cristo e por Cristo, a origem de tudo. Tem em si mesmo o seu ser, não recebendo de outra parte o que é; Ele o tem de si mesmo e em si mesmo. É infinito, porque não está contido em nada, mas tudo está contido nele. Está sempre fora do espaço, porque não pode ser contido. É sempre anterior ao tempo, porque o tempo procede dele. Dilata a tua imaginação, se julgas ter um fim último. Saberás que sempre está presente. Sempre poderás procurar o lugar onde se encontra, pois seu ser não tem fim. Sobre Ele, a palavra falha, sua natureza não poderá ser circunscrita. Revolve os tempos, mais uma vez, sempre encontrarás que Ele é; quando faltarem os números para calcular, ao falar dele, a Deus nunca falta o ser sempre. Excita a inteligência, e abraça com a mente o todo; nada segures. O todo tem resto, mas este resto está sempre no todo. Portanto, não há todo quando há resto, nem o que resta é o todo. Pois resto é uma porção; todo, porém, é o que é inteiro. Deus está todo em toda parte, onde quer que esteja. Aquele fora do qual

nada existe ultrapassa os limites da inteligência, Ele, a quem pertence o ser sempre. Esta é a verdade do mistério de Deus, este é o nome da natureza imperscrutável, no Pai, Deus invisível, inefável, infinito. A palavra se cala ao tentar dizê-lo, o pensamento, ao querer investigá-lo, se embota, e, ao querer abarcá-lo, a inteligência se estreita. Como dissemos, o nome de sua natureza é Pai, mas é somente Pai. Não tem outra origem, à maneira humana, o seu ser Pai. Ele mesmo é ingênito, eterno, sempre tendo em si o ser sempre. É conhecido somente pelo Filho, porque ao Pai ninguém conhece a não ser o Filho, e aquele a quem o Filho quiser revelá-lo, e ao Filho ninguém conhece, senão o Pai (cf. Mt 11,27). Sua ciência é mútua, o conhecimento recíproco é perfeito. Visto que ao Pai ninguém conhece, senão o Filho, pensemos sobre o Pai o mesmo que o Filho que revela, única testemunha fiel (cf. Ap 1,5).

7. A respeito do Pai, deveria mais sentir do que dizer, pois tenho consciência de que toda palavra é impotente para dizer aquilo que deveria ser dito. Tem de ser pensado como invisível, incompreensível, eterno. Aliás, que Ele seja em si mesmo, e de si mesmo e por si mesmo e que seja invisível, incompreensível e imortal, nestes atributos está a confissão de sua honra, a indicação do sentido e certo âmbito de conjecturas, mas a linguagem humana sucumbe, e as palavras não o explicam tal como é. Pois se ouves que é em si mesmo, este pensamento não concorda com a razão humana. Para nós existe uma distinção entre conter e ser contido, e será uma coisa aquilo que é contido, e outra aquilo em que se contém. Se ainda aceitas que seja por si mesmo, ninguém é, para si mesmo, o doador e o dom. Se é imortal, então haverá algo que não vem dele, e que a ele não esteja sujeito; nem é só o que pelo enunciado desta palavra é reivindicado por outro. Se é incompreensível, não estará em lugar nenhum, porque se nega que possa ser alcançado. Se é invisível, está privado de tudo aquilo que pode ser visto. Falha, portanto, a nossa palavra ao enunciá-lo, pois a nossa linguagem não é capaz de dizer como é Deus e quão grande Ele é. A perfeita ciência consiste em conhecer a Deus de tal forma que, embora não o ignoremos, saibamos, no entanto, que é inenarrável. Deve ser crido, escutado, adorado e é preciso falar de seus benefícios.

8. Arrancados de inacessíveis lugares sem portos, estamos em agitado mar alto; não é possível, sem perigo, retroceder nem progredir. Há no entanto maiores dificuldades em ir adiante do que as já encontradas. O Pai é como é, e, como é, deve ser crido. A mente se atemoriza em querer atingir o Filho, e treme ao dizer qualquer palavra. Pois é progenitura do Ingênito. Um que procede do que é Um, Verdadeiro do Verdadeiro, Vivo do que vive, perfeito do que é perfeito, virtude da virtude, sabedoria da sabedoria, glória da glória, imagem de Deus invisível, forma do Pai ingênito. Que idéia teremos a respeito da geração do Unigênito pelo Ingênito? Várias vezes, clama dos céus o Pai: *Este é o meu Filho dileto, em quem tenho meu prazer* (Mt 3,17). Não há cisão nem divisão, pois é impassível o que gera e é imagem do Deus invisível o que dele nasce, como atesta: *O Pai está em mim e eu no Pai* (Jo 10,38). Não se trata de adoção, pois é verdadeiro Filho de Deus e clama: *Quem me vê, vê também o Pai* (Jo 14,9). Mas também não lhe é concedido o ser por meio de uma ordem, como aos outros seres, pois o Unigênito vem do que é Um e tem a vida em si, assim como tem a vida Aquele que o gerou, pois diz: *Assim como o Pai tem a vida em si mesmo, também deu ao Filho ter a vida em si mesmo* (Jo 5,26). O que é Filho também não é parte do Pai. Atesta-o o Filho, ao dizer: *Tudo o que é do Pai, é meu* (Jo 16,15); e de novo: *Tudo o que é meu é teu, e tudo o que é teu é meu* (Jo 17,10). Tudo o que o Pai tem deu-o ao Filho. Também o Apóstolo comprova-o quando diz: *Porque nele habita toda a plenitude da divindade corporalmente* (Cl 2,9). Não é próprio da natureza que aquilo que é parte seja *todo*. O perfeito vem do perfeito, porque quem tem tudo, tudo deu. Não se julgue não ter dado, porque tem, ou não ter, porque deu.

9. O segredo deste nascimento pertence a um e outro. Talvez alguém atribua à própria inteligência não poder compreender o mistério desta geração, quando não entende de modo algum quem seja o Pai nem, também, o Filho. Saiba que maior dor sinto eu em ignorar isto. Não sei, não pergunto; consolo-me no entanto. Os arcanjos não sabem, os anjos não ouviram, os séculos não alcançam, o Profeta não vê, o Apóstolo não interrogou, o próprio Filho não declarou. Cesse a dor das queixas. A ti, quem quer que sejas, que investigas estas coisas, eu não chamo para as alturas, não atraio para a amplidão, não levo às profundezas. Acaso não poderás ignorar com serenidade o nascimento do Criador, se ignoras a origem da criatura? Pergunto apenas se tu te reconheces como gerado e compreendes o que de ti foi gerado. Não indago de onde te veio a capacidade de sentir, como foste agraciado com a vida, donde recebeste a inteligência, como existe em ti o olfato, o sentido da visão, o ouvido. Sem dúvida ninguém desconhece o que faz; pergunto donde vem aquilo que concedes aos que geras, como lhes incutes os sentidos, iluminas seus olhos, dá-lhe o coração. Estas coisas, descreve-as, se poderes. Tens, portanto, o que não conheces, e dás o que não compreendes, tranqüilamente ignorante do que te pertence, insolentemente néscio do que diz respeito a Deus.

10. Ouve, portanto, o Pai ingênito, ouve o Filho unigênito; escuta: *O Pai é maior do que eu* (Jo 14,28); ouve: *Eu e o Pai somos Um* (Jo 10,30); ouve: *Quem me vê, vê também o Pai* (Jo 14,9); ouve: *Eu saí do Pai* (Jo 16,28); *Aquele que está no seio do Pai: Tudo que o Pai tem, entregou-o ao Filho; O Filho tem a vida em si mesmo, assim como o Pai tem a vida em si mesmo* (Jo 5,26), escuta ser o Filho imagem, sabedoria, virtude, glória de Deus, e entende o Espírito Santo a proclamar: *Sua geração, quem a descreverá?* (Is 53,8) e tenta censurar o Senhor, que atesta: *Ninguém conhece o Filho senão o Pai, e ninguém conhece o Pai senão o Filho e aquele a quem o Filho quiser revelar* (Mt 11,27). Procura esgueirar-te no interior deste segredo e, entre o único Deus ingênito e o único Deus unigênito, tenta mergulhar no mistério do inconcebível nascimento. Começa, avança, persiste; mesmo que eu saiba que não conseguirás chegar, pelo menos alegrar-me-ei com o teu adiantamento, pois quem piedosamente procura, sem descanso, o infinito, ainda que afinal não o alcance, há de tirar proveito do seu progresso. Aí termina a compreensão das palavras.

11. O Filho procede do Pai que tem o ser, é o Unigênito que procede do Ingênito, descendência do Pai, Vivente que procede do Vivente. Como o Pai tem a vida em si mesmo, também foi dado ao Filho ter a vida em si mesmo. É o Perfeito que procede do Perfeito, porque é todo do todo, sem divisão nem separação, porque um está no outro, e a plenitude da divindade está no Filho. É o Incompreensível que procede do Incompreensível, não é conhecido por ninguém, mas somente um conhece o outro. É o Invisível que procede do Invisível, por ser a imagem do Deus invisível, e porque quem vê o Filho, vê também o Pai. Um procede do outro, porque são Pai e Filho, possuindo a mesma natureza da divindade, porque são Um. Deus de Deus, Deus unigênito que procede do único Deus ingênito; não dois deuses, mas Um, que procede do que é Um; não são dois ingênitos, porque o que nasceu procede do inato, em nada diferindo um do outro, porque a vida do Vivente está no que vive. Estas idéias sobre a natureza da divindade, apenas as tocamos de leve, sem atingir por inteiro a sua compreensão, mas compreendendo ser incompreensível aquilo sobre o que falamos. Dizes que não há lugar para a fé, se nada se pode compreender. Ao contrário, aqui se declara o mistério da fé, porque ela sabe ser incompreensível o que procura.

12. Sobre a inenarrável geração do Filho, ainda resta alguma coisa, ou antes, aquilo que é tudo. Eu me debato, deixo para mais tarde, perco as forças e por onde começar não sei. Não sei quando o Filho nasceu e para mim é um sacrilégio não saber que tenha nascido. A quem recorrer? A quem implorar? De que livros tirar as palavras para dizer tão grandes dificuldades? Irei ler toda a ciência da Grécia?

Mas já li: *Onde está o sábio? Onde o argumentador deste século?* (1Cor 1,20). Sobre isto os sofistas deste mundo e os sábios emudecem; pois rejeitaram a sabedoria de Deus. Irei, então, consultar o escriba da Lei? Mas não sabe; porque para ele a cruz de Cristo é escândalo. Vou, acaso, aconselhar-vos a fechar os olhos e a calar, porque, para a veneração daquele que é proclamado, basta que os leprosos tenham sido purificados, os surdos tenham começado a ouvir, os coxos tenham corrido, os paráliticos tenham ficado de pé, os cegos tenham recobrado a luz, o cego de nascença tenha adquirido a visão, os demônios tenham sido afugentados, os doentes tenham sarado, os mortos tenham ressuscitado? Porém, tais coisas os hereges as confessam, e perecem.

13. Esperai nada menos do que correrem os coxos, verem os cegos, fugirem os demônios, reviverem os mortos. Pois está comigo, como auxílio nas dificuldades acima descritas, um pobre pescador, ignorante, rude, mãos ocupadas pelas redes, roupa molhada, sem fazer caso da lama nos pés, todo entregue ao barco. Investigai e entendei se seria mais maravilhoso ressuscitar mortos do que comunicar a um iletrado o conhecimento desta doutrina. Pois disse ele: *No princípio era o Verbo* (Jo 1,1). Que significa isto: *no princípio era*? Passam os tempos, sucedem-se os séculos, encontram um termo as eras. Situa onde quiseres o *princípio*; não o aprisionas no tempo, pois Aquele de que se trata *era*. Considera o mundo, entende o que sobre ele está escrito: *No princípio Deus fez o céu e a terra* (Gn 1,1). Fez-se portanto, no princípio, aquilo que é criado, e é limitado pelo tempo o que precisou ser feito no princípio. Agora, meu pescador analfabeto, indouto e livre do tempo, está desligado dos séculos, vence todo princípio: pois *era* o que é, sem estar contido pelo tempo. Não começou a existir nunca, porque no princípio *era*, não foi feito.

14. Percebemos, porém, que o nosso pescador saiu fora do plano projetado, pois libertou do tempo o Verbo. O que é livre, senhor de si mesmo, é solitário e a ninguém tem de obedecer. Ouvidos alerta para o que vem a seguir: *E o Verbo estava junto de Deus* (Jo 1,1). Sem princípio já está junto de Deus, Aquele que *era* antes do princípio. Quem *era* está *junto de Deus*, e quem está isento do tempo não está separado do Autor. Nosso pescador fugiu; talvez volte para o que resta.

15. Dirás então: o Verbo é o som da voz, o enunciado das questões e a expressão do pensamento. Estava junto de Deus e, no princípio, *era*. *Era*, porque a palavra que expressa o pensamento é eterna, quando quem pensa é eterno. Respondo-te em lugar de meu pescador, em poucas palavras, e vejamos como ele se defenderá na sua rusticidade. Por natureza, a palavra tem o poder de ser e, depois de pronunciada, o de ter sido. Somente é enquanto é ouvida. Como *no princípio era*, se não é nem antes do tempo, nem depois do tempo? E não sei se poderá existir no tempo. Pois a palavra dos que falam não existe antes de falarem e, quando tiverem falado, já não existirá; no momento em que falam, no final já não será a mesma coisa que quando começaram. Estas coisas me ocorrem, como a outros. Mas o pescador, por sua vez, fala de modo diferente e primeiro te censurará, porque ouviste com negligência, pois, se ouviste desatento, perdeste a primeira sentença: *No princípio era o Verbo*. Como perguntas pela seguinte: *E o Verbo estava junto de Deus?* Não terás acaso ouvido *em Deus* (e não *junto de Deus*), para aceites a palavra de um pensamento secreto? Ou ter-se-á enganado o rústico, sem perceber a importância da diferença entre *ser em* e *estar junto*? Não foi declarado que o que *era* no princípio estivesse em outro, mas sim, com outro. Nada pressuponho a partir do que foi dito antes. Deve-se considerar o que vem a seguir. Fica atento para o nome e a condição do Verbo. Pois diz: *O Verbo era Deus*. Não se trata, absolutamente, do som da voz ou da expressão do pensamento. O Verbo é uma realidade, não um som, é uma substância, não um modo de expressar-se, é Deus, não é um som vago.

16. Esta palavra me faz tremer. Esta linguagem inusitada me deixa inquieto: *E o Verbo era Deus* (Jo

1,1), pois os profetas anunciaram que existe somente um Deus. Para que não aumente o meu temor, explica-me, pescador, a economia de tão grande mistério. Relaciona estas coisas com a unidade de Deus, sem alterá-la, sem aboli-la, ou submetê-la ao tempo. Diz: *estava no princípio junto de Deus* (Jo 1,2). Se estava no princípio não é limitado pelo tempo. Se *era Deus*, não se trata de um som de voz. Se *estava junto de Deus*, então nada se altera nem se elimina, pois o seu ser não desaparece no outro, e se afirma que está junto do único Deus ingênito, do qual procede o único Deus unigênito.

17. Ainda esperamos de ti, Pescador, que nos dês a conhecer a plenitude do Verbo, pois certamente existia no princípio, mas pode não ter existido antes do princípio. Também aqui te digo algo, em lugar do meu Pescador. O que *era* não pode não ter sido, porque o fato de se dizer *era* não permite que não tenha sido em algum tempo. Mas que diz? *Por meio dele foram feitas todas as coisas* (Jo 1,3). Se nada existe sem Aquele por quem tudo começou, por quem foram feitas todas as coisas, então, Ele é infinito. O tempo indica distância, não quanto ao lugar, mas quanto à sucessão do que permanece. Como todas as coisas provêm dele, não há nada que não tenha sua origem nele. Logo, também o tempo procede dele.

18. Alguém pode dizer-te, porém, meu Pescador: “Neste ponto foste muito fácil e muito confuso. *Por meio dele foram feitas todas as coisas* (Jo 1,3) é uma afirmação que não supõe limite. Abrange o Ingênito, que não foi feito por ninguém, e o próprio Filho, gerado do Ingênito. A expressão *todas as coisas* não excetua ninguém, não deixa nada fora”. Quando já não ousamos dizer mais nada, ou talvez nos esforçamos por falar, aparece esta palavra: *nada foi feito sem Ele* (Jo 1,3). Falaste do Autor quando professaste ter um companheiro, pois, quando dizes que nada foi feito sem Ele, entendo que não foi só Ele que o fez, porque um é Aquele por meio do qual tudo foi feito, outro, Aquele sem o qual nada foi feito. Quando se fala de um e de outro, pode-se perceber uma alusão ao que intervém e ao que age.

19. Sentia-me preocupado por causa do Criador, que é Um e Ingênito, temendo que ao dizer *todas* não o excluísse. Mas ao dizer: *Nada foi feito sem Ele* (Jo 1,3) me tranqüilizaste. No entanto estou inquieto e perturbado por causa desta frase, pois existe algo que foi feito por outro, ainda que não sem Ele. Se algo foi feito por outro, embora não tenha sido feito sem Ele, todas as coisas não foram feitas por Ele, porque uma coisa é ter feito algo, outra diferente é intervir no que o outro fez. Não tenho aqui nada de meu a dizer, meu Pescador, como em outros lugares. Deves responder com tuas próprias palavras: *Por meio dele foram feitas todas as coisas*. O Apóstolo assim ensinou: *o visível e o invisível, Tronos, Soberanias, Principados, Autoridades, tudo foi criado por Ele e para Ele* (Cl 1,16).

20. Se tudo foi feito por meio dele, vem em nosso auxílio e conta-nos o que não foi feito sem Ele: *O que foi feito nele é a Vida* (Jo 1,3). Logo, o que foi feito nele não foi feito sem Ele, pois o que foi feito nele também foi feito por meio dele, visto que tudo foi criado por Ele e nele (cf. Cl 1,16). Foi criado nele porque nasceu como Deus Criador. Nada do que foi feito nele foi feito sem Ele, porque, nascendo Deus, era a Vida. Como era a Vida, não pode ter sido feito Vida depois de nascer, visto que nele não há diferença entre aquilo com que nasceu e aquilo que recebeu depois de nascer. Não há nele sucessão temporal entre o nascimento e o crescimento. Nada do que se fazia nele se fazia sem Ele, porque a Vida é o que se fazia, e Deus nascido de Deus existe como Deus pelo fato de nascer, não adquire tal condição depois de ter nascido. Ao nascer como Vivente do Vivente, Verdadeiro do Verdadeiro, Perfeito do Perfeito, não nasceu sem o poder que lhe corresponde pelo nascimento, nem percebeu seu nascimento depois de ter nascido. Sabia que era Deus por ter nascido Deus de Deus. Por isso, é Unigênito do Ingênito. Por isso: *Eu e o Pai somos um* (Jo 10,30). Por isso, na confissão do Pai e do Filho, confessamos um só Deus. Por isso o Pai está no Filho, e o Filho, no Pai. Por isso, *quem me vê,*

vê também o Pai (Jo 14,9). Por isso o Pai deu ao Filho tudo o que tem. Por isso, *como o Pai tem a vida em si mesmo, deu ao Filho ter a vida em si mesmo* (Jo 5,26). Por isso, *ninguém conhece o Filho senão o Pai, e ninguém conhece o Pai senão o Filho* (Mt 11,27). Por isso, *nele habita a plenitude da divindade corporalmente* (Cl 2,9).

21. Esta Vida é a luz dos homens, esta Luz ilumina as trevas. Para consolar-nos da impossibilidade de descrever a geração de que fala o Profeta (cf. Is 56,8), o Pescador acrescentou: *E as trevas não a compreenderam* (Jo 1,5). Aqui termina nossa possibilidade de falar e não se sabe para onde ir. O Pescador aprendeu estas coisas repousando sobre o peito do Senhor. Esta não é a linguagem do mundo, porque este discurso não pertence ao mundo. Se o sentido destas palavras for outro, diferente do que apresentamos, é preciso que nos provem isto. Se há outros nomes que indiquem a natureza do Filho, conforme explicamos, que se apresentem. Porém, se não houver outros, admiremos, por isso mesmo, a doutrina do Pescador, sabendo que nela está a Palavra de Deus, e proclamemos e adoremos o Pai e o Filho, o Ingênito e o Unigênito, como mistério inefável que supera toda a nossa palavra e entendimento. Como João, repousemos sobre o peito do Senhor, para poder entender estas coisas e falar sobre elas.

22. A integridade da nossa fé é confirmada, não só pela autoridade do Evangelho e doutrina dos Apóstolos, como pela inútil fraude dos hereges, que causa tumulto por toda parte em redor de nós. Permanece, no entanto este fundamento sólido e imóvel contra todos os ventos, chuvas, torrentes, não podendo ser arrastado pelo vento, nem inundado pelas águas, nem submergir com as inundações. É muito bom aquele que, atacado por muitos, não pode ser derrubado por ninguém. Certos tipos de remédio são preparados de tal modo, que são úteis, não somente para tratar determinadas doenças, mas para curar todas elas. Têm em si o poder de tratar todas, em geral. Também a fé católica oferece remédio, não para cada doença, mas para todas. Nenhum mal pode enfraquecê-la. Não pode ser derrotada por um grande número de males, nem pode ser iludida pela sua variedade. Permanece uma e a mesma, resiste a cada uma das heresias e a todas elas em conjunto. Nela só, encontram-se tantos remédios quantas são as doenças, e haverá tantos ensinamentos verdadeiros quantos forem os erros dos que a atacam. Juntem-se todos os nomes dos hereges e apresentem-se todas as suas escolas. Ouçam que só há um Deus Pai ingênito e um só Filho unigênito do Pai, perfeito, que não foi gerado por diminuição, nem separado, como uma parte é separada do todo. Aquele que tudo possui gerou Aquele que recebe tudo. Ele não saiu do Pai como uma emanção ou como algo que dele flui, mas nasceu, em tudo e por tudo, daquele que nunca deixa de estar em tudo aquilo em que está. É livre do tempo e do século; por meio dele todas as coisas foram feitas. Não poderia ter sido criado no tempo que foi instituído por Ele. Nisto consiste a profissão da fé católica e apostólica fundada nos Evangelhos.

23. Atreva-se Sabélio a afirmar que o Pai e o Filho são o mesmo e que este mesmo recebe dois nomes. Sendo ambos *um (uma só Pessoa)* e não *um só (uma só Natureza)*. Ouvirá logo os Evangelhos, não uma ou duas vezes, mas freqüentemente: *Este é o meu Filho amado em quem tenho meu prazer* (Mt 17,5). Ouvirá também: *O Pai é maior do que eu* (Jo 14,28), e também: *Eu vou para o Pai* (Jo 14,12); *Pai, eu te dou graças* (Jo 11, 41); *Pai, glorifica-me* (Jo 17,5), e *Tu és o Filho do Deus vivo* (Mt 16,16). Insinue-se Ebion, atribuindo a origem do Filho de Deus ao seu nascimento de Maria, e entendendo que o Verbo começou a existir nos dias de sua carne. Releia: *Pai, glorifica-me junto a ti com aquela glória que tinha junto de ti antes que o mundo existisse* (Jo 17,5); *No princípio era o Verbo, e o Verbo estava junto de Deus, e o Verbo era Deus* (Jo 1,1); *Por meio dele foram feitas todas as coisas* (Jo 1,3); *Estava no mundo e o mundo foi feito por Ele, e o mundo não o conheceu* (Jo 1,10). Apareçam novos

apostolados, segundo o anticristo, pregadores, que zombam do Filho de Deus com todas as injúrias e ouçam: *Eu saí do Pai* (Jo 16,28); *O Filho no seio do Pai* (Jo 1,18); *Eu e o Pai somos Um* (Jo 10,30), e: *Eu estou no Pai, e o Pai, em mim* (Jo 14,11). Por último, junto com os judeus, irrite-se porque Cristo, afirmando ter a Deus como Pai, se fez igual a Deus e, junto com eles, ouçam: *pelas minhas obras, crede que o Pai está em mim, e eu no Pai* (Jo 14,11). Portanto, é uno este inabalável fundamento, una esta afortunada pedra da fé, confessada pela boca de Pedro: *Tu és o Filho de Deus vivo* (Mt 16,16). Esta confissão contém em si tantos argumentos da verdade quantas questões de perversidade e calúnias de infidelidade foram levantadas.

24. A economia da vontade paterna se manifesta em outras coisas: a Virgem, o parto, o corpo; depois, a cruz, a morte, o reino dos mortos, a nossa salvação. Por causa do gênero humano, o Filho de Deus nasceu da Virgem e, pelo Espírito Santo, atuando Ele mesmo nesta obra, isto é, pela virtude de Deus, cobrindo-a com sua sombra, implantou os inícios de seu corpo e instituiu o princípio da vida na carne, para que, feito Homem, pela Virgem, recebesse a natureza da carne e, por esta união, o corpo de todo o gênero humano fosse santificado, a fim de que, assim como todos nele foram assumidos, por ter querido ter um corpo, também a todos, Ele próprio se desse, por aquilo que nele é invisível. Por isso a imagem de Deus invisível não recusou a humildade do início humano, e pela concepção, parto, vagido, berço, passou por todas as nossas limitações.

25. Que daremos então em resposta a tão grande misericórdia? O único Deus unigênito, nascido de Deus de modo inefável, na forma de um corpinho humano, cresceu inserido no seio da santa Virgem. Aquele que tudo contém, e dentro de quem e por meio de quem tudo existe, segue a lei do nascimento humano; aquele a cuja voz os anjos tremem, o céu, a terra e todos os elementos deste mundo se dissolvem, é ouvido no vagido da criança. Aquele que é invisível e incompreensível, que não pode ser alcançado pela vista, sentidos e tato, cabe num berço. Se alguém considera em sua mente serem estas coisas indignas de Deus, tanto mais se confessará devedor de maior benefício, quanto menos forem conformes à majestade de Deus. Não tinha necessidade de se tornar Homem Aquele por quem o homem foi feito, mas nós tivemos necessidade de que Deus se fizesse carne, e habitasse em nós, isto é, pela assunção da carne de um só corpo, habitasse no íntimo de toda a carne. Sua humilhação nos nobilita, seu rebaixamento é nossa honra; porque, vivendo Deus na carne, nós, por nossa vez, em Deus somos renovados pela carne.

26. Como talvez os pensamentos de mentes escrupulosas hesitem diante do berço, vagidos, parto e concepção, deve-se ter presente em cada uma destas coisas a devida dignidade de Deus. É preciso considerar que a humildade voluntária precede o magnífico poder, e que, por outro lado, a honra não faz desaparecer a condescendência. Vejamos os benefícios da concepção. O anjo fala a Zacarias, traz a fecundidade à estéril; o sacerdote sai do mundo do altar, do incenso, e João, ainda no seio da mãe, fala. O anjo bendiz Maria e é prometido à Virgem ser a Mãe do Filho de Deus. Esta, cônica da dificuldade de sua virgindade, se comove, e o anjo expõe a eficácia da obra divina, dizendo: *O Espírito Santo virá sobre ti, e a virtude do Altíssimo te cobrirá com sua sombra* (Lc 1,35). O Espírito Santo, vindo sobre a Virgem, santificou seu íntimo, e, nele inspirando, *porque o Espírito sopra onde quer* (Jo 3,8), uniu-se à natureza da carne humana e assumiu o que era estranho a si, por sua virtude e poder e, para que nada, por fraqueza do corpo humano, estivesse em dissonância, a virtude do Altíssimo cobriu com sua sombra a Virgem, fortificando sua fraqueza e circundando-a como uma sombra, a fim de que a proteção da divina virtude preparasse a substância corporal para a eficácia generativa do Espírito que nela entrava. É esta a dignidade da concepção.

27. Vejamos a dignidade que acompanha o parto, o vagido, o berço. O anjo diz a José que a Virgem

dará à luz e que o que vai nascer deverá ser chamado Emanuel, isto é, Deus conosco. O Espírito proclama pelo Profeta (cf. Is 7,14), o anjo dá testemunho, *Deus conosco* é aquele que vai nascer. Do céu mostra-se aos Magos a nova luz de uma estrela, e o sinal celeste acompanha o Senhor do céu (cf. Mt 2,2.9). O anjo anuncia aos pastores o nascimento de Cristo, o Senhor, salvação de todos. A multidão do exército celeste acorre em louvor do recém-nascido, e os coros divinos proclamam com hinos o gáudio de tão grande obra. Em seguida se proclama: *Glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens por Ele amados* (Lc 2,14). A seguir aparecem os Magos e adoram o que está envolto em panos. Depois de se terem dedicado aos arcanos de sua vã ciência, dobram os joelhos diante do berço (cf. Mt 2,11). Assim, pelos Magos, os panos sujos do berço são reverenciados, assim o vagido é honrado pelo gáudio dos anjos, assim é honrado o nascimento pelo Espírito, que o proclama por meio do Profeta, pelo anjo que anuncia, pela estrela de nova luz. Assim, vindo o Espírito Santo, e a virtude do Altíssimo cobrindo com sua sombra, realizam o princípio do nascimento. Os olhos vêem uma coisa, outra se contempla com o espírito. A Virgem dá à luz; o parto vem de Deus. O menininho choraminga, os anjos ouvem louvando. As roupas ficam sujas, Deus é adorado. Deste modo, a nobreza do poder não se perde, quando é adotada a humildade da carne.

28. O mesmo aconteceu no decorrer do tempo. Todo o tempo em que viveu como homem, realizou as obras de Deus. O tempo não permite falar de cada uma destas obras; apenas deve-se prestar atenção ao fato de que, em todos os gêneros de milagres e curas, Ele era Homem pela assunção da carne e mostrava ser Deus pelas obras que realizava.

29. A respeito do Espírito Santo, não convém calar-se nem é necessário falar; mas, por causa dos que não o conhecem, não é possível calar. De fato, não é necessário falar sobre Ele, a quem o Pai e o Filho consideram digno de ser louvado. Julgo que, na verdade, não se deve pesquisar se existe. Pois Ele existe, uma vez que é dado, recebido, obtido. Se está unido à confissão do Pai e do Filho, não pode ser separado da confissão do Pai e do Filho, pois, para nós, imperfeito é um todo, se algo falta a este todo. Se alguém perguntar qual é o nosso parecer sobre Ele, leiamos no Apóstolo ambas as coisas: *Porque sois filhos de Deus, enviou Deus o Espírito de seu Filho a nosso coração a clamar: Abba, Pai* (Gl 4,6). E ainda: *Não contristeis o Espírito Santo de Deus, no qual sois assinalados* (Ef 4,30). E de novo: *Nós, porém, não recebemos o espírito deste mundo, mas o Espírito que vem de Deus, para que saibamos o que por Deus nos foi dado* (1Cor 2,12). E mais: *Vós, porém, não estais na carne, mas no Espírito; se realmente o Espírito de Deus está em vós. Se alguém não possui o Espírito de Cristo, este não é dele* (Rm 8,9). E: *Se, porém, seu Espírito, que ressuscitou Cristo dos mortos, habita em vós, Aquele que ressuscitou Cristo dos mortos vivificará também vossos corpos mortais por causa do seu Espírito que habita em vós* (Rm 8,11). E já que Ele existe, é dado e é possuído, e é de Deus; cale-se toda palavra dos caluniadores. Quando perguntam por quem Ele existe, para que existe e quem é, se nossa resposta desagradar ao dizer que vem à existência por Aquele por meio de quem foram feitas todas as coisas e que provém daquele do qual tudo procede, e que, porque é o Espírito de Deus, foi dado aos fiéis, estarão desagradando não só os Apóstolos e Profetas, que sobre Ele falaram, como também o Pai e o Filho.

30. Julgo que alguns permanecem na ignorância e na ambigüidade pelo motivo de ser este o terceiro, isto é, porque quando se nomeia o Espírito Santo, freqüentemente trata-se de uma referência ao Pai e ao Filho. Nada de escrúpulo quanto a isto: o Pai, como o Filho, é Espírito e é Santo.

31. Deve-se estudar com cuidado o que se lê nos Evangelhos: *Deus é Espírito* (Jo 4,24), para se entender por que motivo isto foi dito. Existe uma razão para tudo o que se diz, e seu sentido deve ser explicado pela razão pela qual é dito, para que não aconteça que, sendo a resposta do Senhor: *Deus é*

Espírito, negue-se, não só o nome do Espírito Santo, mas também sua possessão e seu dom. O Senhor falava com a Samaritana, pois chegara a redenção do mundo todo. Depois de muito falar sobre a água viva, os cinco maridos, e aquele que, agora, não era seu (cf. Jo 4,20), respondeu-lhe a mulher: *“Senhor, vejo que és profeta. Nossos pais adoraram sobre este monte, e vós dizeis que é em Jerusalém que se deve adorar”*. Disse-lhe Jesus: *“Mulher, crê-me que é chegada a hora em que não adorareis o Pai nem neste monte, nem em Jerusalém. Vós adorais o que não conheceis; nós adoramos o que conhecemos, porque dos judeus é que vem a salvação. Mas vem a hora, e já chegou, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e verdade. Porque é a esses adoradores que o Pai procura. E em espírito e verdade é que devem adorar os que o adoram, porque Deus é Espírito”* (Jo 4,21-24). A mulher, bem lembrada da tradição dos pais, julgava que se deveria adorar no monte, na Samaria, ou no Templo, em Jerusalém. Samaria, pela transgressão da Lei, escolhera o monte para adorar a Deus, mas os judeus consideravam o Templo construído por Salomão o lugar da religião. Tinham os judeus e os samaritanos uma opinião errada, pretendendo conter no cimo do monte ou dentro de um edifício aquele Deus em quem tudo está contido e que não pode ser contido por nada que esteja fora dele. Porque Deus é invisível, incompreensível e imenso, o Senhor disse já ter chegado o tempo em que, nem no monte, nem no Templo, deveria ser adorado, *porque Deus é Espírito*, e o Espírito não pode ser circunscrito nem retido, porque, pela sua natureza, está em toda parte, e não deixa de estar em parte alguma, transbordando em todas as coisas. Por conseguinte, são verdadeiros adoradores aqueles que não de adorar em Espírito e verdade. Para os que vão adorar no Espírito o Deus Espírito, o primeiro terá uma função, o segundo receberá a honra, porque Aquele que há de ser adorado não é o mesmo que Aquele no qual é adorado. Não se negará ao Espírito Santo nem o nome nem o dom, porque foi dito: *Deus é Espírito*. A resposta dada à mulher que encerrava Deus no monte e no templo é que tudo é em Deus, e Deus é em si mesmo. Sendo invisível e incompreensível, Deus deve ser adorado no que é invisível e incompreensível. Deste modo é indicada a natureza do dom e da honra, quando se ensina que o Deus Espírito deve ser adorado no Espírito; e a liberdade e o conhecimento dos adoradores e a infinidade do Adorado se mostram quando, no Espírito, Deus Espírito é adorado.

32. São semelhantes a estas as palavras do Apóstolo: *O Senhor é Espírito, e onde está o Espírito do Senhor, aí está a liberdade* (2Cor 3,17). Estabeleceu uma distinção entre *o que é* e *o que é dele*, para permitir a compreensão, do que foi enunciado, pois *ter* e *ser tido* não significam a mesma coisa, e *ele* e *dele* não têm o mesmo sentido. Por isso, ao dizer *o Senhor é Espírito*, mostrou a infinitude de sua natureza; quando acrescenta: *Onde está o Espírito do Senhor, aí está a liberdade*, indicou Aquele que é dele, porque o Senhor é Espírito, e onde está o Espírito do Senhor aí está a liberdade. Isto se diz, não porque seja necessário, mas para que nada permaneça obscuro. O Espírito Santo é um em toda parte, iluminando os Patriarcas, os Profetas e todo o coro da Lei. Foi Ele também que inspirou a João no seio materno. Foi concedido em seguida aos Apóstolos e aos outros fiéis, para o conhecimento daquela verdade que lhes foi dada.

33. Qual seja sua ação em nós, ouçamos pelas próprias palavras do Senhor: *Tenho ainda muito a vos dizer, mas agora não podeis compreender* (Jo 16,12). *É bom para vós que eu vá; se eu for, enviarei a vós outro Advogado* (Jo 16,7). *Rogarei ao Pai, e vos enviará um outro Advogado para que permaneça convosco para sempre, o Espírito da verdade* (Jo 14,16-17). *Ele vos conduzirá à verdade plena, pois não falará de si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido e vos anunciará as coisas futuras. Ele me glorificará porque receberá do que é meu e vos anunciará* (Jo 16,13-14). Estas coisas, tiradas de muitos lugares, foram ditas para abrir caminho ao entendimento. Nelas está contida a vontade do

Doador e o sentido e a condição do Dom. Visto que nossa fraqueza não pode alcançar nem o Pai nem o Filho, o dom do Espírito, com sua intercessão, ilumina nossa difícil fé na encarnação de Deus.

34. Devemos agora escutar o Apóstolo explicar o poder e a função deste Dom. *Todos que são conduzidos pelo Espírito de Deus são filhos de Deus. Com efeito, não recebestes um espírito de escravidão para recair no temor, mas recebestes o Espírito de adoção no qual clamamos: Abba, Pai* (Rm 8,14-15). Diz ainda: *Eu vos declaro que ninguém falando com o Espírito de Deus diz: “anátema seja Jesus”, e ninguém pode dizer: “Jesus é o Senhor” a não ser no Espírito Santo* (1Cor 12,3). E ainda: *Há diversidade de dons, mas o Espírito é o mesmo; diversidade de ministérios, mas o Senhor é o mesmo; diversos modos de ação, mas é o mesmo Deus que realiza tudo em todos. Cada um recebe o dom de manifestar o Espírito para utilidade de todos. A um o Espírito dá a mensagem da sabedoria; a outro, a palavra da ciência segundo o mesmo Espírito; a outro, o mesmo Espírito dá a fé; a outro ainda o único e mesmo Espírito concede o dom da cura; a outro, o poder de fazer milagres; a outro, a profecia; a outro, o discernimento dos espíritos; a outro, o dom de falar em línguas; a outro ainda, o dom de interpretá-las. Mas, isso tudo é o único e mesmo Espírito que o realiza* (1Cor 12,4-11). Temos, portanto, a origem desses dons, temos seus efeitos e não sei que dúvida pode haver a respeito dele, estando clara sua origem, sua realidade, seu poder.

35. Usemos os dons a nós oferecidos tão generosamente e peçamos para aproveitar o mais possível estes dons necessários. O Apóstolo, como mostramos acima, diz: *Quanto a nós, não recebemos o espírito deste mundo, mas o Espírito que vem de Deus, a fim de conhecermos os dons da graça de Deus* (1Cor 2,12). O Espírito é recebido para o conhecimento. O corpo humano seria inútil se faltasse o que o faz funcionar, pois os olhos não serviriam para nada se não houvesse luz ou dia, os ouvidos de nada serviriam se não fossem emitidos sons e ruídos, o nariz, também não, se não sentisse os odores. Isto não seria uma deficiência da sua natureza, porque os sentidos têm necessidade de ser estimulados por aquilo em vista do que existem. Também a alma humana, se não receber o Dom do Espírito pela fé, terá a possibilidade de conhecer a Deus, mas não terá a luz do conhecimento. O Dom, que está em Cristo, sendo um, é inteiramente disponível para todos. E, como está em toda parte, se dá a cada um na medida em que queira recebê-lo, habita em nós na medida em que cada um queira merecê-lo. Ele estará conosco até o fim do mundo; Ele nos consola na nossa espera; Ele é o penhor da esperança futura. Pela ação de seus dons, Ele é a luz das mentes e o esplendor das almas. Este Espírito Santo deve ser pedido, deve ser merecido e depois deve ser conservado pela fé e observância dos preceitos.

LIVRO TERCEIRO

1. Parece obscura, para muitos, a palavra do Senhor: *Eu estou no Pai, e o Pai em mim* (Jo 14,11), pois a inteligência humana, por sua própria natureza, não é capaz de entender o seu significado. Parece impossível que aquele que está em outro seja ele mesmo, fora do outro. É necessário que aqueles de que se trata não existam como solitários, pois, pela conservação de seu número e do estado em que existem, não poderiam conter um ao outro. Aquele que tem o outro dentro de si e continua sendo exterior em relação ao que tem no seu interior, não pode estar no interior dele. O bom senso não o aceita, e comparações humanas não podem servir de exemplo quando se trata das coisas divinas. O que é ininteligível para o homem é, porém, possível para Deus. Isto não é dito por mim como se bastasse a autoridade, isto é, o fato de ter Deus afirmado tais coisas, para fazer-nos entender estas palavras. Devemos entender o: *Eu estou no Pai, e o Pai em mim*, se tivermos a capacidade de compreendê-lo, como é na verdade, de modo tal que, ao raciocinar com base na verdade divina, consigamos atingir aquilo que não pertence à natureza das coisas.

2. Para podermos alcançar mais facilmente a compreensão desta questão difícil, é preciso conhecer antes o Pai e o Filho, segundo a doutrina das divinas Escrituras. A demonstração se tornará mais simples, por referir-se a nomes conhecidos e familiares. A eternidade do Pai, como mostramos no livro anterior, transcende lugares, tempos, forma e tudo quanto o intelecto humano possa conceber. Ele está fora de tudo e em tudo; abrangendo tudo, nada o pode abranger. Não muda, por crescimento ou decréscimo. É invisível, incompreensível, pleno, perfeito, eterno, não recebe de fora o que é e se basta a si mesmo, para assim permanecer.

3. Este Pai Ingênito, existindo antes de todo tempo, de si mesmo gerou o Filho, não a partir de alguma matéria preexistente, pois tudo existe por meio do Filho, não do nada, porque gerou o Filho de si mesmo, não por um parto, porque em Deus nada é sujeito à mudança nem é vazio, não como uma parte de si, dividida, partida, ou estendida, porque Deus é impassível e incorpóreo e estas coisas pertencem à paixão e à carne, e, segundo o Apóstolo, *em Cristo habita toda a plenitude da divindade corporalmente* (Cl 2,9). Gerou o Unigênito, de modo incompreensível e inenarrável, antes de todos os tempos e séculos, daquilo que em si era ingênito, dando-lhe, pelo amor e poder do nascimento, tudo o que Deus é. Vindo do Pai ingênito, perfeito e eterno, o Filho é unigênito, perfeito e eterno. Tudo o que é dele, segundo o corpo que assumiu, é conseqüência de sua benevolência, para nossa salvação. Sendo invisível, incorpóreo e incompreensível, já que gerado por Deus, recebeu em si a nossa humilde matéria, para permitir à nossa fraqueza compreendê-lo, senti-lo e enxergá-lo, por condescender com nossa debilidade, mas sem perder aquilo que era.

4. Por conseguinte, o Filho perfeito do Pai perfeito, unigênita progênie do Deus ingênito, que recebe tudo daquele que tudo tem, Deus de Deus, Espírito do Espírito, luz da luz, com toda confiança diz: *O Pai está em mim, e eu no Pai*. Porque, como o Pai é Espírito, assim também o Filho é Espírito, como o Pai é Deus, o Filho é Deus, como o Pai é luz, o Filho é luz. O que o Filho tem, provém do que é do Pai, isto é, de todo o Pai, nasceu todo o Filho; não de outra parte, porque nada existiu antes do Filho, não do nada, porque é Filho; não em parte, porque a plenitude da divindade está no Filho, não em alguns aspectos, mas em tudo, como quis quem pôde, como sabe quem gerou. O que há no Pai, o mesmo há no Filho; o que há no Ingênito, o mesmo há no Unigênito; um procede do outro e ambos são Um. Os dois não são o mesmo, mas um está no outro, porque não há outra coisa diferente em um e outro. O Pai está no Filho, porque o Filho nasceu dele, o Filho está no Pai, porque não lhe vem de outra parte o ser Filho, o Unigênito está no Ingênito, porque o Unigênito vem do Ingênito. Estão um no outro

porque, como tudo no Pai ingênito é perfeito, tudo o Filho unigênito é perfeito. É esta a unidade no Filho e no Pai, é esta a força, este o amor, esta a esperança, esta a fé, esta a verdade, o caminho, a vida: não diminuir Deus em seus poderes, nem, pela secreta e poderosa natividade, inferiorizar o Filho, nada comparar ao Pai ingênito, não separar do Pai, nem pelo tempo nem pelo poder, o Unigênito, professar que o Filho é Deus porque vem de Deus.

5. Existem em Deus tais poderes, que são incompreensíveis para a nossa inteligência racional. A fé, porém, é assegurada pela realidade dos seus efeitos. Nós o notamos, não apenas no que é espiritual, mas também em coisas corporais. Tais coisas não foram mostradas como exemplo do que é a natividade, mas para que possamos admirar um fato inteligível. No dia das núpcias, na Galiléia a água se tornou vinho (cf. Jo 2,9). Será que nossa palavra ou nossos sentidos alcançarão o modo pelo qual a natureza foi mudada, a simplicidade da água desapareceu e nasceu o sabor do vinho? Não foi mistura, mas criação, uma criação que não consistiu em fazer que alguma coisa começasse a existir, mas em transformar uma coisa em outra. Não foi obtida pela transfusão do mais forte no mais fraco, mas, tendo anulado o que era, fez começar a ser o que não era. O noivo está triste, perturbada a família, posta em risco a solenidade do banquete nupcial. Roga-se a Jesus; não se levanta, não se apressa, realiza sua obra enquanto permanece tranqüilo. Põe-se água nas ânforas, com os cálices tira-se o vinho. Não coincidem os pensamentos dos que põem a água e dos que tiram o vinho. Os que derramam água acreditam que se tira água, os que tiram vinho pensam que se põe vinho. O tempo entre uma coisa e outra não permite que a natureza de um líquido nasça e pereça a de outro. O modo como acontece engana a vista e a inteligência, mas no que foi feito experimenta-se a força de Deus.

6. Em relação aos cinco pães, o que se deu não foi menos admirável (cf. Mt 14,17). Por sua multiplicação, cinco mil homens e inúmeras mulheres e meninos mataram a fome. Escapa ao nosso olhar e entendimento a compreensão do fato. Cinco pães são oferecidos e partidos. Vão nascendo, nas mãos do que parte, mais pedaços; não diminui o pão de onde são partidos, no entanto, os pedaços enchem sempre a mão do que parte. Os movimentos enganam a vista. Enquanto segues uma das mãos cheia de pedaços, enxergas a outra com a porção sem diminuição. Entre elas, o monte dos pedaços cresce. Os que partem estão em seu trabalho, os que comem, na sua ocupação, os famintos são saciados, as sobras enchem doze cestos. O pensamento e a vista não conseguem acompanhar o progresso de uma operação tão visível. Há o que não havia, vê-se o que não se entende, só resta crer que Deus pode tudo.

7. O que é divino não precisa da lisonja. Deus não se abaixa para agradar ou enganar. Estas obras do Filho de Deus não brotam do desejo de adulação, pois Aquele a quem inumeráveis milhões de anjos servem não precisa da lisonja do homem. Que falta pode fazer o que é nosso a Ele, de quem vem tudo o que é nosso? Será que solicita de nós a honra, de nós que estamos ora embrutecidos pelo sono, ora cansados pelas festas noturnas, ora sentindo-nos culpados depois das rixas e lutas do dia, ora embriagados depois de banquetes, Ele a quem os Arcanjos e as Dominações, os Principados e as Potestades, sem sono, sem preocupação, sem crime, com eternas e incansáveis vozes, louvam no céu? Louvam-no porque Ele, imagem do Deus invisível, a todos criou em si, fez os tempos, firmou o céu, distinguiu os astros, fundou a terra, cavou os profundos abismos e, depois de ter nascido Homem, venceu a morte, quebrou as portas do inferno, adquiriu para si um povo co-herdeiro, transportou, tendo vencido a corrupção, a carne para a glória da eternidade. De nada necessita, portanto, para que o louvemos pelas ações inenarráveis e estupendas realizadas entre nós, como se lhe fizessem falta os louvores. O Deus providente conhece nossa maldade e estultice, cuja infidelidade chega ao ponto de reclamar para si o juízo sobre as ações de Deus, e vence, por meio de exemplos, nossa audácia a

respeito de coisas que não sabemos.

8. Existem muitos prudentes segundo o mundo, cuja prudência diante de Deus é estultice. Ao ouvirem que Deus vem de Deus, o Verdadeiro do Verdadeiro, o Perfeito do Perfeito, o Único do Único, contradizem o que pregamos, como se fosse impossível, apoiando-se em certas coleções de sentenças, que dizem: *Nada pode nascer de um só, porque todo nascimento vem de dois. Se o Filho nasceu de um só, recebeu uma parte daquele que gerou. Se é parte, nenhum dos dois é perfeito, pois falta uma parte àquele do qual se separou. Não haverá nele plenitude, já que consiste em uma porção. Nenhum dos dois é perfeito, pois o que gerou perde sua plenitude, sem que o que nasceu a obtenha.* Esta é a sabedoria do mundo, condenada pelo Deus providente, mediante o Profeta, que diz: *Perderei a sabedoria dos sábios e reprovarei a inteligência dos prudentes* (Is 29,14). Também diz o Apóstolo: *Onde está o sábio? Onde está o homem culto? Onde o argumentador deste século? Deus não tornou louca a sabedoria deste século? Com efeito, visto que o mundo por meio da sabedoria não reconheceu a Deus na sabedoria de Deus, aprouve a Deus, pela loucura da pregação, salvar aqueles que crêm. Os judeus pedem sinais, e os gregos buscam a sabedoria; nós, porém, anunciamos Cristo Crucificado, escândalo para os judeus, para os gentios loucura, mas para aqueles que são chamados, tanto judeus como gregos, é Cristo, poder de Deus e sabedoria de Deus. Pois o que é loucura de Deus é mais sábio do que os homens, e o que é fraqueza de Deus é mais forte do que os homens* (1Cor 1,20-25).

9. Com grande solicitude pelo gênero humano, o Filho de Deus fez-se Homem, primeiramente para que crêssemos nele, para dar-nos testemunho das coisas divinas. Assumiu aquilo que é nosso para pregar a Deus a nós, carnis e fracos, por meio da fraqueza da carne, realizando em si mesmo a vontade de Deus Pai, conforme disse: *Não vim fazer a minha vontade, mas a vontade daquele que me enviou* (Jo 6,38). Isto não significa que Ele não quisesse fazer a vontade do Pai, mas revela estar sua obediência dirigida à vontade paterna, querendo Ele mesmo realizar a vontade do Pai. Testifica sua vontade de cumprir a vontade do Pai ao dizer: *Pai, chegou a hora, glorifica teu Filho, para que teu Filho te glorifique; e que pelo poder que lhe deste sobre toda carne, Ele dê a vida eterna a todos os que lhe deste. Pois a vida eterna é esta: que eles te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e aquele que enviaste, Jesus Cristo. Eu te glorifiquei na terra, concluí a obra que me encarregaste de realizar. Agora, glorifica-me, Pai, junto de ti, com aquela glória que tinha contigo antes que o mundo existisse. Manifestei o teu nome aos homens que me deste* (Jo 17,1-6). Com breves palavras expôs todo o seu ministério e a ação salvífica, fortalecendo a verdade da fé contra toda inspiração da fraudulência diabólica. Examinemos agora a força de cada palavra sua.

10. Disse Ele: *Pai, chegou a hora, glorifica teu Filho para que teu Filho também te glorifique.* Não diz ter chegado o dia, nem o tempo, mas a hora. Hora é uma parte do dia. Qual será esta hora? Na verdade, aquela da qual disse, no momento da paixão, para confirmar os discípulos: *Eis que vem a hora em que será glorificado o Filho do Homem* (Jo 12,23). Esta é, portanto, a Hora, em que roga para ser glorificado pelo Pai, a fim de que o Pai seja glorificado por Ele. Mas que significa isto? Aquele que há de ser glorificado espera ser glorificado, o que há de prestar honra pede a honra. Falta-lhe aquilo que, por sua vez, concederá? Acorram os sofistas do mundo e os sábios da Grécia! Enredem a verdade com seus silogismos. Indaguem como, donde, quando, por que motivo. E, na dúvida, escutem: *O que é loucura no mundo Deus o escolheu* (1Cor 1,27). Portanto, em nossa loucura, entendamos o que é ininteligível para os sábios do mundo. Disse o Senhor: *Pai, chegou a hora*; mostrou a hora da paixão, pois falou disso no mesmo momento e acrescentou: *Glorifica teu Filho.* Como iria ser glorificado o Filho? Nascido da Virgem, desde o berço e a infância chegara a homem feito; pelo sono, fome, sede, cansaço, lágrimas, vivera como homem; também agora iria ser cuspidos, flagelado, crucificado. Que

quer dizer isto? Estas coisas atestavam para nós que era Homem. Mas não somos confundidos pela cruz, não somos condenados pelos flagelos, não nos sujamos com os escarros. O Pai glorifica o Filho. De que modo? Na verdade, pregado na cruz. O que acontece depois? O sol não se põe, mas esconde-se. Por que te digo ter-se escondido? Não foi envolvido por nuvem, mas saiu de seu curso. E, com ele, todos os outros elementos do mundo sentiram sua morte e, para que neste crime não houvesse nenhuma participação dos corpos celestes, fugiram da necessidade de estar presentes, quase diríamos que se apagando. Mas a terra, o que fez? Ao peso do Senhor pendente no lenho tremeu, dentro de si, mostrando que Aquele que estava morrendo não cabia no seu seio. Será que as rochas e penhascos vão conceder-lhe um lugar? As rochas se fendem, perdem sua natureza, declaram não poder o sepulcro fendido por si mesmo conter o corpo que devia ser enterrado.

11. E que mais? O centurião da coorte e guarda da cruz também proclama: *Verdadeiramente este era Filho de Deus* (Mt 27,54). A criatura é libertada da participação neste pecado, as pedras não conservam sua firmeza e força, aqueles que o pregaram na cruz proclamam que é o verdadeiro Filho de Deus. O que aconteceu depois concorda com o louvor. O Senhor dissera: *Glorifica teu Filho*. Declarara ser Filho, não só pelo nome, mas também pela natureza, ao dizer *teu*, pois nós, que somos muitos, somos filhos de Deus, mas não como este Filho. Este é o verdadeiro e próprio Filho, pela origem, não por adoção nem pelo nome; pela natividade, não por criação. Portanto, depois de sua glorificação, seguiu-se a profissão da verdade. O centurião confessa o verdadeiro Filho de Deus, não acontecesse duvidar algum dos crentes daquilo que um dos perseguidores não negou.

12. Talvez se creia que o Filho carecesse da glorificação que pedia e se mostrasse fraco, por esperar, de alguém mais forte, a glorificação. E quem não confessará ser o Pai superior, como o ingênito ao gerado, como pai ao filho, como o que enviou ao que foi enviado, como o que tem vontade ao que obedece? Ele dará seu testemunho: *O Pai é maior do que eu* (Jo 14,28). Estas coisas devem ser entendidas como são, mas com cuidado, a fim de que, para os ignorantes, a honra do Pai não diminua a glória do Filho. A glorificação pedida não admite diminuição, por isso, tendo dito: *Pai, glorifica teu Filho*, acrescenta: *para que teu Filho te glorifique*. Portanto, o Filho não é fraco, visto que, ao ser glorificado, por sua vez, glorificará. Mas, se não é fraco, por que pede? Quem pede, pede aquilo de que carece. Acaso também será fraco o Pai? Ou, aquilo que tem de tal forma prodigalizou que lhe deve ser dada de novo a glória pelo Filho? Nem Este carece, nem Aquele deseja; no entanto, um dará glória ao outro. Por conseguinte, o pedido de glorificação a ser dada e retribuída não priva o Pai de nada nem enfraquece o Filho; mostra a força da mesma divindade em ambos, quando não só o Filho pede ao Pai para ser glorificado, mas também ao Pai não é recusada a glória pelo Filho. A unidade do poder no Pai e no Filho se mostra pela reciprocidade da glória a ser dada e retribuída.

13. É preciso que se saiba o que é esta glória, e de quem procede. Na minha opinião, Deus não é mutável e, na eternidade, não existe carência, necessidade de emenda, progresso ou dano. É peculiar a Deus ser sempre aquilo que é. Aquele que sempre é não pode, por natureza, em tempo algum, deixar de ser. Como, então, será glorificado, já que não carece do que é seu nem diminui, se não existe nada de que precise, ou possa perder para retomar? Pensemos, paremos um pouco. O Evangelista não deixa desamparada nossa fraca inteligência e mostra a glória que o Filho retribuirá ao Pai, dizendo: *Que pelo poder que lhe deste sobre toda a carne, Ele dê a vida eterna a todos os que lhe deste. Ora, a vida eterna é esta: que eles te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e Aquele que enviaste, Jesus Cristo* (Jo 17,2-3). O Pai é glorificado pelo Filho, ao ser conhecido por nós. É esta a glória: que dele o Filho tenha recebido o poder sobre toda a carne, Ele próprio, feito carne, iria tornar a dar a eternidade da vida aos que são caducos, mortais e corpóreos. A eternidade da vida não é consequência de uma obra,

mas do poder, pois a glória da eternidade não é dada por uma nova criação, mas unicamente pelo conhecimento de Deus a ser recebido. A glória não é acrescentada a Deus, porque não se afastara para ser de novo dada, mas, pelo Filho, é glorificado em nós, ignorantes, fugitivos, sórdidos, mortos, sem esperança, tenebrosos, sem lei. É glorificado pelo Filho porque este recebeu o poder sobre toda a carne, para lhe dar a vida eterna. Por esta obra do Filho, é glorificado o Pai. Quando o Filho tudo recebe, é glorificado pelo Pai, e o Pai é glorificado, quando todas as coisas são feitas pelo Filho. A glória recebida é retribuída, e a glória que está no Filho é totalmente glória do Pai, porque recebeu tudo do Pai; a honra do que recebeu uma missão reverte em honra do que o enviou, como a honra do que gera é a honra do que nasce.

14. Em que consiste a vida eterna? Ele o diz: *Que te conheçam a ti, único verdadeiro Deus, e a quem enviaste, Jesus Cristo.* Que perguntas sobre dificuldades e contradições de palavras são estas? A vida consiste em conhecer o verdadeiro Deus, mas só isto não produz vida. Que irá então acrescentar? *A quem enviaste, Jesus Cristo.* O Filho presta ao Pai a honra devida, quando diz: *a ti, único verdadeiro Deus.* O Filho não se separa da verdade de Deus ao acrescentar: *A quem enviaste, Jesus Cristo.* Não há intervalo na confissão dos fiéis, porque em ambos está a esperança da vida. O Deus verdadeiro não se separa do que é mencionado logo após. Portanto, ao dizer: *que te conheçam a ti, único verdadeiro Deus, e a quem enviaste, Jesus Cristo,* com estas duas indicações, isto é, do que envia e do enviado, a verdade e a divindade do Pai e do Filho não são separadas por uma diversidade de significação ou por uma diferença, mas a fé se corrobora para a confissão do genitor e do gerado.

15. O Filho glorifica totalmente o Pai no que se segue: *Eu te glorifiquei sobre a terra, terminei a obra que me deste a fazer.* Todo o louvor do Pai vem do Filho, porque quando o Filho for louvado, o Pai será louvado. Levou a termo tudo o que o Pai quis. O Filho de Deus nasce como Homem, mas no parto da Virgem está o poder de Deus. O Filho de Deus se manifesta como Homem, mas Deus está nas obras do Homem. O Filho de Deus é crucificado, mas, na cruz, Deus vence a morte do Homem. Cristo, o Filho de Deus, morre, mas toda carne é vivificada em Cristo. O Filho de Deus está no reino dos mortos, mas o Homem é reconduzido ao céu. Quanto mais estas coisas forem louvadas em Cristo, tanto maior louvor será dado Àquele de quem Cristo recebe o ser Deus. Deste modo, o Pai glorifica o Filho na terra e, diante da ignorância dos povos e da estultice dos séculos, o Filho, pelo poder de suas obras, glorifica Aquele do qual Ele veio. Esta reciprocidade na glorificação não aumenta sua divindade, mas diz respeito à honra recebida pelo conhecimento dos que antes eram ignorantes. Pois o que não possuía em abundância o Pai, de quem tudo vem? Ou o que faltava ao Filho, em quem se comprazia em habitar toda a plenitude da divindade? Portanto, o Pai é glorificado na terra, quando a obra que ordena é realizada.

16. Vejamos qual é a glória que o Filho espera do Pai. Está absolutamente claro. Pois em seguida temos: *Eu te glorifiquei na terra e concluí a obra que me encarregaste de realizar; e agora, glorificame, Pai, junto de ti, com aquela glória que tinha contigo, antes que o mundo existisse. Manifestei teu nome aos homens* (Jo 17,4). O Pai foi glorificado pelas obras do Filho, quando foi reconhecido como Deus, quando foi manifestado como Pai do Unigênito, quando quis que, para nossa salvação, o seu Filho nascesse da Virgem como Homem. Na Paixão se cumpriu tudo aquilo que teve início quando nasceu da Virgem. Porque é Filho de Deus, perfeito em tudo, nascido antes dos tempos na plenitude da divindade, e agora é Homem, por sua origem na carne, pede para ser glorificado junto de Deus, assim como Ele mesmo, na terra, glorificou o Pai porque então o poder de Deus era glorificado, na carne, diante do mundo ignorante. Qual é, então, a glorificação que espera junto do Pai? Certamente, aquela que possuía junto dele antes que houvesse mundo. Possuía a plenitude da divindade e a tem, pois é

Filho de Deus. Mas quem era Filho de Deus, também começou a ser Filho do Homem, pois era o Verbo feito carne. Não perdeu o que era, mas começou a ser o que não era; não deixou o que era seu, mas assumiu o que é nosso. Pede, para a natureza humana assumida por Ele, a glória que não perdera. Portanto, já que o Verbo é o Filho, e o Verbo se fez carne, e o Verbo era Deus e estava no princípio junto de Deus, e o Verbo era Filho antes da criação do mundo, o Filho, agora feito carne, orava para que esta carne começasse a ser para o Pai o mesmo que era o Verbo; para que o que tinha começado no tempo, recebesse a glória da claridade daquele que está fora do tempo, para que, transformada no poder de Deus e na incorrupção do Espírito, a carne fosse libertada da corrupção. Por conseguinte é esta a prece a Deus, é isto que o Filho pede ao Pai, é esta a súplica da carne, desta carne na qual, no dia do juízo, trazendo em si as feridas e as marcas da cruz, todos o verão, na glória prefigurada no monte, na qual foi elevado aos céus, na qual se assentou à destra de Deus, na qual foi visto por Paulo, na qual foi glorificado por Estêvão.

17. O Senhor pediu estas coisas depois de ter manifestado aos homens o nome do Pai. Qual é este nome? Acaso se ignorava o nome de Deus? Moisés ouviu-o na sarça, o Gênesis o anunciou no início do relato da criação do orbe, a Lei o expôs, os profetas o apresentaram, os homens o entenderam pelas obras deste mundo, os povos o veneravam, ainda que falsamente. Assim sendo, o nome de Deus não era ignorado. Contudo, ignoravam-no completamente, pois ninguém conhece a Deus, a menos que confesse também o Pai do Filho Unigênito, que não é parte, dilatação ou emanção, mas é nascido dele de modo inenarrável e incompreensível, como Filho que procede do Pai, possuindo a plenitude da divindade, pela qual e na qual nasceu, verdadeiro, infinito e perfeito Deus. Esta é a plenitude de Deus. Pois se algo lhe faltasse, já não haveria a plenitude que aprouve a Deus que nele habitasse (cf. Cl 1,19). Isto foi declarado pelo Filho e manifestado aos ignorantes. O Pai é glorificado pelo Filho, quando é reconhecido como o Pai de tal Filho.

18. Desejando suscitar em nós a fé em sua natividade, o Filho deu-nos o exemplo de suas obras, para que, pela eficácia inenarrável de suas inenarráveis ações, aprendêssemos qual é o poder inenarrável do seu nascimento. Quando a água foi transformada em vinho, quando, com cinco pães, foram saciados cinco mil homens, sem contar as mulheres e crianças, e as sobras encheram doze cestos, vê-se, mas não se entende o fato, acontece, mas não se compreende o motivo pelo qual acontece. O resultado, no entanto, se impõe. É estultice procurar compreender por meio de falsas indagações aquilo que, por sua natureza, não pode ser compreendido. Assim como o Pai é indescritível por ser ingênito, também não se pode falar do Filho que é unigênito, porque o que foi gerado é imagem do Ingênito. É necessário compreender a imagem, com a inteligência e as palavras, para poder alcançar Aquele de quem é imagem. Nós, porém, vamos atrás de coisas invisíveis, buscamos o incompreensível, com nossa inteligência limitada por coisas visíveis e corpóreas. Não nos envergonhamos da estultice, não nos acusamos de impiedade, ao usar da má-fé em relação aos arcanos de Deus e seus poderes. Indagamos: como é o Filho? De onde provém o Filho? Com que prejuízo para o Pai, ou de que parte nasceu? Terás o exemplo dos milagres para acreditar que Deus pode realizar o que não podes compreender.

19. Perguntas como o Filho nasceu segundo o Espírito, e eu te interrogo sobre coisas corpóreas. Não indago como nasceu da Virgem nem se sua carne sofreu detrimento, gerando uma carne perfeita. Certamente não recebeu o que deu à luz, mas sua carne, sem aquilo que envergonha a nossa natureza, gerou Aquele que é perfeito e não sofreu diminuição no seu ser. Por conseguinte, sabemos que é justo julgar não ser impossível em Deus o que, pelo poder divino, foi possível no homem.

20. Consulto a ti, quem quer que sejas, que procuras investigar o que não pode ser investigado, grave árbitro dos segredos e dos poderes divinos, para que a mim, ignorante, que apenas creio que todas as

coisas são como Deus as disse, talvez me apresentes o motivo destes fatos. Escuto o Senhor e, porque creio naquilo que está escrito, sei que, depois da ressurreição, com freqüência se deixou ver no corpo, por muitos descrentes. Certamente deixou-se ver por Tomé, que, se não tocasse em suas chagas, não acreditaria, como disse: *A não ser que eu veja em suas mãos o lugar dos cravos, e ponha a mão em seu lado, não acreditarei* (Jo 20,25). O Senhor se acomoda totalmente à fraqueza de nossa inteligência e, para satisfazer as dúvidas dos infiéis, faz atuar o segredo do poder invisível. Expõe a razão deste fato, perscrutador das coisas celestes, quem quer que sejas. Estavam os discípulos fechados em casa, depois da paixão do Senhor, assentados em segredo. O Senhor aparece para confirmar a fé de Tomé e, nas mesmas condições por este impostas, oferece a possibilidade de apalpar o corpo e de tocar as chagas. Na verdade, Aquele que fora ferido devia ser reconhecido por suas feridas. Precisava mostrar seu corpo ferido. Pergunto então: por que parte da casa fechada entrou com o seu corpo? Com todo o cuidado expressou-se o Evangelista: *Chegou Jesus, estando fechadas as portas, e pôs-se no meio deles* (Jo 20,26). Porventura foi penetrando a solidez das paredes e a espessura da madeira que atravessou o que por natureza é impenetrável? Pois achou-se de pé, com seu próprio corpo, não com um corpo fictício ou enganoso. Sigam, portanto, os olhos de tua mente o ingresso de Cristo que entra e, com Ele, entre na casa fechada o olhar de tua mente. Tudo está completamente fechado, mas aparece, no meio deles, Aquele por cujo poder todas as coisas estão abertas. Inventas coisas falsas sobre o que é invisível. Eu te peço com instância a razão das visíveis. Nada do que é sólido cede, nem, por sua natureza, a madeira e as pedras deixam passar algo, como por uma abertura invisível. O corpo do Senhor não desaparece para logo retornar do nada; então de onde vem o que está de pé no meio deles? Diante disto, calam-se o pensamento e a palavra. A verdade do acontecido supera a razão humana. Portanto, se nos enganamos ao falar de natividade, também podemos mentir acerca da entrada do Senhor. Digamos que não aconteceu este fato, porque não compreendemos o seu sentido. Se nossa compreensão falha, deixará também de existir o acontecido. Mas a confiança na autenticidade do que aconteceu vence nossa mentira. O Senhor, na casa fechada, achou-se no meio dos discípulos; também o Filho nasceu do Pai. Não negues que Ele ali estivesse, porque, devido à fraqueza da inteligência, não consegues entender a sua entrada através das paredes. Não queiras ignorar que, do ingênito e perfeito Deus Pai, nasceu o unigênito e perfeito Deus Filho, porque o poder pelo qual se deu esse nascimento excede o entendimento e a palavra.

21. Todas as obras que estão no mundo poderiam servir de testemunha, para que nós crêssemos, sem duvidar, no poder de Deus. Mas nossa infidelidade opõe-se à verdade, e arremessamo-nos contra ela, com violência, querendo opor-nos ao poder de Deus. Se nos fosse possível, elevaríamos ao céu os corpos e as mãos, perturbaríamos os limites anuais do curso do sol e dos outros astros, misturaríamos o fluxo e o refluxo do oceano, impediríamos as fontes de fluir, alteraríamos a natureza dos rios, abalaríamos os fundamentos da terra, e, com furor mortal, nos revoltaríamos contra as obras de Deus. Felizmente, a natureza dos corpos nos retém pela necessidade de moderação. Certamente não nos enganamos. Se pudéssemos, iríamos fazer tudo isso, pois, já que nos é possível, arruinamos a natureza da verdade e fazemos guerra às palavras de Deus, pela audácia da vontade profana.

22. Disse o Filho: *Pai, manifestei teu nome aos homens* (Jo 17,6). Que inventaremos contra isto? Por que nos indignamos? Tu negas o Pai? Mas se foi esta a máxima obra do Filho, que conhecêssemos o Pai! Tu o negas totalmente quando dizes que o Filho não nasceu dele. E por que é dito Filho, se foi feito por um ato de vontade como todo o resto? Posso admirar o Deus criador do Cristo que cria o mundo. É poder digno de Deus ter criado o criador dos arcanjos e dos anjos, das coisas visíveis e invisíveis, do céu e da terra, de tudo o que pertence a esta criação. Que tu percebas que Deus tem o

poder de criar todas as coisas não é a obra do Senhor, mas sim, que tu saibas ser Deus o Pai deste Filho que fala. São muitas as eternas e eficientes virtudes do céu, mas é um só o Filho Unigênito, que não difere dos outros apenas pelo poder, porque por Ele tudo foi feito, mas porque é o verdadeiro Filho Unigênito, que não pode ser rebaixado, como se tivesse nascido do nada. Ouves o Filho; acredita que é verdadeiramente Filho. Ouves a palavra Pai; lembra-te de que é Pai. Para que entremeias estes nomes com suspeitas, malícia, ousadia? Segundo a compreensão natural, são nomes adaptados ao que é divino. Por que forças a significação das palavras? Ouves *Pai e Filho*; não duvides de que eles são o que estas palavras significam. O essencial da obra de salvação do Filho é que tu conheças o Pai. Por que anulas a obra dos Profetas, a encarnação do Verbo, o parto da Virgem, o poder dos milagres, a cruz de Cristo? Foi em teu favor que tudo isso custou trabalho. Tudo foi concedido para que, por essas coisas, te fosse manifestado o Pai e também o Filho. Agora inventas *vontade, criação, adoção*. Observa a missão e o serviço de Cristo. Pois Ele exclama: *Pai, manifestei teu nome aos homens* (Jo 17,6); não ouves: *criaste o criador dos seres celestes*; não ouves: *fizeste o que fez as coisas terrestres*; mas ouves: *Pai, manifestei teu nome aos homens*. Usa do dom de teu Salvador. Fica sabendo que é Pai. Aquele que gerou, é Filho o que nasceu daquele que é Pai na verdade da natureza. Lembra-te de que não te foi manifestado que o Pai é Deus, mas sim que Deus é Pai.

23. Ouves: *Eu e o Pai somos Um* (Jo 14,30); por que divides e separas o Filho do Pai? São uma só coisa, o que quer dizer que são Aquele que é e Aquele que nasceu dele e que nada tem que não esteja também naquele de quem recebe o ser. Quando ouves o Filho dizer: *Eu e o Pai somos Um*, ajusta a realidade às pessoas, permite ao que gera e ao que é gerado declarar a sua condição. Que sejam Um, como o que gera e o que é gerado. Por que repeles a unidade da natureza? Por que destróis a verdade? Escutas: *O Pai está em mim e eu no Pai* (Jo 14,38); e as obras do Filho atestam isto a respeito do Pai e do Filho. Não vamos introduzir, com nosso modo de raciocinar, um corpo dentro de outro corpo. Não derramaremos como água no vinho, mas em ambos confessaremos a mesma semelhança no poder e a mesma plenitude da divindade. Pois o Filho tudo recebe do Pai e é a forma de Deus e a imagem de sua substância (cf. Hb 1,3). A expressão *imagem da substância* distingue o que recebe seu ser daquele que é, no que diz respeito à fé na sua subsistência pessoal, mas não deve dar a entender uma diversidade de natureza. Que o Pai esteja no Filho, e o Filho no Pai, significa que em ambos a plenitude da divindade é perfeita. O Filho não causa uma diminuição no Pai, o Filho não nasceu imperfeito do Pai. A imagem não existe sozinha, e a semelhança não se refere a si mesma. Nada pode ser semelhante a Deus, a não ser Aquele que provém dele mesmo. Não provém de outra parte o que em tudo é semelhante a Ele, e a semelhança não permite que se admita nenhuma diversidade entre os dois. Não mistures os semelhantes nem separe os que estão verdadeiramente unidos, porque Aquele que disse: *Façamos o homem à nossa imagem e semelhança* (Gn 1,26) mostra serem semelhantes um ao outro, por ter dito *nossa semelhança*. Não pegues, não toques, não corrompas. Mantém os nomes da natureza, mantém a profissão de fé no Filho. Não quero que te entregues à adulação, louvando o Filho com tuas próprias palavras. Basta que te contentes com as que foram escritas.

24. Ninguém deve confiar tanto na prudência humana a ponto de julgar perfeito aquilo que pensa e estar convencido de que contém em si o supra-sumo de toda razão, porque, refletindo consigo mesmo, está certo de possuir sempre a justa opinião sobre a verdade. O que é imperfeito não concebe o perfeito, e o que subsiste por outro não pode absolutamente alcançar a compreensão de seu Criador ou de si mesmo. A respeito de si mesmo, só percebe que existe. Quanto ao mais, a natureza que o constitui não lhe permite ir além dos limites de sua mente, pois não deve seu movimento a si mesmo, mas ao seu Autor. Por isso, aquele que recebe sua existência do seu Autor é imperfeito em si mesmo,

enquanto recebe do exterior sua existência e é forçoso que, na medida em que se julga perfeito no saber, se engane. Não governando a indigência de sua natureza e julgando que tudo está contido nos limites de sua fragilidade, se enche de soberba, com o falso nome da sabedoria. Porque não lhe é permitido saber aquilo que ultrapassa sua inteligência, é tão fraco no seu entendimento quanto na sua capacidade de subsistir. Por causa deste modo falso de entender, gloriando-se de obter pela natureza imperfeita a sabedoria da inteligência perfeita, torna-se ridículo pelo opróbrio que corresponde à estulta sabedoria, como diz o Apóstolo: *Não foi para batizar que Cristo me enviou, mas para anunciar o Evangelho, sem recorrer à sabedoria da linguagem, a fim de que não se torne inútil a cruz de Cristo. Com efeito, a linguagem da cruz é loucura para aqueles que se perdem, mas para aqueles que se salvam, para nós, é poder de Deus. Pois está escrito: destruirei a sabedoria dos sábios e rejeitarei a inteligência dos inteligentes. Onde está o sábio? Onde está o homem culto? Onde está o argumentador deste século? Deus não tornou louca a sabedoria deste século? Com efeito, visto que o mundo por meio da sabedoria não reconheceu a Deus na sabedoria de Deus, aprovou a Deus pela loucura da pregação salvar aqueles que crêem. Os judeus pedem sinais, e os gregos andam em busca da sabedoria; nós, porém, anunciamos Cristo crucificado, escândalo para os judeus, loucura para os gentios, mas para aqueles que são chamados, tanto judeus como gregos, é Cristo, poder de Deus e sabedoria de Deus. Pois o que é loucura de Deus é mais sábio do que os homens, e o que é fraqueza de Deus é mais forte do que os homens* (1Cor 1,17-25). Portanto, toda falta de fé é insensatez, porque emprega a sabedoria de sua mente imperfeita e, enquanto mede tudo pela fraqueza de sua opinião, julga não poder existir o que não entende. A causa da falta de fé na palavra vem da fraqueza de quem não crê que possa ser feito aquilo que decreta não poder ser feito.

25. Por este motivo, o Apóstolo, conhecendo a imperfeição do pensamento, própria da natureza humana, que somente julga ser verdade aquilo que entende, diz não pregar com palavras de sabedoria, para que não se torne vã a pregação. Mas, para que não fosse tido como pregador da loucura, acrescentou que a palavra da cruz é loucura para os que perecem, porque os infiéis pensavam existir somente aquela sabedoria que podiam entender. Porque não entendiam senão o que permanecia dentro dos limites de sua frágil natureza, julgavam ser insensatez a única e perfeita sabedoria de Deus. Com isto se enganavam, ao fundamentar-se na opinião de sua fraca sabedoria. Por isso mesmo, o que é loucura para os que se perdem é, para os que se salvam, poder de Deus, pois estes nada avaliam segundo a fraqueza natural de sua inteligência, mas avaliam a força do poder divino segundo a infinidade de sua força celeste. Deus reprova a sabedoria dos sábios e a inteligência dos inteligentes, porque a salvação é dada aos fiéis por aquilo que a opinião humana julga ser insensatez. Os infiéis pensam que é estulto o que excede o seu entendimento, já os fiéis confiam no poder de Deus que lhes concederá com abundância os mistérios da salvação. Não são estultas as coisas de Deus. Tola é a prudência da natureza humana, que pede sinais ou sabedoria a seu Deus para ter fé. Aos judeus é próprio pedir sinais, porque, pela familiaridade com a Lei, não são totalmente ignorantes no que se refere a Deus e estão abalados pelo escândalo da cruz. É próprio aos gregos pedir a sabedoria, porque, pela sua inépcia de gentios e prudência humana, querem saber a razão de ter sido Deus elevado na cruz. Estas coisas estão ocultas no mistério, por causa de nosso fraco entendimento. A insensatez torna-se incredulidade porque o que a mente, imperfeita por natureza, não pode conceber, ela mesma declara estranho à sabedoria. Por causa desta imprudente sabedoria, que não reverenciou a sabedoria de seu Criador na magnificência do mundo, tão sabiamente ornado pelo plano do Autor, foi do agrado de Deus salvar, pela loucura da pregação, os crentes, isto é, pela fé na cruz, conduzir até a imortalidade os mortais, para que, confundido o modo de pensar humano, se encontrasse a salvação no que se pensava ser loucura. Cristo, que é loucura para os gentios e escândalo para os judeus, é poder de

Deus e sabedoria de Deus, porque o que pelo julgamento humano é considerado fraqueza e loucura, no que se refere a Deus, sobrepuja a prudência e a força terrenas com a sabedoria e o poder da verdade.

26. No que se refere à ação divina, nada deve ser tratado segundo a opinião da mente humana, e a criatura, que é sua obra, não deve julgar o Criador. Temos de assumir a loucura para receber a sabedoria, não com juízo imprudente, mas com o reconhecimento de nossa natureza, de modo que aquilo que o pensamento terreno não concebe, a razão do divino poder faça penetrar em nós. Quando, depois de termos reconhecido a estultice de nosso entendimento, sentirmos em nós a inexperiência e a ignorância próprias de nossa natureza, seremos impregnados com a sabedoria de Deus pela prudência da divina sabedoria. Quando não mais medirmos a força e o poder de Deus e não encerrarmos dentro das leis naturais o Senhor da natureza, então compreenderemos que só devemos crer, a respeito de Deus, aquilo que Ele mesmo testemunhou e ensinou que devemos crer.

LIVRO QUARTO

1. Embora pelos livros anteriores, que já há algum tempo escrevemos, julguemos absolutamente conhecidas a fé e a confissão do Pai e do Filho e do Espírito Santo a partir das doutrinas evangélicas e apostólicas, não podemos aceitar que algo nos possa ser comum com os hereges, já que, sem moderação nem boas razões e com ousadia, rejeitam a divindade de Nosso Senhor Jesus Cristo. Contudo, também em seus livros existe algo que deve ser estudado, para que, por todos os seus sofismas e ditos ímpios, se torne mais perfeito o conhecimento da verdade. Em primeiro lugar, deve-se conhecer a temeridade de sua doutrina e qual seja o perigo da impiedade, em seguida, quais suas sentenças contra a fé apostólica por nós professada e o que costumam dizer em contrário, qual a ambigüidade das palavras que iludem os simples ouvintes e, finalmente, como, com a arte de suas interpretações, corrompem a verdade e a força das divinas palavras.

2. Não ignoramos que, para explicar o que é de Deus, não pode bastar nem a palavra humana nem a comparação com a natureza. O que é inefável não encontra, de modo algum, palavra que o exprima e o que é espiritual é diferente da imagem e dos exemplos tirados das coisas corpóreas. Contudo, quando se trata de falar da natureza celeste, deve ser dito o que nossa mente pode compreender por meio das palavras consagradas pelo uso comum, não porque convenham à dignidade de Deus, mas porque são necessárias à fraqueza de nossa inteligência, pois mediante aquilo a que estamos acostumados, temos de falar do que sentimos e compreendemos. O que atestamos no primeiro livro, agora relembramos por esta razão. Se expressamos algo por meio de comparações humanas, daí não se segue que acreditemos poder pensar sobre Deus como sobre as naturezas corpóreas, nem comparar as coisas espirituais às nossas paixões. Antes, usamos exemplos tirados das coisas visíveis, para poder compreender as invisíveis.

3. Dizem os hereges que Cristo não vem de Deus, isto é, que não é Filho, nascido do Pai, nem é Deus por natureza, mas por criação, e que em seu nome está significada a adoção, porque, assim como são muitos os filhos de Deus, também seria filho, devido à munificência da divindade. Como são muitos os deuses, também Ele seria Deus, sendo maior a indulgência em relação a Ele pelo afeto da adoção e do nome. Seria adotado de preferência a todos os outros e seria maior do que os outros filhos adotivos, tendo sido criado de modo mais excelente que todas as criaturas, ultrapassando todo o criado. Dizem também alguns deles, que confessam a onipotência de Deus, ter sido criado à semelhança de Deus, a partir do nada, como as outras criaturas, e constituído à imagem do seu eterno Criador. Por uma ordem divina, passou de não existente à existência, porque Deus é poderoso para formar, a partir do nada, alguém semelhante a Ele.

4. Não dizem só isto, mas, ao ouvirem, dito por bispos anteriores, que o Pai e o Filho têm a mesma substância, querem, com sutileza, que se enfraqueça, sob a forma de herética opinião, o significado da palavra consubstancial, que em grego se diz *homoousio*. Acrescentam que eles valem-se desta palavra para dizer que o próprio Pai é o mesmo Filho e que, por sua infinidade, Ele se estendeu até a Virgem, assumindo dela um corpo e, neste corpo que assumiu, acrescentou a si mesmo o nome de Filho. É esta a primeira de suas falsidades sobre o *homoousio*. A seguinte é a afirmação de que o nome de *homoousio* significa que os dois têm em comum uma coisa anterior e diferente deles, que já existia antes, como substância ou *ousia* de uma matéria qualquer, a qual, comunicada aos dois e completamente transformada em um e outro, atesta que um e outro participam da mesma natureza preexistente e da mesma essência. Reprovam por este motivo a profissão de fé do *homoousio*: porque esta expressão não distingue o Filho do Pai e mostra o Pai como sendo posterior à matéria que é

comum a Ele e ao Filho. Em terceiro lugar, também inventam outro motivo para rejeitarem o termo, pois, de acordo com o significado da palavra, julgam ter vindo o Filho da divisão da substância paterna, como se houvesse um corte, como uma coisa é dividida em duas partes. Dizem ser da mesma natureza porque a parte separada do todo tem a mesma natureza daquilo de que foi separada. Mas em Deus não pode haver divisão, e, se assim fosse, se tornaria imperfeito, já que sua substância, pelo corte de outra porção, perderia sua perfeição.

5. Julgam poder opor-se com razão à doutrina profética, como também à evangélica e apostólica, ao pregarem a natividade do Filho no tempo. Por afirmarem que dizemos erroneamente que o Filho sempre existiu, forçoso é que, excluindo que tenha existido sempre, confessem sua natividade a partir do tempo, pois, se houve tempo em que não foi, terá existido um tempo anterior a Ele; porque quem não é sempre, começou a ser no tempo. O que é livre do tempo não precisa de tempo porque existe sempre. Afirmam então rejeitar que o Filho tenha sido sempre, para que não se acredite que, por ter sempre existido, não tenha nascido; como se, pela afirmação de ter sido sempre, fosse declarado inascível.

6. Que ímpios e estultos temores e que irreligiosa solicitude por Deus! Aquilo que denunciam na significação da palavra *homoousion* e na afirmação de que o Filho sempre existiu, a Igreja abomina, rejeita, condena. Reconhece um só Deus, de quem tudo vem, e conhece também um só Senhor nosso, Jesus Cristo, por meio de quem tudo vem. Um de quem tudo procede, Um por meio de quem tudo foi feito; a origem de todas as coisas, que está em um só, e a criação de tudo, por meio de um só. Naquele que é Um, de quem tudo procede, reconhece o poder da inascibilidade; no que é Um, por meio de quem tudo foi feito, venera o poder, em nada diferente do Criador, pois em relação àquilo que é criado, é comum a autoridade daquele do qual tudo é criado e daquele pelo qual tudo é criado. Conhece (a Igreja), no Espírito, o Deus Espírito impassível e indivisível, pois aprendeu do Senhor que o Espírito não tem ossos nem carne (cf. Lc 24,39); não se creia, talvez, que possa ser afetado pelos defeitos das paixões corporais. Conhece o único Deus inascível; conhece também o único Unigênito Filho de Deus. Confessa o Pai eterno e sem origem, confessa a origem do Filho desde a eternidade, não a partir de um início, mas a partir do que não pode ter início. Ele não é por si mesmo, mas procede daquele que sempre existiu sem proceder de ninguém, nascido do Eterno, recebendo da paterna eternidade a natividade. Portanto nossa fé nada tem a ver com a opinião da herética maldade. Eis a profissão de nossa fé, embora ainda não tenha sido exposta a razão desta profissão. Contudo, para que não subsista suspeita alguma acerca do emprego desta palavra *homoousion* pelos Padres, nem a respeito daquilo que sempre foi professado, relembramos que se reconhece subsistir o Filho na substância em que foi gerado pelo Pai e que, da substância do Pai em que permanece, pela natividade do Filho nada foi tirado. O Filho não é dito *homoousion* do Pai, por causa dos citados vícios e motivos, pelos santos homens, fervorosos na doutrina de Deus, não fosse alguém julgar que se exclui, com a palavra *ousia*, o nascimento do Filho unigênito, ao dizer que é *homoousion* ao Pai.

7. Entendamos o motivo pelo qual se fez necessário empregar tais palavras com vistas à máxima segurança da fé, também contra os hereges que então se agitavam. Julgo que, para responder à perversidade dos hereges, devemos refutar todas as suas estultas e mortíferas instituições que contradizem os testemunhos evangélicos e apostólicos. Vejamos por que eles pensam poder provar cada uma de suas afirmações, que foram tiradas dos testemunhos dos livros sagrados, mas foram falseadas e, por seu sentido corrompido, somente podem agradar aos ignorantes, pois podem parecer verdadeiras conforme a perversidade dos intérpretes.

8. Celebrando somente a divindade de Deus Pai, esforçam-se por negar que o Filho seja Deus, porque

está escrito: *Ouve, Israel, o Senhor teu Deus é um só* (Dt 6,4), porque, ao doutor da Lei, que o interrogava sobre o maior dos preceitos da Lei, disse o Senhor: *Ouve, Israel, o Senhor teu Deus é um só* (Mc 12,29) e porque Paulo prega: *Pois há um só Deus e um só Mediador entre Deus e os homens* (1Tm 2,3). Depois, para provar ser somente Ele o sábio e para não deixar nenhuma sabedoria ao Filho, citam o Apóstolo, que diz: *Aquele que é poderoso para vos confirmar segundo o meu evangelho e a pregação de Jesus Cristo, segundo a revelação do mistério escondido desde os séculos eternos, agora, porém, manifestado e, pelas Escrituras proféticas, por disposição do Deus eterno, dado a conhecer a todos os Gentios para levá-los à obediência da fé, a Deus, o único sábio, por meio de Jesus Cristo; a Ele seja dada a glória pelos séculos dos séculos* (Rm 16,25-27). Dizem ainda que é o único inascível e único verdadeiro, porque Isaías disse: *Bendigam-te, Deus verdadeiro* (65,16), e o mesmo é afirmado nos Evangelhos pelo Senhor, que diz: *Esta é a vida eterna, que te conheçam a ti, único e verdadeiro Deus, e a quem enviaste, Jesus Cristo* (Jo 17,18). Dizem que é o único bom, de tal modo que não haja bondade no Filho, pois por Ele foi dito: *Ninguém é bom, a não ser o único Deus* (Mc 10,18). Dizem, ainda, que é o único poderoso, porque Paulo disse: *A quem mostrará nos tempos estabelecidos o Bendito e único Poderoso, o Rei dos reis e Senhor dos senhores* (1Tm 6,15). Em seguida só a Ele reconhecem como inconversível e imutável, pois, pelo Profeta, dissera: *Eu sou o Senhor vosso Deus, e não mudo* (Ml 3,6), e o apóstolo Tiago escrevera: *Em quem não há mudança* (Tg 1,17). A Ele reconhecem como justo Juiz, porque está escrito: *Deus justo juiz, forte e paciente* (Sl 7,12), a Ele, que de tudo cuida, porque o Senhor disse, ao falar de aves: *E vosso Pai celeste as alimenta* (Mt 6,26), e ainda: *Não se compram dois pardais por um asse? E nenhum deles cai por terra sem o consentimento de vosso Pai. Mas também vossos cabelos estão todos contados* (Mt 10,29). A Ele, que a tudo providencia, como a santa Suzana diz: *Deus eterno, conhecedor das coisas ocultas, que sabes todas as coisas antes que aconteçam* (Dn 13,42). A Ele reconhecem também como impossível de ser contido, segundo o que é dito: *O céu é o meu trono, e a terra o escabelo de meus pés. Que casa me haveis de edificar, que lugar para meu repouso? Tudo isto foi a minha mão que fez, tudo isto me pertence* (Is 66,1). Dele também afirmam que tudo contém, no dizer de Paulo: *Porque nele vivemos e nos movemos e somos* (At 17,28), e do Salmista: *Para onde ir, longe do teu espírito? Para onde fugir longe de tua face? Se subo aos céus, lá estás, se mergulho no abismo, aí te encontro. Se tomo as asas da aurora para habitar nos limites do mar, mesmo lá é tua mão que me conduz, e tua destra me sustenta* (Sl 138,7-10). A Ele também reconhecem como incorpóreo, porque foi dito: *Deus é Espírito, e os que o adoram, em Espírito e verdade devem adorá-lo* (Jo 4,24). Reconhecem-no com imortal e invisível, no testemunho de Paulo: *Aquele que é o único a possuir a imortalidade, que habita numa luz inacessível, a quem nenhum homem viu nem pode ver* (1Tm 6,16), e conforme o Evangelho: *Ninguém jamais viu a Deus, a não ser o Filho Unigênito, que está no seio do Pai* (Jo 1,18). Reconhecem-no também como único permanente e inascível, porque foi dito: *Eu sou o que sou* (Ex 3,14), e: *Enviou-me a vós aquele que é*, e porque disse Jeremias: *Que és o Senhor, ó Senhor* (Jr 1,6).

9. Quem não vê que estas citações estão cheias de fraude e de enganos? Embora estejam sutilmente confundidas e misturadas, atestam, no entanto, o artifício malicioso e a astúcia e inépcia da estultice. Entre outras falsidades, acrescentam que somente ao Pai reconhecem como inascível, como se alguém pudesse duvidar de que Aquele de quem foi gerado Aquele por quem tudo existe, exista sem ter recebido de ninguém aquilo que é. Ele, porque é dito Pai, se mostra como sendo a origem daquele a quem gerou, tendo um nome pelo qual se entende que não provém de outro e que indica de quem o que é gerado recebe a existência. Portanto, o que é próprio a Deus Pai, deixemo-lhe como próprio, confessando haver nele o inascível poder da eterna virtude. Julgo que ninguém tem dúvidas acerca do motivo pelo qual, na confissão de Deus Pai, eles mencionam algo como peculiar e próprio, de modo a

não ser possível a outro ser participante do que lhe é exclusivo. Pois, quando dizem: *único verdadeiro, único sábio, único invisível, único bom, único poderoso, único a possuir a imortalidade*, por dizerem que tudo isto só a Ele pertence, separam o Filho da comunhão com os mesmos atributos, pois, segundo dizem, o que é próprio a um só não é partilhado por outro. Se tudo está somente no Pai e não também no Filho, afirmam que é forçoso que se acredite ser o Filho um Deus falso, ignorante, feito de matérias visíveis e corpóreas, malévolo, fraco e privado da imortalidade. Por tudo isso, já que o Pai é único, deve ser posto de parte.

10. Não julgamos que o que vamos dizer sobre a majestade perfeitíssima e a plena divindade do Filho unigênito de Deus possa levar alguém a considerar que estas palavras tenham por finalidade algum ultraje a Deus Pai, como se o que é dito sobre o Filho diminuísse algo da dignidade do Pai. Pelo contrário, a honra do Filho é a dignidade paterna e por ela é glorificado Aquele de quem nasce quem é digno de tal glória, pois o Filho nada tem que não lhe advenha do nascimento, e a admiração pela honra do que é gerado resulta em honra para o Genitor. Afaste-se toda a idéia de ultraje, pois o que se ensina haver na majestade do Filho terá por resultado ampliar o poder daquele que o gerou assim.

11. Conhecidas as idéias apresentadas, com o objetivo de inferiorizar o Filho em relação ao Pai, convém ouvir o que sobre o mesmo Filho professam. A fim de responder a cada proposição e demonstrar ser irreligiosa sua doutrina, a partir das palavras divinas, devemos acrescentar ao que foi dito sobre o Pai o que é afirmado sobre o Filho, para que comparando entre si suas afirmações, mantenhamos a mesma ordem na solução de cada proposição. Dizem que o Filho de Deus não foi gerado de nenhuma matéria subjacente, porque por Ele tudo foi criado, nem provém de Deus, porque de Deus nada pode ser tirado. Existe a partir do que não existia; é uma perfeita criatura de Deus. Embora não seja criatura como todas as outras, no entanto, é criatura, pois está escrito: *O Senhor me criou para o início de seus caminhos* (Pr 8,22). É criatura perfeita, mas não é semelhante às outras obras, como diz Paulo: *Feito tanto superior aos anjos quanto mais excelente o nome que herdou excede o deles* (Hb 1,4), e também: *Assim, irmãos santos, participantes da vocação celeste, considerai atentamente a Jesus Cristo, o apóstolo e sumo sacerdote de nossa profissão de fé. É fiel a quem o fez* (Hb 3,1). A fim de diminuir a força, o poder e a divindade do Filho, citam principalmente esta palavra: *O Pai é maior do que eu* (Jo 14,28). Mesmo assim concedem que não seja uma dentre todas as criaturas, porque está escrito: *Tudo foi feito por Ele* (Jo 1,3). Concluem então toda a impiedade de sua doutrina com estas palavras (*exemplo de sua blasfêmia, que diz ser criatura o filho de Deus*):

12. *Conhecemos um só Deus, único incriado, único eterno, único sem princípio, único verdadeiro, único imortal, único verdadeiramente bom, único poderoso, que cria, ordena e dispõe todas as coisas, inalterável, imutável, justo e inteiramente bom. Deus da Lei e dos Profetas e do Novo Testamento. Este Deus gerou um Filho unigênito antes de todos os séculos, por meio do qual criou os séculos e todas as coisas, nascido, não em aparência, mas em verdade, obediente à sua vontade, imutável e inalterável, criatura perfeita de Deus, porém não como uma das criaturas, feito por Deus, porém não como as demais obras. O Filho não é, como Valentino pensou, uma prolação do Pai, nem é uma parte da única substância do Pai, como explicou Maniqueu, nem como interpreta Sabélio, que separa a união, que diz que o Filho é o mesmo que o Pai, nem, como quer Hieracas, é luz de luz, ou uma lâmpada dividida em duas partes. Aquele que existia antes não nasceu depois e foi recriado como Filho, como tu mesmo, beatíssimo Pai, no meio da Igreja e na assembléia contradisseste com freqüência os que introduzem tais ensinamentos. Mas é, como dissemos, criado pela vontade do Pai antes dos tempos e dos séculos, recebe do Pai a vida e o ser, e o Pai o glorifica ao fazê-lo participar de seu ser. O Pai, ao dar-lhe em herança todas as coisas, não se despojou dos atributos incriados que*

possui, pois é fonte de todas as coisas.

13. *Por isso são três as Pessoas (hypostaseis): Pai, Filho e Espírito Santo. Certamente Deus é causa de todas as coisas, absolutamente único e sem começo. O Filho saiu do Pai, fora do tempo, criado e constituído antes dos séculos, não existia antes de nascer, mas nasceu antes de todas as coisas, fora do tempo. Recebe o ser, Ele só, do Pai só. Não é nem eterno, nem coeterno, nem incriado junto com o Pai, nem tem seu ser junto com o Pai, como alguns dizem a respeito de outro, introduzindo dois princípios não nascidos, senão, assim como Deus é a união e princípio de tudo, assim existe anteriormente a tudo. Por isso existe também antes do Filho, como aprendemos de tua pregação no meio da Igreja. Por isso tem de Deus a glória e a vida e tudo lhe foi entregue segundo isto: Deus é seu princípio. E Deus lhe é superior como seu Deus, pois existe antes dele. Se as palavras “dele” (Rm 11,36), “do seio” (Sl, 109,3) e “saí do Pai e vim” (Jo 16,28) se entendem como se fosse parte de sua única substância ou como uma prolação que se estende, o Pai, segundo eles, seria composto, divisível, mutável e corpóreo e segundo suas próprias palavras, o Deus incorpóreo suportaria as conseqüências de sua corporeidade.*

14. *É este o seu erro, é esta a doutrina mortífera. Para confirmar o seu sentido corrompido, usurpando o testemunho das palavras divinas, tecem mentiras sobre elas, graças à humana ignorância. É preciso que ninguém duvide de que, para o conhecimento das coisas divinas, devem ser empregadas as doutrinas divinas. Pois a humana fraqueza não obterá por si mesma a ciência das coisas celestes, e a inteligência das coisas corpóreas não poderá adquirir o conhecimento do que é invisível. Aquilo que foi criado em nós e é carnal e o que por Deus nos foi dado para vivermos nossa vida não poderá, com seu próprio juízo, discernir a natureza do Criador e de sua obra. Nossas inteligências não comportam a ciência celeste, e nossa pequenez não pode conceber, de maneira alguma, o incompreensível poder. Deve-se crer no que Deus diz de si mesmo e aceitar aquilo que nos concede conhecer. Pois, ou, como os gentios, devemos rejeitá-lo, se não são aprovados seus testemunhos, ou, se cremos que é Deus (como realmente é), não podemos entender outra coisa, a não ser o que afirmou a respeito de si mesmo. Cessem, portanto, as opiniões particulares dos homens, e não se estendam para além das divinas disposições os juízos humanos. Seguimos, contra as afirmações irreligiosas e ímpias sobre Deus, o próprio sentido das palavras divinas. Falaremos, valendo-nos da autoridade daquele sobre quem se procura saber, sem enganar e instruir falsamente a ignorância dos ouvintes. Não uniremos sem razão as palavras, excetuando as causas pelas quais foram enunciadas, visto que se deve apreender o sentido do que é dito a partir das causas pelas quais é dito e não se deve subordinar o sentido à palavra, mas a palavra ao sentido. Estudaremos tanto as palavras ditas como sua causa e seu sentido e tornaremos a tratar de cada uma segundo a ordem determinada.*

15. *Para eles, o principal argumento é: *Conhecemos um só Deus*, como disse Moisés: *Ouve, Israel, o Senhor teu Deus é um* (Dt 6,4). Será que alguém ousou duvidar disto? Ou alguma vez declarou alguém outra coisa, se aqueles que crêem em Deus sabem que não há senão um só Deus, de quem tudo procede, e um só poder inascível, e que é sem início este único poder? Mas, porque Deus é um só, não se pode negar que o Filho seja Deus. Moisés, ou melhor, Deus, por meio de Moisés, quando o povo, tanto no Egito quanto no deserto, se entregava ao culto de ídolos e daqueles que pensava serem deuses, estabeleceu este mandamento principal: que se cresse em um só Deus; e o estabeleceu com toda a razão. Na verdade há um só Deus, do qual tudo procede (cf. 1Cor 8,6). Mas vejamos se o mesmo Moisés confessou ser Deus também Aquele por quem tudo existe (cf. 1Cor 8,6). Não se retira do Pai o ser único, se também o Filho é Deus, pois é Deus de Deus, único do único; por isto é o único Deus, porque Deus procede dele. Porque o Pai é o único Deus, o Filho não é menos Deus, pois é o Filho*

unigênito de Deus. Não é inascível, de modo a privar Deus de ser um só, e não é outra coisa, a não ser Deus, porque nasceu de Deus. Embora não se possa duvidar de que, nascendo de Deus, seja Deus, motivo pelo qual, em nossa fé, Deus é um só, vejamos se Moisés, que dissera a Israel: *O Senhor teu Deus é um só*, teria declarado ser Deus o Filho de Deus. Será preciso, para confessarmos a divindade de Nosso Senhor Jesus Cristo, usar o testemunho daquele por cuja autoridade os hereges, ao confessarem somente um único Deus, julgam dever negar que o Filho seja Deus.

16. De acordo com o Apóstolo, é esta a absoluta e perfeita profissão de fé: *Um só Deus Pai, de quem tudo procede, e um só Senhor nosso, Jesus Cristo, por meio de quem todas as coisas foram feitas* (1Cor 8,6). Vejamos a origem do mundo e o que, sobre ela, disse Moisés: *E Deus disse: Faça-se o firmamento no meio das águas, e separe umas águas das outras águas. Assim se fez, e Deus fez o firmamento, e Deus dividiu as águas pelo meio* (Gn 1,6-7). Tens então o Deus do qual tudo procede e tens o Deus por quem tudo foi feito. Se negares isto, será preciso que ensines por quem foi feito o que foi feito e demonstres como era obediente a Deus a natureza do que devia ser criado, que, pela ordem: *Faça-se o firmamento*, firmou-se segundo a palavra de Deus. Mas isto não concorda com a Divina Escritura, pois, segundo o Profeta, tudo foi feito do nada (cf. 2Mc 7,28) e nenhuma natureza existente se mudou em outra coisa, mas o que não existia foi criado. Por quem foi criado, é evidente. Ouve o Evangelista: *Tudo foi feito por Ele* (Jo 1,3). Se indagas: por quem? ouvirás o mesmo Evangelista dizer: *No princípio era o Verbo e o Verbo estava junto de Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava, no princípio, junto de Deus. Tudo foi feito por Ele*. Se quiseres negar porque parece não ter sido dito pelo Pai: *Faça-se o firmamento* (Gn 1,6), ouvirás de novo o Profeta dizer: *Ele disse, e tudo se fez; Ele ordenou, e tudo foi criado* (Sl 148,5). Portanto, as palavras: *Faça-se o firmamento* mostram ter sido o Pai quem falou. Quando se acrescenta: *E assim se fez*, e diz-se que Deus fez, deve-se entender que é indicada a pessoa que fez. As palavras *Disse, e tudo foi feito* significam que não somente quis e fez; mas *ordenou, e tudo foi criado*, o que indica que as coisas não começaram a existir simplesmente porque foi do seu agrado, de forma que o ofício de Mediador entre Ele e as coisas que deveriam ser criadas terminasse. Portanto Deus, de quem tudo procede, disse que se fizesse, e Deus, por quem tudo existe, o fez. O mesmo nome indica quem dizia e quem realizava a obra. Se, porém, ousares dizer que não foi em relação ao Filho que se disse: *E Deus fez*, então, que significa o que foi dito: *Tudo foi feito por Ele*, e a afirmação do Apóstolo: *um só Senhor nosso Jesus Cristo, por quem tudo foi feito* (1Cor 8,6) e *Ele disse e tudo se fez* (Sl 148,5)? Mesmo que estas palavras divinas não convençam tua impudência, não se retira do Filho de Deus que seja Deus, pelo fato de ter sido dito: *Ouve, Israel, o Senhor teu Deus é um só* (Dt 6,4). Quem assim falou, na própria criação do mundo já proclamou também o Deus Filho. Mas vejamos a quem aproveita esta distinção entre o Deus que ordena e o Deus que faz. Pois, embora o senso comum não aceite, ao ser dito: *Ordenou e foi criado*, que se deva acreditar referir-se a um solitário e ao mesmo; no entanto, para que não possa haver dúvidas, é preciso explicar o que se seguiu à criação do mundo.

17. Quando, terminado o mundo, se devia formar seu habitante, isto foi dito sobre ele: *E Deus disse: “Façamos o homem à nossa imagem e semelhança”* (Gn 1,26), e: *Deus fez o homem; à imagem de Deus o fez* (Gn 1,27). Pergunto agora se pensas ter Deus sozinho falado consigo mesmo, ou se entendes que esta palavra foi dirigida não a si mesmo, mas a outro. Se dizes ter sido dirigida ao que estava só, ser-te-á replicado por sua própria voz: *Façamos o homem à nossa imagem e semelhança*. Pois Deus, pelo Legislador (Moisés) em atenção à nossa inteligência falou, com palavras que desejou que usássemos, para conceder-nos o conhecimento daquilo que fez. Refere-se ao Filho de Deus, por quem tudo foi feito, com as palavras: *E Deus disse: “Faça-se o firmamento”*, e ainda: *E Deus fez o*

firmamento, para que não se julgasse ser vazia e supérflua a repetição da mesma palavra, como se a tivesse dito a si mesmo, e Ele mesmo tivesse feito, pois que pode haver de mais estranho para aquele que está só que dizer o que deveria fazer, se só com a vontade poderia fazê-lo? Mas quis que se entendesse, com toda certeza, que esta palavra não se dirigia a Ele só. Ao dizer: *Façamos o homem à nossa imagem e semelhança*, evitou que se entendesse estar falando de um só, afirmando um consórcio, pois não é possível haver consórcio com um solitário. Como também a solidão do solitário não aceita o *façamos* e não se diz *nossa* a um estranho. Ambas as palavras *façamos* e *nossa* não convêm a um mesmo solitário e também não se referem a alguém diferente e estranho a si. Pergunto então, quando ouves falar de solitário, porventura imaginas não ser ele um e o mesmo? Ou quando escutas que ele não é um nem é o mesmo, acaso compreendes que seja apenas solitário? Portanto, no que está só, se reconhece o solitário, no que não é único nem é o mesmo, se encontra o que não é solitário. Assim sendo, convém ao solitário *farei* e *minha* e, ao que não é solitário, *façamos* e *nossa*.

18. Quando lemos: *Façamos o homem à nossa imagem e semelhança*, já que a palavra se refere a ambos, e não ao solitário, e também não significa ser diferente, não devemos confessá-lo nem como solitário nem como diferente. As palavras *nossa imagem*, em vez de *nossas imagens*, indicam em ambos a qualidade de uma só natureza. Não basta, porém, a prova das palavras, há ainda a execução das obras, seguindo a compreensão dos ditos, pois assim está escrito: *E Deus fez o homem, à imagem de Deus o fez* (Gn 1,27). Pergunto, se é solitário e a si mesmo dirigiu a palavra. Que pensas tu? Vejo agora uma tríplice indicação: do que faz, do que foi feito e do exemplo. Quem foi feito é o homem. Deus o fez e à sua imagem. Se o Gênesis houvesse falado de um solitário, certamente teria dito: *E o fez à sua imagem*. Mas, anunciando o mistério evangélico, falou, não de dois deuses, mas de Deus e Deus, quando disse ter sido o homem feito por Deus *à imagem de Deus*. Assim se vê que Deus fez o homem à imagem e semelhança, comum a Ele e a Deus, para que nem a indicação de quem realiza admita a idéia de solidão, nem a obra realizada segundo a mesma imagem e semelhança permita entender uma diversidade de divindade.

19. Depois disto, parece supérfluo acrescentar algo, pois quando se trata do que é divino, não é necessário falar muitas vezes, basta apenas falar. Contudo é preciso conhecer o que sobre isto foi dito, embora não tenhamos de fornecer provas às palavras divinas, mas à nossa inteligência. Entre muitas ordens dadas a Noé, Deus assim disse: *Todo o que derramar o sangue humano será castigado com a efusão do próprio sangue; porque fiz o homem à imagem de Deus* (Gn 9,6). Também aqui distinguem-se o exemplo, a obra, e o que opera. Deus atesta ter feito o homem à imagem de Deus. Quando o homem iria ser criado, disse de si mesmo, não a si, *à nossa imagem*, quando o homem já tinha sido criado, disse: *Deus fez o homem à imagem de Deus*. Certamente não ignorava o valor das palavras, e se falasse a si mesmo, teria dito *Fiz à minha imagem*. Mas disse para demonstrar a unidade de natureza: *Façamos à nossa imagem*. Nem nos leva à confusão, a idéia de solitário e não solitário, pois Deus, fazendo o homem, o fez *à imagem de Deus*.

20. Se Deus Pai tivesse dito a si mesmo, como solitário, como queres afirmar, se fosse possível admitir que tenha falado a si mesmo como a um outro, e se fosse possível acreditar que com as palavras *fiz o homem à imagem de Deus* (Gn 9,6) quisesse dar a entender que tinha dito *fiz o homem à minha imagem*, seria refutado pelo teu próprio testemunho, visto que disseste que tudo vem do Pai, mas por meio do Filho. Pelo que foi dito: *Façamos o homem*, compreende-se que a origem provém daquele mesmo do qual vem também a palavra; mas porque *Deus fez à imagem de Deus*, isto significa também aquele por quem se realizou a obra.

21. Em seguida, para que não te seja permitido mentir, a Sabedoria, que tu mesmo confessaste ser

Cristo, te contradirá, dizendo: *Quando fazia surgir fontes sob o céu e estabelecia os fortes fundamentos da terra, eu estava junto dele, compondo. Eu era sua alegria. Diariamente eu me alegrava diante dele em todo o tempo, como se alegrava com o orbe perfeito e se alegrava com os filhos dos homens* (Pr 8,28-31; LXX). Todo pretexto está excluído, e todo o erro está obrigado a confessar a verdade. Está presente junto a Deus a Sabedoria, nascida antes dos séculos. Não apenas está presente, mas também compõe. Está, portanto, compondo junto dele. Conhece o ofício de compor e de dispor. O Pai, só com falar, realiza; o Filho, ao fazer o que é dito para fazer, compõe. Faz-se a distinção das pessoas de tal modo que a obra se refere a ambos. Por ter sido dito *Façamos*, igualam-se a ordem e a execução, mas: *eu estava junto dele compondo* significa não ser solitário no trabalho. Alegra-se diante daquele com quem compartilhava a alegria. *Diariamente eu me alegrava diante dele em todo o tempo, quando se alegrava pelo orbe perfeito, e alegrava-se com os filhos dos homens* (Pr 8,30-31). A Sabedoria revela a causa de sua alegria. Alegra-se por causa da alegria do Pai, pela perfeição do mundo e pelos filhos dos homens. Pois está escrito: *Deus viu que tudo era bom*. Alegra-se porque sua obra, feita por ela de acordo com seu preceito, agrada ao Pai. Proclama provir seu gáudio da alegria do Pai ao ver o orbe terminado, e *pelos filhos dos homens*, porque já no único Adão estava o exórdio de todo o gênero humano. Portanto, na criação do mundo, não fala para si mesmo um Pai solitário, estando em sua companhia sua Sabedoria cooperando, alegre pela cooperação consumada.

22. Não ignoramos faltarem muitas e importantes evidências para a completa exposição destas palavras, por nós adiadas, não dissimuladas. Reservou-se um tratado para mais plenamente estudar as outras proposições. Agora apenas se responde ao que, na exposição de sua fé, ou antes, da perfídia, é dito pelos ímpios: que somente um Deus foi declarado por Moisés. E na verdade nos lembramos de que foi pregado que Deus é um, de quem tudo procede, mas nem por isso se deve ignorar que há o Filho de Deus, pois o mesmo Moisés confessou Deus e Deus em todo o corpo de sua obra. Portanto é preciso ver como, não só a eleição, mas também a Lei afirmaram Deus e Deus, na mesma ordem da sua exposição.

23. Depois de Deus ter falado muitas vezes a Abraão, quando Sara o indispunha contra Agar, por invejar a senhora estéril a gravidez da escrava, afastando-se esta de sua presença, assim diz a Escritura, a respeito dela: *E o Anjo do Senhor disse a Agar: “Volta para tua senhora, e humilha-te sob sua mão”. E disse-lhe o Anjo do Senhor: “Multiplicarei tua descendência, de tal maneira que não poderá ser contada”* (Gn 16,9,10). E ainda: *Agar invocou o nome do Senhor que lhe falava: Tu és o Deus que olhaste para mim* (Gn 16,13). O Anjo de Deus fala (mas há dupla significação na palavra Anjo: aquele que é, e aquele de quem é), e não fala algo de acordo com o nome de seu ofício, pois diz: *multiplicarei tua descendência, de tal maneira que não poderá ser contada*. O poder de multiplicar os povos ultrapassa o ministério de um anjo. Mas, porque então o Anjo de Deus fala daquilo que é próprio só de Deus, atestado pela Escritura? *E invocou o nome do Senhor que falava com ela: Tu, Deus, que olhaste para mim*. Primeiro, anjo de Deus, depois, Senhor, pois *invocou o nome do Senhor que falava com ela*, em seguida, em terceiro lugar, Deus: *Tu és o Deus que olhaste para mim*. O mesmo que é dito Anjo de Deus, é Senhor e Deus. Segundo o Profeta, o filho de Deus é *Anjo do grande conselho* (Is 9,6; LXX). Para que fosse completa a distinção das pessoas é chamado de Anjo de Deus, pois Aquele que é Deus de Deus é também Anjo de Deus. Para que se lhe preste a devida honra é declarado Senhor e Deus.

24. Aqui, primeiro é Anjo, em seguida, o mesmo é Senhor e Deus; porém para Abraão é somente Deus. Já guardada a anterior distinção de pessoas, para que não se insinue o erro do *solitário*, declara-se o seu nome certo e verdadeiro. Pois está escrito: *E Deus disse a Abraão: “Eis que Sara, tua esposa,*

te dará um filho: e tu o chamarás de Isaac; estabelecerei com ele minha aliança, como uma aliança perpétua. Em favor de Ismael também eu te ouvi: eu o abençoei, e o farei crescer muito. Gerará doze povos e dele farei uma grande nação” (Gn 17,19-20). Será possível duvidar de que quem é chamado Anjo de Deus, seja, agora, ele mesmo dito Deus? Igualmente há uma palavra sobre Ismael, neste lugar como pouco antes, e o que fará crescer é o mesmo. E para quem talvez não acredite que seja o mesmo que falara a Agar, a palavra divina o atesta, dizendo: *Eu o abençoei e o farei crescer*. A bênção está no passado, já acontecera a palavra a Agar; *farei crescer*, porém, está no futuro, pois esta é a primeira vez que Deus fala a Abraão sobre Ismael. A Abraão, é Deus que fala, a Agar, foi o Anjo de Deus quem falou. Portanto, é Deus quem também é Anjo; porque quem é Anjo de Deus é Deus, nascido de Deus. É chamado Anjo de Deus porque é Anjo do Grande Conselho, porém o mesmo depois se mostra como Deus, para que não se creia que quem é Deus seja apenas um anjo. O discurso segue a ordem dos assuntos. O Anjo do Senhor falou a Agar; ele, como Deus, falou a Abraão; ele dirigiu a palavra a ambos. Ismael é abençoado e é-lhe prometido tornar-se um grande povo.

25. A Escritura também mostra, por meio de Abraão, que era Deus quem falava. O filho Isaac também foi prometido a Abraão. Em seguida, aparecem três homens. Abraão, tendo visto os três, adora a um e declara ser seu Senhor. A Escritura diz que três homens se apresentaram, mas o Patriarca não ignora a quem deve adorar e declarar seu Senhor. A aparência dos três era a mesma; mas ele, com os olhos da fé e a vista do espírito, reconhece seu Senhor. Depois continua: *E disse-lhe: “Voltarei a ti no próximo ano; então tua esposa Sara terá um filho”* (Gn 18,10). Depois disto disse-lhe o Senhor: *Não ocultarei a Abraão, meu servo, o que irei fazer* (Gn 18,17; LXX). *Disse então o Senhor: “O Clamor contra Sodoma e Gomorra chegou ao auge, e o seu pecado é muito grande”* (Gn 18,20). Tendo dito muitas outras coisas, que por brevidade omitimos, como Abraão estivesse preocupado por pensar que iriam se perder os justos com os injustos, disse: *Longe de ti, que és o juiz da terra, que faças tal coisa*. E o Senhor disse: *Se encontrar em Sodoma cinqüenta justos na cidade, perdoarei este lugar por causa deles* (Gn 18,25-26). E, tendo terminado a história sobre Ló, irmão de Abraão, diz a Escritura: *E o Senhor fez chover sobre Sodoma e Gomorra enxofre e fogo, vindos do céu, da parte do Senhor* (Gn 19,24), e: *O Senhor visitou Sara, como dissera, e fez Deus por Sara como prometera e Sara concebeu e deu à luz um filho a Abraão em sua velhice no tempo que lhe indicara o Senhor* (Gn 21,1-2). Em seguida, quando a escrava expulsa com seu filho da casa de Abraão temia que a criança morresse no deserto, por falta de água, diz a mesma Escritura: *Deus ouviu do céu a voz do menino e o Anjo de Deus chamou Agar e disse-lhe: Que tens, Agar? Não temas, pois Deus ouviu a voz do menino do lugar onde está. Levanta-te, pega o menino, e segura-o pela mão, pois dele farei uma grande nação* (Gn 21,17-18).

26. Que pérfida cegueira, que coração obtuso, o do incrédulo, que temeridade na impiedade é ignorar ou então desprezar o que não se ignora! Certamente estas coisas foram mencionadas e ditas, a fim de evitar que algum erro ou obscuridade impedisse a compreensão da verdade. E se ensinamos que não podem ser ignoradas, é, sem dúvida, crime de impiedade negá-las. O Anjo do Senhor começou por dizer a Agar que Ismael crescerá como uma grande nação e que lhe seria dada uma numerosa descendência. A declaração que se ouve ensina ser Ele Senhor e Deus. O discurso começou pelo anjo, mas consiste na confissão de Deus. Deste modo, quem, com a missão de ser nuncio do Grande Conselho, é, Ele próprio, Anjo de Deus, pela natureza, como pelo nome, é Deus, pois o nome se conforma à natureza, não a natureza ao nome. Das mesmas coisas Deus fala a Abraão; diz que Ismael é abençoado e será multiplicado como grande nação: *Eu o abençoei*, diz (Gn 17,20). Não se referiu a outra pessoa, demonstrando já ter Ele mesmo abençoado. A Escritura mantém a devida ordem na

exposição do mistério e na pregação da verdade; começa pelo anjo de Deus, e depois demonstra ser o próprio Deus quem diz essas coisas.

27. Completando seu ensinamento, prossegue a palavra divina dizendo que Deus, neste mesmo lugar, fala a Abraão e promete que Sara dará à luz. Depois disto, aparecem diante dele, que estava sentado, três homens; adora a um e o chama de Senhor. O que foi adorado e confessado por ele promete voltar naquela mesma época no futuro, e Deus diz a Abraão que Sara terá, no futuro, um filho. Sobre estas coisas, o homem por ele visto lhe diz o mesmo. Há apenas a mudança dos nomes, mas nada falta à declaração. Tendo visto um homem, Abraão o adora como *Senhor* (Gn 18,2,3), ou seja, reconhece o mistério da futura encarnação. Contudo, não faltou o reconhecimento de tão grande fé, pois, no Evangelho, o Senhor diria: *Abraão, vosso pai, exultou por ver o meu dia, Ele o viu e se alegrou* (Jo 8,56). O homem que viu promete voltar na mesma época. Vê o efeito da promessa, lembra-te, no entanto, de quem é o homem que promete. Que diz então a Escritura? *E o Senhor visitou Sara* (Gn 21,1). Portanto, este é o Senhor, realizando o que prometera. Que mais? *E fez Deus a Sara o que prometera*. É chamado homem ao falar, é indicado como Senhor na visita, é confessado como Deus pelo que fez. Certamente não ignoras ser um homem aquele que foi visto por Abraão e lhe falou. Como ignorarias ser Deus aquele que a Escritura, que o chamara de homem, confessa ser Deus? Ela mesma disse: *E concebeu e deu à luz um filho a Abraão em sua velhice e no tempo que o Senhor indicara* (Gn 21,2). Era um homem o que disse que viria. Crê que seja apenas um homem, a não ser que seja também Deus e Senhor. Considera as circunstâncias. Certamente o homem virá para que Sara conceba e dê à luz. Aprende o que ensina a Fé. O Senhor e Deus vem para que Sara conceba e dê à luz. Com o poder de Deus, o homem falou; com a força de Deus cumpriu a promessa. Deste modo, Deus, falando e agindo, se revela como Deus. Em seguida, dos três homens presentes, dois vão embora, mas o que permanece sentado é Deus e Senhor. E não só é Senhor e Deus, mas é Juiz. Pois, de pé, diante do Senhor, diz Abraão: *Longe de ti fazeres tal coisa: fazer morrer o justo com o pecador, de modo que o justo seja como o pecador. De modo algum: tu, que julgas toda a terra, não farias justiça?* (Gn 18,25). Por conseguinte, em todo este discurso, Abraão demonstra a fé pela qual foi justificado. Entre os três, reconhece o seu *Senhor*, o único que foi adorado e declarado *Senhor e Juiz*.

28. Para que talvez não julgues estar contida na confissão de um a honra prestada aos três homens vistos juntos, repara no que dissera Ló à vista dos dois que se afastaram: *Assim que os viu, levantou-se, foi a seu encontro, prostrou-se com o rosto em terra e disse: Vinde, senhores, entrai na casa de vosso servo* (Gn 19,1,2). Aqui se manteve o plural na simples visão dos anjos; lá, é confessada a honra de um só pela fé do patriarca. Aqui, a narrativa da divina Escritura indica que, dos três, somente dois eram anjos; lá, proclama um Senhor e Deus, pois diz: *Mas Deus disse a Abraão: “Porque Sara ri, dizendo: Vou dar à luz, agora que sou velha? Acaso existe algo impossível para Deus?”*. Na mesma época, *voltarei a ti no futuro, e Sara terá um filho* (Gn 18,13). Portanto, a Escritura mantém a ordem verdadeira, sem misturar o plural para referir-se Àquele que reconhecia como Deus e Senhor e sem atribuir aos dois anjos a honra que somente a Deus fora prestada, pois Ló chama-os de senhores, mas a Escritura os designa como anjos. Ali, a homenagem própria do homem, aqui, a confissão da verdade.

29. Em seguida vem sobre Sodoma e Gomorra o castigo da justa condenação. E o que há nisso de tão importante? *O Senhor fez chover enxofre e fogo vindos do Senhor* (Gn 19,24). Com o *Senhor do Senhor*, não distinguiu pelo nome da natureza aqueles que distinguira pela designação (como não sendo uma só pessoa). Lemos, é verdade, no Evangelho, que *o Pai a ninguém julga, mas entregou todo o julgamento ao Filho* (Jo 5,22). Por conseguinte o Senhor deu aquilo que o Senhor recebeu do Senhor.

30. Quanto a ti, que reconheceste o Juiz no Senhor e no Senhor, nele reconhece o consórcio do mesmo

nome em Deus e Deus. Jacó, fugindo por medo do irmão, viu em sonhos uma escada apoiada na terra que atingia o céu. Por ela, anjos de Deus subiam e desciam e o Senhor, nela apoiado, concedia-lhe todas as bênçãos que dera a Abraão e a Isaac (Gn 28,13-15). Depois disto foi-lhe dirigida a palavra de Deus: *Disse Deus a Jacó: “Levanta-te, sobe a Betel e fixa ali tua morada. Erguerás um altar a Deus, que te apareceu quando fugias da presença de teu irmão Esaú* (Gn 35,1). Deus pede que dê honra a Deus, e o pede referindo-se a outra pessoa. Disse: *Deus, que te apareceu quando fugias*, para que não houvesse confusão quanto às pessoas. Portanto, é Deus que fala e é sobre Deus que se fala. O reconhecimento da honra não discerne, pelo nome da natureza, aqueles a quem a denominação pessoal distingue.

31. Nesta altura, lembrei-me de algo necessário para fornecer provas mais completas, mas assim como a ordem das proposições, também a ordem das respostas deve ser conservada. Por isso, explicaremos aquilo que ainda resta em outro livro, em seu devido lugar. Até agora, somente se demonstrou sobre Deus que pede ser dada honra a Deus, que o anjo de Deus que falou com Agar era Deus e Senhor, visto que, sobre estas coisas, conversou com Abraão, e que o homem visto por Abraão era também Deus e Senhor. Quanto aos dois anjos, vistos com o Senhor e por Ele enviados a Ló, nada declarou o Profeta, a não ser serem anjos. Deus se apresentou a Abraão como homem, e igualmente a Jacó Deus apareceu como homem. E não só apareceu, mas se mostrou como lutador e, mais ainda, fraco, contra aquele com quem lutava. Agora, porém, não é próprio nem do tempo, nem do assunto, tratar do mistério da luta. Certamente é Deus, porque Jacó, contra Deus, foi mais forte, e Israel viu a Deus.

32. Vejamos, porém, se também em outro lugar, além daquele em que fala a Agar, este anjo de Deus foi reconhecido como Deus, e conhecido claramente. E não só como Deus, mas como o Deus de Abraão, o Deus de Isaac e o Deus de Jacó. Pois o anjo do Senhor apareceu a Moisés na sarça e, da sarça, o Senhor falou; de quem julgas ser esta voz que escutou, de qual dos dois é: do que foi visto, ou de algum outro? Aqui não há escapatória. Assim diz a Escritura: *Apareceu-lhe o anjo do Senhor numa chama de fogo, no meio de uma sarça* (Ex 3,2). E de novo: *O Senhor o chamou do meio da sarça: “Moisés! Moisés!” Ele respondeu: “Que é?” E disse o Senhor: “Não te aproximes daqui, tira as sandálias de teus pés, pois o lugar em que está é terra santa”. E disse-lhe: “Eu sou o Deus de Abraão, o Deus de Isaac, o Deus de Jacó”* (Gn 3,4-6). Quem apareceu na sarça fala na sarça, e o lugar da visão é o mesmo da voz. O que é ouvido não é diferente do que é visto. O mesmo que, ao ser visto, é o anjo de Deus, ao ser ouvido, é o Senhor; porém, o que é ouvido, depois é conhecido como o Deus de Abraão, de Isaac e de Jacó. Quando se diz *Anjo de Deus*, mostra-se não ser fechado em si mesmo, nem ser solitário, pois é um anjo de Deus; quando se diz *Senhor e Deus*, é declarado assim pela honra de sua natureza e pelo nome. Tens, portanto, que o anjo que apareceu na sarça também é o Senhor Deus.

33. Percorre ainda os testemunhos de Moisés e descobre se negligenciou alguma ocasião de declarar Deus e Senhor. Tens, por exemplo: *Ouve, Israel, o Senhor teu Deus é um só* (Dt 6,4). Lembra-te agora dos dizeres do seu cântico divino: *Vede, vede, que eu sou o Senhor, e não há Deus além de mim* (Dt 32,39). E como se todo o discurso fosse pronunciado por Deus em pessoa, até o fim do cântico, diz: *Alegrai-vos, ó céus, junto com Ele, e adorem-no todos os filhos de Deus. Alegrai-vos, nações, com seu povo, e honrem-no todos os anjos de Deus* (Dt 32,43; LXX). Pelos anjos de Deus deve ser honrado Deus, que diz: *Porque eu sou o Senhor, e não há Deus além de mim*. É, portanto, o Deus Unigênito, e o nome de Unigênito não admite consorte (assim como não aceita o Inascível um participante, enquanto é inascível), pois é o Único, nascido do Único. Além do Deus inascível não há outro Deus inascível, e além do Deus unigênito, não há um outro que também seja Deus unigênito. Cada um deles é único no atributo que lhe é próprio, isto é, em ser inascível e em ter no Pai a origem. Assim, um e outro são um

só Deus, pois, entre o que é Um e o que é Um, isto é, o Único nascido do Único, não há uma segunda natureza diferente da eterna divindade. Seja, portanto, adorado pelos filhos de Deus e honrado pelos anjos de Deus. Assim se requer a honra e a veneração a Deus pelos filhos de Deus e pelos anjos. Entende quem deve ser honrado e por quem deve ser honrado: Deus, pelos anjos e filhos de Deus. E para que não julgues que se pede que seja honrado um Deus que não o é por natureza, nem penses que, neste lugar, Moisés tenha querido referir-se à honra prestada a Deus Pai, quando na verdade o Pai é honrado no Filho, presta atenção à bênção que, no mesmo discurso, é dada a José: *Que a bênção daquele que apareceu na sarça venha sobre a cabeça e a frente de José* (Dt 33,16). Aquele que deve ser adorado pelos filhos de Deus é Deus, mas Deus que é também o Filho de Deus. O que deve ser honrado pelos anjos de Deus é Deus, mas o Deus que é o anjo de Deus é Deus, porque Deus na sarça apareceu como o anjo de Deus, e o que era de seu agrado a José foi desejado, ao ser este abençoado. Não deixa de ser Deus porque é anjo de Deus, nem deixa de ser anjo de Deus por ser Deus; mas, pela indicação das pessoas, e a distinção entre inascibilidade e natividade e pela manifestação da Economia dos celestes sacramentos, ensina a não se ter a idéia de um Deus solitário, já que Deus, como Anjo de Deus e Filho de Deus, deve ser adorado pelos anjos e filhos de Deus.

34. Seja esta a nossa resposta a partir dos livros de Moisés, ou melhor, é o próprio Moisés que responde, já que os hereges, afirmando haver um só Deus, pensam poder persuadir-nos de que não pode haver um Deus Filho de Deus. Os ímpios, ao confessarem o único Deus, contra o testemunho daquela autoridade, pretendem ensinar que o Filho de Deus não é Deus. Será, porém, conveniente apresentar muitas sentenças dos profetas sobre o mesmo.

35. Conheces as palavras: *Ouve, Israel, o Senhor teu Deus é um só* (Dt 6,4); mas quem dera que as conhecesses de maneira correta! Pergunto qual pensas ser o sentido da palavra profética, pois diz o Salmo: *Deus, o teu Deus te ungiu* (Sl 44,8). Distingue, para a compreensão do leitor, o ungido e o que unge; distingue *te* de *teu*, demonstra para quem e a respeito de quem é a palavra, pois o sentido da declaração depende do que foi dito acima: *Teu trono, ó Deus, pelos séculos dos séculos; o cetro de teu poder é o cetro de teu reino; amaste a justiça e odiaste a iniquidade* (Sl 44,7). Agora acrescenta: *Por isso Deus, o teu Deus, te ungiu*. Portanto, o Deus do reino eterno, pelo mérito de amar a justiça e odiar a iniquidade, é ungido por seu Deus. Acaso certa diferença entre os nomes confundirá nossa inteligência? Pois, entre *te* e *teu*, somente existe a distinção das pessoas sem que haja, de modo algum, a confissão da distinção da natureza. *Teu* diz respeito ao que é origem, *te* indica aquele que recebe dele a existência e que é Deus, que procede de Deus, pela afirmação feita neste mesmo lugar pelo Profeta: *Ungiu-te, Deus, o teu Deus*. Não há, antes do Deus inascível, qualquer Deus, Ele mesmo afirma: *Sede minhas testemunhas, também Eu testemunho, diz o Senhor Deus, e o meu servo a quem escolhi, para que saibais e creiais e compreendais que eu sou. Não há outro Deus antes de mim, e depois de mim não haverá* (Is 43,10; LXX). Por conseguinte, está demonstrada a dignidade daquele que é sem início e conservada a honra daquele que vem do inascível: *Ungiu-te, Deus, o teu Deus*. Por ter dito *teu*, faz referência à natividade, sem que desapareça a igualdade de natureza. É o seu Deus, porque, sendo nascido dele, está em Deus. Contudo, porque o Pai é Deus, o Filho não deixa de ser Deus. *Ungiu-te, Deus, o teu Deus*: designa o que gerou e o que é nascido dele; por uma e a mesma palavra estabeleceu-se a designação da mesma natureza e a dignidade de ambos.

36. Esta questão deve ser estudada, para que as palavras: *Eu sou. Não há outro Deus antes de mim e não haverá depois de mim* (Is 43,10) não dêem motivo a uma ímpia afirmação, como se o Filho não fosse Deus, porque não há nenhum Deus depois daquele antes do qual não há Deus, nem haverá depois, em momento algum. O próprio Deus é testemunha de sua palavra; mas também seu servo

*eleito é testemunha, juntamente com Ele. Antes dele não houve Deus, nem haverá depois. Basta, na verdade, que Ele próprio seja testemunha de si; ajuntou, porém, ao seu testemunho o de seu servo, que escolheu. É um só o testemunho dos dois: não houve antes outro Deus, pois provém dele tudo o que existe e depois dele não haverá Deus. Mas, não afirmam não existir o que provém dele, pois já era o próprio servo que falava, em testemunho do Pai, ele o servo na tribo em que iria nascer o eleito. É o que Ele mesmo demonstra nos Evangelhos: *Eis o meu Servo a quem escolhi, o meu dileto, em quem minha alma se compraz* (Mt 12,18). *Não há outro Deus antes de mim e não haverá depois de mim.* Ao dizer isto, mostra a infinidade do eterno e imutável poder, visto que não há outro Deus, nem antes nem depois dele, tendo unido seu servo ao seu testemunho e ao seu nome.*

37. É fácil saber isso, dito por Ele, pois assim diz ao profeta Oséias: *Não mais terei piedade da casa de Israel para perdoar-lhe, mas lhe serei contrário; contudo terei piedade dos filhos de Judá, e os salvarei pelo Senhor Deus deles* (Os 1,6-7). O Pai claramente chama de Deus o Filho, no qual também nos escolheu antes de todos os tempos (Ef 1,4). *Deles*, diz, porque o Deus inascível não provém de ninguém, mas nós fomos dados ao Filho em herança, por Deus Pai. Lemos: *Pede-me, e eu te darei os povos por tua herança* (Sl 2,8). Assim para Deus, do qual tudo provém, não há Deus, porque é sem início e eterno. Para o Filho, no entanto, o Pai é Deus, pois dele nasceu. Para nós, o Pai é Deus e o Filho é Deus, pois o Pai afirma, a respeito do Filho, que é nosso Deus, e o Filho, ensinando, a respeito do Pai, diz que é Deus para nós; contudo, segundo Oséias, o Filho é chamado *Deus*, pelo Pai, com o nome de seu inascível poder.

38. Em Isaías aparece claramente a afirmação de Deus Pai sobre nosso Senhor, quando diz: *Porque assim diz o Senhor Deus, o santo de Israel, que fez aquilo que há de vir. Interrogai-me a respeito de vossos filhos e filhas, quereis dar-me ordens a respeito da obra de minhas mãos. Eu fiz a terra, e o homem sobre ela, eu dei ordens a todos os astros, eu suscitei um rei com justiça, e todos os seus caminhos são retos. Ele edificará minha cidade e destruirá o cativeiro de meu povo, não com dinheiro nem com dádivas, diz o Senhor dos exércitos. O Egito trabalhará, virão a ti o comércio dos etíopes e de Sabá e homens de grande estatura e passarão para o teu domínio, serão teus servos, irão atrás de ti, presos em cadeias, e te adorarão, e te suplicarão, porque em ti Deus está, e não há Deus além de ti. Tu és Deus e o não sabíamos, Deus de Israel, salvador. Hão de enrubescer e envergonhar-se todos os que o combatem, e sairão cheios de confusão* (Is 45,11-16). Haverá ainda algum lugar para a presunção ou ensejo para a ignorância, sem que com isso se manifeste a impiedade? Deus, de quem tudo procede e que, com uma simples ordem, tudo fez, assumindo para si as obras já feitas, pois, na verdade, as que ainda não estavam feitas não existiriam se não ordenasse que fossem feitas, dá testemunho do rei justo, por Ele suscitado para edificar a cidade para Deus, destruindo o cativeiro do povo, não por dinheiro nem por dádivas, pois de graça somos salvos todos. Diz em seguida que, depois dos trabalhos do Egito, isto é, as calamidades do mundo e as negociações dos Etíopes e de Sabá, homens de grande estatura virão a Ele. E por que dá tanto valor ao Egito, e aos negócios dos etíopes e de Sabá? Recordemos que os Magos do Oriente foram adorar o Senhor e trazer-lhe presentes. Pensemos no trabalho que representou virem até Belém de Judéia. Como foi grande esse trabalho! Pelo esforço dos Reis, se indica o trabalho do Egito. Aos Magos, iludidos pela falsa aparência das coisas relacionadas às operações do poder divino, era prestada, pelo mundo, a grande honra de uma ímpia religião. Aos mesmos Magos, que traziam como dons ouro, incenso e mirra, negociados pelos sabeus e etíopes, anunciava outro profeta ao dizer: *Diante dele se prostrarão os etíopes, e seus inimigos porão a boca no pó; os Reis de Társis oferecerão dons, os Reis da Arábia e de Sabá trarão presentes, e ser-lhe-á dado o ouro da Arábia* (Sl 71,9-10). Nos Magos e nos dons estão representados

os trabalhos do Egito e a negociação dos etíopes e de Sabá. Nos Magos que adoram se mostra o erro do mundo e se mostram também os dons preciosos das gentes, oferecidos ao Senhor por eles adorado.

39. Quanto aos homens de grande estatura, que irão a Ele e o seguirão como vencidos, não é muito difícil descobrir quem serão eles. Olha para o Evangelho: Pedro, para seguir seu Senhor, se cinge (cf. Jo 21,7). Repara nos Apóstolos: o servo de Cristo, Paulo, nas cadeias se gloria (cf. Fl 1,1; 2Cor 11,30). Vejamos se o prisioneiro de Cristo Jesus realiza aquilo que dissera Deus sobre seu Filho Deus: *Suplicarão, porque em ti está Deus* (Is 45,14). Reconhece a palavra do Apóstolo, e entende o que reconheces: *Deus estava em Cristo reconciliando o mundo consigo* (2Cor 5,19). Segue-se depois: *não há Deus fora de ti* (Is 45,14). Logo, o mesmo Apóstolo acrescenta, pois *um é o nosso Senhor Jesus Cristo, por quem tudo foi feito* (1Cor 8,6); e não parece haver outro, porque é Um. Pela terceira vez diz: *Tu és Deus, e não o sabíamos*. Pelo antigo perseguidor da Igreja é dito: *Aos quais pertencem os patriarcas, e dos quais descende Cristo, que é Deus acima de todas as coisas* (Rm 9,5). Isto proclamavam os que estavam algemados, isto é, os homens de grande estatura, que, em doze tronos, iriam julgar as tribos de Israel e seguiriam o seu Senhor pelo martírio da sua doutrina e de sua paixão.

40. Deus está em Deus e Aquele no qual está Deus também é Deus. E como *não há Deus além de ti*, se nele Deus está? Tu te vales erradamente, ó herege, da declaração de Deus Pai como se fosse solitário: *Não há Deus além de mim*. Como interpretarás esta palavra, de Deus Pai: *Não há Deus além de ti*, se pelo fato de haver dito *Não há Deus além de mim* (Dt 32,39), insistes em afirmar que o Filho de Deus não é Deus? A quem, então, Deus Pai teria dito: *Não há Deus além de ti*? Não é possível atribuir isto à pessoa do solitário. O Senhor disse ao rei que suscitara, por intermédio dos homens de grande estatura, que adoravam e suplicavam: *Porque em ti está Deus* (Is 45,14). Isto não admite que se pense num solitário. *Em ti*, se refere a alguém a quem se dirige a palavra. *Em ti está Deus* demonstra não apenas o que está presente, mas Aquele que nele está presente; distinguindo o que habita daquele em quem habita, distinção que se aplica somente às pessoas, não à natureza, pois Deus está nele, e Aquele em quem Deus está é Deus. Deus não habita uma natureza diferente e alheia à sua, mas permanece no seu Filho de si gerado. Deus está em Deus porque o que é nascido de Deus é Deus. *Tu és Deus, e não sabíamos, Deus de Israel salvador* (Is 45,15).

41. A palavra seguinte te contradiz, a ti, que negas que Deus esteja em Deus: *Hão de enrubescer e envergonhar-se todos os que o combatem e sairão cheios de confusão* (Is 45,16). Este é o decreto de Deus para tua impiedade. Combates Cristo, a respeito de quem a declaração paterna te repreende. Pois é Deus Aquele que tu negas ser Deus. Certamente negas, sob a aparência de honrar a Deus (Pai), que diz: *Não há outro Deus além de mim*. Mas enrubesce, enche-te de confusão. O Deus inascível não precisa receber de ti esta honra, não solicita de ti a glória da solidão, não deseja a opinião de tua inteligência, porque, por ter Ele dito: *Não há Deus além de mim*, renegas o Deus que Ele gerou de si mesmo. Querendo destruir a divindade do Filho, nada de especial lhe conferirás. Ao dizer: *E não há Deus além de mim*, cobriu o seu Unigênito de glória pela honra da perfeita divindade. Por que separas os iguais? Por que distingues o que está unido? É próprio do Filho de Deus que não haja outro Deus além dele; e é próprio de Deus Pai que não haja outro Deus além dele. Emprega as palavras de Deus sobre Deus. Confessa deste modo e roga ao rei: *Porque em ti está Deus, e não há Deus além de ti. Tu és Deus, e não o sabíamos, Deus de Israel salvador*. Não há vergonha nenhuma em prestar honra, não há ofensa na confissão, principalmente quando a negação está plena de confusão e de vergonha. Detém-te nas palavras de Deus, confessa com as palavras de Deus e foge da indignidade da denúncia. Por negares ser Deus o Filho de Deus, não veneras a Deus com a honra de solitário, mas desprezas o Pai por desonrar o Filho. Com a homenagem da fé, confessa o Deus inascível, declara que além dele

não há nenhum Deus e proclama o Deus unigênito, porque não há Deus separado dele.

42. Depois de Moisés e de Isaías, escuta, em terceiro lugar, a Jeremias, que ensina o mesmo: *Este é o nosso Deus, e a seu lado não se contará nenhum outro. Encontrou todo o caminho da ciência, e a deu a Jacó, seu servo, e a Israel, seu dileto. Depois foi visto na terra, e conviveu com os homens* (Br 3,36-38). Já dissera acima: *É um homem, e quem o conhecerá?* (Jr 17,9; LXX). Tens, portanto, um Deus visto na terra, morando entre os homens. Pergunto então como pensas que se deve compreender esta palavra: *Ninguém jamais viu a Deus, a não ser o Filho unigênito que está no seio do Pai* (Jo 1,18), quando Jeremias fala de um Deus que foi visto na terra e conviveu com os homens. Certamente o Pai é visível somente para o Filho. Quem é, então, Aquele que foi visto e conviveu com os homens? É, sem dúvida, o nosso Deus, visível como homem e Deus palpável. Escuta o Profeta: *Ao seu lado não se contará nenhum outro. Se perguntas como, ouve o que se segue, sem que por isto julgues que, por causa destas palavras, não se refere ao Pai o que foi dito: Ouve, Israel, o Senhor teu Deus é um só* (Dt 6,4), pois em seguida vem: *Ao seu lado não se contará nenhum outro. Encontrou todo o caminho da ciência e a deu a Jacó, seu servo, e a Israel, seu dileto. Depois foi visto na terra e conviveu com os homens.* Um só é o Mediador entre Deus e o homem (cf. 1Tm 2,5), o Deus e Homem, mediador na doação da Lei e na assunção do corpo. Por conseguinte, nenhum outro se contará ao lado dele. É Um só, nascido de Deus para ser Deus, por quem tudo foi criado no céu e na terra, por quem foram feitos os tempos e os séculos. Tudo o que existe subsiste por sua operação. É o único, determinando a Abraão, falando a Moisés, entregando a Aliança a Israel, presente nos Profetas, nascido do Espírito Santo pela Virgem. Ele pregou no lenho da cruz todas as potências inimigas que nos combatem, destruindo a morte no inferno, confirmando, pela ressurreição, a fé de nossa esperança. Ele destruiu a corrupção da carne humana pela glória de seu corpo. Nenhum outro se contará a seu lado. Estas coisas são próprias do Deus Unigênito. Só Ele, na privilegiada felicidade de seu poder, nasceu de Deus. A Ele nenhum outro Deus se equipara, pois não é de outra substância, mas é Deus que procede de Deus. Nele, nada há de novo, nada de estranho, nada de recente. Quando Israel ouve que, para si, Deus é um só e que não se põe a nenhum outro Deus no lugar do Filho de Deus para que seja Deus, o Pai Deus e o Filho Deus são Um, de modo absoluto, não pela unicidade de pessoas, mas pela unidade de substância, porque o profeta não permite que se considere o Deus Filho de Deus, como outro Deus, porque é Deus.

LIVRO QUINTO

1. Respondendo, nos livros anteriores, às insensatas afirmações dos hereges, não ignorávamos que, levados pela necessidade de contradizê-las, nossa resposta, tanto quanto nosso silêncio, poderiam abalar os ouvintes. Quando a afirmação profana do infiel diz ser Deus um só, a fé autêntica não pode, piedosamente, negar que haja um só Deus. A consciência também não pode falar sobre Ele sem perigo, pois corre o risco de antes confirmar do que negar a impiedade. A opinião da mente humana certamente julgará inepto e sem razão pensar que negar o irreligioso possa ser, ao mesmo tempo, confessar-se irreligioso, já que a piedade em confessar condena a impiedade em negar, e não concorda com a razão, que se afirme com proveito o que, com proveito, se destrói. A mente humana, no entanto, não tendo a prudência necessária para compreender a sabedoria divina, sendo estulta, se comparada com a prudência celeste, só percebe na medida de sua fragilidade e aprova segundo a incapacidade de sua natureza. Que ela se torne estulta para poder apreciar a Deus e, reconhecendo a sua própria indigência e consentindo na sabedoria de Deus, não seja prudente segundo a sabedoria humana, mas aceite o que é aprovado segundo Deus, passando da reconhecida estultice do mundo para a sabedoria de Deus. A herética sutileza da estulta sabedoria, servindo-se da ocasião de enganar, confessa um só Deus, baseando-se na autoridade da Lei e dos Evangelhos, onde se diz: *Ouve, Israel, o Senhor teu Deus é um só* (Dt 6,4; Mc 12,29). Não ignora quão grande é o perigo, tanto da resposta quanto do silêncio, por esperar de ambos a oportunidade para a impiedade, já que, se o silêncio conivente confirmasse a santidade da afirmação, usurpada infielmente, de que Deus é um só, o Filho de Deus não seria Deus, pois Deus é e permanece um; porém se se contradissesse esta sua ímpia declaração, a resposta, sem a afirmação, não conservaria a verdade da fé evangélica, já que, conforme a profissão de nossa fé, Deus é um; assim recairíamos na impiedade da outra heresia ao declarar que o Deus uno é Pai e Filho. Desta forma, a sabedoria do mundo, que para Deus é estultice, enganaria sob a capa de branda e pestífera simplicidade, pois isto serviria de base para sua profissão de fé, que, impiamente, ou aceitaríamos, ou negaríamos. Por isso, há perigo de obterem de nós a confissão de que o Filho de Deus não seja Deus, porque Deus é um só, ou exigirem a necessária heresia, se parecêssemos pregar, ao confessar Deus Pai e Deus Filho, um único Deus, conforme a ímpia opinião de Sabélio. E assim, neste seu modo de pregar *um só Deus*, ou se excluiria o *outro*, ou não seria, por causa do outro, um só, ou apenas seriam um pelo nome, porque a unidade desconheceria um outro e um outro não permitiria a unicidade e não seria possível que dois fossem um.

2. Mas nós, tendo alcançado a sabedoria de Deus que, para o mundo, é loucura, começamos em ordem nossa resposta, tendo em vista a confissão salutar e sincera da fé do Senhor e a fim de manifestar a fraudulência da doutrina viperina. Para conseguir uma abertura para a demonstração da verdade, sem nos enredarmos no perigo de uma ímpia declaração, conduzimo-nos com moderação entre ambos os extremos sem negar o Deus único e proclamando a Deus e Deus, pela autoridade daquele pelo qual foi anunciado o Deus uno. Ensinamos que Deus é Um, porém não é uma só pessoa. Não o dividimos numa diversidade de deuses, mas também não professamos a distinção só pelos nomes. Demonstramos que existe Deus e Deus, embora tenhamos adiado o estudo mais completo da unidade para mais tarde. Os Evangelhos atestam muito bem que o único Deus foi pregado retamente por Moisés. Por outro lado, Moisés, que prega o Deus único, dá a garantia de que nos Evangelhos se ensina fielmente haver Deus e Deus. Assim não se contradiz a autoridade, pois a resposta decorrente da autoridade é que não é lícito negar que o Filho seja Deus, pelo fato de, para Israel, Deus ser um só, já que quem confessa ser Deus o Filho de Deus é o mesmo autor da prescrição de se pregar um só Deus.

3. Segue, portanto, a ordem das questões a mesma ordem dos temas propostos, já que é esta a sentença de ímpia sedução apresentada: *Conhecemos um único Deus verdadeiro*, aqui também, neste segundo livro, a pergunta consiste em saber se o Filho de Deus é verdadeiro Deus. Pois, sem dúvida, a sutileza do engenho herético se adaptou a esta ordem, dizendo primeiro: *único Deus*, em seguida, confessando *único verdadeiro Deus*, para, com isto, afastar o filho de Deus da natureza e da verdade de Deus, já que, se a verdadeira natureza existe em um só, esta natureza não poderia pertencer senão a um só. Portanto, não há nenhum lugar para a ambigüidade, e estou certo de que, pregando Moisés um único Deus, deve-se entender ter ele indicado, a respeito do Filho, que era Deus. Tornemos a estudar as declarações das mesmas autoridades e indaguemos se teria Moisés ensinado que deveríamos entender que é Deus verdadeiro Aquele a quem indicou como Deus. Ninguém duvida de que a natureza e as propriedades demonstram a verdade das coisas, como, por exemplo, se diz que o verdadeiro trigo é aquele disposto em espiga, cercado de praganas e folículos cruzados, moído como farinha, cozido como pão, tomado como alimento, dando-se na natureza de pão e de dom. Portanto, já que o poder da natureza demonstra a verdade, vejamos se é Deus verdadeiro Aquele a quem Moisés indicou como Deus. Depois falaremos do Deus uno, que é o Deus verdadeiro, e mencionaremos o tema anunciado: a confirmação de que Deus uno e verdadeiro existe no Pai e no Filho que subsistem pessoalmente, para que não se interponha uma perigosa suspeita e a expectativa ansiosa não traga cansaço.

4. Depois de termos recebido, por meio dela, o conhecimento de Deus, a criação do mundo indica ser Deus o Filho de Deus. Pergunto, então, por que ainda se nega ser Ele verdadeiro Deus. Não há dúvida de que pelo Filho tudo existe. Segundo o Apóstolo: *Tudo por Ele, e nele* (Cl 1,16). Se tudo é por Ele, e tudo veio do nada, e nada existe a não ser por Ele, quero saber onde falta a verdade de Deus naquele em quem não falta nem a natureza nem o poder de Deus. Pois usou o poder de sua natureza para que existissem os seres que não existiam e fossem feitos aqueles que lhe agradassem. Porque Deus viu que tudo era bom (cf. Gn 1,25).

5. A Lei não emprega outra indicação a não ser a das pessoas, ao dizer: *E disse Deus: “Faça-se o firmamento”* (Gn 1,6), e ao acrescentar: *E Deus fez o firmamento* (Gn 1,7). No restante, nem distinguiu a virtude, nem separou a natureza, nem mudou o nome, quanto dava, apenas, o conhecimento de quem dizia para indicar quem fazia. A designação do que fala não o priva da verdade da natureza e do poder, pelo contrário, sublinha com mais propriedade a sua verdade. Dar eficácia à palavra pertence à natureza, pela qual o que faz pode realizar aquilo que diz. Mas por que não será verdadeiro o que faz, se é verdadeiro o que diz, quando, à verdade da palavra, se segue a realidade da obra? É Deus o que diz, é Deus o que faz. Se na palavra (naquilo que diz) há a verdade, pergunto por que negá-la na obra (naquilo que faz), a não ser, talvez, que seja verdadeiro ao dizer e não seja verdadeiro ao fazer. Temos então em Deus, Filho de Deus, a verdade da natureza. É Deus, é Criador, é filho de Deus, pode tudo. É pouco que possa o que quer, porque o poder pertence sempre à vontade, mas, além disso, também pode fazer aquilo que lhe é dito, pois pertence ao perfeito poder que a natureza do que faz possa aquilo mesmo que indica a palavra do que fala. Se algo pode ser dito, o mesmo também pode ser realizado, e a operação que se identifica com as palavras possui a natureza da verdade. Na verdade, o Filho de Deus não é um Deus falso, nem um Deus adotivo, nem é Deus somente pelo nome, mas é verdadeiro Deus. Não há necessidade de apresentar algum argumento diferente daquele do adversário que deseja provar que não seja verdadeiro Deus; para mim, é bastante que tenha a natureza e o nome de Deus, porque é Deus, por quem tudo foi feito. Isto a criação do mundo me revelou sobre Ele. Deus se iguala ao nome de Deus, a verdade se identifica com a obra da verdade. Como se dá a conhecer o Deus poderoso pela palavra, assim também se dá a conhecer o Deus poderoso nos seus feitos. Depois disto,

pergunta, na confissão do Pai e do Filho, com que autoridade se nega a verdade da natureza de quem possui em plenitude o poder do nome e o nome do poder?

6. É preciso que o leitor se lembre de que, ao calar-me agora sobre isto, não o faço por me esquecer ou ter receio do que os hereges costumam objetar, apresentando as palavras: *O Pai é maior do que Eu* (Jo 14,28) e outras semelhantes, que, ou são ignoradas ou são compreendidas de tal forma que por elas se entende não estar no Filho a natureza do verdadeiro Deus. Convém à ordem de nossas respostas começar pelas proposições contrárias, para que, calcando as pegadas da ímpia crença com os passos da pia pregação e, passando por este caminho profano e irreligioso, apaguem-se as marcas deixadas pela mentirosa doutrina. Adiadas, portanto, e reservadas para o fim as mensagens evangélicas e apostólicas, a luta contra os ímpios se concentra sobre a Lei e os Profetas, para que seja repelida a invenção da falaz perversidade pelos mesmos ditos com que tentam enganar. Não há meio de se entender a verdade, a não ser que se descubra ser falso o que se objeta contra a verdade. E isto, para a absoluta desonra dos mentirosos, se as próprias mentiras servirem à verdade. É parecer geral do senso comum não se unir o falso ao verdadeiro, nem poder ficar juntos, por mútuo assentimento, estes gêneros de coisas, porque, pela diferença dos gêneros, havendo naturezas contrárias, nunca as coisas discordes se unem, nem concordam as que são diversas, nem é comum a ambas o que lhes é estranho.

7. Se há um Deus verdadeiro e um falso, pergunto: como se entenderá a palavra: *Façamos o homem à nossa imagem e semelhança* (Gn 1,26)? As palavras enunciam o sentido, o sentido é o movimento da razão, a verdade incita o movimento da razão. Pelas palavras seguimos o sentido, pelo sentido entendemos a razão, pela razão apreendemos a verdade. Pergunto em que não será verdadeiro, à semelhança daquele que diz para si mesmo, Aquele a quem foi dito: *Façamos, o homem à nossa imagem e semelhança*, pois sem dúvida este dito brota do afeto e da intenção do que diz. Aquele que diz: *Façamos*, refere-se ao que não discute com Ele o que irá fazer, por não ser estranho, nem fraco, mas poderoso para fazê-lo. Daí a palavra. Sem dúvida o que falava entendia que seria compreendido aquilo que disse.

8. Para que a verdade da natureza e da operação seja manifestada mais plenamente, Aquele que, pelas palavras, expressava seu pensamento, submeteu, segundo a razão natural, o sentido à verdade, dizendo: *à nossa imagem e semelhança*. Onde está aqui o falso Deus, a quem o verdadeiro Deus diz: *à nossa imagem e semelhança*? *Nossa* não significa unicidade de pessoa, não diz diversidade, não diz diferença. Pois o homem foi feito à comum imagem, de acordo com a verdade da declaração. A união do falso e do verdadeiro não existe. Deus, que fala, fala a Deus: o homem é criado à imagem do Pai e do Filho. O nome não discorda, a natureza não é diferente. É uma só a forma da imagem segundo a qual foi o homem criado. E no meio disto, onde desaparece a verdade, se permanece entre ambos a comunhão na obra, assim como a verdade da comum imagem? Para mim, ainda não chegou o tempo de resolver esta questão; mais tarde demonstraremos segundo que imagem de Deus Pai e de Deus Filho foi criado o homem. Por enquanto veremos se não é verdadeiro Deus aquele a quem o verdadeiro Deus disse: *Façamos o homem à nossa imagem e semelhança*. Distingue, se puderes, nesta comunhão de imagem o verdadeiro e o falso e, com herético furor, divide o que é indivisível. Pois são Um e o homem, criado à sua imagem e semelhança, é um.

9. Prossigamos em ordem a leitura, para que a verdade, sempre coerente consigo mesma, não seja mudada pelos tropeços da falsidade. *E Deus fez o homem, à imagem de Deus o fez* (Gn 1,27). A imagem é comum: Deus fez o homem à imagem de Deus. A quem nega ser o Filho de Deus verdadeiro Deus, pergunto à imagem de que Deus entende ter sido o homem feito por Deus. Contudo, lembre-se sempre: *tudo pelo Filho*, não aconteça que, por herética compreensão, se atribua a operação só a Deus

Pai. Se, portanto, à imagem de Deus Pai, por meio de Deus Filho, o homem foi criado, será também criado à imagem do Filho, porque ninguém recusa ao Filho as palavras: *à nossa imagem e semelhança*. A palavra divina manteve nas palavras a verdade da divindade que as obras confirmavam nas ações, para que o homem, criado à imagem de Deus, figurasse Deus e significasse Deus, sem privar Deus de sua verdade, já que, na comunhão da imagem, é Deus verdadeiro Aquele que, na realização da obra, é reconhecido como Deus Filho.

10. Ó extrema insensatez da mente desesperada! Ó estulta temeridade da cega impiedade! Se ouves *Deus e Deus*, se ouves *nossa imagem*, por que subordinas o verdadeiro ao não verdadeiro? Por que misturas o natural e o falso? Por que, sob o nome de religião, destróis a religião? Por que, ao afirmar um só Deus, e um Deus verdadeiro, tentas fazer com que o Deus verdadeiro não seja senão um (uma só pessoa)? Ainda não faço calar teus discursos insensatos com as palavras evangélicas e apostólicas; nestas o Pai e o Filho, não pela pessoa, mas por natureza, são Um e verdadeiro Deus; mas, enquanto isto, a Lei, por si só, te dá a morte. Acaso diz ela que existe um Deus verdadeiro e um Deus não verdadeiro? Acaso, em relação a ambos, emprega um nome diferente do nome de natureza? Disse: *Deus e Deus*, aquela Lei que declarou que há um só Deus. Mas por que digo somente *disse*? Proclamou Deus verdadeiro e Deus verdadeiro, pela verdade da imagem. Serviu-se, primeiro, para designá-lo, do nome da natureza. Depois se referiu à verdade da natureza segundo sua essência. Pois, como o que foi feito foi criado segundo a imagem de ambos, não pode consistir a partir do não verdadeiro, porque ambos são o Deus verdadeiro.

11. Continuemos agora a trajetória de nossa pregação, com o que a Lei santa ensinou sobre Deus. O Anjo de Deus fala a Agar e o mesmo Anjo é Deus. Mas talvez não seja Deus verdadeiro, porque é Anjo de Deus. Este nome, com efeito, parece indicar uma natureza inferior, e, onde a designação é de gênero diverso, aí se julga não estar a verdade do mesmo gênero. No entanto, já o livro anterior mostrou a futilidade desta questão. *Anjo* deve dar a entender antes o ofício do que a natureza. E o Profeta me é testemunha ao dizer: *Que faz dos espíritos seus anjos e, do fogo ardente, seus ministros* (Sl 103,4). O fogo ardente são os seus ministros, e os espíritos são seus anjos. Demonstra-se assim, ou a natureza, ou a força dos enviados, que são chamados de anjos e de ministros. Aqui faz-se anjo o espírito, ali, fogo ardente, o ministro de Deus, e sua natureza recebe o ofício de enviado e de servo. Querendo então a Lei, ou melhor, Deus, pela Lei, dar a conhecer a pessoa de nome paterno, chamou de Anjo de Deus o Filho Deus, isto é, seu enviado. No enviado se atesta a indicação do ofício; porém a verdade da natureza se confirmou pelo nome, quando foi chamada de Deus. Aqui, porém, trata-se da ordem da Economia, não da essência. Pois não pregamos outro Deus, a não ser Pai e Filho e, assim, igualamos natureza e nomes, de forma que, na verdade de Deus, se fundamente a natividade do Deus Unigênito, que procede do Deus Inascível. Os termos *enviado* e *o que envia* não indicam senão o Pai e o Filho; além disso, a verdade da natureza não é negada e, no Filho, não desaparece a propriedade da divindade que Ele possui por natureza, porque não há dúvida de que a natureza do Pai se comunica no nascimento do Filho, de modo que, procedendo do que é Um, tem consistência no que é Um o que, por ser Um, não pode separar-se do que é Um e, assim, são uma só coisa, porque o que é Um procede do que é Um.

12. Ó impaciente ardor da fé e silêncio que não contém a palavra desejada! Já no livro anterior ultrapassamos a medida determinada para a pregação, quando contradizíamos o ímpio dito dos hereges sobre o único Deus; ensinávamos Deus e Deus pregado por Moisés e passamos com piedosa, embora inconsiderada pressa, à confissão verdadeira e religiosa do único Deus. Agora também, demorando-nos em tratar de outra questão; não mantivemos a ordem estabelecida e, enquanto

falávamos sobre Deus, verdadeiro Filho de Deus, no ardor do espírito fervoroso, precipitamo-nos em confessar o Deus verdadeiro no Pai e no Filho. A verdade de nossa fé estava reservada para seu tratado específico, mas, já que foi iniciada, será explicada e inteiramente terminada, para segurança do leitor e desespero do contraditor.

13. Não traz mudança alguma à natureza o nome do ofício. Aquele que é Anjo de Deus é Deus. De modo algum seria Deus verdadeiro, se não falasse do que é próprio de Deus nem o fizesse. Ismael cresceria como um grande povo, e a seu nome foi prometida a multiplicação de povos. Pergunto agora: é isto obra de Anjo? Se, ao contrário, é poder de Deus, por que negas a verdade da natureza divina Àquele a quem não tiras o poder desta verdadeira natureza? O poder da natureza garante nossa fé em sua verdadeira divindade e, ao realizar os mistérios da salvação do mundo, não pode acontecer que o que é verdadeiro Deus se mostre alguma vez como não sendo Deus.

14. Em primeiro lugar indago o que significa *Deus verdadeiro* e *Deus não verdadeiro*, pois não consigo entender, quando alguém me diz: *é fogo*, que não seja verdadeiro fogo, ou, *é água*, que não seja água verdadeira. Pergunto em que a verdadeira natureza difere da verdadeira natureza. Aquilo que é fogo não pode deixar de ser verdadeiro fogo, e a natureza que nele existe não pode deixar de ser verdadeira. Retira da água aquilo pelo que ela é água e assim poderás negar que seja verdadeira água. Mas se permanece água, é forçoso que seja verdadeira. Pode até desaparecer a natureza, se não continuar a existir, mas não pode deixar de ser verdadeira, enquanto houver natureza. Ou o Filho de Deus é verdadeiro Deus para que seja Deus, ou, se não é verdadeiro Deus, não pode também ser o que Deus é, porque, se não há a natureza, não lhe compete o nome da natureza; se, porém, existe nele o nome da natureza, não pode deixar de haver nele a verdade da natureza.

15. Talvez, ao chamar de Deus o Anjo de Deus tenha havido uma sorte de condescendência, empregando-se este nome por indulgência, e talvez seja apenas um simples modo de falar e não a verdade. Se, ao ser chamado Anjo de Deus, pouco ensinou sobre a natureza de Deus em si, no que se seguiu, vê que a manifestou em natureza inferior à dos Anjos. Pois a Abraão, o homem falou, mas Abraão adorou a Deus. Contudo, ó pestilento herege, Abraão confessou a Deus a quem tu negas ser Deus. Que bênçãos prometidas a Abraão tu esperas, ó ímpio? Pois ele não é pai para ti, como é pai dos povos, nem te tornas, renascido, membro da família de sua raça pelas bênçãos da fé. Não serás suscitado das pedras como filho para Abraão, mas és da nação das víboras, como inimigo de sua confissão. Não és Israel de Deus, não és sucessor de Abraão, não és justificado pela fé, porque não creste em Deus. Pois por esta mesma fé Abraão foi justificado e constituído pai dos povos. Por ela adorou a Deus, em quem acreditava. Na verdade, adorou a Deus, aquele bem-aventurado e fiel patriarca (Gn 18,14). Quanto a ti, aceita, como verdadeiro, o Deus para quem, como Ele próprio disse, a respeito de si mesmo, nenhuma palavra é impossível. Ou, por acaso, não é apenas para Deus que nenhuma palavra é impossível? Ou, pergunto, o que falta para ser verdadeiro Deus Àquele para quem é possível toda palavra?

16. Indago aqui quem é o Deus destruidor de Sodoma e Gomorra. Se o *Senhor fez chover enxofre e fogo, vindos do Senhor* (cf. Gn 19,24), não será o verdadeiro Senhor que faz chover, vindo do verdadeiro Senhor? Ou que outro a não ser o Senhor, vindo do Senhor? Que outro significado dar a esta palavra, senão o de pessoa, ao *Senhor* e *Senhor*? E lembra-te de que Aquele a quem conheces como *único verdadeiro*, a este mesmo declaraste *justo juiz*. E entende que o Senhor que faz chover da parte do Senhor, que não mata o justo com o ímpio, julgando toda a terra, não só é o Senhor, mas também é justo juiz, e faz chover enxofre e fogo, vindos do Senhor. A quem chamas único justo juiz? Quero saber. Pois o Senhor faz chover, vindo do Senhor. Abraão, de pai dos povos, porém não dos

infiéis, disse: *Longe de ti fazeres tal coisa: fazer morrer o justo com o pecador, de modo que o justo seja tratado como pecador! De modo algum, tu que julgas a terra, farás esta injustiça!* (Gn 18,25). Por conseguinte é preciso que este Deus justo juiz também seja verdadeiro Deus. A ti, ó ímpio, apanhado em tua mentira, ainda não proclamo, segundo os Evangelhos, o Deus juiz. A mim a Lei já mostrou a Deus como juiz. Retira do Filho que seja juiz, para que suprimas ser Deus verdadeiro. Pois somente é o único Deus verdadeiro Aquele que declaraste único justo juiz e não podes negar ser Deus verdadeiro Aquele que ensinas ser justo juiz. Aquele que é juiz é o Senhor, poderoso em toda palavra, e o que prometeu as bênçãos eternas é o juiz dos pios e dos ímpios, é o Deus de Abraão, por ele adorado. Inventa ao menos alguma coisa com essa insolência ímpia e estulta de tua palavra, para provar que não é verdadeiro.

17. Os mistérios da celeste misericórdia não destroem a verdade da natureza, como também as imagens que se adaptam à visão da fé não enganam a fé dos santos. Os sacramentos da Lei prefiguram o mistério da Economia evangélica; aquilo que o patriarca vê e crê, o Apóstolo contempla e prega. Já que a Lei é a sombra das coisas futuras, a imagem da sombra expressa a verdade do corpo. Deus não só é visto e crido, mas também adorado no Homem, naquele que, na plenitude dos tempos, iria ser gerado como Homem, pois o que é visto assume a figura da verdade prefigurada. Mas então (sob a Lei) somente foi visto Deus no homem, não (ainda) nascido; mas depois, o que foi visto também nasceu. A aparição em forma humana nos ajuda a contemplar a realidade do que iria nascer. Lá, em vista de nossa fraqueza, é assumida por Deus a aparência de homem, para ser visto; agora, conforme a fraqueza de nossa natureza, nasce Aquele que fora apenas visto. A sombra recebe um corpo, a aparência adquire realidade, a visão tem existência. Não que Deus mude em si mesmo, quando, por nós, como Homem, é visto ou nasce, pelas propriedades como a da natividade e da aparição. Como nasceu, foi visto, como foi visto, nasceria. E por não ser ainda ocasião para nós de um confronto evangélico e profético, continuemos, por enquanto, pela Lei, a ordem instituída. Depois se provará pelos Evangelhos que o verdadeiro Filho de Deus nasceu como Homem, e foi visto antes, pelos Patriarcas, na forma de Homem. Agora ensinamos o Filho de Deus, Deus verdadeiro, pela Lei. Pois, por Abraão, foi visto como Homem, e é também adorado como Deus e declarado Juiz. Quando o Senhor faz chover, vindo do Senhor, a Lei fala para indicar o Pai e o Filho e não se deve julgar que o Patriarca ignorasse ser Deus verdadeiro Aquele a quem adorava como Deus.

18. A pérfida impiedade encontra não pequena dificuldade em compreender a verdadeira fé. A instrução da doutrina religiosa não penetra no acanhado entendimento da irreligiosidade. Daí vem que aquilo que Deus, nascendo homem, realizou, para mistério da salvação humana, a mente irreligiosa não entenda, porque não entende que a obra de sua salvação vem do poder de Deus. Ao contemplar o parto no nascimento, a debilidade da infância, a evolução da puerícia, a idade juvenil, os sofrimentos do corpo, a paixão e morte na cruz, em tudo isso não conseguem enxergar o Deus verdadeiro. Assumiu para fazê-las sua natureza estas coisas que não lhe eram próprias, sem perder a verdade da natureza. Feito homem, não deixou de ser Deus e começou a ser o que não era, sem, no entanto, deixar de ser o que era, pois a assunção da natureza fraca não existiu a não ser pela poderosa virtude da natureza que fez com que permanecesse o que era e pudesse começar a ser o que não era. Ó herética imprudência e estulta sabedoria do mundo, que não percebe ser o opróbrio de Cristo virtude de Deus e não entende ser a estultice da fé a sabedoria de Deus! Por isso, para ti Cristo não é Deus, porque o que era nasceu, porque o que é imutável cresceu pela idade, porque o impassível padece, porque o vivo morre, porque, morto, vive, porque tudo nele é contra a natureza! Pergunto-te o que significa tudo isto, senão que é onipotente, porque é Deus? E ainda não me sirvo de vós, ó veneráveis e sagrados Evangelhos, para

fazer ver, com vossas palavras, que Cristo, mesmo em seus sofrimentos, é Deus. Porém, procedeis da Lei e é preciso que ela ensine que, pela assunção da fraqueza, Aquele que é Deus não deixa de ser Deus. Pois a Lei, pela força de sua revelação, dá testemunho do mistério da nossa fé.

19. Esteja agora comigo, contra o envenenado silvo da infidelidade, o espírito de tua fé, ó santo e bem-aventurado patriarca Jacó, e, prevalecendo na luta contra o homem, com mais força roga-lhe que te bendiga (Gn 32,26). Que é isto que pedes ao fraco, que esperas do que está sem forças? Rogas as bênçãos daquele a quem esmagas com teu braço mais forte. A ação de teu espírito não concorda com o gesto de teu corpo; o que tu sentes é diferente daquilo que fazes. Prendes, no gesto de tua luta, um homem fraco, mas este homem para ti é o Deus verdadeiro, não pelo nome, mas pela natureza. Não pedes para ser abençoado com bênçãos de quem é Deus por adoção, ó patriarca, mas com bênçãos do Deus verdadeiro. Com um homem lutaste, mas vês a Deus face a face. Não vês com os olhos de teu corpo, vês aquele que percebes com o olhar de tua fé. Em teu parecer, é fraco o homem, mas tua alma, por ter visto a Deus, é salva. Na luta és Jacó, depois de crer e pedir a bênção, és Israel. Submete-se a ti, segundo a carne, o homem, prefigurando o mistério da paixão na carne; na fraqueza da carne conheces a Deus, para alcançar o sacramento da bênção no Espírito. Nem a aparência impede que a fé permaneça, nem a fraqueza é obstáculo para que seja pedida a bênção; e não a dá o homem, a não ser que o homem seja Deus e que Deus seja o Deus verdadeiro, porque não pode deixar de ser Deus verdadeiro, aquele que é Deus, não só abençoando, mas mudando o teu nome.

20. A sombra da Lei ainda oculta os mistérios evangélicos e, êmula da verdade, prefigura a verdade da doutrina apostólica. Na visão do sonho, o bem-aventurado Jacó viu a Deus (cf. Gn 28,13). No sonho há a revelação do mistério, não a contemplação corporal. Pois, pela escada, se demonstrou a descida e a subida dos anjos ao céu. No alto da escada, apoiado nela, aparece Deus, e a interpretação da visão profetiza a revelação do sonho. Pelas palavras do Patriarca: *casa de Deus e porta do céu*, se indica ser este o lugar da visão. Depois de narrar muitas de suas ações, continua: *Deus disse a Jacó: “Levanta-te! Sobe a Betel e fixa ali tua morada. Erguerás um altar a Deus, que te apareceu quando fugias da presença de teu irmão Esaú”* (Gn 35,1). Se a fé evangélica passa por Deus Filho para chegar a Deus Pai e não se pode entender Deus a não ser por Deus, ensina-nos por que não é Deus verdadeiro o que solicita a honra para o Deus que está apoiado na escada do céu. Se em ambos há diversidade de natureza, donde lhes vem terem um só e o mesmo nome de natureza? Deus é visto, Deus fala do Deus que foi visto. Deus não pode ser entendido senão por Deus, assim como Deus não é honrado a não ser por Deus, pois não se compreenderia dever ser honrado, a menos que Ele ensinasse dever ser honrado, e Deus não é conhecido, se Ele não for reconhecido como Deus. A Economia dos mistérios tem sua ordem. Por meio de Deus, aprendemos a honrar a Deus. A natureza tem um nome que é seu: não é outro nome, a não ser *Deus*. Na única natureza do Pai e do Filho há um só nome. Pergunto como o Deus Filho poderia degenerar de si mesmo, de forma a não ser verdadeiro.

21. Não se deve pensar sobre Deus usando os juízos humanos. Não pertence à nossa natureza, por suas próprias forças, levar-nos ao conhecimento do que é celeste. É preciso aprender de Deus o que sobre Deus é dado compreender, porque não se conhece o Autor, senão por Ele mesmo. Apresente-se uma elaborada instrução da doutrina mundana, apresente-se a inocência da vida; estas, na verdade, aproveitam à satisfação da consciência, contudo não dão o conhecimento de Deus. Moisés, adotado como filho pela rainha, e erudito em todas as doutrinas dos egípcios (cf. At 7,22), quando, pelo sentimento natural, vingou com a morte do egípcio a injúria aos hebreus (cf. Ex 2,12), ainda não conhecia o Deus das bênçãos paternas. Por medo do propalado assassinio, abandonando o Egito, foi para a terra de Madiã como pastor de ovelhas e, ao ver a sarça arder sem que o fogo a consumisse,

ouviu a Deus, perguntou por seu nome e conheceu sua natureza (cf. Ex 3,1-16). Porque o que é de Deus não pode ser conhecido a não ser por Deus, não se deve falar sobre Deus de modo diferente do que Ele próprio falou, sobre si mesmo, para nosso conhecimento.

22. O Anjo de Deus foi aquele que apareceu no fogo da sarça. Da sarça, Deus fala no fogo. Tens, no Anjo, uma manifestação exterior, porque no Anjo está o ministério, não a natureza. No nome da natureza, tens a Deus, porque o Anjo de Deus é Deus. Mas talvez não seja verdadeiro. Acaso não é verdadeiro o Deus de Abraão, o Deus de Isaac, e o Deus de Jacó? Ao falar deles na sarça, o Anjo é o Deus eterno. Para que não aproveites a ocasião para imaginar ser o nome adotivo, fala a Moisés aquele Deus que é. Pois assim está escrito: *Disse o Senhor a Moisés: “Eu sou o que sou”. E disse: “Assim dirás aos filhos de Israel: O que é me enviou a vós”* (Ex 3,14). A palavra começou pelo Anjo de Deus, para que se entendesse o mistério da salvação humana no Filho; é o mesmo Deus de Abraão, o Deus de Isaac, e o Deus de Jacó, de modo que o nome de sua natureza lhe seja dado; em seguida, o *Deus que é* envia Moisés a Israel, para que se entendesse ser verdadeiramente Deus.

23. Por que, com a ineficaz estultice de herética impiedade e furioso espírito, tu mentes e, contra a ciência de tão grandes Patriarcas, semeias, noturno semeador, no meio das autênticas sementes de trigo, a cizânia que deve ser queimada? Se cresses em Moisés, também crerias em Deus, Filho de Deus, a não ser, talvez, que negasses o que a respeito dele disse Moisés. Se queres negar, escuta as palavras de Deus: *Se crêsseis em Moisés, crerieis também em mim; pois sobre mim escreveu ele* (Jo 5,46). Acusa-te claramente todo o livro da Lei, que recebeu por mão do Mediador, disposta pelos anjos. E indaga se o que deu a Lei é Deus verdadeiro, pois é Mediador aquele que a deu. Acaso não foi ao encontro de Deus que Moisés conduziu o povo até o monte (cf. Ex 19,17)? Não foi Deus que desceu, no monte? Poderia talvez ser falso e adotivo o nome que se deveria entender, em vez do nome da sua natureza? Vê as trombetas soando, as tochas flamejantes e, saindo do monte, a fumaça de fornalhas ardentes e, à chegada de Deus, o medo, consciente da própria fraqueza humana, do povo, que suplica a Moisés que lhes fale, e não o Senhor, para que não morra (cf. Ex 20,19). Para ti, ó herege, não é Deus verdadeiro Aquele, diante de quem Israel, só por ouvir falar, temia morrer e cuja voz a fraqueza humana não podia suportar? Para ti certamente não é Deus porque, para ouvires e veres, falou pela fraqueza de homem? Moisés foi ao monte, alcançou o conhecimento dos mistérios divinos e celestes durante quarenta dias e noites e estabeleceu tudo segundo a verdade que lhe foi mostrada no monte; pela familiaridade com que Deus lhe falava, revestiu-se da glória de um brilho que cega e a luz quase insuportável da majestade próxima cobriu a forma corruptível de seu rosto. Deus se mostra, fala sobre Deus, chama os anjos de Deus para adorá-lo com a alegria dos povos, são imploradas sobre a cabeça de José as melhores bênçãos (cf. Dt 33,16); e depois disto tudo, apoiado somente no nome, ousa alguém negar que seja verdadeiro?

24. Julgamos ficar demonstrado por este nosso discurso, sem que se interpusesse qualquer prova racional, que não há nenhum argumento pelo qual a mente humana possa deduzir que há um Deus verdadeiro e um Deus falso, visto que a Lei falou de Deus e Deus, Senhor e Senhor, e não há diversidade de nomes nem de naturezas, de forma que não se possa compreender a natureza do nome pelo nome da natureza. O poder de Deus, o ser de Deus e o nome de Deus estavam naquela Lei que ensinava ser Ele Deus. Esta Lei, de acordo com a dispensação do mistério evangélico, indica a pessoa do Filho como Deus, obediente à palavra de Deus ao criar o mundo, como Deus criador, ao configurar o homem à comum imagem, como Juiz e Senhor, enviado pelo Senhor, ao julgar os sodomitas, como Anjo de Deus, que é Deus, ao conceder bênçãos e discernir os mistérios da Lei. Deus se mostrou sempre na divindade comum ao Pai e ao Filho, para a confissão que conduz à salvação. A Lei ensinou

a verdade da natureza divina do Filho com o nome desta natureza, pois ao atribuir ao Pai e ao Filho a divindade, não deixou dúvida a respeito da verdade.

25. Já é tempo de não permitir que aquilo que, piedosa e religiosamente, a Lei ensinou seja pregado como ímpio furto da herética estultice, que, para negar o Filho de Deus, assim começa: *Ouve, Israel, o Senhor teu Deus é um só* (Dt 6,4). E já que sua impiedade corria risco por causa do nome, pois a Lei dissera *Deus e Deus*, querendo negar, pela autoridade da palavra profética, a natureza do nome, acrescentou: *Bendirão a ti, Deus verdadeiro* (Is 65,16), de modo que, por ter dito a Lei *um só Deus*, houvesse no Filho de Deus apenas um nome e não a verdade, entendendo-se haver um só Deus verdadeiro. Pensas talvez, ó estulto, que contradizemos tua afirmação para negar que haja um só Deus verdadeiro. De modo algum o negamos, mas sim o confessamos, como tu. Esta é a nossa fé, este é nosso conhecimento, esta é a nossa palavra. Reconhecemos que há um só Deus, que é o Deus verdadeiro. Nossa profissão de fé não é abalada por causa do nome, porque na natureza do Filho está o único e verdadeiro Deus. Aprende o sentido de tua confissão, e reconhece o único e verdadeiro Deus, para que pregues piedosamente o único e verdadeiro Deus. Roubas em benefício da tua impiedade a profissão da nossa religião e negas o que é, enquanto não o negas. A estulta sabedoria fica oculta, enquanto destróis a verdade, sob a capa da verdade. Confessas um só e verdadeiro Deus, de forma a negares um só e verdadeiro Deus. Tua profissão é julgada tanto mais piedosa, quanto mais ímpia; tanto mais verdadeira, quanto mais falsa. Por ti é pregado um único Deus verdadeiro, de modo que não o seja, pois negas ser o Filho Deus verdadeiro, sem, no entanto, negar que seja Deus. Confessas que é Deus, não por natureza, mas só pelo nome. Se sua natividade é mais nominal que verdadeira, podes tirar do nome a sua verdade, mas, se verdadeiramente nasceu como Deus, pergunto como poderá não ter verdadeiramente a natureza com a qual nasceu? Para que não seja verdadeiro Deus, tens de negar que seja Deus. Porém, se é Deus, como não será aquilo que é, visto ser impossível não ser aquilo que é? Sobre a natividade, falaremos dentro em pouco. Por enquanto, provarei, pela confissão profética, a impiedade de tua mentira sobre a verdade da natureza de Deus, de modo tal que, ao pregarmos o único e verdadeiro Deus, nem a heresia de Sabélio presuma professar que o Pai e o Filho são o mesmo, nem tu possas distorcer a verdade sobre o Filho de Deus, quando pregas somente um Deus verdadeiro.

26. A impiedade não contém em si absolutamente nada da sabedoria, e onde falta o temor de Deus, que é o seu início, não há nenhum começo da prudência. Para destruir a fé no Filho, como verdadeiro Deus, usam a palavra profética: *E bendirão a ti, Deus verdadeiro*. Em primeiro lugar, foi tal a loucura da impiedade que as palavras do Profeta, ou não foram compreendidas, ou, mesmo compreendidas, foram abafadas pelo silêncio. Em seguida, enriqueceu esta fraude o acréscimo de uma sílaba que não existe nos livros; a mentira, em sua loucura, julgou que não somente se daria crédito a suas palavras, mas que não se iria procurar a própria autoridade dos ditos proféticos. Pois não está escrito: *Bendirão a ti, Deus verdadeiro*, mas *bendirão o Deus verdadeiro* (Is 65,16). Não é pequena a diferença entre *a ti, Deus verdadeiro*, e *o Deus verdadeiro*. Onde está *a ti*, o pronome parece referir-se a outra pessoa; ao contrário, onde não há pronome, as palavras se referem ao nome do autor.

27. Para que haja certeza absoluta a respeito da verdade, devemos fundamentar-nos nas palavras do Profeta em sua integridade. *Porque assim diz o Senhor: “Os que me servem comerão, vós porém, passareis fome; os que me servem beberão, vós, porém, tereis sede; os que me servem exultarão de alegria, vós, porém, clamareis por causa da dor em vossos corações e uivareis pela contrição do vosso espírito. Deixareis vosso nome para meus eleitos em sua alegria; a vós, porém, o Senhor fará perecer. Os que me servem serão chamados com um nome novo que será bendito sobre a terra, e bendirão o Deus verdadeiro; e os que juram sobre a terra, jurarão pelo Deus verdadeiro”* (Is 65,13-

16). Sempre há algum motivo, quando se vai além do que é habitual na pregação, e a necessidade de defender a verdade determina o alcance da novidade. Se antes já existiam tantas profecias sobre Deus, demonstrando a sua dignidade e natureza, e se era usado somente o nome de Deus, perguntamos por que motivo agora, por Isaías, o Espírito de profecia diz antecipadamente que se irá bendizer o *Deus verdadeiro*, jurando, sobre a terra, pelo *Deus verdadeiro*. Em primeiro lugar, deve-se saber que este discurso anuncia coisas futuras. E indago se não é o Deus verdadeiro Aquele que, na opinião dos judeus, deve ser bendito e por quem se há de jurar. Pois os judeus, desconhecendo o mistério de Deus, e por isso, ignorando o Filho de Deus, veneram apenas a Deus, mas não como Pai. Porque, se venerassem o Pai, certamente venerariam também o Filho. Eles, portanto, bendiziam a Deus e juravam por Ele. Mas o Profeta atesta que se há de bendizer o *Deus verdadeiro*, dizendo *Deus verdadeiro*, porque ainda não era entendida por todos, por causa do mistério do corpo assumido, a verdade do Deus nele. Foi necessária a confirmação da verdade, onde iria prorromper a afirmação da falsidade. Citaremos então cada um dos ensinamentos dos mesmos ditos.

28. *Porque assim diz o Senhor: “Os que me servem comerão, vós porém, passareis fome; os que me servem beberão, vós, porém, tereis sede; os que me servem exultarão de alegria, vós, porém, clamareis por causa da dor em vossos corações e uivareis pela contrição do vosso espírito. Deixareis vosso nome para meus eleitos em sua alegria; a vós, porém, o Senhor fará perecer. Os que me servem serão chamados com um nome novo que será bendito sobre a terra, e bendirão o Deus verdadeiro; e os que juram sobre a terra jurarão pelo Deus verdadeiro (Is 65,13-16).* Observa, na mesma sentença, ambos os tempos, para perceberes o mistério do tempo. *Os que me servem comerão* significa que o serviço prestado será remunerado com futuros prêmios; assim também o castigo da futura sede e fome afligirá a impiedade presente. Em seguida se acrescenta: *os que me servem exultarão de alegria, vós, porém, clamareis por causa da dor em vossos corações e uivareis pela contrição do espírito.* De acordo com o modo de entender acima, também aqui se apresentam os tempos futuro e presente, de modo que os que servem irão exultar de alegria, aqueles, porém, que não servem, permanecerão no clamor e nos gemidos pela dor do coração e contrição do espírito. Em seguida se acrescenta: *Deixareis vosso nome na alegria para meus eleitos, a vós, porém, o Senhor fará perecer.* A palavra se dirige ao Israel carnal, indicando o tempo futuro e afirmando que seu nome será deixado para os eleitos de Deus. Que nome será este? Sem dúvida, *Israel*, a quem se dirigia então a palavra. De novo interrogo: quem é hoje Israel? O Apóstolo atesta: *os que pelo Espírito, não pela letra, caminham pela regra de Cristo, são estes o Israel de Deus (Rm 2,29).*

29. Porque acima foi dito: *Por isto diz o Senhor, deve-se compreender a continuação: A vós, porém, o Senhor fará perecer.* Depois, pode-se entender esta palavra: *Os que me servem serão chamados com um nome novo que será bendito sobre a terra.* Acaso se poderá duvidar de que ao dizer: *Por isto assim diz o Senhor, e: A vós, porém, fará perecer,* fica demonstrado que quem fala e quem fará perecer só pode ser o Senhor, por quem aqueles que o servirem serão agraciados com um nome novo? E não se pode ignorar também que o que falava pelos profetas seria o futuro juiz dos justos e dos ímpios. Para que não possa haver nenhuma dúvida sobre o Senhor que diz e o Senhor que fará perecer, o mistério da revelação evangélica explica em seguida: *Os que me servem serão chamados com um nome novo que será bendito sobre a terra.* Aqui tudo está no tempo futuro. E qual é este nome novo da religião, que será bendito sobre a terra? Se antes, desde séculos, o nome de cristão significou a felicidade, agora não é um nome novo. Mas, se este novo nome santificado pela nossa piedade para com Deus é um novo nome, então certamente esta novidade da profissão da fé é a recompensa das celestes bênçãos sobre a terra.

30. Quanto ao conhecimento de toda a nossa fé, a palavra seguinte o confirma, dizendo: *E bendirão o Deus verdadeiro; e os que juram na terra, jurarão pelo Deus verdadeiro.* Certamente, bendirão o Deus verdadeiro aqueles a quem pertence, pelo serviço a Deus, o novo nome, e aquele Deus por cujo nome se jura é Deus verdadeiro. Pode-se ainda hesitar, sem saber em nome de quem se jura, quem é abençoado, por quem é dado aos que o servem o novo nome bendito? Está a meu lado contra tua pregação ímpia, ó herege, a perfeita fé da palavra eclesiástica, a fé inabalável na pregação da Igreja no novo nome dado por ti, ó Cristo, o nome que abençoaste sobre a terra, nos que te servem, a fé que jura que és Deus verdadeiro. Toda língua dos que crêem em ti, Cristo, te proclama Deus. A fé dos que crêem em ti jura seres Deus, confessando seres Deus verdadeiro, pregando seres Deus verdadeiro, cõnsia de que és Deus verdadeiro.

31. Todas estas palavras proféticas não apresentam nenhuma dificuldade e dão como Deus Aquele a quem se serve pelo novo nome, que é bendito como o Deus verdadeiro e que se jura ser o Deus verdadeiro. Tudo isso a religiosa fé da Igreja, na plenitude dos tempos, professa no culto ao Senhor Cristo; e de tal forma a palavra profética se adaptou a Ele, que não inovou o significado da pessoa com o acréscimo de outro nome. Pois se acrescentasse: *a ti, Deus verdadeiro*, a palavra poderia referir-se a outro, mas por dizer: *Deus verdadeiro*, não deixou lugar para outra significação. Embora não haja dúvida sobre quem esta palavra quer indicar, o que foi dito acima demonstra o que se deve entender. Pois diz: *Claramente apareci aos que não perguntavam por mim, e fui encontrado por aqueles que não me buscavam. Disse: Eis-me aqui, a gentes que não invocavam meu nome. Estendi minhas mãos todo dia a um povo incrédulo e rebelde* (Is 65,1-2). Não está na escuridão a ímpia falsidade da furtiva pregação? Pode-se ainda ignorar que quem fala é o Deus verdadeiro? Pergunto: quem apareceu aos que não perguntavam por ele e quem foi encontrado por aqueles que não o buscavam? Qual é povo que antes não invocava o seu nome? Quem, durante todo o dia, estendia as mãos a um povo incrédulo e rebelde? Compara com isto o sagrado e divino Cântico do Deuterônomo (Dt 32,21), em que Deus se irrita contra os falsos deuses e, com seu ciúme, incita os infiéis contra um povo falso e uma nação estulta. Entende quem se manifestou aos ignorantes, quem é acolhido como próprio por estranhos e quem estende suas mãos a um povo incrédulo e rebelde, pregando na cruz o quirógrafo do edito anterior. Na verdade, aqui o Espírito do Profeta diz, com ordem e de maneira coerente: *Os que me servem serão chamados com um nome novo que será bendito sobre a terra, e bendirão o Deus verdadeiro; e os que juram sobre a terra jurarão pelo Deus verdadeiro* (Is 65,16).

32. Se a herética estultice e a impiedade mentem, a fim de enganar os ignorantes e os mais simples, dizendo que estas palavras foram ditas a respeito do Pai, para que não se possa entendê-las a respeito de Deus Filho, ouça a condenação de sua mentira pelo Apóstolo e Doutor das Gentes. Ao pregar todas estas coisas como sacramento da paixão do Senhor para os tempos da fé evangélica, Paulo censura a infidelidade de Israel que não compreendeu a vinda do Senhor na carne, dizendo: *Todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo. Mas como invocar Aquele em que não crêem? Como crerem naquele que não ouviram? Como, porém, poderiam ouvir sem um pregador? E como pregariam a não ser que fossem enviados, como está escrito: Quão maravilhosos os pés dos que anunciam a paz, dos que anunciam boas notícias. Mas nem todos obedecem ao Evangelho. Pois Isaías diz: Senhor, quem acreditou em nossa pregação? Portanto a fé vem pelo ouvido, mas o ouvido pela palavra. Mas digo: acaso não ouviram? Pelo contrário, por toda a terra correu sua voz, e até os confins do orbe suas palavras. E digo: Por acaso Israel não teria sabido? Primeiro, disse Moisés: Eu vos instigarei contra um não povo, contra um povo insensato vos provocarei. Mas Isaías ousa e diz: Apareci àqueles que não me procuraram, fui encontrado por aqueles que não perguntaram por mim. Porém a Israel que diz*

ele? O dia todo estendi minhas mãos para um povo que não escutava (Rm 10,13-21). Quem és tu que, elevado até os círculos celestes, se no corpo ou fora do corpo, mais fiel do que Paulo, te mostraste intérprete das palavras proféticas? (cf. 2Cor 12,2). Quem és tu que, ouvindo os inenarráveis mistérios celestes e calando, pregaste com maior confiança a ciência a ti revelada por Deus? Quem és tu que estavas reservado para completar o que falta na paixão do Senhor na cruz, raptado, antes, até o paraíso, e que, melhor do que o vaso de eleição, ensinaste as divinas Escrituras, desconhecendo que estas foram ditas e vividas pelo Deus verdadeiro e pregadas, para a compreensão do Deus verdadeiro, pelo verdadeiro e eleito Apóstolo?

33. Talvez o Apóstolo, apropriando-se dos ditos proféticos sem o Espírito de profecia, se fizesse intérprete temerário da palavra alheia! Na verdade o Apóstolo tudo diz pela revelação de Cristo; mas os ditos de Isaías, ele os conhece pelas próprias palavras de Isaías. No início de seu discurso, em que diz que o Deus verdadeiro será abençoado por aqueles que o servem, e que por ele haverão de jurar, lê-se esta oração do Profeta: *Jamais ouvimos nem viram nossos olhos um Deus além de ti, e as tuas obras que farás para os que aguardam tua misericórdia (Is 64,2)*. Isaías fala: ninguém teria visto a Deus além dele. Pois vira a glória de Deus, de quem prenunciara a encarnação pela Virgem. Se tu, herege, ignoras que naquela glória viu o Deus Unigênito, escuta o Evangelista João: *Isto disse Isaías, quando viu sua glória e falou sobre Ele (Is 6,1)*. Destes ditos apostólicos, evangélicos e proféticos, ó ímpio herege, tirarás a conclusão. Pois Isaías viu a Deus, e como está escrito: *À Deus ninguém jamais viu, a não ser o Filho unigênito, que está no seio do Pai, este é que o deu a conhecer (Jo 1,18)*? No entanto, o profeta viu a Deus, e contemplou sua glória a ponto de causar inveja pela dignidade profética, pois, por este motivo, foi condenado à morte pelos judeus.

34. Deus, a quem ninguém jamais viu, o Filho Unigênito que está no seio do Pai o deu a conhecer. Destrói a afirmação do Unigênito, ou então crê naquele que foi visto, que apareceu aos que não o conheciam, que se fez o próprio Deus dos povos que não o invocavam, que estendeu as mãos a um povo rebelde, de tal modo que aqueles que o serviam foram chamados por um nome novo. Na terra, o Deus verdadeiro é bendito e por Ele se jura. A Profecia fala, o Evangelho atesta, o Apóstolo interpreta, a Igreja confessa ser verdadeiro Deus Aquele que foi visto. No entanto ninguém afirma ter visto a Deus Pai. Por isso prorrompe a fúria insana e herética, por ser negado o que fingia confessar, pois nega, por novo e ímpio parecer, sua confissão e, com arte astuciosa, ao mentir se esquiva à fé, porque confessa um só Deus verdadeiro, único justo, único sábio, único imutável, único imortal, único poderoso, e submete-lhe também o Filho, de diferente substância, não nascido como Deus de Deus, mas, por criação, recebido como filho, não tendo o nome da natureza, mas agraciado com a designação de adotivo, e assim sendo, é forçoso que de todos os predicados divinos careça o Filho, pois são atribuídos como privilégio à solitária majestade do Pai.

35. A perversidade herética não sabe reconhecer e confessar o único Deus verdadeiro; a fé e a compreensão desta afirmação estão fora da idéia de impiedade. Primeiro, deve-se confessar o Pai e o Filho, para que se possa entender o único e verdadeiro Deus. Devem ser conhecidos os mistérios da salvação humana, que se realizam em nós pela virtude da regeneração para a vida, e, em seguida, devem ser aprendidos os mistérios da Lei e dos Profetas. A impiedade ignora a pregação evangélica e apostólica e não apreende nada do único Deus verdadeiro. A partir desta pregação, chegaremos à perfeitíssima profissão da verdadeira piedade e explicaremos, com base na doutrina dos Apóstolos e Evangelistas, como o Unigênito deve ser entendido, como pessoalmente subsistente e nascido do Pai, indiviso e inseparável, não pela pessoa, mas pela natureza. Por isso há um só Deus, porque é Deus pela natureza de Deus. Pelos ditos proféticos, deve-se construir a fé nesta perfeita unidade. Em seguida, são

postos os fundamentos da edificação evangélica, para que, pela mesma natureza da única divindade, se entenda o único Deus, porque o Deus unigênito não é considerado um segundo Deus. Mantivemos em todo este livro a mesma ordem em que, no livro anterior, explicamos que o Filho é Deus e agora mostramos que é Deus verdadeiro. Como espero, a conclusão de todos os ditos será que não se nega ser Ele o Deus verdadeiro. O discurso que se segue tem por objetivo demonstrar que Aquele que se entende ser o Deus verdadeiro não deve ser considerado um outro Deus, e que o que não se refere a outro deve ser entendido como unidade, de modo que não se destrua a subsistência pessoal do Filho, mas em Deus e Deus se conserve a natureza de um só Deus.

36. A verdade exige que se comece a conhecer estas coisas pelo ensinamento daquele por quem Deus começou a se manifestar ao mundo, isto é, Moisés, por cujos lábios o Deus unigênito declarou a respeito de si mesmo: *Vede, vede, que eu sou Deus, e não há Deus além de mim* (Dt 32,39). Mas, como talvez a herética impiedade refira a força deste dito ao Deus Pai inascível, o próprio sentido do dito e o Apóstolo como o intérprete respondem que todo este discurso deve ser interpretado como proferido em nome do Deus unigênito, como acima ensinamos. Ao dizer: *Nações, exultai com seu povo*, demonstrou referir-se propriamente a Ele, ligando isso à afirmação seguinte: *E será a raiz de Jessé que se erguerá a reger as nações, nele as nações esperarão*. Moisés demonstrou ser Ele o que dissera: *Não há Deus além de mim*, por ter dito: *Nações, exultai com Ele*, e o Apóstolo entende o mesmo em relação a Nosso Senhor Jesus Cristo, Deus Unigênito, no qual, quando aparece segundo a carne, erguendo-se da raiz de Jessé como rei, está a esperança das nações. É preciso agora estudar a razão destas palavras, pois, quando não há dúvida sobre as palavras, pode ser entendido o seu sentido.

37. O verdadeiro, absoluto e perfeito mistério de nossa fé consiste em confessar Deus de Deus e Deus em Deus, não de modo corpóreo, mas por força divina, não pela transfusão de natureza em natureza, mas pelo mistério e poder da natureza. Ele é Deus de Deus não por corte, extensão ou derivação, mas, em virtude da natureza, subsiste na mesma natureza pela natividade. Sobre este assunto, o livro seguinte falará, interpretando os ditos evangélicos e apostólicos. Por enquanto, temos de ensinar o que falamos e cremos pela Lei e os Profetas. O que nasce de Deus não pode deixar de ter aquela mesma natureza donde provém. Não existe como outro diferente de Deus, porque não subsiste vindo de outro, a não ser de Deus. É da mesma natureza, não porque o que gerou tenha nascido (pois como poderia ser Ele mesmo se fosse gerado?), mas porque o que foi gerado subsiste na mesma natureza na qual subsiste inteiramente Aquele que o gerou, porque Aquele que foi gerado não provém de nenhum outro princípio. O que subsiste como Um vindo do que é Um, para ser Um com Ele não se refere a outro e não é novo, em si, o que vive, vindo do que é vivo; nem está fora dele Aquele que o que é vivo gerou para ser vivo. Na geração do Filho, o Deus incorpóreo e imutável segue sua natureza, gerando o Deus incorpóreo e imutável, e o Filho perfeito, Deus incorpóreo e imutável, que procede de Deus incorpóreo e imutável, não altera sua natureza. Por este mistério do Deus subsistente, nascido de Deus, o Deus Unigênito, por intermédio do santo Moisés, atesta: *Vede, vede, que eu sou o Senhor, e não há Deus além de mim* (Dt 32,39), pois não há outra natureza de divindade para que, além dele, possa haver outro Deus. Sendo Ele mesmo Deus, também pela força da natureza, Deus está nele. Porque Ele é Deus e porque nele está Deus, não há Deus além dele, pois não lhe vem de nenhuma outra parte que seja Deus, e nele está Deus, tendo em si aquilo que Ele mesmo é e Aquele do qual Ele mesmo subsiste.

38. Confirma nossa verdadeira e salutar profissão da fé o mesmo e Uno Espírito de profecia, sem alterar, pelas sucessões e intervalos dos tempos, a pregação da doutrina religiosa. O que, por intermédio de Moisés, foi dito pela pessoa do Deus unigênito, iria ser confirmado mais plenamente por um acréscimo de compreensão. Para isso, de novo, o mesmo Espírito de profecia, pela palavra de

Deus Pai, na pessoa dos homens de elevada estatura, mediante Isaías fala: *Porque em ti está Deus, e não há Deus além de ti. Pois tu és Deus, e não o sabíamos, Deus de Israel, salvador* (Is 45,14.15). Que se mostre a loucura desesperada da herética impiedade contra a confissão de que são inseparáveis pela natureza e o nome e despedace, se puder, com a raivosa boca de sua loucura, o que está unido pelas palavras e os fatos. Em Deus, Deus está, e além dele não há Deus. Separe a loucura herética Aquele que está em Deus e divida a compreensão deste mistério. Pois, ao dizer: *Em ti está Deus*, ensinou a verdade da natureza de Deus Pai no Deus Filho, já que se entende estar Deus em quem é Deus. E certamente ao acrescentar: *E além de ti não há Deus*, mostra não haver Deus além dele, porque nele está Deus. E mais ainda, ao dizer, pela terceira vez, *Tu és Deus, e não o sabíamos*, dá testemunho, para a inteligência humana, da profissão piedosa e fiel que, conhecidos os mistérios da natividade e do nome anunciado pelo Anjo a José, confessa: *Tu és Deus e não o sabíamos, Deus de Israel, salvador*, compreendendo estar nele a natureza de Deus, já que Deus está em Deus. Além dele, que é Deus, não há lugar para o erro de qualquer outro Deus. É Isaías que, profetizando, testifica esta indivisível e inseparável divindade do Pai e do Filho.

39. Jeremias, com não díspar força de profecia, ensinou que o Unigênito é Deus, de natureza não diferente da de Deus Pai, ao dizer: *Este é o nosso Deus, e nenhum outro lhe é comparável. Ele achou todo o caminho da ciência e a deu a Jacó, seu servo, e a Israel, seu dileto. Depois de tais coisas, foi visto sobre a terra, e conviveu com os homens* (Br 3,36-37). Que outro Deus, no Deus Filho, supões, ó herege? Aprende a compreender e a confessar um único Deus verdadeiro. Não se atribui a Cristo outra divindade, para que seja Deus, pois é Deus por natureza, pela natividade, vindo de Deus. Tem de Deus o ser Deus, não é outro Deus. Não se atribui a Ele ser outro Deus, porque há nele a verdade de Deus. Por que compões o verdadeiro com o não verdadeiro, o degenerado com o nobre, e unes o que é diverso por natureza numa religião inventada? O Pai é Deus, o Filho é Deus. Em Deus, está Deus; além dele não há Deus; não se imagina que nenhum outro, além dele, seja Deus. Se neles entenderes que Deus é Um e não solitário, estarás confessando a religião da Igreja, que afirma o Pai e o Filho. Se, ao contrário, ao dizer *Um*, lhe dás a significação de solitário, então, ignorante, foges do celeste mistério, estás fora do conhecimento de Deus, por não confessares que Deus está em Deus.

LIVRO SEXTO

1. Estou bem consciente de minha ousadia de ter, em tempos tão difíceis, empreendido escrever este livro contra a insensata heresia dos ímpios, que afirmam ser criatura o Filho de Deus. Já por quase todas as províncias do Império Romano muitas igrejas estão infeccionadas pela peste desta pregação. Há muito tempo eles abusam da pregação como se fosse a verdadeira fé, acobertados pelo falso nome de verdadeira religião. Não ignoro ser difícil mover a vontade para que se emende, visto que, para muitos, a aceitação por parte da autoridade pública já faz supor que seja verdadeira uma doutrina. Grave e perigoso é o erro de muitos, e a falha de vários se reveste de autoridade, pois, ainda que seja reconhecida como tal, inúmeros homens se envergonham de opor-se a ela, porque os que a seguem são numerosos e têm a insensatez de pretender que o erro seja considerado como prudência. Aquele que se engana na companhia de muitos afirma possuir a verdade por pensar que o erro é menos grave quando cometido por vários outros.

2. Quanto a mim, por causa do cuidado e da obrigação de meu cargo, e porque, sendo o bispo desta Igreja, tenho o dever do ministério da pregação evangélica, com mais empenho me entreguei ao cuidado de escrever. Por estarem as inteligências dos infiéis presas por maiores e mais diversos perigos, esperava mais frutuoso gáudio provindo da salvação de muitos. Estes, tendo conhecido os mistérios da perfeita fé em Deus, abandonariam os ímpios ensinamentos da humana estultice e se voltariam para Deus, repudiando os hereges como ao alimento mortífero usado habitualmente para capturar as aves, e se elevariam no vôo com livre segurança, seguindo a Cristo como chefe, os Profetas como nuncios, os Apóstolos como guias. Chegariam assim à fé consumada e à perfeita salvação, na confissão do Pai e do Filho lembrando-se da palavra do Senhor: *Quem não honra o Filho, não honra o Pai que o enviou* (Jo 5,23), haveriam de glorificar o Pai pela glória do Filho.

3. Brotou há pouco uma peste detestável e mortífera para o povo, a qual, grassando com muito grande poder de contágio, trouxe a ruína de morte miserável. Não foram maiores, nem o repentino mergulho no caos de cidades com seus habitantes, nem as freqüentes e tristes mortes causadas pelas guerras ou moléstias sem remédio, que têm castigado o povo por devastador contágio, do que esta funesta heresia, que se espalha para a morte do gênero humano. Pois, para Deus, para quem todos os mortos vivem, somente perece aquele que, por si mesmo, se afasta da vida. Ele há de vir, para julgar todas as coisas pela misericórdia de sua majestade, e moderará para o ignorante a pena merecida pelo erro. Aos que o negam, entretanto, já não os julgará, mas negará (cf. Mt 10,33).

4. A louca heresia nega o mistério da verdadeira fé e, para favorecer a sua impiedade, emprega princípios da religião, expondo, como já foi dito nos livros anteriores, sua falsa doutrina. Assim começa: *Conhecemos a um só Deus, único incriado, único eterno, único sem princípio, único verdadeiro, único imortal, único verdadeiramente bom, único poderoso*. Para isso se aproveita dos princípios da piedosa profissão de fé, dizendo: *um só Deus, único incriado e único sem princípio*. Com estas palavras aparentemente religiosas, os hereges introduzem impiamente a falsidade. Depois de muitas outras coisas, que professam sobre o Filho, simulando religião, acrescentam: *Criatura perfeita de Deus, porém não como uma das criaturas, feito por Deus, mas não como as demais obras*. E depois de outras afirmações, entre as quais são intercaladas confissões verdadeiras, para esconder a intenção da herética impiedade, querendo defender, com arguta sutileza, a sua interpretação, dizem existir a partir do nada: *Criado e constituído e antes dos séculos; não existia antes de nascer*. Finalmente, já armados com tudo o que há de mais válido para a defesa da impiedade, para que não se entenda ser Ele Filho ou Deus, acrescentam que as expressões *ex ipso* (vindo dele), e *ex utero* (do seio) é *ex Patri exivi*

et veni (saí do Pai e vim) devem dar a entender que é parte de sua única substância, como prolação que se estende. Para eles, o Pai seria composto, divisível, mutável e corpóreo. Segundo eles, Deus sem corpo sofreria as conseqüências da corporeidade. Nosso discurso será totalmente contrário a esta exposição da impiíssima doutrina. Julgamos já ter dito, no primeiro livro, tudo a respeito desta heresia, mas agora queremos inseri-la também neste sexto livro para que a leitura recente e a comparação das respostas dadas a cada proposição, pelas declarações evangélicas e apostólicas, façam admitir a verdade mesmo aqueles que não querem aceitá-la e a repudiam. Pois eles dizem:

5. Conhecemos um só Deus, único incriado, único eterno, único sem princípio, único verdadeiro, único imortal, único verdadeiramente bom, único poderoso, que cria, ordena e dispõe todas as coisas, inalterável, imutável, justo e inteiramente bom. Deus da Lei e dos Profetas e do Novo Testamento. Este Deus gerou um Filho unigênito antes de todos os séculos, por meio do qual criou os séculos e todas as coisas, nascido, não em aparência, mas em verdade, obediente à sua vontade, imutável e inalterável, criatura perfeita de Deus, porém não como uma das criaturas, feito por Deus, porém não como as demais obras. O Filho não é, como Valentino pensou, uma prolação do Pai, nem é uma parte da única substância do Pai, como explicou Maniqueu, nem, como interpreta Sabélio, que separa a união, que diz que o Filho é o mesmo que o Pai, nem, como quer Hieracas, é luz de luz, ou uma lâmpada dividida em duas partes. Aquele que existia antes não nasceu depois e foi recriado como Filho, como tu mesmo, beatíssimo Pai, no meio da Igreja e na assembléia contradisseste com freqüência os que introduzem tais ensinamentos. Mas é, como dissemos, criado pela vontade do Pai antes dos tempos e dos séculos, recebeu do Pai a vida e o ser, e o Pai o glorifica ao fazê-lo participar de seu ser. O Pai, ao dar-lhe em herança todas as coisas, não se despojou dos atributos incriados que possui, pois é fonte de todas as coisas.

6. Por isso são três as Pessoas (hypostaseis): Pai, Filho e Espírito Santo. Certamente Deus é causa de todas as coisas, absolutamente único e sem começo. O Filho saiu do Pai, fora do tempo, criado e constituído antes dos séculos. Não existia antes de nascer, mas nasceu antes de todas as coisas, fora do tempo. Subsiste, Ele só, do Pai, só. Mas não é nem eterno, nem coeterno, nem incriado, com o Pai, nem tem seu ser com o Pai, como alguns dizem, a respeito de outro, introduzindo dois princípios não nascidos, senão, assim como Deus é a união e princípio de tudo, assim existe antes de tudo. Por isso existe também antes do Filho, como aprendemos de tua pregação no meio da Igreja. Por isso tem de Deus a glória e a vida e tudo lhe foi entregue segundo isto: Deus é seu princípio. E Deus lhe é superior como seu Deus, pois existe antes dele. Se as palavras “dele” (Rm 11,36); “do seio” (Sl 109,3) e “saí do Pai e vim” (Jo 16,28) se entendem como se fosse parte de sua única substância ou como uma prolação que se estende, o Pai, segundo eles, seria composto, divisível, mutável e corpóreo e segundo suas próprias palavras, o Deus incorpóreo suportaria as conseqüências de sua corporeidade.

7. Quem não percebe os escorregadios rodeios do caminho da serpente, ou não reconhece, nas contorções tortuosas, os nós das víboras, que encerram a força poderosa de uma boca cheia de veneno no estreito círculo de um corpo enrodilhado? Logo que todos se estendam e se soltem, se mostrará todo o veneno da cabeça oculta. Apresentam-nos em primeiro lugar os nomes da verdade, a fim de introduzirem o vírus da falsidade. Na boca está o bem, para que o mal do coração se insinue. Entre todas estas coisas, nunca escuto dizerem ser Deus o Filho de Deus, nunca vejo, em lugar nenhum, ser pregado o Filho como sendo Filho. Usam a palavra Filho de modo a calar a respeito da natureza. Retiram a natureza para que o nome não seja próprio. Citam as outras heresias para enganar sobre a sua própria heresia. Afirmam um só Deus único verdadeiro, para que o verdadeiro e próprio Filho de

Deus não possa ser o que Deus é.

8. Embora nos livros anteriores já tenhamos falado sobre Deus e Deus, e Deus verdadeiro e Deus verdadeiro, e tenhamos dito que no Pai, verdadeiro Deus, e no Filho, verdadeiro Deus, deve-se entender um só verdadeiro Deus, segundo a unidade da natureza, não segundo a unicidade das pessoas, conforme as declarações da Lei e dos Profetas, contudo a perfeita clareza desta fé deve ser dada pelas doutrinas evangélicas e apostólicas, entendendo-se que o verdadeiro Filho de Deus é Deus, não por natureza alheia e diversa da natureza do Pai, mas por ter a mesma divindade, existente pela verdade do nascimento. Não julgo poder existir alguém tão insensato que, conhecendo as afirmações de Deus sobre si mesmo, não as compreenda ou, tendo-as compreendido, não queira que sejam compreendidas pelos outros, ou pense que devem ser corrigidas pela opinião da prudência humana. Antes de começar a falar dos próprios mistérios salutareis, para que, tendo eles proclamado os nomes de outros hereges, o ensino herético não se infiltre em alguns, devemos erguer todo o véu que encobre a sutil maldade a fim de que seja descoberto o veneno escondido e mostrado pelos mesmos meios com que se esconde, para que a sensibilidade da consciência comum comece a conhecer esse veneno lisonjeiro.

9. Os hereges querem afirmar que o Filho de Deus não vem de Deus e que não nasceu de Deus como Deus, da natureza e na natureza de Deus. Antes tinham falado de um *Único Deus, único verdadeiro* sem acrescentar *Pai*, para negar que o Pai e o Filho tenham uma única e verdadeira natureza. Excluíram o que é próprio do nascimento e disseram: *Não é uma prolação do Pai como pensou Valentim*. Sua intenção era de recusar o nascimento de Deus, nascido de Deus, assimilando-o ao nome de *prolação* da heresia de Valentim. Este, certamente, afirmou coisas ridículas e vergonhosas e introduziu uma família de deuses e inúmeras potestades eternas e disse que nosso Senhor Jesus Cristo existiu como prolação pelo mistério da vontade oculta. A fé evangélica e apostólica ignora esta prolação sem sentido inventada pela insensatez de um autor temerário e estulto. Ignora o Abismo, o Silêncio e os trinta éons de Valentim. Conhece um só Deus de quem tudo procede e um só Senhor Jesus Cristo por quem tudo foi feito (cf. 1Cor 8,6), nascido de Deus. Porque nasceu de Deus, não deixou Deus de ser o que é. Pelo seu nascimento, não deixou de ser Deus. Porque é Deus não começou a existir já que nasceu de Deus. Segundo o senso comum humano, o que nasce parece ser uma prolação, de modo que se julga que o nascimento é uma prolação. Portanto, por causa da heresia de Valentim, tentou-se excluir o nome de prolação, para que não permanecesse a verdade do nascimento, pois a noção de prolação, na opinião terrena, não se afasta muito da natureza do nascimento neste mundo. A natureza humana é lenta e tem muita dificuldade para compreender as coisas divinas. É preciso que seja advertida com freqüência a respeito do que foi dito, para não crer que os mistérios do divino poder possam ser explicados suficientemente a partir de exemplos tirados da comparação com as coisas humanas. A comparação com as coisas terrenas serve apenas para que as coisas celestes possam penetrar espiritualmente em nossas mentes. Pelos meios de nossa natureza poderemos ser conduzidos ao conhecimento da grandeza divina. Não é conforme a prolação dos nascimentos humanos que se pode avaliar o nascimento de Deus. Quando o que é Um vem do que é Um e Deus nasce de Deus, a noção de nascimento terreno serve só para ajudar a compreender. Quanto ao mais, não satisfaz a comparação com o nascimento humano que traz consigo a união, a concepção, o tempo de gestação, o parto. Do Deus nascido de Deus, nada se pode entender senão que nasceu. Da divina e verdadeira natividade, segundo a fé evangélica e apostólica, trataremos no seu lugar. Entretanto, devemos mostrar as artimanhas da arte herética que, para abolir a verdade do nascimento, quer extinguir a palavra *prolação*.

10. A fraude mantém seus artifícios malignos também em outros pontos, dizendo: *Nem é uma parte da*

única substância do Pai, como explicou o Maniqueu. A prolação foi negada antes, para que o nascimento fosse negado. Agora, usando-se o nome de Maniqueu, é apresentada, para negar a doutrina segundo a qual o Filho é uma parte da única substância, para que não se creia que é Deus de Deus. Maniqueu, defensor declarado do diabo, em tudo o que estava a seu alcance, e néscio adorador do sol, movido por violento furor, quis desautorizar a Lei e os Profetas. Ensinou que o que esteve no seio da Virgem era uma porção da única substância divina e que se deveria entender ser o Filho uma parte tirada da substância do Pai, que apareceu na carne. Para negar o nascimento do Filho Unigênito e a unidade de sua substância, os Arianos querem demonstrar que o nascimento do Filho significa divisão da única substância. Como constitui blasfêmia pregar o nascimento, considerado como uma porção da única substância, querem deduzir, em primeiro lugar, que não há nascimento, porque a separação professada por Maniqueu foi condenada. Depois querem abolir o nome e a fé na única substância, porque, para os hereges, isto significa que o Filho é uma porção do Pai. Assim, não pode ser Deus de Deus, porque nele não está o que é próprio da natureza divina. Por que o ímpio furor simula uma preocupação insensata, sob a aparência falsa de religião? A fé da Igreja condena Maniqueu, como os pregadores da herética insensatez. Desconhece no Filho uma porção do Pai e sabe que é todo Deus, de todo Deus. Confessa-o como Uno do Uno, não separado, mas nascido. Sabe que o nascimento de Deus não significa diminuição do que gera nem fraqueza do que nasce. Se a Igreja sabe isto por si mesma, acusa-a por atribuir a si mesma o conhecimento. Se aprendeu do seu Senhor, permite ao que nasce conhecer seu próprio nascimento. Estas coisas foram reveladas à Igreja pelo Deus Unigênito: que o Pai e o Filho são Um, que no Filho está a plenitude da Trindade. Por isso, não aceites que o Filho seja considerado uma parte da substância única e venera no Filho a Verdadeira divindade, por causa da verdade do seu nascimento. Deixamos para depois uma explicação mais completa de todas as questões e vamos continuar com o que falta.

11. Dizem a seguir: *Nem como interpreta Sabélio, que separa a união, que diz que o Filho é o mesmo que o Pai.* Sabélio ignora os mistérios dos Evangelhos e do Apóstolo. Mas isto não é simplesmente condenado em um herege por outro herege. Porque querem que não haja unidade alguma entre o Pai e o Filho, censuram em Sabélio o erro de dividir a unidade. Esta divisão não produz o nascimento, mas divide o mesmo no seio da Virgem. Nós, porém, confessamos o nascimento. Recusamos a unicidade e mantemos a unidade da divindade. *Deus de Deus* significa que são um em sua natureza, porque Aquele que, pelo verdadeiro nascimento de Deus, para ser Deus, recebeu de Deus o seu ser, não subsiste a partir de nenhum outro. Aquele que não permanece no ser por nenhum outro princípio que não seja Deus deve permanecer necessariamente na verdadeira natureza pela qual é Deus. São um só, porque Aquele que é Deus de Deus não é em si mesmo outra coisa e não recebe de outra parte o ser Deus. O erro de Sabélio sobre a unidade serve para destruir a fé da Igreja na unidade. Continuarei a apresentar os outros artifícios da falsidade herética para não ser tido por intérprete malévolo da simplicidade alheia, mais preocupado com as suspeitas do que com a verdade. Terminando esta apresentação de sua profissão de fé, mostrarei as conclusões a que levam as premissas de um discurso tão enganador.

12. Segue-se: *Nem, como quer Hieracas, é luz de luz ou uma lâmpada dividida em duas partes. Nem também aquele que existia antes nasceu depois e foi recriado como Filho.* Hieracas, que desconhecia o nascimento do Unigênito, sem compreender o valor dos mistérios evangélicos, falou de duas luzes de uma lâmpada. Dizia que a substância do Pai e do Filho era semelhante a uma lâmpada dupla que, para acender-se, recebe o óleo do mesmo vaso, como se houvesse uma substância eterna, como o óleo que está na lâmpada, contendo a natureza de duas chamas, ou como uma lâmpada que tem uma única mecha e que acende nas duas pontas e na qual o material combustível do centro produz duas chamas a

partir dele mesmo. Este é um erro da insensatez humana que procura a sabedoria mais em si mesma do que em Deus. A verdadeira profissão de fé é que Deus nasce de Deus, como a luz, da luz que, sem sofrer diminuição em si mesma, comunica sua própria natureza, dando o que tem, mas conservando o que deu. Nasce o que é, pois não nasceu algo diferente do que é. O que nasce recebe o que existia, porém não deixa o que recebeu. Os dois são Um porque o Filho nasce daquele que é Pai, e o que nasce não tem outra origem e não é outra coisa senão o que Ele é, pois é luz da luz. Para afastar os homens da compreensão da doutrina, foi usada a idéia da lâmpada e da luz de Hieracas, como pretexto para acusar os que afirmam a luz da luz e para que se pense que não é dito de acordo com o sentido da fé aquilo que foi condenado agora e antes, no sentido que lhe dão os hereges. Retira-te, retira-te, vão temor dos hereges, não te faças defensor da fé da Igreja com a falsa doutrina que sustentas. Nada há, para nós, em Deus, de corpóreo e inanimado. Deus é inteiramente Deus. Nele existe somente força, vida, luz, felicidade, espírito. Sua natureza não tem a fraqueza da matéria nem consta de coisas diversas para continuar existindo. Deus, porque é Deus, permanece no que é e, permanecendo Deus, gerou a Deus. Não estão contidos como uma lâmpada na outra, ou uma luminária na outra, em alguma natureza exterior. O nascimento do Deus, Unigênito, de Deus, não é sucessão, mas geração, não é derivação, mas luz que vem da luz. É unidade da natureza, não uma sucessão de elementos unidos.

13. Quanta astúcia herética e que profissão de fé cheia de ardis foi essa: *Nem também aquele que existia antes nasceu depois e foi recriado como Filho.* Deus, que nasceu de Deus, certamente não nasceu do nada, nem do que não existia, mas teve, por seu nascimento, a natureza viva. Não é o mesmo Deus que existia, mas nasceu, como Deus, do Deus que existia, e o que nasceu teve a natureza daquele que é seu princípio, pelo fato de nascer. Se falamos por nós mesmos, somos insolentes, mas, se ensinamos o que fomos instruídos por Deus para dizer, devemos afirmar o nascimento de Deus segundo a doutrina de Deus. O furor herético procura eliminar a unidade de natureza no Pai e no Filho e o mistério inefável do nascimento. Afirma que o que existia antes também não nasceu e depois foi recriado como Filho. Quem será tão estulto a ponto de pensar que o Pai deixou de ser Ele mesmo e que o mesmo que existia antes nasceu depois, criado novamente como Filho, ou que se deu um aniquilamento de Deus, dando a origem ao nascimento, quando, ao contrário, o nascimento garante que o que gerou continua existindo? Quem será tão insensato a ponto de pensar que o Filho recebeu a existência de outro modo senão pelo nascimento? Ou quem é tão tolo a ponto de atrever-se a afirmar que Deus, em algum momento, não existiu, porque nasceu como Deus? Não nasceu Aquele que existia como Deus, mas nasceu Deus daquele que permanecia como Deus e tem em si a natureza do que o gerou, pelo seu nascimento nesta natureza. O Filho de Deus, que recebeu de Deus o seu ser, para ser Deus, não possui aquilo que antes não existia. Na realidade do seu nascimento recebeu os atributos que existem em Deus. Não nasceu o que já existia, mas o Deus que nasceu recebeu o ser daquilo e naquilo que Deus tinha. Todo o discurso anterior do erro herético preparou o caminho para o seu ímpio ensinamento. Para negar o Deus Unigênito, como se antes já tivesse estabelecido o fundamento desta verdade, afirma que nasceu do nada, não de Deus. Diz que a causa do seu nascimento é a vontade criadora de Deus, a partir do que não existia.

14. Finalmente, depois de muito falar, como quem entra num caminho aberto por si mesmo, termina dizendo: *O Filho saiu do Pai fora do tempo, criado e constituído antes dos séculos; não existia antes de nascer.* Pensa que a palavra herética se adaptou, por uma parte, à necessidade de confirmar sua impiedade e, por outra parte, à exigência de defender-se da acusação de calúnia, quando isso se tornasse necessário, dizendo: *Não existia antes de nascer.* Afirmando que não existia antes de nascer, pretende negar que tenha a natureza que corresponde à sua origem divina e, ao mesmo tempo, dizer

que Aquele que não se considerava como existente antes de nascer começou a existir a partir do nada. Além disso, ao afirmar que esta proposição era contrária à fé, os hereges se defendem prontamente, dizendo que quem já existia não podia nascer e que o que já existia antes não precisava nascer para existir, visto que o nascimento faz existir o que nasce. Ó estulto e ímpio! Quem pode esperar que nasça o que existe sem nascimento? Como se pode pensar que nasce o que existe, quando o nascimento significa vir à existência? Procuras dolosamente negar o nascimento do Filho de Deus, do Deus Pai, dizendo: *Não existia antes de nascer* e queres negar que Deus, do qual nasceu o Filho de Deus, existia? Queres negar que existia a natureza de Deus da qual Deus Filho recebe o ser pelo nascimento? Se nasceu de Deus, deve-se confessar a natureza que permanece, da qual Deus Filho subsiste pelo nascimento, não porque se pense que nasce o Deus que existia, mas porque o Filho de Deus nasceu de Deus que existia.

15. O ímpeto herético não contém a sua ímpia exaltação e, ao dizer: *não existia antes de nascer*, esforça-se por provar que nasceu do que não existia, ou seja, que não nasceu de Deus Pai, por um perfeito e verdadeiro nascimento, para ser Deus Filho. Concluindo a exposição, irrompe no mais extremo e irreligioso furor, dizendo: *já que as palavras dele, (Rm 11,36) do seio (Sl 109,3) e saí do Pai e vim (Jo 16,28) se entendem como se fosse parte de sua única substância, ou como uma prolação que se estende, o Pai, segundo eles, seria composto, divisível, mutável, e corpóreo, e, segundo suas mesmas palavras, o Deus incorpóreo suportaria as conseqüências de sua corporeidade*. Defender a verdade da fé contra a falsidade da heresia seria uma tarefa muito difícil, se ela fosse tão prudente quanto audaciosa. Felizmente o desejo da impiedade procede da falta de prudência. Por isso, embora seja fácil responder à insensatez, é difícil que os insensatos se corrijam. Em primeiro lugar porque a compreensão exata das coisas não é procurada, depois porque não se aceita a explicação dada por quem entende. Mas se alguns estão errados por causa do temor de Deus e da ignorância da inteligência e não pelo desejo da impiedade e a insensatez do pensamento, espero que estejam inclinados à emenda, pois a demonstração da verdade provará a insensatez da heresia.

16. Dissestes, ó estultos, e dizeis ainda hoje que não sabeis o que significa em Deus *dele, do seio e saí do Pai e vim*. Pergunto se tudo isso foi dito por Deus ou não. Foi dito, com certeza. Como foi dito por Deus, a respeito de si mesmo, é necessário que não se entenda nada diferente do que foi dito. Trataremos destas palavras no seu devido lugar, depois de indicar o sentido de cada uma delas. Enquanto isso, pergunto o que se deve pensar quando se diz *dele*. Acaso entenderás que procede de outro ou do nada, ou que se trata dele mesmo? Não vem de outro porque é *dele*, isto é, não procede de outro, senão de Deus. Não vem do nada porque vem *dele*, o que demonstra a natureza da qual vem o nascimento. Não é o mesmo, pois onde está escrito *dele*, o nascimento do Filho é referido ao Pai. Quando, em seguida, se diz *do seio*, pergunto se é possível acreditar que tenha nascido do nada, quando a verdade do nascimento é demonstrada pelo nome de funções corporais. Não é um Deus formado de membros corporais, que, ao rememorar a geração do Filho diz: *Eu te gerei do meu seio antes da aurora (Sl 109,3)*. Falou assim para confirmar a fé no nascimento inefável do Filho, nascido da realidade da natureza divina. Falou assim para que a fé pudesse ser compreendida, para instruir a natureza humana, de acordo com a natureza, para a compreensão da fé, para que se aprenda que, quando diz *do seio*, quer dar a entender que não se trata de criação a partir do nada, mas sim do nascimento do seu Unigênito, que procede dele mesmo, segundo a sua natureza. Finalmente, as palavras *saí do Pai e vim (Jo 16,28)* acaso encerram alguma ambigüidade, ou dão a entender que sua divindade procede de algum outro princípio a não ser do Pai? Por sair do Pai, não pode ter, por seu nascimento, outra natureza. Nem pode vir do nada, mas dá testemunho do seu Princípio. Falarei depois

de como isso deve ser demonstrado e entendido.

17. Vejamos, entretanto, como a presunção humana impede a compreensão do que foi dito sobre Deus, embora não se negue que Deus o tenha dito a respeito de si mesmo. É gravíssimo o erro da insolência humana, que não só contradiz a Deus quando não crê na revelação que fez de si mesmo, mas ainda o condena querendo emendá-lo. Contamina com doutrinas humanas e impugna aquele mistério inefável de sua natureza e de seu poder! Ousa dizer que, se o Filho nasceu de Deus, é mutável e corpóreo o Deus que expandiu e estendeu a partir de si mesmo Aquele que deveria ser Filho. Por que tamanha solicitude pela imutabilidade de Deus? Nós, ensinados por Deus, confessamos o nascimento, pregamos o Unigênito. Tu, para negar o nascimento, para que na Igreja não haja a fé no Deus Unigênito, defendes a natureza do Deus imutável que não pode estender-se nem expandir-se. Eu poderia oferecer-te, ó infeliz erro, um exemplo a partir das coisas do mundo, de algumas naturezas que geram, para que não acreditasses que o nascimento é uma extensão e para que não pensasses que a geração se dá pela diminuição do que gera, pois muitos seres vivos são gerados por outros seres vivos sem união corporal. No entanto, seria um crime não dar crédito a Deus, quando fala de si mesmo, e seria sinal de extrema insensatez negar a autoridade, nas questões de fé, daquele a quem confessas que é preciso honrar para ter a vida. Se só por Ele temos a vida, como não viria por Ele a fé que dá a vida? Como pode firmar-se nele a fé que dá a vida, quando Ele é tido como testemunha infiel a respeito de si mesmo?

18. Atribui, pois, herege sem fé, o nascimento do Filho à vontade criadora, para que não tenha nascido de Deus, mas tenha sido criado pela vontade do Criador. Para ti, não é Deus, porque, se há um só Deus, o Filho não recebe, no seu nascimento, a natureza do que lhe deu origem. Foi criado como uma substância diferente, mesmo que seja superior às outras criaturas, por ser o Unigênito. Não recebeu, no entanto, a natureza de Deus por geração, porque só pode subsistir pela criação recebida como dom. Tu o chamas de filho, não por ter nascido de Deus, mas por ter sido criado por Deus, lembrando-te de que homens piedosos foram considerados por Deus como dignos desse nome. Tu lhe concedes o nome de Deus apenas no sentido que tem nestas palavras: *Eu disse, vós sois deuses, e Filhos do Altíssimo, todos vós* (Sl 81,6). Nessas palavras deve-se perceber a indulgência de quem fala. Nelas, porém, não se expressa o nome e verdade da natureza. Ele é, para ti, filho por adoção, deus por denominação, unigênito por privilégio, primogênito pela ordem, inteiramente criatura. Não é Deus por geração, não nasceu de Deus, segundo a natureza, mas sim recebeu a subsistência como uma criatura.

19. Em primeiro lugar, ó Deus onipotente, depois de ter pedido perdão pela impaciência causada pela dor, permite que eu, que sou pó e cinzas, mas estou ligado pelos laços do teu amor, fale e me expresse livremente. Eu, infeliz, antes não era nada, não conhecia o sentido da vida e, sem conhecer-me a mim mesmo, era carente de mim mesmo. A tua misericórdia é a causa da minha existência e não duvido de que tu, que és bom, tenhas determinado que seria bom para mim nascer. Tu, que não necessitas de mim, não me deste o ser como o princípio do meu mal. Como me deste a vida, concedeste-me a razão e o conhecimento e me instruíste para que eu te conhecesse, por meio dos livros que considero sagrados, escritos pelos teus servos, Moisés e os Profetas. Por eles, me revelaste que não deves ser adorado como um Deus solitário. Aprendi neles que há contigo um Deus não distinto pela natureza, mas uno no mistério da tua substância, e te conheci como Deus em Deus, não de maneira indistinta e confusa, mas pela força da tua natureza, pois, pelo fato de seres Deus, estás naquele que nasceu de ti, mas não de tal modo que tu mesmo sejas Ele e sejas o que está nele. Pelo contrário, o fato de estares no que recebe de ti o seu ser demonstra a realidade de seu perfeito nascimento. O mesmo me dizem os Evangelhos e os Apóstolos. As palavras que saíram da boca sagrada do teu Unigênito, escritas nos

livros, atestam que teu Filho, Deus Unigênito, nascido de Deus Ingênito, nasceu da Virgem, como Homem, para realizar o mistério da minha salvação. Tu estás nele, porque realmente o geraste, e Ele está em ti unido a ti pela natureza que possui, por ter nascido de ti.

20. Suplicando, pergunto: em que profundezas de desespero me fizestes submergir? Assim aprendi essas coisas e nelas acreditei, assim as afirmo com a fé do meu espírito fortalecido, de tal modo que não poderia querer outra coisa. Por que me enganaste, a mim, que sou miserável em relação a ti, e levaste à perdição meu corpo e minha alma infelizes, com uma doutrina diferente a teu respeito? Enganou-me a glória de Moisés que descia do monte, depois que o mar Vermelho foi dividido e depois que ele viu, junto de ti, todos os segredos ocultos dos mistérios celestes. Acreditei nele, quando falava com tuas palavras. Davi, que foi achado segundo teu coração, me fez perder-me. Salomão, que foi digno de receber a sabedoria divina, e Isaías, que pregou o Senhor dos Exércitos, visto por ele, e Jeremias, santificado antes de ser formado no seio de sua mãe, como profeta para arrancar e plantar os povos, e Ezequiel, testemunha do mistério da ressurreição, e Daniel, homem dos desejos, conhecedor dos tempos, e todo o santo coro dos profetas, e Mateus, o publicano, eleito para ser apóstolo, e João, digno de receber os mistérios celestes, por causa de sua familiaridade com o Senhor, e o bem-aventurado Simão, que depois de sua confissão estabeleceu os fundamentos do edifício da Igreja e recebeu as chaves do Reino dos céus, e todos os demais que falaram pelo Espírito Santo, e Paulo, que esteve no fundo mar e, como homem, subiu ao terceiro céu, que esteve no paraíso antes do martírio e no martírio foi consumado como libação da perfeita fé.

21. Fui ensinado por todos eles e irremediavelmente instruído na fé que afirmam. Perdoa-me, Deus onipotente, pois não posso emendar-me quanto a isso e assim hei de morrer. O tempo atual apresentou-me muito tarde esses doutores que considero ímpios. A minha fé que tu instruístes recebeu-os tarde demais como mestres. Antes de ouvir esses nomes, eu acreditei em ti, renasci e sou teu. Sei que és onipotente e espero conhecer o sentido do nascimento inefável que só tu e o teu Unigênito conheceis. Sei que nada é impossível para ti e não duvido que teu Filho tenha sido gerado por ti, com a força da tua onipotência, pois, se duvidasse, negaria que és onipotente. Aprendi que és bom pelo meu próprio nascimento e por isso tenho certeza de que não invejas os bens que teu Unigênito possui por seu nascimento. Creio que o que é teu é dele e o que é dele é teu. A criação do mundo me diz que és sábio. Estou certo de que geraste de ti a tua Sabedoria, que não é diferente de ti. Para mim, és realmente o único Deus. Creio que, naquele que, procedendo de ti, é Deus, não há nada que não seja teu. Julga-me por isso. Vê se há em mim crime, por ter acreditado firmemente, por causa do teu Filho, na Lei, nos Profetas, nos Apóstolos.

22. Cesse este discurso temerário e, deste ponto ao qual chegamos, por causa da necessidade de demonstrar a insensatez dos hereges, retornemos à explicação da verdade, a fim de que os que ainda podem salvar-se sigam o caminho do ensinamento evangélico e apostólico, para chegar à verdadeira fé e para entender que o verdadeiro Filho de Deus não é filho por adoção, mas por natureza. Convém que seja esta a ordem da nossa resposta: que primeiro ensinemos que é Filho de Deus e que a natureza divina, pela qual é Filho, está nele de modo absoluto, pois a heresia de que agora tratamos faz tudo para negar que nosso Senhor Jesus Cristo seja verdadeiramente Filho de Deus. De muitos modos é conhecido que nosso Senhor Jesus Cristo é verdadeiramente o Filho Unigênito e assim é proclamado. O Pai atesta, Ele mesmo afirma, os Apóstolos ensinam, os fiéis crêem, os demônios confessam, os judeus negam, os gentios reconhecem na Paixão. O que a fé proclama não se deve ao fato de ter-lhe sido dado um nome, como a outros. Tudo o que Cristo Senhor fez e ensinou supera em muito o que pode ser feito pelos que são chamados de filhos, e, de tudo o que é atribuído a Cristo, se ensina que o

principal é isto: Ele é Filho de Deus. Portanto, o nome de Filho não lhe foi atribuído pelo mesmo motivo que a todos os outros, como se partilhassem a mesma condição.

23. Não quero macular a verdade da fé acrescentando outras coisas por minha própria conta. Que o Pai fale, como de costume, a respeito do seu Unigênito é para que, no mistério do batismo, não se ignore, por causa de seu corpo, a divindade de Jesus Cristo: *Este é o meu Filho amado em quem ponho a minha afeição* (Mt 3,17). Pergunto onde falta a verdade e em que se mostra fraca a confissão de fé, quando não parece suficiente, para provar a majestade, o parto da Virgem, por obra do Espírito Santo, anunciado pelo anjo, a estrela que conduziu os magos, a adoração ao que estava no berço, a confissão do Batista afirmando o poder do que devia ser batizado. Do céu, o Pai diz: *Este é o meu Filho*. Que significa o uso de pronomes e não de cognomes? Os cognomes são acrescentados aos nomes, os pronomes têm valor de nomes. *Este* e *meu* indicam algo que é próprio. É preciso compreender o verdadeiro sentido das palavras. Leste: *Gerei filhos e os exaltei* (Is 1,2), mas não leste *meus filhos*. Gerou-os como filhos para si quando os tirou do meio dos pagãos e fez deles o povo de sua herança. Para que não seja atribuído ao Filho Unigênito o nome de filho adotivo pela sua participação na herança, foi indicada a realidade da sua natureza pela indicação da propriedade. Só seria possível dar a Cristo esse nome, em comum com os outros, se houvesse outro filho do qual fosse dito: *Este é o meu Filho*. Se, no entanto, estas palavras foram ditas somente a respeito dele, vamos acusar o Pai por ter dado testemunho de que o Filho é dele? As palavras *este é* significam que Deus tem outros filhos, que receberam esse nome, mas só este é o Filho. Muitos foram chamados de filhos por serem adotados, este, porém, por ser Filho. Não procure outro, não acredite que seja outro. “Aponto para este, empregando as palavras *é meu, este é, é meu Filho*”, diz Deus. Depois disso não pode haver motivo algum para crer que não o seja. Este é o motivo da palavra do Pai: que não se ignorasse quem era o que devia ser batizado para que se cumprisse toda a justiça e que fosse reconhecido como Filho de Deus pela voz de Deus o que era visto como homem por causa do mistério da nossa salvação.

24. Nesta fé está a vida dos crentes, pois não há outro caminho para a eternidade a não ser o conhecimento de Jesus Cristo, Deus Unigênito, Filho de Deus. Por isso, a voz do céu foi ouvida outra vez pelos apóstolos afirmando a mesma coisa, para que se cresse mais firmemente naquilo que traz a morte para os que não crêem. Quando o Senhor se apresentou, revestido de toda a sua majestade, sobre o monte, tendo ao lado Moisés e Elias, e, como testemunhas, as três colunas da Igreja, ouviu-se, do céu, a voz do Pai: *Este é o meu Filho amado em quem ponho a minha afeição, ouvi-o* (Mt 17,5). Não bastava, para confirmar a sua glória, o brilho que se via; assim, a voz dizia: *Este é o meu Filho*. Os apóstolos não suportam a manifestação da glória. Seus olhos mortais são muito fracos para poder contemplá-la; a fé de Pedro, Tiago e João desfalece, consternada, por causa do temor. A profissão da autoridade paterna, porém, está presente, e o Filho é declarado tal pelas mesmas palavras de quem o diz. Não só se demonstra a verdade da filiação com as palavras *este* e *meu*, como se acrescenta *ouvi-o*. O testemunho do Pai vem do céu, o do Filho é confirmado na terra, pois dele é dito que deve ser ouvido. A palavra do Pai não permite que se duvide e, além disso, fica claro que se deve crer na palavra do Filho a respeito de si mesmo. A verdade da filiação é tão evidente, que o Pai, confirmando-a, pede que o ouçamos e que obedeçamos a Ele. Esta voz manifesta o desejo de Pai de que o Filho seja ouvido. Ouçamos, pois, o testemunho que o Filho dá de si mesmo, dizendo quem é.

25. Não acredito que haja alguém tão destituído de sensatez que não entenda ter Cristo declarado que assumiu nossa humilde condição corporal, conforme atestam todos os livros dos Evangelhos, quando disse: *Pai, glorifica-me* (Jo 17,5), *Vereis o Filho do Homem* (Mt 26,64), *O Pai é maior que eu* (Jo 14,28), *Minha alma está muito perturbada* (Jo 12,24), *Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?*

(Mt 27,46) e muitas outras coisas semelhantes, de que falaremos quando for ocasião. Julgo, porém, que não haverá ninguém que, tendo Ele dado tantas demonstrações de humildade, o acuse de insolência por chamar a Deus de Pai, quando diz : *Toda planta que meu Pai não plantou será arrancada pela raiz* (Mt 15,13) e *Fizestes da casa de meu Pai uma casa de comércio* (Jo 2,16). Quem acreditará que sempre que chama a Deus de Pai demonstra uma presunção temerária e não a confiança natural de quem é consciente de seu nascimento e sabe que pode chamar verdadeiramente a Deus de Pai porque Ele o é? A freqüente confissão de humildade não tem o vício da insolência que exige para si coisas alheias, querendo guardar o que não é seu, e pretende que o que é seu se iguale ao que é de Deus. Também não se chama de Filho com temeridade igual a que seria chamar a Deus Pai quando diz: *Deus não enviou o seu Filho ao mundo para condenar o mundo, mas para que o mundo seja salvo por Ele* (Jo 3,17), e *Tu crês no Filho de Deus?* (Jo 9,35). Que fazemos agora se atribuímos a Jesus Cristo só o nome de filho por adoção e o acusamos de presunção por chamar a Deus de Pai? A voz do Pai que vem do céu diz: *Ouvi-o*. Eu ouço: *Pai, eu te dou graças* (Jo 11,41); *Dizeis que blasfemei porque disse: “Sou Filho de Deus”* (Jo 10,36). Se não dou crédito aos nomes, se não entendo que as palavras indicam a natureza, pergunto então em que devo confiar e o que devo entender e não me resta outra possibilidade. Do céu, o Pai dá a garantia: *Este é o meu Filho*. O que o Filho declara sobre si mesmo é: *a casa de meu Pai*. A confissão do nome significa a salvação, já que a pergunta: *Tu crês no Filho de Deus?* exige fé e quando se diz *meu*, os nomes que se seguem indicam o que é próprio. A ti eu pergunto, ó herege, em que fundamentas outra suposição, pois negas a confiança ao Pai, negas ao Filho a confissão e tiras o significado dos nomes. Mudas o significado das palavras de Deus e com a tua impiedade impudente chegas a acusar a Deus de mentir a respeito de si mesmo.

26. O simples enunciado já mostra que os nomes indicam a natureza. Aquele de quem se disse *Meu Filho* e Aquele de quem se disse *Meu Pai* são exatamente aquilo de que são chamados. E, a não ser que o nome signifique, no Filho, adoção, e, no Pai, honra, vejamos que características o Filho atribui a seu nome: *Tudo me foi entregue pelo Pai. Ninguém conhece o Filho a não ser o Pai e ninguém conhece o Pai a não ser o Filho e aquele a quem o Pai quiser revelar* (Mt 11,27). Acaso não estão de acordo: *Este é o meu Filho e Meu Pai e Ninguém conhece o Filho a não ser o Pai e ninguém conhece o Pai a não ser o Filho?* A não ser pelo testemunho mútuo, ninguém pode conhecer o Filho por meio do Pai nem o Pai por meio do Filho. Há uma voz que vem do céu e há também o testemunho do Filho. Conhecer o Filho é tão impossível quanto conhecer o Pai. Tudo lhe foi entregue, e, quando se fala de tudo, nada se pode excetuar. O poder é igual, o mistério do conhecimento é igual, a natureza se expressa nos nomes. Assim sendo, pergunto como não poderão ser aquilo que são chamados se não são diferentes pelo poder e pela impossibilidade que temos de conhecê-los. Deus não engana com suas palavras. O Pai e o Filho não mentem quando falam de si. Aceita a fé que estes nomes merecem.

27. O Senhor diz: *As obras que o Pai me encarregou de realizar, tais obras eu as faço e elas dão testemunho de que o Pai me enviou. Também o Pai que me enviou dá testemunho de mim* (Jo 5,36-37). O Deus Unigênito mostra que é Filho, não só pelo testemunho de seu nome, mas também pelo poder de suas obras, que dão testemunho de que foi enviado pelo Pai. Pergunto: de que dão testemunho as obras? De que foi enviado. Ter sido enviado demonstra a obediência do Filho e autoridade do Pai, pois as obras que faz não podem ser de outro senão do que foi enviado pelo Pai. Como aos descrentes não basta que as obras demonstrem ter sido enviado pelo Pai, continua: *O Pai que me enviou dá testemunho de mim. E não ouvistes sua voz nem vistes seu rosto* (Jo 5,37). Pergunto qual terá sido o testemunho do Pai. Examina os livros do Evangelho e estuda tudo o que contêm. Dá testemunho do Pai, além do que ouvimos: *Este é meu Filho amado em quem ponho a minha afeição e Tu és meu Filho*

(Mc 1,11). João ouviu estas palavras quando já conhecia a verdade, mas nós recebemos o testemunho da voz do Pai para nosso ensinamento. Isto, porém, não basta. João, no deserto, foi digno de ouvir esta voz e os apóstolos não deveriam ser privados desse testemunho. A eles chega primeiro a voz do céu, mas recebem mais que João. Este, que já tinha profetizado no seio materno, não precisou dessa palavra *Ouvi-o*. Hei de ouvi-lo, certamente, e a mais ninguém, a não ser Aquele que Ele escutou para poder ensinar. Se não se encontra nos livros nenhum outro testemunho do Pai a respeito do Filho, a não ser de que é Filho, a verdade deste testemunho consiste em que as obras que realiza o confirmam. Por que aparecem hoje essas falsidades: que o nome do Filho significa adoção, que Deus mente, que os nomes não significam nada? O Pai deu testemunho do Filho que, com suas obras, corresponde ao testemunho do Pai. Por que se deve pensar que não possui a realidade da filiação que é afirmada e demonstrada? Cristo não tem o nome de Filho por ter sido adotado pelo Pai por benevolência. Não mereceu esse nome por sua santidade, como muitos que são filhos de Deus por terem confessado a fé. Nestes últimos, o nome não indica nada que lhes seja próprio. Foi concedido por Deus, como Ele pode fazê-lo. Mas é diferente dizer: *este é, este é meu, ouvi-o*, pois aqui se trata da verdadeira filiação por natureza, na qual devemos crer.

28. O Filho dá testemunho de si mesmo com tanta clareza quanto o Pai, com a declaração sobre a verdadeira filiação. A palavra *Este é o meu Filho* constitui uma prova de sua natureza divina, à qual se acrescenta: *Ouvi-o*, como um convite a escutá-lo para confessar a doutrina que conduz à salvação, pois estas palavras dizem qual é o mistério e qual a fé, pelos quais veio do céu. O Filho ensinou a verdade de seu nascimento e sua vinda quando disse: *Vós me conheceis e sabeis de onde sou; no entanto, não vim por minha própria vontade, mas é verdadeiro aquele que me enviou e que não conheceis. Eu, porém, o conheço porque dele procedo e foi Ele que me enviou* (Jo 7,28-29). O Filho afirma repetidamente que ninguém conhece o Pai, que é conhecido somente pelo único que dele procede. A exclusividade do conhecimento deriva da exclusividade da geração. Proceder não significa que nele esteja a força da criatura, pois todas as coisas receberam de Deus o seu ser pela criação. Significa, sim, a realidade do seu nascimento, pelo qual só Ele conhece o Pai, enquanto as outras coisas que dele procedem não o conhecem.

29. Para que a heresia não viesse a situar seu nascimento, de Deus, no momento de sua vinda a este mundo, acrescentou: *Procedo dele e Ele me enviou*. Manteve a ordem do mistério ao afirmar que nasceu e que foi enviado para dar a conhecer quem é e de onde é, em relação com o que vem antes, pois não é a mesma coisa dizer: *procedo dele e Ele me enviou*, como não é o mesmo dizer *não me conheceis e não sabeis de onde sou*. Acaso todo homem, mesmo tendo nascido da carne, não procede de Deus? Não é esta a opinião geral? Como nega que saibam quem é Ele e de onde é, a não ser que, com sua origem, faça referência ao princípio de sua natureza, que podem ignorar precisamente porque ignoram que Ele é Filho de Deus? Reflete, ó insensato, sobre o significado de *não me conheceis nem sabeis de onde sou*. Tudo vem do nada e tanto é assim que tu ousas afirmar, mentindo, que o Deus Unigênito recebeu seu ser a partir do nada. Que significa que os ímpios não saibam quem é Cristo nem de onde é? O fato de não saberem de onde é demonstra a natureza da qual procede, pois não se pode ignorar a natureza da qual procede tudo o que vem do nada. O fato de não se ignorar que vem do nada exclui a ignorância sobre sua procedência. Aquele que veio não tem a existência de si mesmo, porém o que o enviou, que os ímpios não conhecem, é verdadeiro. O que o enviou é o mesmo que se ignora tê-lo enviado. O que foi enviado procede, portanto, do que o enviou e procede daquele de quem se ignora que Ele procede. Porque se ignora de quem Ele procede, não se sabe quem Ele é. Quem não sabe de onde é Cristo, não sabe quem é Cristo. Não o confessa como Filho quem ignora que tenha nascido e

não entende que tenha nascido o que acredita que veio do nada. Porém não veio do nada, porque os ímpios não sabem de onde Ele é.

30. Não sabem, realmente, os que ligam a natureza ao nome e, sendo ignorantes, não querem saber. Escutem o Filho censurar a ignorância daqueles ímpios, quando até os judeus chamam a Deus de Pai: *Se Deus fosse vosso Pai, sem dúvida me amaríeis, pois eu saí de Deus e vim. Não vim por mim mesmo, mas Ele me enviou* (Jo 8,42). Não censurou aqueles que assumiam um nome sagrado e, confessando-o Filho de Deus, diziam ter a Deus por pai. Interpela, porém, a usurpação temerária dos judeus, que presumiam ter Deus como pai e não o amavam. *Se Deus fosse vosso Pai, certamente me amaríeis, pois eu saí de Deus.* Para todos os que, pela fé, têm a Deus por pai, Deus é Pai pela mesma fé, pela qual confessamos que Jesus Cristo é o Filho de Deus. Mas confessar que é Filho no mesmo sentido em que são em geral os santos, será isso a fé, se dizemos que é um dentre os filhos? Acaso os outros, que existem na fraqueza da criatura, também não são filhos? Em que, então, a confissão de fé no Filho de Deus, Jesus Cristo, é mais excelente se Ele, como os outros filhos, não tem esse nome por natureza? Esta falta de fé não ama a Cristo e esta ímpia profissão não aceita para si a Deus Pai, porque, se para eles Deus fosse Pai, amariam a Cristo por ter vindo de Deus. Procuo saber o que seja *ter saído de Deus*. Não se pode dizer que *ter saído* de Deus seja a mesma coisa que *ter vindo*, pois ambas as expressões aqui estão: *saí de Deus e vim*. E para mostrar o que seja *saí de Deus e vim*, o Senhor logo acrescenta: *Não vim por mim mesmo, mas Ele me enviou*. Ensina não ser origem de si mesmo, ao dizer: *Não vim de mim mesmo*, e, de novo, atesta ter saído de Deus e ter sido por Ele enviado. Dizendo que aqueles que chamam a Deus de pai devem amá-lo, porque saiu de Deus, ensina ser o seu nascimento a causa da dileção. Pois *ter saído* se refere ao nascimento incorpóreo, e a graça, que permite declarar ser Deus seu Pai, deve ser merecida pela dileção de Cristo que por Ele foi gerado. Ao dizer: *Quem me odeia, odeia também meu Pai* (Jo 15,23), dizendo *meu*, excluiu a comunhão no nome de filho pela indicação da natureza que lhe é própria. Condena, por outro lado, a usurpação do nome do Pai por parte de quem pretende ter a Deus por pai, mas não ama o Filho, porque quem o odeia, odiará também o Pai, e não honrará a Deus Pai quem não ama o Filho, porque o motivo de amar o Filho não é outro a não ser ter nascido de Deus. Portanto, o Filho procede de Deus, não por ter vindo ao mundo, mas por seu nascimento, e a dileção pelo Pai será perfeita se acreditarmos que o Filho procede dele.

31. O Senhor no-lo atesta ao dizer: *Não vos digo que hei de rogar ao Pai por vós, porque o mesmo Pai vos ama, porque vós me amais e credes que eu vim de Deus. Saí do Pai e vim a este mundo* (Jo 16,27-28). A perfeita fé no Filho não tem necessidade de intercessão junto ao Pai, para crer nele e amá-lo por ter saído de Deus. Esta fé, por si mesma, já merece ser ouvida e amada, porque confessa que o Filho nasceu de Deus e foi por Ele enviado. A sua natividade e vinda de Deus se mostram como absolutíssima verdade em suas características próprias. Diz: *Saí de Deus*, para que não se julgue haver nele uma natureza diferente da que lhe corresponde pela natividade. Acaso sair de Deus, isto é, subsistir pela natividade, poderia ser próprio de outro a não ser de Deus? *E do Pai*, diz, *vim a este mundo*. Para que esta saída de Deus fosse entendida como natividade vinda do Pai, declarou ter vindo a este mundo da parte do Pai. Uma coisa se refere à Economia, outra à natureza. Não se pode considerar a vinda a este mundo como *sair do Pai*, já que, depois de dizer que saiu de Deus diz ter vindo do Pai. Ter vindo do Pai e ter saído de Deus não têm a mesma significação. Na medida em que nascer e estar presente são diferentes, na mesma medida se distinguem ambas as palavras. Uma coisa é sair de Deus para ter um ser pessoal próprio, em virtude do nascimento, outra coisa é vir, do Pai, a este mundo para realizar o mistério de nossa salvação.

32. Pela ordem escolhida para nossa resposta, é aqui o lugar oportuno para, pela terceira vez,

ensinarmos que Jesus Cristo, Nosso Senhor, é Filho de Deus, não pelo nome, mas pela natureza, não por adoção, mas pelo nascimento, como crêem os apóstolos. Embora ainda existam muitas e excelentes confissões do Unigênito de Deus sobre si mesmo, que atestam, sem a menor sombra de erro mentiroso, a verdade de sua geração, para que não seja onerosa para o leitor a quantidade das citações, e como muito já se disse sobre a natureza da natividade, outras questões ficam para depois. Agora, como foi estabelecida pela ordem de nosso discurso, convém que, depois da atestação do Pai e da profissão do Filho, também aprendamos, pela fé dos Apóstolos, a confessar o verdadeiro Filho de Deus pelo nascimento. Vejamos se, pelo que o Senhor diz: *Saí de Deus*, pode-se entender outra coisa a não ser a natureza da natividade.

33. Depois de muitas analogias obscuras nas parábolas com que falou, Aquele que, já anteriormente, conheciam como Cristo, anunciado por Moisés e os Profetas, que também fora confessado por Natanael como Filho de Deus e rei de Israel (cf. Jo 1,49), censurou Filipe por perguntar pelo Pai, porque, apesar das obras, desconhecia a existência do Pai nele e dele no Pai, embora já tivesse afirmado muitas vezes ter sido enviado pelo Pai (cf. Jo 14,9-12). Contudo, ao ouvi-lo declarar ter saído do Pai, esta foi a resposta deles (já que estas palavras vêm logo em seguida): *Disseram-lhe os discípulos: Agora falas claramente, e não dizes nenhuma parábola. Agora, portanto, sabemos que conheces tudo e não tens necessidade de que alguém te interrogue; nisto cremos que saístes de Deus* (Jo 16,29). Que admiração é esta, pergunto, pelas palavras? Por ter declarado ter saído de Deus? Ó santos e bem-aventurados varões, por causa de vossa fé, agraciados merecidamente com as chaves do reino dos céus e com o poder de ligar e de desligar no céu e na terra, que vistes serem realizadas por nosso Senhor Jesus Cristo, o Filho de Deus, obras tão grandes e tão próprias de Deus! Quando disse ter saído de Deus, afirmais ter chegado pela primeira vez a sua verdadeira compreensão? Vistes, na verdade, as águas nupciais e, nas mesmas, o vinho nupcial e a mudança de natureza em natureza, seja por transformação, seja por criação (cf. Jo 2,1-11). Cinco pães também partistes para alimentar uma grande multidão, e, saciados todos, os pedaços de pão ainda encheram doze cestos, de tal modo que ficaram saciados com um pouco de alimento como teriam ficado com grande quantidade de pães (cf. Mt 14). Contemplastes como as mãos secas recuperaram os movimentos e a língua dos mudos soltar-se para falar e vistes, em alegre corrida, os pés do coxos, vistes os olhos dos cegos enxergarem, e a vida voltar aos mortos. Pusera-se de pé Lázaro, já fétido, à sua voz, e chamado do sepulcro, sem nenhum intervalo entre a voz e a vida, saíra imediatamente. Ainda com o odor da morte na respiração, ele mesmo, já vivo, ali estava presente (cf. Jo 11,44). Deixo passar as outras grandes virtudes e operações divinas. Só agora entendeis pela primeira vez o que seja ser enviado pelos céus, depois de terdes ouvido *saí do Pai*? E isto vos é dito pela primeira vez, já sem parábola, e entendestes pela força da natureza ser verdade que de Deus tenha saído, quando, calado, vê os pensamentos de vossas vontades, quando não interroga sobre algo, como se não soubesse, sendo o conhecedor de tudo? Por tudo isso que, pelo poder e natureza de Deus, realiza, temos de crer ter saído de Deus.

34. Os apóstolos aqui não entenderam o *ter saído de Deus*, no sentido de ter sido enviado por Deus, pois em todo o discurso anterior haviam ouvido muitas vezes que tinha sido enviado. Mas, ouvindo que de Deus saíra, e vendo nele, pelas obras, a natureza de Deus, reconhecem a verdade da natureza divina, pelo fato de ter saído de Deus, e dizem: *Agora sim, sabemos que conheces tudo e não tens necessidade de que alguém te interrogue; nisto cremos que saístes de Deus* (Jo 16,29). Pois crêem que saiu de Deus, porque pode e age em relação ao que pertence a Deus. Não por ter vindo do Pai, mas por ter saído de Deus, revela plenamente a natureza de Deus. Finalmente, isto que agora se ouve pela primeira vez vale para confirmar a fé. Pois, tendo o Senhor dito ambas as palavras: *Eu saí de Deus* e

do Pai vim a este mundo (Jo 16,28), estas não lhes causaram admiração porque já com frequência tinham ouvido: *e do Pai vim a este mundo*. A resposta deles, contudo, confirma a fé e a compreensão do dito: *Eu saí do Pai*. Pois a resposta se refere somente a isto, ao dizerem: *Nisto cremos que saístes de Deus*, mas não acrescentam: *E do Pai vieste a este mundo*. Confessam expressamente uma coisa e calam sobre a outra. A novidade destas palavras é a causa da confissão; foi, porém, a compreensão da verdade que suscitou o testemunho dos que confessavam. Na verdade sabiam que Ele, como Deus, podia tudo, mas ainda não aceitavam a natividade. Aqueles que sabiam ter sido enviado por Deus ignoravam no entanto que houvesse saído de Deus. Compreendendo, em virtude destas palavras, a inenarrável e perfeita natividade do Filho, agora declaram que não fala mais por parábolas.

35. Deus não nasce de Deus conforme o costume do parto humano, nem segundo os princípios de nossa origem, como sai o homem do homem. A íntegra, perfeita e incontaminada natividade é mais uma saída de Deus do que um parto. O que é Um procede do que é Um. Não é uma parte, não é separação, não é diminuição, não é derivação, não é extensão, não é passibilidade, mas é natividade de natureza viva, vinda daquele que vive. É Deus que procede de Deus, não é criatura eleita com o nome de Deus; não começou do nada para existir, mas saiu do que sempre permanece. *Ter saído* significa nascimento, não começo. Pois não é a mesma coisa uma substância ter um começo, e ter Deus saído de Deus. A certeza desta natividade, embora não possa ser explicada com palavras, por ser inenarrável, tem no entanto na doutrina do Filho a segurança da fé, pois Ele revela ter saído de Deus.

36. Não pertence à fé evangélica e apostólica crer que o Filho seja Deus antes pelo nome que por natureza. Se recebeu este nome por adoção e, por conseguinte, não é o Filho que nasceu de Deus, pergunto: donde então o bem-aventurado Simão Bar Jona teria tirado esta confissão: *Tu és o Cristo, o Filho de Deus vivo?* (Mt 16,16). Será porque todos têm o poder de nascer como filhos de Deus, pelo sacramento da regeneração? Se é nesse sentido que Cristo é Filho de Deus, indago o que não foi revelado a Pedro, nem pela carne nem pelo sangue, mas pelo Pai que está nos céus? Que mérito tem a confissão do que é comum a todos? Que glória de revelação advém a Pedro, desta confissão, se ele atribui ao Filho o que é comum aos Santos? Mas a fé apostólica ultrapassa a inteligência humana. Certamente ouvira muitas vezes: *Quem vos recebe, a mim recebe; e quem me recebe, recebe aquele que me enviou* (Mt 10,10). Portanto não ignorava ser Ele enviado; não ignorava quem o enviara, pois o ouvira declarar: *Tudo me foi entregue pelo Pai, e ninguém conhece o Filho a não ser o Pai, nem ao Pai ninguém conhece a não ser o Filho* (Mt 11,25). Que será o que agora o Pai revela a Pedro, e que lhe dá a glória de uma confissão bem-aventurada? Acaso desconhecia os nomes de Pai e de Filho? No entanto, com frequência os ouvira. Mas fala o que ainda nenhuma voz humana proferira: *Tu és o Cristo, Filho de Deus vivo*. Pois, embora estivesse no corpo, confessou ser Filho de Deus; agora, pela primeira vez, a fé apostólica reconhece nele a natureza da divindade. O louvor foi dado a Pedro, não tanto pela confissão da honra quanto pelo reconhecimento do mistério; porque confessou não apenas o Cristo, mas o Cristo Filho de Deus. Dizendo: *Tu és*, expôs a força e a propriedade da verdadeira natureza. E ao dizer o Pai: *Este é o meu Filho* (Mt 17,5), revelou a Pedro o: *Tu és o Filho de Deus*, porque dizer: *Este é* é uma revelação do que revela, e a resposta: *Tu és* é o reconhecimento do que confessa. Portanto, sobre esta pedra da confissão está edificada a Igreja. A carne e o sangue não revelam o sentido do que é confessado. O mistério da divina revelação não está só em proclamar Cristo Filho de Deus, mas em crer. Acaso foi revelado a Pedro antes o nome do que a natureza? Se já ouvira o nome, várias vezes, do Senhor, que se confessava Filho de Deus, em que consiste então a glória da revelação? Na proclamação da natureza, sem dúvida, não do nome, já que a declaração do nome era freqüente.

37. Esta fé é o fundamento da Igreja; por esta fé, são fracas as portas do inferno contra ela. Esta fé tem as chaves do reino celeste. O que esta fé ligar ou desligar na terra será ligado ou desligado nos céus (cf. Mt 16,18 e 19). Esta fé é dom da paterna revelação: não imaginar de modo algum Cristo como criatura, mas confessar o Filho de Deus, segundo a sua natureza. Ó infeliz e ímpio furor da estultice, que não entendes o testemunho da bem-aventurada senectude e da fé do mártir Pedro, por quem se rogou ao Pai para que não deixasse sucumbir sua fé pela tentação, que, depois da reiterada profissão de seu amor a Deus, diante da pergunta, como se fosse considerado ainda duvidoso e indeciso, gemeu à terceira interrogação (cf. Jo 23,17) e por isso, depois da terceira purificação da fraqueza, mereceu ouvir do Senhor por três vezes: *Apascenta minhas ovelhas*. Em meio ao silêncio de todos os apóstolos, reconheceu o Filho de Deus, pela revelação do Pai, e mereceu supereminente glória que supera toda a fraqueza humana por feliz confissão de sua fé! Interpretando agora sua palavra, a que conclusão somos levados? Ele confessou a Cristo Filho de Deus, e tu, hoje, falso e mentiroso sacerdote de recente apostolado, vens obrigar-me a considerá-lo criatura vinda do nada. Que força atribuis aos gloriosos ditos? Pedro confessou o Filho de Deus, por isso é bem-aventurado. Esta é a revelação do Pai, este é o fundamento da Igreja, esta, a certeza da eternidade. Por isso existem as chaves do reino dos céus. Por isso seus juízos terrenos são juízos celestes. Aprendeu pela revelação o mistério oculto desde séculos, expressou a fé, declarou a natureza, confessou o Filho de Deus. Por isso, quem nega e prefere confessar a criatura será o primeiro a negar a Pedro o apostolado, a fé, a bem-aventurança, o sacerdócio, o martírio; e depois de tudo, saiba estar longe de Cristo, porque Pedro, ao confessar o Filho, mereceu tudo isso.

38. E tu, quem quer que sejas, infeliz herege, julgas, hoje, que Pedro teria sido mais feliz se dissesse: *Tu és Cristo, perfeita criatura de Deus, criação supereminente a todas as outras, que começaste do nada e, por bondade de Deus, o único bom, mereceste o nome de filho por adoção e não nasceste de Deus?* Pergunto a ti o que teria ele escutado se dissesse essas palavras, ele que, tendo ouvido o anúncio da paixão, e respondido: *Deus tal não permita, Senhor, não te sucederá isto* (Mt 16,22), ouviu-o dizer: *Retira-te de mim, Satanás, tu és para mim uma pedra de escândalo* (Mt 16,23)? Mas a humana ignorância não foi o que levou Pedro à culpa, pois o Pai ainda não lhe revelara todo o mistério da paixão; mas sua pouca fé recebeu a sentença de condenação. Por que então o Pai não revelou a Pedro esta fé de tua confissão, de que Ele é criatura, Filho por adoção? Penso que aqui Deus tenha recusado a Pedro esta revelação, porque, ocultando-a para tempos futuros, reservaria para vós, agora, esta nova pregação. Haja outra fé, se são outras as chaves do reino dos céus. Haja outra fé, se houver outra Igreja, contra a qual as portas do inferno não prevalecerão. Haja outra fé, se houver outro apostolado, ligando e desligando no céu o que ligou e desligou na terra. Haja outra fé, se Cristo for pregado como outro filho de Deus, diferente do que é. Mas, se, ao contrário, somente esta fé, que confessa a Cristo Filho de Deus, mereceu para Pedro a glória de todas as bem-aventuranças, é forçoso que aquela Igreja que prefere confessar a criatura vinda do nada não consiga as chaves do reino dos céus e, estabelecida fora da fé e da virtude apostólicas, nem seja Igreja, nem de Cristo.

39. Citemos então todas as profissões de fé apostólicas que, confessando o Filho de Deus, não lhe atribuem um nome de adoção, mas afirmam a propriedade da natureza; não afirmam a ignomínia da criação, mas a glória do nascimento. Fale-nos João, que permanece assim até o advento do Senhor e, pelo mistério da divina vontade, foi deixado e designado, quando não foi dito: *não morrerá*, mas: *há de permanecer*. Fale-nos, portanto, sua voz, como de costume: *Jamais ninguém viu a Deus a não ser o Filho Unigênito que está no seio do Pai* (Jo 1,18). A fé na natureza não estará bastante explicada, ao que parece, pelo nome de Filho, se não se acrescentar o poder que lhe é próprio, mencionando sua

singularidade. Pois, designando-o, além de Filho, *Unigênito*, afastou totalmente toda suspeita de adoção; com a verdade do nome, concorda a natureza do Unigênito.

40. Ainda não pergunto o que seja: *Que está no seio do Pai*; esta pergunta virá em sua ordem; pergunto o que exige a significação de *Unigênito*. E vejamos se é assim como defendes, isto é, criatura de Deus perfeita, de modo que *perfeita* pertença ao Unigênito, e *criatura* se refira ao Filho. Mas João disse: *Unigênito Deus Filho*, e não *criatura perfeita*. Não ignorava estes nomes de blasfêmia ao dizer: *Que está no seio do Pai* e ouvindo de seu Senhor: *Deus tanto amou o mundo, que lhe entregou seu Filho Unigênito, a fim de que todo aquele que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna* (Jo 3,16). Amando Deus ao mundo, assim testemunhou sua dileção: doando seu Filho Unigênito. Se dá testemunho deste amor, conceder a criatura às criaturas e dar, pelo mundo, o que é do mundo e ser remido o que vem do nada pela criatura vinda do nada, não merecem muita confiança estas vis e desprezíveis mercadorias. Pelo contrário, tem grande valor o que mostra a caridade, e o que é grande só se pode medir pelo que é grande. Deus, amando o mundo, não deu o Filho adotivo, mas o seu, o Unigênito. Aqui há a natureza, o nascimento, a verdade, não a criação, não a adoção, não a falsidade. Daí a fé na dileção e na caridade, que dá ao mundo a salvação, dando o Filho, o seu Filho, o Unigênito.

41. Deixo de mencionar todas as denominações do Filho. Não há culpada dissimulação, onde, pela grande quantidade, se faz necessária uma escolha. O progresso de algo sempre vem de uma causa, e toda obra manifesta o motivo pelo qual foi empreendida. Ao escrever os Evangelhos, devia o Autor apresentar os seus motivos, e vejamos o que quis demonstrar: *Tudo isto foi escrito para que creiais que Jesus é o Cristo, Filho de Deus* (Jo 20,31). Ao escrever o Evangelho, não apresentou outro motivo a não ser que todos cressem ser Jesus o Cristo, Filho de Deus. Se, para a salvação, basta crer em Cristo, por que acrescentou *Filho de Deus*? Se crer em Cristo é suficiente para a fé, mas não apenas em Cristo, em Cristo, Filho de Deus, o nome de Filho dado ao Cristo Deus Unigênito não vem da adoção comum, porque é próprio para a salvação. Portanto, se a salvação está na confissão deste nome, então, por que não é verdadeiro este nome? Se no nome está a realidade, com que autoridade se pode dizer *criação*, já que professar a criação não basta para a salvação, mas é preciso proclamar que é *Filho*?

42. É esta a verdadeira salvação, é este o mérito da perfeita fé: crer em Jesus Cristo, Filho de Deus. Em nós não há dileção de Deus Pai a não ser pela fé no Filho. E ouçamos o que diz João na Epístola: *Todo aquele que ama o Pai, ama o que dele nasceu* (1Jo 5,1). Que quer dizer, indago, nascer dele? Acaso será o mesmo que ser criado por Ele? Por que o evangelista iria mentir ao dizer *nascido dele*, daquele que os hereges ensinam ser antes criado por Ele? Ouçamos todos o que este doutor tem a dizer: *É o anticristo aquele que nega o Pai e o Filho* (1Jo 2,22). Que pretendes tu, defensor da criatura e novo criador de Cristo a partir de não existentes? Se manténs a tua afirmação, reconhece o nome do que a faz. Quando pregas serem criador e criatura, o Pai e o Filho, pensas ser excluído, de forma a não ser tido como anticristo, simulando outras significações dos nomes? Se, em tua fé, o Pai o é por natureza, também por natureza é o Filho. Caluniador serei eu, por atribuir-te o opróbrio de um nome falso. Mas, se tudo é simulado e trata-se, antes, de um nome do que da realidade, aprende do Apóstolo qual seja o cognome de tua fé, e escuta a fé no Filho que te foi transmitida: *O que nega o Filho, também não tem o Pai; quem confessa o Filho, tem o Filho e o Pai* (1Jo 2,23). Quem nega o Filho não tem o Pai. Quem confessa o Filho e o tem, tem também o Pai. Pergunto que lugar há aqui para nomes de adoção. Acaso tudo isto não pertence à natureza? Aceita o que pertence à natureza.

43. Diz ainda o Apóstolo: *Porque sabemos que o Filho de Deus veio* (1Jo 5,20), e se encarnou por nossa causa e sofreu e, ressurgindo dos mortos, nos assumiu *e nos deu o entendimento, para que*

conheçamos o verdadeiro Deus e estejamos no seu verdadeiro Filho Jesus Cristo. Ele é o verdadeiro Deus e a vida eterna, e nossa ressurreição (cf. 1Jo 5,20-21). Ó miserável inteligência, carente do espírito de Deus, que te aproprias do espírito e do nome do anticristo. Desconheces o mistério de nossa salvação, pelo qual o Filho de Deus veio e, por isso, indigno desta compreensão sublime, afirmas que Jesus Cristo é criatura, pelo nome de adoção, e não o verdadeiro Filho de Deus. Por quem foste instruído nestes segredos dos ocultos mistérios? Quem é, hoje, o novo autor desta tua ciência? Não seria, por teres reclinado no peito, pela familiaridade do amor, que o Senhor te mostrou este segredo? (Cf. Jo 19,27.) Ou foste o único que o seguiu até a cruz e, tendo recebido Maria como Mãe, também recebeste isto, além de outras coisas, como prova de seu amor por ti? Ou por teres corrido mais do que Pedro, chegando primeiro ao sepulcro, recebeste isto? (Cf. Jo 20,4.) Ou, no meio dos coros angélicos, dos indissolúveis selos dos livros assinalados, das multiformes potestades, dos sinais celestes dos novos e incompreensíveis cânticos dos hinos sempiternos, foi-te revelada, pelo Cordeiro que te conduzia, esta tão piedosa doutrina: que o Pai não é Pai, o Filho não é Filho, a natureza não é natureza, nem a verdade é verdade? (Cf. Ap 5,1-4.) Tudo isto é transformado por ti em falsidade. O Apóstolo, devido à inteligência a ele concedida, declara ser verdadeiro o Filho de Deus; tu afirmas a criação, pregas a adoção, negas a natividade. E, como o verdadeiro Filho de Deus é, para nós, a vida eterna e a ressurreição, não é, nem vida eterna nem ressurreição, para quem nega que seja verdadeiro. E é isso o que diz João, o dileto discípulo do Senhor.

44. Nada diferente pregou aquele que, de perseguidor, se tornou Apóstolo e vaso de eleição. Que palavra sua não é uma confissão do Filho? Que epístola não começa pelo mistério desta verdade? Em que nome por ele dito não está contida a indicação desta natureza? Quando diz: *Fomos reconciliados com Deus pela morte de seu Filho* (Rm 5,10), *Deus enviou seu Filho na semelhança da carne de pecado* (Rm 8,3), *Fiel é Deus, por quem fostes chamados à comunhão com seu Filho* (1Cor 1,9), que lugar é deixado aqui para a fraude dos hereges? É seu Filho, não é adoção, não é criatura. O nome diz a natureza, a propriedade enuncia a verdade, a confissão atesta a fé. Não entendo o que se possa acrescentar à natureza do Filho. Pois, porque é seu Filho, crê-se ser Ele o seu Pai; não falou de modo pouco claro e sem fundamento aquele que é vaso de eleição, nem deixou o erro de uma doutrina ambígua o Doutor das gentes, o Apóstolo de Cristo. Sabe quais são os filhos de adoção e os que merecem ser assim chamados pelo mérito de sua fé. Pois diz: *Todos quantos são movidos pelo Espírito de Deus, estes são filhos de Deus. Pois não recebestes o espírito de servidão para recair no temor, mas recebestes o Espírito de adoção, no qual clamamos: Abba, Pai* (Rm 8,14-15). Este é o nome de nossa fé, pelo sacramento da regeneração. Nossa profissão nos concede a adoção. As obras que realizamos segundo o Espírito de Deus nos dão o nome de filhos de Deus, e nossa exclamação *Abba, Pai* ultrapassa aquilo que é próprio de nossa natureza porque a função da palavra vai além do que nos é próprio e ser chamado de filhos não é a mesma coisa que ser filhos.

45. Vamos estudar, positivamente, qual seja a fé do Apóstolo sobre o Filho de Deus. Nos discursos que pronunciou diante de toda a Igreja, para sua doutrina, nunca confessou o Pai sem o Filho; contudo, para mostrar, enquanto a palavra humana pode expressar, a verdade do nome, disse: *Que diremos, pois, à vista dessas coisas? Se Deus é por nós, quem será contra nós? Ele, que não poupou o próprio Filho, mas o entregou por nós?* (Rm 8,31-32). Como ainda se falará de adoção onde há o nome da natureza? Querendo o Apóstolo mostrar o amor de Deus por nós, para que se conhecesse a magnificência da dileção de Deus por uma comparação, ensinou que Deus não havia poupado nem seu próprio Filho, entregando-o, não como adotado, pelos que iria adotar, nem, como criatura, pelos que foram criados, mas dando o seu em lugar do estranho, o próprio em lugar dos que receberiam o nome

de filhos. Investiga a força das palavras, para poderes entender a magnitude da caridade. Examina com atenção o que significa *próprio*, não ignores a verdade. Pois aqui o Apóstolo diz: *próprio* Filho, quando em relação a muitos iria dizer diversas vezes *seu* ou *dele*. E embora, em muitos códices, pela fraca compreensão dos tradutores, neste lugar, em vez de *próprio* Filho, se encontre *seu* Filho, em grego, língua falada pelo Apóstolo, diz-se *próprio*, em vez de *seu*. Para o modo comum de pensar não há muita diferença entre *próprio* e *seu*, e o Apóstolo, em outros escritos, empregou a expressão *seu* Filho, que em grego é *tòn eautoû uion*; neste lugar, porém, aqui diz que não perdoou a *seu próprio* Filho (*os ge toû idíou Uiou ouk egeisato*). Estas palavras demonstram que Ele é o Deus Unigênito pela verdade da natureza, de modo que, tendo demonstrado antes que muitos eram filhos pelo Espírito de adoção, agora demonstrou ser o Unigênito o Deus Filho por natureza.

46. Este não é um erro humano, nem é fruto da ignorância negar o Filho de Deus, porque não é possível ignorar o que se nega. O Filho de Deus é chamado de criatura vinda do nada. Isto nem o Pai declarou, nem o Filho atestou, nem o Apóstolo pregou, e no entanto ousaram dizê-lo; isto não é apenas ignorar a Cristo, mas odiá-lo. Como o Pai diz a respeito de seu Filho: *Este é* (Mt 3,17), o Filho diz de si mesmo: *É este mesmo que fala contigo* (Jo 9,37), Pedro confessa: *Tu és* (Mt 16,16), João afirma: *Este é verdadeiro* (1Jo 5,21) e Paulo não deixa de pregar que é *próprio*, não entendo que se negue, a não ser por ódio, quando o erro da imperícia não é escusa do crime. É isto que diz, claramente, pela vinda de seus profetas e núncios, aquele mesmo que depois irá falar como anticristo, inquietando a salutar profissão de fé com novas investidas, a fim de, primeiro, arrancar de nossa consciência a idéia de Filho segundo a natureza em que cremos, e excluir, em seguida, por ser adotivo, qualquer outro nome. Pois para aqueles para quem Cristo é criatura, forçoso é que, junto com eles o próprio Cristo seja o anticristo; porque a criatura não tem a natureza de Filho, e Ele mente, dizendo ser o Filho de Deus. Por isso, segundo aqueles que negam o Filho de Deus, deve-se acreditar que Cristo é o anticristo.

47. Que esperanças, ó inútil furor, aguardas tu? E por que confiança na salvação te esforças em provar com lábios blasfemos ser Cristo criatura e não Filho? Seria vantagem para ti conhecer pelos Evangelhos e manter o mistério desta fé. Pois o Senhor, que tudo pode, quis, no entanto, que cada um dos que lhe pediam um efeito de seu poder o experimentasse pelo mérito da confissão. Não que a confissão do pedinte acrescenta a sua virtude, a Ele que é a Virtude de Deus, mas é prêmio da fé merecer tal coisa. Quando, à Marta, que pede por Lázaro, Ele pergunta se crê que não morrerão aqueles que nele crêem, ela, com fé consciente, diz: *Sim, Senhor, eu creio que tu és o Cristo, Filho de Deus, que vieste a este mundo* (Jo 11,17). Esta confissão é a própria eternidade, esta fé não morre. Marta, pedindo a vida de seu irmão, ao ser interrogada se assim acreditava, acreditou. Agora pergunto: quem nega isto, de quem, ou para que vida espera, se somente há vida, se assim se crê? Pois é grande este mistério da fé, e a sua perfeita confissão é a bem-aventurança.

48. O Senhor concedera a visão ao cego de nascença, e o Senhor da natureza desfizera o dano natural. E porque este cego assim nascera para a glória de Deus, para que, em Cristo, se pudesse entender a obra de Deus, não se esperava dele a confissão de fé; mas, porque ignorava o autor do grande dom da visão recuperada, mereceu depois conhecer a fé. Pois a expulsão da cegueira não conferia a vida eterna. Por este motivo, o Senhor, depois de ter sido ele curado e expulso da sinagoga, o interroga, dizendo: *Tu crês no Filho de Deus?* (Jo 9,35). Que não julgasse um dano estar privado da sinagoga aquele que, pela confissão da fé, readquiriria a imortalidade. E, quando, ainda inseguro, respondeu: *Quem é, Senhor, para que nele eu creia?*, não querendo que aquele a quem, depois da recuperação dos olhos, seria concedida tão grande inteligência da fé, permanecesse na ignorância, assim diz o Senhor:

Tu o viste, é Ele mesmo o que fala contigo. Acaso o Senhor pede a este, como aos outros que pediam curas, a confissão de fé para merecerem saúde? Claro que não, pois falou ao cego quando já via, somente para que respondesse: *Creio, Senhor* (Jo 9,38), porque a fé da resposta não serviria para curar a cegueira, mas para dar a vida. Estudemos com mais empenho a força deste dito. O Senhor interroga: *Tu crês no filho de Deus?* Se uma confissão qualquer de fé em Cristo fosse bastante, teria sido dito, *Tu crês em Cristo?* Mas, como para quase todos os heréticos este nome era só uma palavra usada, para confessarem a Cristo, negando o Filho, o que Cristo pede é próprio à fé, isto é, que se creia no Filho de Deus. Mas para que serve crer no Filho de Deus, quando se crê na criatura e é pedida a fé em Cristo, não criatura de Deus, mas Filho?

49. Será que os demônios desconheciam o sentido próprio deste nome? É digno de hereges serem convencidos, não já pelas doutrinas dos Apóstolos, mas pela boca dos demônios. Pois estes gritam, e gritam muitas vezes: *Que há entre mim e ti, Jesus, Filho do Deus Altíssimo?* (Lc 8,28). A verdade atraía a confissão feita de má vontade, o sofrimento em obedecer atesta o poder da natureza. Pela força são vencidos, quando abandonam corpos por muito tempo possuídos; prestam honra quando confessam a natureza de Deus, e atestam que Cristo é Deus, pelas obras e pelo nome. Entre estas vozes dos demônios a confessarem, donde tiras, ó herege, o nome de criatura e a benevolência da adoção?

50. Quem seja Cristo, aprende ao menos pelos que o desconhecem, para que tua impiedade seja censurada pela confissão que os ignorantes são forçados a fazer. Pois os Judeus, se não conheciam o Cristo encarnado, conheciam, no entanto, ser Filho de Deus Aquele que deveria aparecer como Cristo. Como falsas testemunhas não apresentassem nenhuma verdade contra Ele, o Sumo Sacerdote o interroga: *Tu és o Cristo, o Filho do Bendito?* (Mc 14,61). Ignoravam o mistério, mas não a natureza. E não perguntam se Cristo é filho de Deus, mas se este é o Cristo Filho de Deus. Erra-se quanto ao Homem, não quanto a ser Filho de Deus. Pois não há dúvida de que Cristo seja Filho de Deus e por isso, quando se pergunta se é este, não se nega que o Cristo seja Filho de Deus. E indago, por qual fé tu negas aquilo que não é negado nem mesmo pelos que o desconhecem? A perfeita ciência sobre Cristo é reconhecer ser ele Filho de Deus, que existe antes dos séculos, e é também Filho da Virgem. Os que não sabem que nasceu de Maria não desconhecem ser Filho de Deus. E vê, ao negar o Filho de Deus, a que companhia da judaica impiedade te misturaste. Pois indicam a causa de sua condenação quando dizem: *E de acordo com a Lei deve morrer, porque se diz Filho de Deus* (Jo 14,7). E não é também o que a tua palavra ímpia censura: que se diga Filho, aquele a quem tu garantes ser criatura? Ele, dizendo-se Filho de Deus, é por eles julgado digno de morte; e tu, que negas o Filho de Deus, que julgamento mereces? Pois a afirmação sobre Ele desagrada a ti. Pergunto se ainda manténs opinião diversa da deles, dos quais não diverges pela vontade, pois negas com a mesma impiedade que seja Filho de Deus. A culpa deles é menor, pois ignoram. Não sabem que o Cristo nasceu de Maria, mas não duvidam de que o Cristo seja Filho de Deus. Tu, que não podes desconhecer que o Cristo nasceu de Maria, pregas que Cristo não é Filho de Deus. Porque não sabem, ainda podem ter assegurada a salvação, se acreditarem. Para ti, todo caminho para a salvação está fechado, já que negas o que não podes ignorar. Não ignoras ser Filho de Deus, pois chegas a aceitar o nome de Filho adotivo para dizer com falsidade que é criatura e que, como as demais, é chamado Filho. Se podes pensar em negar-lhe a natureza, negarias, se te fosse possível, também o nome. E porque isto não te é permitido, não dás ao nome o seu verdadeiro significado, para que não seja verdadeiro Filho de Deus, ao ser chamado de Filho.

51. A confissão daqueles a quem foi devolvida a tranqüilidade, quando o vento estava desencadeado e o mar se agitava, pela ordem de uma palavra, poderia dar-te ocasião de confessá-lo, também, como

verdadeiro Filho de Deus, repetindo a palavra deles: *Verdadeiramente é Filho de Deus* (Mt 14,35). Mas o mau espírito te arrasta ao naufrágio, te rouba a vida, e domina os movimentos de tua mente, como a procela que irrompe no mar tempestuoso.

52. Se não te parece digna de crédito a fé dos navegantes, porque provém dos Apóstolos, para mim, embora cause menos admiração, tem contudo maior autoridade. Aceita a fé no Filho proclamada até pelos gentios, escuta entre os malvados guardas da cruz, o indômito soldado da coorte romana, movido pela fé. Pois o centurião fala, à vista de tantos prodígios: *Verdadeiramente este homem era Filho de Deus* (Mt 27,54). Deram testemunho disto, depois que Jesus entregou o espírito, o véu do Templo rasgado, os mortos ressuscitados, o terremoto, as pedras rachadas, os sepulcros abertos e a confissão de um homem provindo da infidelidade dos gentios. Reconhece nas obras o poder da natureza divina e proclama, com o nome, a verdade da mesma natureza. A verdade se impõe com tamanha evidência e é tão grande a força da fé que a vontade é vencida pela necessidade da verdade, e nem mesmo o que o tinha crucificado nega que Cristo, Senhor da glória eterna, seja verdadeiramente Filho de Deus.

LIVRO SÉTIMO

1. Este sétimo livro, que escrevemos contra a insensata temeridade da nova heresia, é posterior, pela ordem, aos anteriores, mas, para a perfeita compreensão do mistério da fé, é o primeiro e mais importante. Não ignoramos quão árduo e difícil seja o caminho da doutrina evangélica, pelo qual pretendemos subir. Embora o temor de nossa bem conhecida fraqueza nos incite a voltar atrás, estimulados pelo fervor da fé, abalados pela loucura dos hereges, e perturbados pelo perigo que ameaça os ignorantes, não podemos deixar de dizer o que não ousamos falar, sem saber o que seria melhor para a verdade desamparada, se o silêncio ou a defesa. A sutileza herética, com incríveis artifícios de um pensamento corrupto, dá muitas voltas, primeiro, para fingir piedade, depois, para abalar com suas palavras a certeza dos ouvintes mais simples, igualando-se à prudência do mundo e, finalmente, para subverter a compreensão da verdade a pretexto de dar-lhe razão. Sua profissão de fé a respeito de *Um só Deus* é falsa piedade. Ao confessar o Filho de Deus, engana os ouvintes pelo uso do nome; dizendo não ter existido o Filho antes de nascer, satisfaz a sabedoria do mundo; confessando o Deus imutável e incorpóreo, exclui a natividade de Deus vindo de Deus; valendo-se de um malicioso argumento, usa, contra nós, as nossas doutrinas e luta contra a Igreja, utilizando-se da fé da Igreja. Expõe-nos, assim, a gravíssimos perigos, quer optemos pela resposta, quer optemos pelo silêncio, visto que, por aquilo que não se nega, afirma-se o que é negado.

2. Lembramos que, nos livros anteriores, advertimos os leitores de que, ao estudar a blasfêmia herética, devíamos ter em mente que os hereges se esforçam unicamente por impor a crença de que Nosso Senhor Jesus Cristo nem é Filho de Deus nem é Deus, concedendo apenas que estes nomes lhe tenham sido dados por adoção. Negam ao Filho a natureza de Deus e afirmam que, sendo Deus imutável e incorpóreo – o que é verdade – não há Filho nascido de Deus. Somente Deus Pai é professado por eles como Deus Uno, para que Cristo não possa ser Deus, conforme professa a nossa fé. Para eles, a natureza incorpórea não admite a idéia de nascimento, e a fé no Deus Uno exclui a confissão do Deus de Deus. Já nos livros anteriores, provando pela Lei e os Profetas ser mentirosa e inútil sua pregação, sustentamos, em nossa resposta, que a afirmação de Deus que procede de Deus e a confissão de um só Deus verdadeiro não levam a afirmar a unicidade de pessoa nem a admitir, por outro lado, a fé em outro Deus, pois, em nossa profissão de fé, nem Deus é solitário, nem há dois Deuses. Assim, sem negar nem confessar que Deus seja Uno, fica preservada a integridade da fé, porquanto a unidade se refere a ambos, mas um e outro não são o mesmo. Quisemos em primeiro lugar entregar aos ouvintes este indissolúvel mistério da perfeita fé, haurido das doutrinas evangélicas e apostólicas: que o Filho de Deus, por sua verdadeira natividade, é um ser subsistente e que o Filho, nascido de Deus, não provém de outro princípio, nem procede do nada. Disto, de acordo com o que foi dito no livro anterior, não se pode duvidar, já que, excluído o nome de adotivo, é verdadeiro Filho, pela verdade da natividade. Com base nos Evangelhos, declaramos que o Filho verdadeiro é verdadeiro Deus, porque não seria verdadeiro Filho, se não fosse também verdadeiro Deus, e não pode ser verdadeiro Deus, se não for também verdadeiro Filho.

3. Nada é mais oneroso para a natureza humana do que a consciência do perigo, pois aquilo que é ignorado, ou surge de modo repentino, demonstra, certamente, que a segurança é enganadora, mas não leva a ter medo do futuro. Para quem é consciente do que pode acontecer, a própria ansiedade já é sofrimento doloroso. Não faço sair a nave do porto desconhecendo o perigo do naufrágio, não caminho por bosques sabendo estarem eles infestados de ladrões, não atravesso as areias da Líbia sem saber que em toda a parte há escorpiões, cobras e basiliscos. Nada escapa à minha preocupação, nada está

fora da minha consciência. Sob a vigilância de todos os hereges à espreita de cada palavra saída de minha boca, todo o caminho de meu discurso é cortado por desfiladeiros ou está cheio de armadilhas e laços escondidos. De que seja árduo e difícil o caminho, pouco me queixo, pois não subo pelos meus próprios degraus, mas pelos dos Apóstolos. Porém, estou sempre em perigo, temendo perder-me nos desfiladeiros, cair nas covas ou enredar-me numa armadilha. Se começo a pregar o Deus Uno, conforme a Lei, os Profetas e os Apóstolos, aparece Sabélio, devorando-me como alimento delicioso, com detestável mordida, por causa de minhas palavras. Ao negar, contra Sabélio, o Deus único, confessando o Deus Filho, verdadeiro Deus, espera-me nova heresia, que me censura por pregar dois deuses. Quando digo que o Filho de Deus é também Filho de Maria, Ébion, ou seja, Fotino, se apresenta, buscando confirmação para sua mentira, na profissão da verdade. Sobre os outros, prefiro calar-me, pois não se ignora estarem fora da Igreja. Hoje, porém, embora tenha sido já condenado e rechaçado, freqüentemente o mal ainda se acha no interior da Igreja. Com impiedade, a Galácia nutriu muitos para a profissão ímpia de um só Deus. Alexandria difundiu por quase todo o orbe da terra a doutrina dos dois deuses, que ela nega com falsidade. Panônia defende, de modo pestífero, ter Jesus Cristo nascido de Maria. E a Igreja, em meio a todos estes erros, corre o risco de não manter a verdade, enquanto mantém a verdade. Não podemos pregar piedosamente um só Deus, se dissermos que está só, já que não haverá lugar para o Deus Filho, se acreditarmos em um Deus solitário. Ao contrário, pregando ser o Filho de Deus verdadeiro Deus, como de fato o é, arriscamo-nos a não manter a fé em um só Deus. Há o mesmo perigo em negar o Deus Uno que em confessá-lo solitário. A estas questões o mundo não percebe como estultas, pois parece que não se pode pensar em um não solitário que seja um, nem entender que o que é Um não seja não solitário.

4. Como espero, a Igreja também lança a luz de sua doutrina contra a imprudência do século, para que esta, mesmo não aceitando o mistério da fé, entenda contudo ser pregada por nós, contra os hereges, a verdade deste mistério. Pois grande é a força da verdade que, embora possa ser entendida por si mesma, refulge quando a combatem, de modo que, permanecendo imóvel em sua natureza, adquira firmeza ao ser diariamente atacada. É próprio da Igreja vencer ao ser ferida, ser entendida quando é acusada, triunfar ao ser desamparada, pois deseja ter a todos, junto e dentro de si, sem expulsar ninguém de seu tranqüilíssimo regaço, nem perder os que se tornam indignos de tão grande Mãe. Sabe que os hereges que se afastam, ou são por ela afastados, perdem a ocasião de obter a salvação que vem por ela mas têm, ao mesmo tempo, assegurada a convicção de que a felicidade só vem por meio dela. Isto se torna mais do que evidente, pelo próprio empenho dos hereges. Pois, sendo a Igreja instituída pelo Senhor e confirmada pelos Apóstolos, uma entre todas as que o insensato erro dela afastou por diversas formas de impiedade, não se pode negar que a separação aconteceu por causa do vício de má compreensão, tendo havido dissídio da fé, pois se adapta o que se lê às próprias idéias em lugar de submeter a opinião própria ao que se lê. Enquanto os partidos se combatem mutuamente, deve-se reconhecer a Igreja, não apenas pelas suas doutrinas, mas também pelas dos adversários, visto que, estando todas contra uma só, justamente por ser uma só e una, refuta e repele o ímpio erro de todas. Todos os hereges se levantam contra a Igreja, mas, enquanto todos se vencem mutuamente, não vencem para si mesmos. A vitória deles é o triunfo da Igreja sobre todos; lutando cada heresia contra outra, a fé de Igreja condena a todas, pois nada existe de comum entre os hereges que, enquanto lutam entre si, afirmam nossa fé.

5. Sabélio prega um só Deus, negando a natividade do Filho, mas, pelo poder da natureza que operava no Homem, não duvida de que seja Deus. Ignorando, porém, o mistério do Filho, pela admiração por suas obras perdeu a fé na verdadeira geração, e ao ouvir: *Quem me vê, vê também o Pai* (Jo 14,9),

apressa-se em afirmar impiamente a unicidade, no Pai e no Filho, de uma só natureza indivisível e em nada diferente, sem entender que, quando se fala de nascimento, se demonstra a unidade de natureza. Porque no Filho é visto o Pai, fica confirmada a divindade, sem que se negue a natividade. Conhecer um é conhecer o outro porque não é diferente a natureza de um e do outro. Como não existe diferença, pode-se considerar indiferentemente o que é próprio da natureza. Não se pode duvidar de que Aquele que existia na forma de Deus mostrasse em si a imagem da forma de Deus. O furor insensato da perversa opinião que nega o Filho apóia-se também neste dito do Senhor: *Eu e o Pai somos Um* (Jo 10,30), aproveitando-se da declaração de haver a unidade de natureza, em tudo idêntica, para afirmar impiamente a unicidade de pessoa. Interpretar esta frase como referida a um único poder não faz justiça ao seu sentido. Pois *Eu e o Pai somos Um* não indica um solitário, visto que a conjunção *e*, que indica o Pai, não admite que se entenda um só, e *somos* não se refere a um singular. A expressão *somos um* não exclui a natividade, mas não distingue a natureza, pois *um* não se diz da diversidade, nem *somos*, de um só.

6. A insensatez dos hereges atuais (Arianos) vai de encontro à deles. Afirmam, contra Sabélio, ter lido: *O Pai é maior do que eu* (Jo 14,28) e, sem entender nada do mistério da natividade nem do mistério de um Deus que se esvazia de si, nem da carne assumida, sustentam que a natureza do Filho é inferior porque Ele proclama que o Pai é maior. Combatem Sabélio, afirmando que o Filho existe e é menor do que o Pai, porque pede para ser reconduzido à glória anterior, porque tem medo de morrer e porque morreu. Sabélio, contrariamente, defende a natureza divina, pelas ações. Como esta nova heresia, para não crer que o Filho seja Deus, não negar o Único Deus, Sabélio, afirmando o Deus Uno, não admite absolutamente um Filho. Um (Ário) valoriza as obras do Filho, o outro (Sabélio) retruca dizendo que Deus está presente nas obras. Um afirma a unicidade, o outro a nega. Sabélio se defende dizendo: “As suas obras não se realizaram a não ser pela natureza de Deus. Perdoar os pecados, curar os enfermos, fazer andar os coxos, dar a vista aos cegos, restituir a vida aos mortos pertence somente a Deus. Nenhuma outra natureza, diferente da que está cônica de si, poderia dizer: *Eu e o Pai somos Um* (Jo 10,30). Por que me forçar a crer em uma substância diferente? Por que me atraís para a crença em outro Deus? Os atos que são próprios de Deus, só o Deus uno os realizou”. Clamarão contra estas coisas os que pregam um Filho diferente de Deus Pai, com lábios não menos viperinos dizendo: “Não reconheces o mistério da salvação. Deve-se crer no Filho, por quem foram feitos os séculos, por quem foi formado o homem. Foi Ele que, por meio de anjos, deu a Lei, nasceu de Maria, foi enviado pelo Pai, foi crucificado, morto e sepultado e ressurgiu dos mortos, está à direita do Pai e é o juiz dos vivos e dos mortos. Nele iremos renascer, a Ele se deve confessar, dele é o reino a ser merecido”. Ambos, sendo hostis à Igreja, ajudam a Igreja. Sabélio, enquanto prega ser Deus por natureza, afirma a natureza divina de quem age. Os outros confessam o Filho de Deus a partir do mistério da fé.

7. Pela vitória de nossa fé, Ébion (que é o mesmo que Fotino) vence e é vencido, enquanto censura Sabélio por negar ser Homem o Filho de Deus, enquanto é rebatido pelos ariomanitas, porque, no Homem, não vê o Filho de Deus. Contra Sabélio, se defende com os Evangelhos que falam do filho de Maria; os Evangelhos não estão a favor de Ário, porque não falam só do filho de Maria. Opondo-se a Sabélio, que nega o Filho, Fotino aceita um homem como Filho. Como desconhece a existência do Filho antes dos séculos, Ário nega, em oposição a ele, que o Filho proceda simplesmente dos homens. Vençam como quiserem, porque vencendo-se mutuamente, são mutuamente vencidos. Enquanto estes que agora existem (os arianos) são refutados pelo que diz respeito à natureza de Deus, Sabélio é repellido pelo mistério do Filho, e Fotino é censurado por ignorar ou negar o Filho de Deus, nascido antes dos séculos. Em meio a tudo isso, a fé da Igreja, pela doutrina fundada nos Evangelhos e nos

Apóstolos, mantém, contra Sabélio, a confissão do Filho, contra Ário, a natureza de Deus e contra Fotino, o Criador dos séculos; e isto com tanto maior verdade, quanto estas coisas não são negadas por eles em cada caso. A natureza de Deus é pregada por Sabélio, por causa das obras, mas ele não conhece o Filho que opera. Os outros falam do Filho, mas não confessam haver nele a verdadeira natureza de Deus. Fotino, por sua vez, aceita o homem, mas neste homem aceito ignora a natividade de Deus antes dos séculos. Com isto, por suas defesas e condenações, mostram a verdade de nossa fé, que defende ou condena o que está ou não de acordo com esta mesma fé.

8. Se alguma coisa foi por mim demonstrada, não o foi pelo desejo de atingir a totalidade, mas por motivo de cautela. Em primeiro lugar, para que se soubesse que tudo o que vem dos hereges é incerto e que eles só conhecem idéias errôneas. Quando não concordam entre eles, é em nosso favor. Em seguida, quis opor-me às blasfêmias de suas declarações, afirmando o Deus Pai e o Filho de Deus que é Deus, para que ninguém pense que, professando a Deus Pai e Deus Filho, tenha eu caído no erro de professar dois deuses ou, ao contrário, que professe um Deus solitário. Ao opor-me às blasfêmias daqueles que aí estão (isto é, os arianos) confesso a Deus Pai e Deus Filho, que têm o mesmo nome e natureza na única divindade, pois não se pode reconhecer uma só pessoa ao confessar o Pai e o Filho, e a demonstração de sua natureza indiferenciada não significa diversidade de deuses. Agora, porque no livro anterior já foi dada a resposta, segundo o Evangelho, aos que negam que o Filho de Deus procede de Deus pela natividade, devemos demonstrar que é verdadeiramente Filho de Deus por natureza e é verdadeiro Deus, para que nossa fé não seja corrompida pela confissão de um Deus isolado ou pela confissão de um outro Deus. A fé não prega um Deus único, solitário, nem um Deus não solitário que não seja único.

9. Conhecemos Nosso Senhor Jesus Cristo como Deus por estes modos: nome, natividade, natureza, poder, testemunho. Quanto ao nome, penso não haver ambigüidade, pois lemos: *No princípio era o Verbo, e o Verbo estava junto de Deus e o Verbo era Deus* (Jo 1,1). Por que a má-fé insiste em dizer que Ele não é tal como é chamado? Acaso o nome não é indicação da natureza? E porque toda contradição tem uma causa, pergunto aqui pela causa de se negar a Deus, pois a designação é simples e não há suspeita de ser um nome alheio acrescentado. O Verbo que se fez carne não é outro, senão Deus. Não resta nenhuma suspeita de que seja um nome atribuído ou adotado, de modo a se pensar que Ele tenha outro nome por natureza, senão o nome de Deus.

10. Considera as outras denominações, tanto dadas como assumidas. Foi dito a Moisés: *Eu te constituí deus para o Faraó* (Ex 7,1). Não estará indicada a causa da denominação, quando se diz *para o Faraó*? Acaso lhe foi acrescentada a natureza de Deus, ou não foi, antes, para encher de terror os egípcios, quando a serpente de Moisés devorou as serpentes mágicas, voltando logo a ser vara, quando tirou as moscas que havia feito aparecer com grandíssimo poder, quando fez parar o granizo que fizera chover, quando nas suas obras os magos confessam estar o dedo de Deus (cf. Ex 7,12; 8,31; 9,33; 10,19; 8,19)? Moisés foi dado ao Faraó como deus, ao ser temido, ao orar, ao punir, ao curar. Mas uma coisa é ser tido por deus, outra, ser Deus. Foi dito *deus* para o Faraó; não lhe pertencem nem a natureza nem o nome, para que seja Deus. Lembro-me também de outra designação, quando se diz: *Eu disse: sois deuses* (Sl 81,6), mas aí trata-se de nome de condescendência. E onde se diz: *eu disse*, é antes a palavra do que fala, e não o próprio nome do ser; porque o nome do ser indica seu sentido, enquanto a atribuição voluntária do nome vem de outro. Quando o autor é indicado com o mesmo nome atribuído ao outro, podemos ver que se trata somente de uma maneira de falar e não do nome que corresponde à natureza do que é nomeado.

11. Aqui, no entanto, o Verbo é Deus; o ser existente, no Verbo, o ser do Verbo é enunciado pelo

nome. A designação de Verbo como Filho de Deus lhe pertence pelo mistério da natividade, assim como também o nome de Sabedoria e Poder. Estas realidades, que existem no Deus Filho pela subsistência da verdadeira natividade, não faltam a Deus Pai como próprias, embora, vindo dele, nasçam para ser Deus. Com freqüência já dissemos não haver divisão no mistério do Filho, mas nascimento. Não houve separação imperfeita, mas geração perfeita, porque a natividade não traz detrimento ao que gera, embora traga proveito ao que nasce. Por isso, tais cognomes são bem adequados ao Deus Unigênito, porque o constituem como pessoa subsistente pelo fato de seu nascimento; contudo, estão no Pai em virtude da natureza imutável. O Deus Unigênito é o Verbo, mas o Pai inascível absolutamente não existe sem o Verbo, não que o Filho seja emissão de voz, mas, sim, Deus vindo de Deus, subsistente pela verdade do nascimento, como é próprio do Pai por ter a mesma natureza do Pai. É designado pela palavra Verbo para indicar que vem do Pai como Filho próprio do Pai por ter a mesma natureza do Pai, inseparável dele. Cristo é a Sabedoria e a Força de Deus, mas isto não deve ser entendido como se fosse o poder interno ou o impulso eficaz da mente. Sua natureza, que possui, em virtude do nascimento, uma substância real, é indicada com os nomes destas faculdades internas. Aquele que tem por nascimento uma subsistência própria não pode ser considerado como algo interior a outro. Para que não se pense que o Filho Unigênito, nascido de Deus Pai, para ser uma pessoa divina subsistente, seja alheio à natureza do Pai, foi mostrado como subsistente por meio das propriedades que não faltam naquele de quem recebeu a existência. Portanto, aquele que é Deus não é outra coisa senão Deus. Quando ouço: *E o Verbo era Deus*, não apenas ouço ser o Verbo chamado Deus, mas compreendo estar demonstrado ser realmente Deus. Moisés foi cognominado deus e também outros foram cognominados deuses, porque esse nome lhes foi acrescentado. Aqui, porém, quando se diz *era Deus*, o que é significado pertence à substância, porque ser não é nome do acidente, mas da realidade subsistente, do ser permanente, e propriedade que corresponde à natureza.

12. E vejamos se concorda com esta pregação do Evangelho a confissão do Apóstolo Tomé, quando diz: *Meu Senhor e meu Deus* (Jo 20,28). É seu Deus aquele a quem confessa ser Deus. Ele certamente não ignorava ter sido dito pelo Senhor: *Ouve, Israel, o Senhor teu Deus é um só* (Dt 6,4). Como a fé do Apóstolo não se lembraria do principal mandamento, ao confessar Cristo Deus, se a vida está na confissão do único Deus? Mas o Apóstolo, compreendendo todo o mistério da fé, pela força da ressurreição, tendo ouvido com freqüência: *Eu e o Pai somos Um; e: Tudo o que é de meu Pai, é meu; e: Eu estou no Pai, e o Pai está em mim* (Jo 10,50; 16,15; 14,11), já sem perigo para a fé, confessou o nome da natureza porque, pela confissão do Filho de Deus como Deus, sua fé não desapareceria pela confissão de outro Deus, visto que só se crê no Filho de Deus por causa da verdade da natureza paterna. Nem mesmo pela ímpia confissão de um segundo Deus a fé numa só natureza seria abalada, porque a perfeita natividade não produziu a natureza de um outro Deus. Por conseguinte, entendendo a verdade do mistério evangélico, Tomé confessou ser Ele o seu Deus e o seu Senhor. Aqui não se trata de nome de honra, mas de confissão da natureza. Pelos próprios fatos e pelo seu poder, acreditou ser Ele Deus. O Senhor ensinou que esta venerável profissão não era apenas uma honra, mas profissão de fé, ao dizer: *Porque viste, creste; bem-aventurados aqueles que não viram e creram* (Jo 20,29). Porque Tomé viu, creu. Mas em que ele creu? – perguntas. Em que outra coisa creu senão naquilo que confessou: *Meu Senhor e meu Deus*? Pois só a natureza de Deus poderia, por si mesma, ter ressuscitado dos mortos para a vida. A fé em que acreditou afirmou que é Deus. E seria possível pensar que o nome de Deus não corresponde à natureza, quando a confissão do nome se segue à fé na natureza? Certamente, este Filho fiel, que não desejava fazer sua vontade, mas a daquele que o enviara, que não procurava a sua honra, mas a daquele de quem viera, recusaria a honra deste nome, para não negar o Deus Uno que pregara. Mas, confirmando o mistério da fé apostólica e aceitando para

si o nome da natureza paterna, declarou serem bem-aventurados aqueles que, mesmo sem tê-lo visto ressuscitado dos mortos, iriam crer ser Ele Deus, por acreditarem na ressurreição.

13. O nome da natureza está, portanto, sempre presente na profissão de nossa fé; pois o nome que designa cada coisa indica também o seu gênero e já não são duas coisas, mas uma coisa do mesmo gênero. Sendo assim, o Filho de Deus é Deus, e isto é indicado pelo nome. Não se nomeiam, com um só nome, dois deuses, porque *Deus* é o nome único de uma só e indistinta natureza. Se o Pai é Deus e o Filho é Deus, em ambos há o nome próprio da natureza divina. Ambos são Um porque o Filho, subsistindo pelo nascimento que corresponde a sua natureza, conserva pelo nome a unidade da natureza. A natividade do Filho não obriga a fé dos crentes a confessar dois deuses, porque o Pai e o Filho, sendo uma só natureza, são também designados por um só nome. Portanto, pela natividade, o nome pertence ao Filho de Deus. Este é para nós o segundo grau da demonstração: que seja Deus pela natividade. Embora, para provar o sentido do nome, ainda falte citar a autoridade apostólica, continuemos a tratar por enquanto da palavra evangélica.

14. Pergunto, em primeiro lugar: que novidade poderia o nascimento do Filho trazer à natureza, de modo a não ser Deus? A inteligência humana não aceita que algo, ao nascer, seja diverso da natureza de sua origem, a não ser que, concebido de naturezas diversas, venha à luz algo de novo em si mesmo (e se fosse assim, participaria de ambos os gêneros e não seria nem de um nem de outro), como acontece com o gado e os outros animais. A novidade aí não existe, senão porque as propriedades de diversas naturezas se unem, e o que nasce não é causa da diversidade quando recebe em si as propriedades características de ambos. Se para as causas materiais e paixões assim é, indago então: quem é tão louco que pense referir a natividade do Unigênito a uma natureza degenerada de Deus, quando o nascimento só se produz a partir do que é próprio da natureza daquele que gera? Pois, se esta propriedade da natureza não existir naquele que nasce, já não haverá natividade. Daí se origina todo aquele furor e indignação, para que não haja a natividade do Filho de Deus, mas apenas criação, para que Ele não possua a origem subsistente de sua natureza, mas receba do que não existe uma origem alheia a Deus. De acordo com o dito: *O que nasce da carne é carne e o que nasce do Espírito é espírito* (Jo 3,6), porque Deus é Espírito, sem nenhuma dúvida, o que nasce não é diferente daquele do qual nasceu. A natividade de Deus faz, do que nasceu, perfeito Deus, para que se entenda ter Deus nascido e não começado, porque começar pode não ser o mesmo que nascer. Tudo o que começou existe, ou do nada, para que seja algo novo, ou de um que passa de uma coisa a outra deixando de ser o que era antes, como o ouro vem da terra, os líquidos dos sólidos, os ferventes dos frios, o vermelho do alvo, os animais da água, os seres vivos dos inanimados. O Filho de Deus não começou a ser Deus vindo do nada, mas nasceu e não foi algo diferente, antes de ser Deus. Aquele que nasceu como Deus não começou a ser Deus, nem passou a ser Deus. O que nasceu tem a natureza do que o gerou, e o Filho de Deus não subsiste senão do ser de Deus.

15. Se alguém ainda tem dúvida, aprenda dos Judeus a força da natureza, ou melhor, conheça pelo Evangelho a verdade da natividade pelo que está escrito: *Por isso os judeus, com mais empenho, procuravam matá-lo, pois, além de violar o sábado, dizia ser Deus seu Pai, fazendo-se igual a Deus* (Jo 5,18). Agora, ao contrário do que costuma acontecer, a palavra dos judeus não é citada literalmente. Trata-se, antes, de uma explicação do evangelista, demonstrando o motivo pelo qual os judeus queriam matar o Senhor. Pela impiedade dos blasfemos, frustra-se a tentativa de desculpa baseada no mau entendimento. Pela autoridade do Apóstolo, com a indicação da natividade, demonstra-se a propriedade da natureza: *dizia ser Deus seu Pai, fazendo-se igual a Deus*. Não será acaso uma natividade conforme a natureza, quando pelo nome de Pai se demonstra a igualdade da

natureza? Pois não há dúvida de que, na igualdade, nada é diferente. Quem duvidará de que a natividade provenha de uma natureza não diferente? Somente daí pode proceder a igualdade verdadeira, porque somente a natividade pode dar a igualdade de natureza. Sabe-se, porém, que não há igualdade onde há unicidade. Ela não se encontra também onde há diferença. Assim, a igualdade da semelhança não acarreta a solidão nem a diversidade, porque toda igualdade verdadeira não pode ser nem diferente, nem isolada.

16. Embora as considerações de nossa inteligência coincidam com a opinião do senso comum humano, isto é, que a natividade representa a igualdade e onde há igualdade, não pode haver algo de estranho nem de solitário, devemos confirmar, por estes mesmos ditos do Senhor, a fidelidade de nossa palavra, para que a temeridade em contradizer, em nome da liberdade que se tem de entender os nomes de modo diferente, não ouse ir de encontro aos testemunhos e declarações divinas sobre si mesma. Pois responde o Senhor: *O Filho, por si mesmo, nada pode fazer, mas só aquilo que vê o Pai fazer; tudo o que o Pai faz, o Filho o faz igualmente. Porque o Pai ama o Filho e lhe revela tudo o que faz e lhe manifestará obras maiores do que estas para que vos admireis. Como o Pai ressuscita os mortos e os faz viver, também o Filho dá a vida a quem quer. Porque o Pai a ninguém julga, mas confiou ao Filho todo o julgamento, a fim de que todos honrem o Filho, como honram o Pai. Quem não honra o Filho, não honra o Pai que o enviou* (Jo 5,19-23). O plano proposto exigia que tratássemos todos os aspectos de cada questão, para que aprendêssemos que nosso Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus, é Deus, pelo nome, nascimento, natureza, poder, testemunho, percorrendo nossa demonstração cada etapa deste plano. Mas a natureza do nascimento não comporta esta demonstração, porque, sozinha, abrange o nome, a natureza, o poder e o testemunho. Sem estes, não haverá nascimento, pois, ao nascer, deve conter tudo isto. Portanto, tendo de tratar do nascimento, vemo-nos diante da necessidade acima lembrada, de alterar a ordem do tratado.

17. Respondendo o Senhor aos judeus que queriam matá-lo, porque, dizendo ser Deus seu Pai, fazia-se igual a Deus, expôs todo o mistério de nossa fé, enquanto contradizia a violência deles. Antes, ao ser acusado de ter violado o Sábado, quando curou o paralítico, tornando-se, por isso, réu de morte, tinha dito: *Meu Pai trabalha até agora e eu também trabalho* (Jo 5,17), para que se entendesse que agia com base na autoridade daquele que lhe servia de exemplo. Mostrou também que o que Ele fazia devia ser tido como obra do Pai, pois era o Pai quem agia. Contra a inveja dos que o acusavam de se fazer igual ao Pai, chamando-o de Pai, disse: *O Filho por si mesmo nada pode fazer, mas só aquilo que vê o Pai fazer* (Jo 5,19). Para que esta equiparação a Deus, pelo nome e natureza, não destruísse a fé no nascimento, disse que o Filho nada pode fazer por si mesmo, mas só aquilo que vê o Pai fazer. E para que se mantivesse a ordem salutar de nossa confissão do Pai e do Filho, mostrou a natureza que lhe corresponde pelo nascimento, pelo qual não recebe o poder de agir por um acréscimo de forças concedidas para cada ação, mas sim em virtude do conhecimento. Não lhe vem o exemplo de alguma obra material, de modo que primeiro o Pai fizesse o que depois o Filho iria fazer, mas, subsistindo a natureza de Deus na natureza de Deus, isto é, tendo, como Filho, nascido do Pai, pela consciência de ter em si o poder e a natureza paterna, afirmou que o Filho nada pode fazer por si mesmo, mas somente o que vê o Pai fazer. Sendo o Deus Unigênito, atua com a força da divina operação paterna e propõe-se a fazer tudo aquilo que sabe poder fazer a natureza de Deus Pai, de quem é inseparável. Esta natureza, Ele a possui pelo nascimento. Pois não se vê a Deus de modo corporal, mas pertence ao poder da natureza divina ver todas as coisas.

18. Por fim, acrescenta: *tudo o que o Pai faz, o mesmo também o Filho faz de modo semelhante* (Jo 5,19). *De modo semelhante* indica o nascimento; *tudo e o mesmo* são ditos para mostrar a verdade da

natureza. Em *tudo* e o *mesmo* não pode haver diversidade nem diferença quantitativa. Assim, tem a mesma natureza aquele que pode fazer, por sua própria natureza, o que é próprio da natureza do outro. Quando as mesmas coisas são feitas pelo Filho de modo semelhante, está afastada a solidão do que age, porque tudo o que o Pai faz, o Filho também fará o mesmo, de modo semelhante. É esta a compreensão do verdadeiro nascimento e do mistério de nossa fé, que, na unidade da natureza divina, confessa a verdade de uma só e igual divindade no Pai e no Filho, de modo que, fazendo as mesmas coisas, o Filho as faz de modo semelhante e fazendo-as de modo semelhante, faz as mesmas coisas que o Pai. Uma única afirmação mostra que as coisas feitas de modo semelhante atestam o nascimento; fazer as mesmas coisas atesta a natureza divina.

19. A resposta do Senhor confirma o conteúdo da fé eclesiástica, não distinguindo a natureza e significando a natividade, porque assim continua: *o Pai ama o Filho e lhe revela tudo o que faz e lhe manifestará obras maiores do que estas, para que vos admireis. Como o Pai ressuscita os mortos e os faz viver, também o Filho dá a vida a quem quer* (Jo 5,20-21). Acaso a manifestação das obras apresenta-nos aqui algo diferente do nascimento, para que creiamos no Filho subsistente, que procede do Deus Pai subsistente? A não ser que se deva crer que o Deus Unigênito precise, devido a sua ignorância, da demonstração da doutrina! Não se pode admitir tal temeridade deste ímpio modo de julgar. Pois não precisa ser ensinado quem já sabe o que deve ser ensinado. Após ter dito: *O Pai ama o Filho e lhe revela tudo o que faz*; para mostrar que esta revelação do Pai é nossa doutrina de fé, para que confessemos o Pai e o Filho e para que não se possa pensar que haja alguma ignorância no Filho, a quem o Pai revela todas as coisas que faz, logo acrescenta: *E lhe manifestará obras maiores, para que vos admireis. Pois assim como o Pai ressuscita os mortos e os faz viver, também o Filho dá a vida a quem quer*. O Filho não desconhece a revelação das obras futuras, que devem ser dadas a conhecer a Ele para que dê vida aos mortos, a exemplo da natureza do Pai. O que o Pai vai mostrar ao Filho causará admiração. Em seguida ensina quais serão estas coisas: *assim como o Pai ressuscita os mortos e os faz viver, também o Filho dá a vida a quem quer*. O poder de ambos é o mesmo, por causa da unidade da natureza indiferenciada. As obras não se manifestam para instruir o Filho ignorante, mas para a nossa fé, porque não levam ao Filho o conhecimento de coisas ignoradas, mas trazem a nós o conhecimento de sua natividade e a confirmam, ao mostrar que a Ele foi revelado tudo o que pode fazer. A palavra divina faz uso de moderação, para que não aconteça que, por causa de uma ambigüidade, se pense que indica diversidade de natureza. Diz que as obras do Pai foram mostradas ao Filho, mas não que o poder da natureza divina lhe tenha sido dado para poder fazê-las. Ensina-se, assim, que a manifestação das obras pertence à essência do que nasce, pertence Àquele que, pelo amor do Pai, possui o conhecimento das obras que o Pai deseja que sejam realizadas por Ele. Além disso, para que, pela confissão das obras do Pai, não se acreditasse haver no Filho uma natureza distinta e ignorante, diz que não desconhece o que lhe deve ser mostrado. Tanto não tem necessidade de um modelo para agir, que vai dar à vida a quem quer, e o querer pertence à natureza livre, que possui a vontade do seu livre-arbítrio para obter a felicidade do seu perfeito poder.

20. E em seguida, para que, devido às palavras *dá a vida a quem quer*, não parecesse possuir a natureza pela natividade e seu poder não parecesse ser o daquele que nasceu do Pai, imediatamente acrescenta: *Porque o Pai a ninguém julga, mas entregou ao Filho todo o julgamento* (Jo 5,22). Pelo fato de ter-lhe sido entregue todo julgamento, se demonstra tanto a natureza como o nascimento, porque ter tudo somente pode a natureza não diferente da do Pai. Por outro lado, o que é nascido não pode ter algo, a menos que lhe seja dado. Mas todo julgamento lhe foi dado, porque dá a vida a quem quer. Não se pode pensar ter sido o julgamento retirado do Pai porque Ele não julga, porque o poder de

julgar do Filho provém do poder de julgar do Pai, por quem foi dado todo o julgamento. A causa pela qual foi dado o julgamento não está velada, pois segue-se: *entregou ao Filho todo o julgamento, a fim de que todos honrem o Filho como honram o Pai. Quem não honra o Filho, não honra o Pai que o enviou* (Jo 5,22-23). Que possibilidade existe, ainda, de suspeita, ou que motivo para a impiedade ainda pode haver? *O Pai não julga ninguém, mas entregou ao Filho todo o julgamento*. A razão para entregar o julgamento consiste em ter o Filho honra igual à do Pai. Logo, quem desonra o Filho, desonra também o Pai. Como se pode, depois disso, entender que haja uma natureza diferente no que nasceu, quando não apenas as obras, a virtude, a honra, mas também a desonra, quando lhe negam a honra, são iguais? A resposta divina não se refere a outra coisa senão ao mistério do nascimento divino, e não se deve distinguir o Filho do Pai, a não ser ensinando que nasceu, mas que não tem uma natureza diferente.

21. O Pai trabalha até agora e também o Filho trabalha. Tens os nomes que indicam a natureza, quando o Pai trabalha e o Filho trabalha. Entende também a natureza operante de Deus, pela qual Deus opera. E para que, talvez, não julgues dever entender duas operações de natureza dessemelhante, lembra-te do que foi dito a respeito do cego: *para que se manifestem nele as obras de Deus, devo realizar as obras daquele que me enviou* (Jo 9,3). Porque é o Filho quem opera, é obra do Pai, e a obra do Filho é obra de Deus. A palavra seguinte é ainda sobre as obras. Até agora a minha resposta nada esclareceu, a não ser que toda a obra se refere a ambos. A natureza de ambos não se diferencia no operar, visto que o Pai opera, e também o Filho opera. Para que não se pense que o Senhor do sábado trabalha no sábado (pois *o Filho do Homem é senhor do sábado* – Lc 6,5), saiba-se que, pela natureza da natividade, sua obra tinha em si a autoridade paterna. Por conseguinte, não se confunde nem é abolida a natureza, de forma a não ser o Filho. Também não se exclui a natureza, de forma a não ser Deus; nem se distinguem pela diversidade, de forma a não serem Um; e o fato de serem Um não significa que não sejam um e outro. Em primeiro lugar, reconhece o Filho, quando diz: *O Filho, por si mesmo, nada pode fazer, mas só aquilo que vê o Pai fazer* (Jo 5,19). Tens a natividade do Filho, que, por si mesmo, nada pode fazer, a não ser que veja o Pai fazer. Dizendo que nada poder fazer por si mesmo, afasta o erro dos que professam sua inascibilidade, pois o que nasceu não pode operar por si mesmo. Mas, porque vê, revela o conhecimento da natureza consciente de si mesma. Reconhece agora a verdadeira natureza de Deus nele: *Tudo o que o Pai faz, o mesmo também o Filho faz de modo semelhante* (Jo 5,19). Depois do poder da natureza, entende o poder da unidade indiferenciável: *a fim de que todos honrem o Filho assim como honram o Pai que o enviou* (Jo 5,23). E para que a unidade da natureza não se confunda com a unidade de um solitário, aprende pelo mistério da fé: *Quem não honra o Filho, não honra o Pai que o enviou*. Fechados estão todos os caminhos para os estratagemas do furor herético. É Filho, porque por si mesmo nada pode fazer; é Deus, porque faz tudo e o mesmo que o Pai faz. São Um, porque se igualam na honra. O Filho faz o mesmo que o Pai e não outra coisa. Ele não é o mesmo que o Pai, porque foi enviado. Somente o nascimento tem este mistério, já que nele se contêm o nome, a natureza, o poder e a confissão, porque tudo o que nasce não pode deixar de ter em si a natureza daquele princípio de onde nasceu. Não recebe de algo exterior a substância, porque vindo do que é Um, não subsiste como diferente. Tudo o que não é alheio a si mesmo é Um na natureza e o que é Um pelo nascimento não é compatível com a solidão, porque a solidão é própria de um sozinho, e a unidade da natividade se refere aos dois.

22. Além disso, apresenta-se o testemunho da sentença de Deus sobre si mesmo: *Minhas ovelhas escutam minha voz, e eu as conheço, e elas me seguem; eu lhes dou a vida eterna, e elas jamais perecerão e ninguém as arrebatará de minha mão. O que o Pai me deu, é maior que tudo. Ninguém o*

poderá arrebatá da mão de meu Pai. Eu e o Pai somos Um (Jo 10,27-30). Quem, indago, quer embotar nossa inteligência pelo rude estupor da mente, de sorte que não entre em nosso entendimento o que foi dito de modo tão claro? Ou que orgulho de espírito tão insolente ilude a fraqueza humana, para que os que aderem ao conhecimento de Deus julguem, por estas palavras, que não deve ser entendido pelos meios pelos quais é conhecido? Devem ser apresentados outros Evangelhos para nos ensinar? Se somente estes Evangelhos ensinaram sobre Deus, por que não cremos no que ensinaram? Se somente deles vem o conhecimento, por que de onde vem conhecimento não vem também a fé? Quando se descobre que a fé se opõe ao conhecimento, esta fé já não vem do conhecimento, mas sim do crime de assumir para si a fé contrária ao conhecimento confessado. O Deus Unigênito, consciente de sua natureza, indica, com a maior clareza possível, o inenarrável mistério da própria natividade, para a confissão da nossa fé. Deve-se entender que Ele existe na natureza de Deus e que, sendo Um com o Pai e confessando-se tal, não pode ser pensado como solitário. Também não se pode pensar que Ele seja o próprio Pai, perdendo assim sua condição de Filho. Afirma, em primeiro lugar, o poder da natureza, quando diz a respeito de suas ovelhas: *Ninguém as arrebatará de minha mão* (Jo 10,28). É a palavra de quem, consciente de sua autoridade, proclama a liberdade de um poder inabalável, pelo fato de ninguém arrebatá as ovelhas de sua mão. Porque a sua natureza deve ser entendida como vinda de Deus, acrescenta: *O que o Pai me deu é maior do que tudo* (Jo 10,29). Não esconde ter nascido do Pai, porque o que recebeu do Pai é maior do que tudo. O que recebeu, possui o que recebe por ter nascido, não depois. No entanto, vem de outro, porque recebe de outro. Para que não se pense que Aquele que recebe é diferente por natureza daquele de quem recebe, diz: *Ninguém o arrebatará da mão de meu Pai*. De sua mão ninguém arrebatá, porque recebe do Pai o que é maior do que tudo. Que quer dizer uma declaração tão diferente: que ninguém arrebatá da mão de seu Pai? A mão é do Filho, que recebe do Pai, e é também a mão do Pai, que deu ao Filho. Como não se arrebatá da mão do Filho aquilo que não se arrebatá da mão do Pai? Se perguntas como, entende: *Eu e o Pai somos Um* (Jo 10,30). A mão do Filho é a mão do Pai. A natureza não degenera pela natividade, de forma a não ser a mesma, e o fato de ser a mesma não prejudica a idéia da natividade, porque a natividade não admite em si nada de alheio. Pela referência ao que é corpóreo, poderás conhecer o poder da mesma natureza, lembrando-te de que a mão do Filho é a mão do Pai, porque a natureza e o poder do Pai estão no Filho. Finalmente, para que reconheças, pelo mistério da natividade, a verdade da unidade da natureza, foi dito: *Eu e o Pai somos Um*. Porque são Um, não se pense que há distinção de natureza nem que se trata de um ser solitário, pois é próprio do nascimento e da geração não haver uma natureza diferente no que gera e no que é gerado.

23. Permanece, enquanto se pode entender, a vontade das mentes perversas, embora não produza mais seu efeito. O espírito maldoso, mesmo que falte a ocasião de fazer o mal, não abandona o desejo maligno. Agora que o Senhor já está nos céus, o furor dos hereges não pode, a exemplo dos judeus, pregá-lo na cruz; no entanto, com igual infidelidade, negam ser Ele o que é. Já que não podem negar as palavras sem obedecer ao sentido do que foi dito, põem em prática o ódio proveniente da impiedade. Lançam as pedras das palavras e, se pudessem, tornariam a arrastá-lo do trono para a cruz. Sobre os judeus, enfurecidos por causa da novidade desta sua palavra, assim está escrito: *Os judeus outra vez apanharam pedras para lapidá-lo. Jesus então lhes disse: “Eu vos mostrei inúmeras boas obras, vindo do Pai; por qual delas quereis lapidar-me?” Os judeus lhe responderam: “Não te lapidamos por causa de uma boa obra, mas por blasfêmia; porque, sendo apenas homem, tu te fazes Deus”* (Jo 10,31-33). E tu, ó herege, reconhece o que fazes e confessas, reconhece que és cúmplice daqueles cujo exemplo de perfídia repetes. Quando foi dito: *Eu e o Pai somos Um*, os judeus pegaram em pedras e, não suportando seu ímpio ressentimento o mistério da fé salutar, ergueram-se com

ímpeto para dar-lhe morte. Tu, ao negá-lo, mesmo não tendo pedras, pensas que fazes menos? Não é diferente a vontade, mas o trono celeste tornou ineficaz a tua vontade. Quão mais irreligioso és tu do que o judeu! Este lança pedras no corpo; tu, no Espírito; este, no que julgava homem; tu, em Deus; este, no que iria morrer; tu, no Juiz dos séculos. O judeu diz: *Sendo um homem*; tu dizes: *Sendo criatura*. Ambos, porém, dizeis: *tu te fazes Deus*; esta é a comum injúria proferida contra Ele por vossa ímpia boca. Negas que seja Deus gerado por Deus, que seja Filho pela verdade da natividade. Negas que *eu e o Pai somos Um* seja a confissão de que nos dois há uma única e semelhante natureza. Supões um Deus de uma nova substância, exterior e alheia, de modo que ou Ele é um Deus de outro gênero, ou absolutamente não é Deus, porque não subsiste pela natividade, vindo de Deus.

24. Tu te enfureceste com o mistério desta palavra: *Eu e o Pai somos Um*. Quando o judeu diz: *Sendo um homem, tu te fazes Deus*, tu, com igual impiedade, dizes: *Sendo criatura, te fazes Deus* (pois dizes: *Não és Filho pela natividade, não és Deus verdadeiro, és a criatura mais excelente que as outras, mas não és nascido para ser Deus, porque não admito natividade de uma natureza vinda do Deus Incorpóreo. Tu e o Pai não sois Um, e tu nem és Filho, nem és semelhante, nem és Deus*). O Senhor responde aos judeus, porém a resposta é mais adaptada à tua impiedade: *Não está escrito na Lei: “Porque eu disse, sois deuses”. Se, portanto, chama deuses àqueles aos quais se dirigiu a palavra de Deus, e não se pode negar a Escritura, Aquele que o Pai santificou e enviou a este mundo, vós dizeis que blasfemou por ter dito: “Sou Filho de Deus”? Se não faço as obras do Pai, não creiais em mim mas se as faço, e não quereis crer em mim, crede nas obras, para que saibais e conheçais que o Pai está em mim, e eu nele* (Jo 10,34-38). O motivo da resposta foi a acusação de blasfêmia. Pois foi-lhe imputado o crime de, sendo homem, fazer-se Deus. Acusavam-no de se fazer de Deus por ter dito: *Eu e o Pai somos Um*. Para demonstrar que Ele e o Pai são Um pela própria natureza da natividade, em primeiro lugar refuta a inépcia da ridícula acusação dos que consideravam crime fazer-se Deus, sendo homem. Se a Lei atribui aos santos homens esta apelação e a palavra imperecível de Deus confirmou esta atribuição do nome, como então Aquele a quem o Pai santificou, e a quem enviou a este mundo, seria blasfemo ao confessar ser Filho de Deus, quando a imperecível palavra de Deus considerou ser deuses aqueles que a Lei assim denominou? Portanto, já não é crime que, sendo Homem, se faça Deus, quando, aos que são homens, a Lei chamou de deuses. Aquele a quem Deus santificou (toda a resposta aqui é sobre o Homem, porque o Filho de Deus é também Filho do Homem) não parece ter usurpado este direito, ao se chamar a si mesmo de Filho de Deus, já que se avantajava aos outros, que podem, sem ofensa à divindade, ser chamados de deuses, pelo fato de ser santificado como Filho. São Paulo nos dá o conhecimento desta santificação ao dizer: *que antes prometera, pelos Profetas na Sagrada Escritura, a respeito de seu Filho, nascido da estirpe de Davi, segundo a carne, e estabelecido Filho de Deus com poder, segundo o Espírito de santidade* (Rm 1,2-4). Cesse, portanto, a acusação de blasfêmia, por dizer que é Deus, sendo Homem, pois a palavra de Deus deu a muitos este nome, e Aquele que foi santificado e enviado pelo Pai não declarou outra coisa senão ser Filho de Deus.

25. Não há mais lugar, assim penso, para a ambigüidade, pelo fato de ter sido dito, a respeito da natureza recebida por nascimento, *Eu e o Pai somos Um*. Pois, quando os judeus o censuraram porque, com suas palavras, sendo homem, se fazia Deus, sua resposta confirmou que a palavra *Eu e o Pai somos Um* mostra que Ele é o Filho de Deus, primeiro pelo nome, em seguida pela natureza, finalmente pela natividade. Pois *eu e o Pai* são nomes de realidades. *Um* é declaração da natureza, porque não difere aquilo que um e outro são; *somos* não permite pensar que sejam uma só pessoa. E porque *somos um* não significa unicidade de pessoa, é a natividade que os faz serem *um*. Tudo isso provém de que Aquele que foi santificado pelo Pai se tenha declarado Filho de Deus. A declaração de

que é Filho de Deus confirma as palavras *Eu e o Pai somos Um*; porque não é possível que a natividade possa trazer uma natureza diferente daquele da qual subsiste.

26. A palavra do Deus Unigênito consoma todo o mistério da nossa fé, pois, respondendo à acusação de que, sendo homem, se fazia Deus, para que a palavra *Eu e o Pai somos Um* fosse absoluta e perfeitamente compreendida, acrescentou logo: *Vós dizeis que blasfemei, quando disse: Sou Filho de Deus. Se não faço as obras do Pai, não creiais em mim; mas se as faço, e não quereis crer em mim, crede nas obras; para que saibais e conheçais que o Pai está em mim, e eu nele* (Jo 10,36-38). Já não há esperança de salvação para a desenfreada audácia e para a consciência cuja completa impiedade é professada sem escrúpulo. Se alguém já perdeu a religião e não se envergonha de sua estultice, contradizer a isto significa mais insensatez do que ignorância. O Senhor dissera *Eu e o Pai somos Um*. Este é o mistério da natividade: que o Pai e o Filho existam na unidade da natureza. E se a presunção de possuir a natureza era considerada crime, revela a razão da presunção. Pois diz: *Se não faço as obras do Pai, não creiais em mim* (Jo 10,37). Se não faz as obras do Pai, não se deve crer nele quando declara ser Filho de Deus. Portanto, o que nasceu não tem uma natureza nova e alheia porque se deve crer no Filho por realizar as obras do Pai. Como pode existir aqui adoção ou concessão de um nome, para que se possa negar ser Filho de Deus por natureza, quando se deve crer que Ele é Filho de Deus, pelas obras provindas da natureza paterna? A criatura não se iguala nem é semelhante a Deus. Não se pode comparar a Ele o poder de uma natureza diversa. Somente se pode crer, sem impiedade, que Aquele que nasce como Filho seja igual a Ele, pois tudo o que está fora dele só pode ser equiparado a Ele com injúria para a honra de seu poder divino. Se fosse possível encontrar algo que não procede dele, semelhante a Ele e com o mesmo poder, perder-se-ia o privilégio de Deus, ao compartilhá-lo com um igual. Já não seria o Deus Uno, se não fosse diferente de um outro deus. Ao contrário, não há desonra na igualdade das características próprias, porque o que é semelhante a Ele é dele. O que, pela semelhança, se lhe compara, procede dele e o que pode realizar suas obras não existe fora dele. Significa um acréscimo de dignidade ter gerado, sem alienar a sua natureza, a quem tem este poder. O Filho realiza as obras do Pai e por isso pede que se creia ser Filho de Deus. Não é arrogante presunção pedir para ser aprovado somente por aquilo que realiza. Atesta que não faz as suas obras, mas as do Pai, para que não aconteça que, pela magnificência dos atos, se retire dele a condição de Filho. E porque, sob o mistério do corpo assumido e do Homem nascido de Maria, não se poderia entender ser Ele o Filho de Deus, pede-nos que tenhamos fé por causa de suas obras, quando diz: *Mas se as faço, e não quereis crer em mim, crede pelas obras* (Jo 10,38). Não quer que se creia que é Filho de Deus, a não ser pelas obras do Pai que Ele realiza. Porque, se realiza as obras e, pela humildade do corpo, parece indigno da profissão de fé, pede que creiamos nas obras. Por que o mistério do nascimento como homem impedirá que se reconheça o nascimento divino, se o que nasceu de Deus realiza toda a sua obra sob o ministério do Homem assumido? Se, portanto, não se crê, pelas obras, que o Homem seja Filho de Deus, que se acredite nas obras como sendo do Filho de Deus, porque não se pode negar que sejam obras de Deus. O Filho de Deus, por seu nascimento, tem em si tudo o que é de Deus. A obra do Filho é obra do Pai, porque o que nasce não pode existir fora da natureza da qual subsiste e tem em si a natureza da qual subsiste.

27. Fazendo as obras do Pai e pedindo que, se não cressem nele, cressem ao menos pelas obras, teve de demonstrar que obras eram estas em que se devia crer. É o que se segue: *Mas se as faço, e não quereis crer em mim, crede nas obras, para que saibais e conheçais que o Pai está em mim, e eu nele* (Jo 10,38). Isto é o mesmo que dizer: *sou o Filho de Deus; e: Eu e o Pai somos Um*. É esta a natureza da natividade, é este o mistério da fé salutar: não dividir a unidade, nem excluir da natureza divina o que

nasceu e confessar a realidade do Deus vivo, que procede do Deus vivo. O que é a vida não subsiste vindo de partes compostas e inanimadas, o que é a força não é formado de elementos fracos, o que é luz não se coaduna com o que é obscuro, o que é Espírito não é formado de coisas díspares. Tudo nele é uno, de modo que o que é Espírito, também seja luz, força, vida, e o que é vida seja luz, força e Espírito. O que diz: *Eu sou e não mudo* (Mt 3,6) não se divide em partes nem muda de gênero. O que acima se disse não existe nele como diversas partes, mas constitui um todo uno e perfeito pois o Deus vivo é tudo. Ele é o Deus vivo e o eterno poder da natureza viva. O que nasce dele com o mistério de sua ciência não pode ter nascido a não ser como vivente. Ao dizer: *Assim como o Pai que vive me enviou, e eu vivo pelo Pai* (Jo 6,59), ensinou estar nele a vida, pelo Pai que vive. Ao dizer: *Assim como o Pai tem a vida em si mesmo, também deu ao Filho ter a vida em si mesmo* (Jo 5,26), atestou que tudo o que em si é vivo vem do que vive. E porque nasceu vivo daquele que vive, tem o dom da natividade, sem uma nova natureza. Não é novo o que é gerado vivo daquele que é vivo, porque não se obtém a vida a partir do nada para que se dê o nascimento. A vida que recebe da vida o nascimento deve estar, forçosamente, no que vive e deve ter em si, como vivo, o que vive pela unidade de natureza e pelo mistério do nascimento perfeito e indizível.

28. Lembramo-nos de ter advertido, no início da explanação, que as comparações humanas não correspondem satisfatoriamente às realidades divinas; iluminam, contudo, em parte, nossa inteligência para compreender os exemplos, a partir de formas corporais. Pergunta aos que conhecem o modo de ser da natividade humana se não permanece nos pais a origem dos que nascem. Os elementos inanimados e disformes, pelos quais se inicia o processo do nascimento, passam para outro ser humano, permanecendo, no entanto, em virtude da natureza, dentro de ambos. Por ter dado origem a uma natureza igual, o que gera continua no que nasce. O que nasce continua no que gera, pela natividade recebida, cujo poder, apesar de derivado, não é retirado. Citamos isto para compreensão da natividade humana, não como exemplo perfeito da natividade do Deus Unigênito, porque a fraqueza da natureza humana se forma com elementos desiguais e se compõe de coisas inanimadas. O que é gerado nela, nem vive imediatamente nela, nem participa inteiramente da vida, já que são muitas as coisas que, tendo crescido, desaparecem sem que a sua natureza o perceba. Em Deus, porém, tudo o que existe vive. Pois Deus é a vida e da vida não pode sair nada que não seja vivo. O nascimento não se dá por emanção, mas pelo poder divino. Em Deus tudo vive, e o que dele nasce é inteiramente poder. Há nascimento, mas não há mudança; Deus comunica a natureza ao que dele procede, mas não perde a natureza. Continua no Filho ao qual deu o ser, devido à semelhança da natureza não diferenciada, e o Filho, ao nascer, não perde a natureza pela qual vive a partir daquele que vive.

29. Vem em nosso auxílio, para que se compreenda o sentido desta verdade, o fogo. Este tem em si o fogo, e o fogo permanece no fogo. Nele existem o esplendor da luz, o calor da sua natureza, o poder de queimar, a leveza da chama e no entanto tudo é fogo e todas estas coisas são uma só natureza. Tem, na verdade, a fraqueza de subsistir e viver pela matéria e de morrer com ela, da qual vivia. O que é incomparável em Deus, nós o conhecemos em parte por comparação, para que não seja inacreditável em Deus o que, de alguma forma, se encontra nos elementos terrenos. Pergunto, agora, se há separação e divisão de ambos quando o fogo vem do fogo. Ou acaso se divide a sua natureza, de modo a não permanecer, ou não continua presente a natureza, quando uma luz é acesa por outra luz, como que por uma espécie de nascimento, sem que haja corte, mas sim uma luz vinda da luz? Acaso não permanece nela o que, vindo dela, subsiste sem divisão? Não continua esta naquela da qual não foi separada, mas saiu, permanecendo na unidade da substância natural? Indago: não serão uma só luz, se a luz não é separável da luz nem pela divisão, nem pela diversidade de natureza?

30. Estas comparações, como disse, servem somente para facilitar o entendimento da fé. Não convêm à dignidade de Deus exemplos de coisas corpóreas para poder entender as coisas invisíveis. Nenhuma comparação pode, como exemplo, refletir algo da natureza de Deus. É digno e justo crer no que Deus atesta de si mesmo. Mas, porque a loucura herética perturbava a fé dos mais simples, dizendo que não se devia crer nas coisas difíceis a respeito de Deus, a não ser que pudessem ser entendidas mediante uma comparação corporal, de acordo com o já referido dito do Senhor: *o que nasce da carne é carne, mas o que nasce do Espírito, é espírito. Deus é Espírito* (Jo 3,6), julgamos útil inserir alguns exemplos, de modo que não se pense que nos enganou na sua revelação, quando exemplos tirados da natureza das criaturas nos permitem compreender, de alguma forma, o divino testemunho.

31. O Filho de Deus, o Vivente nascido do que vive, Deus, nascido de Deus, revelando a unidade da inseparável e indiscernível natureza e o mistério da natividade, diz: *Eu e o Pai somos Um*. E como se considerava, falsamente, ser insolente este dito, para demonstrar com mais força a certeza de sua natureza, acrescentou: *Dizeis que blasfemei, porque disse: Sou Filho de Deus* (Jo 10,36). Atestava, assim, existir a unidade de natureza que lhe vem da natividade. E, para afirmar com certeza a fé na natividade, sem que a confissão da natividade introduzisse divisão na natureza, completou, com perfeição, sua resposta: *Crede nas obras, porque o Pai está em mim, e Eu no Pai* (Jo 10,38). No mistério da natividade, que aqui se demonstra, que pode haver que não seja natural e próprio? Estão um no outro, já que não há natividade, a não ser vinda do Pai, e nenhuma natureza alheia ou dessemelhante tem uma subsistência pessoal como Deus. Sendo Deus, vindo de Deus, não lhe vem de outra parte ser Deus. Se aparecer a ocasião, apresenta dois deuses na fé da Igreja ou defende, com falsos argumentos, a mentira de um Deus solitário. Distingue, se puderes, o Filho do Pai, sem confessar a verdade do nascimento. O Filho está no Pai, e o Pai está no Filho, não por mútua transfusão ou por uma nova fusão, mas pela perfeita natividade da natureza vivente. No Deus Pai e no Deus Filho não enumerarás dois deuses, porque ambos são Um, nem pregarás um solitário, porque os dois não são uma só pessoa. A fé apostólica não conhece dois deuses, porque também não confessa dois Pais, nem dois Filhos. Confessando o Pai, confessa o Filho, crendo no Filho, crê também no Pai, porque o nome do Pai já tem em si o nome do Filho, pois é pelo Filho que Ele é Pai. A indicação de Filho é demonstração do Pai, porque o Filho não vem senão do Pai. Portanto, ao confessar um Deus, não se fala de uma só pessoa, pois o Filho dá ao Pai a plenitude, e a natividade do Filho vem do Pai. Pela natividade não se altera a natureza, de modo a não ser a mesma segundo a semelhança do seu gênero. É a mesma natureza, porém, de tal forma que, pela natividade e pela geração, se deve confessar um e outro como uma única natureza e não como um sozinho.

32. Pode pregar dois deuses quem pode pregar um sem que o que é um seja um, ou pode ensinar um Deus solitário aquele que nega que um está no outro pelo poder da natureza e pelo mistério da geração e da natividade. Atribua também natureza diversa a ambos quem não sabe que o Pai e o Filho são louvados como Um. Eliminem os hereges a profissão evangélica do Filho sobre si mesmo: *Eu estou no Pai, e o Pai está em mim*, para que possam pregar, ou dois deuses, ou um solitário. Não há indicações de naturezas diferentes na confissão da única natureza que lhes é própria. Da verdade de Deus nascido de Deus não resulta que haja dois deuses, e a natividade de Deus não permite supor um Deus sozinho. Também não deixam de ser um só os que são um no outro, porque um procede de um. Um não deu ao outro, por geração, outra coisa senão o que é seu. O que é Um não recebe, pela natividade, outra coisa, a não ser o que é daquele que é Um. A fé apostólica, ao pregar o Pai, prega o Deus único e, ao confessar o Filho, confessa o Deus único. A mesma e idêntica natureza de Deus está em ambos, e, como o Pai é Deus e o Filho é Deus, e é um só o nome da natureza dos dois, *um só Deus* significa que

um e outro são Um. Deus de Deus ou Deus em Deus não faz com que haja dois deuses, já que o que é Um, nascido do que é Um, permanece na unidade da natureza e do nome. Também não significa que Deus seja solitário, pois *um* e *um* não pode significar um ser solitário.

33. O Senhor não entregou uma doutrina incerta ou duvidosa sobre tão grande mistério, nem nos deixou no erro de uma compreensão ambígua. Ouçamos, quando revela o conhecimento desta fé aos Apóstolos: *“Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida; ninguém vem ao Pai a não ser por mim. Se me conheceis, conheceis também meu Pai; e já o conheceis, e o vistes”*. Disse-lhe Filipe: *“Senhor, mostra-nos o Pai, e isto nos basta”*. Disse-lhe Jesus: *“Há tanto tempo estou convosco, e não me conheceis? Filipe, quem me vê, vê também o Pai. Como tu dizes, mostra-nos o Pai? Não crês que estou no Pai e o Pai está em mim? As palavras que eu vos digo, não as digo por mim mesmo; mas o Pai que permanece em mim realiza as suas obras. Crede em mim: eu estou no Pai e o Pai está em mim. Crede-o, ao menos, por causa destas obras”* (Jo 14,6-12). Não nos leva por caminhos errados e impraticáveis. Aquele que é o Caminho, nem engana com falsidades o que é a Verdade, nem abandona no erro da morte o que é a Vida. Ele próprio indicou estes nomes benignos de sua Economia para nossa salvação, para que, como Caminho, nos conduza à Verdade e, como Verdade, nos dê a Vida. Devemos conhecer o mistério que nos revela para que tenhamos a vida: *Ninguém vai ao Pai a não ser por mim* (Jo 14,6). O caminho do Pai é pelo Filho. E pode-se perguntar se pelo ensino da doutrina ou pela fé na natureza, porque poderíamos pensar que se pode chegar ao Pai mais pelo ensinamento do Filho do que pela confissão de que nele está a divindade paterna. Empreguemos a capacidade da inteligência no que se segue, pois a fé não deve fundar-se em nosso arbítrio, mas na força das palavras.

34. Assim continua: *Se me conheceis, também conheceis o meu Pai*. O Homem Jesus Cristo pode ser visto. E como é conhecido, será conhecido também o Pai. E como o Pai será conhecido como Ele é conhecido, se os Apóstolos o vêem no aspecto de sua natureza, isto é, de sua humanidade e a Deus devem reconhecer como isento da fraqueza corporal? Confirmando o Senhor que, no mistério do corpo assumido, está a natureza da paterna divindade, seguiu determinada ordem, separando o tempo da visão do tempo do conhecimento, ao dizer: *Se me conheceis, conheceis também meu Pai, e já o conhecestes, e o vistes* (Jo 14,7). Pois disse que Aquele que devia ser conhecido já fora visto, para que recebessem o conhecimento da natureza, que já antes tinham visto nele, no momento desta revelação.

35. A novidade das palavras abalou o Apóstolo Filipe. Vê-se o Homem, e este confessa ser o Filho de Deus. Afirma que, se for conhecido, também o Pai será conhecido. Diz que o Pai foi visto e deve-se conhecer o Pai, porque Ele já foi visto. A fraqueza do espírito humano não entende isto, nem a capacidade humana de crer suporta a profissão de tão diversas afirmações: que Aquele que já foi visto agora deve ser conhecido, pois ter visto já é o conhecimento; que, se o Filho é conhecido, também o Pai é conhecido, quando a vista e o tato corporais permitiram o conhecimento do Filho, como Homem, e a natureza humana que eles viram, sendo diferente da do Pai, não se presta ao conhecimento do Pai, pois o próprio Filho havia afirmado freqüentemente que o Pai nunca fora visto por alguém. Explode a familiaridade e a franqueza do apóstolo: *Senhor, mostra-nos o Pai, e isto nos basta*. Aqui a fé não hesita, mas o erro vem da ignorância. O Senhor já dissera que o Pai tinha sido visto e seria conhecido, mas o apóstolo não entendera que o tinha visto. Por isso, não negou o que viu, mas rogou que lhe fosse mostrado. Não desejava que fosse mostrado como uma visão corpórea, mas pedia uma demonstração para entender o que vira. Pois vira o Filho na forma de Homem, mas, não podia entender como vira o Pai deste modo. Por isso, após ter dito: *Senhor, mostra-nos o Pai*, para mostrar que esta demonstração se referia mais ao conhecimento do que à visão, acrescentou: *e isto nos basta*. Não se exclui a fé no que foi dito, mas é pedida uma demonstração suficiente para crer na palavra, porque pela autoridade

da declaração do Senhor não havia incerteza quanto ao crer. Daí nasceu o pedido para mostrar o Pai, porque fora dito que já o tinham visto e que já deviam tê-lo conhecido por tê-lo visto. Não era, portanto, atrevimento pedir que se mostrasse o que já fora visto.

36. Às palavras de Filipe, o Senhor assim responde: *Há tanto tempo estou convosco e não me conheces?* (Jo 14,9). Censura o apóstolo por não ter sabido conhecê-lo, porque dissera acima que, sendo Ele conhecido, o Pai também seria conhecido. Mas por que então reprova por não ter sido conhecido durante tanto tempo? Porque, se o tivessem conhecido, a divindade da natureza paterna seria conhecida nele. Aquilo que fazia era próprio de Deus: andar sobre as ondas, ordenar aos ventos, exigir a fé nas ações não compreendidas, transformar o vinho, multiplicar os pães, expulsar demônios, vencer doenças, reconstituir danos nos corpos, corrigir defeitos de nascença, perdoar os pecados, dar nova vida aos mortos; e fazer isto de modo carnal; e, com isso, se declarar Filho de Deus. Daí nasceu toda a questão: não entendiam que estas coisas eram realizadas pela natureza de Deus no Homem assumido, no mistério do nascimento humano.

37. Censurando-os porque, depois de ter feito estas coisas durante tanto tempo, ainda não o conheciam, diz aos que pediam que lhes mostrasse o Pai: *Quem me vê, vê também o Pai* (Jo 14,9). Não quer, aqui, referir-se à contemplação corporal e à visão dos olhos carnis, mas sim àqueles olhos dos quais dissera: *Não dizeis que ainda outros quatro meses e chegará a colheita? Eis que vos digo, erguei vossos olhos e contemplai os campos, que já estão brancos para a messe* (Jo 4,35). Nem o tempo supõe, nem a indicação dos campos brancos para a messe permite que se entenda aqui o olhar terreno e corpóreo. É para a felicidade de contemplar os perfeitos frutos que manda erguer os olhos da mente. Do mesmo modo diz agora: *Quem me vê, vê também o Pai*. Não é aquilo que é carnal, pelo parto da Virgem, que pode dar a contemplar nele a forma e imagem de Deus, nem aspecto de Homem que assumiu é exemplo, para se ver a natureza incorpórea de Deus. Deus é conhecido nele, se Ele mesmo é conhecido por alguns, pelo poder da natureza. Reconhecer o Filho de Deus permite que também o Pai seja conhecido, pois a imagem é tal que não difere pelo gênero, mas indica a sua origem. As outras imagens feitas de diversos metais, as pinturas e demais obras de arte reproduzem as formas daquilo que representam, mas poderão, acaso, pelo fato de serem imagens, as coisas inanimadas, igualar-se às coisas vivas? As obras de arte, pintadas, esculpidas ou fundidas, poderão igualar-se ao que é natural? O Filho não é a imagem do Pai como estas imagens são imagens de outras coisas, porque é a imagem viva do Vivente e, nascido dele, não tem absolutamente diferença alguma de natureza em relação Àquele de quem não difere pelo poder. Portanto, por ser imagem, o nascimento do Deus Unigênito mostra Deus Pai. Ele mesmo é *imagem do Deus invisível* (Cl 1,15), por isso, não perde a semelhança da natureza, visto que não é destituído do poder da natureza.

38. Daí a pergunta: *Há tanto tempo estou convosco, e não me conheces? Filipe, quem me vê, vê também o Pai. Como dizes tu: “Mostra-nos o Pai”?* Não crês em mim, que eu estou no Pai e o Pai em mim? Para falar sobre as coisas de Deus, não resta ao homem senão a palavra de Deus. Tudo mais é tacanho, fechado, embaraçado e obscuro. Se alguém quiser demonstrá-lo com outras palavras, a não ser por aquilo que já foi dito por Deus, ou não entenderá ele mesmo, ou deixará os que lerem sem entender. O Senhor disse, ao lhe rogarem que mostrasse o Pai: *Quem me vê, vê também o Pai*. Mudar isso pertence ao anticristo; negá-lo, aos judeus; ignorá-lo, aos gentios. Talvez haja erro na inteligência e vício na nossa fé, se nas palavras de Deus permanece a obscuridade. Pois estas palavras não significam que Deus seja solitário, mas ensinam a professar a natureza não diferenciada. Que no Filho seja visto também o Pai significa que Deus não é solitário e que o Filho não é diferente, porque o Pai é visto por meio dele. E não deixam de ser Um na confissão do mistério e não são também uma só

pessoa. Pergunto o que pensamos que o Senhor quis dizer com as palavras: *Quem me vê, vê também o Pai*. Não há unicidade de pessoa onde, pela conjunção, se entende que se acrescenta o nome do Pai como algo de diferente. Pois, ao dizer: *também o Pai*, fica excluída toda idéia de singular e de único. E o que resta, a não ser que, pela semelhança da natureza comum, o Pai seja visto por meio do Filho? Para que isso não nos deixe incertos quanto à fé, o Senhor acrescenta: *Como dizes tu: “Mostra-nos o Pai”?* Que possibilidade havia de ignorar o Pai? Que necessidade haveria de mostrar o Pai aos ignorantes, se o Pai era visto no Filho?

39. É visto pela natureza que é própria ao Pai e ao Filho, porque, dada a não-diferença da natureza e a realidade de seu modo de ser, o que nasceu e o que gerou são Um, de modo que, a seguir, vem esta palavra do Senhor: *Não credes que eu estou no Pai, e o Pai em mim?* Que o Pai e o Filho sejam inseparáveis, pela semelhança de sua natureza, não podemos afirmar com outras palavras, a não ser as do Filho. O Filho, que é o Caminho, a Verdade e a Vida, não representa comédias como as do teatro, mudando de nome e de aparência, de tal modo que, ao assumir a natureza do homem, fosse chamado Filho de Deus, mas pela natureza fosse Deus Pai, e sendo Um só, fingisse ser outro, pela mudança de personagem. Não é, de modo algum, o mesmo solitário, que ora se apresenta como Filho, ora confessa ser o Pai, usando o nome da natureza, sem que haja natureza. É outra aqui a clareza das palavras. O Pai é o Pai, o Filho é o Filho, e nestes nomes e realidades não existe nada de estranho, nada de novo, nada de diferente. A verdade da natureza mantém as suas propriedades, de modo que Aquele que nasceu de Deus seja Deus, e não haja na natividade diminuição nem diversidade, já que o Filho não subsiste em natureza estranha e diferente da natureza de Deus Pai. O Pai não adquire algo que lhe seja alheio pela natividade do Unigênito. Antes, tudo o que é seu, Ele o concede, sem diminuição para si mesmo, ao doá-lo. O Filho não deixa de ter a natureza de Deus, porque, sendo Deus, não procede de nenhum outro princípio, mas procede de Deus e não é diferente de Deus, pois não é outro senão Deus. O que nasceu de Deus subsiste no Filho e, pela natividade de Deus, a natureza de Deus não é privada de sua divindade pela qual é Deus. O Pai está no Filho, e o Filho no Pai. Deus está em Deus, não pela conjunção de dois gêneros diversos que se unem pela inserção de uma natureza exterior em uma substância mais forte, porque, pela lei dos corpos, o interior não pode se tornar exterior àquilo que o contém, mas sim pela natividade de um vivente, vindo de uma natureza que vive. Pois a essência não é diferente, a natividade não faz degenerar a natureza de Deus, o que nasce é Deus de Deus para ser Deus e não é algo diverso. Nada há de novo, nada de alheio, nada de separável. Crer no Pai e no Filho como dois deuses é ímpio, pregar o Pai e o Filho como um Deus solitário é sacrilégio, negar a unidade pela semelhança da essência do Deus nascido de Deus é blasfêmia.

40. Para que a fé evangélica não recebesse como dúbio e ambíguo este mistério, o Senhor manteve esta ordem de sua doutrina: *Não credes que eu estou no Pai e o Pai em mim? As palavras que vos digo, não vos digo por mim mesmo, mas o Pai, que permanece em mim, realiza suas obras* (Jo 14,10). Com que outras palavras, pergunto, se pôde e se pode demonstrar que o Pai e o Filho têm a mesma natureza, senão com estas, que tão claramente indicam a natividade? Ao dizer: *As palavras que vos digo, não vos digo por mim mesmo*, não excluiu a pessoa, nem negou a filiação, nem escondeu ter em si a natureza do poder do Pai. Quando Ele mesmo fala, fala permanecendo na sua substância, mas, quando não fala por si mesmo, atesta que é o Filho de Deus, nascido de Deus Pai. É inseparável do Pai, idêntico a Ele, pela unidade de natureza, porque, embora fale por Ele, é Ele próprio que fala. Quem não fala por si mesmo e, no entanto fala, não pode não existir, visto que fala. Enquanto não fala por si, mostra não ser somente dele aquilo que fala, pois acrescenta: *o Pai, que permanece em mim, realiza as suas obras*. Permanecer o Pai no Filho não é próprio de um singular nem de um único. Operar o Pai

pelo Filho indica que não se trata de um diferente ou exterior. Assim como não é próprio de um só não dizer por si mesmo o que diz, também o que é alheio e separável não pode falar mediante o que fala, mas tudo isto é o mistério dos que são um. Não são distintos um do outro, os que, pela natureza que lhes é própria, habitam um no outro. Nisto consiste a unidade: o que fala não fala por si, e o que fala por si não deixa de falar. E porque ensinara que o Pai nele não só fala, mas realiza suas obras, confirmou a fé nesta unidade perfeita, ao dizer: *Mas o Pai, que permanece em mim, realiza as suas obras. Crede em mim: eu estou no Pai, e o Pai está em mim. Crede, ao menos, por causa destas obras* (Jo 14,10-12). O Pai opera no Filho, mas o Filho realiza a obra do Pai.

41. Para que não se creia que o Pai fala e opera no Filho pelo seu poder e não pela natureza que o Filho possui por nascimento, assim diz: *Crede em mim: eu estou no Pai, e o Pai está em mim.* Que quer dizer isto: *Crede em mim?* Certamente se refere ao que foi dito: *Mostra-nos o Pai.* A mesma fé que pedira que lhes mostrasse o Pai é confirmada pelo preceito de crer. Pois não bastava ter dito: *Quem me vê, vê também o Pai,* a menos que a nossa inteligência pudesse ser levada até o ponto de conhecermos o Pai no Filho e de nos lembrarmos de que o Filho está no Pai, de tal modo que não julgássemos haver uma transfusão de um no outro, em vez de, pela geração e natividade, a unidade da mesma natureza nos dois. O Senhor quer que se creia nele, para que não aconteça talvez que, pelo mistério da assunção da humanidade pelo Filho, a consciência da fé corra perigo. Se a carne, o corpo e a paixão produzem dúvida, ao menos pelas obras se creia que Deus está em Deus, que Deus nasceu de Deus e que são Um, visto que, pelo poder da natureza, cada um subsiste em si e não há um sem o outro. No Filho, o Pai nada perde do que é seu, e o Filho recebe do Pai tudo aquilo que o faz ser Filho. Não pertence à natureza dos corpos esta condição: que estejam um no outro, que tenham perfeita unidade da natureza em sua subsistência pessoal e que o Filho Unigênito permaneça no ser, inseparável da verdadeira divindade paterna. Isto é próprio somente do Deus Unigênito, esta é a fé no mistério da verdadeira natividade, isto é obra do poder espiritual: não ser em nada diferentes, *ser e estar no outro*, porém *não estar no outro*, como uma coisa em outra diferente, como um corpo em outro corpo, mas sim ser e ter subsistência pessoal, de tal maneira que se esteja naquele que também subsiste pessoalmente, porém estar nele, de tal modo que o mesmo que está também subsista como pessoa. Subsistindo ambos, um não subsiste sem o outro, já que, pela geração e natividade, não é diferente a natureza de um e de outro. Isto é o que significa *Eu e o Pai somos Um; Quem me vê, vê também o Pai, e: Eu estou no Pai e o Pai está em mim.* O Filho não é diferente nem inferior, porque a natureza de uma única divindade no Pai e no Filho realiza o mistério do nascimento, pois o Filho de Deus não é senão Deus. Por isso a geração do Unigênito não supõe dois deuses, porque o Filho de Deus, nascendo como Deus, mostra ter em si a natureza do Deus que o gera.

LIVRO OITAVO

1. O santo apóstolo Paulo, ao indicar com seus preceitos como deveria ser constituído o Bispo e quais as qualidades necessárias ao novo homem da Igreja, apresenta um resumo das principais virtudes que deve possuir, dizendo: *Seja de tal modo fiel na exposição da palavra, que possa tanto ensinar a sã doutrina como refutar os que a contradizem. Pois há muitos que são rebeldes, palavrosos e enganadores* (Tt 1,9-10). Mostra, deste modo, que as virtudes próprias à disciplina e aos bons costumes são úteis para o sacerdócio se não faltarem aquelas que são necessárias para ensinar e guardar a fé, porque, ao bom e útil sacerdote não convém, ou apenas viver de modo honesto, ou apenas pregar com ciência, já que ser honesto sem ser douto somente seria útil para ele mesmo e pregar com ciência seria inútil se lhe faltasse a honestidade. A palavra apostólica sobre a probidade e os preceitos da honestidade não se refere apenas à vida do homem do século, ou ao conhecimento da doutrina que prepara o escriba da Sinagoga para a Lei. Institui também o perfeito príncipe da Igreja pelos perfeitos bens das máximas virtudes, de modo que sua vida se orne ao ensinar e a doutrina seja ornada por sua vida. Paulo esclarece finalmente a Tito, a quem dirige a palavra, apresentando esta norma da religião consumada: *Faze-te em tudo, a ti mesmo, um modelo de boas obras, na doutrina, na integridade, na gravidade, na palavra sadia e irrepreensível, para que os nossos adversários sejam confundidos, nada tendo de mal ou vergonhoso a dizer de nós* (Tt 2,78). Não ignorava este doutor das gentes e eleito doutor da Igreja, pela consciência de que nele Cristo habitava e falava, que o contágio da palavras envenenadas iria grassar e que a corrupção da doutrina pestífera se oporia com violência à pureza da palavra da fé. Não ignorava que a peste de uma ímpia interpretação, penetrando a própria sede da alma, se alastraria até as suas profundezas. Por isso disse: *A palavra deles é como uma gangrena que corrói* (2Tm 2,17). O oculto, sub-reptício contágio penetra a mente, infeccionando-a. Por esse motivo, quis Paulo que o Bispo tivesse a doutrina da palavra sadia, a fé consciente e a ciência para exortar contra as ímpias, mentirosas e insensatas contradições. Pois são muitos os que, simulando fé, mas não sujeitos à fé, com a inteligência inchada pela vaidade humana, estabelecem para si mesmos a fé, em vez de recebê-la, aprovado o que querem, sem querer saber do que é verdadeiro. A verdadeira sabedoria, no entanto, consiste, às vezes, em entender o que não queremos. A palavra estulta provém da sabedoria nascida da vontade própria, porque é forçoso que o estulto pregue estultamente aquilo que prefere. Quanto mal a estulta pregação causa aos ouvintes, seduzidos pela palavra estulta sob capa de sabedoria! Por isso o Apóstolo disse a respeito deles: *Há muitos que são rebeldes, palavrosos e enganadores* (Tt 1,10). Por esse motivo é preciso, pela pureza da doutrina, verdade da fé e sinceridade das palavras, contradizer não só a impiedade insolente, mas ainda a insolência mentirosa e a mentira do que seduz, para que haja a sinceridade da verdade e a verdade da integridade.

2. Foi-me sugerida a citação desta sentença apostólica pela necessidade de contradizer certos homens de espírito perverso, mentirosos por profissão e vazios de esperança, que proferem palavras viperinas, porque doutrinas mortíferas, interpretações doentias e vontades corrompidas se insinuem sob capa de religião, iludindo a simplicidade dos ouvintes. Deixando de lado a pureza da pregação apostólica, dizem que o Pai não é Pai, que o Filho não é Filho, que Deus não é Deus, e que a fé não é a fé. Resistindo contra estas mentiras insensatas, vamos procurar responder, afirmando, segundo a Lei, Deus e Deus, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro. Mostraremos, em seguida, por meio da doutrina evangélica e apostólica, a perfeita e verdadeira natividade do Deus Unigênito. Finalmente demonstraremos que o Filho de Deus é verdadeiro Deus, idêntico ao Pai pela natureza. A fé da Igreja não professa um Deus sozinho, nem dois deuses, já que a perfeita natividade não permite que haja um

Deus solitário nem admite que os nomes indiquem naturezas diversas em dois deuses. Nosso cuidado em repelir suas fantasias foi duplo: em primeiro lugar, procuramos ensinar as coisas santas, íntegras e sadias, sem que nossa palavra se desviasse por atalhos e rodeios. Procuramos, mais do que investigar a verdade, demonstrá-la claramente. Em segundo lugar, tratamos de deixar claro como é ridículo e inepto tudo aquilo que, com a argúcia de vãs e mentirosas sentenças, querem apresentar como se fosse uma verdade lisonjeira. Pois não nos basta ensinar o que é piedoso, se não dermos a entender que é piedoso rejeitar o que é ímpio.

3. Assim como as inclinações naturais dos homens bons e prudentes se voltam inteiramente para o que é objeto de uma feliz esperança, a fim de que a expectativa não seja inferior ao que é esperado, do mesmo modo esses hereges se empenham com todo o furor de sua louca solicitude em trabalhar contra a verdade da sagrada fé. Estes homens irreligiosos querem vencer os que são religiosos e ser mais fortes, no desespero de sua vida, que a esperança que anima nossa existência. Ocupam-se mais com pensamentos falsos do que nós com a verdade da doutrina. Elaboraram as contradições de sua perfídia opondo-as à santa profissão de nossa fé, perguntando, primeiro, se para nós existe ou não um só Deus; em seguida, perguntam se também Cristo é Deus e, por fim, se o Pai é maior do que o Filho. Ao ouvirem a profissão de que Deus é Um, aproveitam-se desta resposta para dizer que Cristo não é Deus. Não perguntam se o Filho é Deus, mas, ao perguntarem somente sobre Cristo, querem que se diga que não é Filho. Procuram persuadir com falsidade o homem de fé simples. Querem fazê-lo rejeitar, pela fé em um só Deus, a confissão de que Cristo é Deus; porque, segundo eles, já não haveria um só Deus, se Cristo também fosse confessado como Deus. Com artimanhas de astúcia secular nos interpelam, dizendo que, se Deus é um só, um outro, ainda que pareça ser Deus, não o é, e que, se há outro, não é Deus, pois a natureza não admite que haja outro onde há um só. Depois de terem iludido, com essa doutrina enganadora, os que ouvem e acreditam mais facilmente, já podem fazer com que se afirme que Cristo é Deus, antes pelo nome que pela natureza, e que este nome lhe foi dado como é dado aos outros e não anula a única e verdadeira fé no único Deus. Dizem que o Pai é maior do que o Filho, porque, sendo diferente a natureza, como há só um Deus, o Pai é maior pela natureza que lhe é própria. O Filho recebeu esse nome, é criatura, subsiste pela vontade do Pai e é menor que o Pai. O Filho não é Deus porque o fato de haver um só Deus não permite que haja outro Deus e é necessário que o que é menor tenha uma natureza diferente da natureza do que é maior. São ridículos quando querem dar ordens a Deus e afirmam que nada pode nascer do que é um, porque todo nascimento se dá pela conjunção de dois. Afirmam ainda que o Deus imutável não pode dar nascimento a ninguém a partir de si mesmo, porque é imutável e não pode receber acréscimos e porque a natureza do que é só e único não tem possibilidade de gerar.

4. Nós, porém, recebemos, com ensinamentos espirituais, a fé evangélica e apostólica. Buscamos na confissão do Pai e do Filho a esperança da felicidade eterna. Demonstramos, a partir da Lei, o mistério de Deus e Deus, sem abandonar a fé em um só Deus e sem deixar de anunciar a Cristo como Deus. Em nossa resposta, adotamos esta ordem, a partir dos Evangelhos, para ensinar o verdadeiro nascimento do Deus Unigênito, de Deus Pai, pelo qual é Deus verdadeiro e não é alheio à natureza do único e verdadeiro Deus. Não se pode negar que seja Deus nem se pode dizer que seja outro Deus, porque o nascimento faz com que seja Deus, e a natureza de único Deus, que procede de Deus, não o separa para fazer com que seja outro Deus. Embora o sentido comum nos leve a pensar que nomes de natureza diferente não são próprios para indicar a mesma natureza e que aqueles cuja essência não difere no gênero não deixam de ser uma só coisa, julguei oportuno mostrar estas coisas com as palavras de nosso Senhor, que, tendo dado a conhecer o único Deus de nossa fé, disse, para confirmar o mistério

do Deus único depois de ter afirmado e demonstrado ser Ele também Deus: *Eu e o Pai somos Um* (Jo 11,30); *Se me conhecêsseis, conheceríeis também o Pai* (Jo 14,7); *Quem me viu, viu o Pai* (Jo 14,9); *o Pai, que permanece em mim, realiza suas obras* (Jo 14,10) e: *Crede-me: eu estou no Pai e o Pai em mim. Crede-o, ao menos, por causa destas obras* (Jo 14,11). Com o nome de *Pai*, indicou seu nascimento. Ensinou que se conhece o Pai quando Ele é conhecido, manifestou a unidade da natureza, porque, quando se vê a Ele, vê-se o Pai, deu testemunho de que é inseparável do Pai porque permanece no Pai, que permanece nele. Demonstra uma confiança consciente, quando pede que se creia em suas palavras pelas obras de seu poder. Nessa fé bem-aventurada no seu perfeito nascimento desaparece todo erro, tanto o de afirmar dois deuses como o de pregar um Deus solitário, pois os que são Um não são uma só pessoa e o que não é um só em nada difere daquele do qual nasceu, de modo que ambos não possam ser um só.

5. Os hereges, não podendo negar estas palavras ditas e entendidas com tanta clareza, corrompem o seu sentido com a mentira demente de sua impiedade. Dizem que as palavras *eu e o Pai somos um* (Jo 10,30) referem-se à coincidência das vontades. Haveria, assim, unidade de vontade e não de natureza, ou seja, seriam um, não pelo que são, mas pelo fato de desejarem as mesmas coisas. Utilizam, para defender-se, aquela passagem dos Atos dos Apóstolos que diz: *a multidão dos fiéis era um só coração e uma só alma* (At 4,32), segundo a qual, a diversidade de almas e corações se uniria em um só coração e uma só alma pela coincidência de uma única vontade. Também citam o que foi escrito aos Coríntios: *Aquele que planta e aquele que rega são um* (1Cor 3,8), para provar que há nos dois uma unidade de vontade, pois o ministério para nossa salvação não difere da realização do mesmo mistério. Segundo eles, o que o Senhor disse, quando pediu ao Pai a salvação de todos os povos: *Não rogo somente por eles, mas por aqueles que, pela sua palavra, crerão em mim: a fim de que todos sejam um, como tu, Pai, estás em mim e eu em ti; que eles também estejam em nós* (Jo 17,20), significa que, como os homens não podem fundir-se em Deus e unir-se uns aos outros numa única massa indiferenciada, sua unidade há de ser de vontade, se todos fizerem o que é agradável a Deus unindo-se a Ele pela coincidência dos afetos da alma, de modo que não é a natureza que os faz ser um, mas a vontade.

6. Aquele que ignora Deus, ignora toda a sabedoria. Visto que a Sabedoria é Cristo, forçoso é que aquele que ignora Cristo ou o odeia esteja afastado da sabedoria, como estes, que querem que o Senhor da majestade e Rei dos séculos, o Deus Unigênito, seja criatura, e não Filho de Deus. Mentem estultamente e pensam de modo ainda mais estulto quando defendem suas mentiras. Vamos adiar um pouco a questão da unidade própria de Deus Pai e Deus Filho, porque devemos refutar os argumentos dos hereges usando as mesmas passagens utilizadas por eles.

7. Pergunto se aqueles que tinham uma só alma, um só coração, eram um pela fé em Deus. Certamente pela fé. Por ela, todos tinham uma só alma e um só coração. Pergunto se há uma só fé ou se também há outra. Certamente há uma só, como o mesmo Apóstolo nos assegura, ao proclamar que *há uma só fé, assim como há um só Senhor, um só batismo, uma só esperança e um só Deus* (Ef 4,4-6). Se todos eram um pela fé, isto é, mediante a natureza de uma só fé, como não entender que há unidade de natureza naqueles que são um pela natureza de uma só fé? Todos tinham renascido para a inocência, a imortalidade, o conhecimento de Deus e a esperança da fé. Estas coisas não podem ser diversas entre si porque a esperança é uma, e Deus é Um, como o Senhor é Um e um é o batismo de regeneração. Se são um pelo consenso das vontades, e não pela natureza, debes atribuir também aos que renasceram uma unidade de vontades. Porém se renasceram para a natureza de uma única vida e de uma única eternidade e por isso seu coração e sua alma são uma só coisa, fica excluída neles a unidade baseada no consenso, porque são um na regeneração da mesma natureza.

8. Não falamos por nós mesmos e não queremos inventar nada para iludir os que nos ouvem, modificando o sentido do que foi dito. Pretendemos manter a doutrina salvífica na sua integridade, pensando e proclamando a verdade. O Apóstolo ensina, ao escrever aos Gálatas, que a unidade dos fiéis tem origem nos sacramentos: *Todos vós que fostes batizados em Cristo, vos vestistes de Cristo. Não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há homem nem mulher, pois todos vós sois um em Cristo Jesus* (Gl 3,27-28). Se são um só, em tal diversidade de condições, com tantas diferenças de nacionalidade e de sexo, acaso isso se dará por causa da concórdia das vontades, ou pela unidade do sacramento, já que o batismo é um só e todos se revestiram de Cristo, que é um só? Que tem isto a ver com a concórdia de ânimos, se são um porque se revestiram de Cristo pela natureza de um só batismo?

9. *Aquele que planta e aquele que rega são um* (1Cor 3,8). Acaso não serão uma só coisa porque, tendo renascido de um só batismo, dão um único testemunho do batismo da regeneração? Acaso não fazem o mesmo e não são uma só coisa? Os que são um pela mesma realidade são um pela natureza e não apenas pela vontade, pois se tornaram a mesma coisa e são servidores da mesma realidade e do mesmo poder.

10. As contradições dos insensatos servem para mostrar sua insensatez, pois o que tramam contra a verdade, usando os artifícios de uma inteligência maligna e insensata, acaba sendo reconhecido como infundado, porque é contrário à verdade, que é sempre uma e a mesma. Os hereges se esforçam por enganar, para que não se acredite na unidade da natureza, por causa das palavras: *Eu e o Pai somos Um*, e dizem tratar-se apenas da união de vontades e do mútuo amor, dando como exemplo as palavras do Senhor: *Para que todos sejam um como tu, Pai, estás em mim e eu em ti, para que eles também estejam em nós*. Acha-se excluído das promessas evangélicas aquele que não crê nelas, e a culpa da ímpia compreensão delas fez perder-se a esperança simples. A ignorância do que se acredita, mais que a necessidade de perdão, traz consigo um prêmio, pois a maior recompensa da fé é esperar o que se desconhece, e a maior loucura da impiedade consiste em não crer no que se entendeu ou mudar o sentido do que se acredita.

11. Embora a heresia mude o sentido do que entende, é impossível que não apareça o verdadeiro significado das palavras. O Senhor roga ao Pai para que os que hão de crer nele sejam um e que, como Ele está no Pai e o Pai está nele, todos sejam um neles. Por que, então, falas de coincidência de ânimos e de unidade de almas e corações pelo acordo das vontades? Havia muitas palavras de significado preciso que o Senhor poderia ter usado, se quisesse dar a entender que se referia à unidade de vontades, e poderia ter formulado seu pedido desta maneira: *Pai, que assim como nós queremos uma só coisa, eles também queiram uma só coisa, para que todos sejamos um pela concórdia*. Ou acaso o que é a Palavra ignora o significado das palavras, o que é a Verdade não sabe dizer coisas verdadeiras, o que é a Sabedoria se perdeu em palavras insensatas e o que é a Força se viu em tal estado de fraqueza que não conseguiu dizer o que queria que fosse entendido? Ele falou abertamente dos mistérios verdadeiros da fé evangélica, e não só falou para ser entendido, mas ensinou para ser crido, quando disse: *a fim de que todos sejam um, como Tu, Pai, estás em mim e eu em ti; que eles também estejam em nós* (Jo 17,31). Há, em primeiro lugar, uma oração por aqueles de quem se diz *que todos sejam um*; mostra-se depois o efeito da unidade, mostrando-se o seu modelo: *como tu, Pai, estás em mim e eu em ti; que eles também estejam em nós*; para que, como o Pai está no Filho e o Filho no Pai, todos sejam um, segundo a imagem da unidade do Pai e do Filho.

12. Somente ao Pai e ao Filho é próprio ser Um, por natureza, porque Aquele que é Deus que procede de Deus e Unigênito que procede do Inascível só pode existir na natureza de sua origem. O que é gerado existe na substância de sua natividade e o que nasceu não tem outra divindade diferente da

verdade da qual procede. O Senhor não nos deixou nada de ambíguo para a fé e ensinou, no discurso seguinte, a natureza desta absoluta unidade: *Para que o mundo creia que Tu me enviaste* (Jo 17,21). Portanto, para que o mundo acredite ser o Filho enviado pelo Pai, é preciso que todos os que crêem nele sejam um no Pai e no Filho. E logo nos ensina como serão: *E eu lhes darei a glória que me deste*. Agora indago: será esta glória a mesma coisa que a vontade; se a vontade é um movimento da mente, enquanto a glória é a beleza e a dignidade da natureza? O Filho deu a todos que haveriam de crer nele a glória recebida do Pai, não a vontade, porque se esta fosse dada, a fé não teria um prêmio já que a necessidade que aprisiona a vontade nos obrigaria a ter fé. A seguir, Ele mostrou para que nos serviria o dom da glória: *Para que sejam um, assim como nós somos Um*. Para isso foi dada e recebida a glória, *para que todos sejam um*. Por conseguinte, todos são um na glória, porque não foi dada outra glória senão a que foi recebida, e foi esta a razão apresentada para que todos fossem um. Se todos são um, pela glória dada ao Filho e concedida por Ele aos fiéis, pergunto: como pode ter o Filho uma glória diferente da do Pai, se é a glória do Filho que une todos os crentes na unidade da glória do Pai? Será talvez ousada esta palavra, mas não será infiel para a esperança humana, porque, embora esperar seja temerário, não crer será irreligioso, pois o Autor, não só da esperança, mas da fé, é o mesmo e o único para nós. Disto trataremos em seu devido lugar, de modo mais completo e extenso, como convém. Por enquanto, este discurso mostra não ser vã nem temerária nossa esperança, porque, pela glória recebida e dada, todos são um. Mantenho a fé e aceito a causa da unidade, mas ainda não entendo de que modo a glória dada realiza a unidade de todos.

13. O Senhor não deixa nada incerto para o conhecimento dos fiéis; Ele próprio ensinou o efeito que causará sua natureza, dizendo: *Que sejam Um, como nós somos Um, Eu neles, e Tu em mim; para que sejam perfeitos na unidade* (Jo 17,22-23). Pergunto aos que situam na vontade a unidade, se é pela verdade da natureza que hoje Cristo está em nós, ou se é pela concórdia da vontade. Se o Verbo verdadeiramente se fez carne e se nós recebemos verdadeiramente o Verbo feito carne, no Pão do Senhor, como não se deve julgar que, por sua natureza, permanece em nós Aquele que, tendo nascido Homem, assumiu inseparavelmente a natureza de nossa carne e uniu a natureza de sua carne à natureza da eternidade no sacramento em que nos comunica sua carne? Todos somos um porque o Pai está em Cristo e Cristo está em nós. Portanto, todo aquele que negar que o Pai, por sua natureza, está no Filho, negue, antes, estar ele mesmo em Cristo, ou negue que Cristo esteja nele por sua natureza; porque o Pai que está em Cristo e Cristo que está em nós nos fazem ser um neles. Se Cristo assumiu verdadeiramente a carne de nosso corpo e se o Homem que nasceu de Maria, é verdadeiramente Cristo, e se nós, no sacramento, recebemos verdadeiramente a carne de seu corpo (e por isso seremos um, porque o Pai está nele e Ele, em nós), como se afirmará a unidade de vontades se, pelo sacramento, a própria natureza é o sacramento da perfeita unidade?

14. Não compete ao senso humano ou profano falar das coisas de Deus, e a perversidade de uma compreensão ímpia não pode ser corrigida pela pregação violenta e imprudente das sentenças celestes. Leiamos o que está escrito e entendamos o que lemos; cumprimos então o dever de professar a perfeita fé. Sobre a realidade de Cristo em nós pela natureza, falaremos de modo estulto e ímpio, se não tivermos aprendido dele o que devemos dizer, pois Ele diz: *Minha carne é verdadeiro alimento, e meu sangue, verdadeira bebida. Quem come a minha carne e bebe o meu sangue, permanece em mim, e eu nele* (Jo 6,56-57). Não há lugar para duvidar da realidade da carne e do sangue, porque, conforme a declaração do próprio Senhor e segundo nossa fé, trata-se, verdadeiramente, da carne e do sangue. Quando comemos e bebemos, produz-se em nós o efeito de estarmos em Cristo e de Cristo estar em nós. Acaso isso não é verdade? Certamente não hão de tê-lo por verdadeiro os que negam que Jesus

Cristo seja verdadeiro Deus, pois Ele está em nós por sua carne e nós estamos nele enquanto o que nós somos está com Ele em Deus.

15. Ele mesmo atesta que, pelo sacramento da comunhão de sua carne e sangue, estamos nele: *Ainda um pouco e o mundo já não me verá; vós, porém, me vereis, porque eu vivo e vós vivereis; porque eu estou no Pai, e vós em mim, e eu em vós* (Jo 14,19-20). Se queria que entendêssemos tratar-se somente de uma unidade de vontades, por que exporia então, por certa graduação e ordem a realização da unidade? Certamente quis que acreditássemos estar Ele no Pai, pela natureza divina, e nós nele, por sua natividade corporal, enquanto Ele está em nós pelo mistério dos sacramentos, para que assim se ensinasse a perfeita unidade realizada pelo Mediador, visto que nós permanecemos nele e Ele permanece no Pai e permanece em nós, permanecendo no Pai. Assim chegaremos à unidade com o Pai, porque estamos, por natureza, naquele que, por natureza, está no Pai e que, por natureza, permanece em nós.

16. Ele próprio atestou ser natural em nós esta unidade, pois disse: *Quem come a minha carne e bebe o meu sangue permanece em mim, e eu nele* (Jo 6,57). Só estará nele aquele em quem Ele estiver. Quem receber sua carne terá a sua carne assumida por Ele como sua. Já ensinara antes o mistério da perfeita unidade dizendo: *Assim como o Pai que vive me enviou, e eu vivo pelo Pai, também quem comer a minha carne viverá por mim* (Jo 6,58). Assim como Ele vive pelo Pai, nós vivemos por sua carne. A comparação é apresentada para permitir a compreensão a partir do exemplo proposto. A causa de nossa vida está em possuímos, nós carnais, a Cristo, que permanece em nós pela carne e vivermos, por Ele, na condição em que Ele vive pelo Pai. Se por natureza vivemos por Ele segundo a carne, isto é, se recebemos a natureza de sua carne, como não terá, por natureza, segundo o Espírito, o Pai, quando vive pelo Pai? Vive pelo Pai, porque a natividade não lhe trouxe uma natureza alheia e diferente. O que é, Ele o recebeu dele, de quem não se separa por nenhuma eventual dessemelhança de natureza, já que, pela natividade, tem em si o Pai, em virtude da natureza.

17. Estas verdades nós as citamos porque os hereges, mentindo, afirmavam que o Pai e o Filho são Um apenas pela unidade da vontade, e usavam o exemplo de nossa unidade com Deus para dizer que estamos unidos ao Filho e, pelo Filho, ao Pai, somente pela obediência e a vontade de honrá-los, não tendo recebido nenhuma participação própria e por natureza, pelo sacramento da carne e do sangue, quando, na verdade, pela honra do Filho que nos foi dado e pelo Filho que permanece em nós pela carne e no qual estamos inseparavelmente unidos corporalmente, deve ser anunciado o mistério da unidade verdadeira e natural.

18. Nossa resposta à estultice destes insensatos apenas demonstra como é vazia sua argumentação mentirosa, para que os incautos não se enganem com o erro de suas vãs e ridículas afirmações. A fé evangélica não precisa de nossa resposta. Foi em nosso favor que o Senhor rogou a Deus pela nossa unidade. Quanto à sua, Ele a possui e nela permanece. Não são Um em razão do mistério da economia, mas como consequência do nascimento segundo a natureza, já que Deus em nada diminui ao gerar o Filho que dele procede. São Um porque aquilo que não é arrebatado da mão do Pai não é arrebatado de sua mão (cf. Jo 10,28), porque, quando Ele é conhecido, o Pai é conhecido; quando Ele é visto, o Pai é visto; quando Ele fala, fala o Pai; porque o que Ele diz, o Pai, que permanece nele, o diz; porque, quando Ele opera, o Pai opera, porque Ele está no Pai, e o Pai está nele. Isto não o faz a criação, mas a natividade, não a vontade, mas o poder; não a unanimidade de vontades, mas a natureza, porque não é o mesmo ser criado e ser nascido do Pai, querer não é igual a poder, concordar não é permanecer.

19. Não negamos a unanimidade do Pai e do Filho, embora os hereges costumem mentir, dizendo que, por não aceitarmos provir a unidade somente da concórdia, nós os afirmamos discordes. Ouçam como

a unanimidade não é negada por nós. O Pai e o Filho são Um, por natureza, honra e poder, e a mesma natureza não pode querer o que é diverso. Ouçam ainda o Filho afirmando sua unidade de natureza com o Pai: *Quando vier o Advogado que eu vos enviar da parte do Pai, o Espírito da verdade, que procede de meu Pai, dará testemunho de mim* (Jo 15,26). Virá o Advogado, a quem o Filho enviará da parte do Pai, o Espírito da verdade, que procede do Pai. Como entender que Ele envia da parte do Pai? Aguce os agulhões de sua inteligência toda a assembléia dos hereges e procure meios para mentir aos ignorantes e ensinar o que significa ser o Filho enviado pelo Pai. Quem envia mostra seu poder sobre aquele a quem envia. Em que sentido entendemos que envia da parte do Pai, no sentido de ser recebido, de ter saído ou de ser gerado? É forçoso que tenha sido uma destas coisas, pois afirma que o enviará da parte do Pai. E deve enviar, da parte do Pai, o Espírito da verdade que procede do Pai; portanto já não há recepção do Espírito, onde se trata de sua processão. Resta-nos confirmar nossa sentença, pois, ou se trata de saída de uma pessoa subsistente, ou da processão de quem foi gerado.

20. Não quero censurar a liberdade de interpretação neste ponto, se acreditam que o Espírito Paráclito procede do Pai ou do Filho. O Senhor não nos deixou na incerteza, porque, depois das palavras a que nos referimos, assim disse: *Ainda tenho muito a vos dizer, mas não podeis compreender agora. Quando vier o Espírito da Verdade, Ele vos conduzirá à verdade plena, pois não falará de si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido e vos anunciará as coisas futuras. Ele me glorificará porque receberá do que é meu e vos anunciará. Tudo o que o Pai tem é meu. Por isso vo-lo disse: Ele receberá do que é meu e vos anunciará* (Jo 16,12-15). Aquele que é enviado pelo Filho recebe dele e procede do Pai. Pergunto: receber do Filho é o mesmo que proceder do Pai? Ainda que se creia ser diferente receber do Filho e proceder do Pai, deve-se pensar que receber do Filho é o mesmo que receber do Pai, pois o Senhor diz: *porque receberá do que é meu e vos anunciará. Tudo o que o Pai tem é meu. Por isso vo-lo disse: ele receberá do que é meu e vos anunciará.* O Filho diz que o Espírito há de receber dele poder, força, doutrina e afirma que se deve receber tudo do Pai. Ao declarar que tudo o que o Pai tem é seu e que, por isso, disse que há de receber do que é seu, ensina que o que se deve receber do Pai se recebe dele mesmo, porque tudo o que é do Pai é dele. Nessa unidade não há diversidade. De quem se recebe, não faz diferença, porque o que é dado pelo Pai deve ser considerado como dado pelo Filho. Agora também vai-se apelar para a unidade de vontade? Tudo o que é do Pai é do Filho e tudo o que é do Filho é do Pai, pois Ele mesmo disse: *tudo que é meu é teu e tudo que é teu é meu* (Jo 17,10). Ainda não é este o lugar de mostrar por que disse: *receberá do que é meu* (Jo 16,14). Trata-se de uma alusão a um tempo futuro, já que mostra o Espírito como aquele que há de receber. Diz que receberá dele porque tudo o que é do Pai é seu. Divide, se puderes, a unidade desta natureza e conclui, se fores capaz, haver necessidade de alguma dessemelhança pela qual o Filho não exista na unidade de natureza com o Pai. O Espírito da verdade procede do Pai, porém é enviado pelo Filho enviado pelo Pai. Tudo o que é do Pai é do Filho, e o que há de ser enviado recebe tudo do Filho, porque tudo que é do Filho é do Pai. A natureza cumpre em todas as coisas a sua própria lei, e a mesma divindade, num e noutro, pela geração e o nascimento, indica que os dois são Um, pois o Filho afirma que Ele há de dar o que o Espírito da verdade há de receber do Pai. Não se pode aceitar que a maldade dos hereges permita uma interpretação ímpia e não confesse que esta palavra do Senhor diz respeito à unidade da natureza divina, visto que Ele diz que tudo o que é do Pai é seu e que, por Ele, o Espírito da verdade receberá dele.

21. Deixemos falar aquele que é vaso de eleição e doutor das gentes, que, depois de ter louvado a fé do povo romano por sua concepção da verdade, querendo ensinar a natureza única do Pai e do Filho, diz: *Vós não estais na carne, mas no Espírito, se é verdade que o Espírito de Deus habita em vós, pois*

quem não tem o Espírito de Cristo não pertence a Ele. Se, porém, Cristo está em vós, o corpo está morto, pelo pecado, mas o Espírito é vida, pela justiça. E se o Espírito daquele que ressuscitou Jesus dentre os mortos habita em vós, aquele que ressuscitou Cristo Jesus dentre os mortos dará vida também a vossos corpos mortais, por meio do seu Espírito que habita em vós (Rm 8,9-11). Se o Espírito de Deus está em nós, somos todos espirituais. O Espírito de Deus é também o Espírito de Cristo. Se o Espírito de Cristo está em nós, o Espírito que ressuscitou Cristo dentre os mortos está em nós e vivificará nossos corpos mortais, por causa do seu Espírito que habita em nós. Somos vivificados, portanto, por causa do Espírito de Cristo que habita em nós e por Aquele que ressuscitou Cristo dentre os mortos. O Espírito daquele que ressuscitou Cristo dentre os mortos está em nós e em nós está o Espírito de Cristo, sem que o que está em nós deixe de ser Espírito de Deus. Separa então, ó herege, o Espírito de Cristo do Espírito de Deus, o Espírito de Cristo ressuscitado dentre os mortos do Espírito de Deus que ressuscita Cristo dentre os mortos, já que o Espírito de Cristo que habita em nós é o Espírito de Deus, e o Espírito de Cristo ressuscitado dentre os mortos é também o Espírito de Deus que ressuscita Cristo dentre os mortos.

22. Pergunto agora se crês que a expressão *Espírito de Deus* significa uma natureza ou uma realidade que pertence à natureza, pois uma realidade que pertence à natureza não é a mesma coisa que a natureza, assim como o homem e o que pertence ao homem não são a mesma coisa, e o que pertence ao fogo não é o próprio fogo. De acordo com isso *Deus e o que é de Deus* não são a mesma coisa.

23. Recordo que, com a expressão *Espírito de Deus*, se designa o *Filho de Deus*, para que se possa entender que nele se mostrou Deus Pai. Assim, a expressão *Espírito de Deus* pode designar qualquer um dos dois. Isto se demonstra, não só com a autoridade dos Profetas, mas também com a dos Evangelhos, quando se diz: *o Espírito do Senhor está sobre mim* (Lc 4,18) e ainda: *Eis o meu Servo a quem escolhi, o meu Amado, de quem minha alma se agrada. Porei o meu Espírito sobre ele e ele anunciará o Direito às nações* (Mt 12,18). O próprio Senhor dá testemunho a respeito de si mesmo: *Se é pelo Espírito de Deus que eu expulso os demônios, então o Reino de Deus já chegou a vós* (Mt 12,28). Estas palavras parecem referir-se, sem ambigüidade, ao Pai e ao Filho, manifestando, embora, a força da natureza.

24. Penso que se falou de *Espírito de Deus* com referência seja a uma pessoa, seja a outra para que não se pense que o Filho está no Pai e o Pai no Filho como acontece com os seres corpóreos, isto é, para que não parecesse que, quando Deus estivesse num lugar, estivesse fora de si mesmo em qualquer outro. Quando o homem (ou qualquer outro ser semelhante a ele) está num lugar, não pode estar em outro porque o que está em um lugar se acha contido onde está. É demasiado fraco por natureza para poder estar em toda parte. Deus, porém, é poder vivente, dotado de força imensa, não está ausente em nenhuma parte, não deixa de estar em nenhum lugar, manifesta-se inteiramente por meio do que é seu e revela que o seu não é diferente dele mesmo, de modo que se deve entender que, onde está o que é seu, Ele mesmo está, porém não da mesma forma que as coisas corpóreas. Não se pode crer que, porque está em um lugar não esteja também em toda parte, pois, pelo que é seu, não deixa de estar em todas as coisas e o que é seu não é diferente do que Ele mesmo é. Tudo isto foi dito para que se entenda o que é a natureza.

25. Creio que se deve entender que, com a expressão *Espírito de Deus*, se indica Deus Pai, porque o Senhor Jesus Cristo afirmou que o Espírito de Deus está sobre Ele e, por isso, o unge e o envia a evangelizar. O poder da natureza do Pai se manifesta nele quando mostra a comunhão do Filho, nascido da carne pelo mistério da unção com o Espírito, em sua natureza. Uma vez consumado o nascimento batismal, ouviu-se a revelação desta condição de Jesus pela voz do céu que testificava: *Tu*

és o meu Filho bem-amado; eu hoje te gerei (Lc 3,22). Não se deve pensar nem que o Pai pairasse sobre si mesmo, nem que, vindo do céu, estivesse presente em si mesmo, nem que se chamasse a si mesmo de Filho, mas, sim que tudo isso foi uma demonstração para nossa fé, a fim de que se conhecesse sob o mistério do perfeito nascimento a unidade da natureza do Filho que também começou a ser Homem. Vemos assim que, com as palavras *Espírito de Deus*, se indica o Pai; vemos também que o Filho é assim designado, quando diz: *mas se é pelo Espírito de Deus que eu expulso os demônios, então o Reino de Deus já chegou a vós* (Mt 12,28). Mostra assim que, pelo poder da sua natureza, lança fora os demônios que só podem ser expulsos pelo Espírito de Deus. Também com esta expressão *Espírito de Deus* se designa o Espírito Paráclito, o que é confirmado, tanto pelos Profetas como pelos Apóstolos, pois foi dito: *Sucedará nos últimos dias, diz o Senhor, que derramarei o meu Espírito sobre toda carne. Vossos filhos e vossas filhas hão de profetizar, vossos jovens terão visões e vossos velhos hão de ter sonhos* (At 2,17). Tudo isso foi realizado nos Apóstolos, quando, depois que o Espírito Santo foi enviado, falaram as línguas dos gentios.

26. Era necessário mostrar estas coisas para que a falsidade herética, onde quer que se refugiasse, fosse encurralada pelas barreiras e limites da verdade evangélica. Cristo habita em nós e, habitando Cristo, habita Deus. Porque o Espírito de Cristo habita em nós, não habita em nós nenhum outro espírito, a não ser o de Deus. Se compreendemos que, por meio do Espírito Santo, Cristo habita em nós, o Espírito de Deus deve ser reconhecido como Espírito de Cristo. Uma vez que, pela realidade que pertence à natureza, habita em nós a natureza mesma, deve-se crer que a natureza do Filho não é diferente da natureza do Pai, pois o Espírito Santo, que é o Espírito de Cristo e o Espírito de Deus, aparece como realidade de uma única natureza. Por isso pergunto agora: como não seriam um por natureza? O Espírito da verdade procede do Pai, é enviado pelo Filho e recebe do Filho, porém, como tudo o que o Pai tem é do Filho, o Espírito que recebe dele é o Espírito de Deus e Ele mesmo é o Espírito de Cristo. É uma realidade da natureza do Filho, porém é a mesma realidade da natureza do Pai. É o Espírito do que ressuscita Cristo dentre os mortos, mas é também o Espírito de Cristo ressuscitado dentre os mortos. A natureza de Cristo e a natureza de Deus seriam diferentes, de alguma maneira, e não seriam a mesma se fosse possível demonstrar que o Espírito de Deus não é também de Cristo.

27. O Apóstolo, que tem a Cristo como fundamento da fé, te constrange e te põe em dificuldade, ó herege enraivecido que te deixas envolver pelo espírito de uma doutrina mortífera, pois ele não ignora esta palavra do Senhor: *Se alguém me ama, guardará minha palavra e meu Pai o amará, e viremos a ele e nele estabeleceremos morada* (Jo 14,23). Atesta com isso que, se o Espírito de Cristo está em nós, o Espírito de Deus permanece em nós e que o Espírito do que ressuscitou dentre os mortos não é diferente do Espírito daquele que o ressuscitou dentre os mortos. Eles vêm e habitam em nós. Pergunto se farão morada em nós como companhia diferente ou na unidade de sua natureza. O Doutor das gentes insiste dizendo que o Espírito de Deus e o Espírito de Cristo não são dois, mas que é o Espírito de Cristo que é também o Espírito de Deus que habita nos crentes. Não se trata da coabitação, mas da habitação. Sob o mistério da coabitação está a habitação de um só, pois não são dois que habitam, e um habitante não é distinto do outro. O Espírito de Deus está em nós, porém também está em nós o Espírito de Cristo e, se está o Espírito de Cristo, está o Espírito de Deus. Assim, já que o que é de Deus é também de Cristo e o que é de Cristo é também de Deus, Cristo não pode ser diferente daquilo que Deus é. Cristo, portanto, é Deus e é um só Espírito com Deus.

28. O Apóstolo ensina que a frase evangélica: *Eu e o Pai somos um* (Jo 10,30) indica a unidade da natureza, não a solidão de uma única pessoa, quando escreve aos Coríntios: *Por isto, eu vos declaro*

que ninguém, falando com o Espírito de Deus, diz: ‘Anátema seja Jesus’ e ninguém pode dizer: ‘Jesus é Senhor’ a não ser no Espírito Santo (1Cor 12,3). Sabes agora, ó herege, em virtude de que Espírito dizes que Cristo é uma criatura? Pois se os que serviram à criatura, mais do que ao Criador, são malditos, deves compreender o que tu és quando professas que Cristo é uma criatura, tu que não ignoras que o culto que se presta às criaturas é maldito. Presta atenção ao que vem a seguir: *ninguém pode dizer: ‘Jesus é Senhor’ a não ser no Espírito Santo* (1Cor 12,3). Não percebes o que te falta quando negas a Cristo o que é dele? Se, para ti, Cristo é teu Senhor pela natureza divina, tens o Espírito Santo, mas se pensas que é Senhor por ter recebido um nome por adoção, não tens o Espírito Santo e és animado pelo espírito do erro, pois *ninguém pode dizer: ‘Jesus é Senhor’ a não ser no Espírito Santo*, e tu, que dizes que, em vez de ser Deus, é criatura, embora o chames de Senhor, não afirmas que o seja, pois, para ti, é um senhor como outros, no sentido habitual da palavra, e não o é por sua natureza. Aprende, pois, de Paulo, qual é a sua natureza.

29. Paulo continua: *Há diversidade de dons, mas o Espírito é o mesmo; diversos modos de ação, mas é o mesmo Deus que realiza tudo em todos. Cada um recebe o dom de manifestar o Espírito para a utilidade de todos* (1Cor 12,4-7). Reconhecemos nesta passagem quatro afirmações: na diversidade de dons há um mesmo Espírito, na diversidade de serviços há um mesmo Senhor, na diversidade de operações há o mesmo Deus e na doação para a utilidade comum há uma manifestação do Espírito. Para que reconhecêssemos que na manifestação do Espírito há uma doação do que é útil, a seguir foi acrescentado: *a um o Espírito dá a mensagem da sabedoria; a outro, a palavra da ciência segundo o mesmo Espírito; a outro, o mesmo Espírito dá a fé; a outro ainda o único e mesmo Espírito concede o dom das curas; a outro, o poder de fazer milagres; a outro a profecia, a outro, o discernimento dos espíritos; a outro, o dom de falar em línguas; a outro ainda, o dom de as interpretar* (1Cor 12,8-10).

30. O que aparece em quarto lugar, a saber, a manifestação do Espírito na doação do que é útil, se entende com toda clareza, pois se recordou por meio de que dons se dá a manifestação do Espírito. Em meio à diversidade de dons, aparece, sem dúvida nenhuma, aquele dom do que o Senhor falou aos Apóstolos, quando mandou que não saíssem de Jerusalém: *No decurso duma refeição da qual participou, ordenou-lhes que não se afastassem de Jerusalém, mas que esperassem a realização da promessa do Pai, a qual, disse ele, “ouvistes da minha boca”. Mas o Espírito Santo descerá sobre vós e dele receberéis força. Sereis, então, minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judéia e Samaria, e até os confins da terra*” (At 1,4.8). Ordena que esperem a promessa do Pai que foi ouvida de seus lábios. Também agora se trata, certamente, da promessa do Pai, e, através dessas obras de poder, dá-se a manifestação do Espírito, pois não está oculto o dom do Espírito quando se ouvem as palavras de sabedoria e de vida e quando se dá a ciência do conhecimento divino para que, ignorando a Deus, não ignoremos, como os animais, o Autor de nossa vida. O dom do Espírito não está oculto na fé em Deus, para que não estejamos fora do Evangelho de Deus, por não termos acreditado no Evangelho: nem também no dom das curas, para que demos testemunho da graça daquele que concede estas coisas, com a cura das doenças; nem no poder de fazer milagres, para que se compreenda que o que fazemos é força de Deus; nem na profecia, para que, com o nosso conhecimento da doutrina, se conheça que fomos ensinados por Deus; nem no discernimento dos espíritos, para que não sejamos inábeis para julgar se alguém fala em espírito bom ou mau; nem na variedade de línguas, de tal modo que o falar em línguas nos seja concedido como sinal de que o Espírito Santo foi dado; nem na interpretação das línguas, para que não se ponha em risco a fé dos ouvintes, por causa da ignorância, pois o intérprete explica a língua aos que ignoram. Em todas essas coisas, distribuídas a cada um para utilidade, é dada a manifestação do Espírito. Por tais dons maravilhosos, dados a cada um para utilidade, manifesta-se o

dom do Espírito.

31. Quando o santo Apóstolo Paulo falou dos mistérios celestiais, ocultos e difíceis para a compreensão humana, manteve, ao mesmo tempo, a clareza da exposição e uma prudência cautelosa, mostrando que os diversos dons são dados no Espírito e pelo Espírito (pois não é a mesma coisa serem dados pelo Espírito e no Espírito), porque o dom que se recebe no Espírito é dado por meio do Espírito. E assim conclui o Apóstolo sua exposição sobre os diferentes dons: *Mas isso tudo, é o único e mesmo Espírito que o realiza, distribuindo a cada um os seus dons, conforme lhe apraz* (1Cor 12,11). Por isso, pergunto: que Espírito opera essas coisas distribuindo-as a cada um conforme lhe apraz, o Espírito pelo qual se faz a distribuição dos dons ou o Espírito no qual ela se faz? Se alguém se atrever a dizer que se trata da indicação do mesmo Espírito, o Apóstolo contradirá o leitor que o interpreta de maneira errada, pois antes já dissera: *Há diversas operações, mas é o mesmo Deus que opera tudo em todos* (1Cor 12,6). Um é o que distribui e outro é Aquele no qual é feita a distribuição. Deves entender que é Deus que sempre opera, porém de tal maneira que Cristo opera, e o Filho, ao operar, realiza a ação do Pai. Se, no Espírito Santo, confessas a Jesus como Senhor, deves entender o valor da tríplice indicação do Apóstolo, pois na diversidade de dons há um mesmo Espírito, na diversidade de ministérios, é o mesmo Senhor, na diversidade de operações, é o mesmo Deus. O mesmo Espírito realiza todas as coisas, distribuindo-as a cada um conforme lhe apraz. Compreende, se puderes, que o Senhor, na diversidade dos ministérios, e Deus, na diversidade de operações, são um e o mesmo Espírito que opera e distribui conforme lhe apraz, porque na distribuição de dons é um só e o mesmo Espírito que opera e distribui.

32. Se não aceitas, em Deus e no Senhor, pelo mistério do nascimento, este único Espírito da divindade, mostra que Espírito opera e reparte entre nós esta diversidade de dons e em que Espírito se realiza isto. Não poderás mostrar nada diferente daquilo que pertence à nossa fé, porque o Apóstolo mostra a quem se refere quando diz: *o corpo é um e, não obstante, tem muitos membros, mas os membros do corpo, apesar de serem muitos, formam um só corpo. Assim também acontece com Cristo* (1Cor 12,12). Indica que os diversos carismas vêm do único Senhor Jesus Cristo, que é o corpo de todos, pois, ao mostrar o Senhor no ministério, mostrou também a Deus nas operações e ensinou que um só Espírito opera e distribui todas as coisas dividindo as graças para a perfeição dos membros de um só corpo.

33. Talvez penses que o Apóstolo não levou em conta a unidade quando disse: *há diversidade de ministérios, mas um mesmo Senhor* (1Cor 12,5), pois referiu os ministérios ao Senhor e as operações a Deus. Pode parecer que não pense em um e o mesmo quando fala dos ministérios e das operações. Observa, porém, como os membros que exercem os ministérios são os mesmos que realizam as operações: *vós sois o corpo de Cristo e sois os seus membros, cada um por sua parte. E aqueles que Deus estabeleceu na Igreja são, em primeiro lugar, os apóstolos, nos quais está a palavra da sabedoria, em segundo lugar, os profetas, nos quais está o dom da ciência, em terceiro lugar, os doutores, nos quais está a doutrina da fé... Vêm, a seguir, os dons dos milagres* (1Cor 12,27-28). Entre esses dons estão a cura das doenças, o poder da assistência e de governar profeticamente e os dons de falar e de interpretar diversas línguas. Estes são ministérios e operações da Igreja e neles está o corpo de Cristo. Tudo isso foi estabelecido por Deus, mas talvez afirmes que não foi estabelecido por meio de Cristo, porque foi Deus que estabeleceu. Escuta, porém, o mesmo Apóstolo: *a cada um de nós foi dada a graça, segundo a medida do dom de Cristo* (Ef,4,7), e: *o que desceu é também o que subiu, acima de todos os céus, a fim de levar à plenitude todas as coisas. A uns ele deu ser apóstolos, a outros, profetas, a outros, evangelistas, a outros pastores e doutores para a perfeição dos santos na*

obra do ministério (Ef 4,10-12). Acaso os ministérios não são dons de Cristo, embora sejam também dons de Deus?

34. Se a heresia se baseia no fato de Paulo ter dito *o mesmo Senhor e o mesmo Deus* (1Cor 12,5-6), para afirmar que não há neles unidade de natureza, acrescentarei a esta interpretação argumentos que tu consideras mais consistentes, pois o mesmo Apóstolo diz: *para nós, contudo, existe um só Deus, o Pai, de quem tudo procede e para quem nós somos, e um só Senhor, Jesus Cristo, por quem tudo existe e por quem nós somos* (1Cor 8,6), e: *há um só Senhor, uma só fé, um só batismo; há um só Deus e Pai de todos, que é sobre todos, por meio de todos e em todos* (Ef 4,5-6). Ao dizer *um só Deus e um só Senhor*, parece que atribui só a Deus Pai, como Deus único, o ser propriamente Deus, pois o que é próprio a um só não admite a participação de outro. Como são raros e difíceis de obter os dons carismáticos e a manifestação do Espírito na concessão desses bens úteis para todos, a ordem nas graças que se distribuem mantém-se, de modo que a primeira seja a palavra da sabedoria porque é verdadeira esta afirmação: *ninguém pode dizer: "Jesus é Senhor" a não ser no Espírito Santo* (1Cor 12,3) e não se pode entender que Cristo seja o Senhor, senão por meio da palavra de sabedoria. Vem depois a palavra da ciência, para que possamos falar do que sabemos com conhecimento. Em terceiro lugar, vem o dom da fé, porque os dons principais e mais elevados perderiam sua utilidade se não se acreditasse que Jesus é Deus. Fundamentados no ensinamento contido nessas belas palavras do Apóstolo, podemos concluir que os hereges não têm a palavra da sabedoria nem da ciência nem têm a fé que corresponde à verdadeira religião. A heresia, incapaz de entendimento, está longe do conhecimento da palavra e da simplicidade da fé, pois ninguém pode falar do que não sabe nem acreditar naquilo de que não pode falar. O Apóstolo, que vinha da Lei e foi chamado para o Evangelho de Cristo, ao anunciar um só Deus, manteve a profissão da perfeita fé. E para que a simplicidade de uma linguagem, que poderemos chamar de incauta, não desse aos hereges nenhuma ocasião para negar o nascimento do Filho, por causa da pregação do Deus único, professou a fé no Deus único mencionando o que lhe é próprio: *um só Deus, o Pai, de quem tudo procede e para quem nós somos* (1Cor 8,6), a fim de que se acreditasse que é Pai Aquele que é Deus. Visto que acreditar unicamente em Deus Pai não basta para a salvação, acrescentou: *e um só Senhor, Jesus Cristo, por quem tudo existe e por quem nós somos* (1Cor 8,6). Mostrou assim a pureza da fé salvífica, na pregação de um só Deus e de um só Senhor, para que se acredite em um só Deus Pai e um só Senhor Jesus Cristo, pois não ignorava que o Senhor tinha dito: *esta é a vontade de meu Pai: quem vê o Filho e nele crê tem a vida eterna* (Jo 6,40). Para estabelecer o sentido da fé da Igreja e fundamentar nossa fé no Pai e no Filho expressou o mistério da unidade e da fé inseparável e indivisível dizendo: *um só Deus e um só Senhor* (1Cor 8,6). Reconhece, antes de tudo, tua insensatez, ó herege, que vives afastado do espírito dos Apóstolos, pois usas a confissão de um só Deus para que Cristo não seja considerado Deus. Visto que, para ti, onde há um só, deve-se entender um solitário e que ser único é uma característica própria e exclusiva do que é um só, qual será tua opinião a respeito de ser Jesus Cristo o único Senhor? Para ti, o fato de ser o Pai um só não permite que Cristo seja Deus. Por isso, em tua opinião, o fato de Jesus Cristo ser o único Senhor impede necessariamente que Deus seja Senhor, já que queres que o ser único seja próprio do que é um só. Assim, negando que o único Senhor Jesus seja também Deus, negarás igualmente que o único Deus Pai seja também Senhor. Portanto, que poder terá Deus, se não é Senhor, e que força terá o Senhor, se não é Deus, já que o ser Senhor aperfeiçoa o ser Deus, e o ser Deus é o fundamento do ser Senhor?

35. O Apóstolo se mantém fiel ao mistério da palavra do Senhor: *Eu e o Pai somos Um* (Jo 10,30). Enquanto professa que os dois são a mesma coisa, dá a entender que são Um, não na solidão de uma

única pessoa, mas na unidade do Espírito, pois há um só Deus Pai e um só Cristo Senhor e um e outro são Deus e Senhor. Contudo, nossa fé não admite que haja dois deuses e dois senhores. Um e outro são um só e, sendo um só, nenhum dos dois está só. Não podemos expressar o mistério da fé, senão com a palavra apostólica: *há um só Deus e um só Senhor*. Precisamente porque há um só Deus e um só Senhor, fica claro que em Deus está o ser Senhor como no Senhor está o ser Deus. Não se deve sustentar a unicidade de pessoa, de tal modo que Deus seja solitário, mas também não se pode dividir o Espírito, de tal modo que um e outro não sejam um só Deus. Não se pode separar o poder do único Deus e do único Senhor, como se Aquele que é Senhor não fosse também Deus, e o que é Deus não fosse também Senhor. Quando mencionou estes nomes, o Apóstolo teve o cuidado de não pregar nem dois deuses nem dois senhores e serviu-se deste modo de propor a doutrina para mostrar o único Deus também no único Senhor Cristo e o único Senhor também no único Deus Pai. Professou a fé no Pai e em Cristo para não nos induzir à ímpia confissão da unicidade de pessoa e à negação do nascimento do Deus Unigênito.

36. Talvez a loucura de quem se encontra no último grau do desespero ouse afirmar que, embora o Apóstolo tenha dito que Cristo é Senhor, ninguém deve confessá-lo mais do que como Senhor e que, possuindo a qualidade de Senhor, Ele não tem a verdadeira condição de Deus. Paulo, porém, mostra não ignorar que Cristo seja Deus quando diz: *aqueles aos quais pertencem os patriarcas, e dos quais descende o Cristo, segundo a carne, que é, acima de tudo, Deus bendito pelos séculos* (Rm 9,5). Aqui não se trata de considerar que uma criatura seja Deus, mas de afirmar que o Deus das criaturas é Deus acima de todas as coisas.

37. Aprende também, por estas mesmas palavras, que Jesus é Deus sobre todas as coisas, inseparável do Pai no Espírito, pois o Apóstolo confessou a *um só Deus Pai do qual tudo procede e um só Senhor, Jesus Cristo, por meio do qual tudo existe* (1Cor 8,6). Pergunto: que diversidade na natureza introduziu ao dizer que tudo procede de Deus e tudo foi feito por meio de Cristo? Acaso podem considerar-se como separáveis entre si, na natureza e no Espírito, Aquele de quem tudo procede e Aquele por meio de quem tudo foi feito? Tudo recebeu, do nada, a sua consistência, por meio do Filho, e o Apóstolo disse de Deus: *do qual tudo procede*, e, do Filho: *por meio do qual tudo existe*. Não posso compreender que diferença pode haver quando a obra realizada por um e outro é realizada pelo mesmo poder. Se, para explicar a subsistência do universo, bastasse dizer que as criaturas procedem de Deus, que necessidade haveria de lembrar que o que procede de Deus foi feito por meio de Cristo, se não fosse a mesma coisa existir por meio de Cristo e proceder de Deus? Como os nomes *Senhor* e *Deus* se atribuem a cada um, de modo a pertencerem aos dois, igualmente as expressões *do qual* e *por meio do qual* se referem aos dois. Isto indica a unidade de um e de outro, mas não significa que se deva entender um singular. Suas palavras não oferecem ocasião à impiedade. A fé apostólica é objeto de uma pregação cuidadosa, limitando-se o Apóstolo a empregar palavras que não permitissem pensar que falava de dois deuses ou de um Deus solitário. Enquanto recusa a unicidade de pessoa, não divide a unidade divina, pois as palavras *do qual tudo procede* e *por meio do qual tudo existe* não permitem que se pense em um ser singular na força de seu poder, mas também não falam de dois seres diversos na sua eficiência. As palavras *do qual* e *por meio do qual* indicam um Criador de uma única natureza para todo o universo. O Apóstolo manifestou claramente que a mesma natureza é própria dos dois e, depois de ter proclamado a profundidade da riqueza e sabedoria de Deus e de ter confessado a impossibilidade de compreender seus juízos inescrutáveis e de ter mostrado a ignorância de seus caminhos impenetráveis, reconhecendo a obrigação da fé humana, rendeu homenagem à profundidade dos mistérios celestes impenetráveis e inescrutáveis dizendo: *porque tudo é dele, por Ele e para Ele*. A

Ele a glória pelos séculos! Amém (Rm 11,36). Com estas palavras, Paulo atribui à unidade de natureza o que só pode ser a obra de uma única natureza.

38. Paulo atribuiu especialmente a Deus as palavras: *do qual tudo procede*, e referiu a Cristo a expressão: *por meio do qual tudo existe*. O fato de *dele, por Ele e para Ele* existirem todas as coisas, é motivo para honrar a Deus. Como o Espírito de Deus é o mesmo que o Espírito de Cristo e como, no ministério do Senhor e na atuação de Deus, o único Espírito opera e reparte os dons, é necessário que sejam um só aqueles que têm como próprio o que pertence a um só, pois o Espírito, que é o mesmo, repartindo seus dons no mesmo Espírito Santo, leva à perfeição todas as coisas. Aquele que foi arrebatado e eleito para ser participante dos segredos de Deus foi digno de conhecer os grandes mistérios celestiais, mas guardou o devido silêncio sobre aquelas coisas de que não se pode falar. Foi verdadeiramente Apóstolo de Cristo, aquele que soube refutar os argumentos engenhosos da perversidade humana com palavras claras, ao confessar um só Deus Pai e um só Senhor Jesus Cristo, para que ninguém possa confessar dois deuses ou uma só pessoa, porque o que não é uma única pessoa não pode converter-se em dois deuses nem os que não são dois podem ser considerados como um solitário, e a revelação de Deus Pai revela, ao mesmo tempo, a perfeita natividade de Cristo.

39. Mostrai agora vossas línguas que vibram sibilando, ó serpentes heréticas, quer sejais Sabélio, Fotino, ou os que agora ensinai que o Deus Unigênito é uma criatura. Que aquele que nega o Filho escute, agora, as palavras *um só Deus Pai*, e, porque o Pai não pode ser Pai, a não ser que tenha um Filho, e porque já se menciona o Filho, quando se diz *Pai*, saiba, quem nega ao Filho a unidade da natureza com o Pai, que existe um só Senhor Jesus Cristo, pois, se não há um só Senhor, pela unidade do Espírito, não se admite que Deus Pai seja Senhor. Aquele que pensa que o Filho procede do tempo e da carne fique sabendo que é por Ele que tudo existe e que é por Ele que nós existimos (cf. 1Cor 8,6), e que sua imensidade atemporal cria todas as coisas, fora do tempo. Lembre-se de que é uma a esperança da vocação, um o batismo e uma a fé (cf. Ef 4,4-5). Depois de tudo isso, ao opor-se à pregação do Apóstolo, faz-se, ele mesmo, anátema, porque, pensando de modo diferente, segundo seu próprio modo de sentir, não é nem chamado, nem batizado, nem fiel, porque uma só é a fé da única esperança e um só é o batismo no único Deus Pai e no único Jesus Cristo. As diferentes doutrinas não poderão gloriar-se de ter seu fundamento nesta verdade: um só Deus, um só Senhor, uma só esperança, um só batismo e uma só fé.

40. A fé é uma só e consiste em confessar o Pai no Filho e o Filho no Pai, em virtude da unidade inseparável da sua natureza inconfusa e indivisa, que não é resultado de uma mistura, mas é indiferenciada, não por justaposição, mas em virtude de seu ser original, não inacabada, mas perfeita. Trata-se de um nascimento, não de uma divisão. O Filho é realmente Filho, não há adoção. O Filho é Deus, não criatura. Não é um Deus de outro gênero, mas o Pai e o Filho são Um. A natureza não se modificou no que nasce de modo a adquirir características diferentes daquelas da sua origem. O Apóstolo mantém a fé no Filho que permanece no Pai e no Pai que está no Filho, quando afirma que, para ele, não há senão um só Deus Pai e um só Senhor Jesus Cristo. No Senhor Jesus Cristo está também Deus e em Deus Pai está também o Senhor, e um e outro são um só Deus, como um e outro são um só Senhor. Considerar-se-ia uma imperfeição para Deus não ser Senhor e para o Senhor não ser Deus. Visto que os dois são Um, a unidade de natureza se expressa nos nomes dos dois, e nenhum dos dois existe sem a unidade. Em seu ensinamento, o Apóstolo não vai além da pregação evangélica. Cristo, quando fala em Paulo, não diz coisas diferentes das que disse quando permanecia no mundo em forma corporal.

41. Pois o Senhor havia dito nos Evangelhos: *Trabalhai, não pelo alimento que perece, mas pelo que*

perdura até a vida eterna, que o Filho do Homem vos dará, pois Deus, o Pai, o marcou com um selo. A obra de Deus é que acrediteis naquele que Ele enviou (Jo 6,27.29). O Senhor, ao explicar o mistério da encarnação e de sua divindade, revelou a doutrina de nossa fé e de nossa esperança: que não trabalhássemos pelo alimento que perece, e sim pelo que permanece para sempre, que nos lembrássemos de que o alimento de eternidade nos é dado pelo Filho do Homem, que soubéssemos que o Filho do Homem foi assinalado por Deus Pai e que conhecêssemos que a obra de Deus consiste em acreditar naquele que o Pai enviou. Quem é Aquele que o Pai enviou? Certamente Aquele a quem Deus assinalou. E que é Aquele que o Pai assinalou? O Filho do Homem, ou seja, o que dá alimento para a vida eterna. E quem são aqueles a quem é dado este alimento? São os que trabalham pelo alimento que não perece. Assim, o trabalho por este alimento é a mesma obra de Deus, isto é, acreditar naquele que enviou. Porém isto é o Filho do Homem quem o diz. E como dará o Filho do Homem o alimento da vida eterna? Ignora o mistério de sua salvação, quem ignora que o Filho do Homem, que dá o alimento para a vida, foi assinalado por Deus Pai. Pergunto agora em que sentido se deve entender que o Filho do Homem foi assinalado por Deus Pai.

42. Antes de tudo, é preciso saber que Deus, falando, não para si mesmo, mas para nós, em tudo adaptou suas palavras à nossa compreensão, para que a inteligência própria de nossa natureza pudesse apreender o que dizia. Tinha sido censurado antes pelos judeus porque se fazia igual a Deus, ao afirmar que era Filho de Deus. Respondera então que fazia tudo o que o Pai fazia, tendo recebido do Pai todo poder para julgar. Afirmara ainda que Ele também devia ser honrado como o Pai. Em todas essas afirmações, depois de ter dito que era o Filho, igualara-se ao Pai em honra, poder e natureza e dissera que, como o Pai tinha a vida em si mesmo, tinha dado ao Filho a capacidade ter a vida em si mesmo. Indicou, com isso, a natureza que possui pelo mistério de seu nascimento. Ao falar daquilo que o Pai tem, quis dizer que Ele tem o próprio Pai, porque Deus não existe como um ser composto, à maneira dos homens, de modo que haja nele diferença entre o que possui e o que é possuído. Tudo o que Ele é, é vida, natureza perfeita, completa, infinita, não formada por coisas díspares, mas vivendo, ela mesma, em todo o seu ser. Esta natureza se dá tal como é possuída e, embora isto signifique o nascimento daquele ao qual foi dada, não implica diversidade na substância, já que a natureza é dada tal como é possuída.

43. Depois desta explicação tão longa, própria para demonstrar que Ele possui a natureza do Pai, pronunciou estas palavras: *pois Deus, o Pai, o marcou com um selo* (Jo 6,27). É próprio dos selos reproduzir a imagem impressa neles, sem perder nada da figura impressa. Ao mesmo tempo que recebem o que neles se imprime, imprimem, a partir de si mesmos, tudo o que neles está gravado. Certamente, este exemplo não é próprio para explicar o nascimento divino, porque nos selos há uma matéria prévia, uma diferença de substâncias e um ato de imprimir mediante os quais as imagens formadas por materiais mais consistentes se imprimem em outros mais frágeis, porém o Filho Unigênito, que é também Filho do Homem, pelo mistério de nossa salvação, querendo revelar-nos que possui em si a imagem da essência do Pai, disse que foi assinalado por Deus. Porque o Filho do Homem ia dar o alimento da vida eterna, disse isso para que se pudesse entender que Ele tinha o poder de dar o alimento da eternidade, porque possuía em si a plenitude da imagem do Deus Pai que o assinalou. Aquele a quem Deus assinalou com o seu selo não manifestava outra coisa de si mesmo senão a forma do Deus que o havia assinalado. O Senhor disse tudo isso aos judeus que, por causa de sua infidelidade, eram incapazes de compreender suas palavras.

44. O Pregador do Evangelho explica, pelo Espírito de Cristo que fala por ele, o que Jesus possui: *Ele tinha a condição divina, e não considerou o ser igual a Deus como algo a que se apegar ciosamente.*

Mas esvaziou-se a si mesmo e assumiu a condição de servo (Fl 2,6-7). Aquele que Deus tinha assinalado não podia ser outra coisa senão forma de Deus, e o que foi assinalado na forma de Deus deve ter em si, necessariamente, tudo o que é de Deus. Por isso o Apóstolo proclamou que Aquele que Deus marcou com o seu selo permanece na forma de Deus. Ao falar do mistério do corpo assumido por Ele, no qual nasceu, diz: *não considerou o ser igual a Deus como algo a que se apegar ciosamente. Mas esvaziou-se a si mesmo, e assumiu a condição de servo* (Fl 2,7). Existindo na forma de Deus porque Deus o tinha assinalado com o seu selo, permanecia Deus. Como tinha de assumir a forma de servo e ser obediente até a morte, sem se apegar ciosamente a ser igual a Deus, despojou-se de si mesmo para assumir forma de servo, por sua obediência. Despojou-se da forma de Deus, isto é, de sua igualdade com Deus, pensando que não tinha de reter para si o ser igual a Deus, mesmo existindo na forma de Deus e sendo igual a Deus, selado como Deus, por Deus.

45. Pergunto se o que permanece como Deus, na forma de Deus, é um Deus de outro gênero, como vemos nos selos, quer se trate das imagens que são gravadas, quer se trate das que resultam da gravação, como acontece com o ferro aplicado sobre o chumbo, a pedra preciosa sobre a cera modelando a forma da imagem impressa ou reproduzindo o que está em relevo. Haverá alguém tão insensato e estulto a ponto de acreditar que Deus modela a partir de si mesmo algo distinto de Deus, para que seja Deus, e o que existe na forma de Deus seja algo totalmente distinto de Deus, depois dos mistérios da assunção da humanidade e da humildade consumada pela obediência até a morte de cruz? Ouça, então, tudo o que há nos céus, na terra e nos infernos e toda língua confessar que Jesus Cristo está na glória de Deus Pai. (Cf. Fl 2,11.) Se vai permanecer nesta glória, depois de sua forma ter sido a de servo, pergunto que condição tinha quando estava na forma de Deus. Acaso Cristo Espírito não existia na natureza de Deus, se Jesus Cristo, nascido como Homem, permanecerá na glória de Deus Pai?

46. O bem-aventurado Apóstolo mantém em tudo a pregação imutável da fé evangélica e confessa que o Senhor Jesus Cristo é Deus de tal maneira que nem se elimina a fé apostólica, a ponto de confessar dois deuses, nem se considera Jesus Cristo como um Deus de outro gênero. A existência de Deus Filho, inseparável do Pai, não dá ocasião à impiedade, para que anuncie um Deus único e solitário, pois ao dizer *na forma de Deus* (Fl 2,6) e *na glória de Deus Pai* (Fl 2,11), Paulo ensina que não há diferença entre o Pai e o Filho e, ao mesmo tempo, impede que se julgue não ter o Filho existência pessoal, já que o que existe na forma de Deus não se converte em outro Deus nem deixa de ser Deus, porque não pode separar-se da forma de Deus, pois está nela. Não é possível que quem existe na forma de Deus não seja Deus. Aquele que está na glória de Deus não pode ser outra coisa senão Deus. Sendo Deus na glória de Deus, não pode ser confessado como outro Deus ou como diferente de Deus, pois, pelo fato de estar na glória de Deus, tem, por natureza, a divindade daquele em cuja glória está.

47. A unidade da fé não corre perigo pelo fato de haver muitas pregações. O Evangelista tinha ensinado esta palavra do Senhor: *Quem me vê, vê também o Pai* (Jo 14,9), e Paulo, doutor das gentes, acaso ignorou ou silenciou a força da palavra do Senhor quando disse: *Ele é a imagem do Deus invisível* (Cl 1,15)? Pergunto se há uma imagem visível do Deus invisível e se o Deus invisível se pode fazer visível mediante a imagem de uma forma determinada, pois é preciso que a imagem reproduza a forma daquele de quem é imagem. Os que pretendem que o Filho tenha uma natureza de outro gênero devem determinar de que maneira desejam que o Filho seja imagem do Deus invisível. Será acaso como uma imagem corpórea e visível, que vai de um lugar para outro, movendo-se continuamente? Que estes se lembrem de que, segundo os Evangelhos e os Profetas, Cristo é Espírito e Deus é Espírito. Se pretendem limitar num corpo bem determinado Cristo, que é Espírito, o que é

corpóreo não será imagem do Deus invisível, pois o que é infinito não pode ser expresso pelo que é finito e limitado.

48. O Senhor não deixa dúvida quando diz: *Quem me vê, vê também o Pai* (Jo 14,9). O Apóstolo também não calou a respeito de quem é *imagem do Deus invisível*. O Senhor disse: *Se não faço as obras de meu Pai, não acrediteis em mim* (Jo 10,37). Ensinava, com estas palavras, que nele se via o Pai porque Ele fazia as obras do Pai, para que o conhecimento do poder de sua natureza mostrasse a natureza do poder conhecido. Por isso o Apóstolo, ao explicar o que significa ser Cristo a imagem de Deus, diz: *Ele é a Imagem do Deus invisível, o Primogênito de toda criatura, porque nele foram criadas todas as coisas, nos céus e na terra, as visíveis e as invisíveis: Tronos, Soberanias, Principados, Autoridades, tudo foi criado por ele e para ele. Ele é antes de tudo e tudo nele subsiste. Ele é a Cabeça da Igreja, que é o seu Corpo: ele é o Princípio, o Primogênito dos mortos, tendo em tudo a primazia, pois nele aprovou a Deus fazer habitar toda a plenitude e reconciliar por ele e para ele todos os seres, os da terra e os dos céus, realizando a paz pelo sangue da sua cruz* (Cl 1,15-20). Portanto, é imagem de Deus pelo poder dessas obras, pois certamente o Criador das coisas invisíveis não precisa, por sua natureza, ser imagem visível do Deus invisível. Ele é dito *imagem do Deus invisível* para que não se pense que é imagem de sua forma, mais que de sua natureza, pois deve-se reconhecer que possui a natureza divina pelo poder de sua natureza, não pela sua condição invisível.

49. Ele é o Primogênito de toda criatura porque nele todas as coisas foram criadas. E para que ninguém se atrevesse a dizer que não foi em Cristo que tudo foi criado, temos o dito do Apóstolo: *porque nele foram criadas todas as coisas, nos céus e na terra, as visíveis e as invisíveis: Tronos, Soberanias, Principados, Autoridades, tudo foi criado por Ele e para Ele*. Tudo tem consistência nele, que existe antes de tudo. Nele tudo existe, e essas coisas se referem ao começo da criação. O que vem depois, diz respeito à Economia da assunção do nosso corpo: *Ele é a Cabeça da Igreja, que é o seu Corpo: ele é o Princípio, o Primogênito dos mortos (tendo em tudo a primazia), pois nele aprovou a Deus fazer habitar toda a plenitude e reconciliar por ele e para ele todos os seres, os da terra e os dos céus, realizando a paz pelo sangue da sua cruz*. O Apóstolo mostra a correspondência entre os mistérios espirituais e as operações corporais. O que é a imagem do Deus invisível é a cabeça do corpo da Igreja. O que é o Primogênito de toda criatura é também o Primogênito dentre os mortos, para que o que se fez corpo e é imagem de Deus tenha em tudo a primazia. O Primogênito de toda criatura é também Primogênito para a eternidade. Os seres humanos deverão seu renascimento eterno no Primogênito entre os mortos, Àquele no qual os seres espirituais criados no Primogênito devem sua subsistência, pois Ele é o princípio. Por ser Filho, é imagem e, sendo imagem de Deus, é também o Primogênito de toda criatura e contém em si o princípio de todo o universo. É também a cabeça do corpo da Igreja e o Primogênito dentre os mortos, para que em tudo tenha a primazia; e, porque tudo tem consistência para Ele, desejou habitar nele toda a plenitude, pois nele, por Ele e para Ele são reconciliadas todas as coisas, como nele, por Ele e para Ele foram criadas todas as coisas.

50. Entendes agora o que significa *imagem de Deus* e o que significa que *nele e por meio dele foram criadas todas as coisas*? Se tudo é criado nele, debes perceber que Aquele de quem Ele é imagem cria nele todas as coisas e, como aquilo que é criado nele é criado também por meio dele, reconhece, no que é imagem, a natureza daquele de quem Ele é imagem, pois cria por meio dele mesmo o que é criado nele mesmo, assim como, por meio dele, todas as coisas são reconciliadas nele. Porque são reconciliadas nele, debes reconhecer que Ele é, por sua natureza, Um com o Pai, que nele reconcilia consigo todas as coisas. E como nele são reconciliadas todas as coisas por meio dele, reconhece que Ele reconcilia em si, com o Pai, o que reconcilia por meio dele, pois o mesmo Apóstolo diz: *Tudo isto*

vem de Deus, que nos reconciliou consigo por Cristo e nos confiou o ministério da reconciliação (2Cor 5,18). Compara com estas palavras todo o mistério da fé evangélica. Aquele que é visto quando Ele é visto, opera quando Ele opera, fala quando Ele fala, é o mesmo que reconcilia consigo quando Ele reconcilia. A reconciliação se produz nele e por meio dele porque o Pai, que permanece nele pela identidade de natureza, por meio dele e nele, restituiu o mundo a si mesmo, por meio dele e nele, pela reconciliação.

51. Em consideração à fraqueza humana, Deus não ensinou esta mensagem da fé com poucas palavras, que poderiam causar dúvidas. A própria autoridade da palavra do Senhor torna necessário que se acredite nela, contudo Ele quis instruir nossa inteligência, dando-nos a conhecer os motivos daquilo que diz. Quando diz: *Eu e o Pai somos Um* (Jo 10,30), conhecemos a razão da unidade que é revelada. Quando diz que o Pai fala por meio das palavras do Filho, opera por meio de suas obras, julga por seus juízos, é visto quando Ele é visto, reconcilia mediante sua obra de reconciliação, permanece naquele que habita nele, eu pergunto que outra linguagem mais adequada à nossa compreensão poderia usar, visto que ensinou que, pela realidade do nascimento e unidade de natureza, tudo o que o Filho fazia e dizia, o Pai fazia e dizia no Filho. Isso não poderia acontecer se uma natureza alheia a Deus houvesse sido equiparada a Ele por criação ou se tivesse nascido para ser Deus de uma parte de Deus. É próprio somente do ser divino, gerado por um perfeito nascimento para ser Deus perfeito. Está tão seguro de sua natureza que diz: *Eu estou no Pai e o Pai em mim* (Jo 14,11) e também: *Tudo o que o Pai tem é meu* (Jo 16,15). Nada do que é de Deus falta a Ele, em quem Deus opera, fala e é visto, quando Ele opera, fala e é visto. Não são dois diferentes, na ação, palavra ou aparência de um só, nem se trata de um Deus solitário, que agiu, falou e foi visto como Deus, no Deus que age, fala e é visto. Isto é o que a Igreja compreende, a sinagoga não acredita, a filosofia não entende: que o que é Um proceda do que é Um, que o que é inteiramente Deus proceda do que é inteiramente Deus, que o que é Filho também seja Deus, e, por seu nascimento, não retire do Pai a sua plenitude e Ele próprio não deixe de ter consigo a plenitude, pelo fato de nascer. Quanto ao que se deixa iludir por tamanha estultice e incredulidade, é seguidor dos judeus e dos gentios.

52. Para poderes entender a palavra do Senhor: *tudo o que o Pai tem é meu* (Jo 16,15), escuta o ensinamento do Apóstolo que diz: *tomai cuidado para que ninguém vos escravize por vãs e enganosas especulações da "filosofia", segundo a tradição dos homens, segundo os elementos do mundo, e não segundo Cristo, porque nele habita a plenitude da divindade corporalmente*. Pertence ao mundo, pensa segundo a tradição dos homens e é prisioneiro da filosofia todo aquele que ignora a Cristo como Deus verdadeiro e desconhece que nele está a plenitude da divindade. A mente humana só aprecia o que entende, e o mundo somente crê naquilo que pode apreender, julgando que, pela natureza das coisas, só é possível aquilo que vê ou faz. Os elementos do mundo vieram à existência do nada, porém Cristo não existe a partir do não existente nem, para ter origem, começou a existir. Recebeu uma origem eterna daquele que é seu Princípio. Os elementos do mundo ou carecem de vida ou começam a existir. Cristo é a vida, nasceu do Deus vivo como Deus vivo. Os elementos do mundo foram estabelecidos por Deus, porém não são Deus; Cristo é Deus de Deus e é inteiramente o que Deus é. Os elementos do mundo existem dentro de limites e não podem estar fora de si mesmos, saindo de si; Cristo está em Deus e tem em si a Deus de modo misterioso. Os elementos do mundo quando engendram de si a vida para os seus semelhantes oferecem de si mesmos, por meio dos instintos corporais, os princípios do nascimento, porém não estão eles mesmos como seres vivos naqueles que nascem; em Cristo, porém, está a plenitude da divindade.

53. Pergunto de quem é a divindade que está na plenitude, se não é a divindade do Pai, ó falso

pregador de um só Deus. Que outro Deus me apresentarás, cuja divindade habite em Cristo em plenitude? Porém, se é a divindade do Pai, explica de que maneira habita nele corporalmente esta plenitude, porque, se acreditas que o Pai está no Filho de modo corporal, o Pai que habita no Filho não existirá em si mesmo. Porém, se a divindade que nele habita corporalmente significa a realidade da natureza de Deus naquele que procede de Deus, pois Deus está nele, não por graça ou por sua vontade, mas por verdadeira geração, já que o que Ele é nasceu para ser Deus, mediante o nascimento de Deus, e também não há em Deus nada diverso ou diferente do que habita corporalmente em Cristo, se aquilo que habita nele corporalmente está nele segundo a plenitude de sua divindade. Por que vais procurar doutrinas humanas? Por que aderes a doutrinas enganosas? Por que me falas de unanimidade, de concórdia, de vontade, de criatura, se a plenitude de sua divindade habita em Cristo corporalmente?

54. Também nisto o Apóstolo foi fiel à regra de sua fé. Ao ensinar que em Cristo habita corporalmente a plenitude da divindade, quis evitar a confissão ímpia da unicidade pessoal e desejou impedir que a loucura infiel chegasse até a afirmar uma natureza distinta, pois, ao dizer que a plenitude da divindade habita em Cristo corporalmente, mostra que esta não é nem singular nem separável, já que não é possível que a plenitude corporal seja separada da plenitude corporal, e a divindade que habita não pode ser considerada como sendo a mesma coisa que a habitação da divindade. E Cristo é de tal modo que a plenitude da divindade está nele corporalmente, porém a plenitude da divindade está em Cristo corporalmente de tal maneira que a plenitude que nele habita não pode ser considerada como outra coisa diferente de Cristo. Aproveita todas as ocasiões que quiseres para mudar as palavras e aguça as sutilezas de teu engenho ímpio. Inventas, porém, pelo menos, uma mentira para dizer-nos de quem é a plenitude da divindade que habita em Cristo corporalmente, pois existe Cristo e existe também a plenitude da divindade que habita nele corporalmente. E se perguntas de que inabitação corporal se trata, entende o que é falar no que fala, ser visto no que é visto, operar no que opera. Entende o que significa que Deus esteja em Deus, que o que é inteiramente tenha nascido do que é inteiramente, que o que é Um tenha nascido do que é Um e assim poderás entender a plenitude da divindade corporal e lembrar-te de que o Apóstolo não deixa de declarar de quem é a plenitude da divindade que habita corporalmente quando diz: *Sua realidade invisível – seu eterno poder e sua divindade – tornou-se inteligível, desde a criação do mundo, através das criaturas, de sorte que não têm desculpa* (Rm 1,20). Sua divindade corporal está em Cristo, não em parte, mas inteiramente. Não se trata de uma parte, mas da plenitude que permanece nele corporalmente, de tal maneira que são nele uma só coisa e são de tal modo uma só coisa que Deus não é diferente de Deus. Deus não difere de Deus, de tal maneira que o perfeito nascimento dá lugar a Deus perfeito. O que nasceu perfeitamente tem sua própria subsistência, porque no Deus nascido de Deus habita corporalmente a plenitude da divindade.

LIVRO NONO

1. Tratando o livro anterior da não-diferença de natureza entre Deus Pai e Deus Filho e da palavra: *Eu e o Pai somos Um* (Jo 10,30), tornou-se patente ser preciso confessar que Deus não é um solitário e afirmar, pela geração, a unidade da indivisível divindade. Deus não nasceu de outro, mas de Deus. Deus que procede de Deus não pode deixar de ser o que Deus é. Embora não tenhamos percorrido todos os ditos divinos e testemunhos apostólicos nos quais se ensina a inseparável natureza e poder do Pai e do Filho, já temos elementos suficientes para a compreensão. Chegamos finalmente ao enunciado da fé apostólica, que diz: *Vede que ninguém vos seduza pelas vãs e enganosas especulações da filosofia, segundo a tradição dos homens, segundo os elementos do mundo, e não segundo Cristo; porque nele habita corporalmente toda a plenitude da divindade* (Cl 2,8-9). Ensinamos que, por habitar nele corporalmente a plenitude da divindade, está comprovado que é Deus verdadeiro e perfeito, possuindo a natureza paterna. Não se deve entender que se trata da plenitude de um Deus diferente nem de um Deus único (como solitário). A habitação corporal do Deus incorpóreo mostra que Aquele que subsiste como Deus, nascido de Deus, tem como própria a mesma natureza de Deus. Deus, habitando em Cristo, revela a natividade de Cristo como pessoa subsistente, porque habita nele. Por isso, julgo ter sido esta a resposta mais do que evidente à impiedade dos que julgam que estas palavras do Senhor: *Quem me vê, vê também o Pai* (Jo 14,9); *O Pai está em mim, e eu, no Pai* (Jo 10,38); *Eu e o Pai somos Um* (Jo 10, 30), e: *Tudo o que é do Pai, é meu* (Jo 16,15) referem-se à unidade e concórdia das vontades. A fé nestas palavras deveria permanecer, embora a falsa piedade da doutrina falaciosa adultere o seu sentido. Como não se pode negar haver neles o consenso das vontades, quando se afirma a unidade da natureza, querem que se creia apenas na unidade baseada no consenso das vontades, a fim de abolir a unidade que existe em virtude da natividade. Mas o santo Apóstolo, após muitas afirmações indubitáveis sobre a verdade da natureza divina, ensina que em Cristo a plenitude da divindade habita corporalmente. Fica eliminada toda afirmação da ímpia audácia, já que a habitação corporal da divindade incorpórea realiza a unidade da natureza. Ele é Filho não só pelo nome e, na realidade, o Pai permanece nele. Não apenas permanece, mas age e fala, e não só age e fala, mas também é visto. Pelo mistério da natividade, nele a força tem a força, o poder tem o poder, e a natureza tem a natureza. Possui, pela natividade, aquilo que é seu e, por ser imagem, reflete a verdade do Autor, porque a perfeita natividade dá a perfeita imagem, e a plenitude da divindade, que habita corporalmente, o faz possuir a verdade da natureza divina.

2. Deus que procede de Deus por natureza, não pode existir a não ser na sua natureza, que lhe vem pela natividade pela qual é Deus. A unidade sem diferença da natureza vivente é inseparável de si mesma, pelo nascimento de uma natureza vivente. Contudo, a pretexto da confissão salutar da fé evangélica, os hereges se insinuam para corromper a verdade. Querem eliminar a unidade de natureza do Filho, mudando o sentido do que foi dito, para que seja entendido com um significado e um propósito diferentes. Para negarem o filho de Deus, apóiam-se na autoridade daquele que disse: *Por que me chamas bom? Ninguém é bom senão o único Deus* (Mc 10,18), porque, se Ele declara que Deus é um, então tudo o que depois tiver o nome de Deus já não pertencerá à natureza de Deus, porque Deus é Um. Embora lhe seja atribuído o nome de Deus, Ele não é realmente Deus. Esforçam-se por confirmar isto, por ter dito: *Esta é a vida eterna, que te conheçam a ti, único Deus verdadeiro* (Jo 17,3). E para dizer que não tem a natureza do verdadeiro Deus, acrescentam: *O Filho, por si mesmo, nada pode fazer, mas só aquilo que vê o Pai fazer* (Jo 5,19). Argumentam também com as seguintes palavras: *O Pai é maior do que eu* (Jo 14,28). Por fim, gloriando-se de haver subvertido a fé da Igreja pela negação

da indissolúvel divindade, repetem: *Daquele dia e hora, ninguém sabe, nem os Anjos nos céus, nem o Filho, somente o Pai* (Mc 13,32), pois não parece possível que seja da mesma natureza pela natividade, se é necessariamente diferente pela ignorância. Que o Pai conheça e o Filho desconheça, manifesta a dessemelhança da divindade, porque não se pode atribuir a Deus ignorar algo, e o ignorante não se compara ao que conhece. Dizem tudo isso sem compreender a razão, sem distinguir os tempos, sem conhecer os mistérios evangélicos. Não percebendo a força das palavras, com estulto e ignorante furor, falam contra a natureza divina, a fim de encher os ouvidos dos ignorantes. Somente lembram estas palavras fora do contexto, calando sua explicação e seus motivos sem perceber que é preciso compreendê-las a partir do que foi dito ou à luz do que virá em seguida.

3. A partir dos mesmos ensinamentos evangélicos e apostólicos, pretendemos explicar o sentido das palavras acima citadas. Acreditamos dever exortar a todos os que têm em comum a mesma fé a conhecerem o eterno a partir da confissão que leva à vida eterna. Ignora totalmente sua vida quem ignora que Cristo Jesus, verdadeiro Deus, é também verdadeiro Homem. O mesmo perigo existe em negar que em Cristo Jesus está não só o Deus Espírito, mas também a carne de nosso corpo. *Portanto todo aquele que me confessar diante dos homens, também eu o confessarei diante de meu Pai, que está nos céus. Quem, porém, me negar diante dos homens, também eu o negarei diante de meu Pai, que está nos céus* (Mt 10,32). Estas palavras, o Verbo feito carne as dizia e as ensinava o Homem Jesus Cristo, Senhor da glória, constituído em si mesmo mediador para a salvação da Igreja, sendo mediador entre Deus e os homens por este mesmo mistério, porque Ele é Um e é ambas as coisas. Em virtude das duas naturezas unidas em Um, é um sujeito que tem as duas naturezas, de tal sorte que de nada carece em nenhuma das duas. Ao nascer como Homem, não deixa de ser Deus e, porque continua a existir como Deus, não deixa de ser Homem. Esta é a verdadeira fé que conduz à felicidade humana: proclamar a Cristo como Deus e Homem, confessá-lo como Verbo e carne, não desconhecê-lo como Deus porque é Homem, nem desconhecer que seja carne porque é o Verbo.

4. Embora contrarie nossa inteligência que Aquele que permanece Deus tenha nascido como Homem, não contraria nossa esperança que, tendo nascido Homem, permaneça Deus. Se uma natureza mais poderosa nasceu em uma natureza inferior, é possível acreditar que uma natureza inferior possa nascer em uma natureza superior. Na verdade, segundo a lei e os costumes do mundo, mais se realiza o que é próprio da nossa esperança do que o que é próprio do divino mistério. O mundo faz crescer o que nasce, porém, não pode fazê-lo diminuir. Considera as árvores, as searas, os animais. Observa o próprio homem dotado de razão: sempre progride pelo crescimento, nunca se contrai pela diminuição. O que nele cresce não vem a faltar, não que não envelheça pela idade, pois sua vida chega ao fim. Sofre, é certo, uma diminuição com a passagem do tempo, mas aquilo que existe não tem em si a capacidade de não ser, de tal modo que não pode tornar-se novo, a partir do que é, experimentando uma diminuição, isto é, o velho não pode voltar a ser criança, pois nossa natureza tem uma tendência a progredir e pode esperar evoluir, de acordo com a lei deste mundo. Para ela o aumento se dá segundo a natureza, e a diminuição é contra a natureza. Foi próprio de Deus ser outro diferente do que continuava a ser, sem, contudo, deixar de ser o que tinha sido. Nasceu como Homem sem deixar de ser Deus. Contraindo-se até a concepção, o berço e a infância, sem abandonar o poder de Deus. Isto é mistério de salvação, não para Ele, mas para nós. Não foi Deus que se beneficiou com a nossa assunção. Nós é que fomos elevados por sua humilhação voluntária. Deus não perde a divindade, é o Homem que recebe o poder de ser Deus.

5. Nasceu da Virgem o Deus Unigênito como Homem, na plenitude dos tempos, para, em si mesmo, elevar o Homem até Deus, e em tudo manteve esta norma da palavra evangélica: que se cresse nele

como Filho de Deus. Exortou igualmente a pregar que Ele era o Filho do Homem. Sendo Homem, disse e realizou tudo o que é próprio de Deus. Sendo Deus, disse e realizou tudo o que é próprio do homem, de tal forma que, quer falasse como Homem, quer falasse como Deus, nunca deixou de mostrar o único Deus Pai. Declarou ter a natureza de Deus, pela realidade do nascimento, contudo não deixou de submeter-se a Deus Pai, tanto no que diz respeito à honra que o Filho deve dar a Deus Pai, enquanto seu Filho, quanto no que compete à sua condição de Homem, pois todo o que nasce se refere a seu pai, e toda carne se confessa fraca diante de Deus. Os hereges, porém, a fim de enganar os simples, se aproveitam da oportunidade, usando aquilo que foi dito por Ele a respeito da sua humanidade para mentir, dizendo que se referia à fraqueza da sua natureza divina. E como é Um e o mesmo o que diz todas essas coisas, afirmam ter Ele dito isso de si próprio.

6. Não negamos que todas as suas palavras se referem à sua natureza. Jesus Cristo é Homem. Não começou a ser Deus quando se fez Homem nem deixou de ser Deus ao fazer-se Homem, nem, depois de ser Homem, em Deus, deixou de ser perfeito Homem e perfeito Deus. Forçoso é, portanto, que o mistério de suas palavras seja o mistério de seu ser. E como, segundo o tempo, tu distingues nele o Homem e Deus, distingue também nele a palavra de Deus e a do Homem. E quando confessares Deus e Homem, no tempo, distingue também as palavras de Deus e as do Homem, ditas no tempo. Se, sendo Homem e Deus, levas em conta o tempo em que o Homem todo é inteiramente Deus, se alguma coisa foi dita para designar esse tempo, relaciona o que foi dito com esse tempo, pois uma coisa é ser Deus antes de ser Homem, outra é ser Homem e Deus, e outra, depois de ter sido Homem e Deus, ser o Homem todo inteiramente Deus. Não confundas os tempos e os modos de ser do mistério da salvação. Considerando-se o mistério da Encarnação, de acordo com as suas naturezas e modos de ser, foi preciso que o Filho falasse uma linguagem antes de nascer, outra quando ainda teria de morrer, outra, quando já está na eternidade.

7. Por nós, Jesus Cristo, sendo tudo isso, nasceu como Homem, com o nosso corpo, falou de acordo com nossa natureza, sem contudo ocultar que é, por natureza, o que Deus é. Embora no parto e na paixão e morte tenha vivido o que pertence à nossa natureza, viveu contudo tudo isso com o poder de sua natureza, enquanto foi, Ele próprio, para si, a origem de seu nascimento, enquanto quis padecer aquilo que não devia padecer, quando morreu, sendo Aquele que vive. Foi Deus que assim agiu, por intermédio de sua humanidade. Tendo nascido, de si mesmo, tendo sofrido por sua vontade, tendo morrido porque quis, não deixou de ser Homem, visto que nasceu, padeceu e morreu. Todas estas coisas foram estabelecidas, já antes da criação do mundo, como sacramentos dos celestes mistérios: que o Deus Unigênito quisesse nascer como Homem e que, como Homem, permanecesse eternamente em Deus, que Deus quisesse sofrer, para que, assumindo Ele a nossa fraqueza, o diabo não mantivesse em nós a lei do pecado, agitando as paixões da fragilidade humana, e que Deus quisesse morrer para que nenhum poder insolente se levantasse contra Ele, nem pudesse usurpar para si o poder de nenhuma natureza criada, uma vez que Deus imortal se submetera à lei da morte. Deus nasce para nos elevar, sofre para nos dar a inocência, morre para reparar nossa ofensa. Nossa humanidade permanece em Deus, os sofrimentos causados por nossas fraquezas estão unidos a Deus, e o poder dos espíritos do mal é vencido pelo triunfo da carne, porque Deus morreu na carne.

8. O Apóstolo, consciente deste mistério, tendo recebido do próprio Senhor a ciência da fé, por não ignorar serem incapazes de compreendê-la o mundo, os homens e a filosofia, disse: *Vede que ninguém vos seduza pelas vãs e enganosas especulações da filosofia, segundo a tradição dos homens, segundo os elementos do mundo, e não segundo Cristo; porque nele habita corporalmente toda a plenitude da divindade e nele fostes levados à plenitude. Ele é a cabeça de todo principado e potestade* (Cl 2,8-10).

Atesta que a plenitude da divindade nele habita corporalmente e logo acrescenta a explicação do mistério de nossa assunção, dizendo: *nele fostes levados à plenitude*. Porque, como nele está a plenitude da divindade, assim nós somos levados à plenitude *nele*. Não diz apenas: *fostes levados à plenitude*, mas *nele fostes levados à plenitude*, porque, pela esperança da fé na vida eterna, todos os regenerados e os que serão regenerados agora permanecem no corpo de Cristo. Serão depois levados à plenitude, já não mais *nele*, mas em si mesmos, naquele tempo de que fala o Apóstolo: *Transfigurará o nosso corpo humilhado conformando-o com o seu corpo glorioso* (Fl 3,21). Agora, portanto, fomos levados à plenitude, nele, pela assunção de sua carne, na qual habita corporalmente a plenitude da divindade. E não é pouco o poder para realizar nossa esperança. Pois, se somos levados à plenitude, é por ser Ele a cabeça e o princípio de todo poder, como foi dito: *Para que, ao nome de Jesus, todo joelho se dobre, dos seres celestes, dos terrestres e dos que vivem sob a terra, e toda língua confesse: o Senhor Jesus está na glória de Deus Pai* (Fl 2,10-11). Portanto a confissão será esta: *Jesus está na glória de Deus Pai*. Nascido como Homem, já não permanece na fraqueza de nosso corpo, mas na glória de Deus. E isto toda língua confessará. Que os seres celestes e os terrestres dobrem os joelhos, significa ser Ele a cabeça de todo principado e potestade. Dobrando os joelhos diante dele, todo o universo se submete Àquele no qual somos levados à plenitude e que, pela plenitude da divindade que nele habita corporalmente, deve ser louvado por estar na glória de Deus Pai.

9. Tendo demonstrado o mistério de sua natureza e da assunção da nossa, porque pelo fato de ter nascido como Homem, Aquele que tem em si a plenitude da divindade leva à plenitude a nossa natureza, continua o Apóstolo a explicação da economia de nossa salvação: *Nele fostes circuncidados, por uma circuncisão não feita por mão de homem, mas pelo despojamento de vossa natureza carnal: esta é a circuncisão de Cristo. Fostes sepultados com Ele no batismo, no qual também com Ele ressuscitastes pela fé no poder de Deus, que o ressuscitou dos mortos* (Cl 2,11-12). Fomos circuncidados, na verdade, não por circuncisão carnal, mas pela circuncisão de Cristo, isto é, renascemos para ser o Homem novo. Se com Ele fomos sepultados no seu batismo, é preciso morrer ao velho homem, porque a regeneração do batismo é força de ressurreição. Esta circuncisão de Cristo não consiste na espoliação da carne, mas em morrer inteiramente com Ele e, por isso, viver inteiramente para Ele, pois nele ressuscitamos pela fé no seu Deus, que o ressuscitou dos mortos. Deve-se, portanto, crer em Deus por cuja operação Cristo foi ressuscitado dentre os mortos, porque esta fé nos fez ressuscitar em Cristo e com Ele.

10. Consumou-se assim o mistério da assunção do homem: *Vós estáveis mortos pelas vossas faltas e pela incircuncisão de vossa carne e Ele vos vivificou juntamente com Cristo. Ele perdoou todas as nossas faltas: destruiu, em detrimento das ordens legais, o quirógrafo da sentença contra nós e o suprimiu pregando-o na cruz, na qual despojou os principados e as potestades exibindo-os em espetáculo, levando-os em cortejo triunfal e delas triunfando em si mesmo* (Cl 2,13-15). O homem do mundo profano não entende o sentido da fé apostólica que não pode ser explicada por nenhuma linguagem diferente da sua própria. Deus ressuscitou dentre os mortos a Cristo, no qual habita a plenitude da divindade, corporalmente, vivificou-nos juntamente com Ele, perdando nossos pecados, destruiu o quirógrafo da lei do pecado que, pelas prescrições anteriores, nos era contrário e suprimiu-o, pregando-o na cruz. Despojando a si mesmo da carne, pela lei da morte, exibiu em espetáculo as potestades vencidas em si mesmo. Das potestades vencidas nele, dadas em espetáculo e do quirógrafo destruído, já tratamos acima. Porém, quem alcança este mistério ou pode dele falar? A ação de Deus ressuscita Cristo dentre os mortos, esta mesma ação nos vivifica com Cristo, perdoa os pecados, destrói o quirógrafo e prega-o na cruz, despoja-se da carne, exhibe em espetáculo as potestades e delas

triunfa em si mesmo. Tens aí a ação de Deus ressuscitando Cristo dentre os mortos, tens também a Cristo realizando em si mesmo aquilo que Deus realiza, pois Cristo morreu despojando-se da carne. Crê firmemente que Cristo Homem foi ressuscitado dos mortos por Deus e que Cristo Deus, quando tinha de morrer, operou nossa salvação. Pois quando Deus realiza estas obras em Cristo, embora seja Deus que as realiza, é Cristo que, para morrer, se despoja da carne. Quando Cristo morreu, tendo atuado como Deus antes da morte, foi a ação de Deus que ressuscitou o Cristo morto, pois o que ressuscitou Cristo dentre os mortos é o mesmo Cristo que atuou antes da morte, e é o mesmo que, para morrer, despojou-se da carne.

11. Entendes agora o mistério da fé apostólica? Já tens o Cristo por conhecido? Pergunto-te: quem é o que se despoja da carne, e o que é a carne de que se despojou? Nas palavras do Apóstolo percebo um duplo significado: o da carne de que se despojou e de Cristo que se despojou da carne. Ouço que Cristo foi ressuscitado dos mortos pela ação de Deus. Se é Deus que ressuscita Cristo dentre os mortos e se Cristo é ressuscitado dos mortos, indago quem se despojou da carne e quem ressuscitou Cristo dentre os mortos e nos vivifica com Cristo. Se Cristo morto e a carne de que se despojou não são o mesmo, qual é o nome da carne de que se despojou e qual é a natureza do que se despojou da carne? Vejo que são o mesmo: o Deus Cristo ressuscitado dos mortos é o que se despojou da carne. A carne de que se despojou é Cristo ressuscitado dos mortos, no qual encontro Aquele que, triunfando, expôs em espetáculo os principados e as potestades vencendo-as em si mesmo. Reconheces o que triunfa sobre as potestades em si mesmo? Percebes que não diferem entre si o que se despojou da carne e a carne de que se despojou? Triunfa em si mesmo, isto é, naquela carne de que se despojou. Percebes assim que se afirma que Ele é Deus e Homem, atribuindo-se a morte ao Homem e a ressurreição da carne a Deus, e que, no entanto, não é um o que morreu, e outro Aquele por quem o que morreu ressuscita? A carne de que se despojou é Cristo morto, e o que ressuscita Cristo dentre os mortos é o mesmo Cristo que se despojou da carne. Vê a natureza de Deus no poder da ressurreição e, na morte, reconhece a economia da encarnação. E tendo em ambas atuado as respectivas naturezas, lembra-te de que Jesus Cristo é um só e é Deus e Homem.

12. Lembro-me de que o Apóstolo atribui freqüentemente a Deus Pai ter ressuscitado Jesus Cristo dentre os mortos. Mas o Apóstolo não vai contra a fé evangélica nem se contradiz, principalmente porque o próprio Senhor disse: *Por isso o Pai me ama, porque eu entrego minha vida para retomá-la. Ninguém a tira de mim, mas eu a entrego por mim mesmo. Tenho o poder de entregá-la e o poder de recebê-la de novo. Este mandamento eu o recebi de meu Pai* (Jo 10,17-18). Também, quando lhe perguntaram que sinal mostraria para que se cresse nele, falou do templo de seu corpo: *Destruí este templo, e eu em três dias o reerguerei* (Jo 2,19). Pelo seu poder de recobrar a vida e de reerguer o templo, ensina ser Ele mesmo o Deus que opera a ressurreição, porém refere sempre ao mandato paterno sua autoridade. O Apóstolo não ensina o contrário ao pregar a Cristo como poder de Deus e sabedoria de Deus, referindo a magnificência de toda sua obra à glória do Pai, porque, o que quer que Cristo faça, é o poder e sabedoria de Deus que o faz e tudo o que é feito pelo poder e sabedoria de Deus é, sem dúvida, ação de Deus, de quem Cristo é sabedoria e poder. Cristo foi ressuscitado dos mortos pela ação de Deus, porque realiza as obras de Deus Pai, por sua natureza não diferente da natureza de Deus. Nossa fé na ressurreição é a fé em Deus que ressuscitou Cristo dentre os mortos.

13. O Santo Apóstolo, em sua pregação, manteve a afirmação de que há em Cristo estes dois aspectos: a fraqueza do homem e o poder da natureza de Deus. Assim disse aos Coríntios: *Foi crucificado na fraqueza, mas vive pelo poder de Deus* (2Cor 13,4), mostrando que a morte é própria da fraqueza humana, e a vida é própria do poder de Deus. Disse também aos Romanos: *Porque, morrendo, Ele*

morreu para o pecado de uma vez por todas, mas vivendo, vive para Deus. Assim também vós, considerai-vos mortos para o pecado, mas vivos para Deus no Cristo Jesus (Rm 6,10-11). Atribuía a morte ao pecado, isto é, ao nosso corpo; a vida, porém, a Deus, a quem pertence por natureza viver. Por isso é necessário morrer para nosso corpo para viver para Deus em Cristo Jesus, que assumiu nosso corpo de pecado e vive inteiramente para Deus e que, tendo unido a si a nossa natureza, tornou-a participante da comunhão com a imortalidade divina.

14. Deveria demonstrar estas coisas com poucas palavras, para lembrar que, no Senhor Jesus Cristo, deve-se considerar uma pessoa que tem as duas naturezas. O que existia na forma de Deus assumiu a forma de servo, pela qual foi obediente até a morte, porque a obediência até a morte não se realiza na forma de Deus, assim como a forma de Deus não está na forma do servo. Porém, em virtude do mistério da dispensação evangélica, o que está na forma de servo não é distinto do que está na forma de Deus, embora não seja a mesma coisa assumir a forma de servo e permanecer na forma de Deus. O que permanecia na forma de Deus não podia assumir a forma de servo senão despojando-se de si mesmo, já que as duas formas se excluem mutuamente. O que se despojou e tomou a forma de servo não é diferente nem é outro, pois o que não existe não pode assumir coisa alguma, visto que assumir algo é próprio de quem existe. O esvaziamento da forma não representa aniquilamento da natureza. O que se despoja de si mesmo não deixa de existir, e o que recebe algo permanece. Sendo o mesmo o que se despoja de uma forma e assume a outra, há um mistério nesse despojamento e assunção, mas não há destruição do ser, como se o que se despoja deixasse de existir e o que assume não existisse. Cristo, que existia na forma de Deus, se despoja da forma de Deus para que a forma de servo seja assumida, não para que Ele deixe de ser Cristo, pois é Cristo que assume a forma de servo. Quando se despojou de si mesmo, a mudança no modo de ser ao assumir a natureza humana não destruiu sua natureza divina, que permanece, para que, permanecendo Cristo Espírito, o mesmo Cristo, no corpo, fosse Homem.

15. Já expusemos a economia dos mistérios, de que os hereges se servem para enganar os simples, atribuindo à fraqueza da divindade tudo o que foi feito e dito pela natureza humana assumida e referindo à forma de Deus o que é próprio à forma de servo. Agora é preciso responder a todas as suas proposições. Podemos julgar de maneira segura qual seja o gênero de cada uma das suas afirmações, visto que a verdadeira fé consiste em confessar o Verbo e a carne, isto é, Deus e Homem, Jesus Cristo. Os hereges julgam poder negar que Nosso Senhor Jesus Cristo seja Deus por natureza, porque disse: *Por que me chamas bom? Ninguém é bom a não ser o único Deus* (Mc 10,18). O sentido de toda resposta deve, necessariamente, provir da causa da pergunta. Assim, responderemos de acordo com o que se quer saber. Primeiro, indago do falso intérprete deste dito, se pensa que o Senhor, ao ser chamado de bom, teria preferido ser chamado de mau. Pois é isto que parece significar a pergunta: *Por que me chamas bom?* Não penso haver alguém tão perverso que queira atribuir uma confissão de maldade a quem disse: *Vinde a mim todos os que estais fatigados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim que sou manso e humilde de coração, e encontrareis repouso para vossas almas. Pois o meu jugo é suave, e o meu peso é leve* (Mt 11,28-30). Ele, que declarara ser manso e humilde, acaso se irritaria por ter sido dito bom? Esta diversidade nas declarações mostra ser contraditório que alguém que afirmou sua bondade não aceite ser chamado de bom. Portanto, não se entende que se tenha irritado por ter sido chamado de bom. Deve-se indagar se Aquele que não podemos crer que tenha recusado o nome de bom não estaria refutando alguma outra afirmação a seu respeito.

16. Vejamos, então, o que disse, além de chamá-lo de *bom*, o que interrogava. Disse: *Bom Mestre, que*

farei de bom? (Mc 10,17). Chamou-o com dois nomes: *bom* e *mestre*. Já que não o censura por ter dito *bom*, será preciso, então, que o censure por ter sido chamado *bom mestre*. Ao recusar o apelativo de *bom mestre*, questiona antes a fé do interrogante do que o nome de mestre ou de bom. Pois o jovem que se orgulhava da observância da Lei não conhecia a Cristo como o fim da Lei e julgava ser justificado pelas obras. Não entendia que Ele tinha vindo para salvar as ovelhas perdidas da casa de Israel (cf. Mt 15,24), o que era impossível para a Lei, porque é pela fé na justificação que os crentes são salvos (Rm 8,3). Interrogou, como a um mestre dos preceitos comuns e dos escritos da Lei, ao Deus Unigênito e Senhor da Lei. Rejeitando essa profissão de fé irreligiosa, porque era interrogado como mestre da Lei, respondeu: *Por que me chamas bom?* E para indicar como se deve entendê-lo e confessá-lo como bom, acrescentou: *Ninguém é bom, a não ser o único Deus* (Mc 10,18), não rejeitando assim o nome de bom, se, como a Deus, lhe fosse atribuído.

17. Finalmente, mostrando que recusava ser chamado *bom mestre* pela fé daquele que o interrogava como a um homem, censurou a petulância do jovem que se gloriava por cumprir a Lei e respondeu: *Uma coisa ainda te falta: vai, vende tudo o que tens, e dá aos pobres e terás um tesouro nos céus; e depois vem e segue-me* (Mc 10,21). Não rejeita para si o nome de bom Aquele que promete os tesouros celestes, nem nega ser Mestre Aquele que se apresenta como o guia da perfeita beatitude. Censura, porém, a fé que se fundamenta na opinião terrena sobre Ele e ensina que somente em Deus há bondade. Indica ser Ele mesmo o Deus bom e dá provas de sua bondade abrindo os tesouros celestes e propondo-se a guiá-lo para alcançá-los. Eis por que não aceitou o que lhe era atribuído como a um simples homem. Contudo, não se mostrou alheio àquilo que se atribuía a Deus, já que, confessando o único Deus bom, mostrava que o que dizia e fazia, pertencia ao poder, à bondade e à natureza do Deus único.

18. Não recusou o nome de *bom*, nem a honra de *mestre*, mas censurou a fé de quem só apreciava nele o que é corpóreo e carnal. Isso ficou demonstrado quando, falando aos Apóstolos que o chamavam de mestre, disse: *Vós me chamais de mestre e de Senhor, e dizeis bem, eu o sou na verdade* (Jo 13,13), e também: *Não vos chameis de mestres, porque vosso mestre é o Cristo* (Mt 23,10). Quando, com fé, é chamado de mestre, aceita de bom grado que lhe atribuam este nome; contudo, não consente em ser chamado de *bom mestre* quando não é considerado nem Senhor nem Cristo. Pregando um único Deus bom, na verdade, não se separa de Deus Aquele que também se declarou Senhor e Cristo, revelando-se guia para os tesouros celestes.

19. Manteve sempre o Senhor o que é a norma da fé eclesiástica, pregando o Único Deus Pai, sem se separar do mistério do Deus único. Declarou que, pela natureza da natividade, não é um outro Deus, nem é o mesmo que o Pai, porque a natureza do único Deus que nele existe não admite que seja um Deus de gênero diferente e a natividade divina faz com que seja perfeito Filho. Não pode ser separado de Deus, nem é o mesmo que Ele. Por isso, guarda a moderação em todas as suas palavras, de modo a indicar discretamente que a honra que se atribui a Deus Pai pertence também a Ele. Se Ele disse: *Crede em Deus, crede também em mim* (Jo 14,1), pergunto em que é diferente pela natureza daquele de quem não é diferente pela honra? Pois, ao dizer: *Crede também em mim*, depois de ter dito *crede em Deus*, as palavras *em mim* indicam ser também sua a natureza. Separa, portanto, a natureza, já que separas a fé. Se a vida consiste em crer em Deus sem crer em Cristo, separa Cristo de Deus pelo nome e pela natureza. Mas, se cremos que, pela fé em Cristo, os que crêem em Deus são conduzidos à vida perfeita, que o diligente leitor aprecie a força da palavra: *Crede em Deus, crede também em mim*. Dizendo: *Crede em Deus, credetambém em mim*, assimilou à fé em Deus a fé que se deve ter nele e uniu a sua natureza à natureza de Deus. Tendo mencionado a Deus, em quem é necessário crer,

ensinou que é preciso crer também nele. Mostrou com isso ser Deus, já que os que crêem em Deus devem crer nele. Excluiu toda ocasião de crer impiamente na unicidade de pessoa porque afirmou ser preciso crer em Deus e também nele mesmo, sem deixar lugar para a fé em um Deus solitário.

20. Em quase todas as suas palavras o Senhor manifestou claramente este mistério, pois, confessando Deus Pai, não se separava da unidade com Ele e, quando se situava na unidade com Ele, não afirmava ser *Um* e solitário. Deve-se entender que ensina claramente o mistério da unidade e da natividade quando diz: *Eu, porém, tenho um testemunho maior que o de João: são as obras que o Pai me encarregou de realizar. Tais obras eu as faço e elas dão testemunho de que o Pai me enviou. Também o Pai que me enviou dá testemunho de mim. Jamais ouvistes sua voz nem contemplastes sua face e a sua palavra não permanece em vós porque não acreditais naquele que me enviou* (Jo 5,36-38). O Pai deu testemunho do Filho. Como, no entanto, se entenderá, se Ele não foi visto e sua voz não foi ouvida? Lembro-me de que foi ouvida uma voz do céu que dizia: *Este é o meu Filho diletto, em quem pus minha complacência, ouvi-o* (Mt 17,5). Como não foi ouvida a voz de Deus, se a voz que foi ouvida se manifestou como a voz do Pai? Os que estavam em Jerusalém talvez não tivessem ouvido, porque no deserto só João teria ouvido. Indaga-se, pois, como, em Jerusalém, o Pai deu testemunho. O Senhor não apela para o testemunho de João, que ouviu a voz vinda do céu, mas tem um testemunho maior do que o de João, e qual seja este, logo acrescenta: *As obras que o Pai me encarregou de realizar, tais obras eu as faço e elas dão testemunho de que o Pai me enviou* (Jo 5,36). Reconheço a autoridade do testemunho porque estas coisas não poderiam ser feitas por outro, mas só pelo Filho que foi enviado pelo Pai. Portanto, sua obra é seu testemunho. Mas, o que se segue? *O Pai que me enviou dá testemunho de mim. Jamais ouvistes sua voz nem contemplastes sua face, e a sua palavra não permanece em vós* (Jo 5,37). Logo, não têm crime os que ignoram o testemunho do Pai, porque nunca foi visto nem ouvido por eles, e porque neles não permanece sua palavra? Pelo contrário, não podem ser perdoados por ter desconhecido o seu testemunho, porque Cristo afirma que suas obras dão testemunho do Pai. As obras atestam que Ele foi enviado pelo Pai, mas o testemunho das obras é o testemunho do Pai. Se as obras do Filho dão testemunho do Pai, deve-se reconhecer que a natureza que opera em Cristo é aquela pela qual o Pai é sua testemunha. Assim, Cristo, que realiza as obras, e o Pai, que dá testemunho em suas obras, mostram possuir uma natureza inseparável, já que o testemunho de Deus sobre Cristo é a própria obra de Cristo.

21. Não estão, portanto, isentos de culpa os que não conheceram o seu testemunho, pois a obra de Cristo é o testemunho do Pai a seu respeito. Pelo fato de não terem ouvido a voz nem visto a face daquele que dá testemunho e por não terem em si sua palavra, nem por isso deixam de ter conhecimento do testemunho, pois às palavras: *Jamais ouvistes sua voz nem contemplastes sua face e a sua palavra não permanece em vós* (Jo 5,37-38), logo acrescentou: *porque não acreditais naquele que me enviou*, para que se entendesse por que sua voz não fora ouvida nem seu rosto fora visto e por que sua palavra não estava neles, embora o Pai tivesse dado testemunho dele. Demonstrou que, se houvessem acreditado nele, também ouviriam a voz de Deus, veriam sua face e teriam em si sua palavra, que habita naqueles que crêem, pois pela unidade da natureza o Pai fala, é visto e é recebido nele. Acaso não mostra o Pai, tendo sido enviado por Ele? Acaso por alguma diversidade de natureza será diferente do Pai, ao afirmar que o Pai que dá testemunho dele nem foi ouvido, nem visto, nem entendido, porque não se acreditou nele que foi enviado pelo Pai? Portanto, o Deus Unigênito não se separou de Deus, ao confessar a Deus como seu Pai, mas, demonstrando que Deus é seu Pai, também estabeleceu a si mesmo na mesma honra devida a Deus.

22. No mesmo discurso em que ensina que o testemunho de suas obras indica ter sido enviado pelo

Pai, ensina também que o Pai dá testemunho de tê-lo enviado: *Não buscais a glória daquele que é o único Deus* (Jo 5,44). Isto não foi dito isoladamente nem antes de tê-los preparado para crerem na unidade, pois antes já dissera: *Não quereis vir a mim para terdes a vida. Não recebo a glória que vem dos homens, mas reconheço que não tendes em vós o amor de Deus. Vim em nome de meu Pai, e não me acolheis; se outro viesse em seu próprio nome, vós o receberíeis. Como podeis crer, vós que recebeis a glória uns dos outros, mas não procurais a glória do único Deus?* (Jo 5,40-44). Rejeita a glória dos homens porque se deve pedir antes a glória que vem de Deus e é coisa de infiéis receber a glória uns dos outros. Que espécie de glória concederá um homem a outro homem? Diz que Ele bem sabe que neles não está o amor de Deus e indica a razão pela qual não permanece neles: é que não recebem Aquele que vem em nome de seu Pai. Que significa, pergunto, vir em nome do Pai? Será algo diferente de vir *em nome de Deus*? Acaso não está neles o amor de Deus, por não terem recebido Aquele que vem em nome de Deus? Ou talvez não tenha demonstrado que a natureza de Deus estava nele, ao dizer: *Não quereis vir a mim para terdes a vida?* Pois no mesmo discurso já havia dito: *Em verdade eu vos digo: que vem a hora, e é agora, em que os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus; e os que ouvirem, viverão* (Jo 5,35). Se vem em nome do Pai, não é o Pai, porém não deixa de estar nele a natureza divina do Pai, porque é próprio do Filho de Deus vir em nome de Deus Pai. Em seguida irão receber um outro, vindo no mesmo nome. Mas este é um homem de quem os homens esperarão receber a glória, e a quem darão glória. Este os enganará, mentido que vem em nome do Pai. Na verdade, não há dificuldade em ver aqui uma referência ao anticristo, a gloriar-se falsamente do nome paterno. Glorificando-o, por ele serão glorificados (pois receberão este espírito da mentira) e não buscarão a glória que pertence ao único Deus.

23. Não têm em si o amor do Pai, porque não acolheram aquele que veio em nome do Pai e, vindo outro no próprio nome, a este receberão. Ao dar glória uns aos outros, não buscam a glória que pertence ao único Deus. Pode-se entender que Cristo se separa da glória do único Deus, porque não se busca a glória do Deus único, quando o anticristo é recebido e Ele não é acolhido? Se o repúdio deste representa a negação da glória do Deus único, é forçoso que a glória que é dada ao Deus único glorifique Aquele que deveriam ter acolhido para que fosse dada glória ao Deus único. Disto o mesmo discurso nos dá testemunho, por conter este exórdio: *Para que todos glorifiquem o Filho, assim como glorificam o Pai. Quem não glorifica o Filho, não glorifica o Pai que o enviou* (Jo 5,23). Se a natureza não é a mesma, não há igualdade na glória, e a igualdade na glória não separa os que devem ser glorificados, pois, pelo mistério da natividade, se postula a igualdade. O Filho deve ser glorificado como o Pai. Quando não se busca a glória daquele que é o único Deus, também não se busca a daquele que tem a mesma glória que o único Deus porque, por não se glorificar o Filho, não se glorifica também o Pai. Assim, não busca a glória do único Deus, quem não busca também a de Cristo. A glória de Cristo é inseparável da glória de Deus. Cristo demonstrou ser uma só e a mesma a glória de ambos, quando lhe foi anunciada a enfermidade de Lázaro: *Esta enfermidade não é para a morte, mas para a glória de Deus, para que, por Ele, seja glorificado o Filho de Deus* (Jo 11,4). Para a glória de Deus, Lázaro morre, a fim de que o Filho de Deus seja glorificado por meio de Lázaro. Ainda se duvida de que a glória de Deus consista na glória do Filho de Deus, quando a morte de Lázaro, gloriosa para Deus, dará glória ao Filho de Deus? Assim se ensina a unidade da natureza de Deus Pai em Cristo pela natividade, já que a enfermidade de Lázaro é para a glória de Deus, e conserva-se o mistério da fé, visto que o Filho de Deus será glorificado por Lázaro. Por isso, deve-se entender que o Filho de Deus é Deus, de modo que, ao pensar em Deus, deve ser também confessado o Filho, porque quando Deus foi glorificado por Lázaro, foi também glorificado o Filho de Deus.

24. Inseparável do mistério da natureza divina é a natividade do Vivente nascido do Vivente. O Filho de Deus não sofreu em sua natureza nenhuma mudança que o impedisse de permanecer na realidade da natureza paterna. As próprias palavras com as quais, confessando um só Deus, pareceria negar estar em si a natureza de Deus, porque se referia ao único Deus, situam-no na unidade de natureza com o Pai, sem negar a fé no único Deus. Quando o escriba perguntou qual era o principal mandamento da Lei, respondeu: *Ouve, Israel, o Senhor nosso Deus é o único Senhor; e amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e com todo o teu entendimento, e com todas as tuas forças. Este é o primeiro mandamento. O segundo é semelhante a ele: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Maior do que este mandamento não existe* (Mc 12,29-31). Julgaram que se separou da natureza e da honra devida a um só Deus, por ser este o principal mandamento: *Ouve, Israel, o Senhor nosso Deus é o único Senhor*, e que não se constituiu a si mesmo objeto de veneração no mandamento seguinte, pois a Lei nos convida a amar o próximo, como a crer no único Senhor. Não se deve negligenciar a resposta do escriba que diz: *Falaste bem, Mestre, na verdade, Deus é Um, e não há outro além dele; assim deve ser amado de todo coração e com todas as forças e com toda a alma; e deve-se amar o próximo como a si mesmo. Isto é mais do que todos os holocaustos e sacrifícios* (Mc 12,32-33). Vê-se que a resposta do escriba concorda com as palavras do Senhor quando afirma que se deve amar o único Deus com íntima e profunda caridade e se deve amar o próximo na medida do próprio amor, entendendo estar acima dos sacrifícios e holocaustos o amor a Deus e ao homem. Mas vejamos o que se segue.

25. *Vendo Jesus que havia respondido com sabedoria, disse-lhe: “Não estás longe do reino de Deus”* (Mc 12,34). Que quer dizer esta resposta tão prudente? Se esta é a fé que leva ao reino dos céus: crer em um só Deus e a Ele amar com toda a alma e com todas as forças e de todo o coração e também amar ao próximo como a si mesmo, por que o escriba ainda não está no reino de Deus, mas somente não está longe do reino de Deus? Em outras palavras, o reino é dado aos que vestem o nu, alimentam o faminto, dão de beber aos que têm sede e visitam os doentes e encarcerados: *Vinde, benditos de meu Pai, tomai posse do reino que para vós foi preparado desde a criação do mundo* (Mt 25,34). Os que têm espírito de pobre receberão a recompensa: *Bem-aventurados os pobres em espírito porque deles é o reino dos céus* (Mt 5,3). É este o fruto perfeito, a posse absoluta e a entrega certa do reino preparado (cf. Mc 10,20). Será que o jovem confessava menos que estas coisas? Depois de comparar o amor pelo próximo ao amor de si mesmo, que faltava ainda para a consumação da boa obra? Ser indulgente e prestativo, só ocasionalmente, não significa a caridade perfeita. A perfeita caridade cumpre inteiramente o dever de amar com uma bondade multiforme, não deixa de fazer tudo o que é devido ao outro nem de dar ao outro o que dá a si mesmo. O Senhor louva o Escriba por sua profissão de fé, dizendo não estar longe do reino de Deus, no entanto, não o coloca na própria posse da feliz esperança, porque ele ainda se acha tolhido pela ignorância do mistério perfeito. Tendia, no entanto, para o caminho certo, apesar de sua ignorância, pondo em primeiro lugar o amor a Deus e comparando o amor ao próximo com o amor de si mesmo. Como antepusera o amor a Deus à caridade para com o próximo, já não se restringia aos holocaustos e sacrifícios prescritos. E com isto não estava longe do mistério evangélico.

26. As próprias palavras do Senhor dão a entender que não está longe do reino de Deus; mas não se diz que estará no reino de Deus, pois continua: *Ninguém mais ousava interrogá-lo. E prosseguiu Jesus, ensinando no templo, e disse: “Como dizem os escribas que Cristo é o filho de Davi? O próprio Davi diz no Espírito Santo: ‘Disse o Senhor a meu Senhor, senta-te à minha direita até que ponha teus inimigos como escabelo de teus pés’. O próprio Davi o chama de Senhor; como será seu filho?”* (Mc 12,34). O escribanão está longe do reino de Deus, ao confessar o Deus único, que deve ser amado

acima de tudo. É, porém, advertido, por causa mesma profissão de fé, pois ignora o mistério da Lei e não sabe que Cristo Senhor é Filho de Deus, pela natureza da natividade, devendo ser confessado na fé em um só Senhor. Como, na confissão de um único Senhor, conforme a Lei, parece não haver lugar para o Filho de Deus no mistério de um só Senhor, pergunta ao escriba como se pode dizer que Cristo é Filho de Davi, se o próprio Davi declara ser Ele o seu Senhor, e a natureza não admite que seja Filho de tão grande patriarca e, ao mesmo tempo, o seu Senhor. Disse isso porque o escriba entendia que Ele existia somente segundo a carne e que, pelo parto de Maria, era descendente de Davi. Queria lembrar-lhe que, segundo o Espírito, Ele é o Senhor de Davi, mais do que seu filho, e que o que foi dito: *Ouve, Israel, o Senhor nosso Deus é o único Senhor* (Mc 12,29) não afasta Cristo do mistério de um só Senhor, pois um tão grande Patriarca e Profeta declarou ser seu Senhor Aquele que foi gerado do seio do Senhor, antes do astro da manhã, sem esquecer-se da Lei, nem ignorar que nenhum outro deve ser declarado Senhor. Sabia, porém, que Aquele que, pelo mistério da sua natureza divina, subsiste, vindo do seio do Deus incorpóreo, deve ser compreendido como Senhor, sem violar a fé na Lei, pois o Único que procede do Único, pela natureza do único Senhor, tem em si, por natureza, o ser Senhor.

27. Que lugar existe ainda para a dúvida? O próprio Senhor, ensinando ao escriba ser o primeiro e mais importante mandamento da Lei a confissão e o amor do único Senhor, não apelou para o seu próprio testemunho, mas para o do Profeta, que diz ser Ele Senhor porque é Filho de Deus. Por isso, permanece no mistério do único Deus pelo nascimento. O que nasce de Deus, tendo em si a natureza de Deus, não dá lugar a outro Deus, por uma natureza diferente. A verdade da geração não retira do Pai o ser Senhor, nem faz com que o Filho deixe de ser perfeito Senhor. O Pai não perde o senhorio, e o Filho não perde a natureza divina. Deus Pai é o único Senhor, e o Senhor Deus Unigênito não se separa do Único, porque, como o Único que provém do único Senhor, subsiste como Senhor e ensina, pela Lei, que existe um único Senhor, de tal modo que também o Profeta confirma que Ele é Senhor.

28. Que a fé evangélica possa dar resposta às outras proposições do furor ímpio e as combata, usando as mesmas palavras com as quais é atacada, vencendo com as mesmas armas que procuram destruí-la e mostrando que as palavras do único Espírito são o ensinamento da fé única, pois não há outro Cristo, senão o que anunciamos. Ele é Deus verdadeiro e permanece na glória do único Deus verdadeiro. Ele mesmo afirmou ser o Senhor, quando a Lei parecia negá-lo. Também no Evangelho, mostra que é Deus verdadeiro, quando se julga que não o declarou. Os hereges usam, como desculpa para dizer que Ele não é Deus verdadeiro, estas palavras: *É esta a vida eterna, que te conheçam a ti, único verdadeiro Deus, e a quem enviaste, Jesus Cristo* (Jo 17,3). Ao dizer *a ti, único verdadeiro Deus*, parece separar-se do verdadeiro Deus pela afirmação de que Deus é solitário, já que somente se pode conceber como verdadeiro Deus a um Deus solitário. Na verdade, a fé apostólica não admite que se creia em dois deuses verdadeiros, porque nada alheio à natureza do Deus único se pode equiparar à realidade de sua natureza. Deus, portanto, não será realmente um Deus único, se fora da natureza do único Deus verdadeiro existir um Deus verdadeiro de outro gênero, que não possua, por seu nascimento, a mesma natureza.

29. Para que se entenda que, ao dizer isso, Ele afirmou sem ambigüidade ser verdadeiro Deus na mesma natureza do único Deus verdadeiro, nossa resposta deve partir das declarações anteriores ligadas a esta frase, a fim de que, pela demonstração gradual da fé, a confiança de nossa liberdade repouse no próprio ápice que é Cristo, o verdadeiro Deus. Depois das palavras sobre tão grandes mistérios: *Quem me vê, vê também o Pai, e: Não credes em mim, que Eu estou no Pai, e o Pai em mim? As palavras que vos digo, não as digo por mim mesmo, mas o Pai, que permanece em mim, realiza suas obras. Crede em mim, porque Eu estou no Pai, e o Pai está em mim; se não, crede ao menos pelas*

próprias obras (Jo 14,9-12), vem a resposta dos discípulos: *Agora, sim, sabemos que conheces tudo, e não tens necessidade de que alguém te interrogue; nisto cremos que saíste de Deus* (Jo 16,30-31). Pelo poder de Deus que havia nele, os discípulos compreenderam que tinha a natureza divina, pois saber todas as coisas, sem exceção, e conhecer os pensamentos dos corações, não é próprio de um enviado de Deus, mas sim daquele que nasceu de Deus. Por isso declararam acreditar que saíra de Deus: porque nele estava o poder da natureza de Deus.

30. O Senhor respondeu louvando o entendimento deles, pois, dizendo *saíste de Deus*, davam testemunho de que tinha nascido do Deus incorpóreo, afirmando, não que tivesse sido enviado, mas que nascera de Deus. Ele mesmo falara de sua natividade sob a figura de saída, ao dizer: *Vós me amais e credes que saí de Deus e, do Pai, vim a este mundo* (Jo 16,27-28). Do Pai viera a este mundo, porque saíra de Deus. Para que se entendesse que sua natividade significava a saída, acrescentou que viera da parte do Pai. E já que viera do Pai, porque saíra de Deus, sua saída de Deus é a absoluta natividade, já que, a seguir, se invoca o nome do Pai. Entendendo então os Apóstolos este mistério da saída, disseram-lhes Ele: *Credes agora? Eis que vem a hora, e é agora, em que vos dispersareis cada um para seu lado e me deixareis sozinho; mas não estou só, porque o Pai está comigo* (Jo 16,32-33). Para ensinar que essa saída não é afastamento de Deus Pai, mas que, ao nascer, conservara a natureza de Deus Pai, acrescentou não estar sozinho, mas ter o Pai consigo, certamente pela força e unidade da natureza, já que o Pai estava com Ele e nele permanecia, falando e agindo, quando Ele falava e agia. Em seguida, para explicar o motivo destas palavras, acrescentou: *Isto vos disse, para que em mim tenhais a paz. No mundo, porém, tereis atribulações, mas tende coragem, porque Eu venci o mundo* (Jo 16,33). Falou-lhes assim para que permanecessem nele, em paz, a fim de que a vontade de discutir não os fizesse dissentir nas disputas da fé, porque o que era deixado só não estava só e o que saíra de Deus tinha em si o Deus do qual saíra, e para que, quando fossem ultrajados no mundo, esperassem com paciência o que prometera, porque, saindo de Deus e tendo Deus consigo, vencera o mundo.

31. Finalmente, antes de falar de todo o mistério da fé, elevando aos céus os olhos, disse: *Pai, chegou a hora, glorifica teu Filho, a fim de que teu Filho te glorifique. E que pelo poder que tu lhe deste sobre toda a carne, Ele lhe dê a vida a todos os que lhe deste* (Jo 17,1-2). Parece fraco, porque roga para ser glorificado? Seria fraco se não rogasse para ser glorificado para glorificar, Ele mesmo, ao que o glorifica. Já tratamos, em outro livro, da glória a ser tributada e retribuída. Certamente pede a glória para que Aquele que a concede seja glorificado. Talvez então seja fraco por receber o poder sobre toda a carne. Seria fraqueza receber o poder, se não tivesse o poder de conceder, aos que o recebem, a vida eterna. Justamente porque recebe, atribuem alguma fraqueza à sua natureza. Admita-se a fraqueza, se Cristo não fosse verdadeiro Deus pela natividade, mas sim pela inascibilidade, porque, se receber o poder indica só a natividade, pela qual recebe aquilo que é, não se pode atribuir à fraqueza a doação, porque ela faz com que Aquele que nasce seja Deus perfeito. Sendo o Deus Inascível o princípio da perfeita natividade da divina beatitude, para o Deus Unigênito, o mistério do Pai é ser o princípio da natividade. Receber não supõe nenhuma diminuição, porque daí resulta que o Filho, pela genuína natividade, seja a perfeita imagem do seu princípio. Ter-lhe sido dado o poder sobre toda a carne, com a finalidade de conceder a vida eterna, significa que o doador é aquele que é Pai e que Aquele que recebe é Deus. Dar indica o ser Pai e receber. O poder de dar a vida eterna demonstra que o Filho continua sendo Deus. Este poder do Filho de Deus vem de sua natureza e lhe é congênito. Este poder que lhe foi dado não o separa do seu princípio, porque aquilo que lhe foi dado é próprio do Pai, a saber, dar a vida eterna e transformar a corrupção em incorrupção. O Pai tudo deu e o Filho recebeu tudo. Sobre isso não há dúvida nenhuma, pois disse: *Tudo o que é do Pai é meu* (Jo 16,15). Esta

palavra não indica as diferentes espécies de criaturas, nem as diversas mutações dos elementos, mas, abrindo para nós a glória da feliz e absoluta divindade, revela que se deve reconhecer a Deus no que lhe é próprio: a força, a eternidade, a providência, o poder. Não se deve pensar que Deus tenha tudo isso como algo exterior a Ele, mas sim que, por meio destas coisas, permite à nossa inteligência limitada saber um pouco quem seja Ele. Portanto, o Unigênito que subsiste na condição própria do Pai, depois de ter dito que o Espírito Santo iria receber dele, acrescentou: *Tudo o que é do Pai é meu, por isso disse: receberá do que é meu* (Jo 16,15). Tudo o que é do Pai é seu, foi-lhe entregue e Ele recebeu. Mas o que lhe foi dado não diminui a sua divindade, porque o faz existir na mesma condição que o Pai.

32. O Senhor usou uma progressão no seu ensinamento para fazer-nos compreender quem Ele era. Ensinou ter saído de Deus, disse que o Pai estava junto dele, afirmou ter vencido o mundo, disse que, quando fosse glorificado pelo Pai, iria glorificar o Pai e declarou que usaria o poder que recebera para dar a vida eterna a toda carne. Concluiu assim o seu discurso: *A vida eterna é esta: que te conheçam a ti, o Deus único verdadeiro, e aquele que enviaste, Jesus Cristo* (Jo 17,3). Aprende, ó herege, a proclamar a fé que dá a vida eterna e nela crer. E separa, se puderes, o Cristo de Deus, o Filho do Pai, o Deus que está acima de tudo do Deus verdadeiro, o Único Deus do Único Senhor (*pois há um só Senhor Jesus Cristo [1Cor 8,6]*), se a vida eterna consiste em crer no único Deus verdadeiro, sem Cristo. No entanto, não se chega à vida eterna pela confissão do único Deus verdadeiro, quando se separa Cristo do único Deus verdadeiro. Assim, não compreendo como se pode separar de Deus, quanto à fé, o que não pode ser separado dele em vista da salvação.

33. Embora saiba que estas explicações demoradas de tão difíceis questões se tornam um peso para os leitores desejosos de aprender, julgo necessário adiar um pouco a plena demonstração da verdade. É com proveito para a fé que devo lutar contra ti, ó herege, usando as mesmas sentenças evangélicas. Ouves a declaração do Senhor: *A vida eterna é esta, que te conheçam a ti, único Deus verdadeiro, e Aquele que enviaste, Jesus Cristo* (Jo 17,3). Indago o que te leva a pensar que Cristo não seja verdadeiro Deus. Não existe nenhuma outra indicação do que deves crer sobre Cristo; não tens nada, a não ser *Jesus Cristo*, nem *Filho do Homem*, como costumava chamar a si mesmo, nem *Filho de Deus*, como se declarou várias vezes, nem *pão vivo descido dos céus*, como se chamou com freqüência, para escândalo de muitos. Ao dizer: *a ti, único Deus verdadeiro, e Aquele que enviaste, Jesus Cristo*, abandona todo nome e cognome seu, seja natural, seja assumido. E como só dá a vida eterna Aquele que deve ser proclamado único e verdadeiro Deus e Jesus Cristo, não há dúvida de que se fala de Jesus Cristo, como Deus.

34. Talvez por dizer *a ti, único*, separe-se da comunhão e unidade com Deus. Separar-se-ia, sim, se não houvesse logo acrescentado: *e Aquele que enviaste, Jesus Cristo*. Pergunto ao bom senso do ouvinte o que se deve crer a respeito de Jesus Cristo, se, assim como se deve crer que o Pai é o único Deus verdadeiro, também se deve crer que Cristo o seja. Mas, talvez, pelo fato de ser o Pai o Único Deus verdadeiro, não se admita que Cristo seja Deus. Assim seria, certamente, se o único Deus Pai não deixasse Cristo ser o único Senhor (cf. 1Cor 8,6). Se o fato de ser o Pai o único Deus não retira de Cristo Jesus o ser o único Senhor, igualmente o fato de ser o Pai o único Deus verdadeiro não impede que Cristo seja Deus verdadeiro. Logo, o que permite merecer a vida eterna é que, ao crer no único Deus verdadeiro, se creia também em Cristo.

35. Pergunto, ó herege, quem é, segundo a tua idéia estulta, o Cristo em quem se deve crer. Quem é o Cristo que concede a vida eterna, que, sendo glorificado pelo Pai, glorificou o Pai, que venceu o mundo, que, abandonado, não está só, mas tem junto de si o Pai, que saiu de Deus e veio do Pai? Que

natureza e que realidade atribuis a quem, com tão grande poder, nasceu de Deus? Creremos inutilmente no Pai, único e verdadeiro Deus, se não crermos também naquele que Ele enviou, Jesus Cristo. Por que duvidas? Ensina-nos o que deve ser professado a respeito de Cristo, pois, se negas aquilo que está escrito, que te restará, senão crer no que não está escrito? Ó infeliz vontade, ó falsidade que resistis à verdade! Se Cristo está unido à fé e à confissão do verdadeiro Deus Pai, pergunto com que fé se negará ser Ele Deus verdadeiro e se dirá ser criatura, já que não há fé alguma em crer no único Deus verdadeiro sem Cristo. O teu acanhado senso, ó herege, é incapaz do divino Espírito e não se abre às palavras celestes. Inspirado pelo erro viperino, não reconheces o Cristo como verdadeiro Deus, na fé no único Deus verdadeiro, que deve ser confessado com vistas à vida eterna.

36. A fé da Igreja, confessando o único verdadeiro Deus Pai, confessa também a Cristo. Ao confessar a Cristo como verdadeiro Deus, não deixa de confessar o Pai, único Deus verdadeiro, e ao confessar o único verdadeiro Deus Pai, não deixa de confessar também a Cristo. Confessa que Cristo é Deus verdadeiro porque confessa que o Pai é o único Deus verdadeiro. Porque o Pai é o único Deus verdadeiro, se confirma que também Cristo é Deus verdadeiro. A natividade segundo a natureza não acarretou, para o Deus Unigênito, mudança de natureza. Aquele que procede do Deus subsistente subsiste, como Deus, pela natureza da divina geração, e não pode ser separado daquele que é o único Deus verdadeiro, pela realidade da natureza. A natureza conserva sua realidade, de modo que a verdade da natureza acarreta a verdade da natividade e o Deus Uno não dá origem a um Deus de gênero diferente do seu. O mistério de Deus não consiste na solidão nem na diversidade, pois não se pode pensar que Aquele que recebeu de Deus o seu ser, com a propriedade de sua natureza, seja um outro Deus. Aquele que a verdade da natividade ensina que deve ser confessado como Pai não existe na unicidade de pessoa. Deus que nasceu de Deus possui as propriedades de sua natureza e, pelo poder de sua natureza, vive naquele cuja natureza possui pela natividade. Nele, Deus não mudou nem se degenerou, porque, se a natividade acarretasse alguma deficiência, isto ofenderia antes a natureza, pela qual subsiste o que nasceu. O que existe a partir desta natureza teria deixado de ter o que lhe pertence, e a mudança não teria corrompido Aquele que nasceu como uma nova subsistência, mas sim Aquele que, ao gerar o Filho, se mostrou impotente para manter a imutabilidade da sua natureza, gerando algo diferente e exterior a si mesmo.

37. Não existem, na unidade de Deus Pai e Deus Filho, as imperfeições que lhe pode atribuir o modo humano de pensar, como já dissemos muitas vezes. Não se trata de extensão, sucessão ou emanção, como a fonte produz o regato como sua origem, como a árvore sustém o ramo no tronco ou o fogo irradia seu calor no ambiente. Estas coisas existem como uma extensão inseparável de sua origem, em vez de existirem por si mesmas. O calor está no fogo, o ramo, na árvore, o regato, na fonte. Existem como uma coisa só, em vez de procederem umas das outras, porque a árvore não é diferente do ramo, nem o fogo do calor, nem o regato da fonte. Ao contrário, o Deus Unigênito, pela perfeita e inenarrável natividade, é Deus subsistente, verdadeira progênie do Deus Inascível, geração incorpórea da natureza incorpórea, Deus vivo e verdadeiro do Deus vivo e verdadeiro. É Deus inseparável de Deus por natureza. A verdadeira natividade não fez dele um Deus de outra natureza, nem a geração que produz a sua subsistência mudou a natureza da substância em seu gênero.

38. Pela economia da Encarnação e pela obediência do que se esvazia da forma de Deus, Cristo, nascido Homem, assumiu para si nova natureza, não em prejuízo de sua força e natureza, mas pela mudança do seu modo de ser. Esvaziando-se da forma de Deus, recebeu, ao nascer, a forma de servo, mas, com a assunção da carne, a natureza do Pai, com a qual tinha unidade de natureza, não foi atingida. Embora Ele permanecesse na força da natureza divina, a nova condição assumida no tempo

perdera, com a forma de Deus, no que diz respeito à humanidade assumida, a unidade de natureza divina. Chega-se ao auge do desígnio de salvação: agora todo o Filho, isto é, Homem e Deus, pela indulgência da vontade paterna, permanece na unidade da natureza paterna e, permanecendo na força da natureza, permanece também no modo de ser desta natureza, e ao homem é concedido o ser Deus. O homem assumido não poderia existir na unidade com Deus de modo algum, a não ser que chegasse à unidade de natureza com Ele, pela união com a divindade. Porque o Deus Verbo existia na natureza de Deus, também o Verbo feito carne podia existir na natureza de Deus e assim o Homem Jesus Cristo podia estar na glória de Deus Pai, visto que a carne estava unida à glória do Verbo. O Verbo feito carne retornaria então à unidade da natureza paterna, também enquanto Homem, porque a carne assumida recebera a glória do Verbo. A unidade com o Pai deveria ser, de novo, dada ao Filho, para que Aquele que nascera da natureza do Pai voltasse a ser glorificado nele, porque a novidade da Economia da salvação pusera um obstáculo à unidade, e a unidade não poderia ser perfeita como antes, se a carne assumida não fosse glorificada nele.

39. Por isso, depois de ter preparado por tanto tempo a inteligência dos discípulos para entender o sentido desta verdade de fé, ao dizer: *A vida eterna é esta: que te conheçam a ti, único Deus verdadeiro, e Aquele que enviaste, Jesus Cristo (Jo 17,3)*, acrescentou, referindo-se à obediência da Encarnação: *Eu te glorifiquei na terra, conclui a obra que me encarregaste de realizar (Jo 17,4)*. Depois, para que entendêssemos a razão desta obediência e o mistério da Economia da salvação, continuou: *E agora, glorifica-me, Pai, junto de ti, com a glória que Eu tinha junto de ti antes que o mundo existisse (Jo 17,5)*. Quem nega que Cristo permanece na mesma natureza de Deus e não crê que Ele seja inseparável e não diferente do único Deus verdadeiro, responda qual o motivo do pedido: *E agora glorifica-me tu, Pai, junto de ti*. Qual o motivo para que o Pai o glorifique junto de si? Qual é a significação desta palavra? Que se deduz daí? O Pai não carece de glória, nem se esvaziou da forma de sua glória. Como, então, o Filho será glorificado junto dele, com a glória que possuía junto dele antes da criação do mundo? Qual é o sentido de: *ter junto dele*? Não disse: *a glória que eu tinha antes que o mundo existisse, quando estava junto de ti*; mas: *a glória que eu tinha junto de ti*, porque *estar junto de ti* significa seu ser subsistente, porém, *ter junto de ti* revela o mistério da natureza. *Glorifica-me junto de ti* não é o mesmo que *glorifica-me*. Não pede apenas para ser glorificado, como se rogasse algo da glória para si próprio, mas pede ao Pai para ser glorificado junto dele mesmo. Para que permanecesse em sua unidade, como permanecia antes, o Pai devia glorificá-lo junto de si, porque, pela obediência própria à economia da salvação, a unidade da glória havia desaparecido e, pela glorificação, estaria de novo naquela natureza à qual estava unido pelo mistério da divina natividade e seria glorificado pelo Pai, junto dele. Continuaria a ter o que possuía antes junto dele. Assumir a forma de servo não o separaria da natureza da forma de Deus, mas, em si mesmo, iria ser glorificada a forma de servo, para permanecer na forma de Deus, porque Aquele que antes permanecera na forma de Deus era o mesmo que estava na forma de servo. E quando fosse glorificada a forma de servo, para converter-se na forma de Deus, seria glorificada junto daquele mesmo em cuja forma a condição própria da forma servil devia ser glorificada.

40. Não é nova, nem aparece agora pela primeira vez, nas doutrinas evangélicas, esta palavra do Senhor. O mistério do Deus Pai que glorifica o Filho em si mesmo foi comprovado por aquela belíssima expressão de alegria e esperança do Senhor, logo depois de Judas ter saído para entregá-lo. No gáudio que sentia por ver que estava para ser consumada sua obra salvífica, diz o seguinte: *Agora o Filho do Homem foi glorificado e Deus foi glorificado nele. Se Deus foi glorificado nele, também Deus o glorificará em si mesmo e logo o glorificará (Jo 13,31-32)*. Por que nós, com nossas almas

carregadas com o peso de corpos de barro, as consciências manchadas de pecados, as mentes infectas e lamacentas, nos ensoberbeceremos a ponto de julgar aquilo que Deus declara sobre si mesmo, e arvorando-nos em árbitros da natureza celeste nos rebelamos contra Deus, com as ímpias disputas de nossa má-fé? O Senhor usou palavras simples e adaptou o quanto pôde as palavras à nossa inteligência, à medida que a fraqueza de nossa natureza podia suportá-la, mesmo que não tenha dito nada de menos digno da majestade de sua natureza. Julgo não ser ambíguo o significado de suas palavras: *Agora o Filho do Homem foi glorificado*, pois toda a glória era concedida, não ao Verbo, mas à carne, isto é, não ao Deus nascido de Deus, mas ao Homem nascido segundo a economia. Quanto ao que se segue, pergunto o que significa: *E Deus foi glorificado nele*. Deus foi glorificado nele, é o que escuto, mas o que isto significa para o teu entendimento, ó herege, ignoro. Deus foi glorificado nele, isto é, no Filho do Homem. Desejo saber se o Filho do Homem é o mesmo Filho de Deus. E como não é um o Filho do Homem e outro o Filho de Deus, pois *o Verbo se fez carne* (Jo 14) e como Aquele que é Filho de Deus, este mesmo é Filho do Homem, pergunto qual é o Deus que foi glorificado neste Filho do Homem, que é também Filho de Deus. Porque Deus foi glorificado no Filho do Homem que é também Filho de Deus.

41. Porque Deus foi glorificado no Filho do Homem, que é também Filho de Deus, vejamos o que se acrescenta pela terceira vez: *Se Deus foi glorificado nele, também Deus o glorificará em si mesmo*. Que mistério se oculta aqui? Deus, glorificado no Filho do Homem, glorificará em si o Deus glorificado. No Filho do Homem está a glória de Deus, e Deus glorifica em si a glória de Deus na glória do Filho do Homem. Certamente, o Homem não é glorificado por si mesmo, e Deus, que é glorificado no Homem, embora receba a glória, não é diferente de Deus. Mas, como, tendo sido glorificado o Filho do Homem, Deus que glorifica a Deus, o glorifica em si mesmo, vejo a glória da natureza (humana) ser assumida na glória da natureza do que glorifica a natureza do Homem. Deus não se glorifica, mas glorifica em si mesmo o Deus glorificado no Homem. E porque glorifica em si mesmo, apesar de não se glorificar, assume, no entanto, na glória de sua natureza, a natureza que glorifica. Deus, que glorifica a Deus, porque é glorificado no Homem, glorifica-o em si mesmo e demonstra que o Deus a quem glorifica está nele, já que o glorifica em si mesmo. Apresenta agora, quem quer que sejas, ó herege, as inexplicáveis questões de tuas sinuosas doutrinas, que se enredam em seus próprios nós. Tais doutrinas, mesmo que sejam muito numerosas, não podem trazer, para nós, o malefício da dúvida. O Filho do Homem é glorificado e, nele, Deus é glorificado. Deus glorificou em si mesmo o Deus glorificado no Homem. Não é a mesma coisa ser glorificado o Filho do Homem, ser Deus glorificado no Filho do Homem, ou Deus glorificar em si mesmo o que foi glorificado no Homem. Diz-me, com as palavras de tua impiedade, como entendes ser Deus glorificado no Filho do Homem. Certamente, ou é necessário que seja Cristo o que é glorificado na carne, ou que seja o Pai o que é glorificado em Cristo. Se é Cristo, certamente Cristo, que é glorificado na carne, é Deus. Se é o Pai, trata-se do mistério da unidade, já que o Pai é glorificado no Filho. Assim, confessando que é Cristo, dizes, mesmo contra a vontade, ser Ele Deus. Entendendo que Deus é o Pai, não negas em Cristo a natureza de Deus Pai. Tudo isso foi dito sobre o Filho do Homem que foi glorificado e sobre Deus glorificado nele. Quanto a Deus que glorifica em si mesmo a Deus glorificado no Filho do Homem, que recurso afinal te resta para afirmares com impiedade que Cristo não é Deus verdadeiro segundo a verdade da natureza? Deus glorifica em si mesmo a Cristo nascido como Homem. Acaso Aquele que Ele glorifica em si mesmo não está nele? Deus torna a dar a Cristo, em si mesmo, a glória que Cristo possuía junto dele. A forma servil assumida pelo Filho é assumida na forma de Deus, em si mesmo, e o Deus glorificado no Homem, este Deus que, antes do esvaziamento da Encarnação, existia nele mesmo, por ter a mesma forma e pela natureza que lhe vem da natividade, é glorificado no Pai.

Pois a natividade não produziu um Deus com uma natureza nova nem alheia, mas, pela geração, Ele tem uma subsistência pessoal como Filho, por natureza, daquele que é Pai por natureza. Depois da sua natividade como Homem, glorificado como Homem, de novo brilha na glória de sua natureza e Deus o glorifica em si mesmo quando, depois de ter-se esvaziado dela por causa da economia da salvação, é assumido na glória da natureza paterna.

42. A fé apostólica faz calar tua argumentação ímpia e insensata e impede que continues a discutir livremente, quando diz: *E toda língua confessará que o Senhor Jesus está na glória de Deus Pai* (Fl 2,11). Deve-se confessar que Aquele que o Pai glorificou em si mesmo está em sua glória. Do que declara estar na glória de Deus Pai, e a quem o Pai glorificou em si mesmo, sem dúvida alguma, deve-se entender que existe na mesma condição que o Pai, porque o Pai o glorifica em si mesmo e deve-se confessar que está na sua glória, pois está, não somente na glória de Deus, mas na glória de Deus Pai, que não o glorificou por uma glória exterior, mas glorificou-o em si mesmo. Ao recebê-lo na glória que é sua, aquela glória que tivera junto dele, não só o glorifica junto de si, mas também em si. Assim se entende ser Cristo inseparável desta união com o Pai, na qual acreditamos, também sob a condição humilde do Homem, pois diz: *Esta é a vida eterna: que te conheçam a ti, único Deus verdadeiro, e Aquele que enviaste, Jesus Cristo* (Jo 17,3). Se é conhecido somente Deus Pai, sem Cristo, não há vida eterna, e Cristo é glorificado no Pai, pois se a vida eterna consiste em conhecer o único Deus verdadeiro e Aquele que Ele enviou, Jesus Cristo, negue-se ser Cristo verdadeiro Deus, se a vida consiste em crer em Deus sem Cristo. Se somente o Pai é Deus verdadeiro, não pertença ao Deus Cristo toda a glória, a não ser que toda a glória de Cristo não esteja no único Deus verdadeiro, o Pai. Mas, se o Pai glorifica em si mesmo e se somente o Pai é Deus verdadeiro, Cristo não está fora do único Deus verdadeiro, porque Cristo é glorificado como Deus pelo Pai, único Deus verdadeiro, em si mesmo. E porque é glorificado pelo único Deus verdadeiro em si mesmo, não se separa do único Deus verdadeiro, porque, por Ele, é glorificado em si mesmo.

43. Talvez ocorra à tua ímpia perfídia opor-se à piedosa asserção de nossa fé, porque, quando Ele diz: *Em verdade, em verdade, eu vos digo: o Filho por si mesmo nada pode fazer, mas só aquilo que vê o Pai fazer* (Jo 5,19), esta confissão de incapacidade parece estranha à compreensão do Deus verdadeiro. A dupla afronta dos judeus exige uma dupla resposta, pois seria, de fato, uma declaração de incapacidade dizer que o Filho nada pode fazer por si mesmo, mas só o que vê o Pai fazer. Com uma única frase respondemos a duas acusações dos judeus, que o acusam pelo crime de violar o sábado e não aceitam a igualdade de Cristo com Deus, quando Ele declara ser Deus seu Pai. Julgas que, por ser esta palavra uma resposta aos judeus, pode-se ocultar o seu verdadeiro significado? Apesar de já termos tratado disto em outro livro, como não há prejuízo para a religião, mas é antes vantajoso que se trate de novo das verdades da fé, vamos tornar a estudar o mesmo assunto, visto que surgiu a ocasião.

44. Estas palavras do Evangelho tornam necessária a primeira resposta: *E por isso os judeus perseguiram a Jesus, e procuravam matá-lo, porque fazia estas coisas no sábado* (Jo 5,16). A ira deles se acendia a ponto de quererem matá-lo, por causa das obras feitas no sábado. Mas vejamos como o Senhor responde: *Meu Pai trabalha até agora, e Eu também trabalho* (Jo 5,17). Mostra-me, ó herege, que obra do Pai é esta, pois, pelo Filho e no Filho, tudo existe, as coisas visíveis e invisíveis. Se tu sabes mais que os Evangelhos, é forçoso que sejas adepto de outras doutrinas arcanas para chegar ao conhecimento das obras paternas e mostrar o Pai que trabalha. O Pai opera no Filho, visto que Ele mesmo diz: *As palavras que eu vos digo, não as digo eu, mas o Pai, que está em mim, Ele faz suas obras* (Jo 14,10). Percebes o que significa: *Meu Pai trabalha até agora*? Disse isso, para que se entendesse que tem em si o poder da natureza paterna, tendo usado seu poder nas obras realizadas no

sábado. Se, quando Ele opera, o Pai opera nele, forçoso é que, quando o Pai opera, Ele opere. Por isso diz: *Meu Pai trabalha até agora*, para que suas palavras e ações sejam consideradas como operação da natureza paterna presente nele. *Meu Pai trabalha até agora* significa que a ação é realizada no único e mesmo momento em que fala, de modo que não se creia que a obra do Pai seja uma obra diferente da que Ele realiza, pois, se o Pai trabalha até agora, a mesma obra, feita no momento em que Ele fala, é obra do Pai. Para que a fé, baseada apenas no conhecimento do Pai, não se visse privada da esperança na vida eterna, logo acrescenta: *eu também trabalho*. Aquilo mesmo que o Pai opera agora, também o Filho opera. Deste modo ensinou qual é a perfeição da fé, mostrando que o que se faz agora se realiza no tempo em que se fala, e que o que Pai faz, também o Filho o faz. Exclui assim a unicidade de um solitário. Contudo aumentou a indignação dos ouvintes, pois assim continua: *Por isso com mais empenho procuravam os judeus matá-lo, porque, não apenas violava o sábado, mas também dizia ser Deus seu próprio Pai, fazendo-se igual a Deus* (Jo 14,18). E aqui, de novo, advirto que, tanto pelo bom senso do Evangelista como pela aquiescência comum do gênero humano, o Filho existe em igualdade de natureza com o Pai, e não existe igualdade a não ser que proceda da mesma natureza, porque o que nasce não recebe de outra origem aquilo que é, e todo o que é gerado não é alheio ao que o gera, pois dele recebe o ser para que seja o que é. Portanto, vejamos o que o Senhor responde à dupla acusação: *Em verdade, em verdade vos digo: o Filho por si mesmo nada pode fazer, mas só aquilo que vê o Pai fazer, pois tudo o que Ele faz, o Filho o faz igualmente* (Jo 5,19).

45. É preciso relacionar essa palavra com o que a precede, para não forçá-la, impondo-lhe um sentido diferente, originado de uma compreensão própria, contrária à fé. Se representa uma resposta motivada pela indignação, nossa fé expressará melhor o que ela ensina do que a perversidade irreligiosa defende o erro de sua impiedade. Vejamos se esta resposta diz respeito à acusação de trabalhar no sábado: *Em verdade eu vos digo, o Filho por si mesmo nada pode fazer, mas só aquilo que vê o Pai fazer*. Acima dissera: *Meu Pai trabalha até agora, e eu também trabalho* (Jo 5,17). O Filho não tem crime se age pela autoridade da natureza paterna que tem em si. Ele age pela ação do Pai que trabalha até agora no sábado, nesta obra, na qual se manifesta a autoridade do agir paterno. Dizendo *não pode*, não se refere à incapacidade, mas à autoridade, pois não pode por si mesmo, a menos que veja. Ter visto, porém, não lhe confere poder. Se ter visto não lhe dá poder, não poder sem ver não enfraquece a natureza, mas, o fato de ver revela a origem do poder. Ao dizer: *mas só aquilo que vê*, quer referir-se à consciência que se adquire na visão, como diz aos Apóstolos: *Erguei os olhos e vede os campos, como estão brancos para a colheita* (Jo 4,35). Pela consciência de ter em si a natureza do Pai, que nele opera quando Ele opera, para que não pensassem haver violado o sábado, diz: *o Filho por si mesmo nada pode fazer, mas só aquilo que vê o Pai fazer* (Jo 5,19). Quer mostrar que opera tendo consciência da natureza que nele age, porque, quando trabalha no sábado, o Pai também trabalha no sábado, até agora. Os ditos seguintes se referem a outra acusação: *Tudo o que o Pai faz, o Filho o faz igualmente* (Jo 5,19). censura a incapacidade do Filho de Deus, retira-lhe também a igualdade de natureza, se tudo o que o Pai faz, o Filho também não faz igualmente, se devemos admitir alguma diferença entre o poder de agir do Pai e o do Filho, se aquilo que pertence à igualdade de natureza e de poder não requer a igualdade da honra. Ele mesmo continua dizendo: *Para que todos honrem o Filho, assim como honram o Pai. Quem não honra o Filho, não honra o Pai que o enviou* (Jo 5,23). Distingue a igualdade de natureza quando na honra não há disparidade; mostra fraqueza da natureza do Filho quando age com o mesmo poder do Pai!

46. Por que transformas o questionamento que provocou esta resposta em afronta à divindade? Cristo responde à acusação de trabalhar no sábado, dizendo não poder fazer nada a não ser o que vê o Pai

fazer e, para demonstrar a igualdade com Ele, afirmar fazer tudo o que o Pai faz. Tu usas a palavra a respeito do sábado para acusá-lo de fraqueza, dizendo que aquilo que o Pai faz, o Filho não o faz igualmente. Se, porém, *todas as coisas*, sem exceção, são feitas, em que se encontrará fraqueza, se não há nada que o Pai possa fazer que o Filho também não possa? Em que se nega a igualdade, em nome da sua fraqueza, se uma e a mesma honra é atribuída a ambos? Se o poder de operar é o mesmo e se também a honra é a mesma, não entendo onde se encontra a desonra de uma natureza fraca, visto que são as mesmas, no Pai e no Filho, a força do poder e a igualdade da honra.

47. Esta questão já foi tratada exaustivamente. Contudo, o fato de ter o Senhor dito: *O Filho por si mesmo nada pode fazer, mas só aquilo que vê o Pai fazer* (Jo 5,19) poderia trazer proveito para a impiedade que quer demonstrar a inferioridade de sua natureza. Assim, é preciso explicar que estas palavras indicam que está consciente de haver nele a natureza paterna, pela qual, com autoridade, trabalhou no sábado. Deve-se também expor o sentido de outra palavra do Senhor a esse respeito: *nada faço por mim mesmo, mas falo como o Pai me ensinou. E quem me enviou está comigo e não me deixa só, porque faço sempre aquilo que lhe agrada* (Jo 8,28-29). Percebes o que seja nada poder fazer o Filho, a não ser o que vê o Pai fazer? Por que mistério teria dito *nada faço por mim mesmo e não me deixa só, porque faço sempre aquilo que lhe agrada*? Se nada faz por si mesmo, porque nele está o Pai, por que motivo o Pai não o deixa só, porque faz o que lhe agrada? De acordo com teu parecer, ó herege, as afirmações, de que nada faz por si mesmo, mas só o que é ensinado pelo Pai que permanece nele e de que o Pai permanece nele porque faz aquilo que lhe agrada, não concordam entre si. Se nada faz por si mesmo porque o Pai está nele, como pôde merecer que o Pai permanecesse nele, porque sempre faz o que lhe agrada? Não há mérito algum em não fazer por si mesmo o que faz. Por outro lado, como aquilo que o Filho faz agrada ao Pai, se é o Pai que permanece no Filho, que faz? Não tens saída, ó impiedade, e a piedade de nossa fé baseada em sólidos argumentos te constrange. Ou o Filho faz alguma coisa, ou não faz. Se não faz, como pode agradar aquilo que faz? Se faz, como faz aquelas coisas que não faz por si, se é próprio do Filho fazer as coisas que agradam ao Pai e não têm mérito as que não faz por si mesmo?

48. Pertence à unidade da natureza, que tu contradizes, agir por si, de tal forma que não atue por iniciativa própria, e não agir por iniciativa própria, de tal forma que atue por si. Entende o Filho que age e o Pai que age por Ele. Não age por si, porque se deve demonstrar que o Pai permanece nele. Age por si, porque, em virtude da natividade, como Filho, faz, Ele mesmo, o que agrada ao Pai. Seria fraco por não agir por si mesmo, se não agisse fazendo aquelas coisas que agradam (ao Pai). Ou então não haveria unidade de natureza, se, ao fazer o que agrada, não o fizesse por si, mesmo que o Pai, que permanece nele, o ensine a fazer. Assim, o Pai, que permanece nele, ensina o Filho a agir, e o Filho, quando age, não age por si. O Filho que não age por si, quando faz o que agrada ao Pai, age. A unidade de natureza se mantém na ação, pois o que age não age por si mesmo e o que não age por si mesmo é o que age.

49. Acrescenta ainda a isso o que pregas erroneamente para atribuir-lhe fraqueza: *Todo aquele que o Pai me dá vem a mim, e quem vem a mim eu não o rejeitarei, pois desci do céu não para fazer a minha vontade, mas a daquele que me enviou* (Jo 6,37-38). Talvez o Filho não tenha uma vontade livre, de sorte que a incapacidade da natureza lhe imponha a necessidade. Por isso, seria sujeito à necessidade e não teria liberdade para poder rejeitar aqueles que lhe foram dados pelo Pai e que vêm a Ele. Mas, não: o que o Senhor indica é a unidade do mistério, quando não rejeita os que lhe foram dados, e não faz a sua vontade, mas a do que O enviou. Depois de repetir esta mesma palavra aos judeus murmuradores, confirma o sentido de nossa interpretação ao dizer: *Quem escuta o ensinamento do Pai*

e dele aprende vem a mim; não que alguém tenha visto o Pai, a não ser Aquele que vem de Deus, Este viu o Pai. Em verdade, em verdade, eu vos digo: quem crê em mim tem a vida eterna (Jo 6,45-47). Indago, primeiro, quando foi ouvido o Pai e quando ensinou aos ouvintes. Ninguém vê o Pai, a não ser Aquele que vem de Deus. E como alguém poderá ouvir Aquele que ninguém vê? O que ouve o Pai vem ao Filho e, quando o Filho é ouvido e ensina, demonstra ter em si a propriedade da natureza paterna que é ouvida e ensina. Quando o Filho ensina e é ouvido, deve-se entender que se ouve a doutrina paterna. Como ninguém vê o Pai e, quando se vai ao Filho, escuta-se e aprende-se do Pai que se deve ir ao Filho, somos exortados a entender que, no Filho que fala, é o Pai que ensina e que, no Filho, que é visto, é ouvido o Pai, que por ninguém é visto, porque, pela perfeita natividade, o Filho possui o que é próprio da natureza paterna. Por conseguinte, quando o Deus Unigênito quis dar testemunho do poder original do Pai, salvaguardando em si a unidade de natureza, não rejeitou os que lhe foram dados pelo Pai e não fez a sua vontade, mas a daquele que o enviou. Isto não significa que Ele não queira o que faz, ou que não se deva ouvi-lo quando ensina, mas sim que Ele quer mostrar que o que envia e o que é enviado possuem a mesma natureza divina, porque tudo aquilo que quer, faz e diz significa a vontade, a obra e a palavra do Pai.

50. Que tenha a vontade livre, mostra-o sem ambigüidade ao dizer: *Assim como o Pai ressuscita mortos e os faz viver, também o Filho dá a vida a quem quer (Jo 5,21).* Ao manifestar serem iguais, no Pai e no Filho, o poder, a força, a dignidade e a honra, mostra a liberdade da vontade. Quando a unidade é demonstrada, também é revelada a obediência à vontade paterna. O Filho faz o que o Pai quer. Fazer, porém, é mais do que obedecer à vontade. Obedecer à vontade significa necessidade exterior, fazer a vontade é próprio da unidade, visto que resulta da vontade. Quando o Filho faz a vontade do Pai, ensina que, pela identidade da natureza, a sua vontade está unida à do Pai, pois tudo o que faz é vontade dele. O Filho quer tudo o que o Pai quer, e não discorda dele, por causa da unidade da natureza. Qual seja a vontade do Pai, mostra-o, ao dizer: *Esta é a vontade de meu Pai: que todo aquele que vê o Filho, e nele crê, tenha a vida eterna, e que eu o ressuscite no último dia (Jo 6,40).* Vê agora se o Filho discorda da vontade do Pai quando diz: *Pai, aqueles que me deste, quero que onde eu estou, também eles estejam comigo (Jo 17,24).* Não há dúvida a respeito daquilo que o Filho quer. Assim como o Pai quer que os que crêem no Filho tenham a vida eterna, o Filho quer que os que crêem nele estejam onde Ele está, a menos que habitar com Cristo não seja a vida eterna, ou que Cristo não conceda aos que nele crêem uma vida perfeita e bem-aventurada, quando diz: *Ninguém conhece o Filho, senão o Pai, ninguém conhece o Pai, senão o Filho e aquele a quem o Filho o quiser revelar (Mt 11,25).* Acaso não pertence à vontade livre querer dar-nos o conhecimento do mistério do Pai? E é tão livre a sua vontade, que quer conceder o conhecimento dele e do Pai a quem quiser. Assim fica demonstrada a unidade de natureza entre o Pai e o Filho, derivada da natividade, pois o Filho é tão livre no seu querer, que faz pela vontade paterna o que faz porque quer.

51. Quem ignora totalmente a economia da fé não consegue entender os mistérios, e quem não aceitou a doutrina do Evangelho está afastado da esperança do Evangelho. Deve-se crer que o Pai está no Filho e que o Filho está no Pai pela unidade da natureza, pela força do poder, pela igualdade da honra, pela geração do Filho. Mas, talvez seja contrária a esta nossa profissão a palavra do Senhor, que diz: *O Pai é maior do que eu (Jo 14,28).* Que dardo de impiedade é este teu, ó herege? São estas as armas de tua insensatez? Esqueces que a Igreja não conhece dois inascíveis e não confessa dois Pais? Não te lembras mais da economia do Mediador e, nesta economia, do parto, do berço, do crescimento, da paixão, da cruz e da morte? Ao renasceres, não confessaste (no Símbolo) o Filho de Deus nascido de Maria? Se, tendo passado por tudo isso, o Filho diz: *O Pai é maior do que eu,* julgas dever ignorar a

economia de tua salvação, que é o esvaziamento da forma de Deus? Julgas dever ignorar que o Pai permaneceu fora desta assunção das paixões humanas, naquela feliz eternidade de sua natureza incontaminada, sem assumir a nossa carne? Nós, porém, confessamos que Deus Unigênito, por existir na forma de Deus, permanecia na natureza de Deus, porém não atribuímos imediatamente a unidade da forma servil à natureza da divina unidade. Não afirmamos que o Pai está no Filho como por uma identificação corporal, mas sim, que a natureza gerada pelo Pai da sua mesma essência tem em si, naturalmente, a natureza do que a gerou, e que aquela natureza, permanecendo na forma da natureza do que a gerou, assumiu a forma da natureza e a fraqueza do corpo. O que era próprio da natureza existia (no Filho), mas já não estava na forma de Deus, porque, por seu esvaziamento, assumira a forma de servo. A natureza divina não desapareceu, como se deixasse de existir, mas, permanecendo nele a natureza de Deus, assumiu a humildade da natividade terrena exercendo o poder próprio da natureza de Deus no modo de existir da condição humilde assumida. Deus, nascido de Deus, sendo visto como Homem na forma de servo, agia como Deus por suas ações poderosas. Com suas ações demonstrava que não deixava de ser Deus e, sendo visto na condição humana, demonstrava que não deixava de ser Homem.

52. Por isso, no mesmo discurso, para afirmar sua unidade de natureza com o Pai, dissera antes: *Quem me vê, vê também o Pai* (Jo 14,9) e: *O Pai está em mim, e eu no Pai* (Jo 10,38). Como, pela igualdade de natureza, não se diferenciam, quando se via o Filho, via-se também o Pai. Permanecendo Aquele que é Um, no que é Um, não se podem distinguir. No entanto, para que não se julgasse que comparava à visão do Pai a contemplação corporal dele mesmo, acrescentou: *Crede em mim, eu estou no Pai, e o Pai em mim; crede ao menos por causa destas obras* (Jo 14,11-12). O poder pertence à natureza, e a eficácia de suas ações advém de seu poder. Pelas ações realizadas pelo seu poder, deve-se reconhecer sua unidade de natureza com o Pai. À medida que alguém o reconheça como Deus pelo poder da natureza, conhecerá também a Deus Pai na força da sua natureza. O Filho dá a conhecer, em suas obras, que o Pai deve ser visto nele, já que é tão grande quanto o Pai. Por isso, deve-se reconhecer que o Pai não é diferente do Filho, quando se entende que não são diferentes pelo poder da natureza.

53. Estando para realizar a economia da Encarnação e levar a seu termo o mistério da forma servil que assumiu, o Deus Unigênito usou esta expressão para demonstrar o que seja a nossa fé: *Ouvistes o que eu vos disse: vou, e venho a vós. Se me amásseis, ficaríeis alegres porque vou para o Pai* (Jo 14,28). Já explicamos antes o que se refere à natureza da divindade. Acaso agora esta afirmação retiraria do Filho a igualdade de natureza, consumada pela genuína natividade? Seria ofensivo para o Deus Unigênito ter por Pai o Deus Inascível, quando a sua natividade como Unigênito o faz subsistir como natureza unigênita do Deus inascível? O Filho não é a origem de si mesmo, nem existe a partir do nada, mas é natureza vivente que procede da natureza vivente e tem em si o poder da sua natureza. Proclamando a origem desta natureza, dá testemunho de sua glória e da graça de sua natividade na glória. Presta ao Pai a honra que lhe é devida, obedecendo à vontade do que O enviou, porém não diminuiu, pela obediência da humildade, a unidade de natureza. Fez-se obediente até a morte, mas, depois da morte, seu nome não deixa de estar acima de todo nome (cf. Fl 2,8-9).

54. Talvez se julgue não ser Ele igual ao Pai porque o nome de Filho lhe é dado depois do esvaziamento da forma de Deus. Esta afronta ignora o mistério da humilhação assumida. Se o nascimento como Homem trouxe nova natureza e a humildade mudou sua forma, ao assumir a condição servil, agora a doação do nome torna a dar-lhe a igualdade da forma. Pergunta o que foi dado. Se foi dado o que é de Deus, o dom desta natureza não traz inferioridade à natureza divina. Este nome que agora lhe é dado contém o mistério do dom, mas isto não quer dizer que, ao recebê-lo como

dom, esteja recebendo um nome que não é o seu. O nome é dado a Jesus, para que diante dele todo joelho se dobre, no céu, na terra e nos infernos, e toda língua confesse que o Senhor Jesus está na glória de Deus Pai (cf. Fl 2,10). A honra desta confissão lhe é dada: que se confesse que está na glória de Deus Pai. Ouve: *O Pai é maior do que eu* (Jo 14,28), mas fica sabendo que se trata daquele de quem foi dito que, por causa de sua obediência, recebeu *um nome que está acima de todo nome* (cf. Fl 2,9). Ouve de novo: *Eu e o Pai somos um* (Jo 10,30); *Quem me vê, vê também o Pai* (Jo 14,9); *Eu estou no Pai, e o Pai está em mim* (Jo 14,11). Entende qual é a honra prestada com a confissão: *o Senhor Jesus está na glória de Deus Pai*. Quando acontece: *o Pai é maior do que eu*? Sem dúvida ao ser dado o nome acima de todo nome. Quando se realiza o dito: *Eu e o Pai somos Um*? Exatamente quando toda língua confessa que o Senhor Jesus está na glória de Deus Pai. Se, pela autoridade de quem doa, o Pai é maior, o Filho acaso será menor, pela confissão do dom? Na verdade, o que doa é maior, porém Aquele a quem é dado ser Um com Ele não é menor. Se não é dado a Jesus que se confesse estar na glória de Deus Pai, então é menor do que o Pai. Se, porém, lhe é dado ter a mesma glória que o Pai, tens, na autoridade do que doa, a razão pela qual é maior e, na confissão do que recebe o dom, o motivo pelo qual são Um. O Pai é maior do que o Filho. Certamente é maior porque lhe concede ser aquilo que Ele é. Concede-lhe, pelo mistério da natividade, ser imagem da inascibilidade. Gera-o de si mesmo para que reproduza sua forma. Outra vez o reconduz da forma de servo à forma de Deus. Concede a Jesus Cristo, Deus morto segundo a carne, que é Cristo Deus, nascido na sua glória segundo o Espírito, estar de novo na sua glória. Mostra assim por que, se o amassem, os discípulos se alegrariam porque Ele ia para o Pai, porque o Pai é maior.

55. Ensina que este gáudio provém da dileção, porque o amor se alegra com a confissão de que Jesus está na glória de Deus Pai. Revela a seguir o motivo pelo qual mereceu recuperar a glória: *Pois vem o príncipe deste mundo, e não tem nenhum poder sobre mim* (Jo 14,30). O príncipe deste mundo não tem nenhum poder sobre Ele porque Ele foi visto na condição de Homem, na semelhança da carne do pecado, mas permanecia fora do pecado, e *por causa do pecado, condenou o pecado na carne* (Rm 8,3). Referindo tudo isso à obediência à vontade do Pai, acrescentou: *Mas para que o mundo saiba que eu amo o Pai, e faço o que o Pai me ordenou; levantai-vos, vamo-nos daqui* (Jo 14,31). Para consumir o mistério da paixão corporal, movido pelo desejo de realizar o mandato paterno, apressa-se em levantar-se revelando, logo a seguir, o mistério da assunção de um corpo, pelo qual lhe seríamos unidos como os ramos à videira. Como ramos, não daríamos fruto útil a não ser que Ele se tivesse tornado videira (cf. Jo 15,1-6). Exorta-nos a permanecer nele pela fé na assunção do corpo, para que, como o Verbo se fez carne, fôssemos inseridos em sua natureza carnal à semelhança dos ramos da videira. Separou a forma da majestade paterna da assunção desse corpo humilde, quando se declarou *videira* para a unidade dos ramos e mostrou o Pai como agricultor cuidadoso desta videira, que corta os ramos inúteis e infrutíferos e os entrega para serem queimados. Depois de dizer: *Quem me vê, vê também o Pai* (Jo 14,9), e: *As palavras que eu vos digo, não as digo eu, mas o Pai que está em mim, Ele faz suas obras* (Jo 14 10), e: *Crede em mim, porque eu estou no Pai, e o Pai em mim* (Jo 14,11), a fim de manifestar o mistério da natividade e da assunção do corpo, disse a seguir: *o Pai é maior do que eu* (Jo 14,28). E logo, para esclarecer o sentido desta frase, apresentou o exemplo do agricultor, da videira e dos ramos, mostrando assim a assunção da humildade do corpo. Ensina ser esta a causa de sua ida para o Pai e da alegria dos que o amam, por causa de sua ida para o Pai, porque o Pai é maior do que Ele, pois seria reassumido por Ele na glória, junto dele, e, por Ele, seria glorificado, não com uma nova glória, mas com a que possuía no princípio, não com uma glória que tivesse outra origem, mas com aquela que tinha junto dele. Se, portanto, não deve ser glorificado nele, isto é, por estar na glória de Deus Pai, podes atribuir-lhe uma natureza inferior. Se, ao contrário, ser glorificado por Ele

significa o poder, reconhece ser o Pai maior pelo poder de glorificar.

56. Por que te aproveitas do mistério da economia para blasfemar? Por que levas para a morte o mistério de nossa salvação? O Pai que há de glorificar o Filho é maior. O Filho glorificado no Pai não é menor. Como será menor quem está na glória de Deus Pai? Porém, o Pai não é maior? Certamente o Pai é maior, por ser o Pai, mas o Filho, por ser o Filho, não é menor. A natividade do Filho faz com que o Pai seja maior. A natureza da natividade não permite ao Filho ser menor. O Pai é maior porque a Ele é pedido que glorifique o Homem assumido. O Filho não é menor porque retoma a glória junto do Pai. Assim se cumpre o mistério da natividade eterna e a economia da Encarnação. O Pai, porque é Pai e agora glorifica o Filho do Homem, é maior. O Pai e o Filho são Um, porque o Filho nascido do Pai, depois de assumir o corpo terreno, é glorificado no Pai.

57. A natividade não significa inferioridade da natureza, porque o que nasce de Deus existe na forma de Deus. Embora se julgue, pelo significado das palavras, que são diferentes o Inascível e o que nasce, o que nasce não está fora da natureza do que é inascível, porque não recebe de outra origem o seu subsistir. Ainda que não tenha recebido a inascibilidade, juntamente com o Pai, no entanto recebeu de Deus inascível o ser Deus. Nossa fé, mesmo não compreendendo o início da natividade, professa que o Unigênito é eternamente Deus, porque a sua natureza não permite que se confesse ter começado a existir Aquele cuja natividade está além de todo início do tempo. Ao confessar que Ele existiu sempre e antes dos tempos, não se duvida, no entanto, de que tenha nascido na eternidade intemporal, embora se afirme que a natividade deva ser entendida como sem princípio.

58. Os hereges, para negar a sua natureza divina, apresentam o que foi dito: *O Pai é maior do que eu, e: Quanto ao dia e a hora ninguém sabe, nem os Anjos nos céus, nem o Filho, mas somente o Pai* (Mc 13,32). Objeta-se ao Deus Unigênito a ignorância do dia e da hora. Deus nascido de Deus não teria a perfeição da natureza pela qual Deus é Deus. Seria dominado pela ignorância e, assim sendo, uma força externa, mais poderosa do que Ele, o manteria na incapacidade da ignorância. O furor dos hereges quer forçar-nos também à impiedade deste modo de ver, obrigando-nos a confessar que assim se deve crer, porque isso foi dito pelo Senhor e seria o cúmulo da irreligiosidade corromper sua clara afirmação sobre si mesmo com uma interpretação diferente.

59. Em primeiro lugar, antes de falar do conteúdo e da razão do que foi dito, deve-se entender, como indica o senso comum, que não é crível que o Senhor de tudo o que é e será não conheça alguma coisa. Tudo existe por Cristo e em Cristo, e existe de tal forma por meio dele, que tudo existe nele (cf. Cl 1,16). Aquilo que não está fora dele não deixa de existir por meio dele. Como não estará também nele o conhecimento, se muitas vezes, pela força de sua natureza, que nada ignora, apreende aquilo que não existe, nem em si nem por si? Aquilo que tem sua causa unicamente a partir dele e recebe somente dele o impulso que leva a ser o que é e o que será, acaso poderia permanecer fora do conhecimento próprio de sua natureza, pelo qual e no qual está contido tudo aquilo que deve ser feito? O Senhor Jesus Cristo não ignora os pensamentos humanos, não apenas os que são movidos pelo impulso presente, mas também os que serão motivados pelos desejos futuros. Atesta-o o Evangelista: *Sabia Jesus, desde o início, quais os que não acreditavam e quem era aquele que o entregaria* (Jo 6,64). Seria possível imaginar que o poder de sua natureza, que conhece coisas ainda não existentes e não ignora as inquietações que sofrerão espíritos ainda em repouso, pudesse desconhecer o que existe por Ele e nele? Acaso seria incapaz, em relação ao que é seu, o que é poderoso em relação ao que é alheio? A respeito dele lembramos que foi dito: *Tudo foi criado por Ele, e Ele existe antes de todos* (Cl 1,16), e: *Aprove a Deus fazer habitar nele toda a Plenitude, e por Ele e para Ele reconciliar todos os seres* (Cl 1,19). Se toda a plenitude está nele, se tudo será reconciliado por Ele e nele, e aquele dia é a

esperança da nossa reconciliação, acaso ignorará Ele quando será aquele dia, se o tempo desse dia está nele e é dele o seu mistério? Na verdade, este é o dia de seu advento, sobre o qual disse o Apóstolo: *Quando Cristo, vossa vida, aparecer, então também vós aparecereis com Ele na glória* (Cl 3,1). Se ninguém desconhece o que existe por si e em si, Cristo, que virá, ignora o dia de sua vinda? É o seu dia, de acordo com o mesmo Apóstolo: *Porque o dia do Senhor virá como o ladrão à noite* (1Ts 5,2), e dever-se-á entender que o ignora? Se os seres humanos decidem o que fazer e prevêm tudo o que é possível conhecer de antemão e se, ao conhecimento do que se deve fazer, segue-se a vontade de agir, acaso Aquele que nasceu como Deus não conheceria o que existe por meio dele e nele? Por Ele existem os tempos e nele está o dia, porque, por meio dele se determinam as coisas futuras e a Ele compete dispor a sua vinda. Haverá nele tal ignorância a ponto de desconhecer, pelo entorpecimento do senso natural, aquilo que lhe diz respeito, como as feras e os brutos, que não sabem nem mesmo o que fazem, mas são movidos por qualquer movimento da vontade estúpida e agem ao acaso, de modo incerto?

60. Como se pode ainda crer que o Senhor da glória, por ignorar o dia de sua vinda, possua uma natureza tão desordenada e imperfeita que deva vir, mas não tenha conhecimento do tempo de sua vinda? Seria melhor atribuir a Deus a ignorância que lhe retirar o conhecimento. Além disso, seria duplamente favorecida a impiedade se, além de se atribuir a incapacidade a Cristo, também se atribuísse uma falha a Deus Pai, que teria enganado o Deus Unigênito, o Filho de sua dileção, a respeito desse dia e, com um sentimento maligno, teria impedido, por inveja, que conhecesse a futura consumação. Se não quis que ignorasse o dia e a hora de sua paixão, teria negado a Ele o conhecimento do dia de seu poder, quando iria ser glorificado em seus santos? Se lhe concedeu a presciência de sua morte, teria impedido que conhecesse sua felicidade? A consciência humana não pode aceitar que se presuma, arbitrariamente, tal coisa a respeito de Deus e se atribuam a Ele vícios e alterações humanas, de tal modo que o Pai negue algo ao Filho, ou que Aquele que nasceu como Deus ignore algo.

61. Deus não sabe ser outra coisa senão amor, nem outra coisa a não ser Pai. Quem ama não inveja, e quem é Pai é inteiramente pai, e não é outra coisa. Este nome não admite divisões, de modo que, sob algum aspecto, seja Pai, sob outro, não o seja. É Pai em tudo quanto nele existe e se possui inteiramente naquele para quem não é Pai só em parte. Não é Pai do que é seu para vantagem própria, mas é inteiramente Pai, em tudo o que é, para Aquele que recebe dele o seu ser. Segundo a natureza dos corpos humanos provenientes de elementos díspares, que existem a partir de componentes diversos, ninguém pode ser pai se não for pai de tudo o que é seu, porque a natividade perfeita conserva nos filhos todas as partes e propriedades que estão em cada um. Quem é pai é pai de tudo o que é seu, pois o que nasce provém de tudo o que ele é e permanece em tudo. Em Deus não há nada de corpóreo. Ele é um todo perfeito. Nele não há partes, mas Ele é íntegro e tudo abarca. Não foi vivificado, mas é vivo. Todo Ele é vivente e todo Ele é inteiramente Deus, pois não se compõe de partes e é perfeito pela simplicidade. Assim sendo, é forçoso que, pelo fato de ser Pai, seja, em tudo, Pai para Aquele que gerou de si mesmo, porque a perfeita natividade do Filho consuma em perfeição a sua paternidade. Se é verdadeiro Pai para o Filho, é necessário que o Filho tenha as propriedades que o Pai possui. Como se pode pensar que as possui, se não tem a presciência, e falta à sua natividade algo que provém de seu princípio? Pois faltará quase tudo, se não tiver o que é próprio de Deus. E o que é mais próprio de Deus que o conhecimento das coisas futuras, de tal modo que sua natureza seja capaz de conter os seres existentes e os que existirão depois, os invisíveis e os que ainda não existem?

62. O Doutor das Gentes, Paulo, não admite em nós esta ímpia declaração do erro, como se o

Unigênito ignorasse algo, pois diz: *Fundados no amor, sejam levados a todas as riquezas da plena inteligência e ao conhecimento do mistério de Cristo Deus. Nele estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e da ciência* (Cl 2,2-3). Cristo Deus é mistério, e nele se encontram ocultos todos os tesouros da sabedoria e da ciência. Isto não se pode dizer ao mesmo tempo de uma parte e do todo, porque nem a parte significa o todo, nem o todo pode ser entendido como uma parte. Se o Filho não conhece o dia, já não estão nele todos os tesouros da ciência. Porém não ignora o dia, se contém em si os tesouros da ciência. Devemos lembrar-nos de que nele estão ocultos os tesouros da ciência, que, pelo fato de estarem ocultos, não deixam de estar nele. Por ser Deus, estão nele, por ser mistério, estão ocultos. Porém nem oculto nem ignorado por nós é o mistério de Cristo Deus, no qual estão ocultos todos os tesouros da ciência. E, porque Ele é mistério, vejamos se é ignorante naquilo que não sabe. Pois, se em outros lugares a declaração de que ignora não tem o sentido de não saber, agora também não ignora o que desconhece. A ignorância daquele em quem todos os tesouros da ciência estão ocultos, será devida mais à economia da salvação do que ao fato de não saber. Tens assim a causa do *ignorar* que não deve ser entendido como um *não saber*.

63. Todas as vezes que Deus diz ignorar, declara na verdade a ignorância, mas não é impedido pela ignorância. Nele, o não saber não está relacionado com a fraqueza devida à ignorância. Somente não é ainda tempo de falar ou ainda não é chegada a ocasião de agir. Deus fala a Abraão, dizendo: *O clamor de Sodoma e Gomorra chegou ao auge, e seus pecados são grandes demais. Descerei, portanto, e verei se suas obras correspondem ao clamor; se não for, eu saberei* (Gn 18,20-21). Temos, portanto, aí, a Deus que não sabe o que, no entanto, não desconhece. Sabe que são enormes os pecados e desce para ver se já chegaram ao auge ou se ainda não atingiram o auge. Entendemos que, se Ele os ignora, não é por não saber, mas que sabe porque chegou o tempo de agir. O fato de Deus *saber* não significa que sua ignorância passe a ser conhecimento, mas diz respeito à plenitude do tempo. Espera-se ainda que saiba, mas não podemos pensar que Ele não saiba e ainda espere para saber. Por isso, é preciso que o fato de não saber sabendo e de, não sabendo, saber, esteja relacionado ao desígnio de falar ou de agir.

64. Não há motivo para a hesitação: a ciência de Deus diz respeito mais ao tempo do que à mudança. Em relação ao que Deus sabe, trata-se antes do conhecimento do tempo em que foi revelado do que do momento em que é adquirido o conhecimento. Ficamos sabendo disto pelo que foi dito a Abraão: *Não levantes a mão contra o menino, e não lhe faças nada; pois agora conheço que temes a Deus, e não poupaste teu filho dileto por minha causa* (Gn 22,12). Deus sabe agora, mas saber agora é declarar sua ignorância anterior, o que não condiz com Deus. Não é possível que, antes, ignorasse a fidelidade de Abraão, de quem foi dito: *Abraão creu em Deus, e isso lhe foi imputado por justiça* (Gn 15,6; Rm 4,22). Que agora conheça, significa o tempo em que Abraão recebeu o testemunho, não o tempo em que Deus começou a saber. Abraão, pelo holocausto do filho, mostrou a sua dileção por Deus. Deus então o conheceu, quando falou. Porque não se deve pensar que antes não soubesse, é preciso que se entenda ter conhecido então, porque falou. Entre muitos testemunhos do Antigo Testamento sobre a ciência de Deus, mostramos somente este, como exemplo, para que se compreendesse que aquilo que Deus não conhece não se refere à ignorância, mas ao tempo.

65. No Evangelho encontramos muitas coisas que o Senhor ignora conhecendo. Diz não conhecer os operários da iniquidade, que se gloriam de suas virtudes e de seu nome: *E então jurarei que não vos conheço. Afastai-vos de mim todos os que praticais a iniquidade* (Mt 7,23). Até com juramento afirma que não conhece aqueles que, no entanto, não desconhece como operários da iniquidade. Se não os conhece, portanto, não é por ignorância, mas por causa da iniquidade de suas obras, e confirma com religioso juramento a verdade da sua palavra. Tendo por natureza o poder de não desconhecer,

conserva o não- saber no mistério da sua vontade. O Deus Unigênito também desconhece as virgens loucas, aquelas descuidadas, que não prepararam o óleo para si à entrada do tálamo de sua gloriosa vinda. Elas chegam e rogam, mas o fato de serem conhecidas não impede que Ele lhes responda: *Em verdade eu vos digo; não vos conheço* (Mt 25,12). Pela chegada e pela súplica, não seria possível que fossem desconhecidas, mas a resposta de não conhecer não vem da natureza, mas da vontade, pois são indignas de ser conhecidas por Ele, que conhece tudo. Finalmente, para que não se julgue ignorar por fraqueza, logo fala aos Apóstolos: *Vigiai, portanto, porque não sabeis nem o dia nem a hora* (Mt 25,13). Quando exorta a vigiar, por causa da ignorância do dia e da hora, quer que saibam que Ele desconheceu as virgens, porque, sonolentas e negligentes, tornaram-se indignas de entrar no tálamo, por causa da falta do óleo.

66. O Senhor Jesus Cristo, que é o Deus que perscruta os corações e os rins, não tem a fraqueza da natureza que desconhece. Sua ignorância deve ser interpretada como procedente do conhecimento próprio de sua natureza. Se alguns quiserem imputar-lhe a ignorância, temam que Aquele que conhece os pensamentos lhes diga: *Por que pensais mal em vossos corações?* (Mt 9,4). Pois às vezes, conhecendo bem os pensamentos e as ações, interroga como se não os conhecesse. Quando interrogou, por exemplo, a mulher que lhe tocou a fímbria da veste, os Apóstolos que discutiam a respeito de suas palavras, os que choravam perto do sepulcro de Lázaro, não se deve entender que se tratasse de um desconhecimento, mas de um modo de falar. Pois não tem sentido que Aquele que, estando ausente, sabia que Lázaro morrera e fora sepultado não soubesse onde estava o sepulcro, que Aquele que vê os pensamentos não conhecesse a fé possuída pela mulher e que Aquele que não tem necessidade de interrogar coisa alguma ignorasse o motivo da discussão dos Apóstolos. Para Aquele que tudo conhece, pertence a um desígnio oculto dizer algumas vezes que ignora o que sabe. Com Abraão, esconde o que sabe por algum tempo, em relação às virgens loucas e aos operários da iniquidade o conhecimento é negado aos indignos. Se, no mistério do Filho do Homem, pergunta como se ignorasse, isso se deve à sua condição humana. Acomoda-se à realidade do nascimento corpóreo em tudo o que limita a fragilidade da nossa natureza, não por ser fraco por natureza, visto que é Deus, mas por causa da fraqueza humana que Deus, nascido Homem, assumiu. Assumiu, porém, não de forma que a natureza imutável fosse reduzida à natureza fraca, mas de tal modo que o mistério da assunção se deu na natureza imutável. Aquele que era Deus é Homem e o que é Homem não deixa de ser Deus. Agindo e mostrando-se como Homem, o Verbo que permanece Deus muitas vezes utiliza o modo de falar próprio do seu ser de Homem e, muitas vezes, o modo de falar de Deus é o mesmo que o dos homens, quando diz não saber aquilo que não quer que seja conhecido porque ainda não chegou o tempo da revelação ou quando se trata de algo que não deve ser conhecido.

67. Deve-se, pois, entender por que declarou não conhecer o dia. Se pensarmos que o ignora de modo absoluto, o Apóstolo o contradiz: *Nele estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e da ciência* (Cl 2,3). Há, portanto, uma ciência oculta que, por estar, às vezes, escondida, é tida como não conhecida, para que permaneça escondida, pois se estivesse sendo sempre proclamada, não permaneceria em segredo. Portanto, nega conhecer, para que o conhecimento continue escondido. Aquele que tudo sabe não é ignorante por natureza, pois somente ignora para que seu conhecimento continue oculto, e a razão para ocultar o conhecimento do dia não está oculta. Exortando-nos a permanecer atentos e manter sempre uma fé inabalável, retira a segurança de um conhecimento definitivo, de modo que a mente fique em suspenso pela incerta expectativa e se empenhe em aguardar com esperança o dia da vinda, sempre de prontidão para que a incerteza quanto ao tempo mantenha a atenção vigilante e não permita duvidar que o tempo há de chegar. Por isso assim disse o Senhor:

Ficai também vós preparados, porque não conheceis a hora em que o Filho do Homem virá (Mt 24,44), e ainda: Feliz aquele servo que o Senhor, ao voltar, encontrar vigilante (Mt 24,46). A ignorância não serviu para fazer-nos errar, mas para a perseverança. Não causou prejuízo negar o conhecimento de algo cuja ignorância é benéfica, pois a certeza poderia acarretar a negligência na fé, enquanto a expectativa incerta pode manter ininterrupta a preparação. Do mesmo modo que o medo do ladrão põe em guarda o dono da casa, sempre vigilante pelo temor do dano que ele pode causar à sua casa, a expectativa nos faz sempre precavidos.

68. É evidente que a ignorância de Deus não é ignorância, mas mistério. Em seu desígnio de fazer, declarar ou demonstrar, desconhece de modo que conheça e não desconhece enquanto desconhece. Contudo, vejamos se é possível que Ele seja tão fraco que não possa saber aquilo que o Pai sabe, embora seja poderoso para conhecer os pensamentos dos corações humanos. Uma natureza mais forte pode penetrar nos movimentos vitais de uma natureza inferior e atravessá-la com seu poder, por ser mais forte, mas não pode penetrar em naturezas mais fortes, por ser mais fraca. As coisas leves estão sujeitas a ser atravessadas pelas mais pesadas, as ralas, pelas densas, as líquidas, pelas sólidas e, ao contrário, as pesadas não cedem às leves, nem as densas às ralas, nem as sólidas às líquidas, já que o que é forte não se deixa penetrar pelo que é fraco, e o que é fraco pode ser atravessado pelo que é forte. Por este motivo, os ímpios dizem que o Filho ignora os pensamentos de Deus Pai, porque, sendo fraco, não pode penetrar no que é mais forte e, sendo frágil, não pode atravessar o que é mais firme.

69. Se alguém não apenas ousa dizer, com palavras temerárias, estas coisas a respeito do Deus Unigênito, mas ainda se atreve a pensar com ímpio coração, saiba que o Apóstolo, escrevendo aos Coríntios, assim afirmava sobre o Espírito Santo: *A nós, porém, Deus nos revelou pelo Espírito. Pois o Espírito tudo perscruta, até mesmo as profundezas de Deus. Pois, quem dentre os homens sabe o que se passa no homem, a não ser o espírito do homem que está nele? Assim também o que há em Deus ninguém conhece, a não ser o Espírito de Deus (1Cor 2,10-11).* Deixando de lado os inúteis exemplos de coisas corpóreas, consideremos a Deus de Deus e Espírito do Espírito mais pelo seu poder que pela sua condição terrena. Acreditemos, não por um juízo nosso, mas pela declaração divina, confiando na palavra de quem diz: *Quem me vê, vê também o Pai (Jo 14,9).* Não ignoremos Aquele que diz: *por minhas obras, crede que o Pai está em mim, e eu no Pai (Jo 10,38),* nem Aquele que diz: *Eu e o Pai somos Um (Jo 10,30).* Se estas palavras, usadas de acordo com nossa maneira humana de entender, confirmam nossa idéia das coisas, não tem diferença de natureza em relação Àquele em quem é visto por meio da inteligência nem é diferente, no modo de ser, Aquele que, tendo em si o que permanece nele, está, por sua vez, no que permanece nele. Procura entender a unidade, já que a natureza não é divisível. Percebe ainda o verdadeiro mistério da natureza indivisível, pois o que é Um é espelho do que é Um. Mas não é como um espelho cujo esplendor reproduz a forma da imagem exterior e sim como uma natureza viva, não diferente da natureza viva, porque toda ela provém da natureza do Pai, já que, por ser unigênita, tem em si o Pai e, por ser Deus, permanece no Pai.

70. Os hereges, não podendo modificar estas coisas explicadas pelo Senhor para dar a conhecer o mistério da natividade, esforçam-se por contorná-las, referindo-as à concórdia das vontades, de sorte que, no Deus Pai e no Deus Filho, não exista unidade da divindade, mas da vontade, como se a palavra da divina doutrina carecesse de meios para expressar-se. Talvez o Senhor não tivesse podido dizer: *Eu e o Pai queremos a mesma coisa,* em vez de: *Eu e o Pai somos Um,* ou então, sendo incapaz de falar, não teria podido dizer: *Quem vê minha vontade, vê também a vontade de meu Pai,* o que seria o mesmo que: *Quem me vê, vê também o Pai.* Talvez não pudesse ser dito em linguagem divina: *A vontade de meu Pai está em mim e a minha vontade está em meu Pai,* e por isso Ele devesse dizer: *Eu estou no*

Pai, e o Pai está em mim (Jo 14,11). Tais coisas são todas torpes, ineptas e ímpias. O bom senso não aceita a opinião descabida segundo a qual o Senhor não teria podido dizer o que queria ou teria dito algo diverso do que disse. Sabemos que usou parábolas e alegorias. Mas isto é diferente de confirmar os ditos por exemplos, garantir a dignidade do discurso pela interpretação dos provérbios ou ajustar-se ao modo de falar do seu tempo. Na unidade do discurso do qual tratamos não há lugar para outra interpretação das palavras, que devem ser entendidas tais quais soam. Se são Um porque querem a mesma coisa, as naturezas separáveis não podem querer o mesmo. Pela diversidade de gêneros, as diversas vontades não podem concordar, por causa da diversidade de natureza. Como podem querer uma só coisa quando não há unidade do conhecimento, se conhecimento e ignorância não podem unir-se na mesma vontade? E se ciência e ignorância se contradizem, não podem os contrários querer a mesma coisa.

71. Talvez o Filho, quando diz que somente o Pai conhece, confirme que ignora o que dissera não conhecer. Se não tivesse dito com toda certeza que o Pai é o único a conhecer, isto redundaria em grave perigo para a nossa compreensão, pois poderíamos talvez julgar que Ele desconhecia. Em sua ignorância, porém, há mais um desígnio de ocultar o conhecimento do que um desconhecimento devido à sua natureza. Quando diz que somente o Pai sabe, não se deve deduzir daí que Ele ignore, porque, como acima dissemos, em Deus, *conhecer* não significa aprender alguma coisa, mas refere-se ao momento em que Ele deve dizer algo. Que somente o Pai conheça não quer dizer que o Filho desconheça. O Filho diz desconhecer para que também os outros não saibam. Por dizer que somente o Pai conhece não se conclua que Ele não conhece. Se foi dito que Deus conheceu que era amado por Abraão, quando não o ocultou a Abraão (cf. Gn 22,12), também é preciso dizer que o Pai conhece o dia porque não o ocultou ao Filho, visto que Deus não adquire a ciência por um conhecimento repentino, mas revela o que conhece ao longo do tempo. Se o Filho, de acordo com o mistério divino, ignora o dia, para não revelá-lo, deve-se reconhecer o Pai como o único que sabe porque é Ele que revela.

72. Longe de nós julgar que haja novidade, por causa de mudanças corporais, no Pai e no Filho, como se o Pai ora falasse ao Filho, ora calasse. Lembramo-nos de ter vindo do céu uma voz para que as palavras do Pai confirmassem em nós o mistério do Filho, como diz o Senhor: *esta voz não ressoou para mim, mas para vós* (Jo 12,30). A natureza de Deus não precisa das diferentes ações necessárias ao homem para falar: movimento da língua, posição da boca, emissão do sopro, extensão do ar. Deus é simples, deve ser entendido por nossa religião e professado por nossa piedade. Não devemos tentar compreendê-lo com a nossa razão, mas adorá-lo, porque nossa inteligência, acanhada e fraca por natureza, não pode abranger o mistério da natureza infinita e poderosa. A divindade não se compõe de várias partes, de modo a haver nela o ato de vontade depois da indecisão, a palavra depois do silêncio, a ação depois do lazer. Não se pense que só pode querer alguma coisa se for levado a querer, nem se imagine que não pode falar se o som das suas palavras não for precedido pelo silêncio, ou que não pode fazer alguma coisa, se não começar a trabalhar. Aquele que deu todas as leis à natureza não se submete às leis da natureza, nem é impedido de agir, de modo algum, por qualquer fraqueza ou mudança, visto que possui um poder ilimitado, de acordo com o que foi dito pelo Senhor: *Pai, a ti tudo é possível* (Mc 14,36). Deus pode mais do que percebe o senso humano. Ele mesmo não se exclui dos atributos divinos da onipotência, ao dizer: *Tudo o que o Pai faz, o Filho o faz igualmente* (Jo 5,19). Onde não há fraqueza, não há dificuldade, porque a dificuldade impede que o poder seja exercido se não for suficientemente forte, pois a natureza da dificuldade reside na fraqueza e, se o seu poder não tem limite, ela não está submetida às leis da fraqueza.

73. Tais coisas foram demonstradas por nós para que não se pense que Deus falou ao Filho depois de

estar calado, ou que, depois de ignorar, o Filho veio a saber. Nossa inteligência precisa ser instruída com meios adequados à nossa natureza, que não pode entender que se conheça algo a não ser por intermédio de alguém que fale e supõe que, para saber, deve-se deixar de ignorar. O Filho não conhece o dia, porque se cala, e diz que somente o Pai sabe, porque somente Ele não o esconde de si mesmo. Mas não se refere, como eu disse, às dificuldades da sua natureza, como se conhecesse quando deixa de ignorar, ou como se ouvisse quando o Pai começa a falar. Sem ambigüidade, declarou a sua unidade de natureza com o Pai, enquanto Unigênito, quando disse: *Tudo que o Pai tem é meu* (Jo 16,15). Não fala de algo a ser obtido, porque uma coisa é que aquilo que é do Pai seja seu, como se se tratasse de algo alheio ao seu ser pessoal, outra coisa é possuir, Ele mesmo, naquilo que é seu, o seu próprio ser. Uma coisa é possuir o céu, a terra e o mundo todo, outra é definir-se a si mesmo por aquilo que pertence ao Pai, de modo que o que é seu seja seu, não por estar-lhe submetido como algo exterior, mas porque Ele mesmo tem seu ser a partir do que é seu. Ao dizer que tudo o que é do Pai é seu, refere-se à natureza da divindade, não à possessão comum do que lhe tenha sido dado, pois falava do que o Espírito Santo iria receber dele. Acrescentou: *Tudo o que o Pai tem é meu, por isso vo-lo disse: Ele receberá do que é meu* (Jo 16,15), para que não se julgasse que, ao receber do que era dele, não fosse também receber do Pai, ou que, ao receber do Pai, não fosse receber também do que é seu. Nem o Espírito Santo, que é o Espírito de Deus, recebeu das criaturas, como se pudesse parecer que recebia delas, porque todas são de Deus. Tudo o que é do Pai é seu, e não se deve pensar que o que o Espírito recebe do Filho não é recebido também do Pai, visto que se deve entender que tudo o que é do Pai é também do Filho.

74. Por conseguinte, nesta natureza não há mudança, interrogação ou resposta, para que, depois da ignorância venha o conhecimento, depois do silêncio, a interrogação, depois da interrogação, a escuta. Permanecendo sempre perfeita no mistério da unidade, do mesmo modo que nasceu de Deus, também recebeu de Deus a plenitude. Tendo a plenitude, tem o que pertence à plenitude, isto é, o conhecimento e a vontade. O Filho não começou a saber o que o Pai sabe por ter perguntado e não quer o mesmo que o Pai porque Ele o tenha ordenado. Como tudo o que é do Pai é seu, o Filho possui uma natureza tal que não quer nem sabe nada diferente daquilo que o Pai sabe ou quer. Para revelar a sua natividade, refere-se freqüentemente à sua pessoa, como quando diz: *não vim fazer a minha vontade, mas a vontade daquele que me enviou* (Jo 6,38). Faz a vontade do Pai, não a sua, pois, ao referir-se à vontade daquele que o enviou, indica o Pai; mas que queira o mesmo, mostra-o sem ambigüidade ao dizer: *Pai, aqueles que me deste, quero que, onde eu estou, também eles estejam comigo* (Jo 17,24). Portanto, como quer o Pai, estejamos com Cristo, no qual, segundo o Apóstolo, Ele nos escolheu antes da criação do mundo (cf. Ef 1,4). A vontade quanto à natureza é a mesma que, para indicar a natividade, se distingue na vontade.

75. O Filho não ignora o que o Pai não ignora. Mas, se só o Pai conhece, daí não se deduz que o Filho não conheça, pois permanecem na unidade da natureza. Como não conheceria o Filho, em quem estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e da ciência? Este desconhecimento pertence ao desígnio divino do silêncio. Interrogado pelos Apóstolos a respeito dos tempos, respondeu: *Não vos compete conhecer os tempos e os momentos, que o Pai reservou a seu poder* (At 1,7). Nega-lhes o conhecimento e não apenas o nega, mas proíbe que se preocupem com ele, pois não lhes compete conhecer os tempos. Depois da ressurreição, interrogam a respeito dos tempos os mesmos que, interrogando antes, ouviram-no dizer que nem o Filho conhecia. Não parecem ter entendido literalmente que o Filho não sabia, quando eles mesmos perguntam de novo, como a quem sabe. Entendendo, porém, que o mistério do desconhecimento pertencia ao desígnio de calar, depois da

ressurreição julgam ter chegado o tempo de falar, e então interrogam. A eles o Filho já não diz que desconhece, mas sim que não lhes é dado conhecer os tempos que o Pai guarda em seu poder. Se, portanto, os Apóstolos compreendem que, se o Filho não conhece, isto vem da Economia, não da fraqueza, nós diremos que o Filho não conhece o dia, porque não é Deus? O Pai guardou em seu poder este dia, para que não chegasse ao conhecimento humano, e o Filho, interrogado antes, disse não conhecer. Agora, não responde que não sabe, mas que não compete a eles conhecer. Acaso o Pai não fixou os tempos, não por seu conhecimento, mas por seu poder? Pois como *dia* e *momento* são nomes do tempo, não se pode pensar que ignorasse o dia e o momento do restabelecimento do reino de Israel justamente Aquele que o iria restabelecer. Ensina-nos a compreender sua natividade quando atribui exclusivamente ao Pai este poder e não diz que Ele mesmo não sabe o dia. Mostrando que o poder de conhecer não lhes foi concedido, confessou que isto pertence ao mistério do poder do Pai.

LIVRO DÉCIMO

1. Não há qualquer dúvida de que toda palavra humana está sempre exposta à contradição, porque, quando há diferentes movimentos das vontades, são também diferentes os modos de pensar das mentes. Quando se luta com paixão contra os juízos dos adversários, se contradizem as afirmações a que nos opomos. Embora cada palavra conforme a verdade seja perfeita, no entanto, se cada um prefere algo diferente, a palavra verdadeira se expõe à réplica dos contraditores, porque o erro de uma vontade insensata ou perversa se afirma contra a verdade que não entende ou não quer aceitar. O desejo de contradizer persiste, inabalável, e não tem medida a obstinação em contradizer. A vontade não se submete à razão, e o interesse não se põe a serviço da verdadeira doutrina. Procuramos razões para provar o que desejamos com empenho e adaptamos a doutrina aos nossos desejos. Então será mais de nome do que de realidade, a doutrina que imaginamos, e já não será mantida a norma da verdade, mas a do que agrada, isto é, a que a vontade usará para defender o que quer, e não a que estimulará a vontade pelo conhecimento da verdade racional. Desses vícios das vontades caprichosas, surgem as objeções das tendências contrárias e, entre a afirmação do verdadeiro e a defesa do que agrada, trava-se uma luta pertinaz, visto que a verdade se mantém e a vontade caprichosa se defende. Aliás, se a vontade não precedesse a razão, mas, mediante a compreensão da verdade, fosse movida a querer o verdadeiro, nunca a doutrina originada na vontade seria desejada. Todo desejo de doutrina seria movido pela razão, e a palavra verdadeira não encontraria oposição. Ninguém defenderia como verdadeiro o que deseja, mas sim começaria a querer o que é verdadeiro.

2. O Apóstolo não ignorava a existência destas vontades viciadas e, entre muitos preceitos para o anúncio da fé e a pregação da Palavra, escreveu a Timóteo: *Virá um tempo em que alguns não suportarão a sã doutrina; pelo contrário, segundo seus próprios desejos, como que sentindo comichão nos ouvidos, se rodearão de mestres. Desviarão os ouvidos da verdade, orientando-os para as fábulas* (2Tm 4,3-4). Quando, levados pelo desejo da impiedade, não puderem suportar a sã doutrina, então reunirão os mestres que desejam, isto é, os que acumulam argumentos doutrinários adaptados a seus desejos. Não quererão ser ensinados, mas congregarão doutores para dizer-lhes o que querem, a fim de que o próprio acúmulo de pesquisadores e de mestres escolhidos e reunidos por eles satisfaça sua ânsia. Esta tão grande loucura da estulta irreligiosidade ignora qual é o espírito que os leva a não suportar a sã doutrina e desejar a corrompida. Aprenda, pois, do mesmo Apóstolo, escrevendo a Timóteo: *O Espírito diz expressamente que nos últimos tempos alguns renegarão a fé, dando atenção a espíritos sedutores e a doutrinas demoníacas por causa da hipocrisia dos mentirosos* (1Tm 4,1-2). Que proveito se encontra na doutrina procurada mais pelo que seduz do que pelo que ensina? Que devoção pela doutrina verdadeira significa não desejar o que se deve ensinar e criar uma doutrina adaptada aos nossos desejos? Estas coisas atraem os espíritos sedutores e confirma as mentiras de uma religião simulada. A hipocrisia mentirosa acompanha o abandono da fé, e continua a haver piedade nas palavras, mas não na consciência. Tornam ímpia esta mesma piedade aparente por meio de palavras mentirosas e corrompem, com falsas doutrinas, a santidade da fé, visto que se trata de uma doutrina elaborada segundo seus desejos, e não de uma doutrina de acordo com a fé evangélica. Incitados pelo prurido de ouvir e pelo impaciente deleite de escutar a nova pregação conforme seus desejos, afastados inteiramente da escuta da verdade, prendem-se totalmente às fábulas e procuram dar uma aparência de verdade ao que dizem, porque não podem ouvir nem dizer o que é verdadeiro.

3. Chegamos a este difícilíssimo tempo a que se refere a profecia apostólica. Procuram-se agora mais os mestres do que é criado, do que os que pregam a Deus. Os homens se preocupam mais com desejos

humanos do que com o ensinamento da fé verdadeira. O prurido de ouvir levou-os a escutar o que desejam ouvir, de tal modo que, para os doutores reunidos agora, só vale a pregação que afasta o Deus Unigênito do poder e da verdadeira natureza de Deus Pai, o que, para nossa fé, significa que é um Deus de outro gênero ou que não é Deus. Com uma confissão mortífera e ímpia, em ambos os casos declaram que há dois deuses que têm uma divindade diferente ou negam que seja Deus Aquele que possui uma natureza que vem de Deus pela natividade. Para os ouvidos alheios à verdade e voltados para fábulas, isto é muito agradável, visto que não suportam ouvir a sã doutrina e expulsam-na, como aos seus pregadores.

4. Embora muitos reúnam mestres segundo os seus desejos e rejeitem a sã doutrina, a verdade da pregação não estará exilada dos santos. Exilados, falamos pelos livros, e a palavra de Deus, que não pode ser ligada, livremente se difunde, advertindo ser este o tempo da profecia apostólica. Pois quando o anúncio da verdade é recebido com impaciência, e são numerosos os mestres que ensinam de acordo com os desejos humanos, já não se duvida terem chegado aqueles tempos. E a verdade está no exílio, juntamente com os pregadores da fé incorrupta. Não nos lamentamos por causa destes tempos, ao contrário, nos alegramos, porque a iniquidade se mostrará neste tempo de nosso exílio, afastando os que pregam a sã doutrina e procurando para si numerosos mestres, segundo seus desejos. Em nosso exílio estamos alegres e exultamos no Senhor, porque se realiza em nós, em plenitude, a profecia apostólica.

5. Sustentamos, assim penso, nos livros anteriores, a profissão da fé sincera e da verdade incontaminada. Embora, devido à natureza humana, não haja palavra livre de contradição, julgamos, no entanto, ter dado todas as respostas de um modo tal que, a não ser afirmando a impiedade, ninguém poderia contradizer-nos. Mostrei o sentido verdadeiro das frases tiradas dos Evangelhos pelos hereges com artifício mentiroso, e sua verdade se patenteou tão claramente que já não lhes resta a desculpa da ignorância, mas são obrigados a confessar a impiedade. Também agora, por dom do Espírito Santo, organizamos a demonstração de toda a fé, de tal modo que nem mesmo possam inventar acusações contra nós. Pois costumam encher os ouvidos dos ignorantes, afirmando que nós negamos o Filho quando pregamos a unidade da divindade, e que confessamos um Deus solitário citando a palavra do Evangelho: *Eu e o Pai somos Um* (Jo 10,30). Dizem também que nós afirmamos que o Deus inascível, descendo até a Virgem, nasceu como Homem, e, referindo-se à economia da encarnação, disse: *Eu*, para indicar a sua divindade, e acrescentou: *e o Pai*, para mostrar que Ele é o pai de sua humanidade, e, como Ele é Homem e Deus, disse de si mesmo: *Somos Um*.

6. Nós, porém, afirmamos que o Filho subsiste por sua geração fora do tempo e pregamos que o Deus Filho é Deus, de natureza não distinta da natureza de Deus Pai. Não dizemos ser igual ao que é inascível, enquanto é inascível, mas sim que não é diferente dele, pela geração como Unigênito. Os dois são um só, não porque o que é apenas um receba dois nomes, mas sim pelo nascimento próprio da natureza divina. Dizemos que, em nossa fé, não se proclamam dois deuses de gêneros diferentes. Ao confessar o mistério do Deus Unigênito, não se ensina que Deus é singular porque é único, mas sim que no Pai se expressa e existe o Filho, porque nele está a natureza e o nome do Pai. O Pai mostra-se e permanece no Filho, pois este não pode ser chamado de *Filho*, nem existir, se não provém do Pai. É também imagem viva da natureza viva, assinalado para ser, por natureza, a forma de Deus em Deus. Possui de tal maneira a sua mesma essência e poder que nele nem a obra, nem a palavra, nem o aspecto são diferentes dos do Pai. Ele é a imagem do seu Princípio, possui de modo natural a natureza deste, e por meio de sua imagem natural, Aquele que é sua origem agiu, falou e foi visto.

7. Proclamando a intemporal e inenarrável geração do Unigênito, que está além de toda a compreensão

da inteligência humana, ensinamos também o mistério de Deus nascido como Homem pelo parto da Virgem. Demonstramos que, segundo a economia da Encarnação, ao esvaziar-se da forma de Deus, assumiu a forma de servo, sem que a forma humana enfraquecesse a natureza de Deus. Salvo, no Homem, o poder da divindade, foi concedido ao Homem o poder de Deus. Quando Deus nasceu como Homem, não nasceu para deixar de ser Deus, mas para que, continuando Ele a ser Deus, o Homem nascesse como Deus. Seu nome é *Emanuel* (Mt 1,23), isto é, *Deus conosco*. Não se trata de um rebaixamento de Deus até o Homem, mas de elevação do Homem até Deus (cf. Jo 17,5). Quando pede para ser glorificado, certamente isto não favorece à natureza de Deus, mas à humanidade assumida, pois pede aquela glória que era a sua, junto de Deus, antes que o mundo existisse.

8. Respondendo também às suas estultíssimas declarações, descemos até a explicação do desconhecimento da hora. Mesmo que, como eles dizem, esta hora não fosse conhecida pelo Filho, isto não redundaria em injúria à divindade do Filho Unigênito, porque seria contrário à natureza que a natividade o fizesse retroceder à existência sem princípio do Deus inascível, já que o Pai reservara a seu poder o momento de designar o dia, para demonstrar a autoridade daquele que é Inascível. Não se pode entender que, por isso, a natureza do Filho seja fraca, pois nela existe, por causa da natividade, tudo quanto uma geração perfeita pode dar. Não se pretende atribuir a ignorância do Deus Unigênito a respeito do dia e hora ao fato de ser Ele diferente de Deus quanto à divindade. Afirma-se, sim, o poder do que não tem princípio, próprio do Pai, para demonstrar, contra os sabelianos heréticos, que só nele existe a força que não pode nascer nem pode ter princípio. Como ensinamos, a declaração de que não conhece dia não significa fraqueza proveniente da ignorância, mas pertence ao desígnio de não falar. Devemos também extirpar toda ocasião de ímpias afirmações e examinar todas as heréticas pregações da blasfêmia, para que a verdade do Evangelho, graças àquilo mesmo que parecia obscurecê-la, brilhe mais intensamente.

9. Muitos deles pretendem que, por causa do temor da paixão e da fraqueza diante do sofrimento, não haveria nele a natureza do Deus impassível. Dizem que quem temeu e sofreu não poderia ter a segurança do poder que não teme, nem a incorrupção do Espírito que não sofre, mas, sendo por natureza inferior a Deus Pai, tremeu de medo na paixão humana e deu grandes gemidos pela atrocidade do sofrimento corporal. Apóiam sua afirmação de impiedade no que está escrito: *Minha alma está triste até a morte* (Mt 26,38); *Pai, se possível, passe de mim este cálice* (Mt 26,89), e também: *Deus, meu Deus, porque me abandonaste?* (Mt 27,46). Acrescentam ainda: *Pai, em tuas mãos entrego o meu espírito* (Lc 23,46). Todas estas palavras de nossa piedosa fé, eles as roubam para empregá-las a serviço de sua impiedade. Dizem que temeu porque estava triste e pediu que o cálice fosse afastado, que sofreu porque se queixou de ter sido abandonado por Deus na paixão, como também foi fraco porque entregou o espírito ao Pai. A aflição não é compatível com a total semelhança com Deus, em virtude do seu nascimento como Unigênito, pois o pedido para que se afastasse o cálice, a queixa na desolação, e a entrega do espírito atestam sua fraqueza e inferioridade em relação ao Pai.

10. Em primeiro lugar, antes de demonstrarmos, por estas palavras, que não havia nele nada que o fizesse temer por si mesmo, e que não havia nele nenhuma fraqueza, temos de perguntar o que pareceu causar-lhe temor, para que tivesse medo de uma dor intolerável. Julgo que não atribuem outra causa ao seu temor, a não ser a paixão e a morte. Interrogo aqueles que assim pensam, se há motivo para que temesse morrer Aquele que, desejando tirar dos Apóstolos todo o terror da morte, os exortou à glória que adviria pelo martírio, dizendo: *Aquele que não toma sua cruz e me segue, não é digno de mim. Aquele que acha sua vida, perdê-la-á; e quem a perde por minha causa a encontrará* (Mt 10,38-39).

Se morrer por Ele é vida, que se pode pensar que causou dor, no mistério da morte, Àquele que recompensa com a vida os que morrem por Ele? Como pode exortar a não temer aqueles que matam o corpo, se a morte o aterrorizou, pelo temor do sofrimento corporal?

11. Além disso, que dor temeria na morte quem fosse morrer na liberdade de seu poder? Para o gênero humano, uma força exterior pode causar a morte, como a febre, as chagas, uma queda. Calamidades, quando atacam, aceleram-na, e a própria natureza de nosso corpo, vencida pela velhice, traz a nossa morte. O Deus Unigênito, porém, tendo o poder de entregar a alma e de retomá-la, a fim de cumprir totalmente em si o mistério da morte, depois de beber o vinagre, atestou ter consumado em si toda a obra da paixão humana e, inclinando a cabeça, entregou o Espírito (cf. Jo 19,30). Se foi deixado à natureza do homem o direito de espontaneamente exalar o Espírito e descansar na morte e se não acontece, antes, que, desfeito o corpo, afaste-se a alma debilitada ou que, tendo sido os membros rasgados, fendidos, feridos, o espírito se esvaia como se tivesse sido violado em sua sede, então pode ser que o medo de morrer tenha abalado o Senhor da vida, se ao entregar o Espírito, morreu, não por liberdade sua, usando do poder de morrer. Porém, se morreu porque quis e por si mesmo entregou o Espírito, não pode ter havido terror da morte porque Ele tem o poder de morrer.

12. Mas talvez, pela timidez própria da ignorância humana, tivesse medo deste mesmo poder de morrer. Porque, embora morresse porque quis, talvez tivesse medo pelo fato de ter de morrer. Se houver alguém que assim julgue, explique se a morte teria sido terrível para o corpo, ou para o Espírito. Se disser que para o corpo, acaso ignora que o Santo não veria a corrupção (cf. Sl 15,10) e que dentro de três dias ressuscitaria o templo de seu corpo? Se para o Espírito a morte é terrível, no entanto Lázaro, no seio de Abraão, se alegrava. Cristo acaso iria temer o caos do inferno? Tudo isto não tem sentido e é ridículo que temesse Àquele que tem o poder de entregar a alma e retomá-la e que iria morrer por sua livre vontade, para operar o mistério da salvação da vida humana. Não há temor da morte naquele que quer morrer e tem o poder de não permanecer morto por muito tempo, pois a vontade de morrer e o poder de ressuscitar excluem o temor, já que a morte não pode ser temida quando se quer morrer e se pode voltar a viver.

13. Mas talvez temesse o suplício do corpo suspenso na cruz, os fortes laços das cordas que o amarram e os pés feridos pelos cravos. Vejamos, então, como é este corpo do Cristo Homem, para poder falar da dor de sua carne suspensa, presa e trespassada.

14. A natureza dos corpos consiste em que, pela união com a alma, são vivificados e adquirem a capacidade de sentir, dada pela alma que sente, para que não sejam matéria inerte e inane. Esta natureza, quando é tocada, sente; machucada, experimenta a dor, enrijece com o frio; aquecida, sente prazer, desfalece de fome e engorda com o alimento. Por certa penetração da alma que a possui e invade, segundo as circunstâncias, sentirá deleite ou ofensa. Por isto os corpos feridos ou trespassados sentem dor: o sentido de dor passa para a alma que o recebe. Enfim, a ferida do corpo dói até certo ponto: os pedacinhos das unhas cortadas da carne não causam sofrimento. E se acontecer que, por doença, uma parte de um membro se corrompa, perderá a sensibilidade da carne viva. Cortada ou queimada, seja qual seja a dor que isso possa causar, não tendo nela a presença da alma, a carne nada sentirá. Quando há grave necessidade de se cortar o corpo, uma bebida medicinal adormece o vigor da alma, e com os sentidos amortecidos, a mente, dominada por remédios fortes, se esquece de si mesma e os membros são cortados sem que sintam dor. Amortecida a sensibilidade da carne, uma ferida profunda não provoca dor, porque a sensibilidade da alma se encontra entorpecida. Portanto, o corpo enfermo sente dor por causa da sua união com a alma enferma.

15. Se, portanto, o Homem Jesus Cristo viveu no corpo, e começou a existir com nosso corpo e nossa

alma, mas não de tal maneira que Deus fosse o princípio imediato de seu corpo e de sua alma, se foi encontrado em figura de homem, nascido como homem, sentiu a dor de nosso corpo, já que seu corpo teve um começo e uma concepção que foram os mesmos de nossa alma e de nosso corpo. Mas, se Ele mesmo tomou para si a carne da Virgem e, por si, uniu a alma ao corpo concebido, era forçoso que a natureza do seu sofrimento estivesse de acordo com a natureza de seu corpo e de sua alma. Esvaziando-se da forma de Deus e assumindo a forma de servo, e nascendo o Filho de Deus como Filho do Homem, sem se desfazer de seu ser nem de seu poder, o Deus Verbo se fez perfeito Homem vivo. Porém, de que modo poderia o Filho de Deus nascer como Filho do Homem ou como assumiria a forma de servo permanecendo na forma de Deus (pois é poderoso o Verbo e Deus para assumir a carne no seio da Virgem e dar alma à carne) se o Homem Jesus não tivesse nascido como Homem perfeito para a redenção de nossa alma e de nosso corpo, e não tivesse assumido o corpo para que, ao ser concebido pela Virgem, este corpo o fizesse existir na forma de servo? A Virgem gerou a quem gerou somente pelo Espírito Santo. Embora ela houvesse dado de si mesma, para o nascimento na carne, tudo aquilo com que as mulheres contribuem para o nascimento dos corpos, Jesus Cristo não se formou conforme a maneira de uma concepção humana natural. Como toda a causa de seu nascimento provém do Espírito, conservou em sua natividade como Homem o que é próprio da Mãe, tendo, em virtude da origem, o seu ser divino.

16. O próprio Senhor mostrou este grande e belíssimo mistério da assunção do Homem ao dizer: *Ninguém subiu ao céu, a não ser aquele que desceu do céu, o Filho do Homem que está no céu* (Jo 3,13). As palavras *desceu do céu* indicam a sua concepção do Espírito. Pois não foi Maria que deu origem ao corpo, embora tenha contribuído para o crescimento e parto do corpo com tudo o que é natural a seu sexo. As palavras *Filho do Homem* indicam o nascimento da carne concebida no seio da Virgem. *Está nos céus* significa o poder da natureza que existe sempre, pois esta, que deu início e criou a carne, não se encerrou dentro do espaço do corpo limitado, afastando-se do poder de sua infinidade. Pela força do Espírito e poder do Verbo de Deus, permanecendo na forma de servo, o Senhor do céu e do mundo não se afastou de nenhuma das esferas de dentro e de fora do céu e do mundo. Por isso também desceu do céu, porque, feito carne, não deixou de ser o Verbo. Por ser o Verbo está no céu, por ser carne é o Filho do Homem. Porque o *Verbo se fez carne* (Jo 1,14), vem do céu, é Filho do Homem e está no céu, pois o poder do Verbo não existe à maneira dos corpos e não se afastou de onde descera e a carne não recebeu a sua origem a não ser do Verbo, e o Verbo feito carne, sendo carne, não deixou de ser o Verbo.

17. O bem-aventurado Apóstolo falou claramente do mistério desta natividade corporal inefável, dizendo: *O primeiro homem, tirado da terra, é terrestre. O segundo Homem vem do céu* (1Cor 15,47). Ao falar do Homem, ensinou o nascimento da Virgem, que no exercício de sua função materna realizou, na concepção e no parto do Homem, aquilo que pertence à natureza do seu sexo. Quando diz que o segundo Homem vem do céu, atesta que sua origem se deve à vinda do Espírito Santo que desceu sobre a Virgem. Como é o Homem que veio do céu, nasceu da Virgem e foi concebido por obra do Espírito. É o que diz o Apóstolo.

18. O próprio Senhor revelou o mistério desta natividade quando disse: *Eu sou o pão vivo que descido do céu; se alguém comer deste pão, viverá eternamente* (Jo 6,51-52), chamando-se a si mesmo de pão porque é Ele mesmo a origem de seu corpo. E para que não se pense que deixou o poder e a natureza do Verbo ao assumir a carne, fala de novo do seu pão. Quer dizer com isto que é pão descido do céu e que sua origem não é a concepção humana, como se poderia pensar, pois mostra ser celeste este corpo. Quando diz que é seu pão, declara que o corpo foi assumido pelo Verbo. Por isso acrescenta: *Se não*

comerdes da carne do Filho do Homem, e beberdes de seu sangue, não tereis a vida em vós (Jo 6,54); o mesmo que é Filho do Homem desceu do céu como pão. Assim, quando se diz que seu pão desceu do céu e que a carne e o sangue são do Filho do Homem, se entende que assumiu a carne que foi concebida por obra do Espírito Santo e nasceu da Virgem.

19. Portanto, o Homem que possui este corpo, Jesus Cristo, é Filho de Deus e Filho do Homem. Esvaziando-se da forma de Deus, tomou a forma de servo. O Filho do Homem não é diferente do Filho de Deus, nem é um o que existe na forma de Deus e outro o que, como Homem perfeito, nasceu na forma de servo. Assim como, pela natureza criada por Deus, que é origem do nosso ser, nasce o homem composto de corpo e alma, também Jesus Cristo, por seu poder, é homem composto de carne e alma e é Deus. Tem em si a humanidade total e verdadeira e a total e verdadeira divindade.

20. Muitos, para confirmarem as heresias por meio de artifícios, costumam enganar os ouvidos dos ignorantes, dizendo que, se o corpo e a alma de Adão estavam em pecado e o Senhor recebeu da Virgem a carne e a alma de Adão, a Virgem não concebeu do Espírito Santo o Homem todo. Mas, se entendessem o mistério da assunção da carne, entenderiam também o mistério pelo qual o Filho do Homem é também Filho de Deus. Como se da Virgem recebesse também a alma, quando toda a alma é obra de Deus e a geração da carne vem sempre da carne.

21. Querem que o Deus Unigênito, o Deus Verbo, que *no princípio estava junto de Deus*, não seja Deus com uma subsistência pessoal, mas a palavra emitida pela voz, de modo que, assim como a palavra dos que falam é sua palavra, assim seria o Filho para Deus Pai. Com sutileza, querem insinuar que o Cristo, nascido como Homem, não é o Deus Verbo que subsiste pessoalmente e permanece na forma de Deus. Como o homem teve uma origem humana, em vez de ser animado pelo mistério de uma concepção espiritual, o Deus Verbo não teve uma existência própria, ao fazer-se o Homem pelo parto da Virgem, mas, assim como nos profetas está o Espírito da profecia, também em Jesus estaria o Verbo de Deus. Costumam acusar-nos de dizer que Cristo nasceu como homem, com nosso corpo e alma. Na realidade nós pregamos o Verbo feito carne, Cristo que se despojou da forma de Deus e assumiu a forma de servo, perfeito de acordo com a conformação humana, nascido Homem à nossa semelhança, de modo que, sendo verdadeiramente Filho de Deus, seja verdadeiro Filho do Homem. Nasceu como Homem que vem de Deus, e não deixou de ser Deus por ser Homem nascido de Deus.

22. Como por si assumiu para si, da Virgem, o corpo, assim também assumiu, de si e para si, a alma, que nunca é dada pelos homens àqueles que geram. Se a Virgem não concebeu a carne a não ser por obra de Deus, com muito mais razão a alma deste corpo só pode vir de Deus e não de outra parte. O Filho do Homem é também o Filho de Deus. Já que o Filho do Homem é inteiramente Filho de Deus, como seria ridículo pregarmos um outro qualquer como profeta animado pelo Verbo de Deus, além do Filho de Deus, que é o Verbo feito carne quando o Senhor Jesus é Filho do Homem e Filho de Deus! Porque diz que sua alma está triste até a morte e tem o poder de entregar sua vida e retomá-la, querem os hereges que sua alma proceda de um princípio exterior, e não do Espírito Santo, do qual o corpo foi concebido, quando o Deus Verbo, permanecendo no mistério de sua natureza, nasceu como Homem. Não nasceu para ser duas pessoas distintas, mas para que se possa entender que, como antes de ser Homem era Deus, ao assumir a humanidade era Deus e Homem. Pois, de que modo Jesus Cristo, Filho de Deus, nasceu de Maria, a não ser porque o *Verbo se fez carne* (Jo 1,14), isto é, o Filho de Deus, existindo na forma de Deus, assumiu a forma de servo? Que Aquele que existia na forma de Deus tenha assumido a forma de servo, mostra que se unem as naturezas contrárias, de forma que é tão verdadeiro que permaneça na forma de Deus quanto é verdadeiro que tenha assumido a forma de servo. Pela significação da palavra usada nos dois casos, deve-se entender a realidade das naturezas.

Pois está na forma de servo Aquele que também está na forma de Deus. Isto lhe pertence por natureza, o que é consequência da economia. Ele é uma e outra coisa, de maneira igualmente real. Está na forma de Deus de modo tão verdadeiro, como está na forma de servo. Que tenha assumido verdadeiramente a forma de servo não é diferente de ter nascido Homem; assim também existir na forma de Deus não é diferente de ser Deus. Professamos que é um e o mesmo, não por ter deixado de ser Deus, mas pela assunção do Homem. Confessamos também que foi encontrado na forma de Deus por sua natureza divina, e, na forma de servo, pela concepção por obra do Espírito Santo. Portanto, Jesus Cristo, assim como nasceu, padeceu, morreu e foi sepultado, também ressuscitou. Não pode, nesta diversidade de mistérios, ser dividido em si mesmo, a ponto de não ser Cristo, pois não há outro Cristo, a não ser o que existia na forma de Deus e assumiu a forma de servo. O que morreu, foi o mesmo que nasceu. Não foi um o que morreu e outro o que ressuscitou e o que está no céu, não é outro diferente do que antes descera dos céus.

23. O Homem Jesus Cristo, Deus Unigênito, igualmente Filho do Homem e Filho de Deus, por ser carne e Verbo, assumiu uma humanidade verdadeira, à semelhança da nossa humanidade, sem deixar Ele mesmo de ser Deus. Embora os golpes o atingissem, as feridas se abrissem, os laços o prendessem e fosse suspenso na cruz, tudo isto, na verdade, trazia o ímpeto do sofrimento, mas não produzia a dor da paixão, assim como uma lança perfura a água ou atravessa o fogo ou fere o ar e produz todos os efeitos próprios à sua natureza, como atravessar, ferir, perfurar, mas a ação realizada não mantém sua força, já que não é próprio da água ser perfurada, do fogo ser atravessado, do ar ser ferido, embora pertença à natureza da lança ferir, atravessar e perfurar. Sem dúvida o Senhor Jesus Cristo sofreu quando foi flagelado, suspenso, crucificado e quando morreu. Quando o sofrimento arremeteu contra o corpo do Senhor, não deixou de ser sofrimento, contudo, não deu lugar aos seus efeitos, porque, enquanto o castigo violento o atormentava, a força do corpo suportava a pena, sem sentir a dor. O corpo do Senhor teria certamente experimentado nossa dor se o nosso corpo pudesse também, por sua natureza, andar sobre as ondas, caminhar sobre as vagas, sem afundar, não sendo impedido por nenhum obstáculo e sem que as águas cedessem sob os passos firmes, se pudesse penetrar os corpos sólidos, sem ser impedido pelo obstáculo da casa fechada. Porém, se somente o corpo do Senhor tivesse tal natureza, de modo que, por seu poder, fosse levado por sua alma a caminhar sobre as ondas e manter-se de pé sobre as águas sem afundar, passar através das paredes, como iríamos julgar, a partir da natureza do corpo humano, aquela carne que foi concebida do Espírito? Pois esta carne é aquele pão que desceu do céu; e aquele Homem vem de Deus. Tendo, na verdade, um corpo que poderia padecer, e padeceu, não tinha, no entanto, a natureza que poderia sofrer. Pois teve uma natureza que lhe é própria aquele corpo que no monte foi conformado à celeste glória, que, quando toca, afugenta a febre, que, com sua saliva, dá a vista aos olhos (cf. Mt 17,1; 8,15; Jo 9,6).

24. Mas por ter Ele as reações de chorar, de ter sede e fome, talvez devesse ter também uma natureza capaz de experimentar os outros sofrimentos humanos. Aquele que ignora o mistério das lágrimas, da sede e da fome saiba que o que chorou é capaz também de vivificar e que, em vez de chorar, se alegra com a morte de Lázaro (cf. Jo 11,35) e oferece rios de água viva, brotada de si mesmo, àquele que tem sede (cf. Jo 7,38). Não sofre sede quem pode dar de beber ao sequioso. O faminto condenou a árvore que não ofereceu frutos para sua fome (cf. Mt 21,19). Nem pode ser vencida pela penúria aquela natureza que, com uma ordem, transforma o verde em aridez. Se, além do mistério das lágrimas, da sede e da fome, a carne assumida, isto é, o Homem todo, foi submetido aos sofrimentos de nossa natureza, não o foi, porém, de tal forma que sucumbisse aos danos causados pelo sofrimento, de sorte que, chorando, não chorava por si, sedento, não bebia para aplacar a sede, faminto, não se saciava com

alimento algum. Nunca foi indicado que o Senhor, por ter sede ou fome, ou por chorar, tenha chorado, bebido ou sentido dor, a não ser para demonstrar a realidade do corpo. Aceitando o que é natural ao corpo, adaptou-se aos costumes do corpo, de modo que, ao aceitar a bebida e o alimento, não o fez por uma necessidade do corpo, mas para conformar-se com os costumes.

25. Teve, pois, um corpo, mas, de acordo com sua origem. Não existindo a partir dos defeitos próprios da concepção humana, subsistia na forma de nosso corpo, em virtude de seu poder, sendo igual a nós pela forma de servo; mas livre dos pecados e dos vícios do corpo humano, quis que estivéssemos nele pela geração da Virgem, mas não quis que nossos vícios, pelo poder de sua origem, estivessem nele. Nascido como Homem, não nasceu com os vícios da concepção humana. O Apóstolo faz questão de demonstrar o mistério desta natividade, quando diz: *Mas humilhou-se, assumindo a forma de servo, constituído à semelhança do Homem e reconhecido como Homem* (Fl 2,7). Ao dizer que tomou a forma de servo, temos de entender que nasceu na forma de Homem e, visto que se fez semelhante ao Homem e foi reconhecido como Homem, o aspecto e a realidade do corpo atestam a sua humanidade. Porém, Aquele que foi reconhecido como Homem não conhece os vícios que se encontram no Homem, pois seu nascimento se deu à semelhança da natureza, mas sem os defeitos que lhe são próprios. Por isso acrescentou o Apóstolo: *constituído à semelhança do homem e reconhecido como homem*, para que não fôssemos levados a pensar que a realidade do nascimento incluía a possessão da natureza enfraquecida pelo vício, já que se indicava a verdadeira natividade com as palavras *a forma de servo*, e com as palavras *reconhecido como Homem*, se indicava a semelhança de natureza, tendo Ele, por si mesmo, nascido Homem por meio da Virgem e sendo reconhecido na semelhança da carne viciosa do pecado. O mesmo Apóstolo, escrevendo aos Romanos, atesta-o ao dizer: *De fato – coisa impossível à Lei porque enfraquecida pela carne – Deus, enviando o seu próprio Filho numa carne semelhante à do pecado e em vista do pecado, condenou o pecado na carne* (Rm 8,3). Não foi aquela condição unicamente de Homem, mas como de Homem e esta carne não era de pecado, mas semelhante à carne de pecado. A condição da carne existe pela realidade do nascimento, já que é semelhante à carne de pecado, mas está isento dos vícios da paixão humana. Assim, o Homem Cristo Jesus também teve um verdadeiro nascimento porque é Homem e não tem pecado porque é Cristo. Quem é homem não pode deixar de ser homem, porque nasceu. Quem é Cristo, não pode perder a sua condição de Cristo. Assim, já que Cristo Jesus é Homem, tem também o nascimento de homem, porque é Homem, mas não tem a fraqueza humana dos vícios, porque é Cristo. Cristo foi constituído à semelhança do homem e reconhecido como homem. Foi enviado na semelhança da carne de pecado, sendo reconhecido como homem e está na forma de servo, porém não tem os vícios da natureza. Por existir à semelhança da carne de pecado, o Verbo certamente é carne, porém sua própria carne não é pecado. Como *Jesus Cristo é Homem* (1Tm 2,5), é na verdade Homem, mas o Homem não podia ser diferente do que é Cristo. Pelo nascimento corporal, nasceu como Homem, sem ter os vícios do Homem, que não estão na sua origem. O Verbo feito carne não poderia deixar de ser carne porque se fez carne, e o Verbo, mesmo que se tenha feito carne, não deixou de ser o Verbo. E já que o Verbo feito carne não pode deixar de ter a natureza de sua origem, não poderia deixar de permanecer na natureza de sua origem, porque é o Verbo. Não se pode pensar que o Verbo não seja verdadeiramente carne, porque se fez carne. Contudo, porque habitou entre nós, esta carne não deixa de ser o Verbo, mas é a carne do Verbo que habita na carne. Sendo assim, vejamos se, consumada a paixão, nos é permitido pensar que existiu no Senhor a fraqueza das dores corporais. Afastadas, por enquanto, aquelas palavras às quais a heresia atribui o medo ao Senhor, confirmamos os próprios acontecimentos. Pois não pode acontecer que o temor seja indicado pelas palavras de quem fundamenta sua confiança nos fatos.

26. A fé apostólica nos instrui para a compreensão deste mistério, demonstrando que o Homem Jesus Cristo foi constituído à semelhança do homem e reconhecido como homem. Foi enviado na semelhança da carne de pecado, sendo reconhecido como homem, e está na forma de servo, porém não tem os vícios da natureza. Por existir à semelhança da carne do pecado, o Verbo certamente é carne, porém sua própria carne não é pecado. Como *Jesus Cristo é Homem* (1Tm 2,5), é na verdade Homem, mas o Homem não podia ser diferente do que é Cristo. Pelo nascimento corporal, nasceu como Homem, que estão na sua origem. O Verbo feito carne não poderia deixar de ser carne porque se fez carne, e o Verbo, mesmo que se tenha feito carne, não deixou de ser o Verbo. E já que o Verbo feito carne não pode deixar de ter a sua natureza de sua origem, não poderia deixar de permanecer na natureza de sua origem, porque é o Verbo. Não se pode pensar que o Verbo não seja verdadeiramente carne, porque se fez carne. Contudo, porque habitou entre nós, esta carne não deixa de ser o Verbo, mas é a carne no Verbo que habita na carne; sendo assim, vejamos se, consumada a paixão, nos é permitido pensar que existiu no Senhor a fraqueza das dores corporais. Afastadas, por enquanto, aquelas palavras às quais a heresia atribui o medo ao Senhor, confirmamos os próprios sentimentos, pois não pode acontecer que o temor seja indicado pelas palavras de quem fundamenta sua confiança nos fatos.

27. A ti parece, ó herege, que tivesse medo da paixão o Senhor da glória? Mas, se pelo erro desta ignorância, Pedro é Satanás e escândalo (cf. Mt 16,23), por amor a Cristo, que não lhe fora revelado nem pela carne nem pelo sangue, mas pelo Pai que está nos céus, Pedro teve horror ao mistério da paixão e, por esta sentença severa, foi confirmado na fé. Quanto a ti, por que te separarias da esperança, negando Cristo Deus e acrescentando ainda que teve medo da paixão? Acaso teve medo dos que vieram armados para prendê-lo, quando foi ao seu encontro? (Cf. Jo 18,6.) Havia em seu corpo tal fraqueza, que os bandos de perseguidores caíram, e, sem suportar a majestade daquele que iam prender, recuaram? Que fraqueza crês existir no corpo, que tem por natureza o poder?

28. Talvez tenha temido a dor das feridas, mas pergunto se teve horror dos pregos que penetravam na carne, quem, só ao tocar, restituiu a carne da orelha cortada (cf. Lc 22,31). Mostra-nos tu, que afirmas a fraqueza do Senhor, como, justamente no tempo da paixão, o poder da carne o enfraqueceu. Pois, tendo Pedro desembainhando a espada, ficou o servo do sacerdote sem a orelha. Como, ao tocar na ferida causada pelo corte da orelha, Cristo curou sua carne? Onde, em meio ao sangue que escorre do lugar cortado pela espada afiada, enquanto o corpo sofre, mutilado, aparece o que não existia, surge o que não estava ali, volta ao seu lugar o que faltava? Então, esta mão que reconstitui a orelha, sofrerá com o cravo? Sentirá em si mesmo a ferida, quem não permitiu que outro sofresse com a dor da ferida? Fica triste pelo medo de que sua carne seja machucada, Aquele para quem foi fácil reconstituir a carne amputada só ao tocá-la? Se este poder existia no corpo de Cristo, em nome de que fé, indago, se afirma que tenha sido fraco por natureza Aquele para quem foi natural inibir a natureza de todas as enfermidades humanas?

29. Mas talvez, com estulta e ímpia perversidade, alguém afirme haver nele uma natureza fraca, porque sua alma estava *triste até a morte* (Mt 26,38). Não te censuro ainda, ó herege, por não entenderes a força da palavra. Antes indago por que não te lembras de ter Ele dito quando Judas saía para a traição: *Agora é glorificado o Filho do Homem* (Jo 13,31). Pois, se a paixão o iria glorificar, como o medo da paixão o tornaria triste? A não ser, talvez, que fosse tão insensato a ponto de temer aquilo que, ao fazê-lo sofrer, iria glorificá-lo.

30. Mas talvez se julgue ter ele temido a ponto de rogar para que o cálice fosse afastado, ao dizer: *Abba, Pai, a ti tudo é possível: afasta de mim este cálice* (Mc 14,36). Para que eu não te acuse por

outras coisas, pergunto se não serás acusado pela própria tolice de tua impiedade, porque leste: *Guarda tua espada na bainha; deixarei eu de beber o cálice, que o Pai me deu?* (Jo 18,11.) Como, pelo medo de sofrer, iria pedir que se afastasse dele o que, pelo desejo de cumprir o desígnio da salvação, deveria realizar com entusiasmo? Não é coerente que não quisesse padecer, quem queria padecer. E se sabias que Ele queria padecer, seria mais piedoso confessar que não entendes a palavra, do que atrever-te, com furor de ímpia estultice, a afirmar que pedia para não padecer Aquele que sabes que queria padecer.

31. Creio que te armarás para a luta de tua impiedade também com o dito do Senhor: *Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?* (Mc 15,34). Depois da ignomínia da cruz, talvez julgues ter-se afastado dele o favor do auxílio paterno, e brotando daí a queixa pelo seu abandono na desolada fraqueza. Se, em teu parecer, o abandono e a fraqueza da Cruz são ignomínia, seria preciso que não te lembrasses dessas palavras: *Eu vos digo que de ora em diante vereis o Filho do Homem sentado à direita do Poder e vindo sobre as nuvens do céu* (Mt 26,64).

32. Onde, pergunto, o temor da paixão? Onde a fraqueza? Onde a dor? Onde a ignomínia? Dizem os ímpios que ele teme, mas Ele mesmo declara querer padecer. É acusado de fraco? Ele se mostra poderoso, quando vai ao encontro dos perseguidores que, aterrorizados, não podem resistir-lhe. É acusado de sofrer com chagas da carne? Quando reconstituiu a carne da orelha ferida, mostrou que, sendo Ele mesmo carne, está fora da natureza carnal que sofre com as chagas, porque, quando toca com sua mão a orelha cortada, esta mão pertence ao corpo e se a mão reconstitui a orelha no lugar da chaga, isto significa que esta mão não pertence a um corpo fraco.

33. Dizem, porém, que a cruz lhe foi ultrajante. No entanto, por ela, deve-se ver o Filho do Homem assentar-se à direita do Poder, e depois de ter nascido como Homem pelo parto da Virgem, voltar em majestade sobre as nuvens do céu. Não percebes, com teu modo de pensar irreligioso, as causas do que é natural. Com o espírito cheio de impiedade e de erro, não entendes o mistério da fé, e te afastas, pela estupidez herética, do próprio senso comum do mundo. Pois tudo o que é de temer deve ser evitado enquanto se teme. O fraco teme por causa de sua fraqueza, e o que sofre a dor tem em si uma natureza invariavelmente sujeita a dor. Tudo o que é ultrajante é sempre desonroso. Tu, porém, por meio de que raciocínios pensas poder entender que Nosso Senhor Jesus Cristo se apressa para o que teme e que, por fraqueza, treme com aquilo que faz tremer os fortes? O que não permite sofrer com as chagas, sofre ao ser ferido? Pode ser desonrado pela contumélia da cruz, Aquele para quem a cruz significa que estará sentado junto de Deus, e que voltará ao reino?

34. Talvez penses que te foi oferecida uma ocasião para a impiedade e que temeu a descida aos infernos e a própria necessidade de morrer, o que parece ser atestado pela palavra: *Pai, em tuas mãos entrego meu espírito* (Lc 23,46). Lendo isto sem compreender, ou bem, respeitosamente, o passarias em silêncio, ou bem terias de entendê-lo de acordo com a fé, para que não te transviasse ainda mais com afirmações atrevidas, sendo incapaz da verdade, por causa do teu ímpio furor. Segundo o teu modo de pensar, acaso se deve crer que temia o inferno, o caos, as chamas tórridas, o abismo e toda a espécie de castigos vingadores, quem disse ao ladrão na cruz: *Em verdade, eu te digo, hoje estarás comigo no paraíso* (Lc 23,42)? Não poderás submeter o poder desta natureza, já não ao medo, mas até mesmo aos limites das regiões infernais, pois, se Ele desceu aos infernos, não deixou o paraíso (assim como o Filho do Homem, falando na terra, permanece também no céu) e prometeu a seu Mártir o paraíso, oferecendo-lhe as delícias da perfeita beatitude. Não é possuído pelo medo corporal quem penetra nos infernos e em toda a parte se faz presente pelo poder de sua natureza. O caos não pode exigir para si, pelo terror da morte da geena, esta natureza, senhora do mundo, e imensa na liberdade

do poder espiritual, que não pode carecer das delícias do paraíso, pois o Senhor estará nos infernos, mas também estará no paraíso. Reserva para o medo do sofrimento uma porção da natureza indivisível, para que possa temer a dor e põe nos infernos esta parte de Cristo que deve sentir dor e, no paraíso, deixa a que deve reinar. O ladrão pede que se lembre dele em seu reino. Creio que foi movido a fazer esta sincera confissão de fé, ao ouvir o gemido, quando o cravo atravessava a palma da mão e que, pela dor do corpo enfraquecido de Cristo, aprendeu o que seja o reino de Cristo. Aquele pede para ser lembrado no seu reino, tu o entregas ao medo da morte na cruz. O Senhor promete-lhe participar em breve da comunhão no paraíso, tu encerras a Cristo nos infernos, sob o terror do castigo. Tua fé e a dele significam esperanças diferentes. Na cruz, o ladrão mereceu o paraíso, confessando estar no reino o Cristo ainda pendente da cruz. Tu, que, ao contrário, entregas o Cristo à dor do castigo e ao medo da morte, é forçoso que sejas privado do paraíso e do reino.

35. Examinando, em seu conjunto, o valor dos seus ditos e gestos, não temos dificuldade em demonstrar que a natureza de seu corpo não possui a fraqueza da natureza corpórea, porque, em virtude desta sua natureza, podia eliminar toda fraqueza dos corpos. Sua paixão, embora se tenha dado no corpo, não acarretou ao corpo uma natureza que sofre. Mesmo estando o Senhor na forma de nosso corpo, não se tratava, no entanto, do corpo de nossa natureza viciada, já que não teve a mesma origem, porque, tendo sido concebido pelo poder do Espírito Santo, a Virgem o deu à luz. Mesmo tendo-o gerado de acordo com a função própria do seu sexo, não recebeu os elementos da concepção terrena. Gerou de si mesma o corpo que fora concebido por obra do Espírito e que tinha em si, certamente, a realidade do corpo humano, mas sem fraqueza da sua natureza. O seu corpo é na verdade um corpo porque foi gerado pela Virgem, mas não tem a fraqueza do nosso corpo, porque deve seu princípio à concepção espiritual.

36. Os hereges parecem apoiar-se, para lutar contra a fé apostólica, neste dito: *Minha alma está triste até a morte* (Mt 26,38). A afirmação *está triste* atesta, segundo eles, a fraqueza da natureza, pois, ao tomar consciência da morte começou a estar triste. Em primeiro lugar, interrogo o bom senso da inteligência humana sobre o que seja estar triste *até a morte*. Não significa o mesmo estar triste por causa da morte e estar triste até a morte. Quando a tristeza é causada pela morte, a própria morte é o motivo da tristeza, mas onde há tristeza até a morte, a morte já não é o motivo da tristeza, mas o seu fim. Deve-se, portanto, perguntar de onde vem a tristeza ao que está triste, não por causa da morte, mas até a morte, pois está triste, não por um tempo incerto e indefinido para a humana ignorância, mas até a morte. Portanto, a tristeza não é sentida por causa da morte, já que deve ter o seu fim com a morte.

37. Para que possamos entender a causa da tristeza, vejamos o que antecedeu a esta confissão de tristeza e o que se seguiu. Todo o mistério da paixão e da fé fora consumado pelo Senhor na ceia de Páscoa. Advertiu que todos se escandalizariam por causa dele (cf. Mt 26,31-32), mas prometeu que os precederia na Galiléia (cf. Mt 26-33). Pedro prometeu que ainda que os outros se escandalizassem, por sua fé constante, ele não se escandalizaria. Mas o Senhor, que pela sua natureza de Deus não ignorava o que aconteceria, respondeu que ele o negaria três vezes, para que se entendesse o escândalo dos outros, ao ver Pedro, que cairia em tão grave perigo de fé, negando-o por três vezes. Então chamou a Pedro e Tiago, dois escolhidos para o martírio, e João, que devia ser confirmado para a pregação do Evangelho, e disse estar triste até a morte. Em seguida, adiantando-se, orava, dizendo: *Meu Pai, se é possível, passe de mim este cálice; mas não seja como eu quero, mas como tu queres* (Mt 26,39). Roga para que se afaste o cálice que, na verdade, estava junto dele, porque então se consumaria o derramar do sangue da Nova Aliança, pelos pecados de muitos. Portanto, não roga que o cálice não esteja junto

dele, mas que passe além dele. Em seguida, roga para que não se faça a sua vontade e pede que não lhe seja concedido aquilo que quer que seja feito, pois diz: *Mas não como eu quero, mas como tu queres*. O pedido com relação ao cálice significa que está unido à solicitude humana, porém não quer afastar-se da decisão da vontade que tem em comum com o Pai. Mas para que não se entendesse que rogava na intenção de si mesmo e para que o motivo pelo qual expressava a sua vontade fosse manifestado e se entendesse por que sua súplica não tinha sido atendida, começou assim a sua petição: *Meu Pai, se for possível*. Não há certeza de que não exista nada impossível ao Pai? E se nada é impossível para o Pai, devemos ver a que se refere esta condição *se for possível* que é deixada em aberto. Depois desta prece, continua: *Ao voltar para junto de seus discípulos, encontrou-os dormindo, e disse a Pedro: “Não pudestes vigiar uma hora comigo?” Vigiai e orai, para não entrardes em tentação. Na verdade o Espírito está pronto, mas a carne é fraca* (Mt 26,40-41). A causa da tristeza e o pedido para que se afaste o cálice ainda estão obscuros? Manda-os vigiar e orar com Ele para que não caiam em tentação, pois o espírito está pronto, mas a carne é fraca. Aqueles que prometiam não se escandalizar, pela constância da consciência fiel, eles mesmos iriam sentir o escândalo, pela fragilidade da carne. Por conseguinte, não está triste por causa de si mesmo, nem ora para si, mas por aqueles que exorta a orarem vigilantes, para que sobre eles não recaia o cálice da paixão. Roga para que passe, isto é, que não permaneça neles.

38. Rogou que o cálice, se fosse possível, se afastasse dele, porque nada é impossível a Deus, como Ele próprio dissera: *Pai, a ti tudo é possível* (Mc 14,16), mas é impossível ao Homem não ser vencido pelo terror do sofrimento e não se pode, a não ser pela provação, conhecer a fé. Por isso quer, em prol dos homens, Ele, como Homem, que passe o cálice, e a sua vontade, como a de Deus que procede de Deus, se identifica com a decisão da vontade paterna. O significado da palavra *se for possível*, Ele o ensinou claramente quando disse a Pedro: *Eis que Satanás pediu insistentemente para te joeirar como o trigo, mas eu roguei por ti para que tua fé não desfaleça* (Lc 22,31-32). Pois todos iriam ser tentados por este cálice da paixão do Senhor. E por Pedro, pede ao Pai para que não desfaleça sua fé, para que, ao que negava por fraqueza, ao menos a dor da penitência não faltasse, pois esta fé não desfaleceria se ele se arrependesse.

39. O Senhor está triste até a morte porque na hora da morte, o tremor de terra, as trevas durante o dia, o véu rasgado, a abertura dos túmulos, a ressurreição de mortos iriam confirmar a fé dos apóstolos, que o terror da prisão noturna, os flagelos, socos, escarros, coroa de espinhos, peso da cruz, e todo o insulto da paixão e, em seguida, a condenação à maldição da cruz iriam abalar. Por isso, sabendo o Senhor que tudo ia cessar depois de sua paixão, *está triste até a morte*. Sabe que este cálice não pode passar sem que o beba, quando diz: *Meu Pai, se não é possível que passe este cálice sem que eu o beba, seja feita a tua vontade* (Mt 26,42), o que significa que, consumada em si a paixão, o medo do cálice passaria, já que, a não ser que o bebesse, não poderia passar. O terror da paixão a ser consumada nele iria trazer o fim do terror, porque, depois de sua morte, pela glória do seu poder, desapareceria o escândalo devido à fraqueza dos apóstolos.

40. Embora, ao dizer: *Seja feita a tua vontade*, a respeito do escândalo que vai causar o cálice de sua paixão, entregasse os Apóstolos ao arbítrio da vontade paterna, contudo, tendo repetido por três vezes esta prece, disse em seguida: *Dormi agora, e descansai* (Mt 26,45). Não parece estar fora de propósito que, antes, os tenha censurado por dormir e agora, ordene dormir e descansar? Lucas parece que nos permite compreender o sentido desta exortação. Ele – que dissera ter Satanás pedido para joeirar os apóstolos como trigo e que o Senhor tinha orado para que a fé de Pedro não desfalecesse – acrescentou então que, depois da longa prece do Senhor, um Anjo apareceu para confortá-lo. E na presença deste,

começou a orar com maior insistência, de tal modo que o suor do corpo lhe caísse em forma de gotas de sangue (cf. Lc 22,43-44). Uma vez que o Anjo fora enviado para a proteção dos Apóstolos e por ele fora confortado o Senhor, para que não se entristecesse por causa deles, já sem receio nem tristeza, diz: *Dormi agora, e descansai*. Na verdade, nem Mateus nem Marcos dizem coisa alguma sobre o Anjo e o pedido do diabo. Mas, depois da tristeza da alma, da censura aos que dormiam, do pedido para que passasse o cálice, não foi sem motivo que se seguiu a exortação para que dormissem, visto que, como estivesse para afastar-se deles, já confortado pelo auxílio prestado pelo Anjo, permitia que dormissem, porque seriam bem guardados.

41. Não devemos ignorar de modo algum que, em muitos códices gregos e latinos, nada se encontra referente ao suor de sangue nem à vinda do Anjo. Por isso, hesita-se, sem saber se falta em algum livro ou se sobra em outros (a diferença nos livros nos deixa incertos). Porém, se a alguns agrada esta heresia que afirma ser Ele fraco, pois lhe foi necessário ser reconfortado pelo auxílio do Anjo, que se lembre de que o Criador dos Anjos não precisava da proteção da sua criatura, sendo então necessário entender-se que foi confortado do mesmo modo que foi triste. Pois se, para nós, foi triste, também por nossa causa foi reconfortado. Foi reconfortado pelo mesmo motivo pelo qual estava triste. Porém, ninguém ousará atribuir o suor à fraqueza, porque é contra a natureza suar sangue e não é fraqueza o que o poder de Cristo realizou contrariando o costume da natureza. Isto não pode, de modo algum, apoiar a heresia que afirma sua fraqueza, mas antes, o suor de sangue prova a verdade do corpo contra a heresia que afirma, mentirosamente, que se trata só de uma aparência. Portanto, não só a tristeza é por nossa causa, também a oração é para nós e não se poderá deixar de entender que tudo isto foi feito por nossa causa, porque tudo o que foi motivo de sua oração foi por nós, pois era por nós que Ele temia.

42. Os Evangelhos se completam mutuamente, porquanto umas coisas se explicam pelas outras, dando todas elas testemunho de um só Espírito. João, o maior dos pregadores das coisas espirituais, o demonstra quando diz que o Senhor assim orou pelos Apóstolos: *Pai Santo, guarda-os em teu nome. Quando estava com eles, Eu os guardava em teu nome; aqueles que me deste, eu os guardei* (Jo 17,11-12). Esta palavra que os demais omitem indica que não foi para si, mas para os Apóstolos esta oração. Também não foi triste para si mesmo Aquele que os exorta a orar para não serem tentados. Nem foi enviado para Ele, o Anjo, pois, se quisesse, traria do céu doze mil legiões, nem teme a morte Aquele que está triste até a morte, nem pede que o cálice não passe por Ele, mas sim que passe dele, embora não possa passar sem que o beba. Porquanto *passar* não é deixar um lugar, mas sim não existir, absolutamente, o que tanto a palavra evangélica quanto a apostólica significam, ao dizer: *O céu e a terra passarão, mas minhas palavras não passarão* (Mc 13,31). Também diz o Apóstolo: *Eis que as coisas antigas passaram, e se fez uma realidade nova* (2Cor 5,17). E: *E a figura deste mundo passará* (1Cor 7,31). Por conseguinte, o cálice, que roga ao Pai que passe, não pode passar sem que o beba, e o Senhor roga certamente por aqueles que Ele guardava enquanto estava com eles, que o Pai lhe deu para que fossem salvos. E agora, indo ao encontro do mistério da morte, roga ao Pai que os guarde. A presença do anjo que lhe foi enviado não é uma presença ambígua, mas significa a clara certeza de ter sido atendida a prece, o que se demonstra quando os convida ao sono, depois de ter orado. O Evangelista demonstra não só o efeito da oração pedida, como a segurança que significa dormir sem perigo, durante o próprio desenrolar-se da paixão, ao dizer que todos os Apóstolos iriam se salvar das mãos dos perseguidores: *Para que se cumprisse a palavra que diz: “daqueles que me deste, não perdi nenhum”* (Jo 18,9). Cumpriu-se, por meio dele, o que foi pedido na oração, e todos foram salvos. Roga ao Pai para que, aos que foram salvos por Ele, agora, Ele mesmo, salve-os, em seu nome. Na verdade,

salva de tal modo que a fé de Pedro não desfalece, graças ao arrependimento subsequente, não obstante o seu terror.

43. A oração do Senhor narrada por João, o pedido do diabo relatado por Lucas, a tristeza até a morte, a censura por terem adormecido e a permissão para dormirem, que encontramos em Mateus e Marcos, não deixam nenhuma dúvida. A oração do Evangelho de João, em que recomenda os Apóstolos ao Pai, esclarece a causa da tristeza e da súplica para que passe o cálice. O Senhor não roga para que se afaste dele a paixão, mas roga ao Pai que guarde os Apóstolos quando estiver padecendo. A prece contra o diabo transmitida por Lucas significa a confiança que permite o sono anteriormente proibido.

44. Não pertence à natureza, que está acima do humano, a ansiedade e o temor humano. Não está sujeito aos males do corpo terreno o corpo que não foi originado de elementos terrenos. O Espírito Santo, pelo mistério da concepção, deu origem ao Filho do Homem. A virtude do Altíssimo comunicou a força ao corpo que, pela concepção do Espírito, a Virgem gerava. Pela comunhão com a alma, unida ao corpo, a sensibilidade do corpo animado vive. A alma que penetra o corpo vivifica o corpo para que sinta as dores que lhe são infligidas. Quando a alma, por causa do santo fervor da esperança celeste e de sua fé, despreza o princípio da origem terrena de seu corpo, este corpo adquire, na dor, a sensibilidade e a espiritualidade da alma, de forma a não sentir aquilo que padece. Que diremos então sobre a natureza do corpo do Senhor, do que desceu do céu, do Filho do Homem, se mesmo os corpos terrenos, por vezes, não conhecem a dor e o medo, com relação às coisas que devemos temer ou que necessariamente nos causam dor?

45. Quero saber se as chamas da fornalha da Babilônia, alimentadas e excitadas ao máximo, não provocaram temor nos jovens israelitas e se naqueles corpos, iguais aos nossos pela sua concepção, penetrou o medo de tão grande fogo (cf. Dn 3,25). Pergunto também se sofreram com as chamas que os envolveram. Talvez, justamente por não terem sido queimados, nada sofreram, e se poderia pensar que naquele momento faltasse às chamas a natureza de queimar. Sem dúvida, pertencia à natureza do corpo o temor de ser queimado. E podia ser queimado. Mas, pelo espírito de fé, os corpos terrenos, isto é, originados a partir dos elementos e causas comuns a todos, não puderam queimar-se nem temer. Se aquilo que é contra a natureza do corpo, pela fé em Deus, aconteceu com o homem, o que acontece com o Senhor, em virtude da natureza de sua origem, pela força do Espírito, não pode ser julgado conforme a natureza comum. Os jovens estão amarrados no meio do fogo e não têm medo do fogo. Enquanto passeiam, não sentem as chamas; enquanto oram, não podem ser queimados, mesmo estando no fogo. Neles, tanto os corpos quanto o fogo perdem a sua natureza; nem aqueles são queimados, nem este queima. No entanto, em tudo o mais, existe a natureza do fogo e do corpo, pois os circunstantes são queimados, e os que administram o castigo são castigados. Não queres, ímpio herege, que Cristo não sentisse dor quando o cravo atravessou as palmas de sua mão, nem supões que aquela chaga, produzida pela lança, não tenha provocado qualquer dor. Pergunto por que os jovens não temeram o fogo, nem sentiram dor. Que haveria na natureza de seus corpos para vencer a natureza do fogo? Por causa do fervor da fé e da glória do santo martírio, não sentem medo do que causa temor. Cristo, apesar de concebido segundo a origem de nossos defeitos, no entanto, por continuar a ser Deus na cruz e Juiz futuro do mundo, e Rei dos séculos eternos, estaria triste pelo medo da cruz? Esquecido de tão grandes prêmios, poderia tremer pela ansiedade de um medo vil?

46. Daniel, que deveria ser alimentado com a comida do profeta, não temeu o fosso dos leões (cf. Dn 14,30-39). Os Apóstolos, flagelados por causa do nome de Cristo, alegam-se pelo sofrimento. Para Paulo, sua libação é coroa de justiça. Tendo de ser degolados, os Mártires, com hinos, estendem os pescoços aos algozes, e, cantando, sobem às pilhas de lenha armadas para o fogo. O sentimento da fé

anula de tal maneira o medo natural devido à fraqueza do corpo que transforma e muda os corpos, afastando a sensação de dor. A decisão da alma acarreta a firmeza do corpo, e o corpo animado apenas sente aquilo para que o desejo da alma o move. E aquilo que o espírito despreza pelo desejo da glória, o corpo, que recebe da alma sua vida, não sente. Se estas coisas são naturais nos homens abrasados pelo ardor da glória, a ponto de não tomarem conhecimento de seus sofrimentos, ignorar suas feridas e não perceber a morte, pensaremos então que o Senhor da glória, Jesus Cristo – cuja força se encontra até mesmo na fímbria do manto, cuja saliva e cuja palavra são de tal natureza que o manco já não é mais manco, quando Ele ordena que estenda a mão, o cego de nascença não mais sente o defeito que tem desde o nascimento, o que teve a orelha cortada já não está mais mutilado –, possui a fraqueza do corpo ferido e cheio de dores que o espírito de sua fé não permitiu que tivessem aqueles gloriosos e bem-aventurados varões?

47. O Deus Unigênito suportou em si mesmo todo o nosso sofrimento, que se abateu sobre Ele; mas sofreu com o poder de sua natureza, como nasceu pelo poder de sua natureza. Quando nasceu, conservou, no nascimento, a natureza de sua onipotência. Nasceu como nascem os homens, mas não foi concebido como os homens. Pelo seu nascimento tem o modo de ser da condição humana, mas por causa de sua origem, está livre dos condicionamentos próprios da condição humana. Por isso sofreu, no seu corpo, como padece o nosso corpo frágil, mas de tal modo que os sofrimentos de nosso corpo foram assumidos pela força de seu corpo. Desta nossa fé, também a palavra profética dá testemunho, ao dizer: *Ele levava sobre si as nossas enfermidades, e nossas dores Ele as carregava; e nós o reputávamos como um ferido, chagado e humilhado. Mas foi ferido por causa de nossas iniquidades, e esmagado pelos nossos pecados* (Is 53,4-5). Engana-se, portanto, a opinião humana, quando julga que sentiu dor ao padecer. Pois, carregando nossos pecados, isto é, assumindo o corpo do nosso pecado, Ele mesmo não peca. Pois foi enviado à semelhança da carne do pecado (cf. Rm 8,3) e, certamente, carregava, na carne, os pecados, mas os nossos. Sofre por nós, mas não sente como nós sentimos, porque, sendo reconhecido como Homem (cf. Fl 2,7), tinha um corpo submetido à dor, mas sem ter a natureza capaz de sofrer, porquanto sua condição é de Homem, mas não a sua origem, visto que nasceu pela concepção do Espírito Santo. Por isso se considerou que sofria com as dores, as chagas e as humilhações. Assumiu a forma de servo e, nascido como Homem, da Virgem, deixou-nos a impressão de que a dor de sua Paixão foi natural. *Ele foi ferido, mas por causa de nossas iniquidades* (Is 53,5). Embora tenha sido ferido, a chaga não é a de sua iniquidade, e tudo o que sofre, não o sofre para si. Pois não nasceu como Homem para si, nem por si é iníquo. O Apóstolo declara a causa desta disposição divina, dizendo: *Por Cristo nós vos rogamos, reconciliai-vos com Deus. Aquele que não conhecia pecado, Deus o fez pecado por nós* (2Cor 5,20). Aquele que iria condenar o pecado na carne por meio do pecado, embora não tivesse pecado, foi feito pecado e, condenando o pecado por meio da carne, sem conhecer a carne, se fez carne por nós e, por causa de nossas iniquidades, foi ferido.

48. Além disso, o Apóstolo não vê em Cristo o medo da dor. Pois, falando da economia da paixão, anunciou-a no mistério da divindade, dizendo: *Ele nos perdoou todas as nossas faltas: destruiu em detrimento das ordens legais o quirógrafo da sentença contra nós e o suprimiu pregando-o na Cruz, na qual Ele despojou os principados e as potestades, exibindo-as em espetáculo, levando-as em cortejo triunfal e delas triunfando em si mesmo* (Cl 2,13-15). Parece-te então que este poder sucumbiu à ferida do cravo e ficou apavorado com o golpe doloroso, transformando-se sua natureza na do que sofre? O Apóstolo nos diz que nele Cristo fala (cf. 2Cor 13,3) e, lembrando a obra de nossa salvação realizada pelo Senhor, assim explica a morte de Cristo: despoja-se da carne, e, com segurança, desonra as Potestades e delas triunfa em si mesmo. Se houve, em sua paixão, alguma necessidade e não o dom

de tua salvação, se a cruz significa a dor do que está crucificado e não a crucifixão do decreto em que está escrita a tua condenação à morte, se na sua morte está a força da morte, e não o seu despojamento das vestes de carne, pelo poder de Deus, se finalmente a morte não representa a desonra dos poderosos, a confiança e o triunfo, se nela há necessidade da natureza, se nela há violência, desconfiança e desonra, deves atribuí-la à sua fraqueza. Se, porém, o contrário de tudo isso é proclamado pelo mistério da Paixão, que loucura é esta, pergunto eu, que modifica o significado do que cremos, repudia a doutrina apostólica, toma como injúria de uma natureza covarde o que é amor e mistério, o que é poder, confiança e triunfo? Trata-se evidentemente de um triunfo que, ao ser procurado para ser conduzido à cruz não se suporta sua presença quando ela é oferecida, que se submeta à sentença de morte e, em seguida, se assente à direita do Poder, que seja pregado à cruz pelos cravos e ore pelos perseguidores, que beba o vinagre, mas consume o mistério da salvação, que seja contado entre os iníquos, mas ofereça a dádiva do paraíso, que seja levantado no lenho, mas faça tremer a terra, que fique suspenso da cruz, mas obscureça o sol e o dia, que saia do corpo, mas faça voltar as almas aos corpos, que seja enterrado como morto, mas ressurja como Deus, que, como Homem, sofra por nós todas as fraquezas, mas, como Deus, triunfe em tudo isso.

49. Ainda resta, segundo a opinião dos hereges, um importante atestado de fraqueza, principalmente por ter sido apresentado pela voz do Senhor, que clamou: *Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?* (Mt 27,46). Esta queixa se apresenta como o maior motivo de dúvida: queixar-se de ser abandonado e sujeito à debilidade. Esta é uma presunção forçada da inteligência ímpia, que se opõe a todas as palavras do Senhor, como se Aquele que se apressava para a morte, pela qual seria glorificado e que, depois, se assentaria à direita do poder, tivesse medo de morrer e, com tantos motivos de felicidade, pudesse queixar-se de ser abandonado por Deus à necessidade de morrer, quando, passando pela morte, iria permanecer nestas alegrias!

50. Os artifícios heréticos avançam por este caminho como se tivesse sido preparado para sua impiedade. Afirmam que o Deus Verbo deixou de existir totalmente na alma de seu corpo e, por isso, o Filho do Homem e o Filho de Deus não são o mesmo Jesus Cristo, ou o Deus Verbo deixou de ser Ele mesmo quando vivificou o corpo, com sua função de alma, ou que o Cristo, absolutamente, não nasceu como Homem, porque nele o Verbo de Deus habitou como espírito profético. Mas o erro dessa ridícula perversidade ainda vai além. Com maior e mais audaciosa impiedade afirmam que Jesus Cristo, antes de haver nascido de Maria, não era Cristo, de tal modo que Aquele que nasceu não existia antes, mas só começou a existir quando nasceu da Virgem. Por isso também se acrescenta outro absurdo: que Deus Verbo, como certa parte do poder de Deus, estendendo-se em certa continuidade, habitou naquele Homem que começou a existir por Maria e recebeu os poderes próprios da divina operação, mas vive pelo movimento e natureza de sua alma.

51. Por esta sutil e pestífera doutrina são levados ao erro de afirmar que, ou o Deus Verbo se converteu em alma do corpo, por uma alteração da natureza, tornando-se fraco, e o Verbo, deixou de ser Deus, ou que o Homem foi animado somente pela vida da alma que o move e que o Verbo de Deus habitou nele como o poder da palavra que se propaga. Assim se dá lugar a toda espécie de interpretações ímpias, de modo que, ou o Deus Verbo se converteu em alma e deixou de ser Deus Verbo, ou então Cristo absolutamente não existiu antes do parto de Maria, porque, sendo apenas um homem como os outros, teria somente a alma e o corpo comuns aos homens, tendo começado a existir somente quando começou a ser Homem e um poder extrínseco da palavra estendida até Ele lhe deu força para agir. Ao ser abandonado pelo Verbo de Deus, porque o prolongamento desta força estendida até Ele se retirou, clamou: *Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?* – ou então, Aquele que

tivera mudada a natureza do Deus Verbo, para ser a alma do corpo, e tivera em tudo o auxílio paterno, desamparado e à mercê da morte, queixou-se de sua solidão e o censurou por ter sido abandonado. Tudo isso oferece um perigo mortal para a fé, iludida, quando se julga haver no Deus Verbo a fraqueza da natureza por causa da sua queixa, ou quando se diz que, de modo nenhum, se trata do Deus Verbo, já que o Cristo Jesus deve seu início unicamente ao parto de Maria.

52. Entre estas sentenças ímpias e inconsistentes, a fé da Igreja, imbuída das doutrinas dos Apóstolos, afirma o nascimento de Cristo, mas desconhece seu início. Conhece a economia da Encarnação, mas desconhece a divisão. Não suporta que haja em Cristo Jesus uma divisão, de tal modo que Jesus não seja o Cristo, nem separa o Filho do Homem do Filho de Deus, de modo a se entender que o Filho de Deus não seja Filho do Homem. Não permite que o Filho de Deus seja absorvido pelo Filho do Homem, nem divide em três partes a Cristo, cuja túnica inconsútil não foi cortada (cf. Jo 19,23). Em Jesus Cristo não separa o Verbo, a alma e o corpo. Nem dilui o Deus Verbo em alma e corpo. Para a fé, Ele é inteiramente Deus e Verbo e inteiramente o Homem Cristo. Mantém esta unidade no mistério que professa, sem crer que Cristo seja diferente de Jesus, e sem anunciar outro Jesus além de Cristo.

53. Não ignoro quanto a magnificência do mistério celeste representa um impedimento à debilidade da inteligência humana, de tal modo que não é fácil dizer com palavras, discernir com a razão, ou abarcar com a mente tais realidades. O Apóstolo sabia quão árduo e difícil é para nosso juízo entender o modo de agir divino. Se assim não fosse, nosso modo de julgar seria mais arguto para entender a Deus do que Deus é poderoso para agir. Por isso, àquele seu filho legítimo segundo a fé, que, desde a infância, conhece as Sagradas Escrituras, assim escreve: *Se eu te recomendei permanecer em Éfeso, quando estava de viagem para a Macedônia, foi para admoestares alguns a não ensinarem outra doutrina, nem se ocuparem com fábulas e genealogias sem fim, as quais favorecem mais as discussões do que a edificação de Deus que se realiza na fé* (1Tm 1,3-4). Proíbe tratar de questões de genealogias e tocar em fábulas que provocam disputas intermináveis. Mas ensina que aquilo que serve à edificação de Deus se realiza na fé, para que o modo de exercer a reverência humana se limite a adorar, com fé, a onipotência de Deus, sem que se estenda nossa fraqueza até perscrutar aquilo que embota a natureza do que perscruta. Porque, se a claridade do sol ofusca, nos que a contemplam, a capacidade de ver a luz e quando, com intensa curiosidade, se procura contemplar a luz irradiante, fica amortecido o sentido da visão e acontece que, quanto mais te esforças por ver, menos vês, que se poderá esperar, então, em relação às coisas de Deus e ao sol de justiça? Não correm perigo de se tornar estultos aqueles que desejam saber mais do que podem? A aguda luz da inteligência não será vencida pelo estupor da insipiência embrutecida? A natureza inferior não compreende a razão de ser da natureza superior, nem está ao alcance do pensamento humano o desígnio celeste, pois é limitado pela fraqueza tudo aquilo que pode ser conhecido por quem é fraco. O poder de Deus ultrapassa a capacidade da mente humana. Se a fraqueza pretender elevar-se até Ele, mais fraca se tornará, já que perde mesmo o poder que tem e que a natureza mais forte das coisas celestes é capaz de debilitar, porque toda a teimosia em querer alcançá-la é vencida pela sua imensidão. Se o sol deve ser visto à medida que nos é possível suportá-lo, se devemos receber sua luz na medida justa para que não aconteça que, desejando contemplar mais, menos o consigamos, do mesmo modo as coisas celestes só poderão ser entendidas à medida que elas o permitirem. Só devemos esperar compreendê-las enquanto consentem em ser apreendidas, porque, se não nos contentarmos com a moderação exigida, perderemos o que foi concedido por indulgência. Há em Deus algo que podes perceber, se quiseres conhecer apenas o que estiver a teu alcance. Assim como podes ver alguma coisa do sol, se queres ver o que podes e perderás o que não podes ver, se te esforças por ver o que não podes, do mesmo modo, nas coisas de Deus, há

algo que podes entender, se quiseres entender o que podes. Porém, se esperas além do que podes, não poderás nem mesmo aquilo que poderias.

54. Ainda não me referirei ao mistério de seu nascimento fora do tempo. No devido lugar tratarei dele. No momento falarei sobre o mistério da assunção da carne. Consulto agora aqueles perscrutadores dos arcanos celestes para que expliquem o mistério do Cristo nascido da Virgem, segundo sua natureza. Donde dizem provir a concepção da Virgem? Donde o parto da Virgem? Qual é a origem de sua fecundidade e o que foi que se formou no íntimo do seio materno? Donde vem o corpo? E o Homem? Depois disto tudo, que significa que o Filho do Homem tenha descido do céu permanecendo no céu? Pois não é a mesma coisa, de acordo com a natureza dos corpos, descer e permanecer. Uma coisa é a mudança que supõe a partida, outra coisa é permanecer imperturbável. Chora a criancinha, mas está no céu, o menino cresce, mas permanece o Deus da plenitude. Subir para onde estava antes, e descer o que permanece, que sentido tem isso para a capacidade da inteligência humana? Pois diz o Senhor: *E se vísseis o Filho do Homem subir para onde estava antes?* (Jo 6,63). O Filho do Homem sobe para onde estava antes. Que lógica pode entender? Desce do céu o Filho do Homem que está no céu. Que razão o explicará? *O Verbo se fez carne.* Que palavras o expressarão? O Verbo se faz carne, isto é, Deus se faz Homem. Quem é Homem, está no céu, quem é Deus vem do céu. Sobe o que desce, mas desce sem descer. É o que era, mas não era o que é. Percorremos as causas, e a razão nos escapa; vemos a razão e não entendemos a causa. Entendendo assim a Cristo Jesus, nós o conheceremos, porém, julgando compreender mais, ficaremos na ignorância.

55. Como é grande, nas palavras e nos fatos, aquele mistério do pranto de Cristo, e das lágrimas que lhe correm dos olhos por causa da angústia da alma! (Cf. Lc 19,4.) De onde provém esta falha de sua alma, para que a dor da tristeza arranque lágrimas do corpo? Que amargura e dor intoleráveis fazem o Filho do Homem, que desceu do céu, se desfazer em lágrimas? Que foi então o que nele chorou? O Deus Verbo ou a alma de seu corpo? Pois, embora as lágrimas pertençam ao corpo, é a angústia da alma que faz brotar o seu pranto por intermédio do corpo. Qual foi a causa do seu pranto? A ímpia e parricida Jerusalém, que não iria sofrer pelo assassinio de tão grandes Profetas e Apóstolos e a morte do próprio Senhor, teria merecido dele a honra das lágrimas? Acaso se condói com a queda desta perdida e desesperada gente, como se lamentam as calamidades que causam as mortes humanas? Qual é, pergunto eu, o mistério destas lágrimas? A alma, que está triste, chora. Mas acaso não foi ela que enviou os profetas? Não foi ela que desejou tantas vezes reunir seus pintainhos à sombra de suas asas (cf. Mt 23,27)? Não pertence ao Deus Verbo entristecer-se, nem as lágrimas pertencem ao Espírito. Mas também não é próprio da alma fazer algo antes do corpo. E contudo, Jesus Cristo realmente chorou, sem dúvida alguma.

56. Com lágrimas igualmente verdadeiras, também chorou por Lázaro (cf. Jo 11,35). Pergunto então, em primeiro lugar, o que havia para se chorar em Lázaro? Não, certamente, a morte, que não foi para a morte, e sim, para a glória de Deus. O Senhor dissera: *Esta enfermidade não é para a morte, mas para a glória de Deus, para que o Filho de Deus seja glorificado por ele* (Jo 11,4). Portanto, a morte, que tinha por causa a glorificação de Deus, não trazia a tristeza das lágrimas. Mas nem ao menos havia a necessidade de chorar pelo fato de não estar presente enquanto Lázaro morria, pois ele mesmo disse claramente: *Lázaro morreu. Por vossa causa alegro-me de não ter estado lá para que creiais* (Jo 11,14-15). Sua ausência, por conseguinte, não foi motivo para as lágrimas, já que era vantajosa para a fé dos Apóstolos, porque renunciara, com a certeza do divino conhecimento, a morte do doente. Por conseguinte, não há nenhuma necessidade de chorar, e, no entanto, chorou. Indago, pois: a que se deve atribuir este choro? A Deus, à alma ou ao corpo? O corpo, só por si, não produz lágrimas, pois estas

são causadas pela tristeza da alma. É muito menos provável que Deus tenha chorado, pois Ele iria ser glorificado em Lázaro. Não faz sentido que tenha sido a alma a chamar Lázaro do sepulcro, e que, pelo poder da alma unida ao corpo, tenha chamado novamente ao corpo morto a alma já separada dele. Sofre Aquele que será glorificado? Chora Aquele que vai dar a vida? Não pertence ao que vai dar a vida o pranto, nem ao que será glorificado, o sofrimento. No entanto, Aquele que chorou e sofreu dá a vida.

57. Não porque sejamos obrigados pela ignorância do que foi dito, ou porque não tenhamos muito que dizer, mas para que uma explicação rápida ajude na clareza da exposição, falamos pouco de muitas coisas. O Senhor age e realiza coisas que não conhecemos, o que não se ignora e se pode ignorar, já que, por um lado as coisas são reais e, por outro, há um mistério em seu poder. Ensinaresmos isso claramente com base no que diz: *Por isso o Pai me ama, porque Eu entrego minha alma para recebê-la de novo. Ninguém a tira de mim, mas eu a entrego por mim mesmo. Tenho o poder de entregá-la e tenho o poder de recebê-la de novo; este preceito eu o recebi do Pai* (Jo 10,17-18). Entrega por si mesmo a alma, e eu indago: quem entrega? Não duvidamos ser Cristo o Deus Verbo; nem também ignoramos que o Filho do Homem foi constituído de alma e corpo, pois o Anjo o confirmou a José ao dizer: *Levanta-te, toma o menino e sua mãe, e volta para a terra de Israel; aqueles que procuravam tirar a alma do menino já estão mortos* (Mt 2,20). De quem é esta alma, pergunto, do corpo ou de Deus? Se do corpo, que poder tem o corpo, que é animado pelo movimento da alma para a vida? Pergunto em seguida se o corpo pode receber uma ordem, já que, sem a alma, está embotado e morto? Se, porém, alguém julgar que é o Deus Verbo que entrega sua alma, para retomá-la de novo, mostre que o Deus Verbo morreu, isto é, que permaneceu sem sentidos nem vida, como um corpo morto, que de novo retomou sua alma para viver, para ser de novo vivificado por ela.

58. Nenhuma pessoa que tenha o uso da razão irá atribuir a Deus uma alma, embora com freqüência se tenha escrito que a alma de Deus odiava os sábados e as luas novas e, ainda, que se comprazia em algo (cf. Is 1,13-14; 42,1). Mas é costume falar deste modo, como também se fala de mãos, olhos, dedos, braço, coração, como se Deus tivesse corpo. Como disse o Senhor, o Espírito não tem carne nem ossos (cf. Lc 24,39), já que Aquele que é não muda (cf. Mt 3,6) e não podemos atribuir-lhe membros e partes do corpo para conferir a sua solidez, mas a simples e bem-aventurada natureza permanece como um todo. Deus não é movido para a vida por uma alma interior a Ele, à maneira dos seres corpóreos. Ele mesmo vive sendo para si mesmo sua própria vida.

59. Como entrega sua alma, e, uma vez entregue, a reassume? Ou qual o motivo desta ordem? Deus não entrega a alma à morte nem a reassume para a vida. O corpo também não recebe a ordem de reassumi-la, pois não a reassume por si mesmo, visto que foi dito a respeito do templo de seu corpo: *Destruí este templo e em três dias eu o reerguerei* (Jo 2,19). É Deus que ressuscita o templo de seu corpo. E quem entrega a alma para retomá-la? O corpo, por si mesmo, não a retoma, mas é ressuscitado por Deus. É ressuscitado o que está morto e não entrega a alma o que vive. Logo, Deus não morreu nem foi sepultado, no entanto disse: *Derramando o perfume em meu corpo, ela o preparou para ser sepultado* (Mt 26,12). Foi derramado em seu corpo o perfume, para ser sepultado, e não é a mesma coisa *ser* (ele mesmo) e *ser seu* (possuir algo), como não é a mesma coisa ser ungido para ser sepultado, e ter seu corpo ungido, e não é a mesma coisa dizer que o corpo é dele e dizer que Ele foi sepultado.

60. A compreensão deste mistério divino consiste em não ignorar ser Deus Aquele que não se pode desconhecer como Homem e não desconhecer como Homem aquele que não se pode ignorar como Deus, não dividir Jesus Cristo, porque o Verbo se fez carne, não julgar sepultado Aquele que sabes ter

ressuscitado, não duvidar que tenha ressuscitado Aquele que não ousas negar ter sido sepultado. Pois Jesus Cristo foi sepultado, porque morreu. E morreu Aquele que, quando ia morrer, disse: *Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?* (Mc 15,34). Disse isto o mesmo que também iria dizer: *Em verdade eu te digo, que hoje estarás comigo no paraíso* (Lc 23,43). E o que prometia o paraíso também exclamou em alta voz: *Pai, em tuas mãos entrego meu Espírito. E isto dizendo, expirou* (Lc 23,46).

61. A vós, agora, que dividis em três partes o Cristo: o Verbo, a alma e o corpo, ou reduzis o Cristo, Deus Verbo, a um homem comum, dizemos: *Revelai-nos o grande mistério da piedade, que se manifestou na carne* (1Tm 3,16). Que Espírito Cristo entregou, quem recomendou às mãos do Pai o seu Espírito, quem esteve no mesmo dia no paraíso e quem se queixou de ter sido abandonado pelo Pai? Pois a queixa de ser abandonado é fraqueza do que morre, mas a promessa do paraíso significa o reinado do Deus vivo. Recomendar o Espírito significa a confiança do que recomenda. Entregar o Espírito significa a morte do que estava morrendo. Pergunto então: quem morre? Certamente o que entrega o Espírito. Quem entrega o Espírito? Certamente aquele que recomendou ao Pai seu Espírito. E se é o mesmo o que recomendou seu Espírito e o que, ao entregá-lo, morreu, indago se o corpo recomenda a alma, ou se Deus recomenda a alma do corpo? Pois, como se sabe, freqüentemente *espírito* significa o mesmo que *alma*. Isto se vê neste mesmo caso, porque Jesus, ao morrer, entregou o Espírito. Se, portanto, alguém julga que a alma foi recomendada pelo corpo, a que vive pelo que iria se dissolver, a eterna pelo corruptível, a que permanece pelo que deveria ser ressuscitado (pois não há dúvida de que quem recomendou o Espírito ao Pai seja o mesmo que iria estar no mesmo dia no paraíso com o ladrão), pergunto se o que foi colocado no sepulcro permaneceu no paraíso ou, então, permanecendo no paraíso, se queixou de ser abandonado por Deus.

62. Um só e o mesmo é o Senhor Jesus Cristo, Verbo feito carne, revelando-se por todas estas coisas. Aquele que diz ser abandonado à morte é Homem, porém, sendo Homem, reina como Deus, no paraíso. Reinando no paraíso, encomenda ao Pai seu Espírito como Filho de Deus e, como Filho do Homem, entrega à morte o Espírito encomendado ao Pai. Por que, então, reputamos como injúria este mistério? Vês aquele que se queixa de ter sido entregue à morte, porque é humano; vês que, ao morrer, declara que reinará no paraíso, porque é Deus. Por que, para favorecer a impiedade, guardamos somente o que nos disse para que entendêssemos sua morte, e, sobre o que afirmou para demonstrar sua imortalidade, nada dizemos? Se as palavras pertencem ao mesmo que se queixa de ser abandonado e declara reinar, por que nossa infidelidade nos faz dividir nossa fé, de tal modo que não possa ser o mesmo o que está morto e o que reina, quando Ele atestou de si mesmo as duas coisas, ao recomendar o Espírito e ao entregar o Espírito? Porque se é o mesmo o que recomenda o Espírito e o entrega, o que morre reinando e, morto, reina, encontramos, no mistério do Filho do Homem e do Filho de Deus, o que morre reinando e reina morrendo.

63. Desapareça toda irreligiosa infidelidade, incapaz de acolher o divino mistério, que não entende que Cristo não chorou por si mesmo, mas por nós, e que, para dar testemunho da realidade da humanidade por ele assumida, aceitou em si os sentimentos humanos, que ignora não ter Cristo morrido para si, mas para nossa vida, a fim de renovar, pela morte do Deus imortal, a vida dos mortais, que não compreende a queixa do abandonado e a confiança do que reina, e compreenda que, ao reinar como Deus e lamentar-se por morrer, morre como Homem e reina como Deus. Não é um o que morre e outro o que reina, não é um o que recomenda o Espírito e outro o que expira, o que é sepultado não é diferente do que é ressuscitado, assim como não é um o que desce do céu e outro o que sobe ao céu.

64. Sobre isto, escuta a doutrina do Apóstolo, aprendida não pelos sentidos carnis, mas pelo dom do

Espírito, quando, pedindo os gregos a sabedoria e os judeus um sinal, assim diz: *Nós, porém, pregamos o Cristo Jesus crucificado, escândalo para os judeus, loucura para os gentios; mas para os que são chamados, judeus e gregos, Cristo Jesus, poder de Deus e sabedoria de Deus* (1Cor 1,23-24). Acaso Cristo está dividido, de modo que seja um o Jesus Crucificado, outro o Cristo força e sabedoria de Deus? Isto é escândalo para os judeus e loucura para os gentios, para nós, porém, Cristo Jesus é força e sabedoria de Deus, mas sabedoria não conhecida pelo mundo, nem entendida pelos prudentes do século. E até que ponto não foi entendida, aprende do mesmo santo Apóstolo: *Ensinamos a sabedoria de Deus, misteriosa e oculta, que Deus predestinou antes dos séculos para a nossa glória. Nenhum dos príncipes deste mundo a conheceu, pois, se a tivessem conhecido, não teriam crucificado o Senhor da glória* (1Cor 2,7-8). Acaso o Apóstolo ignora que esta sabedoria está escondida no mistério e não pode ser conhecida pelos príncipes deste mundo? Divide a Cristo, de forma que um seja o Senhor da majestade, outro, o Jesus Crucificado? Mas ele contradiz esta impiíssima e estulta opinião, dizendo: *Pois não quis saber outra coisa entre vós a não ser Jesus Cristo, e Jesus Cristo Crucificado* (1Cor 2,2).

65. Coisa diferente não sabe o Apóstolo nem julga saber; quanto a nós, de fraca inteligência e de fé ainda mais fraca, separamos, dividimos, duplicamos o Cristo Jesus, querendo ser os árbitros dos mistérios e menosprezando o mistério oculto. Para nós (assim pensam), um é o Cristo Crucificado, outro, a sabedoria de Deus, um é o sepultado, outro o que desceu do céu, um é o Filho do Homem, outro o Filho de Deus. Sem entender, ensinamos e censuramos sem saber. Sendo homens, corrigimos as palavras de Deus e não nos dignamos crer, de acordo com o Apóstolo, que diz: *Quem acusará os eleitos de Deus? É Deus quem justifica. Quem condenará? Cristo que morreu, mais ainda, que ressuscitou, que está à direita de Deus e intercede por nós?* (Rm 8,33-34.) Será Aquele que pede por nós diferente daquele que está à direita de Deus? Ou Aquele que está à direita de Deus não será o mesmo que ressuscitou? Ou quem ressuscitou não é o mesmo que morreu? Ou o que morreu não é o mesmo que condena? Ou o que condena não é o mesmo Deus que justifica? Separemos então, se for possível, o Cristo que condena do Deus que justifica, o Cristo morto do Cristo que condena, o Cristo assentado à direita, que intercede por nós, do Cristo morto. Se um só Cristo é realmente tudo isso e não é um o Cristo morto e outro o sepultado, ou um o que desce aos infernos e outro o que sobe aos céus, de acordo com a palavra do Apóstolo: *Que significa 'subiu' senão que ele também desceu às profundezas da terra? O que desceu é o mesmo que subiu acima de todos os céus, a fim de plenificar todas as coisas* (Ef 4,9-10). Até que ponto levaremos a ignorância, insensata de nossa falta de fé, para podermos afirmar que somos capazes de explicar aquilo que está escondido no mistério de Deus? *que desceu é o mesmo que subiu.* Ainda se poderá hesitar, dizendo que não foi Jesus Cristo o Homem ressuscitado dos mortos, que se elevou acima de todos os céus e está à destra de Deus? Acaso se dirá que desceu aos infernos o corpo que jazia no sepulcro? Mas, se o que desceu é o mesmo que subiu e não se acredita que o corpo tenha descido aos infernos e também não se duvida de que, ressurgindo dos mortos, tenha subido aos céus, que mais nos resta a não ser a fé no mistério escondido, desconhecido pelo mundo e pelos príncipes deste mundo? Pois, sendo um e o mesmo o que desceu e o que subiu, também um só há de ser para nós Jesus Cristo, Filho de Deus e Filho do Homem, Verbo que é Deus e Homem que é carne, que padeceu, morreu e foi sepultado e, ressurgindo, foi recebido nos céus e está sentado à direita de Deus, que existe em si, como um e o mesmo, em virtude da encarnação e de sua natureza, na forma de Deus e na forma de servo, sem nenhuma separação em si por ser Homem, e sem nenhuma divisão por ser Deus.

66. O Apóstolo, ao formular a fé para que pudesse ser aceita pela nossa mentalidade imprudente e

ignorante, assim proclamou este mistério: *Pois foi crucificado na fraqueza, mas vive pelo poder de Deus* (2Cor 13,4). Proclamando que o Filho do Homem é o Filho de Deus e que, sendo Homem, pela economia da salvação, permanece Deus por natureza, afirma que Aquele que pela fraqueza foi crucificado é o mesmo que vive pela força de Deus. A fraqueza procede da forma de servo, mas a natureza permanece pela forma de Deus. Como o que existia na forma de Deus assumiu a forma de servo, não pode haver dúvida quanto ao mistério pelo qual sofreu e está vivo. No mesmo existia a fraqueza para sofrer e o poder para a vida de Deus; assim, Aquele que sofreu e está vivo não está dividido em si mesmo nem é outro.

67. O Deus Unigênito realmente sofreu o que os homens podem sofrer; mas citemos a fé e as palavras do Apóstolo: *Eu vos transmiti em primeiro lugar o que eu mesmo recebi: Cristo morreu por nossos pecados, segundo as Escrituras. Foi sepultado e ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras* (1Cor 15,3-4). Não emprega simples definições, propícias ao erro, mas adverte que a morte e a ressurreição devem ser afirmadas, não com palavras, mas com a força das Escrituras, de tal modo que nossa compreensão da morte seja a mesma apresentada pelas Escrituras. Sem dar lugar a pensamentos mesquinhos e falsas afirmações de uma fé escrupulosa, acrescenta as palavras finais, mostrando que a morte e a ressurreição devem ser professadas *segundo as Escrituras*, para que, agitados pelo vento das vãs disputas ou embaraçados por ineptas argúcias em questões falazes, não perdêssemos as forças. O Apóstolo reconduz sempre a fé ileza a este porto de sua religião, para que se creia e se confesse a morte e a ressurreição do Filho do Homem e Filho de Deus, Jesus Cristo, *segundo as Escrituras*. Opondo-se às calúnias, propõe a segurança da fé para que se possa resistir, já que se deve entender, tal como foi escrito, que Jesus Cristo iria morrer e ressuscitar. A fé não corre perigo e toda piedosa profissão de fé está guardada no secreto mistério de Deus. Cristo nasceu da Virgem, mas, *segundo as Escrituras*, foi concebido por obra do Espírito Santo. Cristo chorou, mas *segundo as Escrituras*, e justamente por isto, alegrou-se. Cristo teve fome, mas, *segundo as Escrituras*, quando não tinha alimento porque a árvore não tinha frutos, agiu como Deus. Cristo sofreu, mas, *segundo as Escrituras*, devia sentar-se à destra do poder de Deus. Queixou-se de ser entregue à morte, mas, *segundo as Escrituras*, recebeu no paraíso aquele que o confessara. Morreu, mas, *segundo as Escrituras*, ressurgindo, assentou-se como Senhor à direita do Senhor. Na fé destes mistérios está a vida; esta confissão de fé não suporta a calúnia.

68. O Apóstolo não deixa margem à dúvida, para que se diga: Cristo nasceu, padeceu, morreu, ressuscitou, de que modo, por que poder, por que divisão, em que partes? Quem chora, quem se alegra, quem se queixa, quem desce, quem sobe? Para mostrar que o valor da fé deve-se unicamente à inabalável confissão da verdadeira doutrina, diz: *Mas a justiça que vem da fé assim diz: não digas em teu coração: “Quem subirá ao céu?”*, isto é, *para fazer Cristo descer. Ou: “quem descerá ao abismo?”*, isto é, *para ressuscitar Cristo dentre os mortos. Mas que diz a Escritura? “Perto de ti está a palavra em tua boca e em teu coração”, isto é, a palavra da fé que pregamos; porque se confessares com tua boca que Jesus é o Senhor, e se creres em teu coração que Deus o ressuscitou dos mortos, serás salvo* (Rm 10,6-9). A fé leva à perfeição o justo, segundo o que foi dito: *Abraão creu em Deus, e lhe foi imputado como justiça* (Gn 15,6; Rm 4,3). Acaso Abraão duvidou de Deus, quando lhe prometeu a herança das nações e uma descendência tão numerosa como as estrelas e os grãos da areia? A fé verdadeira não duvidou da onipotência de Deus nem considerou a fraqueza humana. Sem fazer caso daquilo que nele era caduco e terreno, teve fé na divina promessa que ultrapassava em muito a constituição do corpo; porque, de modo algum, poderia o poder de Deus ser governado pelas leis humanas. A liberalidade demonstrada por Deus, ao realizar suas promessas, é tão grande quanto sua

benevolência ao fazê-las. Nada é mais justo do que a fé, porque, enquanto a equidade e o governo dos atos terrenos merecem aprovação, no entanto, nada de mais justo para o Homem do que crer na onipotência de Deus, reconhecendo seu poder infinito.

69. Esperando o Apóstolo que, em nós, a justiça que vem da fé tenha removido a irreligiosidade causada pela incerta e infiel ambigüidade e proibindo que deixemos entrar no coração a preocupação dos pensamentos inquietos, mostra-nos a autoridade da palavra profética, dizendo: *Não digas em teu coração: “Quem subiu ao céu?”* (Rm 10,6). Após citar o Profeta, continua a explicação da pergunta: *Isto é, para fazer Cristo descer.* A força da mente humana não alcança a ciência das coisas celestiais, mas nem por isso a fé religiosa duvida das obras divinas. Cristo não precisou de auxílio da força humana para que seu corpo descesse da sua sede felicíssima, por obra de alguém que tivesse subido ao céu. Não o trouxe à terra nenhum poder exterior. Deve-se crer que tenha vindo tal como veio, e esta é a verdadeira religião: confessar que Cristo não foi trazido ao mundo, mas que desceu. O tempo e o modo de vir fazem partes de seu mistério. Não se deve crer que, por ter vindo deste modo, tenha sido trazido por outro, nem se entenda estar sujeita ao poder de alguém que o tenha conduzido sua vinda no tempo. Também não se deve tolerar a incredulidade fundamentada em outra ambigüidade. Em seguida vem as palavras do Profeta: *Quem desceu ao abismo?* (Dt 30,13). E logo acrescenta: *isto é, para ressuscitar Cristo dentre os mortos* (Rm 10,7). A liberdade de poder voltar ao céu vem da liberdade de descer à terra. Desaparece toda a dúvida e hesitação, a fé traz o conhecimento, a razão vem do poder de Deus, o efeito do poder se mostra nas coisas, a causa está no poder de Deus.

70. Para isto é necessário que a fé não vacile. Pois o Apóstolo, expondo todo o mistério da Escritura, diz: *Perto de ti está a palavra, em tua boca e em teu coração* (Rm 10,8; Dt 30,14). A palavra da fé não deve tardar nem deve ser esperada por muito tempo. Não se deve deixar nenhuma distância entre o coração e a boca, para impedir que a afirmação da fé seja considerada uma ambigüidade infiel. É preciso que esteja próxima de nós, e em nós não aconteça que, por alguma distância entre o que está no coração e na boca, nossa fé talvez não esteja no pensamento como está na palavra. Deve-se fazer concordar a boca e o coração para que ela se mantenha inabalável, tanto no pensamento como na palavra. O Apóstolo dá o motivo destes ditos proféticos, como de outros, acrescentando: *Esta é a palavra da fé que pregamos; porque, se confessares com tua boca que Jesus é o Senhor e se creres em teu coração que Deus o ressuscitou dos mortos, serás salvo* (Rm 10,8-9). A religião consiste em não duvidar, a justiça, em crer, a salvação, em confessar. Não se perder em incertezas, não se irritar com palavras tolas, não discutir por nenhum motivo as ações poderosas de Deus, não limitar o seu poder, nem esquadrihar as indizíveis causas dos mistérios, confessar o Senhor Jesus e crer que Deus o ressuscitou dos mortos, eis a salvação. Porém, é loucura perguntar com leviandade quem é e como é Jesus, quando a salvação consiste em crer nisto somente: que Ele é o Senhor. É igualmente um erro da futilidade humana provocar disputas sobre sua ressurreição, já que basta, para a vida, crer ter sido ressuscitado por Deus. Na verdade, a fé está na simplicidade, na fé está a justiça, na profissão de fé está a piedade. Deus não nos chama à vida bem-aventurada por meio de difíceis questões, nem nos solicita com múltiplos gêneros de eloquência. Claro e fácil é para nós o caminho da eternidade: crer que Jesus foi ressuscitado dos mortos por Deus e confessar que Ele é o Senhor. Portanto, que nossa ignorância em relação ao que foi dito não seja usada como ocasião para a impiedade. Pois é necessário saber que Jesus Cristo morreu, para vivermos nele.

71. Se, na verdade, para que pudéssemos entender sua morte, disse: *Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste?* e: *Pai, em tuas mãos entrego meu espírito* (Mc 15,34; Lc 23,46), seria, acaso, para auxiliar nossa profissão de fé, mais que para eliminar nossas dúvidas, que Ele confessou que era

fraco? Antes de ressuscitar a Lázaro, orou ao Pai. Teria necessidade de orar o que diz: *Pai, graças te dou porque me ouviste. Eu sabia que Tu sempre me ouves, mas digo isso por causa da multidão que me cerca, para que creiam que Tu me enviaste* (Jo 11,41-42)? Portanto, orou para que nós não ignorássemos que era o Filho. Já que este pedido não era necessário para Ele, falou para fortalecer a nossa fé. Ele não precisava de auxílio, mas nós precisamos do seu ensinamento. Pediu para ser glorificado e logo se ouviu a voz do Pai glorificando-o. Diante da admiração causada por aquela voz, disse: *Esta voz não veio por minha causa, mas por vossa causa* (Jo 12,30). Por nós Ele roga ao Pai, por nós o Pai fala; tudo isso é feito para que receba nossa confissão de fé. Como a resposta, afirmando que Deus o glorifica, não foi dada por ter pedido a glória, mas por causa da ignorância dos ouvintes, como não se entenderá que a queixa da paixão na suprema alegria do sofrimento destinou-se ao esclarecimento de nossa fé? Cristo roga pelos perseguidores, porque não sabem o que fazem. Cristo, na cruz, promete o paraíso (cf. Lc 23, 34.43), porque reina como Deus. Cristo, na cruz, ao beber o vinagre, se alegra porque tudo está consumando (cf. Jo 19,30), pois, ao morrer, cumpriu a profecia. Por nós nasceu, por nós sofreu, por nós morreu, por nós ressuscitou. E se para nós o único meio de salvação é confessar que Ele é o Filho de Deus ressuscitado dos mortos, por que, indago, morreremos nesta impiedade? Se Cristo, permanecendo na segurança que lhe dava sua divindade, mostrou que morria com toda a confiança, para mostrar a verdadeira assunção da humanidade, por que aquilo que o Filho de Deus afirma a respeito de si mesmo, isto é, que se tornou Filho do Homem e morreu por nós, deve servir principalmente para negar sua divindade?

LIVRO ONZE

1. O Apóstolo, ao explicar, de muitos modos, o mistério total e absoluto da fé evangélica, entre outros preceitos da ciência divina, declarou: *Assim como fostes chamados a uma só esperança da vossa vocação. Um só Senhor, uma só fé, um só batismo, um só Deus e Pai de todos, que é sobre todos, por meio de todos e em todos* (Ef 4,4-6). Não nos deixou perdidos em meio aos ensinamentos ambíguos de uma doutrina incerta, nem permitiu que a mente humana seguisse opiniões vagas e inseguras, mas estabeleceu limites à liberdade da inteligência e da vontade, de modo a não nos deixar querer saber senão aquilo que pregara, porque a definição clara da fé imutável não permite crer em coisas que se contradizem. Pregando um só Senhor, afirma uma só fé, em seguida, lembrando a única fé no único Senhor, mostra também que há um só batismo, porque, se há uma só fé no único Senhor, também será um só o batismo, por esta fé em um só Senhor. Todo o mistério do batismo e da fé se fundamenta em um único Deus e um só Senhor. A profissão de fé em um só Deus leva à plenitude a nossa esperança e, como há um único batismo e uma só fé em um só Senhor, assim também deve haver um só batismo e uma só fé em um só Deus. Um e outro são um só, não na unicidade de pessoa, mas em sua propriedade pessoal, pois é próprio de cada um ser Um. É próprio do Pai ser Pai, e do Filho, ser Filho. Ser cada um, em sua propriedade pessoal, constitui o mistério da sua unidade recíproca. Porque o único Senhor Cristo não retira de Deus Pai que seja Senhor, também o único Deus Pai não quer negar ao Senhor Cristo o ser Deus. Se, pelo fato de Deus ser Um, parece não ser próprio a Cristo o ser Deus, é forçoso que se pense, por isso mesmo, que, por ser Cristo um só Senhor, não corresponda a Deus ser Senhor. Assim seria, com efeito, se o *ser Um* não expressasse o mistério, mas sim a unicidade pessoal. Portanto, há um só batismo e uma só fé em um só Senhor, assim como em um só Deus Pai.

2. A fé já não é una, se não se mantém na afirmação convicta de um só Senhor, como de um só Deus Pai. Pois, como poderá confessar um só Senhor e um só Deus Pai uma fé que não seja una? Em tamanha diversidade de doutrinas, já não pode haver uma só fé: um crê que o Senhor Jesus Cristo gemeu de dor, ao lhe cravarem os pregos nas palmas das mãos, por causa de nossa fraqueza humana e, carecendo, por sua natureza, de coragem e poder, sentiu terror diante da morte iminente, outro nega o mais importante, isto é, que tenha nascido, e declara que foi criado, outro diz que é *Deus* com suas palavras, mas não pensa que seja realmente Deus, outro pensa que falar de deuses é compatível com a religião, mas considerá-lo Deus significa conhecer sua natureza divina. Assim sendo, o Senhor Cristo já não seria um só: se para um, sendo Deus, não sofre, para outro, por ser fraco, tem medo; se, para um, é Deus por natureza, para outro, só pelo nome; para um é Filho por geração, para outro, porque assim é chamado. Nem Deus Pai seria um, segundo a fé, se uns acreditam que é Pai pelo poder, outros porque gerou o Filho, visto que Deus é Pai de todas as coisas. Quem duvidará estar separado da fé quem está fora da única fé? Porque na única fé há um só Senhor Cristo e um só Pai. O Senhor Cristo é Um, não pelo nome, mas pela fé, se é Filho, se é Deus, se é imutável, se nunca, em tempo algum, deixou de ser Deus ou de ser Filho. Quem proclamar um Cristo diferente, um Cristo que não seja nem Filho nem Deus, pregará outro Cristo e não estará na fé única do único batismo, porque, de acordo com a doutrina do Apóstolo, a fé única do único batismo é a daquele para a qual o único Senhor Cristo é Filho de Deus e é Deus.

3. Já não se pode negar que Cristo seja o Cristo, nem se pode deixar que o mundo o ignore. Os livros proféticos o consignam, a plenitude dos tempos, progredindo cada dia, o atesta, os sepulcros dos Apóstolos e dos Mártires o demonstram por meio dos milagres, o poder de seu nome o prova, os espíritos imundos o confessam, os rugidos dos demônios punidos o proclamam. Em todas estas coisas

está a manifestação do seu poder e deve ser anunciado tal qual é por nossa fé, para que não pelo nome, mas pela confissão, da única fé do único batismo, seja para nós o único Senhor. Porque há Um só Deus Pai, do mesmo modo que há Um só Senhor Cristo.

4. Agora, estes novos pregadores de Cristo, negando tudo o que é de Cristo, pregam outro Cristo Senhor, bem como outro Deus Pai; porque Este não gerou, mas criou, e Aquele não nasceu, mas foi criado. Segundo eles, Cristo não é Deus verdadeiro porque não lhe vem da natividade o ser Deus. Sua fé não reconhece a Deus como Pai, pois não gerou o Filho. Louvam, com razão, o que é digno de Deus Pai, isto é, sua natureza inacessível, invisível, inviolável, inenarrável, infinita, providente, poderosa, benigna, ágil, que tudo atravessa, móvel, imanente e transcendente, que deve ser considerado como tudo e todas as coisas (cf. 1Cor 15,28), mas, quando acrescentam à excelência do louvor: *o único bom, único poderoso, único imortal*, quem não compreenderá que este piedoso louvor tem por objetivo excluir o Senhor Jesus Cristo desta beatitude que, para honrá-lo, se atribui somente a Deus, pois Cristo, para eles, não só é mortal, mas fraco e mau e só ao Pai pertencem aqueles atributos? Por conseguinte, para negar que tenha, por força da geração, aquela felicidade que pertence a Deus por natureza, nega-se o seu nascimento natural, de Deus Pai, porque todo o que nasce tem de ter, por natureza, o poder daquele que gerou.

5. Não são instruídos pelas pregações apostólicas e evangélicas e querem engrandecer a magnificência de Deus Pai, não pela fé religiosa, mas por artifícios da impiedade. Para dar uma falsa aparência à sua ímpia profissão de fé, quando proclamam que nada pode ser comparado à natureza do Pai, afirmam que, visto ser impossível a comparação, o Deus Unigênito possui uma natureza degenerada e fraca. Dizem que Deus, a imagem viva do Deus vivo, forma perfeita da bem-aventurada natureza, Filho único da substância que não pode nascer, não pode possuir a verdade da imagem do Pai se não tem a glória perfeita de sua bem-aventurança e não reflete a expressão plena de sua natureza. Porém, se o Deus Unigênito é a imagem do Deus Inascível, nele habita a realidade plena e total da sua natureza, pela qual é a imagem verdadeira do Pai. O Pai é poderoso; se o Filho é fraco, já não é a imagem do poderoso. O Pai é bom; se o Filho possui uma natureza de gênero diferente, a natureza do mal não pode reproduzir a imagem do que é bom. O Pai é incorpóreo; se o Filho, quanto à sua divindade, está circunscrito a um corpo, o que é corpóreo não será forma do incorpóreo. O Pai é inefável; se as palavras podem exprimir o Filho, a natureza que pode ser descrita não pode ser imagem da que é indescritível. O Pai é verdadeiro Deus; se o Filho é um deus falso, não é verdadeira imagem porque é falso. O Apóstolo não diz que seja uma imagem parcial nem que tenha uma forma de Deus, em parte, mas afirma ser imagem do Deus invisível e forma de Deus (cf. Cl 1,15). O Apóstolo não poderia afirmar com maior clareza que a natureza da divindade está no Filho de Deus, que quando diz que Cristo é a imagem do Deus invisível, no que Deus tem de invisível porque, na substância do que pode ser visto, não se pode obter uma imagem da natureza invisível.

6. Como ensinamos nos livros anteriores, servem-se da Economia do corpo assumido para injuriar a divindade e se apoderam do mistério de nossa salvação para dar ensejo à impiedade. Se fossem firmes na fé apostólica, entenderiam que Aquele que existe na forma de Deus assumiu a forma de servo e não usariam a forma de servo para denegrir a forma de Deus, pois a forma de Deus contém em si a plenitude de Deus, e se aproximariam com piedade do que pertence ao tempo e do que pertence ao mistério, sem injúria à divindade nem erro por causa da Economia. Penso que tudo já foi exhaustivamente explicado e que, pela natividade do corpo assumido, demonstrou-se a força da natureza divina. Não há mais lugar para duvidar de que Aquele que é o Deus Unigênito e Homem tenha realizado tudo pelo poder de Deus e que, no poder de Deus, tenha feito todas as coisas com a

realidade de sua natureza humana, tendo em si a natureza do Deus poderoso nas ações, porque nasceu de Deus, e a plena realização do homem perfeito, porque nasceu da Virgem. Na realidade do corpo, subsiste a natureza de Deus e, na natureza de Deus, permanece a realidade do corpo.

7. Embora a nossa resposta tenha chegado até a tratar da morte gloriosa de Cristo, rebatendo cada ímpia proposição com as doutrinas evangélicas e apostólicas, no entanto, depois da glória da ressurreição, alguma coisa deve ser ainda demonstrada acerca da fraqueza da natureza degenerada, que os ímpios ousaram atribuir-lhe. Por isso, devemos, agora, responder-lhes. Assim como anteriormente, vamos buscar o sentido das palavras citadas por eles, para que a verdade se encontre ali mesmo onde é negada. É preciso que o que foi dito com simplicidade e para esclarecimento da fé, por inspiração divina, se diga com a mesma finalidade e se confirme por exemplos de palavras não alheias nem fora de propósito.

8. Entre outras impiedades suas, os hereges costumam citar esta palavra do Senhor: *Subo para meu Pai e vosso Pai, meu Deus e vosso Deus* (Jo 20,17). Dizem que, pelo fato de ser o seu Pai o Pai deles, e o seu Deus o Deus deles, não tem a natureza de Deus; porque afirma que Deus é Pai dos demais como é seu próprio Pai. Assim se destrói o privilégio da sua comunhão pela natureza e a natividade, pela qual nasceu como Deus e é Filho. Apresentam também o dito do Apóstolo: *Pois quando disser: “tudo está submetido”, evidentemente excluir-se-á aquele que tudo lhe submeteu. Quando tudo lhe estiver submetido, então ele mesmo se submeterá àquele que tudo lhe submeteu, para que Deus seja tudo em todos* (1Cor 15,26-28). A submissão é considerada como o atestado de fraqueza da natureza, que não participa da força da natureza paterna, visto que uma natureza fraca se submete a uma natureza mais poderosa. Que eles tenham este argumento como o mais forte e inexpugnável, em defesa da sua impiedade, a fim de abolir a realidade do nascimento, ou seja, a idéia de que, pela submissão, Cristo não é Deus e de que, por ter o mesmo Deus e o mesmo Pai que nós, está em comunhão com a criatura. Seria, então, antes criação de Deus do que geração. A criação, porém, subsiste vinda do nada, porém o Filho tem, por nascimento, a natureza do seu Pai.

9. Toda calúnia é desonesta, porque a falsidade contradiz a verdade, quando não é contida pelo pudor. Por vezes, oculta-se sob o véu da ambigüidade, para, com dignidade, defender aquilo que, sem escrúpulos, conserva em seu pensamento. Porém, naquilo que apresentam com impiedade para desmerecer a fé na divindade de nosso Senhor, não há mais lugar para modéstia nem falsas desculpas, pois, cessando a desculpa para a ignorância, apenas se revela o desejo de explicar as coisas de modo contrário à fé. Ainda que por pouco tempo, devo adiar a explicação desta palavra do Apóstolo: *É grande o mistério da piedade: ele foi manifestado na carne, justificado no Espírito, contemplado pelos anjos, proclamado às nações, acreditado no mundo, exaltado na glória* (1Tm 3,16). Haverá ainda alguém com uma inteligência tão estreita, que entenda que a economia da assunção da carne pelo Senhor não seja o mistério da piedade? Está excluído da fé em Deus quem se afastar desta confissão, pois o Apóstolo não duvida de que todos devem afirmar que o mistério de nossa salvação não é ofensa à divindade, mas o mistério da grande piedade. Nele não há necessidade, mas misericórdia, não é fraqueza, mas sim mistério da grande piedade, não mais oculto no segredo, mas sim manifestado na carne. Não é mais fraco pela natureza da carne, mas justificado no Espírito, de tal modo que, pela justificação do Espírito deve desaparecer totalmente de nossa fé a idéia da fraqueza da carne. O Apóstolo manteve esta ordem na exposição da fé: havendo piedade, há mistério; havendo mistério, se dá o conhecimento na carne; havendo conhecimento na carne, há justificação no Espírito. Porque é mistério da piedade, que se manifesta na carne; manifesta-se na carne pela justificação no Espírito, para que seja verdadeiramente mistério. Para que não se ignore de que maneira a manifestação na

carne é justificação no Espírito, o mistério foi visto pelos Anjos, e pregado aos Gentios, acreditado neste mundo e exaltado na glória. Depois de ter sido visto, foi pregado. A fé vem depois da pregação e tudo se completa com a assunção na glória, porque a assunção na glória é o grande mistério da piedade. Por esta fé na economia, nos preparamos para tornar-nos conformes a glória do Senhor e ser nela recebidos. Portanto, o grande mistério da piedade é a assunção da carne, porque, pela assunção da carne, o mistério é manifestado na carne. A manifestação na carne não difere do mistério da grande piedade, porque sua manifestação na carne é a justificação no Espírito e a exaltação da glória. Com que esperança podemos crer que o mistério da manifestação da piedade seja a fraqueza da divindade, quando se deve anunciar o mistério da grande piedade pela assunção na glória? Não há a fraqueza, mas sim mistério, e não há necessidade, mas piedade. Agora, será preciso indagar qual é o sentido da palavra do Evangelho, para que o mistério de nossa salvação e glória não dê ensejo a uma ímpia pregação.

10. Muito importante é para ti, ó herege, e imperecível, a declaração do Senhor, acerca de si mesmo: *Subo para meu Pai e vosso Pai, meu Deus e vosso Deus* (Jo 20,17); porque, se para nós e para Ele há um só Pai e um só Deus, deve haver nele aquela fraqueza que também é nossa. Se, pelo mesmo Pai, nos igualamos como filhos, também pelo mesmo Deus somos igualados como servos. Se somos criação pela origem, e servos por natureza, se temos em comum com Ele o mesmo Pai e o mesmo Deus, Ele é, como nós, criatura por natureza, tendo em comum conosco a servidão. É esta a loucura da ímpia pregação, que ainda se serve deste outro dito profético: *Deus, o teu Deus, te ungiu* (Sl 44,8), para dizer que nele não há a força da natureza pela qual Deus age, porque o fato de ter sido ungido por Deus faz com que o *seu Deus* seja superior a Ele.

11. Aquele que desconhece o Deus que nasceu, desconhece o Cristo Deus, pois nascer como Deus não é diferente de ter a natureza de Deus. *Nascer* demonstra a origem do que nasce, não indica que tenha uma natureza diferente daquela de quem lhe dá o ser. Se não tem uma natureza diferente, certamente deve o princípio do nascimento ao que o gerou e não deixa de ter a natureza daquele de que se origina. É Filho de Deus, não tem outra origem nem outra natureza. Se viesse de outra origem, já não seria Filho; se tivesse outra natureza, já não seria Deus. Como Deus procede de Deus, o Pai é Deus para o Filho, pela natividade, e Deus, pela natureza; porque o que nasce de Deus procede de Deus e nele está a natureza pela qual é Deus.

12. Aqui, como em tudo o que disse, o Senhor harmonizou de modo piedoso e justo suas palavras. Assim, a afirmação da sua natividade não poderia ser entendida como injúria à divindade e o respeito reverente não pareceria ofender a natureza da majestade. Quis, como Filho, demonstrar a honra devida Àquele de quem recebia o seu subsistir. Quis também que a confiança natural mostrasse a convicção de que possuía a natureza que subsistia nele, por ter nascido como Deus. Daí as palavras: *Quem me vê, vê também o Pai*, e: *As palavras que eu digo, não as digo por mim mesmo* (Jo 14,9 e 10). Já que não as diz por si mesmo, forçoso é que deva o que diz Àquele que é o seu princípio. Se quando Ele é visto, o Pai é visto, isto significa o reconhecimento de sua natureza que não subsiste de modo alheio a Deus, por ter nascido como Deus. Diz ainda: *O que meu Pai me deu, é maior do que todas as coisas* (Jo 10,29), e: *Eu e o Pai somos Um* (Jo 10,30). A doação paterna expressa a natividade recebida pelo Filho, e porque são Um, por causa da natividade, o Filho tem a natureza divina. Diz ainda: *Mas confiou todo o julgamento ao Filho, para que todos honrem o Filho assim como honram o Pai* (Jo 5,22-23). Quando se dá o julgamento, afirma-se a natividade, e quando se iguala a honra, reconhece-se a igualdade de natureza. Ou ainda: *Eu estou no Pai, e o Pai em mim* (Jo 14,10), e: *O Pai é maior do que eu* (Jo 14,28). Porque estão um no outro, debes reconhecer a divindade de Deus nascido de Deus.

Se o Pai é maior, deves reconhecer a primazia paterna. Diz também: *O Filho por si mesmo nada pode fazer, mas só aquilo que vê o Pai fazer; tudo o que Ele fez, o Filho faz igualmente* (Jo 5,19). Se não o faz por si, o Pai é princípio do que faz, em virtude de sua natividade, contudo, se o que o Pai faz, também o Filho o faz igualmente, não subsiste em uma natureza diferente da natureza de Deus, e a natureza da onipotência do Pai subsiste nele para que possa fazer tudo aquilo que Deus Pai faz. Tudo isso se demonstrou a partir da unidade do Espírito e da natureza que lhe pertence por nascimento, de tal modo que o Filho proclama o Deus que lhe dá o ser, mas, por outro lado, o fato de ter recebido o ser não oculta a consciência de sua natureza divina. Deus Filho declara ser Deus seu Pai porque dele nasceu; e, porque nasceu, tem, por natureza, o que Deus é.

13. A economia do grande mistério da piedade fez com que o que era Pai pela natividade divina fosse também Senhor pela condição humana assumida, pois Aquele que existia na forma de Deus foi encontrado na forma de servo. Não era servo, porque, segundo o Espírito, era Deus, Filho de Deus, e, conforme o senso comum, onde não há servo, também não há Senhor. Deus é Pai pela natividade do Unigênito e não podemos dizer que este tenha um senhor, a não ser enquanto é servo. Se antes, por natureza, não era servo e depois começou a ser o que não era por natureza, não existe outra causa para se entender um domínio do Pai a não ser a servidão do Filho que tem um Senhor, porque, pela assunção da natureza humana, apresentou-se como servo.

14. Estando na forma de servo, o Homem Cristo Jesus, que antes permanecia na forma de Deus, assim disse: *Subo para o meu Pai e vosso Pai, meu Deus e vosso Deus* (Jo 20,17). Se o servo assim falou aos servos, como esta declaração não será do servo? Como se transferiria para aquela natureza que não é a de servo, se Aquele que, existindo na forma de Deus, assumiu a forma de servo, não pode estar em comunhão com os outros servos a não ser enquanto é servo? Por conseguinte, o Pai, para Ele, é Pai, como o é para os homens, e é Deus, para Ele, como é Deus para os servos. E como o Homem em forma de servo Jesus Cristo, fala, deste modo, a homens que são servos, não há dúvida de que o Pai é Pai para Ele enquanto Homem, como o é para os outros, e é Deus para Ele como o é para todos, em virtude da natureza pela qual é servo.

15. Enfim, este mesmo discurso tem como exórdio as palavras: *Vai, pois, a meus irmãos e diz-lhes: Subo para o meu Pai e vosso Pai, para o meu Deus e vosso Deus* (Jo 20,17). Pergunto, agora, como se deve entender que tenha irmãos, se na forma de Deus ou na forma de servo. Haverá algum consórcio de nossa condição corpórea com Ele quanto à plenitude da divindade que nele habita para que sejamos chamados de irmãos enquanto Ele é Deus? O espírito profético não ignora em que sentido são irmãos do Deus Unigênito: Ele falou, não tanto como Homem, mas como verme: *narrarei teu nome a meus irmãos* (Sl 21,23). Como verme, que não vive pela concepção das origens comuns, ou sai vivo das profundezas da terra, disse isso para indicar a carne assumida e vivificada por Ele, predizendo, no salmo, pelo espírito profético, todos os mistérios de sua paixão. Portanto, era necessário que, pela economia, pela qual sofreu, tivesse *irmãos*. O Apóstolo também reconhece o mistério dos *irmãos*, ao proclamá-lo *primogênito dentre os mortos* (Cl 1,18), assim como o *primogênito entre muitos irmãos* (Rm 8,29). Portanto, é primogênito entre muitos irmãos como é primogênito dentre os mortos; e como o mistério da morte se dá no corpo, também o mistério da fraternidade se dá na carne. São irmãos de Deus pela carne porque *o Verbo se fez carne e habitou entre nós* (Jo 1,14), mas o Deus Unigênito, na sua condição exclusiva de unigênito, não tem irmãos.

16. Tendo em si, por natureza, tudo o que é nosso, por ter assumido a carne, é o que nós somos sem perder o que era. Tinha, então, a Deus como Pai, pela natividade; agora o tem, pela criação; pela criação, agora, porque tudo vem de Deus Pai. Deus é Pai de todos os seres, porque tudo vem dele e

tudo existe nele. Mas, para o Deus Unigênito, porque *o Verbo se fez carne*, não é Pai só por isso, mas porque o Verbo feito carne no princípio estava junto de Deus. Como o Verbo se fez carne, é Pai para Ele pelo nascimento como Verbo de Deus e pela assunção da carne. Deus é Pai de toda carne, mas não como é Pai para o Deus Verbo. O Deus Verbo nem deixou de ser o Verbo, nem deixou de assumir a carne. Pois o Verbo que se fez carne e habitou entre nós não deixa de ser verdadeiramente o Verbo enquanto habita entre nós. Porque o Verbo se fez carne, Deus não deixa de ser verdadeiramente Homem, pois é preciso que habite entre nós Aquele que permanece sendo o que é e deve-se entender que fazer-se carne é próprio daquele que nasce. Habitar entre nós significa que assumiu nossa carne, porque, quando o Verbo feito carne habita entre nós, Deus existe na realidade de nosso corpo. Se o Homem Jesus Cristo segundo a carne privasse o Deus Verbo de sua natureza, ou se o Deus Verbo não fosse o Homem Jesus Cristo, pelo mistério da piedade, sua natureza sofreria injúria, por ter Ele a Deus como Deus e ao Pai como Pai, do mesmo modo que nós. Porém, se o Deus Verbo, como Homem Jesus Cristo, não deixou de ser o Deus Verbo, nós e Ele temos o mesmo Pai e Deus, somente no que diz respeito à natureza, pela qual Ele é nosso irmão. As palavras *subo para meu Pai e o vosso Pai, e para meu Deus e vosso Deus*, não são ditas aos irmãos pelo fato de ser Ele o Deus Unigênito, o Verbo, mas porque o Verbo se fez carne.

17. A palavra apostólica não usa expressões imprecisas nem ambíguas, que possam dar ocasião à impiedade. O Evangelista, comentando o dito do Senhor a respeito dos irmãos, ensinou que se refere à comunhão com sua natureza, pela qual é irmão, porque o discurso se destina aos irmãos. Não se julgue tratar-se de injúria à divindade, o que se dizia sobre o mistério da piedade. Nossa comunhão com Ele, pela qual o Pai é Pai para nós e para Ele e Deus, para nós e para Ele, fundamenta-se na economia da Encarnação, pois devemos considerar-nos seus irmãos pela natividade corporal. Por conseguinte ninguém duvida de que Deus Pai seja também o Deus de Nosso Senhor Jesus Cristo. Esta nossa piedosa profissão de fé não dá lugar à impiedade. É seu Deus, não porque seja um Deus diferente dele pela natureza, mas sim porque nasceu do Pai como Deus e é servo pela economia da salvação. Tem a Deus como Pai porque é Deus nascido dele, e o tem como seu Deus porque, tendo nascido da Virgem, é carne. O Apóstolo expressa isto com palavras breves e claras: *Fazendo menção de vós nas minhas orações, para que o Deus de Nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai da glória, vos dê o espírito de sabedoria e de revelação* (Ef 1,16-17). Onde fala de Jesus Cristo, fala de *seu Deus*, onde fala da glória, fala do *Pai*. Aquele que, para Cristo, segundo a glória, é Pai, é Deus para Cristo, enquanto Ele é Jesus. Pois o Anjo denomina Jesus o Cristo Senhor, que Maria iria dar à luz (cf. Mt 1,21). Ademais, a profecia dá a Cristo Senhor o nome de Espírito. Para muitos, este dito parece muito obscuro em latim, porque o latim não usa os artigos que o grego sempre emprega por necessidade e com dignidade. Pois assim escreve: *O Theós tou Kyriou emon Iesou Kristou o Pater tes doxes* (Ef 1,17). Se nós usássemos pronomes, diríamos: *Aquele Deus daquele nosso Senhor Jesus Cristo, daquele Pai daquela glória*. As expressões *o Deus de Jesus Cristo* e *o Pai da glória* referem-se que é próprio de sua natureza, de modo adaptado à capacidade de nossa inteligência: onde está *a glória de Cristo*, aí se fala de Deus como seu Pai; onde, porém, está *Jesus Cristo*, aí se fala do Pai como seu Deus. Ele o tem como o seu Deus na economia, enquanto é servo, e como Pai na glória, enquanto é Deus.

18. Os tempos e as circunstâncias não acarretam diferenças no Espírito. O mesmo Cristo que está num corpo é o mesmo que esteve no Espírito nos Profetas, quando disse, falando pela boca do santo patriarca Davi: *Deus, o teu Deus, te ungiu com o óleo da alegria, de preferência e teus companheiros* (Sl 44,8), não falou de outro mistério, a não ser da economia do corpo assumido. Aquele que confiava aos irmãos que o Pai deles é o seu Pai e que o Deus deles é o seu Deus, dizia então ter sido também

ungido por seu Deus, de preferência aos companheiros. Cristo, Deus Verbo Unigênito, não tem companheiros mas podemos saber que tem companheiros por aquela assunção da carne. A unção não foi dada àquela natureza nobre, incorrupta e bem-aventurada de Deus que nele permanecia pelo nascimento, mas tinha em vista o mistério do corpo e a santificação do homem assumido, como o atesta o apóstolo Pedro: *Coligaram-se nesta cidade contra o teu santo Filho Jesus, a quem ungeste* (At 4,27). E ainda: *Sabeis o que se anunciou por toda a Judéia, começando pela Galiléia, depois do batismo pregado por João, como Deus ungiu com o Espírito Santo e com poder a Jesus, o Nazareno* (At 10,37-38). Portanto, Jesus é ungido para o mistério da regeneração da carne. E de que maneira foi ungido com o Espírito Santo e poder está claro, pois, quando subia do Jordão, se ouviu a voz de Deus Pai que dizia: *Tu és meu Filho, eu hoje te gerei* (Sl 2,6; cf. Lc 3,22), para que, pelo testemunho de ter sido nele santificada a carne, fosse conhecida a unção da força espiritual.

19. Como no princípio o Deus Verbo estava junto de Deus, não há nenhuma causa ou explicação para sua unção naquela natureza, da qual nada mais se diz, senão que existia no princípio. Deus nunca teve necessidade de ser ungido pelo Espírito e poder de Deus, pois é Espírito e Poder de Deus. Deus é ungido por seu Deus de preferência a seus companheiros. Se, antes da encarnação, muitos, segundo a Lei, são ungidos, Cristo, que agora é ungido de preferência aos seus companheiros, é posterior no tempo, mas antecede seus companheiros ungidos. A palavra profética refere-se a esta unção que haveria de ser dada no futuro, dizendo: *Amaste a justiça e odiaste a iniquidade; por isto Deus, o teu Deus, te ungiu com o óleo da alegria de preferência a teus companheiros* (Sl 44,8). Um fato posterior que deriva de outro não pode vir antes dele, porque merecer algo é posterior à existência de quem poderia vir a merecer. Diz-se que mereceu aquele que adquire algo para si. Se, portanto, referirmos a natividade do Deus unigênito à unção, e se a unção é concedida pelo mérito de ter amado a justiça e odiado a iniquidade, entender-se-á que o Deus Unigênito foi elevado a essa dignidade pela unção, mas não foi gerado como tal, e que, pelo crescimento e progresso, chegou à perfeição, não tendo nascido como Deus. Foi ungido para ser Deus por seu merecimento, e, assim sendo, haveria uma causa para que Cristo fosse Deus e já não existiriam todos os princípios por meio de Cristo Deus. Onde fica a palavra do Apóstolo, segundo a qual tudo foi criado por Ele, e nele, Ele é anterior a todos, e tudo nele subsiste (cf. Cl 1,16-17)? O Senhor Jesus Cristo é Deus, não por causa alguma, ou mediante algo, mas é Deus que nasceu como Deus. Quem, pela geração, é Deus, não passou a ser Deus depois do nascimento, por alguma causa, mas, porque nasceu, é Deus. Quando, por algum motivo, é ungido, a unção não traz proveito algum para quem não precisa de progresso, mas é dada ao que, pelo crescimento no mistério, necessita do progresso trazido. Cristo foi ungido para ser santificado pela unção, enquanto é Homem como nós. Se agora o Profeta mostra a economia de sua condição de servo, pela qual é ungido por seu Deus de preferência a seus companheiros, porque amou a justiça e odiou a iniquidade, não estaria aludindo à natureza na qual Cristo tem companheiros pela assunção da carne? Além disso, deve-se considerar que o Espírito de profecia dispôs de tal modo as palavras que, ao dizer que Deus é ungido por seu Deus, se refere à condição humana na qual é ungido, ao dizer *seu Deus*, e à natureza divina, ao dizer *Deus*. Por conseguinte, Deus é ungido; mas pergunto se o Verbo, que no princípio era Deus, foi ungido. Não, certamente. Pois a unção é posterior a seu ser divino. E como não foi ungido o Filho, que é o Deus Verbo, que no princípio estava junto de Deus, é preciso que seja ungido o que em Deus é posterior, na economia da salvação, a seu ser divino. Quando Deus é ungido por seu Deus, é ungido o que foi assumido por Ele no mistério da encarnação, em forma de servo.

20. Que ninguém profane, com seu modo ímpio de pensar, o grande mistério da piedade que se manifestou na carne. Que ninguém se iguale ao Unigênito em sua natureza divina. Que Ele seja para

nós irmão e companheiro, enquanto Verbo que, feito carne, habitou entre nós, enquanto Homem, Jesus Cristo, Mediador entre Deus e os homens (cf. 1Tm 2,5). Que nós, servos, tenhamos um Pai e um Deus em comum com Ele e que Ele seja ungido de preferência aos companheiros, ainda que de modo privilegiado, naquela natureza, na qual os seus companheiros são ungidos e seja Deus verdadeiro, como é homem verdadeiro, quanto ao mistério de sua mediação, sendo Deus nascido de Deus, tendo em comum conosco o Pai e Deus, naquela comunhão pela qual é nosso irmão.

21. Talvez a submissão e a entrega do reino e as palavras *depois será o fim* (1Cor 15,24) dêem a entender que se dará a desapareição de sua natureza, a perda do seu poder ou o enfraquecimento da sua divindade. Pois muitos querem que, ou não seja Deus, por causa de sua submissão, visto que, quando tudo estiver submetido a Deus, também Ele se submeterá, ou então que, ao entregar o reino, já não estará na sua possessão, ou que, quando chegar o fim, desaparecerá.

22. Convém estudar o sentido da exposição apostólica a respeito destas coisas, para que, exposto e examinado o sentido de cada afirmação, possamos penetrar todo o mistério e chegar à sua total compreensão. Pois diz: *Porque por um homem veio a morte, por um homem a ressurreição dos mortos. Pois como em Adão todos morrem, assim também em Cristo todos serão vivificados. Contudo, cada um em sua ordem: como primícias, Cristo, em seguida, os que são de Cristo por ocasião de sua vinda; depois, será o fim, quando entregar o reino a Deus e Pai, depois que tiver destruído toda dominação e todo poder. Pois é preciso que Ele reine, até que ponha todos os inimigos sob seus pés. O último inimigo a ser destruído é a morte. Quando disser: “Tudo está submetido”, evidentemente excluir-se-á aquele que tudo lhe submeteu, então ele mesmo se submeterá àquele que o submeteu para que Deus seja tudo em todas as coisas* (1Cor 15,21-28).

23. Os segredos das celestes disposições são apresentados pelo Apóstolo, eleito como o mestre dos gentios, não por homens, nem por meio de um homem, mas por Jesus Cristo (cf. Gl 1,1), na medida do possível. Aquele que, arrebatado ao terceiro céu, ouviu coisas inenarráveis, narrou ao espírito da inteligência humana somente o que esta podia entender, por não ignorar que algumas coisas não podem ser entendidas no momento em que são ouvidas, porque devido a nossa fraqueza, a mente recebe com atraso e custa a elaborar um juízo verdadeiro e claro a respeito daquilo que é comunicado ao ouvido. A compreensão depende, mais do que o ouvido, de uma reflexão demorada, pois a audição se segue à voz, e o entender vem da razão. É Deus quem revela o sentido aos que sentem desejo de compreender. A Timóteo, instruído desde a infância pela avó e pela mãe, nas letras sagradas, a respeito da gloriosa fé, o Apóstolo escreveu muitas coisas, e acrescentou: *Entende o que digo, pois Deus te dará a compreensão em todas as coisas* (2Tm 2,7). A exortação a compreender vem da dificuldade da inteligência. Contudo, o dom da inteligência que vem de Deus é dado à fé, pela qual a fraqueza da inteligência merece a graça da revelação. Se Timóteo, homem de Deus segundo o testemunho apostólico (1Tm 6,11), filho legítimo de Paulo, pela fé, é exortado a entender, porque o Senhor vai dar-lhe a compreensão de tudo, nós também devemos lembrar-nos de que fomos advertidos pelo Apóstolo a procurar a inteligência, sabendo que o Senhor nos dará a compreensão de todas as coisas.

24. Se, devido à fraqueza própria da condição humana, estivermos enganados, não recusemos um progresso de nossa compreensão proporcionado pela graça da revelação. O fato de não haver entendido uma vez, em determinado sentido, alguma coisa, não deve levar-nos a nos envergonhar de mudar nossa opinião para entender melhor. Por isso se deve usar de prudência e moderação, como o santo Apóstolo escreve aos Filipenses: *Todos nós que somos perfeitos, tenhamos este sentimento, e se, em alguma coisa, pensais de modo diferente, Deus vos esclarecerá. Entretanto, qualquer que seja o*

ponto a que chegarmos, conservemos o rumo (Fl 3,15-16). Nossa maneira de pensar anterior não determina a revelação de Deus. Pois o Apóstolo sabe como hão de pensar aqueles que pensam de maneira perfeita, mas para os que pensam de modo diverso, espera a revelação de Deus, para que venham a saber o que é perfeito. Se, portanto, alguns entenderam de modo diverso o profundo desígnio deste mistério oculto, e se por nós lhes foi apresentado algo reto e provável, não se acanhem em procurar conhecer de modo perfeito, pela revelação divina, segundo o ensinamento do Apóstolo. Não devem preferir desconhecer a verdade a ter de arrepender-se de permanecer na inverdade. O Apóstolo exorta aqueles que pensam de modo diverso e aos quais Deus revelou, a perseverarem no que começaram, para que, tendo abandonado o modo de pensar da ignorância anterior, consigam chegar à perfeita compreensão da revelação, ingressando no caminho, pelo qual nos apressamos em correr. Se, talvez, por termos errado o caminho, nos atrasarmos, quando tivermos entrado de novo, nele, procuremos seguir adiante, sem mudar de direção, pois apressamo-nos para o Cristo Jesus, Senhor da glória e rei dos séculos eternos, em quem são restauradas todas as coisas nos céus e na terra, por quem tudo subsiste, no qual e com o qual permaneceremos sempre. Portanto, se entramos nesse caminho, conhecemos perfeitamente, e se sabemos algo de outro modo, Deus nos revelará o que deve ser conhecido perfeitamente. Por conseguinte, estudemos de novo, de acordo com a fé apostólica, o mistério destes ditos, do mesmo modo como acima foram tratados por nós todas as coisas. Esclareceremos assim, a partir da verdade da mesma fé apostólica, as interpretações motivadas por uma vontade ímpia, as quais pretendem estar fundamentadas nas palavras apostólicas.

25. De acordo com a ordem das questões, são três os ditos a ser questionados: primeiro o fim, em seguida a entrega do reino, por último, a submissão. Segundo estes ditos, ou Cristo desaparece no fim, ou deixa de ter o reino, pois o entrega, ou, porque se submete a Deus, não possui a natureza de Deus.

26. Primeiramente, deve-se considerar que esta ordem não é a mesma da doutrina apostólica, pois primeiro vem a entrega do reino, em seguida, a submissão, por último, o fim. Cada uma destas coisas, segundo sua natureza, está submetida a causas que lhe dão origem, de forma que, quando algo deixa de existir para transformar-se em outra, uma causa anterior fica sempre subjacente ao que vem depois. Virá o fim, mas depois que o reino tiver sido entregue por Ele a Deus. O reino será entregue, mas depois que tiver sido aniquilado todo principado e todo poder. E aniquilará todo principado e todo poder, porque é preciso que Ele reine. E reinará, porém, até que ponha debaixo de seus pés todos os seus inimigos. E porá os inimigos debaixo de seus pés porque Deus submeteu todas as coisas debaixo de seus pés. Se Deus lhe submeteu todas as coisas, foi para que a morte fosse vencida por Ele, como o último inimigo. Em seguida, tudo lhe estará submetido, com exceção daquele que lhe submeteu todas as coisas. Ele, então, se submeterá Àquele que lhe submeteu todas as coisas. A causa da submissão é que Deus seja tudo em todas as coisas (cf. 1Cor 15,24-28). O fim, portanto, é que Deus seja em tudo em todas as coisas.

27. Agora deve-se procurar saber se *fim* significa desaparecimento, se *entrega* significa perda, se *submissão* significa fraqueza; se nestas coisas não estiverem subentendidos seus contrários, então poderão ser entendidas no seu verdadeiro sentido.

28. *O fim da Lei é Cristo* (Rm 10,4). Quero saber se Cristo é a abolição da Lei, ou sua perfeição. Se Cristo, que é o fim da Lei, não a anula, mas leva-a à perfeição, de acordo com o que diz: *Não vim suprimir a Lei, mas levá-la à perfeição* (Mt 5,17), o fim não será desaparecimento, mas perfeição consumada. Todas as coisas tendem para seu fim, não para que deixem de existir, mas para que continuem sendo aquilo para que tendem. Tudo existe por causa do fim, porém o fim não está referido a outra coisa. Como o fim é tudo, permanece inteiramente ele mesmo, e como não sai de si e não traz

vantagem a nenhuma outra coisa ou tempo, a não ser a si mesmo, toda a tendência da esperança está sempre voltada para ele. Por isso, o Senhor exorta à paciência da fé religiosa que espera até o fim: *Bem-aventurado aquele que permanecer até o fim* (Mt 10,22). Não quer dizer, na verdade, que a desapareição seja bem-aventurada, que não existir seja uma vantagem e que a recompensa da fé seja a abolição daquilo que a constitui, mas, como o fim da desejada felicidade não conhece interrupção, felizes são aqueles que permanecem até o fim, que é a felicidade consumada, porque a expectativa da esperança fiel não vai além, visto que o fim é o estado de permanente imobilidade para o qual se tende. Por fim, o Apóstolo prediz o fim dos ímpios para fazê-los ter medo da desapareição, dizendo: *O fim deles é a morte, mas nossa esperança está nos céus* (Fl 3,19 e 20). Se o fim dos santos e dos ímpios é o mesmo e se o fim significa a desapareição, o fim iguala a religião à impiedade, porque ambas estão destinadas ao mesmo fim, ou seja, ambas deixarão de existir. Que acontecerá, então, com a nossa expectativa de um céu, se, no fim, deixarmos de existir, do mesmo modo que os ímpios? Porém, se dissermos que para os santos há uma esperança e o fim dos ímpios significa aquilo que lhes é devido, mesmo assim não se pode crer que o fim seja uma desapareição, porque deixar de existir impede de receber o castigo merecido pela impiedade, visto que a desapareição do que deveria sofrer a pena elimina toda possibilidade de padecer se por causa do desaparecimento do que devia padecer não existe. O fim é a definitiva permanência da condição imutável, reservada para os bem-aventurados e preparada para os ímpios.

29. Não se pode mais duvidar de que o fim não seja o desaparecimento, mas sim uma condição que não desaparecerá, embora algumas coisas permaneçam sem explicação na interpretação dos textos, demonstradas somente estas para fazer ver seu sentido. Vejamos se a entrega do reino deve ser entendida como a perda do seu reinado, de modo que o Filho, porque entregou ao Pai o reino, não o possua por entregá-lo. Se alguém, com a loucura da estulta impiedade, contestar isto, deverá necessariamente confessar que o Pai, quando entregou tudo ao Filho, perdeu o que entregou, se entregar significa deixar de ter o que foi entregue. Mas o Senhor disse: *Tudo me foi entregue por meu Pai* (Lc 10,22), e: *Todo poder me foi dado no céu e na terra* (Mt 28,18). Se, portanto, *entregar* significa *deixar de ter*, também o Pai ficou privado do que deu; mas se o Pai não deixou de ter o que entregou, também não se pode entender que o Filho tenha sido privado daquilo que entregou. Nada mais resta senão reconhecer, na entrega, o motivo da economia da salvação, pela qual o Pai não deixa de ter o que entrega, nem o Filho deixa de ter o que dá.

30. Esta passagem relativa à submissão parece especialmente adequada para que não se alegue, a partir dela, algo de vergonhoso para o Filho, ainda que muitas outras passagens auxiliem nossa fé. Primeiro, interrogo o bom senso, para saber se aqui a submissão deve ser entendida no mesmo sentido em que se entende a escravidão a um poder ou a submissão da fraqueza à força e da desonra à honra, como qualidades contrárias. De acordo com isso, o Filho estaria submetido a Deus Pai pela diversidade de natureza. No entanto, a prudência da palavra apostólica vem opor-se a esta errônea opinião humana. Pois, quando tiver submetido tudo a si, então tudo será submetido Àquele que submeteu a si todas as coisas. Ao dizer que então se submeterá, o Apóstolo indica o plano divino realizado no tempo. Pois, se pensássemos de modo diferente, acreditando que ainda deveria submeter-se, isso significaria que agora não está submetido e nós julgaríamos ser um dissidente, desobediente e ímpio, Aquele a quem a força do tempo deverá reduzir a uma obediência tardia, depois de ter sido quebrado e submetido o seu orgulho de impiedade despótica. Que seria das suas palavras: *Não vim fazer a minha vontade, mas a vontade daquele que me enviou* (Jo 6,38); *Por isso o Pai me ama, porque faço sempre o que lhe agrada* (Jo 10,17); *Pai, que se faça tua vontade* (Mt 26,40); ou da palavra do

Apóstolo: *Humilhou-se, feito obediente até a morte* (Fl 2,8)? O que se humilha não sofre humilhação por sua natureza, e o que se faz obediente aceita por sua própria vontade a obediência, pois pelo fato de se humilhar se faz obediente. Por isso, o Deus Unigênito se humilha e obedece ao Pai até a morte de cruz. Como se entenderá que deve submeter-se ao Pai quando tudo foi submetido a Ele? Só se pode compreender porque esta submissão não significa uma nova obediência, mas sim o mistério da economia da salvação, porque a obediência já existe e a submissão tem lugar no tempo. A submissão, portanto, significa a revelação do mistério.

31. Devemos entender que mistério é este, de acordo com a esperança de nossa fé. Não podemos ignorar que o Senhor Jesus Cristo, ressuscitado dos mortos, está assentado à direita de Deus. O Apóstolo o testemunha, ao dizer: *Conforme a ação do seu poder eficaz, que ele fez operar em Cristo ressuscitando-o de entre os mortos, e fazendo-o assentar à sua direita nos céus, muito acima de qualquer Principado e Autoridade e Poder e Soberania e de todo nome que se pode nomear não só neste século, mas também no vindouro. Tudo Ele pôs debaixo de seus pés* (Ef 1,19-22). A palavra apostólica se refere a fatos futuros, como já tendo acontecido, como corresponde ao poder de Deus, pois o que se há de cumprir na plenitude dos tempos já tem consistência em Cristo, no qual está a plenitude. Tudo o que ainda deve acontecer será menos uma novidade do que a realização progressiva do desígnio salvífico. Deus tudo submeteu debaixo de seus pés, embora todas as coisas ainda lhe devam ser submetidas. Enquanto já estão submetidas, manifesta-se o poder imutável de Cristo; enquanto ainda hão de ser submetidas, na plenitude dos tempos, indica-se o caminho das idades sucessivas da fé.

32. Não é difícil entender que todas as potências contrárias, o príncipe dos ares e o poder da maldade espiritual devem ser entregues à destruição, conforme foi dito: *Afastai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, que o meu Pai preparou para o diabo e seus anjos* (Mt 25,41). *Eliminação*, portanto, não é o mesmo que *submissão*. Pois eliminar as potências adversas é tirar-lhes o direito ao poder, para que não possam subsistir; é abolir, pela eliminação do seu poder, o domínio do reino. Deu testemunho disto o Senhor, ao dizer: *O meu reino não é deste mundo* (Jo 18,38). Antes já declarara que aquele que tem o poder deste reino é o mesmo príncipe deste reino, cujo poder desaparecerá, uma vez eliminado o poder do seu domínio (cf. Jo 12,31). Já a submissão própria da obediência e da fé é a demonstração de uma entrega livre ou de uma mudança.

33. Uma vez eliminados os principados, seus inimigos lhe serão submetidos, de tal maneira que Ele mesmo os submeterá a si. Mas submeterá de forma que Deus lhos submetta. Acaso ignorava o Apóstolo a força da palavra evangélica que diz: *Ninguém vem a mim, se o Pai que me enviou não o atrair* (Jo 6,44)? Também está escrito: *Ninguém vai ao Pai a não ser por mim* (Jo 14,61). Agora Ele mesmo submete a si os inimigos, e, no entanto, é Deus que os submete, testemunhando, assim, que tudo isso é obra de Deus nele. E, como não se vai ao Pai, a não ser por Ele, ninguém vai a Ele, a não ser que o Pai o atraia, pois, quando é reconhecido como Filho de Deus, a realidade da natureza paterna se revela nele. Quando Ele é reconhecido como Filho, o Pai nos atrai, e quando acreditamos no Filho, o Pai nos recebe, porque recebemos a revelação e o conhecimento do Pai no Filho pela revelação nele de Deus Pai, que nos torna perfeitos na adoração do Filho pela adoração do Pai. O Pai nos conduz ao Filho quando acreditamos no Pai. No entanto, ninguém vai ao Pai a não ser pelo Filho, porque, quando não acreditamos no Filho, o Pai não pode ser conhecido por nós. Não podemos adorar o Pai se, primeiro, não aceitarmos adorar o Filho. Por isso, conhecido o Filho, o Pai nos conduz à vida eterna e nos acolhe. Ambas as coisas acontecem por intermédio do Filho, porque seu ensinamento sobre o Pai nos conduz a Ele, e Ele mesmo nos conduz ao Pai. Para uma compreensão mais completa desta

palavra, foi necessário recordar este mistério: o Pai nos conduz e nos recebe pela mediação do Filho. Assim podemos entender que Ele submete a Deus tudo o que submete a si mesmo, porque a natureza de Deus está nele. Ele age de tal maneira que Deus age nele e, não obstante, Ele faz o mesmo que Deus faz, porém de tal maneira que, quando Ele age, deve-se entender que o Filho de Deus age, e quando Deus age, deve-se saber que, nele, como Filho, está aquilo que é próprio da natureza do Pai.

34. Uma vez eliminados os principados e as potestades, seus inimigos lhe serão submetidos, debaixo de seus pés. De que inimigos se trata, o mesmo Apóstolo nos ensina, ao dizer: *Quanto ao Evangelho, eles são inimigos por vossa causa, mas quanto à Eleição, eles são amados por causa de seus pais* (Rm 11,28). Sabemos que se trata dos inimigos da cruz de Cristo (cf. Fl 3,18), porém, porque são amados por causa dos Pais, sabemos que estão reservados para a submissão, segundo o que foi dito: *Não quero que ignoreis, irmãos, este mistério, para que não vos tenhais na conta de sábios: o endurecimento atingiu uma parte de Israel até que chegue a plenitude dos gentios; e assim todo Israel será salvo, conforme está escrito. De Sião virá o libertador, e afastará a impiedade de Jacó, e esta será minha aliança com eles, quando eu tirar seus pecados* (Rm 11,25-27; cf. Is 59,20-21). Os inimigos, portanto, serão submetidos sob seus pés.

35. Deve-se entender o que se seguirá a esta submissão: *O último inimigo a ser vencido será a Morte* (1Cor 15,26). A vitória sobre a morte nada mais é do que a ressurreição dos mortos, quando, tendo acabado a corrupção da morte, a natureza se tornar eterna e celestial, como já foi dito: *Com efeito, é necessário que este ser corruptível revista a incorruptibilidade e este ser mortal revista a imortalidade* (1Cor 15,53). Quando este ser corruptível tiver revestido a incorruptibilidade e este ser mortal tiver revestido a imortalidade, então se cumprirá a palavra da Escritura: *A morte foi absorvida no combate. Morte, onde está teu aguilhão? Morte, onde está teu combate?* (1Cor 15,53-55). A morte é vencida pela submissão dos inimigos. Vencida a morte, sobrevém a vida da imortalidade. Qual seja a característica própria desta perfeita submissão da fé, o mesmo Apóstolo ensinou, ao dizer: *Ele transfigurará nosso corpo humilhado, conformando-o ao corpo de sua glória, pela força que lhe dá o seu poder de submeter a si todas as coisas* (Fl 3,21). Existe também outra submissão que consiste na passagem de uma natureza para outra, quando algo, deixando de ser o que é, se submete àquilo de que aceita a forma. Deixa de ser o que era, não para deixar de existir, mas para tornar-se melhor, submetendo-se, com a mudança, a passar para a condição da outra natureza que recebe.

36. Finalmente, para esclarecer totalmente o sentido deste mistério, depois de afirmar que a morte no fim será vencida, diz: *Quando disser: “tudo lhe está submetido”, evidentemente excluir-se-á aquele que tudo lhe submeteu. Então, ele mesmo se submeterá àquele que tudo lhe submeteu, para que Deus seja tudo em todas as coisas* (1Cor 15,26-28). O primeiro grau do mistério é que tudo lhe será submetido, e então Ele próprio se submeterá Àquele que lhe submeteu todas as coisas, para que, assim como nós nos submetemos à glória de seu corpo que reina, Ele, por sua vez, reinando, pelo mesmo mistério, na glória de seu corpo, se submeta àquele que lhe submeteu todas as coisas. Pois nos submetemos à glória de seu corpo para estar na mesma glória em que Ele reina com seu corpo, porque seremos conformados a seu corpo.

37. Os Evangelhos não deixam de falar da glória de seu corpo que agora reina. Assim está escrito o que disse o Senhor: *Em verdade vos digo, que alguns dos que aqui estão não provarão a morte, até que vejam o Filho do Homem vir em seu Reino* (Mt 16,28). *Seis dias depois, Jesus tomou Pedro, Tiago e seu irmão João, e os levou para um lugar à parte, sobre uma alta montanha. E ali Jesus se transfigurou diante deles. O seu rosto resplandeceu como o sol, suas vestes se tornaram alvas como a neve* (Mt 17,1-2). A glória do corpo que vem em seu reino se mostrou aos Apóstolos, pois, pela

gloriosa transformação de seu aspecto, o Senhor revelou a glória de seu corpo de rei.

38. Prometendo aos Apóstolos uma participação na sua glória, diz o Senhor: *Assim será na consumação do mundo. O Filho do Homem enviará seus anjos e eles ajuntarão de seu reino todos os escândalos e os que praticam a iniquidade, e os lançarão na fornalha ardente. Ali haverá choro e ranger de dentes. Então os justos brilharão como o sol no reino de seu Pai. O que tem ouvidos para ouvir, que ouça!* (Mt 13,40-43). Acaso todos os ouvidos corporais não se abrem para ouvir o que é dito, de modo a ser necessária a exortação do Senhor para que o ouçam? O Senhor propõe o conhecimento do mistério e, por isso, exige que se ouça a doutrina de fé. Na consumação do mundo, os escândalos serão retirados de seu reino e teremos, então, o Senhor a reinar na glória de seu corpo. Também nós, conformados à glória de seu corpo no reino do Pai, brilharemos com um fulgor semelhante ao do sol. Foi com esta glória que o Senhor transfigurado no monte se mostrou aos Apóstolos.

39. O Senhor entregará o reino a Deus Pai, mas não de tal forma que, entregando-o, vá perder o seu poder, e nós, tornados semelhantes à glória de seu corpo, seremos o reino de Deus. Pois não disse: *Entregará seu reino*, mas: *Entregará o reino* (1Cor 15,24), o que significa que nós, pela glorificação de seu corpo, nos converteremos em *reino* a ser entregue a Deus. Entregará como reino também a nós, de acordo com o que foi dito nos Evangelhos: *Vinde, benditos de meu Pai. Tomai posse do reino para vós preparado desde a criação do mundo* (Mt 25,34). Portanto, os justos fulgirão como o sol no reino de seu Pai (cf. Mt 13,43). O Filho entregará a Deus, como seu reino, aqueles que chamou para seu reino, aos quais prometeu também a felicidade deste mistério, ao dizer: *Bem-aventurados os puros de coração, porque eles verão a Deus* (Mt 5,8). Reinando, afastará os escândalos, e, então, os justos fulgirão como o sol no reino do Pai, pois entregará o reino a Deus Pai, e aqueles que entregar como reino a Deus verão a Deus. De que reino se trata, Ele mesmo explicou, ao dizer aos Apóstolos: *Pois em vós está o reino de Deus* (Lc 17,21). Reinando, entrega o reino. E se alguém quiser saber quem entrega o reino, ouça: *Cristo ressuscitou dos mortos, primícias dos que adormeceram; porque por um homem veio a morte, e por um homem, a ressurreição dos mortos* (1Cor 15,21). Aqui todo nosso discurso tem como tema o mistério do corpo, porque Cristo ressuscitou como dentre os mortos. Para conhecermos o mistério pelo qual Cristo ressuscitou dentre os mortos, ouçamos o que diz o Apóstolo: *Lembra-te de Jesus Cristo, ressuscitado dentre os mortos, da descendência de Davi* (2Tm 2,8), ensinando que a morte e a ressurreição dizem respeito somente à Economia salvífica, pela qual Ele é carne.

40. Reina, pois, neste mesmo corpo glorioso, que já é seu, até que sejam eliminados os principados e, vencida a morte, submeta a si os inimigos. O Apóstolo conservou esta disposição: afirma que eliminados os principados e potestades, serão submetidos a Ele os inimigos. Submetidos estes, tudo se submeterá àquele que submete tudo a si, isto é, o Senhor, *para que Deus seja tudo em todas as coisas* (1Cor 15,28), quando a natureza da divindade paterna for comunicada à natureza de nosso corpo assumido. Deus será tudo em todas as coisas, porque o Mediador entre Deus e os homens, por sua submissão, receberá em todos os aspectos o que é de Deus, para que não seja Deus em parte, mas inteiramente Deus Ele que, pelo mistério da Encarnação, procede de Deus e do homem, pois tem, graças à Encarnação, o que é próprio da carne. Não há outro motivo para a submissão a não ser este: que Deus seja tudo em todas as coisas, sem que permaneça coisa alguma da natureza do corpo terreno, de modo que, se anteriormente tinha duas naturezas, agora é somente Deus; não porque o corpo tenha sido expulso, mas sim porque foi transformado pela submissão. Não foi abolido por dissolução, mas mudado pela glorificação, adquirindo para si, enquanto Deus, o que é do homem, em vez de perder o que é de Deus, enquanto é Homem. Submete-se, não para deixar de existir, mas para que Deus seja

tudo em todas as coisas. Continua a ser o que não é no mistério da submissão. Seu ser não será abolido, de modo que deixe de existir.

41. Para confirmar a nossa fé nesta doutrina, é suficiente a autoridade apostólica, que ensina que, no tempo e pelo mistério da Encarnação, o Senhor Jesus Cristo, primícias dos que dormiram (cf. 1Cor 15,20), deveria submeter-se ao Pai, para Deus ser tudo em todas as coisas. Isto não se dá por fraqueza da divindade, mas representa elevação da natureza assumida porque o que é Homem Deus, agora já é inteiramente Deus. Mas para que não se creia que nos fundamentamos nos Evangelhos porque acreditamos que Cristo é glorificado no corpo enquanto reina no corpo e que depois deverá se submeter, a fim de que Deus seja tudo em todas as coisas, devemos basear o testemunho de nossa fé não somente nas palavras do Apóstolo, mas nas do Senhor, pois o que Paulo diz, o próprio Cristo já dissera antes de Paulo.

42. O Senhor revelou o desígnio divino referente à glória usando palavras claras, quando disse: *Agora o Filho do Homem foi glorificado e Deus foi glorificado nele. Se Deus foi nele glorificado, Deus também O glorificará em si mesmo e o glorificará logo* (Jo 13,31-32). Temos, primeiro, a glória do filho do homem e, em seguida, no Filho do Homem, a glória de Deus, nas palavras; *Agora o Filho do Homem foi glorificado e Deus foi glorificado nele*. Em primeiro lugar, refere-se à glória do corpo, que, pelo consórcio com a natureza divina, recebe a glória. Segue-se a elevação a uma glória mais plena que deve ser alcançada com o aumento da glória já concedida ao corpo. *Se Deus foi nele glorificado, também Deus o glorificou em si mesmo e agora o glorificou* (Jo 13,32). Deus o glorificou em si, porque nele Deus é glorificado. Porém, a glorificação de Deus nele se refere à glória do corpo, pela qual a glória de Deus é conhecida através do corpo, pois a glória de Deus é conhecida mediante a glória do Filho do Homem. Porque nele Deus foi glorificado, isto significa que Deus o glorificou em si mesmo mediante o aumento da glória de Deus nele, porque já reina na glória que procede da glória de Deus. Ele próprio, a partir de agora, há de passar para a glória de Deus. Pois Deus o glorificou em si mesmo, isto é, naquela mesma natureza pela qual Deus é o que é: *para que Deus seja tudo em todas as coisas*, ou seja, Ele há de existir inteiramente como Deus, em conseqüência da economia da salvação, pela qual é homem. Não deixou de falar também do tempo, em que isto ia acontecer, ao dizer: *E Deus o glorificou em si mesmo e Deus agora o glorificou*. Indicou como presente a glória futura, ou seja, a que iria obter depois da paixão, depois da ressurreição, porque Judas já se apressava para a traição. Aquela glória com que, em si mesmo, Deus o glorificaria, é reservada para o futuro, isto é, a glória de Deus revelada nele pelo poder da ressurreição. Porém, Ele mesmo permanecerá para sempre na glória de Deus, sendo inteiramente Deus, em virtude do desígnio salvífico, pelo qual se submeteu.

43. Como é grande a insensatez da louca heresia, que não pode esperar para Deus o que satisfaz suas humanas esperanças, como se Deus tivesse o poder de fazer para o homem o que não tem o poder de fazer para si mesmo. Nenhum raciocínio sensato pode provar que, por alguma necessidade de sua natureza, esteja obrigado a cuidar de nós, mas não possa proporcionar alguma felicidade a si mesmo. Aquele que possui uma natureza e um poder imutáveis não tem necessidade de crescimento, mas, porque, pela economia da salvação e o mistério da grande piedade, o que é Deus é homem, talvez não fosse capaz de dar a si mesmo o ser inteiramente Deus, podendo, no entanto, dar-nos, sem dúvida alguma, a graça de ser aquilo que não somos. Pois o fim da vida e da morte humana é a ressurreição e a certíssima recompensa de nossa luta é a incorrupta eternidade, não para que perca nosso castigo, mas para que o fruto feliz da perpétua glória não tenha fim. Que nossos corpos, de origem terrena, passarão para uma condição superior e se tornarão semelhantes ao corpo glorioso do Senhor, e Deus,

na forma de servo, embora já glorificado no corpo, no que diz respeito a forma de servo, acaso não será semelhante a Deus? Aquele que nos concederá a condição de seu corpo glorificado acaso não poderá dar a seu corpo senão o que é comum a Ele e a nós? O que foi dito: *Então ele mesmo se submeterá àquele que lhe submeteu todas as coisas para que Deus seja tudo em todas as coisas* (1 Cor 15,28) é interpretado por muitos hereges como se fosse a afirmação de que o Filho deve submeter-se a Deus Pai, a fim de que o Pai, pela submissão do Filho, seja tudo em todas as coisas, como se ainda faltasse a Deus alguma perfeição que alcançaria pela submissão do Filho. Assim, se Deus ainda deve passar a ser tudo em todas as coisas com o progredir do tempo, devemos pensar que lhe falta a absoluta e bem-aventurada divindade.

44. Quanto a mim, que acredito conhecer a Deus somente pela adoração, não me parece menos ímpio responder a estas doutrinas do que defendê-las. Parece-me ímpio pensar que podemos fazer afirmações sobre aquela natureza, que ultrapassa o que o senso humano pode conceber, com palavras cujo significado fica aquém da nossa compreensão. Em primeiro lugar, parece ímpio duvidar da perfeição de Deus, perguntando se lhe falta algo ou não, se é perfeito ou, se, sendo perfeito, falta-lhe ainda uma perfeição maior. Se Deus, a quem não vem de nenhuma outra parte o ser Deus, deve progredir de alguma forma, para que, em algum momento, possa chegar a uma perfeição maior, então nunca poderá atingir uma perfeição tal que nada lhe falte, pois não se pode conceber que a natureza que tem a possibilidade de progredir tenha progredido sem que lhe reste alguma possibilidade de progresso, pois a natureza submetida ao progresso, embora progredindo sempre, continua sendo capaz de progredir mais. Porém, aquele que tem a plenitude perfeita e nela permanece, não tem possibilidade de ser mais perfeito, porque a perfeita plenitude não comporta acréscimo. Assim deve pensar sobre Deus uma inteligência piedosa. A Deus nada falta. Ele é perfeito.

45. O Apóstolo não ignora com que palavras se deve dar testemunho de Deus, quando diz: *Ó abismo da riqueza, da sabedoria e da ciência de Deus! Como são insondáveis seus juízos e impenetráveis seus caminhos! Quem, com efeito, conheceu o pensamento do Senhor? Ou quem se tornou seu conselheiro? Ou quem primeiro lhe fez o dom para receber em troca? Porque tudo é dele, por ele e para ele. A ele a glória pelos séculos!* (Rm 11,33-36). Deus não pode ser circunscrito pela mente humana. A inteligência mais penetrante não pode atingir a profundidade de sua sabedoria. Seus juízos não podem ser compreendidos por aqueles que os perscrutam. Os caminhos inacessíveis de seu conhecimento não estão abertos às investigações dos que o procuram. Tudo o que é seu está mergulhado nas profundezas inacessíveis, nada do que é seu pode ser encontrado. Ninguém conhece seu pensamento. Ele dispensa todo conselho alheio. Tudo o que dizemos é válido para nós, mas não para aquele, por quem tudo existe (cf. 1Cor 8,6). Ele é o Anjo do Grande Conselho (cf. Is 9,6; LXX), e Ele disse: *Ninguém conhece o Filho, senão o Pai, e ninguém conhece o Pai, senão o Filho e a quem o Filho o quiser revelar* (Mt 11,25). Deve-se recorrer à profissão de fé do Apóstolo contra nossas fraquíssimas mentes, que, para definir e circunscrever a natureza divina, submergem nas profundezas, para que nenhuma opinião temerária pretenda saber algo sobre Deus além daquilo que devemos aprender.

46. É considerado normal, quando se trata de coisas que pertencem à natureza, que os sentidos só possam captar o que se acha no seu âmbito, como algo que se apresenta diante de nossos olhos, ou qualquer fato posterior a nossos sentidos ou a nossa mente. No primeiro caso, porque o que se pega ou olha permite ter uma idéia e formular uma opinião a respeito do que pode ser examinado pelo tato ou pela vista. No outro caso, porque o que acontece no tempo é gerado ou criado, com um início posterior ao nosso, não é anterior ao nosso entendimento e está submetido a nossa capacidade de julgamento. Nossa vista não julga o invisível, já que somente pode discernir o que vê. Nossa mente não pode voltar

atrás, até o tempo em que não existia, e investigar o que é anterior a seu nascimento, já que somente pode ter uma opinião a respeito do que lhe é posterior. Por causa de suas limitações naturais, nossa mente, na maior parte das vezes, está incerta e não consegue obter um conhecimento exato das causas. De modo algum poderá perceber aquelas coisas que lhe são anteriores, por um desígnio eterno, pois nesse caso deveria poder retroceder até um tempo anterior ao seu nascimento.

47. Porque só podemos conhecer o que é posterior à nossa capacidade de conhecimento, o Apóstolo, depois de referir-se à profundidade da sabedoria de Deus, à imensidão de seus juízos imperscrutáveis e infinitos, a seus caminhos misteriosos e inacessíveis, a seu pensamento secreto e incompreensível, a seu conselho oculto, acrescentou: *Quem primeiro lhe fez dom para receber em troca? Porque tudo é dele, por ele e para ele. A ele a glória pelos séculos!* (Rm 11,35-36). Deus, que é eterno, não está sujeito a nenhum limite, nem pode ser antecipado por nenhum movimento anterior ou da inteligência anterior a Ele. Por isso, é uma imperscrutável profundidade, de tal sorte que não pode ser limitado de modo algum. É entendido como imenso porque não recebeu de ninguém o que é e ninguém antes lhe deu algo, para que tenha a obrigação de retribuir. Pois dele e por Ele e nele tudo existe. Não necessita de nada do que existe a partir dele por meio dele e nele. Ele é origem, é opífice, é Aquele que tudo contém, que tudo transcende, é o criador de tudo o que foi feito, não tem necessidade do que é seu. Nada existe antes dele, nada tem outra origem, nada existe fora dele. Portanto, de que aumento de plenitude precisará, para que, no tempo, Deus venha a ser tudo em todas as coisas? Ou, de onde receberá Aquele, fora do qual nada existe? Não havendo nada fora dele, é eterno. E que se deverá acrescentar, para que seja completado ou mudado, Àquele que sempre é, fora de quem nada existe? Pois diz: *Eu sou, e não mudo* (Ml 3,6). Nele não há lugar para mudança nem motivo para progredir, nada anterior à sua eternidade, nada além de sua divindade. Logo, Deus não será tudo em todas as coisas pela submissão do Filho, nem será levado à plenitude por nenhuma causa, porque é a partir dele, por Ele e nele que subsistem todas as causas. Deus permanece sempre o que é e não precisa progredir, pois é sempre o que é, por si e para si.

48. Também para o Deus Unigênito não há necessidade de mudança da natureza. É Deus, e este nome indica a plena natureza da plena e perfeita divindade. Como acima ensinamos, a razão para pedir a glória e a causa da submissão é que Deus seja tudo em todas as coisas. Que Deus seja tudo em todas as coisas é mistério, não necessidade. Permanecendo na forma de Deus, assumiu a forma de servo. Não se transformou, despojou-se de si mesmo, ocultou-se dentro de si, esvaziou-se, mantendo, no entanto, o seu poder. Adaptou-se ao modo de agir humano porque a fraqueza da natureza humana assumida não agüentaria a poderosa e imensa natureza divina, mas o poder ilimitado devia ficar circunscrito somente à medida que fosse preciso para obedecer e suportar o padecimento do corpo unido a Ele. Ao esvaziar-se, manteve-se em si mesmo, por isso seu poder não sofreu detrimento, visto que, na humilhação de seu esvaziamento, exerceu em si mesmo o poder de que se tinha despojado.

49. Que Deus seja tudo em todas as coisas significa a elevação de nossa natureza assumida. Aquele que, existindo na forma de Deus, foi achado na forma de servo, de novo deve ser louvado na glória de Deus Pai, para que se entenda, sem nenhuma dúvida, que permanece na forma daquele em cuja glória deve ser louvado. Trata-se do desígnio de salvação, não de mudança, pois continua a existir na natureza em que existia. Mas, tendo havido, entretanto, um tempo intermediário em que começou a existir, isto é, seu nascimento como Homem, tudo é adquirido para aquela natureza que antes não foi Deus, porque se mostra que *Deus é tudo em todas as coisas*, depois do mistério da economia. É proveito e lucro para nós, pois somos conformados à glória do corpo de Deus (cf. Fl 3,21; 2,11). Além disso, o Deus unigênito, ainda que tenha nascido como Homem, não é outro senão Deus que é tudo em

todas as coisas. Pois aquela submissão do corpo, pela qual aquilo que Ele tem de carnal é absorvido pela natureza espiritual, faz com que Aquele que, além de Deus, é também homem, seja Deus, *tudo em todas as coisas*. É nossa humanidade que é assim elevada. Nós também havemos de progredir até ser conformados à glória daquele que é Homem como nós, e, renovados para o conhecimento de Deus, seremos reformados à imagem do Criador, de acordo com o dito do Apóstolo: *Despidos do homem velho com seus atos, e vestidos com o novo, que se renova para o conhecimento de Deus, segundo a imagem de seu Criador* (Cl 3,9-10). O homem torna-se a perfeita imagem de Deus. E, sendo agora conforme a glória do corpo de Deus, eleva-se até ser imagem do Criador, de acordo com o modelo estabelecido para o primeiro homem. Feito homem novo, para o conhecimento de Deus, depois de abandonar o pecado e o velho homem, atinge a perfeição para a qual foi criado. Conhecendo seu Deus e fazendo-se sua verdadeira imagem, por meio da verdadeira fé, caminha rumo à eternidade devendo permanecer por toda a eternidade a imagem de seu Criador.

LIVRO DOZE

1. Dirigimo-nos já, guiados pelo Espírito Santo, para o abrigado e tranqüilo porto de uma fé segura. Como acontece muitas vezes, os que são balançados pelo mar agitado e pelo vento, ao aproximar-se do litoral, são impedidos e retardados por altíssimas ondas, mas, finalmente, são arremessados por um forte e terrível impulso das águas, para a conhecida e segura praia. Espero que o mesmo nos aconteça, neste duodécimo livro, no qual nos esforçamos por lutar contra a tempestade da heresia, opondo-o, como a popa de um navio bem fortificado, às enormes ondas da impiedade, de modo que ela mesma nos empurre para a tranqüila e desejada enseada. Todos foram sacudidos pelo vento da falsa doutrina, daí o medo, daí o perigo, daí, muitas vezes, o naufrágio, porque alguns afirmam que o Deus Unigênito foi chamado pela autoridade profética de *criatura*, e que Ele não existe por geração, mas por criação, porque, pela Sabedoria, foi dito: *O Senhor me criou para o início de seus caminhos* (Pr 8,22). Esta é a maior de suas ondas, esta é a mais forte vaga do tortuoso turbilhão; mas, depois de enfrentada e dominada por nossa poderosa nau, chega conosco ao seguro porto da praia desejada.

2. Não nos apoiamos, porém, em esperanças vagas e ociosas, como navegantes que muitas vezes são conduzidos mais por seus desejos do que pela confiança, ou são abandonados ou impelidos por ventos instáveis. Nós temos a assistência do Espírito, dom do Deus Unigênito, que nos conduz por um caminho imutável para a tranqüilidade, pois afirmamos que o Senhor Jesus Cristo não é criatura, visto que não o é. Ele é o Senhor de tudo o que foi feito e nós o conhecemos como Deus, Filho verdadeiro, geração de Deus Pai. Nós, pela condescendência de sua bondade, somos clamados e adotados como filhos de Deus, mas Ele é o verdadeiro e único Filho de Deus Pai, a verdadeira e absoluta natividade, que permanece oculta e somente é conhecida pelos dois. Nossa fé consiste unicamente em confessar que o Filho não é adotivo, mas nascido; não é eleito, mas gerado. Não o pregamos como feito nem como não nascido, porque nem comparamos o Criador às criaturas, nem enganamos com uma natividade sem geração. Não existe por si mesmo quem existe em virtude do nascimento e quem é Filho não poderá sê-lo, a não ser nascendo, porque é Filho.

3. Ninguém duvida de que as razões da impiedade sejam sempre opostas às razões da verdadeira fé. Não se pode aceitar religiosamente o que se revela ter sido impiamente recebido, como acontece agora com estes novos reformadores da fé apostólica, que dividem e opõem o Espírito evangélico e o profético, e os consideram separados por litígios, dizendo que uns profetizam umas coisas, e outros, outra diferente, porque Salomão nos convida a venerar a criatura, e Paulo censura os que servem à criatura. Segundo a compreensão da impiedade, estas coisas não parecem combinar, pois para os hereges, o Apóstolo, instruído pela Lei e separado antecipadamente (cf. Gl 1,15) e que falava por Cristo, que nele falava, teria ignorado a profecia, ou, conhecendo-a, tê-la-ia rejeitado. Não conheceu o Cristo como *criatura*, ao chamá-lo de *criador*; e proibiu a adoração à criatura, advertindo que só ao Criador se deve servir: *Trocaram a verdade de Deus pela mentira, e serviram a criatura, deixando de lado o Criador, que é bendito pelos séculos dos séculos* (Rm 1,25).

4. Acaso Cristo Deus, que fala em Paulo, não censura fortemente a impiedade de tais mentiras? Condena pouco a mentira que distorce a verdade? Por meio do Senhor Cristo, tudo foi criado e por isso lhe é próprio o nome de *criador*. Não convém a Ele a natureza e o nome de sua criatura. Para nós, é testemunha disso Melquisedeque, que anuncia Deus, o criador do céu e da terra: *Bendito seja Abraão pelo Deus Altíssimo, que criou o céu e a terra* (Gn 14,19). Testemunha também é o profeta Oséias: *Eu sou o Senhor teu Deus, que firmei e criei a terra, cujas mãos criaram toda a milícia do céu* (Os 13,4; LXX). E Pedro escreve: *Confiam suas almas ao fiel criador* (1Pd 4,19). Por que impor ao artífice o

nome da obra? Por que dar nossos nomes a Deus? É nosso Criador, o criador de toda a milícia celeste.

5. Referindo-se estas palavras ao Filho, por quem tudo foi feito (que é o que se deve entender pela fé evangélica e apostólica), como poderá ser Ele igual às coisas que fez e como poderá receber o nome que corresponde à natureza de todas elas? Em primeiro lugar, o simples bom senso rejeita que o Criador seja criatura porque a criação vem do criador. Mas, se fosse criatura, também estaria sujeito à corrupção, dependendo da esperança, e submetido à escravidão. Pois diz o mesmo santo Apóstolo Paulo: *Pois a criação em expectativa anseia pela revelação dos filhos de Deus. De fato, a criação foi submetida à vaidade, não por sua vontade, mas pela vontade daquele que a submeteu, na esperança de também ela ser libertada da escravidão da corrupção, para entrar na liberdade da glória dos filhos de Deus* (Rm 8,19-21). Se, portanto, Cristo for criatura, forçoso será que esteja na incerteza de uma longa expectativa e sua longa espera tenha por objeto o que nós receberemos e que, enquanto espera, esteja submetido à vaidade, e que, sendo a sujeição obrigatória, não lhe seja submetido por sua vontade. Mas, se não está submetido por sua vontade, então tem de ser necessariamente servo e, sendo servo, permanecerá também na corrupção da natureza, pois tudo isso é próprio da criação, que, ao ser libertada destas coisas pela longa expectativa, será glorificada com a glória humana, conforme ensina o Apóstolo. Trata-se de uma imprudente e ímpia declaração sobre Deus a que lhe atribui o nome de *criatura*, de maneira ofensiva, acreditando que esteja obrigado a esperar e servir, que possa ser coagido, que deva ser libertado, naquilo que corresponde a nós, não a Ele, quando nós somos elevados a outra coisa a partir do que pertence a Ele.

6. A impiedade progride e aumenta em falsidade pela audácia desta palavra ilícita. Se o Filho é criatura, o Pai não será diferente da criatura. Cristo, que existia na forma de Deus, assumiu a forma de servo, mas se é criatura, o que existe na forma de Deus não é distinto da criatura, porque a criatura está na forma de Deus. Mas existir na forma de Deus não significa outra coisa senão permanecer na natureza de Deus. Sendo assim, Deus também seria criatura, porque a criatura existe na sua natureza. Porém, Aquele que existia na forma de Deus não reteve ciosamente o ser igual Deus, porque, sendo igual a Deus, isto é, existindo na forma de Deus, rebaixou-se até a forma de servo. Não podia rebaixar-se de Deus para ser Homem, a não ser que se esvaziasse da forma de Deus. Mas ao esvaziar-se de si mesmo não se aniquilou, de forma a não existir, pois passou a ser algo diferente do que era. Nem deixou de ser o que era, por ter-se esvaziado de si mesmo, já que o poder de sua força permanece no mesmo poder esvaziar-se de si mesmo. Passar para a forma de servo não significa perder a natureza de Deus, pois esvaziar-se da forma de Deus manifesta o poder da força divina.

7. *Existir na forma de Deus* não é diferente de ser igual a Deus, de sorte que a mesma honra é devida ao Pai e ao Senhor Jesus Cristo, como Ele mesmo disse: *Para que todos honrem o Filho, assim como honram o Pai. Quem não honra o Filho, também não honra o Pai que o enviou* (Jo 5,23). Não há diversidade entre os seres, se não há diversidade na honra que lhes é devida. São objeto da mesma veneração, porque ou a honra é prestada, indignamente, a inferiores, ou, com injúria, aos superiores, por serem igualados a inferiores, na honra. Quanto ao Filho, se existe por criação em vez de nascimento e é igualado em honra ao Pai, não se prestará a honra devida ao Pai, pois, lhe foi prestada tanta veneração quanto à criatura; mas, porque é igual ao Deus Pai pelo motivo de ter nascido dele, como Deus, será também igual a Ele na honra, porque é Filho, não é criatura.

8. Sobre isto a admirável palavra do Pai é: *Do seio antes da luz, Eu te gerei* (Sl 109,5). Como já dissemos muitas vezes, devido à fraqueza da nossa inteligência, não podemos emitir julgamentos sobre Deus. Não podemos pensar que, por ter dito que o gerou de seu seio, consiste de partes internas e externas unidas pelos membros, como acontece com os corpos que se originam das causas materiais,

pois o Senhor de todas as coisas acha-se absolutamente livre em relação às leis que regem as causas naturais. Com estas palavras indica a propriedade do nascimento de seu Unigênito, decorrente do poder de sua imutável natureza. Pois, nascendo *Espírito do Espírito*, nasce com a propriedade do Espírito, pela qual também Ele é Espírito, porém não há outra causa do seu nascimento, a não ser aquela dos princípios perfeitos e imutáveis. Nascendo de um princípio, embora perfeito e imutável, é forçoso que, a partir deste princípio, nasça com as características deste princípio. Pelas características da natureza humana, o nascimento se dá a partir do seio materno. Mas Deus é perfeito, sem partes, e imutável pela sua natureza espiritual, porque *Deus é Espírito* (Jo 4,24) e não está submetido à necessidade natural de causas internas. Contudo, porque anunciava a natividade do Espírito a partir do Espírito, quis instruir nossa inteligência pelo exemplo tirado das causas materiais, não para indicarnos como se dá a natividade, mas para que se compreenda a geração, de modo tal que este exemplo não mostre uma necessidade, mas esclareça o seu sentido. Se, portanto, o Deus Unigênito fosse criatura, que quereria dizer esta comparação, que, a partir do modo normal do nascimento humano propõe uma idéia da divina geração?

9. Muitas vezes, pela comparação com os membros de nossos corpos e pelo uso dos modos comuns de entendimento, Deus quis mostrar a importância de suas operações, a nós, a quem queria ensinar. Assim disse: *Cujas mãos criaram toda a milícia do céu* (Os 13,4); ou: *Os olhos do Senhor estão sobre os justos* (Sl 33,16), e de novo: *Encontrei Davi, filho de Jessé, varão segundo o meu coração* (1Sm 13,14; At 13,22). A vontade é indicada pelo coração, ao qual Davi agradou pela probidade dos costumes o conhecimento de todas as coisas, pelo qual nada está fora da ciência de Deus, se enunciou com a palavra *olhos*; a eficácia de suas ações, já que tudo vem de Deus, foi comparada às mãos. Pela comparação com os órgãos do corpo devemos compreender que Deus quer, prevê e realiza todas as coisas sem o uso dos membros corporais. Ao dizer que gerou do seu seio, deve-se entender que se trata de um nascimento que não se dá a partir de um princípio corporal, do mesmo modo que a referência a outros membros do corpo aponta para o efeito de outras ações divinas.

10. O coração significa a vontade, os olhos a visão, a mão a realização; no entanto, Deus quer, prevê e realiza de um modo que vai muito além da comparação incompleta com os membros do corpo. As palavras *coração, olhos, mãos* expressam o que foi sugerido. Por que então a afirmação de que gerou de seu seio não mostra a verdadeira natividade? Não se quer dizer que Deus tenha gerado de seu seio, pois também não age com as mãos, não vê com os olhos, não quer com o coração, mas com esta comparação se indica que tudo realiza, vê e quer. Assim também pela menção do *seio* se demonstra que verdadeiramente gerou de si mesmo aquele a quem gerou, não para insistir na palavra *seio*, mas para afirmar a verdade, assim como não é por meio de membros do corpo que Deus quer, vê ou age. Os nomes desses membros se empregam para que, por meio das ações corporais, aprendamos o valor de suas operações.

11. Os costumes humanos não permitem, e a palavra do Senhor não aceita que o discípulo passe à frente do mestre, ou que o servo dê ordens ao senhor, porque um se submete ao outro, seja pela ignorância, como o ignorante ao conhecedor, seja pela fraqueza de sua condição, como o servidor ao senhor que domina. Sendo assim o modo comum de julgar, como diremos agora que Deus é criatura e que o Filho foi feito por Deus, quando nunca o nosso mestre e Senhor disse tal coisa de si mesmo a nós, seus servidores e discípulos, nem ensinou que seu nascimento tenha sido uma criação ou que Ele tenha sido feito? Também o Pai jamais declarou outra coisa a não ser que Ele (o Cristo) é o Filho, e o Filho afirmou unicamente que o Pai é seu próprio Pai, e que nasceu e não foi feito nem criado, quando disse: *Aquele que ama o Pai, ama também o Filho, que dele nasceu* (1Jo 5,1).

12. O que foi feito é criatura, não é filho, nascido por geração. O céu não é filho, a terra não é filha, e o mundo não nasceu. Sobre eles se disse: *Tudo foi feito por Ele* (Jo 1,3), e o Profeta disse: *Os céus são obras de tuas mãos* (Sl 101,26). Também disse o mesmo Profeta: *Não abandones a obra de tuas mãos* (Sl 137,8). Será acaso a pintura filha do pintor, o ferreiro terá por filha a espada, a casa será filha do arquiteto? Todas essas coisas são obra dos que as fabricam; mas o Pai tem somente um Filho, que nasceu dele.

13. Quanto a nós, na verdade, somos filhos para Deus, mas porque fomos feitos filhos. Pois, em certo tempo, fomos *filhos da ira* (Ef 2,3) e fomos feitos filhos para Deus pelo Espírito de adoção (cf. Rm 8,14-17), e, antes, somos filhos porque foi-nos concedido ser chamados de filhos, do que pelo fato de termos nascido. E porque tudo o que se faz, antes de ser feito, não existia, como não éramos filhos de Deus, fomos feitos o que somos. Antes não éramos filhos, mas, depois que nos foi concedido ser filhos, nós o somos. Não o somos por nascimento, mas porque fomos feitos filhos, não enquanto gerados, mas como adquiridos. Pois Deus adquiriu para si um povo (cf. 1Pd 2,9) e por isso nos gerou. Que Deus tenha gerado filhos, mas nunca no sentido de serem filhos por natureza, bem o sabemos, pois não disse: *Gerei e exaltei meus filhos*, mas: *Gerei filhos e os exaltei* (Is 1,2).

14. Por causa das palavras: *Filho primogênito meu, Israel* (Ex 4,22), talvez alguém entenda que tenha dito *primogênito meu* para negar ao Filho a geração que lhe é própria. Por ter dito também: *meu* em relação a Israel, não teria sido substituída pela geração a adoção dos que foram feitos filhos? E por isso não seria próprio somente do Filho de Deus o que dele se disse: *Este é o meu Filho dileto* (Mt 17,5), já que *meu* foi dito a respeito daqueles que, é evidente, não nasceram de Deus. Que não nasceram como filhos, apesar de serem assim chamados, também se vê por aquilo que foi dito: *O povo que há de nascer, que o Senhor fez* (Sl 21,32).

15. O povo de Israel nasce para ser feito. Pelo fato de se dizer que nasceu, não se deve entender que não tenha sido feito, pois é filho por adoção, não por geração. Não é filho por natureza, mas porque recebeu esse nome. Embora esteja escrito a seu respeito *primogênito meu*, é grande a diferença entre *meu Filho dileto* e *filho primogênito meu*. Onde há natividade, aí está *Meu Filho dileto*. Quando se trata de eleição dentre as nações, e a adoção vem da vontade, aí se diz: *filho primogênito meu*. Aqui, a palavra se refere ao primogênito, lá, ao Filho. Na natividade, Filho é, em primeiro lugar, *seu* e, por isso, *dileto*. Na eleição, é, em primeiro lugar, primogênito, depois é *seu*. Porque foi adotado como Filho entre todos os povos, é próprio de Israel ser primogênito. Já ao Filho único, que nasceu como Deus, é próprio ser Filho. Não há verdadeira e perfeita natividade, onde a geração é apenas atribuída. Não há dúvida de que aquele povo que nasceu como filho tenha sido feito filho. Porque se fez o que não era, e porque dele foi dito que nasceu como filho, porque foi feito filho, não se trata de verdadeira natividade, visto que, antes de nascer, era outra coisa. Por isso não era filho antes de nascer, isto é, antes que fosse feito filho. O filho retirado dentre os povos é mais um povo do que um filho, não é verdadeiro filho, visto que não foi sempre filho. Ao contrário, o Deus Unigênito nem existiu em tempo algum sem ser Filho, nem foi coisa alguma antes de ser Filho. Como é sempre Filho, não se pode entender que não tenha existido em algum tempo.

16. Os homens, quando nascem, não existiam no tempo, primeiro, porque todos nascem daqueles que não existiam antes. Embora cada um dos que nascem tenha na sua origem alguém que existia, este mesmo do qual ele nasce não existia antes de ter nascido. Além disso, aquele que nasce nasceu depois de não ter existido, porque antes que nascesse já existia tempo, pois, tendo nascido hoje, não existia ontem. Começou a ser a partir do que não era. Vê-se claramente que o que hoje nasce não existia ontem. E assim, seu nascimento, pelo qual existe, vem depois do tempo no qual não existia. Porque é

forçoso que *ontem* venha primeiro e depois venha *hoje*, deve ter havido um tempo em que não tenha existido. Isto é comum à origem da existência humana. Tudo teve seu início, porque antes não existia. Isto acontece em primeiro lugar, como ensinamos, em relação ao tempo, em seguida em relação à causa. Quanto ao tempo, não há dúvida de que aquilo que agora começa a ser antes não existia; quanto à causa, porque consta que sua existência não é devida a uma causa. Estuda todas as causas das origens e volta tua inteligência para o que é anterior: nada encontrarás que tenha começado por uma causa. Tudo é criado para ser o que é pela força de Deus, não nasce de outra coisa. Pertence à natureza de cada gênero de seres, por esta mesma sucessão, não ter existido e começar a ser, pois existem depois do tempo e no tempo. Como todas as coisas começaram a existir depois do tempo, recebem seu princípio daquilo que antes não existia, pois nascem dos que em algum tempo não existiam. O próprio pai do gênero humano, Adão, saiu da terra, que veio do nada, e depois do tempo, isto é, depois do céu, da terra, do dia, do sol, da lua e dos astros. Não teve origem pelo nascimento e começou a existir depois de um tempo em que não existia.

17. Como não existiu tempo algum anterior ao Deus Unigênito, não se pode admitir que, em algum tempo, não tenha existido, pois Ele mesmo é anterior a *algum tempo*. Além disso, *não ter existido* já se refere ao tempo e, portanto, o tempo não começaria a existir depois dele, mas Ele mesmo teria começado a ser depois do tempo, pois se não existisse antes do tempo anterior ao seu nascimento, este tempo em que não existia seria anterior a Ele. Em seguida, não se pode entender que o que nasceu daquele *que é* tenha nascido daquele que não foi, porque *Aquele que é* é a causa do seu ser, e o não ser não pode ser origem do seu nascimento. Portanto, se Ele não existe no tempo, de tal maneira que tenha deixado de existir, e se também não está no Pai, isto é, no Criador, subsistindo a partir do nada, então não é possível que tenha nascido do nada, nem que não tenha existido antes de nascer.

18. Bem sei que muitos deles têm a mente obscurecida pela impiedade. Sua mente não entende o mistério de Deus e, dominada pelo espírito adverso, simulando professar a verdadeira religião, são levados a caluniar a Deus com furor. Costumam encher os ouvidos dos mais simples, dizendo: *Nós dizemos que o Filho sempre existiu e que nada lhe faltou em tempo algum. Ensinamos que não nasceu porque sempre existiu, porque, em conformidade com o senso comum humano, o que sempre existiu não pode ter nascido, já que a causa de nascer é que venha a existir o que não existia, e o nascimento é o começo da existência do que não era.* Acrescentam ainda esta sentença muito arguta e agradável aos ouvidos: *Se nasceu, começou a ser, se começou a ser, não era e, se não era, não se aceita que tenha sido.* Por isso, defendem estar de acordo com a fé sua interpretação, segundo a qual: *Não existia antes de nascer;* porque o que não existia nasceu para existir, pois não existia. O que existia não precisou nascer, já que nasceu para existir, porque não existia.

19. Em primeiro lugar seria necessário que os homens, que a tudo preferem o conhecimento da ciência religiosa das realidades divinas, quando se mostra a verdade da pregação evangélica e apostólica, rejeitassem as tortuosas questões de uma filosofia astuciosa, e seguissem a fé que tem seu fundamento em Deus; porque o sofisma da interrogação silogística deixa, facilmente, desprotegida a fé de uma inteligência fraca. A proposição capciosa apresentada em forma de interrogação pode privar de todo o sentido uma resposta simples e condizente com a pergunta, de sorte que aquilo que se perde pela afirmação já não será sentido pela consciência. Pois o que estaria mais de acordo com a interrogação de quem pergunta se algo existe antes de nascer, do que dizer que não existia antes de nascer? Nem pela natureza, nem pela necessidade o que é deve nascer, pois nascer é necessário somente para que algo exista e não porque já existe. Se isto for aceito por nós, porque temos razões para concedê-lo, ficaremos privados da consciência da fé e, já capturados, concordaremos com os ensinamentos ímpios

e estranhos.

20. Prevendo isso, o Santo Apóstolo Paulo, como muitas vezes já demonstramos, nos adverte dizendo: *Tomai cuidado para que ninguém vos escravize por vãs e enganosas especulações da filosofia, segundo a tradição dos homens, segundo os elementos do mundo, e não segundo o Cristo, no qual habita corporalmente toda a plenitude da divindade* (Cl 2,8-9). É preciso precaver-se contra a filosofia, e as tradições humanas não devem ser apenas evitadas, mas refutadas. Não se pode permitir que, além de enganar, consigam convencer porque, pregando nós a Cristo, virtude de Deus e sabedoria de Deus, convém-nos não tanto fugir das doutrinas humanas quanto repeli-las. Aos mais simples, para que não se deixem espoliar, será preciso protegê-los e instruí-los. Já que a sabedoria tudo pode e Deus pode fazer tudo sabiamente, não faltará força à sua razão nem razão à sua força. É necessário que aqueles que pregam Cristo ao mundo oponham às doutrinas irreligiosas e imperfeitas do mundo a ciência da sábia onipotência, conforme as palavras do bem-aventurado Apóstolo: *Nossas armas não são carnis, mas são o poder de Deus para destruir fortalezas. Destroem os raciocínios presunçosos e todo poder altivo que se levanta contra o conhecimento de Deus* (2Cor 10,4-5). O Apóstolo não permite que a fé se veja desarmada e destituída de razão, porque, embora seja importantíssima para a salvação, se não for instruída pela doutrina, oferecerá, na verdade, um refúgio seguro contra a adversidade, mas não conservará sempre a firmeza para resistir. Será o que é o acampamento para os fracos que, depois da fuga, já não têm a impávida coragem dos invasores. Por isso, devem ser esmagadas as insolentes afirmações contra Deus, destruídos os falazes argumentos e subjugados os espíritos que se elevam com impiedade, não por meio de armas carnis, mas espirituais, não pela doutrina terrena, mas pela sabedoria celeste, de tal modo que o conhecimento das coisas celestes seja tão diferente das invenções terrenas quanto é diferente o divino do humano.

21. Cesse, portanto, esta pérfida solicitude e não julgue que, pelo fato de não ser entendido por ela o que somente nós entendemos e cremos corretamente, nós o negamos. Quando afirmamos ter o Filho nascido, não professamos que não tenha nascido, pois não é a mesma coisa não ter nascido e nascer. Não ter nascido significa não proceder de ninguém, nascer significa vir de outro. É diferente ser sempre eterno, e ser co-eterno com o Pai, isto é, o Princípio. Onde está o Pai, como princípio, aí há nascimento, e onde o princípio é eterno, há eternidade de nascimento. porque, como o nascimento vem do que é o seu princípio, o nascimento eterno vem do Princípio eterno. Tudo o que é, sempre, também é eterno. Mas nem tudo o que é eterno é também não nascido, porque o que nasce do eterno é eterno porque nasceu, porém, o que não nasceu não nasceu eternamente. Se, porém, o que nasceu do eterno não nasceu como eterno, o Pai não será o princípio eterno. Se o que nasceu do Pai eterno não possui a eternidade, também Aquele que é o seu princípio não a possui, porque o que é infinito para o que gera também é infinito para o que nasce. Nem a razão nem o bom senso admitem um meio termo entre a natividade de Deus Filho e a geração de Deus Pai, porque na geração está o nascimento e, no nascimento, a geração. Ambos existem inseparavelmente, porque um não existe sem o outro. Portanto, o que não tem consistência a não ser a partir de ambos não pode permanecer senão em ambos, já que um não pode existir sem o outro de modo algum, e não se pode considerar um independentemente do outro.

22. Mas, afirmará alguém, incapaz de entender o mistério: o que nasceu não existia antes, porque para isto nasceu: para ser.

23. Quem duvida, na verdade, de que, no que se refere às coisas humanas, quem nasceu antes não tenha existido? Mas, uma coisa é nascer daquele que não era, outra coisa é nascer daquele que sempre é. Toda infância, que antes não era, começa a existir do tempo. E ainda, cresce, a partir dela, na

puerícia, depois até a adolescência, e chega a tornar-se pai. E aquele que chegou à adolescência, vindo da puerícia, à qual chegou vindo da primeira infância, não foi sempre pai. Portanto, aquele que nem sempre foi pai não gerou sempre. Onde, porém, o Pai existe sempre, o Filho também existe sempre. Se tens no pensamento ou no coração um Deus, e se ao mistério do seu conhecimento é próprio ser Pai, mas não ser sempre Pai do Filho gerado, também sabes e conheces que Aquele que foi gerado nem sempre é Filho. Porém, se é próprio do Pai ser sempre Pai, forçoso é que seja sempre próprio do Filho ser Filho. E como se ajustará às nossas palavras e à nossa inteligência que Aquele a quem é próprio sempre ter nascido não tenha existido antes de nascer?

24. O Deus Unigênito, que tem em si a forma e a imagem de Deus invisível, pela plenitude da verdadeira divindade que tem em si, se iguala ao Pai em tudo que é próprio de Deus, pois, como acima ensinamos, por seu poder e dignidade Ele, como o Pai, também é digno de honra e é poderoso. Como o Pai existe sempre, também o Filho, por ser Filho, existe sempre em comunhão com o Pai. Conforme o que foi dito a Moisés: *Enviou-me a vós Aquele que é* (Ex 3, 14), não há dúvida de que é próprio de Deus *ser*, porque não se pode dizer nem entender que o que é não seja. Ser e não ser são contrários, e estes significados diferentes não podem unir-se em um só e o mesmo, porque, existindo um, não há o outro. Por conseguinte, onde há ser, não podemos pensar nem dizer que não haja nada. Quando nosso pensamento retrocede até as origens e procura compreender o que é Deus, o próprio fato de *ser* é anterior a tudo o que se possa pensar, por mais que o pensamento retroceda no tempo ou no espaço, porque o que é infinito em Deus sempre se esquivava ao nosso espírito, que tenta abranger o infinito, e nosso esforço para recuar até o princípio não consegue perceber nada anterior a isto: *Deus sempre é*. Quando tentamos avançar para a eternidade, só nos vem ao encontro, para que se possa entender a Deus, o fato de que Ele existe sempre. Os Evangelhos nos ensinam o mesmo que é dito por Moisés a respeito de Deus, e o bom senso não permite entender nada de diferente. É próprio do Deus Unigênito o ser, porque no princípio era o Verbo, e estava junto de Deus, e era a luz verdadeira. E o Deus Unigênito está no seio do Pai, e Jesus Cristo é Deus sobre todas as coisas.

25. O Verbo era e é porque procede daquele que sempre *é o que é*. Proceder dele, isto é, do Pai, é nascer dele. E ser sempre, vindo daquele que sempre é, significa eternidade, que não vem de si mesma, mas do eterno. Do que é eterno, não vem nada que não seja eterno. Se não é eterno, também o Pai, que é o princípio da sua geração, não é eterno. É próprio do Pai ser sempre Pai e é próprio do Filho ser sempre Filho. Como *ser* significa a eternidade, é próprio dele ser eterno, pela mesma razão pela qual Ele é aquilo que lhe é próprio. Ninguém tem dúvida de que a geração indica a natividade, e a natividade não indica o que não é, mas sim o que é. Também não se pode duvidar de que quem já existia não nasce, porque não haveria razão para que nascesse Aquele que por si já existe desde sempre. O Deus Unigênito que também é Sabedoria e Poder de Deus e é o Verbo de Deus, tendo nascido, dá testemunho de que o Pai é seu princípio. Por ter nascido antes dos tempos eternos, com seu nascimento se antecipa a todo o entendimento. Por isso, não se pode dizer que não existia antes de nascer. Se pudéssemos dizer que não existia antes de nascer, então, a nossa razão e o tempo seriam anteriores ao seu nascimento porque tudo o que não existiu em algum momento está submetido ao tempo e à nossa razão, justamente pelo próprio fato de não ter existido, visto que *não ter existido* já se refere a um período de tempo. Aquele, porém, que é desde a eternidade, e sempre existiu, nem existe sem nascer, nem deixou de ser, já que *ter existido sempre* significa transcender o tempo, e *ter nascido* significa ser Filho.

26. Professamos, sim, que o Deus Unigênito nasceu, mas nasceu antes dos tempos eternos porque é necessário dar testemunho daquilo a que nos obrigam as palavras dos Apóstolos e dos Profetas.

Contudo, a mente humana não apreende a idéia da natividade intemporal, porque o poder ter nascido antes de todos os tempos não se ajusta às realidades terrenas. Mas como é justamente isso o que nós pregamos e afirmamos, como podemos dizer, segundo a mesma doutrina, que não existia antes de nascer, se, segundo o Apóstolo, o Deus Unigênito existe antes dos tempos eternos? (Cf. 2Tm 1,9; Tt 1,2.) A afirmação de que tenha nascido antes dos tempos eternos não é uma afirmação da razão humana, mas é profissão de fé prudente, porque a natividade vem de um princípio, e o que ultrapassa os tempos é eterno. A inteligência terrena não apreende o que nasceu antes dos tempos eternos. Por isso exaltamos com ímpia vontade a capacidade da razão humana quando afirmamos, à semelhança do que ocorre no mundo, que não existia antes de ter nascido porque bem além da capacidade de compreensão da mente humana e da inteligência do mundo, nasce o que é eterno. Pois é eterno o que ultrapassa o tempo.

27. Podemos abranger todos os tempos, seja com a imaginação, seja com o entendimento. O que existe agora, sabemos que não existiu ontem, porque aquilo que existiu ontem, agora não existe; aquilo que agora existe, existe somente agora, não existia ontem. De tal forma medimos com o pensamento as coisas passadas que, achando-nos diante de uma cidade já construída, não duvidamos de que tenha havido um tempo no qual esta cidade ainda não existisse. E já que o tempo está submetido ao conhecimento ou à imaginação, julgamos de acordo com a capacidade da inteligência humana, e acreditamos ter sido dito com razão, a respeito de alguma coisa, que *não existiu antes de nascer*, porque o tempo existe sempre, antes da origem, seja do que for. Contudo, no que diz respeito às coisas de Deus, isto é, à natividade de Deus, tudo existe antes do tempo e é eterno. Não é possível dizer *antes de ter nascido* em relação Àquele a quem é prometida a eternidade dos tempos, de acordo com o que disse o santo Apóstolo: *na esperança da vida eterna, antes dos tempos eternos, prometida pelo Deus que não mente* (Tt 1,2). Não se pode compreender que tenha começado a existir depois de outra coisa. Aquele que é preciso confessar como existente antes dos tempos eternos.

28. Se não pertence à natureza humana nem pode ser compreendido pela mente do homem que algo nasça antes dos tempos eternos, cremos, no entanto, nas declarações de Deus a respeito de si mesmo. Como, usando a compreensão humana, a infidelidade repete em nosso tempo que não existiu antes de nascer. Aquele de quem a fé apostólica, mesmo sem a capacidade de compreender o eterno, afirmou que sempre nasceu, isto é, que existe antes dos tempos eternos? O que nasceu antes dos tempos existiu sempre como nascido, pois o que existe antes dos tempos eternos existe sempre. E o que existe sempre como nascido não pode não ter sido em algum tempo, porque não ter sempre existido significa não existir sempre, pois existir sempre exclui o não ter sido sempre. Excluído o não ter sido sempre, dado que nasceu desde sempre, não tem sentido pensar que não tenha sido antes de nascer. Deve-se pensar que Aquele que nasceu antes dos tempos eternos nasceu desde sempre, embora não possamos compreender o que significa ter nascido antes dos tempos. Porém, como se deve afirmar, com toda certeza, que nasceu antes de toda criatura, invisível ou corpórea, antes de todos os séculos e tempos eternos e antes de todo o pensamento, de modo algum se pode conceber que não tenha existido antes de nascer. Aquele que sempre existe por ter nascido antes dos tempos eternos, porque o que nasceu antes dos tempos eternos é anterior a todo pensamento e não se pode pensar que não tenha existido alguma vez. Aquele de quem se deve confessar ter existido sempre.

29. Com argúcia, porém, esta questão capciosa se antepõe: se, diz ela, não tem sentido pensar que não existia antes de ter nascido, só nos resta crer que o que já existia nasceu.

30. Responderei ao opositor: *acaso tu te lembras de ter-me ouvido dizer outra coisa a não ser que nasceu? Acaso existir antes dos tempos eternos é o mesmo que nascer aquele que já existia?* Porque

nascer o que existia já não é nascer, mas mudar-sea si mesmo por ter nascido. *Ter nascido sempre* quer dizer anteceder, no nascimento, toda idéia de tempo e significa total impossibilidade de pensar que em algum tempo não tenha nascido. Na verdade não é a mesma coisa *ter nascido antes dos tempos eternos* e *existir antes de nascer*. Pois, *ter nascido sempre antes dos tempos eternos* exclui o não ter existido antes de nascer.

31. Além do mais, não é possível dizer que existia antes de nascer, porque aquilo que ultrapassa o pensamento em nada se submete ao pensamento. Se o ter sempre nascido está além do pensamento, também não é possível pensar que não tenha existido antes de nascer. Como temos de reconhecer que ter sempre nascido não é diferente de ter nascido, não podemos saber se existia ou não antes de nascer, porque o próprio fato de ter nascido antes dos tempos eternos ultrapassa a nossa compreensão. Portanto nasceu e existe sempre, porque, a seu respeito, nada se pode entender ou dizer, a não ser que nasceu. Como é anterior ao tempo no qual se pode pensar (porque o tempo eterno é anterior ao pensamento) não se pode aceitar que o pensamento julgue, a seu respeito, se existia ou não antes de nascer, porque existir antes de nascer não é compatível com o nascimento e não ter sido já pertence ao tempo. O infinito dos tempos eternos exclui toda idéia de tempo, isto é, a existência antes de nascer, porque, se sua existência ou não existência estivessem submetidas à nossa capacidade de julgamento, seu próprio nascimento viria depois do tempo, já que o que não existe sempre necessariamente teria de começar a ser depois de alguma coisa.

32. A conclusão da fé e do discurso, bem como do pensamento, é que o Senhor Jesus Cristo nasceu e existe sempre, porque, se a mente retroceder às origens para perscrutar o que se disse sobre o Filho, nada virá ao pensamento de quem perscruta a não ser que nasceu e existe sempre. Por conseguinte, como é próprio de Deus Pai existir sempre, sem nascimento, também pertence ao Filho existir sempre pelo nascimento. O nascimento não indica outra coisa a não ser que há um Pai, e a palavra Pai nada indica a não ser o nascimento. Nem o nome nem a natureza permitem que haja um termo médio. Pois o Pai não é sempre o Pai quando não há sempre um Filho, mas se Ele é sempre Pai, também existe sempre o Filho. Enquanto se negar ao Filho que seja Filho, também se negará ao Pai o ser Pai, e assim não será sempre Pai. Neste caso, mesmo tendo sido sempre Deus, não possuiria, como Pai, aquela infinidade pela qual é Deus.

33. A ímpia profissão de fé chega a tal ponto que não só atribui ao Filho o ter nascido no tempo, mas também priva o Pai da geração, porque a geração se dá no tempo da natividade.

34. Julgas, ó herege, estar de acordo com a piedade e a religião confessar que Deus sempre existiu, sem confessar que seja Pai? Se pensas que isto está de acordo com a piedade, condenas a impiedade de Paulo, que diz que o Filho existe antes dos tempos eternos (cf. 2Tm 1,9); também acusas a Sabedoria, que atesta, a respeito de si mesma, ter sido fundada antes dos séculos e diz que estava ao lado do Pai, quando criava o céu (cf. Pr 8,23 [LXX]; 8,27). Mas tu, para atribuir ao Pai um início, enquanto Pai, distingue antes o início dos tempos em que começaram, porque, se começaram, o Apóstolo, que os declarou eternos, é mentiroso. Costumas contar os tempos pela criação do sol e da lua porque sobre eles está escrito: *E sejam sinais para os tempos e para os anos* (Gn 1,14). Mas o que existe antes do céu, o que, na vossa opinião também é anterior ao tempo, é Ele mesmo, anterior aos séculos. E não é apenas anterior aos séculos, mas também às gerações e gerações anteriores aos séculos. Por que aprisionas nas coisas caducas, terrenas e estreitas, as divinas e infinitas? Em Cristo, Paulo não conhece senão a eternidade dos tempos. A Sabedoria não diz que é posterior a algo, mas que é anterior a tudo. Em teu parecer, os tempos foram estabelecidos a partir do sol e da lua. No entanto, Davi mostrou que Cristo existe antes do sol, quando disse: *o seu nome é anterior ao sol* (Sl 71,17). Para não

judgares que o que é de Deus começou com o início da lua, o mesmo Davi disse: *E antes da lua, as gerações de gerações* (Sl 71,5). Os tempos, aqui, não são levados em consideração por homens tão ilustres, dignos do espírito da profecia, e não resta à inteligência humana nenhuma possibilidade de estender-se até aquilo que existe antes da natividade e que ultrapassa os tempos eternos. Mas a fé verdadeira só tem este modo de ver: o Senhor Jesus Cristo é o Deus Unigênito e é preciso professar a sua perfeita natividade, sem ignorar que é eterno na adoração da sua divindade.

35. Quando somos acusados de mentir, também é censurada a doutrina apostólica, que professa a natividade e, igualmente, a eternidade do nascimento, pois a natividade atesta que existe um Pai, mas, por outro lado, a eternidade do mistério da divina natividade excede o modo humano de pensar. Serviu de argumento aos hereges a palavra da Sabedoria sobre si mesma, que, segundo eles, diz ter sido criada: *O Senhor me criou para o início de seus caminhos* (Pr 8,22).

36. Tu, ó miserável herege, empregando as armas que foram concedidas à Igreja para opor-se à Sinagoga, investes contra a fé da pregação eclesiástica para usá-la contra a salvação universal. Pretendes provar com estas palavras ser Cristo criatura, em vez de fazer calar o judeu, que nega a divindade de Cristo antes dos séculos eternos e a ação do poder de Deus em todas as suas obras e ensinamentos. Para isso usas estas palavras da Sabedoria subsistente! Ela disse que foi criada para o início dos caminhos de Deus e para suas obras desde o começo dos séculos, para que não se julgasse que existiu antes de Maria, porém não disse que tinha sido criada para indicar sua natividade, porque foi criada para o início dos caminhos de Deus e suas obras. Para que ninguém cresse que o começo dos caminhos, que, na verdade, é o começo do conhecimento humano das coisas divinas, significa a sujeição da natividade infinita ao tempo, declarou ter sido constituída antes dos séculos. Já que não é a mesma coisa *ser criada para o início dos seus caminhos e para suas obras e ser constituída antes dos séculos*, deve-se entender que a sua constituição é anterior à criação, e o fato de ter sido constituída para as suas obras antes dos séculos demonstra o mistério da sua criação; porque a constituição é anterior ao tempo, e a criação para o início dos caminhos e para as obras é posterior ao tempo.

37. Não só disse isto, mas para que nem a criação nem a fundação prejudicassem a fé na divina natividade, acrescentou: *Antes que se fizesse a terra, antes de serem implantados os montes, antes de todas as colinas, fui gerada* (Pr 8,25). Foi gerado antes que existisse a terra Aquele que foi estabelecido antes dos séculos, antes, não apenas da terra, mas também dos montes e das colinas, porque a Sabedoria fala de si mesma e diz mais do que o que se ouve. Tudo o que se diz para dar a conhecer o infinito deve ser de tal modo que não resulte posterior no tempo a nenhuma coisa ou espécie. Aliás, nenhuma coisa temporal é adequada para indicar o que seja a eternidade, porque, justamente, por serem posteriores a outras coisas, por si mesmas não dão a conhecer a origem do infinito, já que tiveram um início temporal. Pois, que há de tão extraordinário no fato de que Deus tenha gerado o Cristo Senhor antes da terra, se a origem dos Anjos é mais antiga que a criação da terra? Ou, por que aquele que se diz gerado antes da terra se revela como nascido antes dos montes, e não só dos montes, mas também das colinas, se as colinas são mencionadas depois dos montes, e é evidente que os montes existem depois da terra? Por tudo isso não se pode pensar que tais coisas são ditas para que se entenda que existe antes das colinas, dos montes e da terra Aquele que, em virtude de sua eternidade infinita, precede até mesmo o que existe antes da terra, dos montes e das colinas.

38. A palavra divina não nos deixou sem uma explicação, pois mostrou a razão do que foi dito, com as palavras que se seguem: *Deus fez as regiões e os lugares habitáveis e inabitáveis e os cimos que são habitados debaixo do céu. Quando preparava o céu e quando escolhia a sua morada, eu estava com Ele. Quando, acima dos ventos e nas alturas dos céus, fazia as nuvens poderosas e colocava as fontes*

sob o céu e estabelecia os fortes fundamentos da terra, eu estava junto dele dispondo todas as coisas (Pr 8,26-30 [LXX]). Como pode haver aqui lugar para o tempo? Até onde é permitido à inteligência humana estender-se para além da natividade infinita do Deus Unigênito? Não se pode compreender sua geração pela comparação com as coisas que a mente pode conceber, porque Ele é anterior a todas elas. Os hereges atribuem-lhe somente o ter nascido antes das coisas temporais, pois, embora seja anterior a elas no tempo, não é infinito. Como estas coisas estão submetidas ao tempo, pelo próprio fato da criação, Ele, embora seja anterior a todas elas, não está livre do tempo, porque a criação temporal dessas coisas mostra que Ele nasceu no tempo ainda que tenha nascido antes, pois, o que precede as coisas temporais é temporal como elas.

39. A palavra de Deus e a doutrina da verdadeira sabedoria dizem coisas perfeitas e revelam a verdade absoluta quando ensinam que Ele não é anterior àquilo que é temporal, mas sim ao que é infinito. Ao ser criado o céu, ele estava junto de Deus. Acaso a criação do céu está, para Deus, encerrada no que é temporal, como se, de repente, lhe brotasse o pensamento na mente, antes adormecida, e, de modo humano, fosse buscar os instrumentos necessários para fabricar os céus? É bem diferente a idéia do Profeta sobre as operações de Deus, quando diz: *Pela palavra do Senhor se firmaram os céus, e pelo sopro de sua boca, todos os seus exércitos* (Sl 32,6). Os céus precisaram, para se firmarem, da ordem de Deus, pois sua grandeza e sua força, na constituição de sua firmeza inalterável, não vieram de alguma combinação e mistura de matérias, mas existem pelo sopro dos lábios divinos. Que significa que a Sabedoria gerada por Deus estava a seu lado quando preparava o céu, já que a criação do céu não resulta de uma preparação? Não pertence à natureza de Deus deter-se no pensamento do preparo da obra? Nada do que existe deixou de estar sempre com Deus, pois, embora todas as coisas tenham começado, no que se refere à sua criação, no que diz respeito à ciência e ao poder de Deus, não tiveram início. Disso o Profeta nos dá testemunho ao dizer: *Deus, que fizeste tudo o que há de existir* (Is 45,11; LXX). As coisas futuras, embora ainda estejam para ser criadas do ponto de vista da criação, já estão feitas, para Deus, para quem nada há de novo nem de repentino naquilo que há de ser criado, pois o desígnio divino realizado no tempo é de que sejam criadas. Já foram criadas na presciente eficácia do divino poder. E por isso, a Sabedoria, ao ensinar ter nascido antes dos séculos, não só se declara anterior ao que foi criado, mas afirma ser coeterna às coisas eternas, isto é, à preparação do céu, como também à separação da morada de Deus. A morada de Deus não foi separada quando foi feita, porque uma coisa é separar a sua morada, outra é orná-la. O céu não foi criado quando foi preparado, mas ela estava junto do que preparava e separava. Depois, dispunha as coisas com o que preparava. Revela sua eternidade por estar junto do que prepara, e a seu serviço, quando dispõe as coisas junto com o que as cria. Por isso também diz que foi *gerada antes da terra, dos montes e das colinas*. Porque ensinava que também estava presente na preparação do céu para demonstrar que já então, quando o céu era preparado, todas estas coisas já estavam feitas em Deus, para quem nada é novo.

40. A preparação dos seres que devem ser criados é eterna. O conjunto do universo não foi planejado por partes, de forma que primeiro Deus tenha planejado o céu, depois tenha refletido e pensado na terra, e que tenha pensado em cada coisa por sua vez, de sorte que primeiro tenha estendido as planícies, em seguida, depois de pensar melhor, tenha feito elevar-se os montes, e depois as colinas trouxessem uma variação, e numa quarta vez também os cumes se tornassem habitáveis e, uma vez feito o céu, Deus separasse a morada para si e as nuvens do alto se tornassem poderosas para conter as rajadas do vento. Em seguida as fontes teriam jorrado com segurança e, por último, a terra se afirmaria sobre sólidos fundamentos. A cada um de todos estes, a Sabedoria se declara anterior. Já que

tudo o que há debaixo do céu foi feito por Deus e a seu lado, quando se fundava o céu, estava Cristo, anterior à própria eternidade da preparação do céu, não é possível pensar haver em Deus idéias parceladas das coisas, porque a preparação de tudo isto é coeterna a Deus. Pois, embora tenham sua própria ordem, segundo Moisés, a consolidação do firmamento, o surgimento da terra seca, a reunião dos mares, a constituição dos astros, a geração das águas e da terra para produzir a partir de si mesma, os animais (cf. Gn 1,6-25), contudo na criação do céu e da terra e dos outros elementos nem por um mínimo intervalo de tempo se pode separar a ação de Deus, porque sua preparação se realizou em Deus na eternidade.

41. Cristo, embora estivesse presente junto a Deus nessas coisas infinitas e eternas, somente nos permitiu o conhecimento de sua natividade, de modo que, assim como o conhecimento da natividade é vantajoso para a fé em Deus, da mesma forma o conhecimento da eternidade aproveita à religião recebida, porque nem a razão nem o bom senso admitem que se afirme a existência de mais de um Filho daquele Pai que é eterno.

42. Perturba-nos a palavra *criação* e sua confissão. A palavra *criação* poderia abalar-nos, se não houvesse sido proclamada a natividade antes dos séculos, e a criação *para o início dos caminhos de Deus e para as suas obras*. Não se pode substituir a palavra *criação* por *natividade*, porque a natividade é anterior a qualquer causa, mas a criação tem sempre uma causa. Aquele que é criado para o início dos caminhos de Deus e das suas obras existia antes da preparação do céu e já estava estabelecido antes dos séculos. Terá o mesmo sentido: *ter sido criado para o início dos caminhos de Deus e das suas obras e nascer antes de todas as coisas?* A primeira afirmação diz respeito ao tempo em que se opera, a outra, porém, tem um sentido intemporal.

43. Talvez queiras entender que *ser criado para uma obra* signifique ter sido criado por causa das obras, isto é, que Cristo tenha sido criado por causa das obras a ser realizadas, sendo, assim, um servo e realizador material das coisas criadas. Seria mais o servo e o executor do mundo do que Aquele que nasceu como Senhor da glória. Pareceria ter sido criado para o serviço de criar o mundo, não tendo sido sempre o Filho da dileção do Rei dos Séculos (cf. Ap 5,3), embora a opinião comum recuse este teu ímpio modo de pensar, já que uma coisa é ser criado para o início dos caminhos de Deus e para suas obras e outra, nascer antes dos séculos. Assim, para que não afirmes de modo enganoso que o Senhor Cristo foi criado por causa da obra do mundo, este mesmo texto se opõe às tuas opiniões, porque mostra a Deus e Pai como autor e criador de tudo o que existe. Isto é certo, porque Cristo estava presente dispondo com Ele todas as coisas. Porque toda Escritura iria falar do Senhor Jesus Cristo como criador do mundo, agora aparece a Sabedoria para eliminar qualquer ocasião de impiedade. Também ela declarou ser Deus Pai o artífice do mundo, porém ensinou que estava presente junto daquele que preparava. A Sabedoria dispunha, junto com Ele, e estava junto do que preparava. Por isso mesmo deve-se entender não ter sido criada para as obras, porque estava presente na preparação eterna das obras futuras, e, porque compunha com o que dispunha, demonstra que a Escritura não é mentirosa.

44. Pela revelação da doutrina católica, reconhece, ó herege, em primeiro lugar o que significa ter sido criado para o início dos caminhos de Deus e para as suas obras. Deves admitir pelos ditos da própria Sabedoria a insensatez de tua impiedade, pois ela assim começa: *Se eu vos dissesse o que se faz cada dia, lembrar-me-ia de enunciar aquelas coisas que existem desde o começo dos séculos* (Pr 8,22; LXX). Antes já tinha dito: *A vós, ó homens, suplico, e levanto minha voz para os filhos dos homens. Entendei, ó simples, a sagacidade. Ignorantes, abri o coração* (Pr 8,4-5), e: *Por mim, reinam os reis, e os poderosos decretam o que é justo. Por mim, os príncipes se engrandecem e por mim os soberanos*

governam a terra (Pr 8,15-16), e de novo: *Ando pelas veredas da eqüidade e vou pelo caminho da justiça, para repartir a riqueza com os que me amam, e encher de bens os seus tesouros* (Pr 8,20-21). A Sabedoria não esconde sua obra diária. Em primeiro lugar, exorta com instância a todos para que os simples entendam a sagacidade, e os ignorantes abram o coração, para que o leitor diligente considere atentamente os diversos sentidos das palavras. Ensina que todas as coisas se realizam, se louvam, se alcançam, se obtêm, com seus métodos e que estão nela os reinos dos soberanos, a prudência dos poderosos, as obras grandiosas dos príncipes e o direito de governar a terra concedido aos reis. Mostra que não tem parte na iniquidade nem pode ser encontrada no meio da injustiça, para oferecer aos que a amam o tesouro dos bens eternos e das riquezas incorruptíveis. Quando anuncia o que acontece todo dia, lembra-se de enumerar aquelas coisas que existem a partir do início do tempo. E agora, que tolice é esta de imaginar que aquelas coisas que disse que existiam desde o princípio foram feitas antes dos tempos? As coisas que existem desde o princípio do mundo foram feitas depois do começo do tempo, mas o que é anterior ao tempo veio antes da criação do mundo que lhe é posterior. A Sabedoria, que declarou que iria lembrar as coisas que existem desde o começo dos tempos, disse: *O Senhor me criou para o início dos seus caminhos e para suas obras*. Este é o sentido das coisas feitas desde o começo. Este ensinamento não diz respeito à geração, da qual se disse que é anterior aos tempos, mas sim ao plano salvífico que teve início desde o começo dos tempos.

45. É preciso perguntar o que significa que o Deus nascido antes dos séculos tenha sido para o início dos caminhos de Deus e para suas obras, visto que onde há natividade antes dos séculos, há também a eternidade da infinita geração; porém, se há também criação desde o início, para os caminhos de Deus e para suas obras, a causa da criação está relacionada às obras e aos caminhos. Em primeiro lugar, sendo Cristo a Sabedoria, devemos perguntar se é Ele o início dos caminhos das obras de Deus. Penso que não há dúvida, pois Ele disse: *Eu sou o caminho e: Ninguém vai ao Pai senão por mim* (Jo 14,6). O caminho guia os que andam, permite a corrida dos que têm pressa, oferece segurança aos ignorantes, é mestre das coisas desconhecidas e desejadas. Portanto, é criado para o início dos caminhos para as obras de Deus, porque é Caminho e conduz ao Pai. Deve-se procurar a razão desta criação que vem desde o início. Trata-se do mistério do desígnio salvífico definitivo, pelo qual Cristo, também criado no corpo, declarou ser o caminho das obras de Deus. Foi criado para os caminhos de Deus desde o início do tempo, quando, sujeitando-se à forma visível de criatura, assumiu o estado de criação.

46. Vejamos, então, para que caminhos de Deus e para que obras foi criada no início dos tempos a Sabedoria nascida de Deus antes dos séculos. Quando Adão ouviu a voz daquele que passeava no Paraíso, julgas que os passos do que passeava no paraíso foram ouvidos de outro modo a não ser sob a aparência da criação assumida, subsistindo em alguma criatura o que se ouviu passear? (Cf. Gn 3,8.) Não indago sob que aparência falava com Caim e Abel, ou com Noé. E como seria Aquele que abençoou Henoc? (Cf. Gn 4,6; 6,13; 5,24.) O Anjo conversa com Agar (cf. Gn 16,8-13) e é certamente o mesmo Deus. Acaso a aparência sob a qual o Anjo se mostra é a mesma daquele que possui a natureza de Deus? Certamente se mostra sob a aparência de Anjo, no mesmo lugar em que depois se fala da natureza de Deus. Mas, por que falo de Anjo? Um homem veio ao encontro de Abraão (cf. Gn 18,2), Cristo enquanto é Homem, no modo de ser de criatura, está presente tal como é enquanto é Deus? Fala como homem, tem um corpo, toma alimentos, no entanto é adorado como Deus. Certamente quem antes se mostrou como Anjo, agora também é Homem, para que não se entenda serem estas diversas formas assumidas de sua criação o aspecto que corresponde à natureza de Deus. Aparece em forma humana a Jacó, a ponto de lutar corpo a corpo com ele, segurar as suas mãos, esforçar-se com seus membros e inclinar-se para os lados, realizando todos os nossos movimentos e

gestos (cf. Gn 32,24-30). Depois, mostra-se a Moisés como fogo (cf. Ex 3,2) para aprenderes que a fé, na natureza criada, se refere mais à figura da natureza criada do que à substância própria da sua natureza. Teve, então, o poder de queimar, sem que estivesse submetido à necessidade natural de consumir-se, de modo que o fogo não causou à sarça nenhum dano.

47. Percorre os tempos, e procura entender como foi visto por Josué, filho de Nun, Profeta que tinha seu próprio nome (cf. Js 1,1), ou por Isaías, que disse tê-lo visto, como testemunha o Evangelho (cf. Is 6,1; Jo 12,41), ou por Ezequiel, a quem foi dado o conhecimento da ressurreição (cf. Ez 37,1-14). Daniel confessou o Filho do Homem no eterno reino dos séculos (cf. Dn 7,13-14). A muitos outros se apresentou sob o aspecto de várias criaturas, para o conhecimento dos caminhos de Deus e para as obras de Deus, isto é, para o conhecimento de Deus e para o bom êxito de nossa eternidade. Por que, então, a economia da salvação humana provoca um ataque tão ímpio contra o nascimento eterno? Esta criação pertence ao princípio dos tempos, porém o nascimento infinito tem lugar antes dos tempos. Contesta, com razão, nossas afirmações, se o Profeta, se o Senhor, se o Apóstolo, se qualquer palavra referente à eterna natividade empregou o nome de *criatura*. Pois em todos os casos, Deus, que é fogo abrasador, tomou a forma de uma criatura para voltar a deixá-la com o mesmo poder com que assumiu e é poderoso para eliminar de novo aquilo que fora feito apenas para que Ele pudesse ser visto.

48. A santa e verdadeira natividade da carne concebida no seio da Virgem foi dita pelo Apóstolo *feita e criada* porque nasceu a natureza e aparência própria de nossa condição de criatura. Certamente, segundo ele, o nome de *criatura* corresponde à verdadeira natividade, enquanto Homem: *Mas, quando veio a plenitude dos tempos, Deus enviou seu Filho, feito a partir de uma mulher, feito sob a Lei, para redimir aqueles que estão sob a Lei para conseguirmos a adoção de filhos* (Gl 4,4). Portanto, Aquele que existe como criatura no Homem como Homem, sendo não somente *feito*, mas *criado*, é o Filho de Deus, pois foi dito: *em conformidade com a verdade que está em Jesus; renunciando a vossa existência passada, precisais despojar-vos do homem velho que se corrompe sob o efeito das concupiscências enganosas, precisais ser renovados pela transformação espiritual de vossa inteligência e revestir o Homem Novo, criado segundo Deus* (Ef 4,21-24). Temos de revestir aquele Homem novo, que foi criado segundo Deus, pois o que era Filho de Deus também nasceu como Filho do Homem. Não se trata de nascimento da divindade, mas de criação da carne; por isso, o Homem novo, criado segundo Deus, nascido antes dos séculos, recebe o nome de seu gênero. O Apóstolo mostrou como foi criado o Homem novo segundo Deus, quando acrescentou: *Na justiça e santidade, que vêm da verdade* (Ef 4,24). Nele não havia dolo e tornou-se, para nós, justiça e santificação (cf. 1Cor 1,30). Ele mesmo é a verdade. Revestimos, portanto, este Cristo criado como Homem novo segundo Deus.

49. A Sabedoria, quando diz que se lembra de que foi feita desde o início, afirma que foi criada para as obras de Deus e para os seus caminhos. Ensina ter sido criada antes dos séculos, para que não parecesse que o mistério pelo qual assumiu, de modo tão variado e freqüente, a criação, mudasse sua natureza. Na verdade a firmeza de sua constituição não permite uma perturbação que afete seu ser. Por outro lado, para que não se pensasse que o *ter sido constituída* fosse uma alusão a algo diferente da natividade, declarou ter sido gerada antes de todas as coisas. Por que agora a criação é referida à natividade, se aquela que foi gerada antes de todas as coisas foi constituída antes dos séculos, e aquela que foi constituída antes de todos os séculos foi criada desde o início dos tempos para o início dos caminhos de Deus e suas obras, de tal modo que se pode entender que a criação no começo dos tempos é diferente daquela natividade que é anterior aos séculos e a todas as coisas? Não tem nenhuma desculpa a impiedade que pretende disfarçar o erro.

50. A fraqueza da inteligência pode dificultar a compreensão da fé de forma a não se poder entender a natureza da criação. Contudo, segundo o dito do Apóstolo, que atribui à verdadeira natividade o nome de *obra*, deve-se pensar que a criação, de maneira imprecisa mas não ímpia, deve levar à fé na geração eterna. Parece que o Apóstolo, quando ia anunciar o nascimento do que é Um e procede do que é Um, isto é, o nascimento do Senhor concebido pela Virgem, sem paixões humanas, não julgou ser fora de propósito dizer que Aquele sabia como tinha nascido e que freqüentemente anunciava que fora *feito de mulher* (Gl 4,4). Pretendia, porém, que a natividade nos mostrasse a verdade da geração e que a palavra *feito* afirmasse a natividade do que é Um procedendo do que é Um, porque a palavra *feito* exclui a concepção de uma vida originada de uma união humana, e por saber-se que foi feito de uma Virgem Aquele a respeito de cujo nascimento não havia dúvidas. Vê, ó herege, como és ímpio! Que Jesus Cristo tenha sido criado por Deus, não foi dito por nenhuma palavra evangélica ou apostólica. Foi dito, sim, que nasceu, mas tu negas a natividade e afirmas que Ele é criatura. Não o dizes de acordo com o sentido dado pelo Apóstolo, que afirma ter sido feito para que não se duvidasse de que tinha nascido como Um do que é Um, mas no sentido mais ímpio, de tal modo que, em tua opinião, Cristo não subsistiria como Deus por natividade natural, mas, antes, existiria como criatura, vindo do nada. É este o primeiro veneno da tua mente infeliz: não dizer que é também criatura o que nasceu, mas dizer que crês na criação e não na natividade. Isto é próprio de uma inteligência mesquinha, mas talvez não o seja de uma mente de todo irreligiosa. Podes ter dito *criado* para que se conhecesse sua natividade, vindo de Deus, sem nenhuma paixão, como o nascimento daquele que é Um procedendo do que é Um.

51. A fé apostólica não aceita nada disto, pois sabe que Cristo foi criado no tempo em vista da economia da salvação. Também sabe como nasceu na eternidade, anterior aos tempos. Tendo nascido de Deus, é Deus. Não há dúvida de que nele está a divindade da verdadeira natividade e perfeita geração. Quanto à divindade, nada mais professamos, a não ser que nasceu e que é eterno. Não nasceu depois de alguma coisa, mas antes de tudo. A natividade só atesta que há um princípio, não indica nenhuma outra coisa posterior a este princípio. No modo de ver comum, certamente o Filho é o segundo em relação ao Pai, porque vem de Deus, mas não pode ser separado do Pai que lhe dá origem, porque sempre que nossa inteligência tentar ir além da idéia de natividade, nesta mesma medida terá de ir além da noção de geração. A única linguagem piedosa sobre Deus é esta: conhecer o Pai e conhecer, com Ele, Aquele que procede dele, como Filho. Só queremos ensinar, sobre Deus, que é Pai do Deus Unigênito e criador. Que a fraqueza humana não tente ir além e diga somente isto, porque somente nisto há salvação: que tenha nascido o Senhor Jesus Cristo antes da Encarnação.

52. Enquanto estiver animado pelo Espírito que, por ti, me foi concedido, eu te confessarei, com todas as minhas forças, Pai santo e onipotente, como o Deus eterno e como o eterno Pai. Nunca me deixarei levar pela ímpia insensatez de querer julgar os mistérios da tua onipotência. Jamais permitirei que a fraqueza de meu espírito pretenda elevar-se acima da noção verdadeira da tua infinidade e da fé na tua eternidade, como me foram reveladas. Nunca afirmarei que possas ter existido sem tua Sabedoria, tua Força, teu Verbo, Deus Unigênito, meu Senhor Jesus Cristo. Que a palavra fraca e imperfeita de nossa natureza não prejudique meu pensamento a teu respeito, de tal modo que a indignidade do meu falar faça calar a fé. Como a palavra, a sabedoria e a força agem em nós por um movimento interior, assim também teu Verbo, tua Sabedoria tua Força são, em ti, geração perfeita do Deus perfeito. É sempre inseparável de ti Aquele que, por estes nomes eternos das tuas propriedades, demonstra ter nascido de ti, de tal modo, porém, que indica seres somente tu o seu Pai, e mais ninguém, para que não se perca a fé na sua infinidade, ao afirmar que nasceu antes dos tempos eternos.

53. Tu nos apresentas, nas coisas humanas, numerosos exemplos, nos quais, embora causas sejam ignoradas, o efeito não é desconhecido. A fé deve existir onde existe o desconhecimento próprio da nossa natureza. Quando elevo aos céus estes meus olhos fracos, somente posso pensar que o céu é teu. Contemplando os astros em seus círculos e retornos anuais, as Plêiades, a estrela da manhã, a Ursa Maior em seus movimentos determinados, eu reconheço a Ti, ó Deus, sem que minha inteligência possa abranger estas coisas. Ao ver os maravilhosos movimentos de teu mar, não consigo apreender a origem das águas, nem medir suas alternâncias. Percebendo, no entanto, a fé da razão, apesar de serem imperscrutáveis as suas causas, mesmo naquilo que ignoro, não te desconheço. Quando volto o pensamento para as terras, que, devido a causas ocultas, dissolvem o que é semeado, vivificam o que é dissolvido, multiplicam o que é vivificado, fortificam o que é multiplicado, nestas coisas nada encontro que minha inteligência possa entender. Minha ignorância permite-me, no entanto, entender-te, pois não compreendendo a natureza que aí está para servir-me, reconheço-te, nesta natureza que me serve. Sem conhecer-me a mim mesmo, eu te admiro tanto mais quanto ignoro o que me diz respeito. Se, prestando atenção ao movimento, à razão ou à vida de minha mente, não os entendo, mas sem entendê-los sinto-os, sentindo, sei que é a ti que os devo, pois me concedes os sentidos para apreciar a natureza que me deleita, ainda que não entenda a origem de meu ser. Ignorando o que me diz respeito, entendo-te e, entendendo, adoro. Não quero que, por não reconhecer o que é teu, a fé em tua onipotência se enfraqueça, para que minha inteligência não deseje possuir nem submeter a si a origem de teu Unigênito, e para que em mim não haja nada que me faça querer ir além daquele que é meu Criador e meu Deus.

54. Seu Nascimento é anterior aos séculos eternos. Se existe algo que preceda a eternidade, haverá algo que exceda o sentido da eternidade. Ele é teu, é teu Unigênito, não é porção, não é extensão, não é um nome vazio de conteúdo, para explicar tuas operações, mas é o Filho, nascido de Ti, Deus Pai, verdadeiro Deus, gerado por ti na unidade de tua natureza; deve ser confessado depois de ti, junto contigo, porque és o princípio eterno de sua origem. Enquanto procede de ti, é segundo em relação a ti; à medida, porém, que é teu, não podes ser separado dele, porque ninguém pode confessar que tenhas existido sem o que é teu, para que não sejas dito imperfeito sem a geração, nem sejas acusado de ser supérfluo, depois da geração. Deste modo, a natividade eterna nos faz saber que és o eterno Pai do Filho Unigênito, que procede de ti antes dos tempos eternos.

55. É pouco, para mim, negar, por minha palavra ou minha fé, que meu Senhor e meu Deus, Jesus Cristo, o teu Unigênito, seja uma criatura. Também não suportarei que se atribua esse nome ao teu Espírito Santo, que vem de ti, enviado por meio de Teu Filho. Grande é minha reverência para com aquilo que te diz respeito. Pelo fato de reconhecer que somente Tu és inascível e que o teu Unigênito nasceu de ti, não direi nunca ser o Espírito Santo gerado, nem criado. Receio da injúria contida neste nome que tenho em comum com as outras criaturas tuas e que é dirigida também contra ti. O Espírito Santo, segundo o Apóstolo (cf. 1Cor 2,10), sonda e conhece o que há de profundo em ti, e, intercedendo, diante de ti, por mim, te diz, em meu lugar, o que eu não poderia dizer. Eu não apenas o definiria, mas ofenderia chamando de criatura o poder da natureza que vem de ti, por meio do teu Unigênito. Nada penetra em ti, a não ser o que te pertence, e a profundidade de tua imensa majestade não pode ser medida por um poder estranho e alheio a ti. Tudo o que há em ti é teu, e não é alheio a ti o que está no teu interior, com poder para perscrutar teu ser.

56. Para mim, é indescritível Aquele cujas palavras em meu favor são inenarráveis. Como, a respeito daquele que, antes dos tempos eternos, nasceu de ti como teu Unigênito, afastada toda ambigüidade das palavras e toda dificuldade em entendê-las, apenas permanece que tenha nascido, também estou

certo de que, por meio dele, procede de Ti o teu Espírito Santo, embora isto não me seja perceptível pelos sentidos. Sou destituído de talento para as coisas espirituais, e já teu Unigênito havia dito: *Não te admires de te haver dito: deveis nascer de novo. O Espírito sopra onde quer, e ouves o seu ruído; mas não sabes de onde vem nem para onde vai. Assim acontece com todo aquele que nasceu pela água e pelo Espírito Santo* (Jo 3,7-8). Tenho fé em minha regeneração, porém não a conheço, e o que ignoro, já o possuo. Sem que entenda, nasço de novo, e é eficaz o meu renascer. O Espírito não pode ser contido: fala quando quer, diz o que quer e onde quer. Se a causa de seu ir e vir não é conhecida, embora se saiba que está presente, iria eu colocar sua natureza entre as criaturas, estabelecer-lhe limites e determinar sua origem? Tudo foi feito por meio do Filho, visto que João diz que no princípio o Deus Verbo existia junto de ti, Deus (cf. Jo 1,1-3). Paulo enumera todas as coisas criadas, as do céu e as da terra, as visíveis e as invisíveis (cf. Cl 1,16), e, tendo lembrado que tudo foi criado em Cristo e por Cristo, julgou suficiente dizer sobre o Espírito Santo que *é teu Espírito*. Pensarei o mesmo que estes homens eleitos por ti e, como eles, nada direi que exceda o entendimento humano sobre o Espírito Santo, a não ser que é o teu Espírito. Quero que esta não seja uma inútil luta de palavras, mas a constante confissão da inabalável fé.

57. Conserva, eu te suplico, intacta e inabalável esta minha fé e, até o último suspiro, dá-me testemunhar minha convicção. Que mantenha sempre fielmente aquilo que, no Símbolo do meu novo nascimento, ao ser batizada no Pai e no Filho e no Espírito Santo, professei. Que a Ti, nosso Pai, e a teu Filho, juntamente contigo, sempre adore, e que eu receba como dom o teu Espírito Santo, que procede de ti, por meio do teu Unigênito. Porque tenho como testemunha idônea de minha fé Aquele que diz *Pai, tudo o que é meu é teu, e o que é teu é meu* (Jo 17,10), meu Senhor Jesus Cristo, que permanece em ti, procede de ti, está junto de ti e é sempre Deus bendito pelos séculos dos séculos. Amém.

Coleção **PATRÍSTICA**

1. Padres Apostólicos, Clemente Romano – Inácio de Antioquia – Policarpo de Esmirna – Pseudo-Barnabé – Hermas – Pápias – Didaqué
2. Padres Apologistas, Carta a Diogneto – Aristides – Taciano – Atenágoras – Teófilo – Hérmiás
3. Apologias e Diálogo com Trifão, Justino de Roma
4. Contra as heresias, Ireneu de Lião
5. Explicação dos símbolos (da fé) – Sobre os sacramentos – Sobre os mistérios – Sobre a penitência, Ambrósio de Milão
6. Sermões, Leão Magno
7. A Trindade, S. Agostinho
8. O livre-arbítrio, S. Agostinho
- 9/1. Comentário aos Salmos (Salmos 1-50), S. Agostinho
- 9/2. Comentário aos Salmos (Salmos 51-100), S. Agostinho
- 9/3. Comentário aos Salmos (Salmos 101-150), S. Agostinho
10. Confissões, S. Agostinho
11. Solilóquios – A vida feliz, S. Agostinho
12. A Graça (I), S. Agostinho
13. A Graça (II), S. Agostinho
14. Homilia sobre Lucas 12 – Homilias sobre a imagem do homem – Tratado sobre o Espírito Santo, Basílio de Cesareia
15. História eclesiástica, Eusébio de Cesareia
16. Os bens do matrimônio – A santa virgindade consagrada – Os bens da viuvez: Cartas a Proba e a Juliana, S. Agostinho
17. A doutrina cristã, S. Agostinho
18. Contra os pagãos – A encarnação do Verbo – Apologia ao imperador Constâncio – Apologia de sua fuga – Vida e conduta de S. Antão, S. Atanásio
19. A verdadeira religião – O cuidado devido aos mortos, S. Agostinho
20. Contra Celso, Orígenes
21. Comentário ao Gênesis, S. Agostinho
22. Tratado sobre a Santíssima Trindade, S. Hilário de Poitiers
23. Da incompreensibilidade de Deus – Da Providência de Deus – Cartas a Olímpia, S. João Crisóstomo
24. Contra os Acadêmicos – A Ordem – A grandeza da Alma – O Mestre, S. Agostinho
25. Explicação de algumas proposições da Carta aos Romanos / Explicação da Carta aos Gálatas / Explicação incoada da Carta aos Romanos, S. Agostinho

26. Examerão – os seis dias da criação, S. Ambrósio

27/1. Comentário às Cartas de São Paulo/1 – Homilias sobre a Carta aos Romanos – Comentário sobre a Carta aos Gálatas – Homilias sobre a Carta aos Efésios, S. João Crisóstomo

27/2. Comentário às Cartas de São Paulo/2 – Homilias sobre a Primeira Carta aos Coríntios – Homilias sobre a Segunda Carta aos Coríntios, S. João Crisóstomo

27/3. Comentário às Cartas de São Paulo/3 – Homilias sobre as cartas: Primeira e Segunda a Timóteo, a Tito, aos Filipenses, aos Colossenses, Primeira e Segunda aos Tessalonicenses, a Filemon, aos Hebreus, S. João Crisóstomo

28. Regra Pastoral, S. Gregório Magno

29. A criação do homem / A alma e a ressurreição / A grande catequese, S. Gregório de Nissa

30. Tratado sobre os Princípios, Orígenes

31. Apologia contra os livros de Rufino, S. Jerônimo

32. A fé e o símbolo / Primeira catequese aos não cristãos / A disciplina cristã / A continência, S. Agostinho

Direção Editorial

Claudiano Avelino dos Santos

Coordenação de desenvolvimento digital

Erivaldo Dantas

Título original

De Trinitate

Coordenação

Maria Paula Rodrigues

Tradução

Irmã Cristina Penna de Andrade, OSB

Revisão técnica, preparação e introdução

Maria Thaís Robbe

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Hilário, Santo, Bispo de Poitiers

Tratado sobre a Santíssima Trindade / Santo, Bispo de Poitiers Hilário; [tradução Cristina Penna de Andrade]. — São Paulo: Paulus, 2005. — (Coleção patrística)

eISBN 9788534938969

1. Hilário, Santo, Bispo de Poitiers, aprox. 320-367 2. Padres da Igreja primitiva 3. Teologia dogmática 4. Trindade I. Título . II. Série.

05-5245 CDD-231.044

Índices para catálogo sistemático:

1. Santíssima Trindade: Teologia dogmática cristã 231.044
2. Trindade: Teologia dogmática cristã 231.044

© PAULUS – 2014

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 São Paulo (Brasil)

Fax (11) 5579-3627 • Tel. (11) 5084-3066

www.paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

eISBN 9788534938969